

**MICHAEL
CONNELLY**



O POETA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

**MICHAEL
CONNELLY**

O POETA

TRADUÇÃO
LUIZ ANTÔNIO ARAÚJO DE OLIVEIRA



Título original: *The Poet*
Copyright © 1996 Hieronymous, Inc.
Licença editorial para o Circulo do Livro.
Todos os direitos reservados.

Coordenação editorial
Janice Maria Flórido

Arte
Ana Suely S. Dobón

Edição e preparação de texto
Enrico Corvisieri

Revisão
Gilberto D'Angelo Braz

Editoração eletrônica
Nair Fernandes da Silva

CÍRCULO DO LIVRO

Direitos exclusivos da edição em língua portuguesa no Brasil
adquiridos por Círculo do Livro Ltda., que se reserva a propriedade
desta tradução.

EDITORA BEST SELLER

uma divisão do Círculo do Livro Ltda.
Rua Paes Leme, 524 — CEP 05424-010
Caixa Postal 9442 — São Paulo, SP

[1997]

Para

PHILIP SPITZER E JOEL GOTLER

— *grandes conselheiros e agentes, mas, acima de tudo, grandes
amigos*

Agradecimentos

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas por sua contribuição e seu apoio.

Muito obrigado ao meu editor, Michael Pietsch, pelo trabalho no manuscrito, como sempre longo e duro, e a seus colegas na Little, Brown e, particularmente, a meu amigo Tom Rusch, pelo esforço que fizeram em meu favor. Uma vez mais, contei com o maravilhoso empenho de Betty Power no *copy*, na edição e em muito mais. Também a meus agentes, Philip Spitzer e Joel Gotler, que me animaram quando isto não passava de uma ideia, obrigado.

Minha esposa, Linda, e os membros de minha família ofereceram inestimável ajuda ao ler este trabalho, quando era apenas um esboço, apontando meus erros — reiteradamente. E tenho uma grande dívida para com o irmão de meu pai, o reverendo Donald C. Connelly, que me ensinou o que é criar gêmeos.

Queria agradecer ainda a Michele Brustin e a David Percelay por seus criativos conselhos e, no que diz respeito à pesquisa, obrigado a Bill Ryan e Richard Whittingham, o talentoso escritor de Chicago, assim como a Rick e Kim Garza.

Por fim, gostaria também de agradecer aos muitos livreiros que vim a conhecer nos últimos anos e que colocaram minhas histórias nas mãos dos leitores.

1

O meu negócio é a morte. É disso que eu vivo. E disso depende a minha reputação profissional. Eu a trato com a meticulosa paixão dos agentes funerários — taciturno e solícito na presença do parente enlutado, hábil artesão quando a sós com ela. Sempre fui da opinião de que o segredo de lidar com a morte consiste em saber mantê-la a distância. É a regra. Não deixá-la bafejar na cara da gente.

Mas isso não quer dizer que essa regra me proteja. Quando os dois investigadores vieram me procurar para falar de Sean, o que senti foi um torpor gelado envolver-me rapidamente. Como se eu estivesse mergulhado num aquário, movendo-me debaixo da água — para frente e para trás, para frente e para trás — e olhando para o mundo pelo vidro. Afundado no banco traseiro do carro, vi meus olhos no espelho retrovisor, brilhando cada vez que passávamos por um poste de iluminação. E neles reconheci o olhar vazio das viúvas recentes que havia tantos anos eu entrevistava.

Só conhecia um dos investigadores. Harold Wexler. Meu primeiro contato com ele tinha sido alguns meses antes, quando dei um pulo ao Pints Of para tomar umas e outras com Sean. Eles trabalhavam juntos na unidade de CCP da polícia de Denver. Lembro que Sean o chamava de Wex. Os policiais adoram pôr apelido nos outros. O de Wexler é Wex. O de Sean era Mac. Deve ser uma espécie de vínculo tribal. Alguns apelidos não são lá muito lisonjeiros, mas os tiras não reclamam. Conheço um, em Colorado Springs, que se chama Scoto, mas o pessoal prefere dizer Scroto. Alguns chegam a chamá-lo de Escrotinho mesmo, mas acho que é preciso um pouco de intimidade para chegar a tanto.

Wexler tinha a constituição de um touro, baixinho, mas forte como o diabo. A voz curtida por muitos anos de consumo de cigarros e uísque. Um rosto forte, de traços marcantes, e sempre vermelho, pelo menos nas vezes em que o vi. Lembro que estava bebendo Jim Beam *on the rocks*. Eu sempre me interessei pelo que os tiras bebem. É muito revelador. Quando os vejo encher a cara assim, sempre imagino que é porque já presenciaram muita coisa — e muitas vezes — que a maioria das pessoas nunca chegou a presenciar. Sean estava tomando cerveja Lite naquela noite, mas ele ainda era jovem. Embora já estivesse na chefia da unidade de CCP, era pelo menos dez anos mais moço que Wexler. Talvez dali a dez anos também estivesse tomando seu remédio gelado na mesma quantidade que Wexler. Mas agora já não se pode saber.

Eu passei a maior parte da viagem pensando naquela noite no Pints Of. Não que tivesse acontecido alguma coisa importante. Só havia tomado um trago com meu irmão num botequim de tiras. Mas foi a última vez que nos divertimos juntos. A última antes de Theresa Lofton. Essa lembrança me levou para o fundo do aquário outra vez.

No entanto, nos momentos em que a realidade conseguia penetrar o vidro e meu coração, eu experimentava um sentimento de fracasso e tristeza. Foi a primeira vez em meus trinta e quatro anos que senti a alma verdadeiramente dilacerada. Bem mais que no dia da morte de minha irmã. Eu era muito jovem então para realmente lamentar a perda de Sarah, para compreender a tragédia de uma vida não vivida. O que eu lamentava agora era não haver percebido — não haver nem sequer suspeitado — que Sean estava tão perto do abismo. Ele era cerveja Lite, ao passo que todos os tiras que eu conhecia eram uísque com gelo. Ou sem.

Claro, eu sabia muito bem quanto de autocomiseração havia no meu pesar. Na verdade, fazia tempo que meu irmão e eu não nos escutávamos. Tínhamos enveredado por caminhos diferentes. E toda vez que eu tomava consciência dessa verdade, o ciclo da minha mágoa recomeçava.

* * *

Uma vez, Sean me falou na teoria do limite. Disse que todo policial de homicídios tem um limite, o qual, no entanto, a gente só fica conhecendo no momento em que o alcança. Ele estava falando de cadáveres. Meu irmão acreditava que havia um máximo que um tira aguentava ver. Um número diferente para cada pessoa. Um número que para alguns chegava cedo. Outros eram capazes de passar vinte anos na polícia sem nem sequer se aproximar do teto máximo. Mas esse teto existia. E alcançá-lo era chegar ao fim da linha. O cara pedia transferência, devolvia as credenciais, dava um jeito. Mas já não era capaz de olhar para um defunto. E, se olhasse, excederia o limite, e então começavam os problemas. Muitos acabavam chupando bala. De revólver. Era o que Sean dizia.

* * *

Eu me dei conta de que o outro investigador, Ray St. Louis, estava falando comigo. Até se voltou no banco para olhar para trás. Era bem mais alto que Wexler. Mesmo na escuridão do carro, pude ver a textura áspera de seu rosto bexiguento. Não o conhecia, mas já tinha ouvido falar nele e sabia que os outros policiais o chamavam de Cachorrão. Quando os vi pela primeira vez, esperando-me no saguão do *Rocky*, tive a impressão de que ele e Wexler eram Mutt e Jeff em pessoa. Pareciam estar saindo de um filme antigo. Casacões compridos e escuros, chapéus. A cena teria ficado melhor em branco e preto.

— Você entende, Jack? Temos de ir dar a notícia. É o nosso dever, mas acho melhor você vir também, pode ajudar em alguma coisa, ficar lá, se for preciso. Você sabe, ela pode não querer ficar sozinha. Ok?

— Ok.

— É isso, Jack.

Estávamos indo para a casa de Sean. Não ao apartamento que ele dividia com outros quatro tiras, em Denver, só para ter domicílio no distrito em que estava lotado, conforme o regulamento. Estávamos a caminho da residência de Boulder, onde Riley, sua esposa, atenderia quando batêssemos. Eu sabia que ninguém

precisaria contar nada. Ela entenderia tudo assim que abrisse a porta e desse com nós três ali parados, sem Sean. Qualquer mulher de policial entende isso. Elas passam a vida temendo esse dia, tentando evitá-lo e ao mesmo tempo preparando-se para ele. Toda vez que ouvem tocar a campainha, esperam topar com um mensageiro da morte ao abrir. Pois dessa vez toparia com três.

— Você sabe que ela vai perceber na hora — eu disse.

— Claro — concordou Wexler. — Elas sempre percebem.

Compreendi que eles estavam contando com isso, com que Riley descobrisse tudo no momento em que abrisse a porta. Seria mais fácil.

Baixei a cabeça e, passando os dedos por baixo dos óculos, pincei o nariz. Percebi que acabava de me transformar num personagem de minhas próprias histórias — estava experimentando a mágoa e o sentimento de perda que me esforçava por exprimir com tanta minúcia na pequena coluna do jornal que escrevia, procurando torná-los mais reais e cheios de significado. Agora eu era um desses detalhes na história. E senti vergonha ao me lembrar de meus inúmeros telefonemas a viúvas e a pais de crianças mortas. Ou a irmãos de suicidas. É, eu tinha chegado a isso. Acho que não existia um só tipo de morte sobre a qual não escrevera e nunca perdia a oportunidade de bisbilhotar nos meandros da dor.

Como está se sentindo? Pergunta típica de repórter. A primeira e inevitável. Quando não formulada de modo tão direto, ela me saía camuflada por uma manifestação qualquer de simpatia e compreensão — sentimentos que no fundo nunca tive. Eu levava comigo uma lembrança dessa insensibilidade. Uma pequena cicatriz esbranquiçada no lado esquerdo do rosto, bem na linha da barba. Causada pelo anel de brilhante de uma mulher cujo noivo morrera numa avalanche perto de Breckenridge. Eu a abordei com a inevitável pergunta, e ela me respondeu com um bofetão. Naquela época eu era novato na profissão e cheguei a acreditar que havia cometido um erro. Agora, ostentava a cicatriz como uma condecoração.

— Pare aí — pedi de repente. — Estou me sentindo mal.

Wexler desviou bruscamente para o acostamento. Chegamos a derrapar na lama escura e no gelo derretido, mas ele não perdeu o controle do automóvel. Antes mesmo que tivesse parado, eu tentei desesperadamente abrir a porta, mas a maçaneta não funcionou. Lembrei-me de que estava num carro da polícia, os passageiros que viajavam no banco traseiro costumavam ser suspeitos ou detentos. As fechaduras tinham travas de segurança controladas pelos que iam na frente.

— A porta... — eu disse com esforço.

O carro se deteve enfim, e Wexler soltou a trava de segurança. Eu abri a porta, curvei o corpo e vomitei na lama. Três violentas golfadas saídas das profundezas de minhas entranhas. Permaneci uns trinta segundos imóvel, esperando mais, porém foi só. Eu estava vazio. Pensei no banco traseiro do carro. Feito para prisioneiros e suspeitos. E concluí que podia ser considerado as duas coisas naquele momento. Suspeito como irmão. Prisioneiro de minha própria arrogância. O castigo, com certeza, seria continuar vivendo.

Esse pensamento foi logo removido pela sensação de alívio causada pelo exorcismo físico. Desci com cuidado e me aproximei do asfalto da pista, onde os faróis dos carros que passavam se refletiam em agitados arco-íris na esfumarada palidez da neve de fevereiro. Parecia que estávamos estacionados junto a um grande pasto, mas eu não sabia onde. Não tinha prestado atenção no trajeto nem em quanto faltava para chegarmos a Boulder. Tirei os óculos e as luvas e os guardei no bolso do casaco. Depois, abaixei-me e mergulhei as mãos na lama em busca da neve branca e limpa. Peguei dois generosos punhados, levei-os ao rosto e os esfreguei até que a pele me ardesse.

— Melhorou? — perguntou St. Louis.

Ele acabava de se aproximar com a pergunta idiota, com o seu *Como está se sentindo?* E eu nem me dei ao trabalho de responder.

— Vamos embora — falei.

Voltamos para o carro; calado, Wexler retornou à estrada. Avistei uma placa indicando a saída para Broomfield e me dei conta de que estávamos na metade caminho. Sendo de Boulder, eu já havia

percorrido milhares de vezes os quarenta e oito quilômetros até Denver, mas agora aquilo me parecia território alienígena.

Pela primeira vez, pensei em meus pais, em como enfrentariam a situação. Estoicamente, concluí. Era assim que enfrentavam tudo. Jamais discutiam o assunto. Seguiam em frente. Tinham agido desse modo com Sarah. Não seria diferente com Sean.

— Por que ele teria feito uma coisa dessas? — perguntei depois de algum tempo. Wexler e St. Louis não disseram nada. — Ele é meu irmão. Nós somos gêmeos, santo Deus.

— Mas você também é jornalista. Nós fomos chamá-lo porque queremos que Riley conte com alguém da família, se precisar. Você é o único...

— *Meu irmão se matou, porra!*

Foi um berro. Uma reação histérica que, eu sabia, não surtiria efeito em nenhum tira. Basta o cara começar a gritar, que eles dão um jeito de silenciá-lo com sua indiferença. Continuei com voz humilde:

— Acho que tenho o direito de saber o que aconteceu e por quê. Merda, eu não estou aqui atrás de uma notícia. Vocês são...

Sacudi a cabeça, interrompendo-me. Se insistisse, acabaria perdendo-os de vez. Olhei pela janela e vi as luzes de Boulder. A cidade agora estava bem mais iluminada do que no meu tempo de menino.

— Não sabemos por quê — disse finalmente Wexler. — Ok? Tudo que posso dizer é que aconteceu. Às vezes os tiras se cansam da muita merda que sai do esgoto. Mac deve ter se cansado, só isso. Quem há de saber? Já estão trabalhando no caso. E, quando descobrirem, eu ficarei sabendo. E lhe conto. Prometo.

— Quem está cuidando do caso?

— O serviço do parque tirou-o do nosso departamento. A IE ficou encarregada das investigações.

— A Investigações Especiais? Como assim? Eles não se ocupam de suicídio de tiras.

— Geralmente, não. Somos nós que cuidamos disso. A unidade de CCP. Mas desta vez não vão nos deixar investigar um dos nossos. Conflito de interesses, sabe como é?

A CCP, pensei. Crimes Contra a Pessoa. Homicídio, assalto, estupro, suicídio. Eu me perguntei quem seria ouvido como vítima. Riley? Eu? Meus pais? Meu irmão?

— Foi por causa de Theresa Lofton, não? — perguntei, muito embora não tivesse a menor dúvida quanto a isso. Não precisava de confirmação. Só estava dizendo em voz alta o que me parecia óbvio.

— Não sabemos, Jack — respondeu St. Louis. — Vamos deixar as coisas como estão por enquanto.

* * *

A morte de Theresa Lofton era o tipo do assassinato que fazia as pessoas pararem. Não apenas em Denver. Em qualquer lugar. Quem ouvisse ou lesse a história se deteria um momento para pensar nas imagens violentas que invocava, na revolução que causava no estômago.

O homicídio em geral é crime de pouca importância. Pelo menos é assim que os encaramos nas redações dos jornais. A reação que provocam é efêmera, seu apelo imaginativo tem vida breve. Ocupam uns poucos parágrafos nas páginas internas. Ficam sepultadas nos jornais da mesma maneira que as vítimas no cemitério. Mas quando uma bela universitária é encontrada esquartejada num lugar até então considerado inofensivo, como o Parque Washington, quase não sobra espaço para os incontáveis detalhes e versões que hão de ser criados. O de Theresa Lofton não foi um crime corriqueiro. Foi um ímã capaz de atrair repórteres do país inteiro. Theresa Lofton foi a garota cortada ao meio. Uma grande sensação. Capaz de se irradiar de Denver a lugares como Nova York, Chicago e Los Angeles, às redes de televisão, aos jornais, aos tabloides e aos repórteres policiais. Durante uma semana eles se hospedaram em hotéis com ótimo serviço de quarto, percorreram a cidade e o campus da Universidade de Denver, fazendo perguntas sem sentido e obtendo respostas incoerentes. Alguns ficaram plantados em frente à creche em que Theresa Lofton trabalhava meio período ou acorreram a Butte, onde ela nascera. Aonde quer que fossem ouviam a mesma

coisa, que Theresa correspondia perfeitamente à imagem da Garota Americana Típica divulgada pela mídia.

O assassinato de Theresa Lofton foi inevitavelmente comparado ao da Dália Negra, ocorrido em Los Angeles cinquenta anos antes. Neste caso, uma Garota Americana não tão Típica assim fora encontrada esquartejada num terreno baldio. Um programa sensacionalista de televisão chegou a apelidar Theresa Lofton de a Dália Branca, brincando com o fato de ela haver sido encontrada num campo coberto de neve, perto do lago Grassmere, em Denver.

E, assim, a história pegou fogo. Ardeu feito uma lata de lixo durante quase duas semanas. Mas ninguém foi preso, e havia outros crimes, outros focos de incêndio capazes de aquecer a mídia do país. Por fim, o caso Theresa Lofton foi relegado às páginas internas dos jornais do Colorado. Tornou-se assunto das notas policiais breves. E Theresa Lofton acabou indo ocupar seu lugar no espaço reservado aos crimes de pouca importância. Foi sepultada.

Enquanto isso, a polícia em geral e meu irmão em particular emudeceram por completo, recusando-se até a confirmar se a vítima fora mesmo encontrada esquartejada. Quase por coincidência, o fato fora presenciado por um fotógrafo do *Rocky*, um tal Iggy Gomez. Ele andava pelo parque em busca de uma imagem, de uma fotografia qualquer que atendesse às necessidades de um dia jornalístico sem atrativos, quando deparou com a cena horrível antes de qualquer outro repórter ou fotógrafo. Os policiais passaram a se comunicar com o legista e os colegas por telefone, pois sabiam que o *Rocky* e o *Post* monitoravam suas frequências. Gomez fotografou as macas usadas para transportar as duas partes do corpo. Telefonou para a sucursal local, dizendo que a polícia estava removendo dois sacos plásticos e que, a julgar pelo tamanho, as vítimas deviam ser crianças.

Mais tarde, um repórter policial do *Rocky*, chamado Van Jackson, obteve de uma fonte ligada aos legistas a informação de que a vítima chegara ao necrotério esquartejada. Na manhã seguinte, a matéria publicada pelo *Rocky* teve o efeito de uma bomba, atraindo a mídia de todo o país.

Meu irmão e seus companheiros trabalhavam como se não tivessem obrigação de dar esclarecimento ao público. Diariamente, a assessoria de imprensa da polícia de Denver expedia notas sucintas, informando que as investigações prosseguiam e que, até então, nenhum suspeito fora detido. Quando encurralado, o chefe jurava que a investigação não seria divulgada aos meios de comunicação, por ridícula que fosse tal declaração. Sem receber informações das autoridades, a imprensa fez o que sempre faz nessas circunstâncias. Passou a investigar por conta própria, atordoando os leitores e os telespectadores com os mais variados detalhes da vida da vítima, coisa que, afinal, nada tinha a ver com o caso.

Mesmo assim, o Departamento de Polícia não deixou vaziar praticamente nada, e pouco se soube fora do quartel-general da rua Delaware; passadas algumas semanas, o assédio da imprensa acabou asfixiado pela falta do que lhe é mais vital: a informação.

* * *

Não fui eu quem fez a cobertura do caso Theresa Lofton, embora o desejasse. Não era o tipo de história que acontece com frequência por aqui, e é claro que qualquer jornalista desejaria cobri-la. Mas em princípio, Van Jackson trabalhou em parceria com Laura Fitzgibbons, uma colega que escrevia sobre a universidade. Tive de aguardar a minha vez. Eu sabia que quanto mais os tiras dificultassem a divulgação de informações, melhores eram as minhas chances. E quando, logo nos primeiros dias, Jackson veio me pedir que obtivesse alguma coisa com meu irmão, mesmo que extraoficialmente, prometi que tentaria, mas não fiz nada. Eu queria a reportagem e não a entregaria nem a Jackson nem a ninguém, muito menos tendo de queimar meu principal trunfo.

No fim de janeiro, quando o caso já havia esfriado e desaparecera das manchetes, resolvi me mexer. Foi esse o meu erro.

Certa manhã, procurei Greg Glenn, o editor local, dizendo-lhe que gostaria de assumir o caso Theresa Lofton. Era a minha especialidade, o meu forte. Eu já fizera a cobertura de homicídios memoráveis na região das Montanhas Rochosas. Para usar um

jargão jornalístico, a minha perícia consistia em *chupar as entrelinhas* até extrair a história real. Por isso tratei de lembrar Glenn de que eu tinha uma grande vantagem. O responsável pelo caso era meu irmão, argumentei, e ele só falaria comigo. Glenn não hesitou em desprezar todo o esforço e o tempo que Jackson já havia dedicado à matéria. Eu sabia que seria assim. O que ele queria era uma matéria que o *Post* não tivesse. Saí do escritório com seu consentimento.

Meu *erro* foi dizer a Glenn que eu tinha uma vantagem antes de discutir o assunto com meu irmão. No dia seguinte, atravessei as duas quadras que separavam o *Rocky* da sede da polícia e fui almoçar com ele na lanchonete. Contei-lhe que havia assumido a reportagem.

Sean me pediu que desistisse.

— Esqueça, Jack. Não posso ajudá-lo.

— Como não? Você está no caso.

— Sim, mas não vou colaborar com você nem com ninguém. Não quero estardalhaço na imprensa. Já informei o essencial, mais do que isso eu não preciso fazer. Agora chega.

E olhou para fora da lanchonete. Sean tinha o péssimo hábito de desviar o olhar sempre que discordavam de sua opinião. Quando éramos meninos, essa atitude me irritava a ponto de levar-me a esmurrá-lo. Mas eu já não podia reagir assim, muito embora não me faltasse vontade às vezes.

— Ora, Sean, é uma matéria e tanto. Você tem de...

— Eu não tenho de fazer porra nenhuma e também não estou interessado nessa merda. Foi uma desgraça, Jack. Será que você não entende? Uma coisa que não me sai da cabeça. E eu não vou ajudar ninguém a vender jornal à custa disso.

— Ora, tenha a santa paciência! Eu sou jornalista. Olhe para mim. Não estou preocupado com venda de jornal. A questão é a reportagem em si. O faturamento que se foda. Você sabe muito bem como eu me sinto.

Ele finalmente olhou para mim.

— E você acaba de ter a oportunidade de saber como *eu* me sinto — disse.

Fiquei alguns instantes em silêncio, peguei um cigarro. Eu consumia menos de meio maço por dia e podia muito bem ficar sem fumar naquele momento, mas sabia que o gesto aborreceria Sean. Eu sempre acendia um cigarro quando queria provocá-lo.

— É proibido fumar aqui, Jack.

— Tanto melhor. Assim, pelo menos você tem oportunidade de prender *alguém*.

— Por que você tem de se comportar feito um palhaço toda vez que não consegue o que quer?

— E você como está se comportando? Quem é que está dificultando as coisas? O problema é muito simples. O que você não quer é que eu investigue o caso e escreva sobre o seu fracasso. Só está se protegendo.

— Não queira me intimidar, Jack. Você sabe que não funciona. Sean tinha razão. Nunca funcionava.

— Então, qual é o problema? Quer ficar com a historiazinha de terror só para você? É isso?

— É. Mais ou menos isso. Pode publicar essa versão, se quiser.

* * *

Cruzei os braços no carro, com Wexler e St. Louis. Foi consolador. Foi quase como se estivesse me segurando, me abraçando. Quanto mais pensava em meu irmão, menos sentido as coisas tinham para mim. Eu sabia que o caso Theresa Lofton o estava pressionando, mas não a ponto de levá-lo ao suicídio. Não a Sean.

— Ele usou o próprio revólver?

Wexler me fitou pelo espelho. Estava me analisando, pensei. Eu me perguntei se ele tinha ideia do que se passara entre mim e Sean.

— Usou.

Aquilo me chocou. Não tinha sentido. Lembrei-me de todas as vezes que nos encontramos. Não era o caso Theresa Lofton que me preocupava. O que eles estavam dizendo é que me parecia absurdo.

— Isso é absurdo.

St. Louis virou-se para me encarar.

— Como assim?

— Sean nunca faria uma coisa dessas.

— Escute, Jack, ele...

— Ele não estava cansado da merda que sai do esgoto. Adorava essa vida. Pode perguntar a Riley. Pode perguntar a qualquer um. Wex, você o conhecia bem e sabe que isso não passa de uma tolice. Meu irmão adorava caçar. Era assim que ele se referia ao trabalho. E não o trocaria por nada deste mundo. Estava na chefia agora, mas não era isso que lhe interessava. Ele gostava era dos casos de homicídio. Por isso ficou na CCP até o fim.

Wexler não respondeu. Estávamos em Boulder, em Baseline, a caminho de Cascade. Eu mergulhei no silêncio que invadira o carro. O impacto causado pelo que eles diziam que Sean havia feito me deixava frio e sujo como a neve no acostamento da autopista.

— Ele deixou alguma coisa escrita, uma carta de despedida? — perguntei. — O que...

— Deixou. Mas não foi bem uma carta.

Percebi que St. Louis endereçou a Wexler um olhar de censura, como que a dizer: "Você está falando demais".

— Que diz?

O silêncio retornou. Depois, sem fazer caso da advertência de St. Louis, Wexler falou:

— "Sem um traço de tempo nem de espaço."

— Sem um traço de tempo nem de espaço? Só isso?

— Só isso.

* * *

O sorriso de Riley não durou três segundos. Foi logo substituído por uma expressão de pavor como que tirada de um quadro de Munch^[1]. O cérebro é um computador incrível. Bastaram-lhe uns poucos segundos diante dos três rostos a sua porta para entender que seu marido não voltaria mais. A IBM jamais conseguira se igualar. Sua boca se fendeu num horrível buraco negro, deixando escapar um som ininteligível; depois veio o inevitável e inútil "Não!".

— Riley — balbuciou Wexler. — Vamos nos sentar um pouco.

— Não, oh, meu Deus, não é possível!

— Riley...

Ela se afastou de nós, retrocedeu feito um bicho acuado, foi primeiro para um lado, depois para o outro, imaginando talvez que conseguiria mudar a situação se fugisse de nós. Entrou na sala. Nós a seguimos e a encontramos prostrada no sofá num estado de torpor e desalento, não muito diferente do meu. Brotaram-lhe lágrimas. Wexler se sentou a seu lado. O Cachorrão e eu continuamos de pé, silenciosos e covardes.

— Ele morreu? — perguntou Riley, muito embora já soubesse a resposta e compreendendo que era preciso enfrentá-la.

Wexler fez que sim.

— Como?

Wexler hesitou, baixou os olhos. Voltou-se para mim, depois para ela novamente.

— Ele se matou, Riley. Eu lamento muito.

* * *

Ela não acreditou, como eu não acreditara. Mas Wexler tinha o seu modo de contar a história e, depois de algum tempo, ela parou de protestar. Foi quando olhou para mim pela primeira vez, o rosto banhado de lágrimas. Seu olhar de súplica parecia perguntar se não estávamos tendo o mesmo pesadelo, se eu não podia fazer alguma coisa, se não podia acordá-la. Será que não podia contar-lhe que aqueles dois personagens de filme antigo estavam redondamente enganados? Aproximei-me do sofá, sentei-me ao seu lado e a abracei. Era para isso que eu estava lá. Já presenciara muitas vezes cenas assim, sabia o que fazer.

— Eu vou ficar aqui — sussurrei. — O tempo que você quiser.

Ela não respondeu. Voltou-se para Wexler.

— Onde foi que aconteceu?

— No Parque Estes. Perto do lago.

— Não, ele não seria capaz... Que estava fazendo lá?

— Recebeu um telefonema. Alguém que disse ter informações sobre um dos seus casos. Tomaram um café juntos no Stanley.

Depois, ele... ele foi para o lago. Não sabemos por quê. Um guarda-florestal ouviu o tiro, aproximou-se do carro e o encontrou morto.

— Que caso? — eu quis saber.

— Olhe, Jack, eu não estou querendo entrar em...

— *Que caso?* — gritei sem me importar com a inflexão da voz. — Foi o Theresa Lofton, não?

Wexler fez um breve gesto afirmativo, enquanto St. Louis se afastava sacudindo a cabeça.

— Com quem ele teve esse encontro?

— Basta, Jack. Não vamos entrar em detalhes com você.

— Eu sou irmão dele. Ela é esposa dele.

— Tudo está sendo investigado, mas, se você anda atrás de alguma coisa duvidosa, saiba que não há. Nós estivemos lá. Ele se matou mesmo, com sua própria arma. E deixou uma mensagem. Encontramos resíduos de pólvora em suas mãos. Eu preferia que não fosse verdade, mas é.

2

No inverno, no Colorado, a terra sai em torrões congelados quando a escavadeira rompe a camada de gelo para cavar uma sepultura. Meu irmão foi enterrado no Memorial do Parque Monte Verde, em Boulder, a menos de dois quilômetros da casa em que fomos criados. Na infância, passávamos pelo cemitério quando íamos acampar no Parque Chautauqua. Duvido que tenhamos olhado para os túmulos ao passar e muito menos pensado nos confins daquele cemitério como o nosso destino final, mas agora, era o que estava acontecendo a Sean. O Monte Verde se erguia lá no alto como um altar gigantesco, tornando ainda menor o pequeno grupo reunido à beira do túmulo. Riley estava lá, naturalmente, com os pais dela e os meus, Wexler e St. Louis, uns vinte outros tiras, alguns colegas de escola com os quais nem Sean nem eu nem Riley tínhamos contato, e eu. Não era um enterro oficial da polícia, com as homenagens de praxe e a fanfarra. Tal pompa era reservada aos que tombavam no cumprimento do dever. Por mais que se pudesse argumentar que meu irmão também morreria no cumprimento do dever, não era essa a opinião do Departamento de Polícia. De modo que Sean não teve o merecido show, e a maior parte dos policiais de Denver não compareceu. Muita gente teme que o suicídio seja contagioso.

Ajudei a carregar o caixão. Segurei-o pela alça da frente com meu pai. Dois tiras que eu não conhecia, mas que eram da equipe de Sean, pegaram as do meio, Wexler e St. Louis ficaram com as de trás. St. Louis era muito alto e Wexler muito baixo. Mutt e Jeff. O caixão foi levado com certa inclinação. Deve ter sido esquisito. Meu pensamento voou quando estávamos lutando com o peso, e eu imaginei o corpo de Sean rolando lá dentro.

* * *

Não falei muito com meus pais aquele dia, embora tenha viajado com eles, Riley e os pais dela na limusine. Fazia muitos anos que não tínhamos nada de significativo a nos dizer e nem mesmo o suicídio de Sean foi capaz de romper a barreira. Com a morte de minha irmã, vinte anos antes, eles mudaram com relação a mim. Era como se, tendo sobrevivido ao acidente, eu houvesse me tornado suspeito de havê-lo provocado. Mas sobrevivi. E também tenho certeza de que, desde então, continuei a decepcioná-los com as escolhas que fui fazendo na vida. Creio que essas pequenas decepções foram se acumulando com o tempo, como os juros de uma dívida, até adquirirem uma dimensão que lhes permitiu afastar-se comodamente. Somos estranhos agora. Eu me encontro com eles somente nos feriados obrigatórios. De modo que nada tinha a lhes dizer que valesse a pena, e nada havia que eles pudessem me dizer. A parte os ocasionais soluços de animal ferido de Riley, a limusine ficou tão silenciosa quanto o túmulo de Sean.

* * *

Depois do enterro, tirei quinze dias de férias além da semana de luto que o jornal havia me concedido, e viajei para as Rochosas. As montanhas nunca perderam sua glória para mim, é lá que curo mais depressa as minhas feridas. Fui para o oeste pela autoestrada 70, passando por Loveland Pass e as colinas rumo à Grand Junction. Fui devagar, demorei três dias. Parava para esquiar; às vezes estacionava o carro no acostamento e ficava simplesmente pensando. Passei um dia em Grand Junction e, a seguir, desviei para o sul, tomando o caminho de Telluride. Durante todo o tempo, mantive acionada a tração das quatro rodas do Cherokee. Hospedei-me em Silverton porque os quartos eram mais baratos e passei uma semana esquiando diariamente. À noite, ficava tomando Jägermeister no quarto ou junto à lareira de alguma estação de esqui. Tentava levar o corpo à exaustão na esperança de que a mente o acompanhasse. Mas não conseguia. Tudo para mim se

resumia em Sean. Fora do espaço. Fora do tempo. Sua última mensagem era um enigma do qual eu não podia me livrar.

Por uma causa misteriosa, a nobre vocação o havia traído. Matara-o. A mágoa que essa simples conclusão me provocava não me dava paz nem mesmo quando eu deslizava montanha abaixo, o vento a entrar por trás de meus óculos escuros e a me tirar lágrimas dos olhos. Já não questionava as conclusões oficiais, mas não porque Wexler ou St. Louis me tivesse convencido. Eu mesmo me convenci. O tempo e os fatos consumiram minha determinação. A cada dia que passava, o horror do que meu irmão havia feito foi se tornando mais fácil de superar e até de aceitar. E havia Riley também. No dia seguinte àquela primeira noite, ela me contou uma coisa que Wexler e St. Louis ainda não sabiam. Sean vinha fazendo psicoterapia uma vez por semana. Embora tivesse acesso ao serviço de apoio do departamento, preferiu fazê-la em segredo porque não queria tornar-se objeto de boatos.

Concluí que ele estava consultando o terapeuta justamente quando eu o procurei para obter informações sobre o caso Theresa Lofton. Cheguei a imaginar que ele talvez estivesse procurando poupar-me da angústia que o caso provocava nele. Acreditar nisso me fez bem, e eu tentei me aferrar a essa ideia nos dias que passei nas montanhas.

Uma noite em que havia bebido além dos limites, coloquei-me diante do espelho do quarto de hotel e pensei em raspar a barba e cortar os cabelos bem rentes, como os de Sean. Embora fôssemos gêmeos idênticos — magros, os mesmos olhos claros, os cabelos castanhos — pouca gente notava. Os dois sempre nos esforçamos para forjar identidades separadas. Sean usava lentes de contato e praticava halterofilismo para desenvolver a musculatura. Eu usava óculos, deixara crescer a barba já no tempo de estudante e não voltei a fazer ginástica depois que parei de jogar basquete no colégio. E também tinha a cicatriz provocada pelo anel daquela mulher de Breckenridge. Minha condecoração de guerra.

Sean prestou o serviço militar depois do colégio e, a seguir, entrou na polícia. Fez questão de manter os cabelos curtos de soldado. Mais tarde, quando estava trabalhando meio período,

curvou uma universidade e diplomou-se. Precisava do diploma para fazer carreira na polícia. Eu passei alguns anos perambulando, morei em Nova York, em Paris, depois fui para a faculdade. Entreguei-me de corpo e alma. Queria ser escritor e acabei jornalista. No íntimo, tentava me convencer de que era apenas uma situação provisória. Já fazia dez anos que eu vinha me dizendo isso, talvez mais.

Naquela noite, no quarto de hotel, fiquei muito tempo olhando-me no espelho, mas não raspei a barba nem cortei os cabelos. Pensava em Sean sepultado na terra fria e sentia um aperto no estômago. Decidi que quando chegasse a minha vez, haveria de ser cremado. Não queria ficar enterrado sob o gelo.

O que mais me doía era a mensagem que Sean deixara ao morrer. A versão oficial da polícia dizia que, tendo saído do Hotel Stanley, meu irmão fora ao Parque Estes, estacionara o carro do departamento à beira do lago Bear, deixara o motor ligado até que o calor embaçasse o para-brisa, estendera a mão e, com o dedo enluvado, escrevera a mensagem ali mesmo, no vidro. Escrevera-a com as letras invertidas para que a pudessem ler do lado de fora. Suas últimas palavras a um mundo que incluía os pais, a esposa e um irmão gêmeo.

Sem um traço de tempo nem de espaço.

Eu não conseguia entender. Que tempo? Que espaço? Ele devia ter chegado a uma conclusão desesperada, mas nunca nos falou dela. Não se dirigiu a mim, nem a meus pais, nem a Riley. Será que nós é que devíamos ter nos dirigido a ele, mesmo sem saber de sua mágoa secreta? Em minha solidão na estrada, concluí que não. Sean é que devia ter se aproximado de nós. Devia ter tentado ao menos. Mas não o fez e, com isso, negou-nos a oportunidade de salvá-lo. E nos tornou incapazes de nos salvarmos de nossa própria dor, de nossa culpa. Percebi que, no fundo, muito de minha mágoa era raiva. Eu estava com raiva dele, de meu irmão gêmeo, pelo que tinha feito comigo.

Mas é difícil guardar ressentimentos contra quem já morreu. Eu não conseguia sentir raiva de Sean definitivamente. E a única

maneira de aliviar o rancor era pôr a história em dúvida. O que significava que o ciclo iria começar novamente. Negação, aceitação, raiva. Negação, aceitação, raiva.

Em meu último dia de férias, telefonei para Wexler. Percebi que ele não gostou de ouvir minha voz.

— Você conseguiu localizar o informante, o do Stanley?

— Não, Jack, não tive sorte. Eu disse que o avisaria.

— Eu sei. Mas ainda tenho dúvidas. Você não?

— Deixe isso de lado, Jack. Nós todos vamos nos sentir melhor quando conseguirmos fazer isso.

— E a Investigações Especiais já deixou isso de lado? Caso encerrado?

— Não sei. Não falei com eles esta semana.

— Então, para que está tentando encontrar o informante?

— Eu também tenho dúvidas, como você. Coisas que não se encaixam.

— Quer dizer que mudou de opinião quanto a Sean?

— Não. Só estou querendo pôr tudo em ordem. Quero saber que conversa ele teve com o informante, se é que conversaram. O caso Theresa Lofton ainda está aberto, você sabe. Eu bem que gostaria de encerrá-lo para Sean.

Notei que ele já não chamava meu irmão de Mac. Sean não era mais da turma.

* * *

Na segunda-feira seguinte, voltei a trabalhar no *Rocky Mountain News*. Ao entrar na redação, senti os olhares voltados para mim. Não era anormal. Eu sempre tinha a impressão de que estavam olhando para mim ao chegar. Minha função era privilegiada, qualquer jornalista gostaria de estar no meu lugar, sem rotina nem horário rígido, com liberdade de percorrer toda a região das Montanhas Rochosas para escrever sobre homicídios. Qualquer um gosta de uma boa reportagem sobre um assassinato. Algumas semanas, eu escolhia um tiroteio nos projetos habitacionais, contava a história do criminoso, da vítima e de sua colisão fatal. Em outras

ocasiões, punha-me a escrever sobre um assassinato na alta sociedade de Cherry Hill ou num bar de Leadville. Grã-finos ou pés de chinelo, pequenos e grandes crimes. Meu irmão tinha razão: no fundo, o que eu fazia era vender jornal. E preciso contar isso. Preciso arranjar tempo e contar tudo.

Em minha escrivaninha, perto do computador, havia uma pilha de jornais. Era a minha fonte principal de material para as reportagens. Eu era assinante de todos os diários, hebdomadários e publicações mensais divulgados desde Pueblo, ao norte, até Bozeman. Lia-os um a um em busca de notas policiais que eu pudesse transformar em longas crônicas. Sempre havia muito que escolher, pois as Montanhas Rochosas cultivavam uma tradição de violência que vinha do tempo da corrida do ouro. Não digo que fosse como em Los Angeles, Miami ou Nova York, mas nunca me faltou material. Eu vivia à procura de coisas novas ou insólitas nos crimes ou nas investigações, um toque de humor ou alguma coisa triste de partir o coração. Meu trabalho consistia em explorar esses elementos.

Mas aquela manhã eu não estava em busca de ideias para uma matéria. Comecei a vasculhar a pilha de jornais, interessado nos números atrasados do *Rocky* e de nosso rival, o *Post*. Os suicídios não costumam despertar a atenção dos jornais, a menos que as circunstâncias sejam excepcionais. A morte de meu irmão podia ter despertado. Achava bem provável encontrar uma matéria.

E tinha razão. Embora o *Rocky* nada tivesse publicado, talvez em consideração a mim, no *Post* havia uma reportagem no pé de uma das páginas locais, no dia seguinte ao da morte de Sean.

INVESTIGADOR SUICIDA-SE NO PARQUE NACIONAL

Um investigador veterano do Departamento de Polícia de Denver, encarregado da investigação do esquartejamento da estudante universitária Theresa Lofton, foi encontrado morto quinta-feira, aparentemente com um tiro por ele mesmo disparado, no Parque Nacional das Montanhas Rochosas, informam as autoridades.

Sean McEvoy, 34, foi encontrado no carro da polícia que ele usava, num estacionamento à beira do lago Bear, perto da

entrada do Parque Estes.

O corpo do policial foi descoberto por um guarda-florestal que, tendo ouvido o tiro por volta das cinco horas da tarde, foi averiguar.

Os funcionários do parque solicitaram à polícia que investigasse a morte. A Unidade de Investigações Especiais se incumbiu da tarefa. O investigador Robert Scalari, que está chefiando a investigação, declarou que os primeiros indícios são de suicídio. Disse também que a polícia encontrou uma mensagem no local, cujo conteúdo foi mantido em sigilo. Ele acredita que McEvoy estava deprimido devido a dificuldades no trabalho, mas se recusou a discutir que problemas ele estava enfrentando.

McEvoy, natural de Boulder, onde morava, era casado, mas não tinha filhos. Estava havia doze anos no Departamento de Polícia de Denver, onde subiu rapidamente na carreira, e estava lotado na Unidade de Crimes Contra a Pessoa, responsável pela investigação dos crimes violentos ocorridos na cidade.

McEvoy era o chefe da unidade e recentemente coordenou a investigação da morte de Theresa Lofton, 19, encontrada estrangulada e mutilada, há três meses, no Parque Washington.

Scalari se recusou a comentar se o caso Theresa Lofton, que continua sem solução, foi citado no bilhete de McEvoy ou se era uma das dificuldades profissionais que o suicida estava enfrentando. Declarou não saber por que McEvoy escolheu o Parque Estes para se matar. Disse ainda que a investigação da morte prossegue.

Li duas vezes a notícia. Embora não contivesse nada que eu já não soubesse, exercia um estranho fascínio sobre mim. Talvez porque eu acreditasse que estava começando a ter uma ideia do motivo que levava Sean ao Parque Estes e à beira do lago Bear. Mas eu não queria pensar naquilo. Recortei o artigo, coloquei-o numa pasta e a guardei na gaveta da escrivaninha. O bipe do meu computador tocou e apareceu uma mensagem no alto da tela. Era uma convocação do editor local. Eu estava de volta ao trabalho.

* * *

O escritório de Greg Glenn ficava no fundo da redação. Uma das paredes era de vidro, o que lhe permitia monitorar facilmente o trabalho dos repórteres; pelas janelas laterais, quando não estavam encobertas pela neblina, avistavam-se as Rochosas.

Glenn era um bom editor e valorizava mais a redação do que a reportagem em si. Era o que eu mais admirava nele. No ramo editorial existem duas correntes. Alguns priorizam os fatos a ponto de sobrecarregar o texto com detalhes desnecessários, o que quase sempre faz com que o leitor dificilmente consiga chegar ao final. Outros dão valor a uma boa redação e nunca deixam que o acúmulo de fatos interfira em sua clareza. Glenn gostava de mim porque eu escrevia bem e sempre me deixava escolher meus temas. Nunca me impôs uma matéria e jamais reclamou do que eu lhe entregava. Fazia tempo que eu percebera que, caso ele saísse do jornal ou fosse promovido e deixasse a redação, minha situação provavelmente mudaria. Os editores da seção local costumavam fazer os seus próprios ninhos. Se ele fosse embora, o mais provável é que eu acabasse no noticiário diário, redigindo notas policiais. Cuidando de homicídios corriqueiros.

Eu me sentei na poltrona em frente a sua mesa e fiquei esperando que terminasse de falar ao telefone. Glenn era uns cinco anos mais velho que eu. Quando comecei a trabalhar no *Rocky*, dez anos antes, ele era um dos repórteres mais conceituados da redação, como eu agora. Mas depois foi promovido a editor. Agora, usava terno todos os dias, tinha sobre a mesa a estatueta de um jogador de futebol do Bronco, que balançava a cabeça, passava mais tempo ao telefone que em qualquer outra atividade e vivia atento aos ventos políticos que sopravam do escritório central de Cincinnati. Aos quarenta anos, era barrigudo, tinha dois filhos e ganhava um ótimo salário, mas não o bastante para comprar uma casa no bairro em que sua mulher ambicionava morar. Havia me contado tudo isso na noite em que fomos tomar uma cerveja no Wynkoop, a única ocasião nos últimos quatro anos em que nos encontramos fora do expediente.

Numa das paredes do escritório, Glenn mantinha afixadas as sete primeiras páginas mais recentes do jornal. A primeira coisa que fazia de manhã era substituir a mais antiga pela publicada no dia. Acho que fazia isso para acompanhar o rumo dos acontecimentos e a continuidade de nossa cobertura. Ou talvez porque nunca mais tivesse assinado uma matéria como repórter, e pendurar as primeiras páginas do jornal a sua frente era uma maneira de se lembrar de que estava no comando. Glenn desligou o telefone e olhou para mim.

— Obrigado por ter vindo. Eu só queria dizer uma vez mais que lamento muito o que aconteceu ao seu irmão. Se você achar que precisa de mais algum tempo, pode dizer. A gente dá um jeito.

— Obrigado. Mas já estou de volta.

Ele balançou a cabeça, mas não esboçou nenhum gesto para me dispensar. Eu sabia que havia outro motivo para aquele chamado.

— Bem, vamos ao trabalho então. Você tem alguma matéria em andamento? Lembro-me de que estava com um projeto quando... quando aconteceu. Já que resolveu voltar ao trabalho, imagino que queira ocupar-se logo de alguma coisa. Sabe como é, mergulhar de corpo e alma.

Naquele momento eu compreendi o que devia fazer. Não que ainda não soubesse. Mas só tive plena certeza quando Glenn me fez a pergunta. E então tudo ficou claro.

— Vou escrever sobre o meu irmão — respondi.

Não sei se era o que ele esperava que eu respondesse, mas acho que sim. Glenn devia estar de olho naquela matéria desde o momento em que ficara sabendo que os tiras me haviam procurado na redação para contar o que Sean tinha feito. E era esperto o bastante para saber que não era preciso fazer a menor sugestão, a ideia partiria de mim mesmo, naturalmente. Bastava que me fizesse a pergunta.

Seja como for, eu mordeu a isca. E minha vida mudou depois disso. Com a clareza com que a gente consegue avaliar a vida em retrospectiva, posso dizer que a minha mudou com aquela frase, no momento exato em que Glenn me perguntou sobre que escreveria.

Naquela época, eu imaginava que sabia tudo sobre a morte. Julgava conhecer a perversidade. Mas não tinha a menor ideia.

3

William Gladden estava observando com interesse os rostos felizes das crianças que passavam. Sentia-se numa feira. Era só escolher. Não gostou desta? Pois lá vem outra. E outra mais. Que acha daquela?

Dessa vez não seria nenhuma. Mesmo porque todas estavam acompanhadas dos pais. Ele teria de esperar que alguém cometesse o descuido de afastar-se do parque ou de ir até o carrinho de algodão-doce, deixando sozinho o seu pimpolho.

Gladden adorava o carrossel do Parque Santa Monica. Não porque fosse original ou porque a pintura dos cavalinhos tivesse sido restaurada à mão, como proclamava o cartaz, trabalho que se estendera por seis anos. Não por já tê-lo visto em muitos filmes, principalmente nos que assistira em Raiford. Tampouco porque lhe trazia à lembrança as cavalgadas com o Melhor Amigo na feira de Sarasota. Gostava do carrossel por causa das crianças que lá iam brincar. Inocentes, distraídas e radiantes de prazer, elas giravam sem parar ao som do órgão. Gladden vinha frequentando aquele lugar desde que chegara de Phoenix. Diariamente. Sabia que, por mais que demorasse, um dia acabaria valendo a pena e ele obteria o que tanto desejava.

Enquanto se distraía com a animação e o colorido, deixava-se levar pelas lembranças, coisa tão comum desde o tempo de Raiford. Lembrava-se do Melhor Amigo. Lembrava-se do armário escuro, com uma faixa de luz na fresta embaixo. Ele se agachava no chão perto da luz e do ar. E via os pés se aproximarem. Passo a passo. Queria ser mais velho, maior, para alcançar a prateleira alta. Então, o Melhor Amigo teria uma boa surpresa.

Gladden voltou à realidade. Olhou a sua volta. O carrossel havia parado e as últimas crianças estavam correndo para junto dos pais, que as aguardavam do outro lado do portão. Havia outra fila de alvoroçados garotos prontos para escolher os cavalinhos. Ele tornou a procurar a menina de cabelos negros, pele escura e macia, mas não a viu. Notou então que estava sendo observado pela bilheteira. Seus olhares se encontraram e Gladden tratou de virar o rosto para o outro lado. Ajustou a alça da bolsa de lona que, sob o peso da câmara e dos livros, escorregava em seu ombro. Concluiu que o melhor seria deixar os livros no carro, na próxima ocasião. Olhou uma última vez para o carrossel e saiu do parque.

Ao se aproximar do automóvel, voltou-se novamente e relanceou um olhar à bilheteira. As crianças estavam entrando no carrossel aos gritos. Algumas iam acompanhadas dos pais, a maioria estava sozinha. Ocupada em receber os ingressos, a mulher já o havia esquecido. Ele estava a salvo.

4

Laurie Prine ergueu os olhos da tela do monitor e sorriu ao ver-me entrar. Eu estava ansioso por encontrá-la. Contornei o balcão, arrastei a cadeira de uma mesa desocupada e me sentei a seu lado. A biblioteca do *Rocky* estava tranquila àquela hora.

— Ah, não! — gracejou ela. — Quando você puxa a cadeira, é sinal de que a coisa vai longe.

Referia-se às extensas pesquisas que eu costumava solicitar quando estava preparando uma matéria. Muitas de minhas crônicas abordavam temas da legislação penal. Eu precisava saber o que já havia sido escrito sobre o assunto.

— Sinto muito — respondi, fingindo-me aborrecido. — Você vai passar o resto do dia às voltas com o Lex e o Nex.

— *Talvez*. Se eu puder. Do que se trata agora?

Laurie era bem bonita. Trazia os cabelos escuros sempre presos numa trança, tinha olhos castanhos e lábios carnudos que nunca pintava. Pegou o bloco de papel amarelo, ajeitou os óculos de aro de metal e empunhou a caneta, pronta para anotar a lista de informações que teria de obter. O Lexis e o Nexis eram bancos de dados que abrangiam praticamente todos os jornais importantes do país, além dos menores, os precedentes judiciais e uma verdadeira legião de estacionamentos na rodovia da informação. Quem quisesse saber o que havia sido escrito sobre um tema específico ou uma determinada reportagem, precisava começar pelo *Lexis/Nexis*.

— Suicídio de policiais — respondi. — Quero um levantamento de todo o material disponível.

Ela ficou séria. Percebi que suspeitava de que a pesquisa tivesse razões pessoais. A hora do computador era caríssima e a empresa

proibia rigorosamente seu uso por motivos particulares.

— Não se preocupe, é para uma matéria. Glenn já autorizou.

Ela fez que sim, mas não sei se acreditou de fato. Imaginei que confirmaria com o editor-chefe depois. Voltou a olhar para o bloco de papel.

— Quero as estatísticas nacionais de todas as ocorrências, os índices de suicídio de tiras comparados com os das outras profissões e com os da população em geral, além de toda referência a consultorias ou órgãos governamentais que possam ter estudado o assunto. Hã... deixe-me ver... Ah, e tudo que você tiver sobre casos.

— Sobre casos?

— É, todas as notícias sobre suicídio de policiais. Digamos, nos últimos cinco anos. Estou procurando exemplos.

— Como o do seu...

Ela se deu conta do que ia dizer.

— Isso mesmo, como o do meu irmão.

— É uma pena.

Laurie se calou. Deixei que o silêncio pairasse alguns momentos entre nós, depois perguntei quanto tempo ela achava que demoraria a pesquisa. Minhas solicitações raramente tinham prioridade, o fechamento da edição não dependia de minhas crônicas.

— Bem, a pesquisa é bem ampla, nada tem de específico. Terei de trabalhar muito e, você sabe que vou ser obrigada a interrompê-la quando o noticiário começar a chegar. Mas vou tentar. No fim da tarde está bem?

— Está ótimo.

Voltando à redação, consultei o relógio na parede e vi que passava das onze. Boa hora para o que eu precisava fazer. A escrivanhinha, telefonei para um informante na lanchonete dos tiras.

— Olá, Skipper, você vai ficar por aí?

— Quando?

— Na hora do almoço. Pode ser que eu precise de uma coisa. Provavelmente vou precisar.

— Merda! Tudo bem. Fico esperando. Quando você vem?

— Hoje mesmo. Depois eu falo com você.

Desliguei, vesti o sobretudo e saí. Percorri a pé os dois quarteirões que me separavam do quartel-general do Departamento de Polícia de Denver. À entrada, apresentei minha credencial de jornalista ao guarda de plantão, que nem se deu ao trabalho de tirar os olhos do exemplar do *Post*, e subi ao escritório da IE, no quarto andar.

— Me diga uma coisa — disse o investigador Robert Scalari quando lhe contei o motivo da minha visita. — Você está aqui como irmão ou como repórter?

— As duas coisas.

— Sente-se.

Scalari se debruçou na escrivaninha, talvez para que eu pudesse ver o intrincado trabalho de entrelaçamento de cabelos que ele havia feito para esconder a careca, pensei.

— Escute, Jack — ele disse. — Há um problema.

— Que problema?

— É que se você tivesse vindo me procurar como parente da vítima, se estivesse tentando entender o que levou seu irmão a fazer o que fez, eu lhe contaria o que sei. Mas, se for para publicar o que eu lhe disser no *Rocky Mountain News*, nada feito. Eu tinha muito respeito por seu irmão para permitir que essa história toda sirva simplesmente para vender jornal. Mesmo que você não ligue para isso.

Estávamos a sós num pequeno escritório com quatro escrivaninhas. As palavras de Scalari me encheram de raiva, mas preferi engolir em seco. Inclinei-me em sua direção para que ele apreciasse minha sadia cabeleira.

— Quero lhe perguntar uma coisa, investigador Scalari. Meu irmão foi assassinado?

— Não, não foi.

— Você tem certeza de que foi suicídio, não?

— Tenho.

— E o caso está encerrado?

— Acertou.

Encostei-me na cadeira.

— Você me irrita, palavra.

— Posso saber por quê?

— Porque está tentando me sabotar de duas maneiras. Diz que o caso está encerrado, mas não me deixa ver os relatórios. Se está encerrado, eu posso examinar o caso de cabo a rabo porque se trata do meu irmão. Se está encerrado, o fato de eu ler os relatórios também não vai comprometer nenhuma investigação. — Dei-lhe tempo para digerir o que eu acabava de dizer antes de prosseguir: — Portanto, de acordo com a sua própria lógica, não há por que me impedir de dar uma olhada nos relatórios.

Scalari me encarou. Agora, sua irritação era visível.

— Escute uma coisa, Jack, há coisas neste arquivo que ninguém precisa saber e, principalmente, que não precisam ser publicadas.

— Pois acho que a pessoa mais indicada para julgar isso sou eu, investigador Scalari. Ele era meu irmão. Irmão gêmeo. Eu seria o último a querer prejudicá-lo. Só estou procurando entender, dar um sentido a tudo isso. E, se eu resolver escrever alguma coisa, será para finalmente enterrar o assunto com Sean. Ok?

Passamos um bom tempo olhando fixamente um para o outro. Era a vez dele, e eu fiquei esperando.

— Não posso ajudá-lo — disse Scalari por fim. — Mesmo que quisesse. Acabou. O caso está encerrado. O relatório já foi enviado para o arquivo. Se não acredita, vá ver.

Eu me levantei.

— Obrigado por ter me contado logo no começo da conversa.

Saí sem dizer mais nada. Sabia que Scalari iria me boicotar. Tivera de procurá-lo porque precisava seguir o curso burocrático natural e descobrir onde se encontrava o relatório. Desci pela escada exclusiva dos policiais e entrei no escritório do capitão responsável pelo setor administrativo. Era pouco mais do meio-dia e a recepção estava deserta. Avancei até a porta, bati, e uma voz me mandou entrar.

O capitão Forest Grolon estava sentado à mesa. Negro, a pele muito escura e a cabeça raspada, era tão grandalhão que sua escrivaninha ficava parecendo um móvel infantil. Levantou-se para me cumprimentar, ostentando seu metro e noventa e cinco de altura. Eu lhe apertei a mão e sorri. Era minha fonte de informação

desde o tempo em que eu cobria o noticiário policial, seis anos antes, e ele ainda era sargento. Os dois tínhamos subido na vida.

— Como vai, Jack? Quer dizer que já voltou à ativa?

— É, tirei uns dias de folga para descansar. Agora estou bem.

Ele não disse uma palavra sobre meu irmão. Tendo sido um dos poucos a comparecer ao enterro, deixara transparecer quanto ficara abalado. Grolon voltou a sentar-se; eu me acomodei numa das cadeiras em frente. Seu trabalho nada tinha a ver com o policiamento da cidade. Ele se encarregava dos negócios do departamento. Era responsável pelo orçamento anual, o recrutamento e o treinamento. Incumbia-se também das exonerações. Pouco se relacionava com a atividade específica da polícia, coisa que, aliás, fazia parte de seu plano. Grolon queria chegar à chefia e estava tratando de acumular a mais ampla variedade de experiências para, no momento oportuno, ser o mais indicado para o cargo. Também fazia parte de seu plano manter boas relações com a imprensa local. Na hora certa, sabia que contaria comigo para uma imagem positiva no *Rocky*. E contaria mesmo. Mas, por ora, era eu que contava com certos favores dele.

— E então, por que me fez perder o almoço? — perguntou com mau humor, coisa que fazia parte da rotina de nossa representação. Eu sabia que Grolon preferia encontrar-se comigo àquela hora, quando seu auxiliar estava ausente e dificilmente nos veriam juntos.

— Você não vai perder o almoço. Quando muito, vai se atrasar um pouco. Quero dar uma olhada no relatório sobre o meu irmão. Scalari disse que já o enviou para o arquivo. Achei que você podia pegá-lo. É coisa rápida.

— Para quê, Jack? Pare de mexer nessa história.

— Eu quero ver, capitão. Não vou citar nenhuma palavra. Só quero dar uma olhada. Se me mostrar o relatório agora, eu termino antes que o pessoal da microfilmagem volte do almoço. Ninguém vai ficar sabendo. Só nós dois. E eu não vou me esquecer disso.

Dez minutos depois, Grolon me entregou a pasta do arquivo. Era fina como a lista telefônica de Aspen. Não sei por que eu esperava mais coisa, como se o volume do relatório da investigação tivesse alguma relação com o significado da morte. Ao abri-lo, dei com um

envelope em cujo rosto se lia FOTOGRAFIAS, o qual preferi deixar de lado sem abrir. A seguir, vinha um relatório da autópsia e diversos formulários padronizados presos por um clipe. Como já havia estudado muitos relatórios de autópsia, eu sabia que podia pular as páginas das infundáveis descrições de glândulas e órgãos e de considerações sobre o estado geral do morto e ir diretamente às conclusões. E não tive nenhuma surpresa. A *causa mortis* tinha sido uma perfuração a bala na cabeça. Abaixo, a palavra “suicídio” aparecia sublinhada. Os exames de sangue para detectar drogas revelavam traços de dextromethorphan hydrobromide. A seguir, a observação do técnico de laboratório explicava: “xarope contra tosse — porta-luvas”. Significava que, à parte um ou dois goles de xarope do frasco guardado no carro, meu irmão estava absolutamente sóbrio quando enfiou o cano do revólver na boca.

A análise da criminalística continha um sub-relatório etiquetado RDP, que eu sabia significar resíduos de pólvora. Afirmava-se que uma análise de ativação dos nêutrons das luvas de couro usadas pela vítima detectara partículas de pólvora queimada na direita, indicando que ele usara aquela mão para atirar. Encontraram-se RDP e queimaduras a gás também na garganta de meu irmão. Conclusão: o cano da arma estava na boca de Sean no momento do disparo.

Seguia-se um inventário de provas, no qual nada encontrei de inusitado. Depois li o depoimento da testemunha, o guarda-florestal Stephen Pena, que estava lotado numa subestação e num guichê de informações à beira do lago Bear.

A testemunha afirmou que, do guichê onde estava trabalhando, não podia ver o estacionamento. Por volta das 16:58, ouviu um estampido abafado que, por experiência, identificou como um tiro. Tendo determinado como origem a área do estacionamento, foi investigar imediatamente a possibilidade de caça ilegal. Aquela hora, havia apenas um veículo estacionado e, embora as janelas estivessem parcialmente embaçadas, o guarda-florestal conseguiu ver a vítima tombada no banco do motorista. Correu até o veículo, mas não conseguiu abrir a porta, que se

encontrava travada. Olhando uma vez mais pelos vidros, concluiu que a vítima estava morta devido às graves lesões na parte posterior da cabeça. Retornando ao guichê, a testemunha notificou imediatamente as autoridades, assim como seu supervisor. A seguir, voltou para junto do automóvel a fim de aguardar a chegada da polícia.

A testemunha afirma que correu até o veículo da vítima não mais que cinco segundos depois de ouvir o disparo. O carro estava estacionado a aproximadamente cinquenta metros de qualquer lugar coberto ou qualquer estrutura na floresta. A testemunha acreditava que, após o disparo, não tinha havido tempo suficiente para que alguém se afastasse do automóvel sem ser visto.

Recoloquei a folha com a declaração no lugar e me pus a examinar outros relatórios. Havia uma página com o título Relatório do Caso, que detalhava o último dia do meu irmão. Ele se apresentou ao trabalho às 7:30, almoçou com Wexler às 12:00 e saiu às 14:00 para ir ao Stanley. Não contou a ninguém com quem iria se encontrar.

Fracassaram as tentativas dos investigadores de determinar se Sean realmente estivera no Stanley. Embora todas as garçonetes e ajudantes do restaurante do hotel tenham sido entrevistados, nenhuma se lembrava de ter visto meu irmão.

Havia na pasta um relatório de uma página, resumindo a entrevista de Scalari com o psicólogo de Sean. De algum modo, talvez através de Riley, ele descobrira que meu irmão estava fazendo terapia em Denver. Conforme Scalari, o dr. Colin Dorschner atestara que Sean estava sofrendo de depressão aguda provocada pelo estresse profissional, particularmente por não haver conseguido solucionar o caso Theresa Lofton. O resumo da entrevista não dizia se Scalari havia perguntado se Dorschner considerava meu irmão um suicida potencial. Eu duvidava que tivesse feito a pergunta.

A última folha de papel era a do relatório final do investigador. O último parágrafo resumia sua conclusão.

Com base nas evidências físicas e na declaração da testemunha ocular, o E/I conclui que o investigador Sean McEvoy morreu em consequência de um ferimento a bala provocado por ele mesmo depois de deixar uma mensagem escrita na parte interna do para-brisa embaçado. Seus colegas, inclusive o E/I, assim como sua esposa e o psicólogo Colin Dorschner, sabiam que a vítima estava emocionalmente abalada pelos esforços infrutíferos no sentido de esclarecer o homicídio de Theresa Lofton, ocorrido em 19 de dezembro p.p. (caso nº 832). Acredita-se que seu estado de perturbação o tenha impelido a atentar contra a própria vida. O psiquiatra consultor do DPD, dr. Armand Griggs, declarou em entrevista (22/2) que a mensagem — “Sem um traço de tempo nem de espaço” — encontrada no para-brisa pode ser considerada uma típica despedida de suicida, levando-se em conta o seu estado emocional.

Até o momento, não há evidência que conflite com a hipótese de suicídio.

Sub. a aprec. 24/2/E/I RJS D-II

Ao reorganizar as folhas do relatório, lembrei-me de faltava ainda analisar uma parte do arquivo.

Grolon fora comprar um sanduíche na lanchonete. Eu estava sozinho no escritório. Devo ter passado uns cinco minutos em absoluto silêncio, indeciso entre abrir o envelope ou não. Sabia que, se as visse, as fotografias se tornariam a última lembrança de meu irmão. Não era o que eu desejava. Ao mesmo tempo, estava convencido de que precisava avaliá-las e, assim, certificar-me das condições em que ele fora encontrado, remover todas as dúvidas.

Precipitadamente, sem me dar tempo de mudar de ideia, abri o envelope. Ao extrair o maço de fotografias coloridas em formato 8 x 10, a primeira coisa que vi foi o local onde tudo acontecera. O carro da polícia usado por meu irmão, um Chevy Caprice, abandonado sozinho no fundo do estacionamento. Reconheci o guichê de informações da guarda-florestal logo à frente do carro. O pátio devia

ter sido limpo pouco antes, a neve estava amontoada nos cantos do terreno.

A foto seguinte era um close do para-brisa, tirado do lado de fora do automóvel. A mensagem continuava legível, embora o vidro já não estivesse embaçado. Mais além, pude ver Sean. A cabeça tombada para trás, o queixo voltado para cima. Passando à foto seguinte, achei-me dentro do carro, com meu irmão. Tirada do lado do passageiro, exibia-lhe o corpo inteiro. Um grosso fio de sangue lhe escorrera pelo pescoço até o suéter bem visível com a pesada japona aberta. O teto e o vidro lateral estavam salpicados de sangue. A arma estava caída no banco, junto à coxa direita.

A maior parte das demais fotografias eram closes tirados de vários ângulos. Mas não provocaram em mim o efeito esperado. A luz estéril do flash despojara meu irmão de toda a humanidade. Mais parecia um manequim. E eu não encontrei nada além da triste constatação de que ele se havia suicidado de fato. Fui obrigado a admitir que nutrira uma esperança inútil.

Foi nesse momento que Grolon voltou. Olhou para mim com curiosidade. Eu me levantei e coloquei o arquivo na mesa ao mesmo tempo em que ele a contornava para se sentar em seu lugar. Abrindo um saco de papel pardo, tirou um sanduíche de ovo e salada envolto numa embalagem de plástico.

— Tudo bem?

— Tudo.

— Aceita um pedaço?

— Não.

— Como está se sentindo?

Sorri ante a pergunta que eu mesmo fizera tantas vezes. Confuso com minha reação, ele franziu a testa.

— Está vendo isto aqui? — perguntei, apontando para a cicatriz no rosto. — Eu a adquiri fazendo essa mesma pergunta.

— Lamento.

— Bobagem. Eu nunca lamentei.

5

Uma vez analisado o relatório da morte de meu irmão, eu precisava de mais detalhes do caso Theresa Lofton. Já que a reportagem se concentraria no último ato desesperado de Sean, tinha de saber tudo quanto ele sabia. Precisava entender o que ele entendera. Mas isso Grolon não podia obter para mim. Os arquivos dos homicídios cujas investigações ainda prosseguiram ficavam guardados a sete chaves, e Grolon veria mais riscos que benefícios em ajudar-me.

Ao encontrar vazia a sala de CCP, o primeiro lugar onde pensei em procurar Wexler foi o Satire. Era o bar preferido dos tiras na hora do almoço — para comer ou beber. Encontrei-o a uma das mesas do fundo. O problema era que estava em companhia de St. Louis. Como não notaram a minha chegada, eu hesitei, perguntando-me se não seria melhor deixar para procurar Wexler mais tarde, quando estivesse sozinho. Mas ele me avistou e eu não tive como escapar. Pelos pratos sujos de ketchup, compreendi que já haviam almoçado. Wexler estava com um copo que parecia ser de Jim Beam *on the rocks*.

— Está vendo? — riu com bom humor.

Chegando à mesa, preferi sentar-me ao lado de St. Louis a fim de ficar de frente para Wexler.

— Vendo o quê? — perguntou aquele num leve tom de protesto.

— A imprensa — respondi. — Como vão?

— Não responda — resmungou St. Louis. — Ele deve estar querendo alguma coisa.

— Claro que estou. Quais são as novidades?

— Nenhuma, Jack — falou Wexler. — É verdade o que disse o Cachorrão? Está querendo alguma coisa?

Era o velho jogo. Palmadas amigáveis no ombro para arrancar o núcleo básico de informação sem pedi-lo especificamente nem confrontar-se com ele. Tão comum quanto os apelidos que os tiras usavam. Eu mesmo jogara muitas vezes aquele jogo, era um craque. Lances sutis. Como nas partidas de basquete no colégio. Ficar de olho na bola e ao mesmo tempo em dois adversários. Eu sempre fui o cara das jogadas sutis. Sean era a força, o futebol. Eu era o basquete.

— Não exatamente — respondi. — Mas voltei a trabalhar, amigos.

— Ih, lá vem! — exclamou St. Louis. — É chumbo grosso!

— Como vai o caso Theresa Lofton? — perguntei a Wexler sem fazer caso de St. Louis.

— Engraçado, Jack. Quer dizer que resolveu voltar a se dirigir a nós como repórter? — provocou ele.

— Estou me dirigindo só a você, Wex. E é verdade: como repórter.

— Neste caso, nada a declarar sobre o caso Theresa Lofton.

— Compreendo. Então a resposta é “tudo na mesma”.

— Nada a declarar, eu disse.

— Escute, eu quero saber o que vocês já conseguiram. O caso vai completar três meses. Vai acabar sendo arquivado, se é que ainda não foi. Só quero dar uma olhada no relatório. Preciso saber o que foi que atingiu Sean tão profundamente.

— Você se esquece de uma coisa. Seu irmão se suicidou. Assunto encerrado. Pouco importa o caso Theresa Lofton agora. Além disso, não sabemos se teve mesmo a ver com o que ele fez. São assuntos correlatos, quando muito. Nunca saberemos ao certo.

— Chega de conversa fiada. Eu já li o relatório da morte de Sean. — Sem perceber, Wexler arregalou os olhos castanhos. — Está tudo lá. Sean ficou arrasado com esse caso. Foi até pedir socorro a um psicólogo. Seus últimos dias não se dedicaram a outra coisa. Portanto, não me venha com esse lero-lero de que nunca saberemos.

— Olhe, garoto, nós...

— Alguma vez você chamou Sean assim? — atalhei.

— Como?

— De garoto. Alguma vez o chamou de garoto?

Wexler me fitou, confuso.

— Não.

— Então, não me trate assim. — Wexler ergueu as mãos num gesto de defesa. — Por que não posso ver o arquivo? Vocês não vão investigar mais.

— Quem disse?

— *Eu* digo. Você está cagando de medo, cara. Viu o que aconteceu com Sean, e não quer que lhe aconteça o mesmo. O caso está criando teias de aranha no fundo de uma gaveta. Tenho certeza.

— Sabe de uma coisa, Jack? Você só está dizendo merda. E, se não fosse irmão de Sean, eu já o teria jogado na rua com um pontapé na bunda. Você está me enchendo o saco, sabe? E eu não gosto que me encham o saco!

— Não? Por que não se coloca no meu lugar? Esqueceu que sou irmão dele? Não acha que isso me dá algum direito?

St. Louis olhou para mim e sorriu com menosprezo.

— Escute uma coisa, Cachorrão, não está na hora de você ir procurar um poste para mijar? — provoquei.

Wexler soltou uma gargalhada, mas logo se conteve. St. Louis ficou vermelho de raiva.

— Olhe, seu merdinha — rugiu ele. — Se eu puser as mãos em você...

— Calma, rapazes — interveio Wexler. — Tudo bem, tudo bem. Escute, Ray, vá fumar um cigarrinho lá fora, sim? Deixe-me conversar um pouco com Jackie, quero esclarecer uns detalhes. Eu me encontro com você daqui a pouco.

Levantei-me para que St. Louis saísse. Antes disso, ele me encarou com raiva. Sem fazer caso, eu me sentei novamente.

— Tome um gole, Wex. Não precisa fingir que esse copo não é seu.

Wexler riu e puxou o copo para junto de si.

— Sabe de uma coisa? Você é mesmo muito parecido com seu irmão. Não desiste. E adora bancar o espertinho. Se tirar a barba e

cortar esses cabelos de hippie, pode passar por ele. Precisa dar um jeito na cicatriz também.

— E o relatório?

— Que tem ele?

— Você tem o dever de me deixar dar uma olhada. É por meu irmão.

— Não estou entendendo.

— Está, sim. Eu não vou desistir. Só quero entender o que aconteceu.

— O que você está querendo é fazer uma merda de reportagem.

— Escrever, para mim, é a mesma coisa que o uísque para você. Quando escrevo sobre alguma coisa, é porque fui capaz de compreendê-la, é porque já não tenho dúvidas. Não tenho outro modo de enterrar de vez a questão. É só isso que estou lhe pedindo.

Wexler desviou o olhar e conferiu a conta que a garçonete acabava de trazer. Esvaziou o copo e levantou-se. Já de pé, olhando-me de cima para baixo, exalou um suspiro impregnado de *bourbon*.

— Vamos — disse. — Eu vou lhe dar uma hora. — Ergueu o dedo e fez questão de sublinhar. — Só uma hora!

* * *

No escritório da CCP, resolvi me sentar à escrivaninha de Sean. Ninguém se havia apoderado dela ainda. Talvez tivessem medo de que desse azar. Wexler estava junto aos arquivos, perto da parede, olhando para uma gaveta aberta. St. Louis havia se afastado, talvez porque nada quisesse ter com aquilo. Por fim, Wexler voltou com duas pastas muito grossas e as colocou diante de mim.

— Só isso?

— Só. Você tem uma hora.

— Ora, tenha a santa paciência, há pelo menos uns quinze centímetros de papel aqui — arrisquei. — Se me deixar levar o material para casa, eu o devolvo...

— Está vendo? Exatamente como o irmão. Uma hora, McEvoy! Trate de acertar o relógio, porque dentro de uma hora tudo estará

naquela gaveta outra vez. Aproveite os cinquenta e nove minutos que lhe restam. Já está perdendo tempo.

Parei de insistir e abri a primeira pasta.

Theresa Lofton era uma bela estudante de pedagogia. Queria ser professora do primeiro grau. Estava cursando o primeiro ano e morava no alojamento do campus. Organizara seu currículo de modo a poder trabalhar meio período na creche da universidade.

Tudo levava a crer que fora sequestrada no próprio campus ou nas redondezas, numa quarta-feira, um dia depois da interrupção das aulas devido aos feriados de fim de ano. A maioria dos alunos já havia deixado a universidade. Theresa ficara em Denver por dois motivos. Precisava trabalhar — a creche só fecharia no fim da semana — e seu carro estava no conserto. Teria de esperar que trocassem a embreagem do velho Fusca para viajar.

Seu desaparecimento não foi notado porque tanto a colega de quarto quanto suas amigas mais próximas já haviam partido. Ninguém deu por sua falta. Quando, quinta-feira, ela não compareceu ao trabalho, o diretor da creche imaginou que tivesse antecipado a viagem a Montana, já que não precisaria retornar depois do Natal. Não era a primeira vez que uma estudante abandonava o trabalho após o encerramento das aulas. Ele não fez perguntas nem informou as autoridades.

Seu corpo foi encontrado na manhã da sexta-feira, no Parque Washington. Os investigadores reconstituíram seus últimos passos, retornando à quarta-feira, na hora do almoço, quando ela, ainda da creche, telefonou para o mecânico a fim de saber se o carro estava pronto; o homem se lembrava de ter ouvido a algazarra das crianças, no fundo, enquanto conversavam. Theresa chegou a comentar que teria de ir ao banco antes de buscar o carro. Mas não fez nem uma coisa nem outra. Despediu-se do diretor da creche, ao meio-dia, e saiu. Depois disso, ninguém a viu com vida novamente. A não ser o assassino, é claro.

Bastou-me ver as fotografias do arquivo para entender quanto o caso devia ter envolvido Sean, quanto lhe havia oprimido o coração. Eram fotos de antes e de depois. Um retrato dela, provavelmente do anuário do colégio, mostrava uma garota alegre, com a vida toda

pela frente. Tinha cabelos escuros e ondulados e um par de olhos azuis que pareciam de cristal. Neles se refletia uma pequena estrela luminosa, o flash da câmera. Havia também um lindo instantâneo em que ela aparecia de short e miniblusa. Estava sorrindo enquanto tirava uma caixa de papelão do porta-malas de um carro. Retesando os músculos dos braços esguios e bronzeados, parecia esforçar-se um pouco para posar com a pesada caixa nas mãos. No verso, li o que julguei ser uma anotação dos pais: “O primeiro dia de Terri na universidade! Denver, Colorado”.

As outras fotografias eram de *depois*. E muitas, eu cheguei a me surpreender. Por que a polícia precisava de tantas? Aquilo, afinal, era uma invasão terrível, mesmo que a moça já estivesse morta. Os olhos de Theresa Lofton não tinham brilho. Abertos, mas opacos, vidrados, leitosos. A vítima achava-se jogada num suave declive coberto de mato e neve. O que os jornais publicaram estava certo. Seu corpo fora dilacerado. O cachecol apertado ao pescoço e os olhos esbugalhados mostravam como ela havia morrido. Porém, ao que tudo indicava, o assassino tivera muito trabalho a seguir. O corpo havia sido cortado ao meio, sendo que a metade inferior, colocada sobre a superior, parecia sugerir, num quadro horripilante, que ela se encontrava em pleno ato sexual consigo mesma.

Enquanto examinava a macabra galeria de fotografias, eu notei que Wexler me observava da outra escrivaninha. Tentei não deixar transparecer a repulsa que estava sentindo. Nem o fascínio. Agora eu sabia de que meu irmão tentara me proteger. Eu nunca tinha visto coisa tão horrorosa. Por fim, olhei para o investigador.

— Santo Deus!

— É.

— A matéria dos tabloides, dizendo que foi como a Dália Negra, de Los Angeles, não estava muito longe da verdade, hein?

— É. Mac andou até lendo um livro sobre isso. E chegou a telefonar para um veterano da polícia de Los Angeles. Há uma semelhança, sem dúvida. O esquartejamento. Mas o caso da Dália Negra foi há mais de cinquenta anos.

— Eu sei, mas o assassino pode ter tirado dele a ideia.

— Pode ser. Mac também pensou nisso.

Tornei a guardar as fotografias no envelope e olhei para Wexler.

— Ela era lésbica?

— Não. Que eu saiba, não. Tinha namorado em Butte. Um bom rapaz. Nós checamos. Seu irmão andou pensando a mesma coisa durante algum tempo. Por causa do que o assassino fez com as partes do corpo. Imaginou que tivesse feito isso porque ela era sapatão. Uma espécie de declaração sobre alguma coisa. Mas não levou a nada. — Eu fiz que sim. — Você só tem quarenta e cinco minutos.

— Sabe, é a primeira vez em muito tempo que eu o ouço chamá-lo de Mac.

— É mesmo? Agora são quarenta e quatro minutos.

* * *

O relatório da autópsia chegava a ser um alívio em comparação com as fotografias. Notei que a hora da morte tinha sido fixada um dia depois do desaparecimento de Theresa Lofton. Ela já estava morta havia mais de quarenta horas quando a encontraram.

Quase todos os relatórios davam num beco sem saída. As investigações de rotina sobre a família da vítima, o namorado, os amigos da faculdade, os colegas de trabalho e até com os pais das crianças das quais ela cuidava não levaram a nada. Praticamente todos tinham ficado isentos de suspeitas mediante álibis ou outros procedimentos de investigação.

Concluía-se que Theresa Lofton não devia conhecer o assassino, que seus caminhos se cruzaram por acaso, questão de má sorte. Embora desconhecido, o criminoso era sempre mencionado como homem. Apesar de a vítima não ter sofrido abuso sexual, sabia-se que em sua maioria os assassinos violentos e mutiladores de mulheres eram homens e se argumentava que era precisa muita força física para cortar os ossos e cartilagens de um cadáver. Não se havia encontrado nenhum objeto cortante. Embora o corpo tivesse dessangrado, havia indícios de lividez cadavérica, o que significava que houvera um intervalo entre a morte e a mutilação da vítima. De duas ou três horas segundo o relatório.

Outra peculiaridade era a hora em que deixaram o corpo no parque. Os investigadores estavam convencidos de que Theresa Lofton tinha sido descoberta aproximadamente quarenta horas depois de morta. Mas aquele parque era muito frequentado. Dificilmente o cadáver teria ficado tanto tempo ali, em campo aberto, sem ser notado, mesmo que a neve precoce houvesse reduzido consideravelmente o número de visitantes que por ali passavam. Na verdade, o relatório concluía que, ao ser visto ao amanhecer por um sujeito que estava fazendo jogging, o corpo encontrava-se lá havia no máximo três horas.

Neste caso, onde tinha ficado? Ninguém sabia a resposta. Mas a polícia contava com uma pista. O relatório do exame das fibras mencionava numerosos fios de cabelo de outra pessoa, além de fibras de algodão encontrados no corpo. Em primeiro lugar, seriam comparados com os de um suspeito, caso aparecesse. Uma parte do relatório tinha sido sublinhada: a seção que se ocupava de uma fibra específica — de paina — encontrada em grande quantidade no corpo. Tinham retirado do cadáver trinta e três fios desse material. Número que sugeria contato direto com a fonte. O relatório acrescentava que, embora semelhantes às de algodão, as fibras de paina não eram comuns e costumavam ser encontradas principalmente em objetos flutuantes como travesseiros de barco, coletes salva-vidas e sacos de dormir. Sem saber por que essa parte do relatório tinha sido sublinhada, pedi explicações a Wexler.

— Sean achava que as fibras de paina eram a pista do lugar onde esconderam o cadáver. Você sabe, se encontrássemos um lugar com essas fibras, que não são tão comuns assim, acharíamos o local do crime. Mas não encontramos.

* * *

Estando os relatórios em ordem cronológica, pude acompanhar as diversas teorias à medida que eram consideradas e descartadas. E consegui sentir os descaminhos por que enveredavam as investigações. Nada levava a lugar algum. Era óbvio que meu irmão acreditava que Theresa Lofton havia topado com um assassino

serial, o tipo de criminoso mais difícil de seguir. Havia também um relatório do Centro Nacional de Análise de Crimes Violentos, do FBI, com um perfil psicológico do assassino. Meu irmão guardara no arquivo a cópia de uma lista de dezessete páginas de aspectos do crime, a qual ele enviara ao Programa de Apreensão do Criminoso Violento para uma pesquisa. Mas a resposta do computador do PACV era negativa. O assassinato de Theresa Lofton não coincidia com nenhum outro no país, seus detalhes não requeriam maior atenção do FBI.

O perfil enviado pelo Bureau fora traçado por uma agente chamada Rachel Walling. Continha uma série de generalidades absolutamente inúteis para a investigação, pois, embora profundas e possivelmente não muito distantes do alvo, as caracterizações de pouco serviam para peneirar os milhares de homens que podiam ser considerados suspeitos. O perfil adiantava que o homicida devia ser branco, com idade entre vinte e trinta anos, e tinha sentimentos não resolvidos de inadequação e ódio pelas mulheres, o que explicava a brutalidade do crime. Provavelmente fora criado por uma mãe dominadora, por conta da qual o pai, certamente ausente do lar ou absorvido pelo trabalho, deixara a educação e o desenvolvimento do filho. O perfil o classificava "organizado" em sua metodologia e advertia que a execução bem-sucedida do crime e a impunidade podiam levá-lo a tentar cometer outros delitos da mesma natureza.

Os últimos relatórios do primeiro arquivo eram resumos de entrevistas, pistas a serem checadas e outros detalhes do caso que, embora nada significassem no momento em que foram datilografados, poderiam adquirir importância mais tarde. Pelos relatórios eu pude acompanhar o vínculo cada vez mais estreito entre Sean e Theresa Lofton. Nas páginas iniciais, ela era sempre mencionada como a vítima, às vezes Lofton. Mais adiante, ele passou a designá-la por Theresa. E nos últimos relatórios, os de fevereiro, pouco antes do suicídio, passara a chamá-la de Terri, provavelmente tendo colhido o apelido em sua família ou entre os amigos ou, talvez, no verso da fotografia do primeiro dia na universidade. O dia feliz.

* * *

Faltavam dez minutos quando fechei o primeiro arquivo e abri o segundo, uma pasta bem mais fina que continha uma miscelânea de informações aparentemente inúteis. Havia uma série de cartas de cidadãos com os mais diversos palpites sobre o crime. Uma delas, enviada por um parapsicólogo, afirmava que Theresa Lofton continuava espiritualmente viva, a orbitar acima da camada de ozônio, numa faixa de alta frequência. Expressava-se com tal rapidez que os ouvidos desabituaados podiam confundir suas manifestações com um ruído qualquer, porém o médium tinha capacidade de decifrá-las e se oferecia a interrogar a morta, se Sean desejasse. Nada no relatório dizia que meu irmão chegara a procurá-lo.

Um relatório suplementar afirmava que tanto o banco quanto a oficina mecânica ficavam a poucas quadras do campus. Os investigadores percorreram várias vezes o caminho entre o dormitório e a creche, a agência bancária e a oficina mecânica sem, contudo, encontrar pessoa alguma que se lembrasse de ter visto Theresa na quarta-feira, após o término das aulas. Mesmo assim, a teoria de meu irmão, esboçada em outro relatório suplementar, era a de que Theresa Lofton fora sequestrada depois de telefonar para o mecânico, mas antes de passar pelo banco e sacar dinheiro para pagá-lo.

O arquivo continha também um registro cronológico das atividades dos investigadores incumbidos do caso. Inicialmente, quatro membros da CCP passaram a investigar em tempo integral. Mas foram poucos os progressos e, com a ocorrência de novos casos, todos os esforços subsequentes ficaram concentrados em Sean e Wexler. Depois, só em Sean. Ele não abandonaria um caso sem solução.

A última anotação no registro cronológico de atividades era do dia do suicídio. Uma única linha: "13 de março — RUSHER no Stanley. P/I sobre Terri."

— Tempo esgotado.

Ergui a cabeça e dei com Wexler apontando para o relógio. Fechei o arquivo sem protestar.

— Que significa “P barra I”?

— Possível informante. Significa que ele recebeu um telefonema.

— Quem é Rusher?

— Ninguém sabe. Encontramos algumas pessoas com esse nome na lista telefônica. Entramos em contato com elas, mas nenhuma tinha a menor ideia do que estávamos falando. Tentei averiguar no Sistema Nacional de Identificação, mas, só com o sobrenome, não consegui muita coisa. A verdade é que não temos a menor ideia de quem seja esse cara. Nem sabemos se é homem ou mulher. E tampouco temos certeza de que Sean teve mesmo esse encontro. Não achamos ninguém no Stanley que o tenha visto lá.

— Por que ele foi se encontrar com um desconhecido sem nada dizer a você nem deixar registro algum? Por que foi sozinho?

— Sei lá. Recebemos tantos telefonemas de desconhecidos querendo dar informações sobre o caso que, se fôssemos anotar cada um deles, não faríamos outra coisa. Talvez seu irmão só soubesse que alguém tinha algo a lhe contar. Ele estava tão obcecado por essa história que teria ido atrás de qualquer um que lhe promettesse uma informação. Vou lhe contar um segredo. Uma coisa que não consta nos relatórios porque seu irmão não queria que o pessoal o chamasse de louco. Sean chegou até mesmo a se encontrar com o médium, o tal parapsicólogo que mencionam aí.

— E o que descobriu?

— Nada. Só umas bobagens sobre o assassino, que ainda está à solta, que tem intenção de matar outra vez. Quer dizer, foi como... olhe, eu não estou brincando, foi só mais um palpite absurdo. Em todo caso, preferi não colocar a história do vidente no relatório. Também não quero que pensem que Mac estava pirado.

Nem me dei ao trabalho de comentar a burrice do que ele acabava de dizer. Meu irmão tinha estourado os miolos e Wexler estava preocupado com o dano que sua imagem poderia sofrer se soubessem que ele consultara um místico.

— Isso fica entre nós — preferi dizer. Houve um silêncio. — Mas, sinceramente, Wex, qual é a sua teoria sobre o que aconteceu aquele dia?

— Minha teoria? Minha teoria é simples: ele esteve lá e a pessoa do telefonema não apareceu. Era mais um beco sem saída e foi também a gota d'água. Então, Sean foi para o lago e fez o que fez... Você pretende escrever uma matéria sobre isso?

— Não sei. Acho que sim.

— Olhe, não sei como me expressar, mas vou lhe dizer uma coisa. Ele era seu irmão, mas era meu amigo. Pode ser que eu o conhecesse melhor que você. Deixe isso de lado. Esqueça essa merda.

Eu respondi que iria pensar, mas foi só para tranquilizá-lo. Já tinha decidido. Despedi-me, consultando o relógio para ver se ainda tinha tempo de chegar ao Parque Estes antes do anoitecer.

6

Só consegui chegar ao estacionamento do lago Bear depois das cinco. E percebi que o lugar estava exatamente como meu irmão o encontrara: deserto. O lago continuava congelado e a temperatura ambiente caía rapidamente. O céu já ganhara tons avermelhados e em breve escureceria. Não era o horário mais atraente para visitantes ou turistas.

Ao entrar no estacionamento, pensei no porquê de meu irmão ter escolhido justamente aquele lugar. Pelo que eu sabia, nada havia ali que se relacionasse com o caso Theresa Lofton. Mas estava começando a desconfiar do motivo. Parei o carro no mesmo lugar em que ele havia estacionado e fiquei pensando.

Vendo a luz acesa no guichê de informações da guarda-florestal, resolvi descer e ver se Pena, a testemunha, estava de plantão. Antes, porém, ocorreu-me outra ideia. Passei para o banco do lado direito do Tempo. Respirei fundo, abri a porta e saí correndo em direção à mata. Enquanto corria, ia contando em voz alta, aos milhares. Já estava em onze mil quando alcancei o monte de neve acumulado no limite do bosque. Sem botas, com os pés afundados na neve, eu curvei o corpo e apoiei as mãos nos joelhos para tomar fôlego. De fato, o assassino não podia ter encontrado um esconderijo se Pena realmente tivesse saído do guichê tão depressa quanto afirmara. Por fim, já com a respiração no ritmo normal, eu me dirigi ao posto da guarda-florestal, pensando no modo como me apresentaria. Como repórter ou como irmão?

Era Pena que se encontrava lá. Vi o crachá em seu uniforme. Estava trancando a gaveta da escrivaninha quando olhei pela janela. Era hora de encerrar o expediente.

— Deseja alguma coisa, senhor? Estou fechando.

— Sim, eu gostaria de lhe fazer umas perguntas.

Ele se aproximou olhando-me com desconfiança. Obviamente, eu não estava vestido como quem tivesse saído de casa disposto a caminhar na neve. Trajava jeans, uma camisa de veludo cotelê por baixo de um suéter de lã grossa e calçava tênis Reebok. Tinha deixado a japonsa no carro e estava começando a congelar.

— Meu nome é Jack McEvoy.

Esperei alguns instantes para ver se ele se lembrava. Nada. Provavelmente, havia lido o nome apenas nos relatórios que tivera de assinar ou quem sabe nos jornais. E a pronúncia era muito diferente da grafia.

— Meu irmão... o cara que você encontrou morto há algumas semanas.

Apontei para o estacionamento.

— Ah! — exclamou ele, compreendendo. — No carro. O policial.

— É, eu passei o dia no Departamento de Polícia examinando os relatórios, o material da investigação. Vim só dar uma olhada no lugar. É duro, você sabe... é difícil aceitar. — O guarda balançou a cabeça, tentando dissimular a rápida consulta que fez ao relógio. — Só queria fazer umas perguntas, coisa rápida. Você estava aí dentro quando ouviu o tiro?

Falei depressa, sem lhe dar chance de me interromper.

— Sim — ele respondeu. Parecia indeciso, mas prosseguiu: — Eu ia fechar, como hoje, já estava prestes a ir embora, sabe? Foi quando ouvi. É o tipo do barulho que a gente sabe identificar. Sei lá por quê. Cheguei até a pensar que fosse um caçador de veados. Então, corri para fora e o primeiro lugar para onde olhei foi o estacionamento. O carro dele estava lá. Eu o vi lá dentro. Os vidros estavam embaçados, mas consegui enxergá-lo. Ao volante. E como ele estava tombado para trás, não foi difícil perceber o que tinha acontecido... Lamento muito o que aconteceu ao seu irmão.

Eu balancei a cabeça e examinei o posto. Era um escritório pequeno, com uma sala de depósito anexa. Percebi que cinco segundos era uma estimativa longa demais entre o ato de Pena ouvir o tiro e o de olhar para o estacionamento.

— Ele não teve tempo de sofrer — comentou o guarda-florestal.

— O quê?

— Se é o que está querendo saber. Não deve ter sofrido muito. Quando cheguei ao carro, ele já estava morto. Foi instantâneo.

— O relatório da polícia diz que você não teve contato com ele. As portas do carro estavam trancadas.

— É, eu tentei abrir. Mas percebi que já estava morto. Então vim para cá telefonar.

— Quanto tempo acha que ele ficou ali antes de atirar?

— Não sei. Como disse à polícia, eu não tinha visão do estacionamento. Estava no escritório, tenho um aquecedor aí dentro, sabe... hã, acho que fiquei pelo menos meia hora sem sair... até escutar o tiro. É o tempo que ele deve ter ficado estacionado ali. Pensando, imagino.

Concordei.

— Você não o viu caminhando perto do lago? Quer dizer, antes do tiro?

— No lago? Não. Não havia ninguém lá.

Continuei parado diante dele, pensando no que perguntar.

— Descobriram por que ele se matou? — quis saber Pena. Afinal, também era da polícia.

Eu sacudi a cabeça. Não queria comentar o assunto com um estranho. Agradei e fui para o estacionamento, enquanto ele trancava a porta do posto. O Tempo era o único carro parado no pátio de onde o trator havia removido a neve. Lembrando-me de uma coisa, eu retornei.

— Com que frequência o trator vem retirar a neve?

Pena se afastou da porta.

— Sempre que acaba de nevar.

Eu fiz que sim e continuei perguntando:

— Onde você deixa o seu carro?

— Temos uma área de depósito de equipamento na estrada, é logo ali, a uns oitocentos metros. De manhã eu deixo o carro lá e venho a pé pela trilha. No fim da tarde volto pelo mesmo caminho.

— Quer uma carona?

— Não, obrigado. Chego lá em um minuto.

Fiz todo o trajeto de volta até Boulder pensando na última vez em que eu estivera no lago Bear. Era inverno também. Mas o lago não estava congelado, não totalmente. E quando voltei para casa aquela vez, estava me sentindo tão frio e só como agora. E igualmente culpado.

* * *

Riley parecia ter envelhecido uns dez anos desde a última vez em que eu a vi no dia do enterro. Mas o que realmente me assombrou quando ela abriu a porta foi perceber o que até então não havia percebido. Theresa Lofton era uma réplica perfeita de Riley McEvoy aos dezenove anos. Perguntei aos meus botões se Scalari ou algum outro investigador não se havia impressionado com a semelhança.

Convidou-me a entrar. Ela sabia que sua aparência era péssima. Ao abrir a porta, levou inconscientemente a mão ao rosto tentando escondê-lo. E forçou um sorriso. Fomos à cozinha, ela me ofereceu um café, mas eu disse que não iria me demorar. Sentei-me à mesa. Apesar da ausência de Sean, tudo parecia exatamente igual.

— Vim porque precisava lhe contar que estou escrevendo uma matéria sobre Sean.

Ela ficou em silêncio, evitando olhar para mim durante um longo tempo. Depois se levantou e começou a esvaziar a máquina de lavar pratos. Eu esperei.

— Você precisa fazer isso? — perguntou finalmente.

— Sim... acho que sim.

Ela se calou novamente.

— Vou telefonar para o psicólogo, o doutor Dorschner. Não sei se ele vai concordar em falar comigo, mas, como Sean não está mais aqui, não vejo por que não. Mas, decerto, vai lhe telefonar pedindo autorização...

— Não se preocupe, Jack, eu não vou atrapalhar seus planos.

Agradei com um gesto, mas notei a irritação em sua voz.

— Estive com os tiras hoje, depois fui ao lago.

— Não quero tocar nesse assunto, Jack. Se precisa fazer a matéria, o problema é seu. Faça o que achar melhor. Mas eu prefiro

não falar mais nisso. E também não vou ler o que você escrever. Prefiro fazer as coisas a meu modo.

Fiz novamente que sim e disse:

— Compreendo. Mas eu preciso lhe fazer uma pergunta. Depois, você pode ficar fora disso.

— Ficar fora disso? — disse ela com raiva. — Eu bem que gostaria. Mas acontece que já estou dentro. E vou ficar pelo resto da vida. Você quer escrever? Acha que é assim que vai se livrar? E eu, Jack, o que é que *eu* posso fazer? — Baixei a cabeça. Queria ir embora, mas não sabia como sair. A dor e a raiva que Riley irradiava eram sufocantes. — Você está querendo saber da garota, não? — ela perguntou, tentando mostrar-se mais calma. — Pelo menos foi a única coisa que interessou aos investigadores.

— É. Sabe me dizer por que ela...?

Eu não sabia como formular a pergunta.

— Quer saber por que essa história fez com que Sean acabasse abrindo mão de tudo quanto tinha na vida? Não sei, Jack. A única resposta que posso dar é esta: eu não sei. E nunca vou saber.

Seus olhos se encheram de lágrimas e ódio novamente. Era como se seu marido a tivesse abandonado por causa de outra mulher. E ali estava eu, o irmão dele, o mesmo sangue, a criatura mais próxima de Sean que existia para ela. Não admirava que estivesse descarregando em mim toda a dor e a raiva.

— Ele não comentava o caso com você? — perguntei.

— Nunca entrou em detalhes. De vez em quando ele falava no trabalho. Esse caso não parecia diferente dos outros, a não ser pelo que fizeram com a moça. Ele me contou o que o assassino fez com ela. Contou-me como foi duro vê-la naquele estado. Quer dizer, depois. Eu percebi quanto ele estava incomodado, mas muita coisa incomodava Sean. Eram muitos casos. E ele não queria que ninguém ficasse impune. Sempre repetia isso.

— Mas dessa vez ele acabou indo procurar um médico.

— Estava tendo pesadelos e eu o obriguei a ir. Insisti em que procurasse ajuda.

— Como eram esses pesadelos?

— Ele sonhava que estava lá. Assistindo a tudo. Estava lá, mas não conseguia fazer nada para evitar que acontecesse.

Aquele comentário me fez lembrar de outra morte ocorrida havia muito tempo. Sarah. Caindo no gelo. Lembrei-me da sensação de impotência, assistindo a tudo e incapaz de fazer alguma coisa. Olhei para Riley.

— Você sabe por que Sean foi até o lago?

— Não.

— Será que foi por causa de Sarah?

— Já disse que não sei.

— Aconteceu antes de você nos conhecer. Mas foi lá que ela morreu. Num acidente...

— Eu sei, Jack. Mas não compreendo por que você está falando nisso agora.

— Eu também não. É mais uma das minhas ideias confusas, não consigo me livrar dela.

* * *

Ao retornar a Denver, resolvi passar pelo cemitério. Não sei bem por quê. Estava escuro e já havia nevado duas vezes depois do enterro, o que me fez tardar mais de quinze minutos para encontrar o lugar onde Sean estava sepultado. O túmulo continuava sem a lápide. Só o encontrei por causa da sepultura vizinha. A de minha irmã.

No de Sean havia uma porção de vasos com flores congeladas e, fincada na neve, uma tabuleta de plástico com seu nome. O túmulo de Sarah estava sem flores. Olhei algum tempo para o lugar onde haviam sepultado meu irmão. A noite era clara, o luar me permitia enxergar. Minha respiração se condensava no ar.

— Que aconteceu, Sean? — perguntei em voz alta. — Que foi que aconteceu com você?

Percebendo o que acabava de fazer, olhei a minha volta. Eu estava completamente só no cemitério. Era a única alma viva. Lembrei-me do que Riley havia dito: Sean não queria que ninguém ficasse impune. E pensei no pouco que isso me importava desde que rendesse uma boa coluna. Como era possível que nos tivéssemos

distanciado tanto? Meu irmão e eu. Meu irmão gêmeo. Eu não sabia. Só sabia que aquilo me afligia. Como se tivessem enterrado a pessoa errada.

Lembrei-me do que Wexler me dissera na noite em que me procurara para avisar que meu irmão tinha se matado. Que Sean finalmente sucumbira à merda que saía do esgoto. Eu ainda não conseguia acreditar. Mas precisava. Precisava acreditar em alguma coisa. Pensei em Riley e na fotografia de Theresa Lofton. Pensei na imagem de Sarah morrendo no gelo. E concluí que o assassinato daquela garota havia mergulhado meu irmão na mais profunda desesperança. Que os olhos azuis de cristal daquela moça partida ao meio o tinham descompensado. E já que não podia contar com o irmão, ele preferira voltar-se para a irmã. Ir ao seu encontro.

Saí do cemitério sem olhar para trás.

Gladden se encostou na grade do lado oposto ao da moça que recolhia os ingressos. Ali, não seria visto. Mas, quando o carrossel começasse a girar, poderia observar tranquilamente as crianças. Passou a mão nos cabelos tingidos de loiro e olhou ao seu redor. Estava convencido de que seria tomado por um pai à espera do filho.

O carrossel começou a rodar. Com muito esforço, o órgão iniciou uma música que Gladden não foi capaz de identificar, e os cavaleiros iniciaram seu galope no sentido anti-horário. Embora soubesse que a maioria dos pais costumava acompanhar os filhos, ele nunca subia no carrossel. Achava arriscado demais.

Reparou na menininha assustada, de uns cinco anos, que ia agarrada ao cavalo preto. Estava curvada para a frente, abraçada ao poste listrado que sustentava o brinquedo. Uma das pernas de seu pequeno short rosado havia subido, expondo-lhe totalmente a coxa, a pele cor de café. Gladden tirou a câmera da bolsa. Regulando o obturador para congelar a imagem, enquadrou o carrossel em movimento. Ajustou o foco e ficou esperando que a criança aparecesse no visor. Foram necessárias duas voltas do carrossel para que conseguisse fotografá-la, só então ele abaixou a câmera. Olhou a sua volta para se assegurar de que não chamara a atenção de ninguém, mas deu com um homem encostado na grade, uns seis metros a sua direita. Não o havia notado até então. E, o que era mais alarmante, o cara estava de blusão e gravata. Ou era pervertido ou tira. Gladden achou melhor afastar-se.

No píer, o sol estava muito forte, cegava. Tendo guardado a câmara na sacola de lona, Gladden pôs os óculos de sol espelhados. Decidiu refugiar-se num lugar onde houvesse bastante gente. Seria mais fácil despistar o sujeito, se necessário. Caso estivesse mesmo sendo seguido. Avançou com passos decididos, simulando calma. Depois, deteve-se e se encostou no parapeito como que para tomar sol. Ergueu o rosto para o céu, mas, por trás dos óculos, percorreu com os olhos o setor do parque de onde acabava de sair.

No primeiro momento tudo pareceu normal. O homem de blusão e gravata havia desaparecido. Mas não tardou para que Gladden o avistasse na área dos videogames, o blusão no braço, de óculos escuros também, caminhando devagar em sua direção.

— Puta merda! — Gladden exclamou em voz alta.

Uma mulher que estava com um garotinho, num banco próximo, voltou-se com ar indignado.

— Desculpe — balbuciou ele.

E deu meia-volta a fim de olhar para o outro lado do parque. Tinha de pensar depressa. Sabia que os tiras costumavam trabalhar em dupla. Mas onde estaria o outro? Em menos de trinta segundos Gladden a divisou na multidão. Uma mulher a aproximadamente trinta metros do homem de gravata, usando calça comprida e camiseta polo. Não era do tipo convencional como seu parceiro. Passaria despercebida não fosse o walkie-talkie preso à cintura. Gladden notou que ela procurava ocultá-lo. Viu-a dar as costas para falar ao aparelho.

Decerto estava solicitando reforço. Era isso! Ele precisava manter a calma e encontrar uma saída. O homem de gravata estava a uns quinze metros agora. Gladden se afastou do parapeito e, com passos lentos, tomou o rumo oposto. Fez exatamente o mesmo que a policial: usando o corpo como anteparo, puxou a bolsa para a frente. Abriu-a e apalpou a câmara. Sem tirá-la da bolsa, apertou o botão APAGAR. Não havia muita coisa no filme. A garotinha do carrossel e algumas crianças no balneário. Não seria uma perda irreparável.

Feito isso, ele seguiu seu caminho. Tirou da sacola o maço de cigarros e, usando o corpo para bloquear o vento, acendeu um. Deu uma tragada e, erguendo os olhos, viu que os dois tiras se

aproximavam. Certamente estavam convencidos de que o haviam encurralado. Gladden dirigia-se para a extremidade do píer. A mulher se acercara do homem, eles estavam conversando. Talvez decidindo se era melhor esperar a chegada de reforço, ele imaginou.

Gladden se dirigiu rapidamente para o setor da barraca de pesca, em frente à administração do parque. Conhecia bem a planta do lugar. Naquela mesma semana, em duas ocasiões, seguira crianças que, ao saírem do carrossel acompanhadas dos pais, tinham ido para aquele lado. Sabia que perto da barraca de pesca havia uma escada de acesso ao mirante.

Dobrando uma esquina e escapando da vista dos policiais, ele subiu a escada correndo. Olhou para baixo e examinou o píer em frente às lojas. No andar inferior, os dois começaram a discutir novamente. Então, o homem se pôs a correr na direção tomada por Gladden, deixando a mulher para trás. Ele não teria chance de escapar. Uma pergunta lhe ocorreu subitamente. Como a polícia ficara sabendo? Um tira engravatado não aparece no parque por acaso. Se estavam ali, era porque tinham um propósito. Ele! Mas como ficaram sabendo?

Deixando de lado essas interrogações, Gladden tratou de pensar na situação presente. Precisava achar uma saída. Em breve, o homem perceberia que ele não se encontrava entre os pescadores aglomerados na extremidade do píer e subiria ao mirante a sua procura. Foi quando reparou numa lata de lixo junto à cerca de madeira. Correu até lá e a examinou. Estava quase vazia. Colocando a bolsa de lona no chão, ergueu a lata acima da cabeça e se aproximou novamente da cerca. Então, arremessou-a com força; viu-a atingir a cabeça de dois pescadores e cair ruidosamente no mar, espalhando água em todos os lados. Um garoto gritou.

— Ei!

— Homem ao mar! — gritou Gladden. — Homem ao mar!

Apanhando a mochila, saiu correndo na direção oposta. Procurou a mulher no píer. Ela continuava lá embaixo e parecia ter ouvido claramente o ruído do latão caindo na água e o grito de Gladden. Um grupo de crianças atraídas pela confusão e a gritaria correu para o estande de pesca. Depois de hesitar um pouco, a policial

contornou o canto do prédio e seguiu o grupo de crianças. Gladden pendurou a mochila no pescoço, subiu na cerca de madeira e pulou. Já no píer, correu em direção à terra.

Estava a meio caminho quando deparou dois policiais que se aproximavam de bicicleta. Trajavam bermuda e camiseta polo azul. Ridículos. Gladden os tinha visto no dia anterior, e achara curioso que, mesmo vestidos daquela maneira, se considerassem policiais. Indo ao seu encontro, ergueu os braços para que parassem.

— Vocês são do reforço? — gritou. — Eles estão no final do píer. O suspeito caiu no mar. Pulou na água. Os policiais estão precisando de ajuda e de um barco. Pediram-me para avisá-los.

— Vamos! — disse um dos guardas ao companheiro.

E saiu pedalando, enquanto o outro tratava de alertar a guarda-costeira pelo rádio.

Gladden acenou agradecido e seguiu seu caminho. Instantes depois, olhou para trás e, vendo que o segundo policial já estava pedalando rumo à extremidade do píer, voltou a correr.

Ao chegar à avenida Ocean, à beira-mar, virou-se para observar o tumulto. Acendeu outro cigarro e tirou os óculos escuros. Os caras são tão idiotas, pensou. Não merecem coisa melhor. Atravessou a avenida e foi pelo calçadão da rua Três, onde certamente teria como se esconder em meio à multidão que fazia compras e lotava a praça de alimentação. A polícia que se foda, pensou. Tiveram uma chance e a deixaram escapar. Foi isso que fizeram.

Já no calçadão, tomou o corredor de acesso a uma galeria de restaurantes e lanchonetes. A correria lhe abriu o apetite, de modo que ele decidiu entrar numa lanchonete e pedir um pedaço de pizza e um refrigerante. Enquanto esperava que a garçonete esquentasse a pizza no forno, lembrou-se da menina do carrossel e lamentou haver inutilizado o filme. Mas como podia saber que escaparia tão facilmente?

— Eu devia ter imaginado — queixou-se, furioso. E olhou a sua volta para se certificar de que não chamara a atenção da garçonete do outro lado do balcão. Observou-a um momento, mas não se interessou por ela. Era velha demais, tinha idade para ser sua mãe.

Sem notar que estava sendo observada, a moça tirou do forno o pedaço de pizza sem a ajuda da espátula e a colocou no prato. Depois de lambe a ponta dos dedos, foi servi-lo. Gladden empurrou o prato com nojo. Detestava que outra pessoa tocasse em sua comida.

Ficou pensando no tempo que teria de esperar até poder voltar à praia e pegar o carro. Felizmente deixara-o num estacionamento 24 horas. Por precaução. O importante era que os tiras não descobrissem onde se encontrava. Se chegassem até o veículo, abririam o porta-malas e achariam seu computador. E, neste caso, Gladden estaria perdido, não o deixariam escapar novamente.

Quanto mais pensava no incidente com os tiras, mais enfurecido ficava. O carrossel estava definitivamente perdido. Ele já não poderia voltar. Pelo menos durante algum tempo. Precisava avisar os outros pela rede.

No entanto, ainda não conseguia entender como aquilo pudera acontecer. Avaliou inúmeras possibilidades, chegando até a considerar que alguém da própria rede o tivesse denunciado; de repente, porém, lembrou-se da bilheteira. Com certeza fora ela quem dera parte na polícia. Era a única pessoa que o tinha visto lá todos os dias.

Fechando os olhos, inclinou a cabeça para trás e a encostou na parede. Imaginou-se no carrossel, indo ao encontro da bilheteira. Levaria uma faca. Haveria de ensiná-la a não se intrometer na vida alheia. Por acaso ela achava que podia simplesmente...

Foi nesse instante que Gladden teve a percepção de que se haviam aproximado, de que estavam olhando fixamente para ele.

Abriu os olhos. Os dois tiras do píer encontravam-se a sua frente. Muito suado, o homem fez um sinal com o dedo para que ele se levantasse.

— De pé, filho da puta!

Os tiras não o informaram de nada durante o trajeto. Tomaram-lhe a mochila, revistaram-no, algemaram-no e disseram que ele estava detido, mas se recusaram a contar por quê. Tiraram-lhe os cigarros

e a carteira. Mas a única coisa que o preocupava era a câmera. Felizmente, não trouxera os livros dessa vez.

Gladden tentou se lembrar do que levava na carteira. Nada de importante, concluiu. A carta de habilitação do Alabama o identificava como Harold Brisbane. Ele a obtivera através da rede. Tinha outro documento no carro e, em breve, assim que se visse livre da condicional, diria adeus a Harold Brisbane.

Os tiras não haviam encontrado as chaves do carro. Ele as havia escondido no eixo da roda. Estava preparado para qualquer eventualidade. O mais importante era mantê-los longe do computador. Gladden sabia, por experiência própria, que era preciso estar precavido, contar sempre com um plano alternativo para um caso de emergência. Era o que lhe havia ensinado Horace. Gladden aprendera muita coisa nas noites que passaram juntos.

Na sede do Departamento de Polícia de Santa Monica, sem nenhum esclarecimento, ele foi levado diretamente à sala de interrogatórios. Depois de o obrigarem a sentar-se numa cadeira de metal, soltaram uma das algemas, mas a prenderam novamente numa argola no centro da mesa. Então, os investigadores saíram da sala e o deixaram sozinho durante mais de uma hora.

A sua frente havia uma janela de vidro espelhado; Gladden compreendeu de imediato que se encontrava numa sala de reconhecimento. Só não podia saber quem estava do outro lado do espelho. Como era possível que o tivessem seguido de Phoenix ou Denver ou de qualquer outro lugar?

Houve um momento em que julgou ouvir vozes atrás do vidro. Estavam lá, a observá-lo, examinando-lhe o rosto, cochichando. Fechando os olhos, Gladden baixou a cabeça e comprimiu o queixo no peito para que não o pudessem ver. Depois, levantando a cabeça repentinamente e esboçando um sorriso de louco, berrou:

— Você ainda vai se arrepender, filha da puta!

Aquilo havia de dar um jeito em quem estivesse do outro lado colaborando com os tiras, pensou. Aquela bilheteira escrota, lembrou-se. E tornou a mergulhar em seu delírio de vingança.

Cerca de uma hora e meia depois, ele se sobressaltou ao ver entrarem os mesmos policiais que o haviam prendido. Sentaram-se os dois, a mulher a sua frente, o homem a sua esquerda. Ela pôs na mesa um gravador e a bolsa de lona que lhe haviam confiscado. Esses caras não podem provar nada, Gladden repetia consigo mesmo como num mantra. Daria o fora dali antes do pôr do sol.

— Desculpe-nos por tê-lo feito esperar — disse a mulher com cordialidade.

— Não há de quê — respondeu ele. — Posso pegar um cigarro?

Gladden apontou com o queixo para a sacola. A verdade era que não estava interessado no cigarro, apenas queria verificar se a câmara ainda estava ali. Não se podia confiar na polícia, ele sabia; não tinha sido necessário que Horace lhe ensinasse. Sem lhe dar resposta, a mulher ligou o gravador. A seguir, identificou-se como investigadora Constance Delpy e a seu parceiro como investigador Ron Sweetzer. Ambos da Corregedoria de Menores.

Gladden se surpreendeu ao constatar que era ela quem estava no comando da investigação, muito embora parecesse uns cinco anos mais jovem que o tira, talvez mais. Era loira, tinha os cabelos bem curtos. E devia estar uns quinze quilos acima de seu peso normal, quase todos concentrados nos quadris e nos braços. Devia praticar halterofilismo, ele pensou. E o mais provável era que fosse lésbica. Ele sabia identificar aqueles tipos. Tinha uma espécie de sexto sentido para a coisa.

Sweetzer tinha expressão de desânimo e parecia lacônico. Já havia perdido quase todos os cabelos, só lhe restava um tufo ralo no centro da cabeça, que pendia sobre a testa. Gladden achou melhor concentrar-se exclusivamente em Delpy. Era ela quem dava as ordens.

A policial tirou um papel do bolso e leu em voz alta os seus direitos constitucionais.

— Para que isso? — perguntou ele quando ela terminou. — Eu não fiz nada errado.

— Está ciente de seus direitos?

— Não estou entendendo por que me trouxeram para cá.

— Senhor Brisbane, o senhor está cien...?

— Estou.

— Ótimo. A propósito, sua carteira de habilitação foi expedida no Estado do Alabama. Que está fazendo aqui?

— Trabalhando. E quero falar com o meu advogado. Não vou responder a mais nenhuma pergunta. Conforme acabo de lhe dizer, estou perfeitamente ciente dos meus direitos.

Gladden sabia muito bem que o que eles queriam era descobrir seu endereço na cidade e o paradeiro de seu carro. Não tinham prova alguma contra ele. Mas o fato de haver tentado fugir provavelmente era suficiente para que o juiz expedisse um mandado de busca, caso descobrissem seu endereço. E ele não podia deixar de modo algum que encontrassem o carro.

— O senhor vai poder entrar em contato com o seu advogado daqui a alguns minutos — disse Delpy. — Mas antes, nós gostaríamos de lhe dar uma oportunidade de esclarecer esse mal-entendido, talvez assim possa ir embora sem precisar gastar dinheiro.

Ela abriu a bolsa de lona e colocou na mesa a câmera e um saco de balas Starburst, as preferidas das crianças.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Está na cara, não?

Delpy segurou a câmera e observou-a como se nunca tivesse visto nada igual.

— Para que serve?

— Para tirar fotografias.

— De crianças?

— Quero falar com o meu advogado imediatamente.

— E essas balas? Que pretende fazer com elas? O senhor costuma dar isso às crianças?

— Eu *quero* falar com o meu advogado.

— O seu advogado que se foda! — encolerizou-se Sweetzer. — Nós o pegamos, Brisbane. Estava fotografando crianças no balneário. Crianças nuas. Você é nojento.

Gladden pigarreou e se dirigiu a Delpy com espanto:

— Não estou entendendo nada. Mas quero fazer uma pergunta. Quero saber que crime há nisso. Compreende? Não estou admitindo

ter feito qualquer coisa errada, porém, mesmo supondo que sim, não vejo nada de ilegal em fotografar crianças. — Sacudiu a cabeça, mostrando-se confuso. Delpy também sacudiu a cabeça com ar enojado. — Investigadora, eu garanto que existem muitos precedentes legais que sustentam que observar a nudez de uma criança pequena na praia, cuja mãe está trocando sua roupa, não pode ser considerado um ato libidinoso. Portanto, se o fotógrafo que tirou tal fotografia cometeu um crime, vocês têm a obrigação de acusar a mãe, que lhe deu semelhante oportunidade. Mas vocês devem saber disso melhor do que eu. Tenho certeza de que um de vocês estava consultando o promotor municipal há poucos minutos.

Sweetzer se debruçou na mesa, aproximando mais o rosto. Gladden sentiu seu hálito de cigarro e cebola. Chegou a imaginar que Sweetzer tivesse comido cebola de propósito, só para tornar seu bafo insuportável durante o interrogatório.

— Olhe aqui, seu filho da puta. Você sabe muito bem onde está e por quê. Já trabalhei em casos de estupro, de homicídio, de tudo... mas gente como você é o que há de mais desprezível na face da Terra. Não está querendo conversar? Tudo bem, não tem problema. Nós vamos mandá-lo para a cadeia de Biscailuz, vai passar a noite lá. Você deve saber que tipos ficam presos em Biscailuz. Vou ser mais claro. Você é capaz de imaginar o que acontece com um cara que vai parar lá acusado de pedofilia?

Gladden se voltou devagar e olhou calmamente para Sweetzer. Era a primeira vez que o fazia.

— Investigador, eu não tenho certeza, mas acho que o seu bafo de onça já é uma intimidação mais do que cruel e arbitrária. Se acaso eu chegar a ser condenado por tirar fotografias na praia, vou denunciá-lo ao juiz.

Sweetzer ergueu o braço com violência, como se fosse agredi-lo.

— Ron!

O investigador franziu a testa, olhou para Delpy e baixou lentamente os punhos. Gladden não chegou nem sequer a piscar ante a ameaça. Teria recebido o soco com satisfação. Sabia que isso lhe traria vantagens no tribunal.

— Muito esperto — resmungou Sweetzer. — Quer dizer que prendemos um advogadozinho de porta de cadeia que pensa que sabe tudo? Que graça! Pois saiba que esta noite você vai sentir o bafo de muita gente. Na nuca. Será que entende?

— Posso falar com o meu advogado agora? — perguntou Gladden com ar entediado.

Sabia perfeitamente o que os policiais estavam tentando. Não tinham provas contra ele e queriam fazê-lo cair em contradição. Mas ele não tinha a menor intenção de colaborar, era muito mais inteligente do que qualquer tira. Coisa que eles já deviam ter percebido.

— Escutem, eu não vou passar a noite em Biscailuz e vocês sabem disso. Qual é a acusação? Apreenderam a minha câmera e, se é que se deram ao trabalho de examiná-la, já viram que não tem nada. Nenhuma fotografia. Por enquanto, vocês só contam com o testemunho de uma bilheteira ou de um salva-vidas, sei lá, que afirma ter-me visto tirando fotos. Mas não podem provar. E, se me trouxeram para esta sala com espelho para que me reconheçam, sabem que isso também não prova nada. Mesmo porque esta seção de reconhecimento não foi de modo algum imparcial.

Os investigadores continuaram em silêncio. Agora a iniciativa era toda dele.

— Afinal de contas, a única coisa que há atrás desse espelho é alguém testemunhando um crime que não existiu. Com que argumento querem me prender? Eu não sei. Talvez você possa me explicar, investigador Sweetzer. Se o esforço não for demasiado para o seu QI, é claro.

Sweetzer se levantou precipitadamente, jogando a cadeira na parede. Delpy o deteve, fisicamente dessa vez.

— Calma, Ron! Sente-se aí. Fique sentado.

O investigador obedeceu. Ela então encarou Gladden.

— Se vocês pretendem continuar com esta palhaçada, terei de telefonar. Onde fica o telefone, por favor?

— Você vai telefonar. Assim que terminarmos de registrar a ocorrência. Mas pode esquecer os cigarros. É proibido fumar aqui. Nós nos preocupamos muito com a saúde dos presos.

— Que ocorrência? Vocês não podem me prender.

— Depredação de propriedade pública, poluição das águas e resistência à prisão.

Gladden ergueu as sobrancelhas. Ela riu.

— Parece que você se esqueceu desse detalhe — disse Delpy. — Estou me referindo ao lixo que jogou na baía de Santa Monica.

Triunfante, a investigadora balançou a cabeça e desligou o gravador.

Já na cela, Gladden foi autorizado a telefonar para o advogado. Ao levar o fone ao ouvido sentiu na mão o cheiro da pasta que lhe deram para limpar a tinta dos dedos, coisa que o fez pensar que precisava sair dali antes que as digitais entrassem na sistema nacional de computadores. Sabia de cor o número do advogado, tomara essa providência na mesma noite em que havia decidido atuar no litoral. Encontrara o nome de Krasner na rede.

Em princípio a secretária tentou dispensá-lo, mas Gladden insistiu referindo-se ao nome do sr. Pederson, sugerido pela rede.

— Pois não. Aqui é Arthur Krasner, quem está falando?

— Doutor Krasner, meu nome é Harold Brisbane e estou com um problema.

Gladden descreveu em detalhes o que havia acontecido. Falou em voz baixa porque não se achava só. Outros dois homens estavam aguardando na mesma cela a transferência para a cadeia distrital de Biscailuz. Um deles adormecera no chão. O outro, atento a tudo que Gladden dizia, já que não tinha com que se entreter, estava no outro lado da cela. Gladden imaginou que talvez o tivessem “plantado” ali, um tira fazendo-se passar por detento a fim de ouvir sua conversa com o advogado.

Cuidadoso, ele não deixou escapar nenhuma informação, a não ser seu nome. Até então Krasner o ouvira em silêncio.

— Que barulho é esse? — perguntou finalmente o advogado.

— Um cara dormindo aqui no chão. Está roncando.

— Harold, você não pode ficar aí com essa gente — lamentou o advogado num tom complacente que o desagradou. — Precisamos

fazer alguma coisa.

— É por isso que estou telefonando.

— Meus honorários para defendê-lo hoje e amanhã são de mil dólares. Estou lhe dando um desconto. Costumo dispensar atenção especial aos clientes indicados pelo... senhor Pederson. Se for preciso que eu continue cuidando do caso, discutiremos o preço depois. Acha que vai ter problemas para levantar o dinheiro?

— Não. Acho que não.

— E a fiança? Além dos meus honorários, precisa pagar a fiança. Parece que você não tem o que oferecer como garantia. Um fiador vai cobrar dez por cento do valor estipulado pelo juiz. É a remuneração dele. Não será devolvida.

— Esqueça a garantia. Depois de pagar os seus honorários exorbitantes, acho que ainda posso dispor de mais cinco. Pelo menos de imediato. Posso levantar uma quantia maior, mas demoraria um pouco. Preciso sair daqui o mais depressa possível.

Krasner não fez caso dos comentários sobre os honorários.

— Você disse cinco mil dólares? — certificou-se.

— Claro. Cinco mil dólares. Acha que dá?

Gladden imaginou que Krasner estivesse começando a pensar em lhe oferecer um desconto maior.

— Ok, isso significa que você pode encarar uma fiança de cinquenta mil. Já é um começo. Por enquanto a detenção é por crime grave. Mas a resistência à prisão e a poluição são acusações questionáveis, quer dizer, podem ser arquivadas como contravenção ou delito leve. Tenho certeza de que não levarão isso adiante. É uma sacanagem que os tiras estão querendo armar. Só precisamos levá-lo ao tribunal e pagar a fiança.

— É.

— Acho cinquenta mil muito dinheiro, mas fica por conta da barganha que terei de fazer. Vou ver o que consigo. Você decerto não está querendo dar seu endereço à polícia.

— Claro que não. Aliás, estou precisando de outro.

— Então vai ficar em cinquenta mil mesmo. Pode deixar que eu me encarrego do endereço novo. Talvez as despesas aumentem um pouco por causa disso. Mas não muito. Eu lhe prom...

— Ótimo. Faça isso.

Gladden voltou-se para o homem sentado do outro lado da cela.

— E hoje? — perguntou calmamente. — Eu já lhe disse que os tiras estão querendo me sacanear.

— Acho que é só ameaça, mas...

— Falar é fácil...

— *Mas* não vamos arriscar. Escute bem, senhor Brisbane. Eu não tenho como tirá-lo daí hoje, mas vou dar uns telefonemas. Não vai lhe acontecer nada. Vou providenciar um colete K-9 para você.

— Que é isso?

— É uma situação protegida na prisão. Geralmente reservada para informantes ou casos "muito especiais". Vou telefonar para a cadeia e dizer que você é informante de uma investigação federal em Washington.

— Eles não vão checar?

— Claro que vão, mas não hoje. Não terão tempo. Vão colocá-lo num colete K-9, e amanhã, quando descobrirem tudo, será inútil: você estará no tribunal e, depois, se tudo der certo, em liberdade.

— Grande jogada, Krasner.

— É. Só não vou poder usá-la novamente, eu até devia aumentar um pouco meus honorários para compensar a perda.

— Ora, vá se foder. Olhe, vamos fazer um trato. Eu tenho acesso a seis no máximo. Você me tira daqui e o que sobrar, depois de pagar o agiota, é seu. É um estímulo.

— Combinado. Agora, outra coisa. Você também disse que há o problema das digitais. Eu preciso ter uma ideia disso. Não quero correr o risco de acabar fazendo uma declaração no tribunal que possa...

— Eu tenho uma história, se é o que você está perguntando. Mas acho melhor não falar nisso agora.

— Entendo.

— Quando vai ser a audiência?

— No fim da manhã. Daqui a pouco, depois que eu tiver telefonado para a cadeia, vou ver se consigo que o coloquem no primeiro ônibus para Santa Monica. É melhor ficar esperando no porão do tribunal do que em Biscailuz.

— Sei lá. É a primeira vez que estou aqui.

— Ah, senhor Brisbane, preciso voltar a falar nos honorários e na fiança. Tenho de estar com o dinheiro em mãos antes de ir para o tribunal amanhã. Você pode movimentar sua conta por telefone?

— Posso. Me dê o número da sua. O dinheiro vai estar creditado amanhã cedo. Vão me deixar fazer uma ligação interurbana com o K-9?

— Não. Você vai ter de telefonar para o meu escritório. Vou mandar Judy ficar esperando a chamada. Ela então fará sua ligação usando uma outra linha, uma ligação cruzada, sabe como é? Sem problemas. Não é a primeira vez que fazemos isso.

Krasner ditou o número da conta e Gladden recorreu à técnica que Horace Ihe havia ensinado para memorizá-lo.

— Doutor Krasner, você não perde nada se destruir os registros dessa transação e simplesmente creditar os honorários como pagos em dinheiro em sua conta bancária.

— Entendi. Mais alguma coisa?

— Sim. É melhor colocar alguma coisa na rede, conte aos outros o que aconteceu, mande-os ficar longe daquele carrossel.

— Pode deixar.

Ao desligar, Gladden apoiou as costas na parede e foi escorregando até sentar-se no chão. Evitou olhar para o homem a sua frente. Notou que o ronco tinha cessado e imaginou que o prisioneiro no chão talvez estivesse morto. Mas ele se mexeu. Durante um momento, Gladden pensou em estender a mão, e trocar o bracelete de plástico com ele. Acabaria sendo solto na manhã seguinte sem ter de pagar o advogado e a fiança de cinquenta mil dólares.

Mas era arriscado. O cara sentado do outro lado da cela podia ser um tira disfarçado; além disso, ele correria o risco de assumir a identidade de um criminoso reincidente. Nunca se sabe o que pode sair da cabeça de um juiz. Gladden decidiu arriscar com Krasner. Afinal, tinha obtido seu nome na rede. O advogado devia saber o que estava fazendo. Mesmo assim, os seis mil o incomodavam. Estava sendo extorquido pelo sistema judicial. Seis mil por quê? Que havia feito de errado?

Procurou um cigarro no bolso, mas lembrou que os haviam confiscado. O que lhe aumentou a raiva. E a autocomiseração. Por que estava sendo perseguido? Afinal, aqueles instintos e desejos não tinham sido escolha sua. Por que a sociedade não conseguia entender isso? Gladden desejou estar com o laptop. Tinha vontade de conversar com os caras da rede. Gente como ele. Sentia-se sozinho naquela cela. Seria até capaz de chorar se o homem não o estivesse observando. Mas como chorar na frente dele?

8

Tendo passado o dia às voltas com os arquivos, não dormi bem. Fiquei pensando nas fotografias. Primeiro nas de Theresa, depois nas de meu irmão. Ambos para sempre fixados em poses horrendas, ambos relegados ao esquecimento de um envelope de arquivo. Tive vontade de voltar lá, roubar as fotos e queimá-las. Não queria que mais ninguém os visse naquele estado.

De manhã, depois de preparar o café, liguei o computador e me comuniquei com o *Rocky* para ler as mensagens. Digitei minha senha e, enquanto esperava a conexão, comi alguns punhados de Cheerios diretamente da caixa. Eu costumava deixar o laptop e a impressora na mesa da sala de jantar, pois quase sempre fazia as refeições enquanto trabalhava. Olhando para aquela sala, eu me perguntei como tinha sido capaz de passar tanto tempo — já nem sabia quanto — almoçando e jantando sozinho.

Meu apartamento era minúsculo. Fazia nove anos que eu morava naquele cubículo de um único quarto e com a mesma mobília. O lugar não chegava a ser ruim, mas nada tinha de especial. Eu não me lembrava de haver recebido outra visita que não a de Sean. Quando saía com uma mulher, nunca a levava para lá. Mas não eram tantas assim.

Ao me mudar, meu projeto era de ficar apenas alguns anos naquele apartamento, depois talvez comprasse uma casa ou me casasse ou arranjasse um cachorro, qualquer coisa que me fizesse companhia. Mas não acontecera, muito embora eu não soubesse bem por quê. Devia ter sido por causa da profissão. Pelo menos era o que eu me dizia. Toda a minha energia se concentrava no trabalho. Em todos os cantos do apartamento havia pilhas de jornais

com matérias minhas. Eu tinha intenção de relê-las um dia e organizá-las num arquivo. Se morresse sozinho em casa, sabia que as pessoas pensariam erroneamente que eu não passava de um desses acumuladores compulsivos de coisas inúteis sobre os quais eu tantas vezes escrevera, e que morreram entre jornais acumulados até o teto, num colchão forrado de dinheiro. Ninguém se daria ao trabalho de abrir um exemplar e ler minha crônica.

Havia poucas mensagens no computador. Uma delas era de Greg Glenn, querendo saber como iam as coisas. Tinha sido enviada às seis e meia da noite anterior. Aquilo me aborreceu; o sujeito me havia incumbido de escrever a matéria segunda-feira de manhã e, ao anoitecer do mesmo dia, já estava me cobrando! “Como vão as coisas?” era a maneira indireta de os editores perguntarem “E a reportagem?”.

Vá se foder, pensei. Fiz um breve resumo, relatando — mais para mim mesmo — que havia passado o dia com os tiras e estava convencido do suicídio de meu irmão. Sem dúvida, podia começar a pesquisar os motivos e a frequência do suicídio entre os policiais.

A mensagem seguinte era de Laurie Prine, da biblioteca. Tinha sido enviada às quatro e meia da tarde. Dizia apenas: “Material interessante no *Nexis*. Retirar no guichê”.

Enviei-lhe uma mensagem agradecendo a rapidez com que fizera o levantamento e informando que um imprevisto me prendera em Boulder, mas que eu passaria em breve para retirar o material. Pensei que ela me despertava certo interesse, do contrário eu não teria me dado ao trabalho de lhe oferecer uma satisfação. É preciso ter certeza e tomar cuidado. Se agisse da maneira conveniente, tudo bem. Se tomasse uma atitude indesejável, haveria uma queixa no departamento pessoal. O melhor era evitar as duas coisas, pensei.

Em seguida, vasculhei as redes da AP e da UPI à procura de algum acontecimento interessante. Havia uma notícia sobre um médico que fora baleado em frente de uma clínica de mulheres, em Colorado Springs. O ativista antiaborto estava preso e o médico, vivo. Fiz uma cópia eletrônica da história e a arqueei, mas esperava usá-la só quando o fabricante de anjos morresse.

Ouvi baterem à porta e, antes de abrir, espiei pelo olho mágico. Era Jane, a vizinha do andar de baixo. Tinha se mudado havia aproximadamente um ano, e nos conhecemos no dia em que ela me procurara pedindo ajuda para mudar alguns móveis de lugar. Jane havia ficado impressionada quando lhe contara que era jornalista, nada sabia sobre a profissão. Tínhamos ido ao cinema duas vezes, jantado juntos uma e passado um dia esquiando em Keystone, mas tudo acontecera logo depois de sua mudança e não dera em nada. Mais por hesitação minha que dela. Jane era bonita, gostava de sair. E como eu também gostasse de passear — pelo menos achava que sim —, ela veio em busca de algo diferente.

— Olá, Jack. Vi o seu carro na garagem ontem à noite e soube que você voltou. Como foi a viagem?

— Foi boa. Eu precisava de um pouco de isolamento.

— Esteve esquiando?

— Um pouco. Fiquei em Telluride.

— Que bom! Sabe, eu o procurei, mas você já tinha viajado. Se resolver passar outra temporada fora, posso cuidar das plantas e da correspondência. Basta que você me peça.

— Oh, obrigado. Mas eu não tenho plantas no apartamento. Não dá, eu vivo viajando por causa do trabalho.

Afastei-me da porta e olhei para dentro, como que para me certificar do que acabava de dizer. Imaginei que devia convidá-la a entrar, a tomar um café, mas não o fiz.

— Vai trabalhar agora? — perguntei.

— Vou.

— Eu também. Preciso me apressar. Mas, escute, assim que eu retomar a rotina, podemos fazer alguma coisa. Ir ao cinema, quem sabe.

Ambos gostávamos dos filmes de De Niro. Era praticamente a única coisa que tínhamos em comum.

— Ok. Você me telefona?

— Telefone, sim.

Fechei a porta e voltei a me recriminar por não tê-la convidado. De volta à sala de jantar, fechei o computador e apanhei os papéis amontoados ao lado da impressora. Meu romance inacabado. Eu o

iniciara havia mais de um ano, mas não tinha chegado a lugar algum. Queria contar a história de um escritor tetraplégico, vítima de um acidente de motocicleta. Com o dinheiro que recebeu do seguro, contratou uma jovem da universidade local para datilografar um romance. Mas logo se deu conta de que a moça alterava o texto antes mesmo de datilografá-lo. E também não tardou a perceber que a datilógrafa escrevia melhor do que ele. Em pouco tempo já se havia resignado a ficar em silêncio na sala, vendo-a trabalhar. Apenas assistia. Tinha vontade de matá-la, de estrangulá-la, mas não conseguia mover-se. Sua vida se transformou num inferno.

A pilha de papéis sobre a mesa me desafiava a tentar novamente. Eu não sabia explicar por que ainda não a tinha jogado na gaveta junto dos tantos romances iniciados e abandonado nos últimos anos. O fato é que estava ali. Talvez porque eu precisasse tê-lo sempre à vista.

* * *

Ao chegar ao *Rocky*, encontrei a sala da redação ainda deserta. Além do editor matutino e do repórter local, ambos atarefados a suas escrivatinhas, não havia ninguém. A maioria dos funcionários costumava chegar depois das nove. Parei primeiro na lanchonete, em busca de mais café, depois fui para a biblioteca, onde encontrei um grosso pacote de impressos a minha espera no balcão. Procurei Laurie Prine a fim de agradecer pessoalmente, mas ela também não tinha chegado.

De volta a minha escrivatinha, olhei para o escritório de Greg Glenn. Ele já estava ao telefone, como de costume. Iniciei então a leitura rotineira do *Rocky* e do *Post*. Eu achava divertido acompanhar o confronto diário entre os dois jornais de Denver. E atribuía pontos a um e a outro, sendo que matérias exclusivas contavam mais. Porém, ambos quase sempre faziam as mesmas coberturas, numa espécie de guerra de trincheiras: e ali se travava a verdadeira batalha. Eu lia a nossa reportagem, depois a deles, observando quem a redigira melhor, quem obtivera a informação mais precisa. Mas nem sempre tomava o partido do *Rocky*. Na verdade, quase

nunca. Eu trabalhava com alguns dos mais renomados bundões e não dava a mínima quando eram chutados pelo pessoal do *Post*. Contudo, jamais o admitia a quem quer que fosse. Era esse o segredo do negócio, da competição. Por isso tinha certeza de que meus colegas de trabalho viam-me entrar na redação como se eu nunca tivesse pisado ali. Para os focas, eu era quase um herói, com muita fluência no escrever, talento e especialização. Para os outros, no entanto, tenho certeza de que não passava de um patético prisioneiro da rotina, que, sem merecer, fazia um trabalho fácil. Um dinossauro. Queriam me crucificar. Mas eu não me importava. Entendia-os. Pensaria do mesmo modo se estivesse no lugar deles.

Os jornais de Denver acabavam fornecendo profissionais para os grandes diários de Nova York e Los Angeles, Chicago e Washington. Eu mesmo já podia estar numa dessas grandes cidades havia muito tempo, até chegara a rejeitar uma proposta do *Times* de Los Angeles anos antes. Mas preferi usar isso para chantagear Glenn e conseguir a minha coluna sobre homicídios. Ele considerara a oferta digna de uma estrela do jornalismo. Eu tomara o cuidado de não lhe contar que o *Times* havia me oferecido apenas uma seção suburbana chamada *Edição do Vale*. Glenn não hesitara em criar uma coluna só para mim, se eu ficasse. Às vezes, eu achava que tinha sido um erro aceitar. Talvez tivesse sido melhor recomeçar em outro lugar.

Nós nos saímos bem na competição aquela manhã. Deixando os jornais de lado, voltei-me para a pesquisa que havia retirado na biblioteca. Laurie Prine encontrara diversas matérias, nos jornais do Leste, que analisavam a patologia dos suicídios de policiais e um punhado de pequenas reportagens sobre ocorrências em todo o país. Teve a discricção de não incluir a matéria do *Denver Post* sobre meu irmão.

A maioria das análises, as mais extensas, encarava o suicídio como um risco inerente à insalubridade do trabalho policial. Todos começavam narrando um caso particular de suicídio e enveredavam por discussões entre psicólogos e técnicos da polícia sobre os motivos que levavam alguns tiras a se sentirem repentinamente tentados a chupar o cano da arma. Em geral, as matérias acabavam

concluindo que havia uma estreita relação entre o suicídio, o estresse do trabalho e algum acontecimento traumático na vida da vítima.

Essas matérias eram muito úteis, traziam os nomes dos especialistas que eu teria de citar em meu artigo. Algumas mencionavam uma pesquisa ainda em andamento sobre o suicídio de policiais patrocinada pelo FBI, em parceria com a Fundação da Polícia de Washington. Sublinhei essa informação, imaginando que talvez pudesse me servir de algumas estatísticas recentes fornecidas pelo Bureau ou pela fundação, para dar mais atualidade e credibilidade à matéria.

O telefone tocou, era minha mãe. Não nos falávamos desde o dia do enterro. Depois de algumas perguntas preliminares sobre minha viagem e como eu estava passando, ela foi diretamente ao assunto.

— Riley me contou que você pretende escrever sobre Sean.

Não era uma pergunta, mas eu reagi como se fosse.

— Sim, vou.

— Por quê, John?

Minha mãe era a única pessoa que me chamava de John.

— Porque eu preciso. Eu... não posso simplesmente fingir que não aconteceu nada. Quero ao menos tentar compreender.

— Você sempre destruía as coisas quando era pequeno. Lembra-se? Quebrava todos os brinquedos.

— De que está falando, mamãe? Isso é...

— Estou tentando lhe dizer que depois que a gente destrói uma coisa, não adianta tentar consertá-la. Afinal, o que você ganha agindo assim? Nada, meu filho, nada.

— Mamãe, tente compreender. Eu preciso fazer isso.

Eu não conseguia entender por que conversar com minha mãe me irritava tanto.

— Você não consegue pensar em ninguém? Só existe você? Será que não tem ideia do quanta mágoa pode causar publicando uma matéria dessas?

— Está se referindo ao papai? Pois acho que pode ser útil para ele também.

Fez-se um longo silêncio e eu pude imaginá-la sentada à mesa da cozinha, segurando o fone, os olhos fechados. Meu pai decerto estava a seu lado, temendo falar comigo sobre o assunto.

— Você conseguiu entender o que aconteceu? — perguntei calmamente. — Alguém conseguiu?

— Claro que não — respondeu ela com tristeza. — Ninguém.

Um novo silêncio; ela, então, fez seu último apelo:

— Pense nisso, John. Vamos guardar esse sofrimento para nós.

— Como fizemos com Sarah?

— Que está querendo dizer?

— Que você nunca falou sobre o que aconteceu a Sarah... Pelo menos não comigo.

— Não quero discutir isso agora.

— Agora? Faz vinte anos que você não quer.

— Não seja sarcástico com uma coisa dessas.

— Desculpe. Eu não quis dizer isso.

— Pense no que estou lhe pedindo.

— Está bem — respondi. — Falo com você depois.

Ela desligou tão furiosa quanto eu. Fiquei aborrecido: pensar que minha mãe me censurava simplesmente porque eu estava disposto a escrever uma matéria sobre o que acontecera a Sean. Era como se ela ainda estivesse querendo tomar o partido dele, protegê-lo. Mas ele estava morto. Eu continuava vivo.

Endireitando o corpo na cadeira, olhei por cima das divisórias que separavam as mesas da redação. A sala estava cheia agora. Glenn saíra do escritório e fora discutir com o editor matutino a estratégia da cobertura do caso do médico baleado na clínica de abortos. Afundei novamente na cadeira, preferia que não me vissem, para que não lhes ocorresse a ideia de me designar para a matéria. Eu vivia me esquivando desse tipo de trabalho. Eles enviavam os repórteres à cena do crime ou do desastre, e estes me passavam as informações colhidas. Eu, então, tinha de redigir a matéria antes do fechamento da edição e decidir os nomes que receberiam crédito. Era assim, com essa pressa e essa fúria, que funcionava o jornal. Mas eu já era gato escaldado. Queria apenas que me deixassem em paz, a sós, contando minhas histórias de assassinato.

Cheguei a pensar em apanhar o material da pesquisa e refugiar-me na lanchonete, mas resolvi arriscar ficar onde estava. Retomei a leitura. A matéria mais interessante fora publicada no *New York Times* cinco meses antes. Nenhuma novidade. O *Times* era o paradigma do jornalismo. O máximo. Iniciei a leitura, mas preferi deixá-la de lado, reservando-a para o fim. Tendo terminado de avaliar o material, saí para mais uma xícara de café antes de enfrentar a matéria do *Times*.

O tema da reportagem era a aparente falta de correlação entre o suicídio de três policiais de Nova York num espaço de seis semanas. As vítimas não se conheciam entre si, mas todas haviam sucumbido à depressão policial, como a chamava a matéria. Dois tiras se mataram em casa; o terceiro havia se enforcado num beco frequentado por viciados em heroína, diante do olhar horrorizado de meia dúzia de drogados atônitos. A reportagem mencionava a pesquisa conduzida pelo Serviço de Estudos Comportamentais do FBI em Quantico, na Virgínia, em parceria com a Fundação da Polícia, sobre a incidência de suicídios entre policiais. Citava também o nome do diretor da fundação, Nathan Ford, o qual anotei em meu bloco antes de prosseguir a leitura. Ford contava que haviam analisado todos os casos de suicídio registrados nos últimos cinco anos em busca de semelhanças. Chegaram a conclusão de que era impossível determinar qual era o grupo mais suscetível à depressão policial. Porém, uma vez diagnosticado, o mal era plenamente tratável se a vítima se dispusesse a procurar ajuda. Ford revelava que o objetivo do projeto era elaborar um banco de dados com todas as informações procedentes que pudessem auxiliar os chefes de polícia locais a enfrentar a depressão policial antes que fosse tarde demais.

A matéria do *Times* trazia um artigo adicional, narrando um antigo caso de Chicago, no qual o policial chegara a buscar ajuda, mas sem sucesso. Ao ler aquilo, senti um frio no estômago. O artigo contava que o investigador John Brooks, da polícia de Chicago, decidiu submeter-se à psicanálise quando certo caso de homicídio, que estava sob seus cuidados, começou a incomodá-lo. Tratava-se do sequestro e do assassinato de um garoto de doze anos, chamado

Bobby Smathers. Dois dias após o desaparecimento do menino, seu corpo foi encontrado num monte de neve no Jardim Zoológico Lincoln. Ele tinha sido estrangulado. E oito de seus dedos haviam desaparecido.

A autópsia concluiu que os dedos foram amputados depois de sua morte. Ao que tudo indicava, o aspecto macabro e brutal do crime, somado ao fato de não se conseguir identificar e prender o assassino, tinha sido demais para Brooks.

O sr. Brooks, um respeitado investigador, passou a investigar a morte precoce do garoto de olhos castanhos com extraordinário empenho. Advertido pelos superiores, que achavam que seu envolvimento estava prejudicando seu trabalho, o investigador pediu uma licença de quatro semanas e deu início a um tratamento intensivo de psicanálise com o dr. Ronald Cantor, psiquiatra credenciado pelo Departamento de Polícia de Chicago.

Segundo o dr. Cantor, nas primeiras sessões Brooks falou abertamente nas ideias suicidas que o assaltavam e disse estar atormentado por sonhos recorrentes nos quais o garoto gritava, agonizante.

Depois de vinte sessões terapêuticas em quatro semanas, o dr. Cantor autorizou o investigador a retornar ao trabalho. Segundo todas as declarações, o sr. Brooks retomou suas funções normalmente, assumindo a investigação de novos casos e chegando mesmo a solucioná-los. Chegou a comentar com os colegas que se havia livrado dos pesadelos. Conhecido como "Durango John", devido a sua determinação, o sr. Brooks não desistiu de sua última e infrutífera caçada ao assassino de Bobby Smathers.

Porém, em algum momento do rigoroso inverno de Chicago, algo parece ter mudado. No dia 13 de março, data em que se comemoraria o décimo terceiro aniversário do garoto Smathers, o sr. Brooks sentou-se na sua cadeira favorita, no quarto onde costumava refugiar-se para escrever poemas e distrair-se da rotina de investigador de homicídios. Tomou pelo menos dois comprimidos de Percocet, medicamento que usara no ano

anterior para o tratamento de um ferimento nas costas. Escreveu uma única frase no caderno de poesias. Depois, colocou na boca o cano de seu 38 Especial e puxou o gatilho. Foi encontrado pela esposa quando esta retornou do trabalho.

A morte do sr. Brooks deixou desolados seus familiares e amigos. Que mais podiam ter feito? Que descuido teriam cometido? Quando perguntado, durante uma entrevista, se havia resposta para essas questões perturbadoras, o dr. Cantor se limitou a sacudir a cabeça com pesar.

“A mente humana é curiosa, imprevisível e muitas vezes assustadora”, disse o psicanalista. “Creio que John e eu avançamos muito na solução de seus problemas. Mas, obviamente, não o bastante.”

O sr. Brooks e o que quer que o estivesse atormentando transformaram-se num enigma. Inclusive sua última mensagem se revelou um quebra-cabeça. A frase deixada no caderno de poesias pouco esclarecia a sua atitude.

“Pela pálida muralha” foram suas últimas palavras escritas. O verso não era original. O sr. Brooks o tomou emprestado de Edgar Allan Poe. No poema *O Palácio Assombrado*, que originalmente apareceu num de seus contos mais conhecidos, *A Queda da Casa de Usher*, Poe escreveu:

*E, qual rio se precipita
pela pálida muralha
uma turba que apavora,
que não sorri, mas gargalha
em gargalhada infinita.*

Não se sabe que significado deu o sr. Brooks a essas palavras, mas elas certamente evocam a melancolia de seu último ato.

Até hoje, o assassinato de Bobby Smathers continua sem solução. Na unidade de homicídios em que Brooks trabalhava, a qual continua investigando o caso, os investigadores agora afirmam que estão buscando justiça para duas vítimas.

“Em minha opinião, trata-se de duplo homicídio”, declarou Lawrence Washington, amigo de infância de Brooks e seu

parceiro na unidade de homicídios. “Quem assassinou o garoto também matou Durango John. Ninguém há de me convencer do contrário.”

Estiquei uma vez mais o corpo na cadeira para sondar a redação. Ninguém estava me observando. Baixando a cabeça, reli o fim da história. Senti-me atordoado, quase como na noite em que fora procurado por Wexler e St. Louis. Conseguia ouvir as batidas aceleradas de meu coração e senti um frio na barriga. Não conseguia enxergar nada além do nome do personagem do conto citado. Usher. Eu já tivera contato com Poe no colégio e na faculdade. Conhecia o conto e o personagem que lhe dava o título. Roderick Usher. Abri meu bloco e examinei as rápidas anotações que fizera no dia anterior, ao me separar de Wexler. O nome estava lá. Sean o havia escrito no relatório cronológico. Seu último registro.

RUSHER

Disquei o número do ramal da biblioteca e chamei Laurie Prine.

— Laurie, aqui é...

— John. Eu sei.

— Escute, preciso de uma pesquisa urgente. Quer dizer, não sei se vai ser preciso pesquisar. Não tenho certeza...

— Do que se trata, Jack?

— Edgar Allan Poe. Tem alguma coisa dele aí?

— Claro. Com certeza temos uma série de resumos biográficos. Eu posso...

— Estou me referindo aos contos. Temos algum? Estou procurando *A Queda da Casa de Usher*, e perdoe a interrupção.

— Tudo bem. Ah, não sei se temos isso. Como já lhe disse, o que há aqui são biografias. Posso dar uma olhada. De qualquer forma, podemos comprar o livro numa livraria próxima.

— Ok, obrigado. Vou até a Tattered Cover.

Eu ia desligar quando ela me chamou.

— Sim?

— Me lembrei de uma coisa. Se o que você está procurando é uma frase ou citação, temos vários CD-ROMs com citações. Posso rodá-los num minuto.

— Ótimo, faça isso.

Laurie deixou o fone fora do gancho uma eternidade. Tornei a reler o fim da matéria do *Times*. O que eu estava pensando parecia loucura, mas as coincidências entre a morte de meu irmão e a de Brooks e entre os nomes Roderick Usher e Rusher não podiam passar despercebidas.

— Pronto, Jack — disse Laurie ao retornar. — Consultei o nosso catálogo. Não temos a obra completa de Poe. Achei um CD com algumas citações. O que você está procurando?

— Uma poesia intitulada *O Palácio Assombrado*, aparece num conto chamado *A Queda da Casa de Usher*. Tem aí?

Ela não respondeu. Escutei-a digitar o teclado.

— Achei. Temos algumas partes selecionadas, algumas citações.

— Ok. Veja se encontra um verso que diz: “Sem um traço de tempo nem de espaço”.

— Sem um traço de tempo nem de espaço.

— Exatamente. Não sei como é a pontuação.

— Não importa.

Ela estava digitando.

— Hum, não. Não há...

— Droga!

Não sei por que reagi de modo tão explosivo. Fiquei aborrecido.

— Espere aí, Jack, esse trecho é de outro poema.

— O quê? Um poema de Poe?

— É. Chama-se *Terra de Sonho*. Quer que eu leia? Há uma estrofe inteira aqui.

— Leia, por favor.

— Ok, não sou uma grande oradora, mas lá vai. “Num caminho sombrio e desolado/por anjos maus somente frequentado/e onde, no negro trono em que se eleva,/domina um ídolo chamado TREVA,/passei, recentemente, em minha vinda/de uma última Thule, maga e linda,/ terra estranha e sublime, sem um traço de TEMPO nem de ESPAÇO.”

Eu não disse nada. Fiquei petrificado.

— Jack?

— Leia de novo. Bem devagar.

Copiei a estrofe em meu bloco de notas. Podia ter simplesmente pedido a Laurie que o imprimisse e ido buscá-lo, mas eu não queria me mexer. Queria, ao menos durante alguns instantes, ficar completamente sozinho com ele. Eu precisava.

— Que aconteceu, Jack? — perguntou ela ao terminar a leitura.

— Você está tão ansioso.

— Ainda não sei. Mas vou descobrir.

Desliguei.

Instantaneamente comecei a sentir um calor absurdo, claustrofóbico. Apesar das amplas dimensões da sala da redação, era como se as paredes estivessem se fechando a minha volta. Meu coração disparou. A imagem de meu irmão morto no carro me aparecia em lampejos.

Glenn estava ao telefone quando entrei no escritório e me sentei a sua frente. Ele apontou para a porta e gesticulou, dando a entender que eu devia esperar do lado de fora até que terminasse a ligação. Repetiu os sinais, mas eu sacudi a cabeça.

— Escute, eu estou com um probleminha aqui — disse ele ao telefone. — Volto a falar com você mais tarde. Ótimo. Está bem.

E desligou.

— O que é que...

— Eu preciso ir a Chicago — eu disse. — Hoje mesmo. E depois, provavelmente, a Washington, talvez a Quantico, na Virgínia. À sede do FBI.

* * *

Glenn não entrou na minha.

— Sem um traço de tempo nem de espaço? Ora, Jack, esse é o tipo de ideia que passa pela cabeça de qualquer um que está pensando ou chega a cometer suicídio. O fato de aparecer num poema escrito há mais de cento e cinquenta anos por um sujeito mórbido e que, por casualidade, também é o autor do poema citado

por outro tira morto não configura necessariamente uma conspiração.

— E o que me diz dos nomes Rusher e Roderick Usher? Coincidência também? Pois nós temos *três* coincidências, e você vem me dizer que não vale a pena checar?

— Eu não disse que não vamos investigar. — Sua voz se elevou, demonstrando indignação. — É claro que você vai checar. É só pegar o telefone e começar. Mas eu não vou despachá-lo numa turnê nacional apenas com base no que você acaba de me contar.

Glenn girou a cadeira para certificar-se de que não havia nenhuma mensagem à espera de resposta na tela do monitor. Não havia. Voltou a olhar para mim.

— Qual é o motivo?

— Como?

— Quem teria motivos para matar seu irmão e esse cara de Chicago? Não tem... Acha que a polícia deixaria passar em branco uma coisa dessas?

— Não sei.

— Bem, ontem você passou o dia todo no Departamento de Polícia analisando os detalhes do caso, não? Como é possível que alguém tenha feito uma coisa dessas e escapado? Ontem você não saiu de lá convencido de que foi suicídio? Eu recebi a sua mensagem, você me disse que não tinha mais dúvida. E os tiras também têm certeza de que ele se matou.

— Eu não tenho resposta para nenhuma dessas perguntas. Ainda não. Por isso mesmo preciso ir a Chicago e depois à sede do Bureau.

— Escute, Jack, você tem uma posição privilegiada aqui. Não sei nem dizer quantos repórteres já me pediram para assumir o seu lugar. Você...

— Quem?

— O quê?

— Quem pediu para assumir a minha coluna?

— Não importa. Não é disso que estamos falando. O fato é que você está numa situação privilegiada, pode inclusive viajar a qualquer lugar do Estado quando bem entender. Mas para autorizar esse tipo de externa eu preciso no mínimo apresentar uma boa

justificativa a Neff e a Neighbors. Além disso, estou com a redação lotada de jornalistas que gostariam de participar de uma cobertura externa de vez em quando. Eu gostaria de dar uma oportunidade também aos outros. Acho importante, é uma maneira de motivá-los. Acontece que estamos em fase de contenção de despesas, eu não posso autorizar todas as viagens que me propõem.

Eu detestava aqueles sermões e duvidava que Neff e Neighbors, o editor administrativo e o diretor, estivessem interessados em saber que repórter Glenn havia designado para uma matéria, contanto que lhe trouxessem boas reportagens. Aquela era uma boa matéria. Glenn estava criando caso e sabia disso.

— Ok, então eu vou tirar férias e fazer o trabalho por conta própria.

— Você já queimou o resto das suas férias com a morte de seu irmão. Além disso, não pode sair por aí apresentando-se como repórter do *Rocky Mountain News* se não estiver a serviço do *Rocky Mountain News*.

— E se eu pedir licença? Ontem mesmo você me disse que se eu precisasse de mais algum tempo, daria um jeito.

— Eu estava me referindo a um período de recuperação não a uma viagem turística pelo país inteiro. E você sabe muito bem como funciona a licença não remunerada. Não posso fazer nada para garantir o seu lugar. Você pode tirar licença se quiser, mas, quando voltar, talvez já não seja o titular da coluna.

Eu queria largar aquele emprego, mas não tinha coragem, sabia que precisava do jornal. Precisava das credenciais de jornalista para ter acesso aos tiras, aos federais, a todos os envolvidos. Sem meu crachá de repórter, não passaria do irmão de um suicida e poderia ser posto facilmente de lado.

— Preciso de mais alguma coisa para justificar a sua viagem, Jack — prosseguiu Glenn. — Não podemos bancar uma excursão de pescaria, precisamos de fatos. Se conseguir alguma informação suplementar, talvez eu reconsidere essa viagem a Chicago. Mas a fundação e o FBI você pode investigar por telefone. Se não conseguir, bem, posso pedir a alguém da sucursal de Washington que dê um pulo até lá.

— Estamos falando do meu irmão e da minha história, porra. Você não vai entregá-la a ninguém.

Glenn ergueu as mãos pedindo-me calma. Sabia que aquela sugestão extrapolava todos os limites.

— Então vá para o telefone e veja se consegue alguma coisa mais concreta.

— Será que você não enxerga a contradição? Diz que não posso viajar enquanto não tiver provas. Mas é justamente para conseguilas que eu preciso viajar.

* * *

De volta a minha mesa, criei um novo arquivo em meu computador e comecei a digitar tudo que sabia sobre a morte de Theresa Lofton e a de Sean. Registrei em detalhes quanto me lembrava de haver lido nos relatórios da polícia. O telefone tocou, mas não atendi. Continuei digitando. Sabia que precisava partir de um núcleo de informações. Só então poderia confrontar os dados. Glenn finalmente se dispusera a entrar num acordo comigo. Se eu conseguisse convencer a polícia a reabrir o caso de meu irmão, ele me deixaria ir a Chicago. Ainda teríamos de discutir a viagem a Washington, mas eu sabia que se conseguisse autorização para Chicago, acabaria conseguindo o resto também.

Enquanto digitava, voltei a ver a imagem de meu irmão. Aquela fotografia estéril e sem vida estava começando a me molestar. Eu tinha acreditado no impossível. Abandonara Sean e me sentia muito culpado. Era o meu irmão que estava naquele carro. Meu irmão gêmeo. Era eu.

9

Depois de uma hora, consegui sintetizar as quatro páginas de anotações em seis linhas de perguntas abreviadas, para as quais eu precisava encontrar resposta. Concluí que, se passasse a encarar os fatos de uma perspectiva oposta à que adotara até então, partindo do princípio de que Sean não se havia suicidado, mas fora assassinado, eu teria chance de encontrar alguma coisa que tivesse escapado aos policiais. Desde o início eles foram induzidos a acreditar e depois a concluir que meu irmão havia se matado, e esse era o seu erro. Conheciam Sean e sabiam quanto ele andava amargurado com o caso Theresa Lofton. Ou talvez considerassem o suicídio perfeitamente comum em seu meio profissional. Já deviam ter visto cadáveres demais e, no fundo, o que os surpreendia era que nem todos os tiras acabavam estourando os miolos. Mas no momento em que passei a encarar a situação de outro ângulo, consegui enxergar o que até então ninguém tinha percebido.

Voltei a analisar a lista de perguntas sem resposta que acabara de escrever.

Pena: suas mãos?
depois — quanto tempo?
Wexler/Scalari: o carro?
o aquecimento?
a trava?
Riley: as luvas?

Lembrei-me de falar com Riley. Liguei para a sua casa, o telefone tocou muitas vezes, eu já estava pensando em desistir quando ela atendeu.

— Riley? É Jack. Você está bem? Escolhi uma hora ruim?

— Que hora seria boa?

Ela parecia ter bebido.

— Quer que eu vá até aí? Estou indo.

— Não, não precisa, Jack. Eu estou bem. Um pouco melancólica, só isso. Estava pensando nele, você sabe como é.

— Eu sei. Também penso muito nele.

— É mesmo? Pois deveria ter pensado antes que... Oh, desculpe, que bobagem ficar trazendo essas coisas à tona...

Eu me calei alguns instantes.

— Sei lá, Riles. Nós tivemos um desentendimento. Eu lhe disse umas coisas que não deveria ter dito. Ele também. Ficamos magoados... E Sean acabou fazendo o que fez antes que eu tivesse podido me reaproximar.

Só então me dei conta de que fazia muito tempo que não a chamava de Riles.

— Brigaram por quê? Por causa da garota esquartejada?

— Por que está perguntando? Ele lhe disse alguma coisa?

— Não. É só um palpite. Sean andava tão envolvido com ela, pode ter acontecido a mesma coisa com você. Não seria difícil.

— Riley, você... Olhe, você não deve se deixar consumir assim. Tente pensar nas coisas boas.

Quase não consegui me conter. Tive vontade de lhe contar o que estava investigando. Queria abrandar seu sofrimento. Mas ainda era cedo.

— É meio difícil, não acha?

— Eu sei, Riley. É uma pena. Nem sei o que dizer.

Fez-se um prolongado silêncio. Não se ouvia nada no fundo. Nem música, nem televisão. Eu me perguntei o que ela estaria fazendo sozinha em casa.

— Mãe me telefonou hoje. Disse que você lhe contou o que pretendo escrever.

— É verdade. Achei que ela devia saber. — Eu não disse nada. — O que você quer, Jack?

— Fazer uma pergunta. Pode lhe parecer esquisita, mas vou fazê-la. Os tiras lhe mostraram ou devolveram as luvas de Sean?

- Que luvas?
- As que ele estava usando no dia.
- Não. Não me devolveram nada ainda. Nem chegamos a falar nisso.
- Como elas eram?
- As luvas? Eram de couro, por quê?
- Por nada, só estou arriscando uma hipótese. Depois eu lhe conto, se chegar a uma conclusão. Eram pretas?
- Eram, de couro preto. Com pespontos no dorso, se não me engano.

A descrição coincidia com o que eu vira nas fotografias tiradas no local do crime. Fosse como fosse, não significava grande coisa. Só um ponto a investigar, uma dúvida a mais.

Conversamos mais um pouco e eu a convidei para jantar naquela noite, já que estaria em Boulder, mas ela recusou. Então nos despedimos. Eu estava preocupado com Riley e esperava que nossa conversa, o mero contato humano, a tivesse animado um pouco. Pensei em dar um pulo a sua casa ao terminar o que tinha de fazer.

* * *

Ao atravessar Boulder vi pesadas nuvens formando-se no topo das Flatirons. Sendo de lá, eu sabia que a neve podia precipitar rapidamente, assim que as nuvens se acumulassem. Só esperava que a empresa que me alugara o Tempo tivesse se lembrado de colocar correntes para os pneus no porta-malas, coisa que me parecia pouco provável.

No lago Bear, encontrei Pena do lado de fora do posto de informações, conversando com um grupo de esquiadores. Enquanto aguardava, resolvi me aproximar do lago. Vi que tinham aberto alguns buracos na extensa superfície congelada. Hesitante, pus-me a caminhar sobre a fina camada de gelo que cobria a superfície e olhei para uma daquelas aberturas de um azul muito escuro, imaginando sua profundidade. Senti um ligeiro tremor. Vinte anos antes, minha irmã caíra numa daquelas fendas e perdera a vida. Agora, haviam encontrado meu irmão morto num carro a menos de

quinze metros do mesmo lago. Olhando para o buraco negro, lembrei-me de ter ouvido dizer que muitos peixes passavam todo o inverno congelados, mas, com a chegada da primavera, acordavam e voltavam a nadar. Eu não sabia se aquilo era possível, mas lamentava que não sucedesse o mesmo às pessoas.

— Por aqui outra vez?

Eu me volvei e dei com Pena.

— É. Desculpe-me aborrecê-lo. É que ainda tenho umas perguntas.

— Você não me aborrece. Eu também gostaria de ter podido fazer alguma coisa, sabe? Se estivesse aqui fora quando ele chegou, talvez lhe tivesse perguntado se estava precisando de ajuda. Sei lá.

Fomos caminhamos em direção ao posto.

— Ninguém podia fazer nada — eu disse por dizer.

— Pois bem, e as perguntas quais são?

Tirei do bolso o meu bloco de anotações.

— Hã, em primeiro lugar, ao se aproximar do carro, você reparou nas mãos dele? Por exemplo, viu onde estavam?

Ele seguiu andando em silêncio. Tive a impressão de que estava reconstituindo mentalmente o episódio.

— Acho que sim — respondeu por fim —, eu olhei para as mãos dele. Sabe, quando me aproximei e vi que ele estava sozinho, tive imediatamente certeza de que havia se matado. Então olhei para as suas mãos, queria ver se ainda estava segurando a arma.

— E estava?

— Não. A arma estava no banco. Tinha caído.

— Ele estava de luvas?

— Luvas... luvas... — repetiu o guarda, vasculhando os arquivos da memória. Demorou a prosseguir. — Não sei. Não me lembro. Que diz a polícia?

— Ora, eu só estava querendo saber se você se lembrava.

— Não. É pena, mas eu não me lembro.

— Se a polícia precisar, você concordaria em se deixar hipnotizar? Para ver se consegue se lembrar de algum detalhe?

— Hipnotizar? Eles fazem essas coisas?

— Às vezes. Quando é importante.

— Bem, se for mesmo importante, tudo bem.

Hávamos chegado ao guichê. Eu olhei para o Tempo estacionado no lugar em que meu irmão fora encontrado.

— Queria lhe perguntar outra coisa. O relatório da polícia diz que você foi até o carro uns cinco segundos depois de ouvir o disparo. Bem, em cinco segundos ninguém podia ter corrido para o bosque sem ser visto.

— Certo. É impossível. Eu teria visto.

— Ok, mas e depois?

— Depois do quê?

— Depois de ter corrido até o carro e ver o homem baleado. No outro dia você me disse que voltou ao posto para telefonar. Certo?

— Sim. Telefonei para a emergência e depois para o meu superior.

— Quer dizer que você ficou na cabana e não podia ver o carro, certo?

— Certo.

— Quanto tempo ficou lá dentro?

Pena balançou a cabeça, percebendo aonde eu queria chegar.

— Isso não faz diferença, ele estava sozinho no carro.

— Eu sei, mas pense comigo. Quanto tempo mais ou menos?

Ele deu de ombros como que a dizer “com os diabos” e continuou calado. Depois entrou no posto e fez um gesto, fingindo tirar o fone do gancho.

— Bem, eu telefonei imediatamente para a emergência. Foi muito rápido. Pediram meu nome, perguntaram do que se tratava, o que levou mais tempo. Depois fiz a outra chamada e pedi para falar com Doug Paquin, meu chefe. Conteí o que havia acontecido, e ele me mandou voltar para o carro e ficar lá até que a polícia chegasse. Foi isso. Então retornei ao estacionamento.

Eu refleti um pouco e cheguei a conclusão de que Pena tinha ficado no mínimo trinta segundos afastado do Caprice.

— Quando estive lá pela primeira vez, você chegou a tentar abrir as portas?

— Só tentei abrir a do motorista. Mas todas estavam travadas.

— Como sabe?

— Porque os tiras, quando chegaram, experimentaram todas as portas. Estavam trancadas. Precisaram usar uma espécie de grampo para arrombar uma delas.

Eu concordei com um gesto.

— E o banco traseiro? Ontem você me disse que os vidros estavam embaçados. Chegou a encostar o rosto no vidro e olhar para o banco de trás? Ou para o assoalho?

Pena então compreendeu o que eu tinha em mente. Pensou um instante e depois sacudiu a cabeça.

— Não, não olhei. Só estava pensando no cara, mais nada.

— Os tiras chegaram a lhe fazer essa pergunta?

— Não, não perguntaram nada disso. Mas eu já sei aonde você está querendo chegar.

Eu fiz que sim.

— Só mais uma pergunta. Ao chamar a emergência, você disse que se tratava de um suicídio ou que alguém havia sido baleado?

— Eu... É, eu disse que um cara tinha se matado. Só isso. Eles têm a gravação, imagino.

— É bem provável. Muito obrigado.

Quando voltei ao carro, os primeiros flocos de neve estavam começando a cair. Pena então gritou às minhas costas:

— E a hipnose?

— Eles telefonam para você, se acharem necessário.

Antes de entrar no carro, abri o porta-malas. Não havia correntes.

No caminho de volta, ao atravessar Boulder, parei numa livraria — que aliás se chamava Rua Morgue — e comprei um grosso volume das obras completas de Edgar Allan Poe. Minha intenção era começar a leitura ainda aquela noite. Fiz a viagem até Denver esforçando-me para ajustar as respostas de Pena à teoria que eu estava começando a desenvolver. E, independentemente do modo como as interpretasse, nada me demovia da certeza de que estava no rumo certo.

Quando cheguei ao DPD, ao escritório da UIE, informaram-me que Scalari não se encontrava no prédio; fui então para a Homicídios e encontrei Wexler a sua escrivaninha. Não vi St. Louis por perto.

— Merda! — resmungou Wexler. — Veio me encher o saco outra vez?

— Não — respondi. — Você é quem costuma encher o meu.

— Depende do que vai me perguntar.

— Onde está o carro do meu irmão? Já saiu da manutenção?

— Será possível, Jack? Nunca lhe passou pela cabeça que nós sabemos fazer uma investigação?

Wexler atirou no cesto de lixo, na outra extremidade da sala, a caneta que estava segurando. Logo, porém, dando-se conta do que acabava de fazer, levantou-se e foi buscá-la.

— Olhe, eu não vim aqui para lhe ensinar a trabalhar nem para lhe causar problemas — eu disse sem me perturbar. — Só estou querendo resolver as minhas dúvidas, e quanto mais me esforço, mais perguntas me ocorrem.

— Por exemplo?

Contei-lhe que havia procurado Pena e notei sua irritação. Wexler corou subitamente, um leve tremor agitou o lado esquerdo de seu maxilar.

— Escute, vocês já encerraram o caso — argumentei. — Não vejo mal algum em ter conversado com Pena. Além disso, nem você, nem Scalari, nem ninguém se deu conta de um detalhe. O carro ficou sozinho mais de meio minuto enquanto ele foi telefonar.

— E daí?

— Muito simples: vocês só se preocuparam com o tempo que o guarda demorou para chegar ao carro. Cinco segundos. Claro, ninguém teria tempo de fugir em cinco segundos. Caso encerrado, suicídio. No entanto, Pena me contou que os vidros estavam embaçados. E deviam estar mesmo, do contrário Sean não teria podido escrever a mensagem. Pena não olhou para o banco traseiro. E quando foi telefonar, ficou uns trinta segundos longe do carro. Alguém podia estar deitado no assoalho, esperado que ele se afastasse para chamar a polícia. Quando ele se afastou, correu para o bosque. Não é simples?

— Você tem merda na cabeça? E a mensagem no vidro? E os resíduos de pólvora na luva?

— A mensagem, qualquer um pode ter escrito. E a luva com resíduos pode ter sido usada pelo próprio assassino. Depois ele a calçou na mão de Sean. Trinta segundos é um bom tempo. Caso tenham sido mesmo só trinta. Eu acho que o guarda demorou muito mais a voltar. Ele deu dois telefonemas, Wex.

— Isso é muito duvidoso. O assassino precisaria ter muita certeza de que Pena ficaria todo esse tempo afastado.

— Não necessariamente. Talvez ele pretendesse matar Pena também, se não pudesse fugir. Pelo modo como vocês conduziram a investigação, não seria difícil que acabassem concluindo que Sean tinha matado o guarda e depois se suicidado.

— Que tolice, Jack. Eu também gostava de Sean como de um irmão. Acha que foi fácil para mim acreditar que ele estourou os miolos?

— Então diga uma coisa. Onde você estava quando soube o que tinha acontecido?

— Exatamente aqui onde estou agora. Por quê?

— Quem lhe contou? Foi por telefone?

— Foi. Recebi um telefonema do comandante. O guarda do parque havia ligado para o chefe dele que, por sua vez, notificou o nosso comandante.

— E o que foi que ele disse? Quais foram as suas palavras?

Wexler hesitou um momento, tentando lembrar-se.

— Não sei. Disse que Sean tinha morrido.

— Foi exatamente isso que ele disse? Ou que Sean havia se matado?

— Sei lá. Que diferença faz?

— O guarda-florestal telefonou comunicando um suicídio. Foi nesse momento que a história começou. Vocês já foram para lá convencidos de que se tratava de um caso de suicídio e não encontraram outra coisa. A gente monta um quebra-cabeça de acordo com a figura que tem em mente. Todos aqui sabiam quanto meu irmão estava abalado com o caso Theresa Lofton. Compreende aonde estou querendo chegar? Vocês estavam absolutamente predispostos a acreditar na história do suicídio. Conseguiram até mesmo convencer-me disso quando fomos a Boulder aquela noite.

— Pare com tanta asneira, Jack. Eu tenho mais o que fazer. Você não pode provar o que está dizendo, e eu não vou perder tempo com as teorias ridículas de um cara incapaz de enfrentar a realidade.

Fiquei em silêncio, esperando que ele se acalmasse.

— E o carro, Wex? Onde está? Se tem tanta certeza, mostre-me o carro. E sei perfeitamente como provar o que estou dizendo.

Wexler hesitou. Imaginei que estivesse ponderando se devia ou não colaborar. Se concordasse em me levar ao carro, estaria admitindo ao menos uma pequena dúvida.

— Ainda está no pátio — disse enfim. — Sou obrigado a vê-lo todo santo dia.

— Está exatamente como vocês o encontraram?

— Exatamente. Foi lacrado. Todo dia eu sou obrigado a olhar para aqueles vidros salpicados de sangue.

— Vamos até lá, Wex. Tenho certeza de que cedo ou tarde você vai acabar se convencendo.

* * *

A neve viera comigo de Boulder. No pátio, Wexler foi pedir as chaves ao chefe da frota. Ambos checaram a lista de controle para saber se, além dos investigadores, alguém as havia retirado ou entrado no carro. Tudo estava nas condições em que o haviam encontrado.

— Estão esperando autorização do chefe para fazer a limpeza. Só então vão liberá-lo. Você sabia que existem empresas especializadas na limpeza de casas e carros de gente assassinada? Que merda de profissão, não?

Eu estava convencido de que a súbita tagarelice de Wexler não visava senão a dissimular seu nervosismo. Nós nos aproximamos do automóvel e ficamos olhando. A neve redemoinhava a nossa volta. O sangue respingado no vidro estava seco, tornara-se marrom-escuro.

— Deve estar cheirando mal lá dentro — disse o policial. — Caramba, eu nem acredito no que estou fazendo. Mas só vou abrir se você me disser o que tem em mente.

Eu concordei com um gesto.

— Ok. Eu quero verificar duas coisas. Se o botão do aquecedor está no máximo e se a trava de segurança das portas traseiras está acionada.

— Para quê?

— Os vidros estavam embaçados, não? É verdade que fazia frio naquele dia, mas não tanto assim. As fotografias mostram que Sean estava agasalhado. Com uma japonsa pesada. Não tinha por que ligar o aquecedor ao máximo. Se o motor do carro estava desligado, por que os vidros teriam ficado embaçados?

— Sei lá...

— Pense nas campanas que vocês fizeram juntos, Wex. Por que os vidros ficam embaçados? Uma vez meu irmão comentou que vocês dois foram ludibriados por um cara, não notaram quando ele saiu da casa onde estava escondido porque os vidros do carro estavam embaçados.

— É, estávamos conversando. Foi uma semana depois do campeonato de futebol, e nós nos distraímos discutindo a derrota vergonhosa do Bronco. Nem reparamos que os vidros haviam ficado embaçados.

— Exatamente. E a gente sabe que meu irmão não tinha o hábito de falar sozinho. Logo, se o ar-condicionado estava desligado e os vidros embaçados, ele devia estar com alguém no carro. Conversando. — Expliquei-lhe toda a teoria. — Alguém estava no carro com meu irmão. Não sei como, essa pessoa tomou o revólver de Sean. Talvez o tenha ameaçado com outro para desarmá-lo. Obrigou-o a tirar a luva. Ele obedeceu. O cara a calçou e atirou nele. Depois, saltou para o banco traseiro e se escondeu no chão. Esperou até que Pena viesse ver o que tinha acontecido e fosse avisar, então, o assassino escreveu a mensagem no vidro e tornou a calçar a luva na mão de Sean. Isso explica os resíduos na mão de meu irmão. Por fim, o filho da puta saiu do carro pela porta de trás e fugiu para o bosque. Obviamente, não deixou rastro, pois o trator havia limpado a neve. Quando Pena voltou para vigiar o carro, seguindo as ordens do chefe, o assassino já tinha fugido.

Wexler escutou a minha tese sem proferir uma palavra.

— Muito bem, é uma teoria — disse por fim. — Só falta provar.

— Você conhecia bem meu irmão. Era parceiro dele. Qual é a rotina de segurança? Manter as portas traseiras sempre travadas. Certo? Para evitar problemas com os presos. Evitar fugas. Quando estão transportando alguém que não esteja preso, basta destravá-las se for preciso. Como você fez na noite em que veio me buscar. Simplesmente destravou a porta quando eu precisei descer para vomitar. Eu comecei a me sentir mal, e as portas estavam travadas. Lembra-se? Você teve de soltar a trava para que eu descesse.

Wexler não disse nada. Mas em seu rosto transparecia a confirmação de que eu havia atingido o alvo. Se o botão da trava de segurança no painel do Caprice não estivesse acionado, nada ficaria provado. Mas, conhecendo meu irmão como conhecia, Wexler já não podia duvidar que alguém havia estado no carro com Sean.

Ele disse:

— Isso não se pode constatar simplesmente olhando. É apenas um botão. Teríamos de entrar no carro e tentar abrir a porta por dentro.

— Neste caso, abra. Eu entro.

Wexler destrancou a porta da frente, acionou as travas elétricas, e eu abri a de trás. O repugnante e adocicado cheiro de sangue me atingiu em cheio. Entrei e bati a porta.

Fiquei imóvel alguns segundos. Mesmo já tendo visto as fotografias, não estava de modo algum preparado para entrar ali, para me confrontar com aquele fedor enjoativo, com os respingos de sangue ressecado nos vidros, no teto, no encosto do banco do motorista. O sangue do meu irmão. Senti a garganta apertada. Olhei rapidamente para o painel em busca do botão do ar-condicionado. Depois, pela janela do lado direito, procurei Wexler. Quando nossos olhares se encontraram, eu me perguntei se de fato desejava que a trava de segurança estivesse desligada. A primeira coisa que me ocorreu foi que seria bem mais fácil largar tudo, esquecer tudo, mas não tardei a me desvencilhar da ideia covarde. Sabia que, se desistisse, passaria o resto da vida atormentado.

Estendi a mão e levantei o pino da trava da porta do lado direito. Puxei a maçaneta e a porta se abriu. Desci do carro e encarei

Wexler. A neve estava começando a aderir aos seus cabelos e a seus ombros.

— E o aquecedor está desligado. Não pode ter embaçado os vidros. Sean estava com alguém no carro. Conversando. E o filho da puta o matou.

Wexler parecia estar vendo uma assombração. Tudo começava a fazer sentido. Era mais que uma teoria agora, e ele sabia disso. Tive a impressão de que ia chorar.

— Caralho! — rosnou.

— Calma, todos fomos enganados.

— Não, não é isso. Um tira não pode abandonar o parceiro assim. Para que merda servimos se não somos capazes de cuidar nem de nós mesmos? Um jornalista de merda...

Ele não chegou a concluir a frase, mas eu entendi perfeitamente o que estava sentindo. Era como se tivesse traído Sean. Eu o compreendia porque sentia a mesma coisa.

— Nem tudo está perdido — eu disse. — Podemos esclarecer as coisas agora, reparar o erro. — Wexler estava desolado. Eu não era a melhor pessoa para consolá-lo. — Nós só perdemos um pouco de tempo, Wex. Vamos voltar para dentro. Está fazendo muito frio.

* * *

Encontrei a casa de meu irmão às escuras quando fui conversar com Riley. Hesitei antes de tocar a campainha, era absurdo esperar que uma nova versão dos fatos pudesse consolar minha cunhada. Tenho uma boa notícia, Riley. Acabamos de descobrir que Sean não se suicidou como acreditávamos, foi assassinado por algum maluco que provavelmente já matou outros e vai continuar matando. Não é ótimo?

Tomei coragem e apertei o botão. Não era muito tarde. Imaginei que ela talvez estivesse na sala escura ou, quem sabe, num dos quartos dos fundos. A luz da varanda se acendeu e ela abriu a porta antes que eu precisasse tocar a segunda vez.

— Jack!

— Riley. Vim conversar um pouco com você.

Eu sabia que ela ainda não fora avisada de nada. Tinha feito um acordo com Wexler. Eu iria contar-lhe pessoalmente. Ele não se importara. Estava muito ocupado em reabrir as investigações, em elaborar a lista dos possíveis suspeitos, em enviar o carro de Sean a uma nova perícia em busca de impressões digitais ou outros indícios. Eu não lhe falara no tira de Chicago. Havia omitido essa informação e não sabia bem por quê. Teria sido por causa do jornal? Eu queria a reportagem só para mim? Era a resposta mais simples, e resolvi assumi-la, ao menos aplacava um pouco a inquietação que estava sentindo por não lhe haver contado tudo que sabia. Porém, nos recessos mais profundos de minha mente, eu tinha certeza de que havia algo mais. Alguma coisa que talvez preferisse que não viesse à luz.

— Entre — convidou Riley. — Aconteceu alguma coisa?

— Não.

Eu a segui até a cozinha. Só então ela se lembrou de acender a luz. Estava de jeans, com meias grossas de lã e um moletom dos Buffaloes.

— Surgiram novos indícios no caso de Sean, e eu queria lhe contar. Achei melhor vir do que falar por telefone.

Puxamos as cadeiras e nos sentamos. Riley ainda estava com olheiras e não parecia disposta a disfarçá-las com maquiagem. Senti a sua enorme tristeza vindo ao meu encontro e desviei o olhar. Pensava que já tivesse me livrado daquilo, mas ali era impossível. Sua dor impregnava todos os ambientes, era contagiante.

— Estava dormindo?

— Não, lendo. Do que se trata, Jack?

Contei a ela. Mas, à diferença do que fizera com Wexler, revelei tudo que havia descoberto. Falei do caso de Chicago, dos poemas, e disse quais seriam meus passos seguintes. Ela se limitou a balançar uma ou duas vezes a cabeça, enquanto me ouvia, mas não deixou transparecer reação alguma. Nenhuma lágrima, nenhuma pergunta. Isso ficaria para depois que eu me fosse.

— Pois é isso — concluí. — Queria que você soubesse. Vou a Chicago o mais breve possível.

Houve um longo silêncio antes que ela se manifestasse:

— Estranho, eu estou me sentindo culpada.

Notei-lhe os olhos cheios de lágrimas que, entretanto, não rolavam. Talvez Riley já não tivesse força para chorar.

— Culpada? Por quê?

— Eu tive tanta raiva de Sean ultimamente. Raiva do que ele fez, sabe? Como se a violência tivesse sido contra mim, não contra ele. Cheguei a odiá-lo, a desprezar sua memória. Agora você... Agora isso!

— Creio que todos sentimos a mesma coisa. De que outro modo poderíamos suportar?

— Millie e Tom já estão sabendo?

Meus pais. Riley nunca se sentira à vontade para chamá-los de outro modo.

— Ainda não. Vou falar com eles.

— Por que não contou a Wexler a história de Chicago?

— Não sei. Acho que antes preciso fazer o primeiro contato. Vou informá-los amanhã.

— Jack, se for verdade, eles precisam saber. Eu não quero que o responsável acabe conseguindo escapar só porque você quer escrever uma bela crônica.

— Olhe, Riley — respondi, tentando manter a calma —, o cara que matou Sean já deu o fora. Muito antes que ficássemos sabendo. Eu só estou querendo conversar com a polícia de Chicago antes de Wexler. É questão só de um dia.

Ficamos alguns instantes em silêncio, então prossegui:

— Não me interprete mal. É verdade que eu quero a matéria. É mais por mim que pelo trabalho. É uma coisa entre mim e Sean.

Ela balançou a cabeça e eu deixei que o silêncio se instalasse entre nós novamente. Eu não sabia como lhe explicar meus motivos. Meu maior talento na vida sempre fora o de saber ordenar as palavras de maneira coerente, construir uma narrativa interessante, mas interiormente eu não me sentia apto para tanto. Ainda não. Sabia que ela precisava de mais explicações e tentei atender essa necessidade. Embora eu mesmo fosse incapaz de compreender.

— Lembro que, ao concluir o colegial, Sean e eu sabíamos perfeitamente o que queríamos da vida. Eu seria escritor e ficaria

rico ou famoso, talvez as duas coisas. Sean seria o chefe dos investigadores do DPD e solucionaria todos os mistérios da cidade... Nenhum dos dois conseguiu. Embora Sean tenha chegado muito perto.

Riley esboçou um sorriso forçado. Eu prossegui:

— Quando terminasse o verão, eu iria para Paris e escreveria o maior romance americano. Sean ingressaria no Exército. Fizemos um acordo na despedida. Um pacto extorsivo: quando eu ficasse rico, compraria um Porsche para ele, um Porsche conversível. Igual ao de Robert Redford em *Downhill Racer*. Era isso. Era tudo que Sean desejava. Ele tinha o direito de escolher outro modelo se quisesse. Mas eu teria de pagar. Lembro-me de haver comentado que eu estava fazendo um péssimo negócio, pois ele não teria o que me dar em troca. Mas Sean garantiu que eu estava enganado. Disse que se me acontecesse alguma coisa um dia, se eu fosse assassinado, assaltado, sei lá, ele acharia o culpado. Tinha certeza de que o encontraria onde quer que fosse. E, sabe, acho que eu o levei a sério. Acreditei que seria sempre assim. Era uma certeza reconfortante.

Toda aquela história parecia não fazer muito sentido para mim. Eu não sabia exatamente aonde estava pretendendo chegar.

— Mas essa foi a promessa dele, não a sua — observou Riley.

— Eu sei — respondi, sentindo o olhar dela sobre mim. — É que... Não sei, eu não posso ficar simplesmente esperando. Preciso ir até lá. Preciso...

Eu não achava palavras que exprimissem o que estava sentindo.

— Fazer alguma coisa?

— Acho que sim, não sei. Eu não consigo explicar, Riley. Só sei que preciso fazer isso. Eu vou até Chicago.

10

Gladden e outros cinco homens estavam confinados numa cabina de vidro a um canto do imenso tribunal. Uma pequena janela ia sendo aberta na frente de cada um deles para que pudessem ouvir as acusações e responder às perguntas da defesa, do promotor e do juiz.

Tendo passado a noite em claro, Gladden estava atordoado. Mesmo depois de haver sido transferido para uma cela individual, o barulho da prisão continuou incomodando-o, trazendo-lhe lembranças vivas, intensas, de Raiford. Ele olhou a sua volta e não viu nenhum conhecido. Nem mesmo os tiras Delpy e Sweetzer. Tampouco havia câmeras de televisão. Sinal de que ainda não tinham descoberto sua verdadeira identidade. Isso o animou um pouco. Um homem ruivo, de cabelos encaracolados e óculos de fundo de garrafa afastou-se da banca de advogados e se aproximou da cabina. Sendo baixo, precisou erguer o queixo para alcançar a janela, como se estivesse tentando manter a cabeça fora da água.

— Senhor Brisbane? — perguntou, olhando com expectativa para o homem que acabava de ser conduzido à cabina.

Gladden aproximou-se da pequena janela.

— Krasner?

— Sim, como vai?

Enfiou a mão pela abertura para cumprimentá-lo. Gladden a apertou a contragosto. Não apreciava o contato físico com ninguém, a menos que fosse criança. Também não respondeu a Krasner. Era o tipo da pergunta idiota para se fazer a quem passara a noite mofando na cadeia.

— Já falou com o promotor? — perguntou.

— Já. Trocamos umas palavras. Você continua sem sorte. A pessoa designada pela promotoria é uma mulher com quem eu já tive problemas. Gosta de criar caso, e o pior é que os policiais já a informaram que o prenderam, hã... já a informaram da situação, do que viram você fazendo no pír.

— Certo, e ela vai aproveitar para “aparecer” a minha custa.

— Isso mesmo. Mas quanto ao juiz, tudo bem. Podemos ficar tranquilos. É o único neste tribunal que não foi promotor antes de ser eleito.

— Tanto melhor. Pegou o dinheiro?

— Sim. Segui todas as instruções. Estamos calçados. Uma pergunta, quer que eu entre com a apelação hoje ou prefere esperar?

— Que diferença faz?

— Não muita. Só em termos psicológicos. Quer dizer, se, na hora de discutir a fiança, o juiz souber que você já negou as acusações e está se preparando para lutar, pode ser que seja mais fácil dobrá-lo.

— Ok, diga que sou inocente. Mas trate de me tirar logo daqui.

* * *

Harold Nyberg, o juiz do distrito de Santa Monica, chamou Harold Brisbane, e Gladden se aproximou da janela. Levantando-se também, Krasner acercou-se da cabina, caso precisasse consultar seu cliente. A seguir, apresentou-se ao juiz, assim como a promotora Tamara Feinstock. Preferindo dispensar a cansativa leitura dos autos de acusação, comunicou ao juiz que seu cliente se declarava inocente e entraria com um pedido de apelação. Nyberg hesitou um instante. Um pedido de apelação tão precipitado não era comum.

— O senhor tem certeza de que o senhor Brisbane quer entrar com a apelação ainda hoje?

— Sim, meritíssimo. Ele tem pressa porque está cem por cento seguro de que é inocente.

— Sei... — o juiz titubeou enquanto lia alguma coisa a sua frente. Até aquele momento, não havia nem sequer olhado para Gladden. —

Bem, neste caso, presumo que o senhor não renuncia ao direito de agendar a preliminar no prazo máximo legal de dez dias.

— Um momento, meritíssimo — solicitou Krasner; a seguir, voltando-se para Gladden, pôs-se a cochichar: — Você tem direito a uma audiência preliminar dentro de dez dias úteis. Podemos abrir mão desse direito e pedir um adiamento, o juiz marcará uma nova audiência, para só então determinar a data da preliminar. Caso contrário, a preliminar será marcada agora. Para daqui a dez dias úteis. É melhor insistir no cumprimento do prazo máximo legal, sem adiamento. É mais um sinal de que está disposto a lutar, de que não está querendo esmola da promotoria. Pode ajudar na fiança.

— Sem adiamento — disse Gladden.

Krasner voltou-se para o juiz:

— Obrigado, meritíssimo. Meu cliente duvida que as acusações resistam a uma audiência preliminar, de modo que solicita ao tribunal que a audiência seja agendada o mais depressa possível, de modo que ele possa esclarecer...

— Senhor Krasner, pode ser que a doutora Feinstock não faça objeção aos seus comentários, mas eu faço. Este é um tribunal de citação. Não estamos aqui para discutir o caso.

— Perdão, meritíssimo.

O juiz se virou para consultar o calendário na parede próxima à mesa do escrivão. Sem se levantar, escolheu a data e designou a Divisão 110 para a audiência preliminar. Krasner abriu a agenda e anotou as determinações do juiz. Gladden notou que a promotora fez o mesmo. Era jovem ainda, mas nada atraente. Até então, naqueles três minutos de audiência, não dissera uma palavra.

— Muito bem — disse o juiz. — Algum problema quanto à fiança?

— Sim, meritíssimo — Tamara Feinstock se levantou pela primeira vez. — A promotoria solicita ao tribunal que indefira o pedido de fiança e estabeleça uma importância mínima de duzentos e cinquenta mil dólares.

O juiz Nyberg ergueu os olhos, olhou para Feinstock e depois, pela primeira vez, para Gladden. Era como se estivesse procurando na aparência do réu algo que justificasse o pedido da promotora num caso em que as acusações pareciam tão irrelevantes.

— Por que isso, doutora Feinstock? — perguntou. — Não vejo nada nos autos que justifique tal exigência.

— Meritíssimo, há claras evidências de que o réu tem intenção de fugir. Ele se recusou a fornecer seu endereço às autoridades e até mesmo o número da licença do veículo de sua propriedade. A carteira de habilitação apresentada pelo réu foi emitida no Estado do Alabama, e ainda não nos foi possível verificar se é autêntica. Em princípio, não podemos nem sequer afirmar que seu nome é, de fato, Harold Brisbane. Não temos ideia de quem ele é nem de onde mora, se tem emprego, família, e enquanto não for possível averiguar tais informações, ele deve ser considerado um indivíduo de alta periculosidade.

— Meritíssimo — precipitou-se Krasner. — A doutora Feinstock está distorcendo os fatos. A identidade do meu cliente é plenamente conhecida. Ele forneceu às autoridades uma carteira de habilitação emitida pelo órgão competente do Estado do Alabama, contra a qual não existe menção alguma de irregularidade. Meu cliente acaba de chegar à cidade, proveniente de Mobile, está procurando emprego e ainda não estabeleceu residência definitiva. Assim que tiver endereço fixo, terá prazer de fornecê-lo às autoridades. Até lá, pode ser localizado através do meu escritório e concorda em se apresentar a cada dois dias a mim ou a qualquer representante desta corte indicado por vossa excelência. Mas como vossa excelência sabe, a recusa a se estabelecer uma fiança deve se basear na propensão do réu a evadir-se. A falta de um endereço definitivo não significa necessariamente que ele tenha intenção de fugir. Pelo contrário. O senhor Brisbane já entrou com o pedido de apelação e recusou todos os recursos de adiamento desta corte. Sua intenção é livrar-se das acusações e limpar seu nome o mais depressa possível.

— Apresentar-se em seu escritório é uma ótima ideia, mas e o endereço? — perguntou o juiz. — Onde ele vai ficar? Mesmo porque me parece que, em sua intervenção, o senhor se esqueceu de mencionar que esse homem já tentou fugir uma vez.

— Meritíssimo, podemos contestar essa acusação. As autoridades em questão estavam à paisana e em nenhum momento se

identificaram como policiais. Meu cliente portava um equipamento fotográfico caríssimo, com o qual, diga-se de passagem, ganha seu sustento, e teve medo de estar sendo abordado por ladrões. Foi exclusivamente por esse motivo que fugiu.

— É tudo muito interessante — disse o juiz. — Mas vamos ao endereço.

— O senhor Brisbane ficará hospedado no Holiday Inn, no Pico Boulevard. E está muito empenhado em arranjar emprego. Ele é fotógrafo freelance e artista gráfico e está seguro de que em breve terá uma colocação no mercado. Não tem motivo para fugir. Como já disse, ele só correu daquelas pessoas...

— Sim, doutor Krasner, nós ouvimos. Que fiança o senhor tem em mente?

— Bem, excelência, um quarto de milhão de dólares de fiança por haver jogado uma lata de lixo no mar me parece um despropósito. Creio que uma quantia mais modesta, em torno de dez a quinze mil dólares estaria mais de acordo com a acusação. Meu cliente possui recursos limitados. Se usar tudo de que dispõe para honrar a fiança, não terá fundos para sobreviver e nem mesmo para custear a defesa.

— O senhor se esqueceu das denúncias de resistência à prisão e vandalismo.

— Meritíssimo, como já disse, ele correu, mas não tinha a mais remota intenção de afrontar a polícia. Ele pensou...

— Vou repetir, doutor Krasner, guarde seus argumentos para a ocasião adequada.

— Desculpe-me, meritíssimo, mas, por favor, analise as acusações. Está claro que se trata de um delito de menor importância e a fiança tem de ser estipulada com base nisso.

— Mais alguma coisa?

— Obrigado.

— Doutora Feinstock?

— Sim, meritíssimo. A promotoria insiste em solicitar a esta corte que recuse o pedido de fiança. As duas principais acusações contra o senhor Brisbane são muito graves. Apesar da defesa eloquente do doutor Krasner, a promotoria não está convencida de que o réu

permanecerá na cidade nem de que seu nome é de fato Harold Brisbane. Os investigadores me informaram que o réu tem os cabelos tingidos e que já estavam tingidos quando tirou a fotografia para a carteira de habilitação. O que pode ser encarado, em última instância, como um recurso para adulteração da identidade. Estamos na dependência de uma consulta nos arquivos de impressões digitais do Departamento de Polícia de Los Angeles para verificar se...

— Meritíssimo — interveio Krasner —, tenho uma objeção a...

— Doutor Krasner — admoestou-o o juiz —, o senhor já teve a sua vez.

— Prosseguindo — disse Tamara Feinstock —, a prisão do senhor Brisbane resulta de outras atividades suspeitas nas quais ele esteve envolvido. A saber...

— Objeção!

— ... fotografar crianças nuas sem o conhecimento nem a prévia autorização dos pais. Denúncia que...

— Meritíssimo!

— ... motivou a abordagem policial e resultou na ocorrência de tentativa de fuga do senhor Brisbane.

— Meritíssimo — gritou Krasner. — Não há provas consistentes contra o meu cliente. A promotoria está tentando prejudicar o acusado antes mesmo da audiência. Isso é extremamente inconveniente e aético. Se o senhor Brisbane está sendo vítima de outras acusações, onde estão as provas?

Um cavernoso silêncio invadiu o tribunal. A explosão de Krasner incitou inclusive os demais advogados presentes a cochicharem a clientes que nada dissessem. O olhar do juiz se deslocou lentamente de Tamara Feinstock para Krasner e deste para Gladden; só então, ele se voltou novamente para a promotora e prosseguiu:

— Doutora Feinstock, há outras acusações contra o réu no momento? Eu me refiro *estritamente* a este momento.

Tamara Feinstock hesitou, depois respondeu contrariada:

— São denúncias que não podem ser convenientemente apresentadas por ora, mas, conforme já informei, a polícia continua investigando a verdadeira identidade e as atividades do réu.

O juiz baixou os olhos e começou a escrever. Krasner abriu a boca pensando em interferir novamente, mas desistiu. A atitude do magistrado mostrava claramente que a decisão já fora tomada.

— A fiança solicitada foi de dez mil dólares — anunciou Nyberg.
— Eu determino que ela seja estipulada em quinze mil dólares. Doutor Krasner, terei prazer em reconsiderar minha decisão em data posterior, se o seu cliente cumprir as exigências da promotoria no que tange à identidade, o endereço etc.

— Sim, meritíssimo. Obrigado.

Encerrando a audiência, o juiz chamou o caso seguinte. Tamara Feinstock fechou a pasta a sua frente, colocou-a numa pilha a sua direita, pegou outra na pilha da esquerda e a abriu. Com a sombra de um sorriso nos lábios, Krasner se voltou para Gladden.

— Sinto muito, achei que ele fosse chegar a vinte e cinco. O melhor de tudo é que Tamara Feinstock provavelmente está satisfeita. Ela pediu o máximo esperando o mínimo. E obteve o que queria.

— Tudo bem. Quanto tempo vou ter de esperar para dar o fora?

— Fique calmo. Eu tiro você daqui dentro de uma hora.

11

As margens do lago Michigan estavam congeladas e a chuva traçava caprichosos recortes no gelo acumulado nas bordas. O alto da Torre Sears desaparecera na neblina prateada que envolvia a cidade. Notei esses detalhes ao atravessar a autoestrada de Stevenson. A manhã estava chegando ao fim, e eu não tinha dúvida de que antes do entardecer voltaria a nevar. O frio de Denver me pareceu excessivo só até aterrissar em Midway.

Fazia três anos que eu não ia a Chicago. E, apesar do frio intenso, achei bom matar a saudade. Nos anos oitenta eu havia frequentado a escola de jornalismo de Medill e, ali, aprendera a amar aquela cidade. Chegara a alimentar a esperança de conseguir colocação num dos jornais locais, mas os editores do *Tribune* e do *Sun-Times* me dispensaram, sugerindo que eu tratasse de acumular experiência fora e só então voltasse a procurá-los. Fora uma decepção amarga. Não tanto pela rejeição, mas por ter de sair da cidade. Claro, eu podia continuar na Assessoria de Imprensa da prefeitura, onde fizera estágio durante a graduação, mas não era bem esse tipo de experiência que os editores valorizavam; por outro lado, não me agradava a ideia de continuar num emprego que não apresentava grandes perspectivas e que remunerava os profissionais como estudantes em busca mais de currículo que de dinheiro. E acabei retornando a Denver e me empregando no *Rocky*. Mas já fazia muito tempo. No começo, eu voltava a Chicago pelo menos duas vezes por ano para rever os amigos e os bares que costumava frequentar, hábito que aos poucos fui abandonando. Fazia três anos que não viajava para lá. Meu amigo Larry Bernard acabava de se empregar no *Tribune*, tendo conseguido a experiência que eles

havam exigido de mim. Tinha ido visitá-lo, fazia tempo que não o via. Imagino que então eu já dispusesse do currículo necessário para ser admitido num jornal da categoria do *Tribune*, mas não me ocorrera enviá-lo a Chicago.

O táxi me deixou no Hyatt, em frente ao *Tribune*, que ficava do outro lado do rio. Como eu tinha reserva a partir das três, deixei a bagagem na portaria e fui procurar uma cabina telefônica. Consultei a lista e disquei o número do Crimes Violentos, Região Três, do Departamento de Polícia de Chicago, e pedi para falar com o investigador Lawrence Washington. Quando ele atendeu, desliguei. Só tinha a intenção de localizá-lo, queria ter certeza de que estava lá. Minha experiência de jornalista recomendava nunca marcar encontro com tiras. Isto significava simplesmente fornecer-lhes a hora e o local exatos onde não deviam aparecer. E os poucos que apareciam despertavam, no mínimo, desconfiança. O remédio era abordá-los de surpresa. Assim funcionava o jogo.

Consultei o relógio. Quase meio-dia. Eu tinha menos de vinte horas. Meu voo para Dulles era o das oito na manhã seguinte.

Tomei um táxi em frente ao hotel, pedi ao motorista que ligasse o aquecedor e me levasse ao Belmont and Western, passando pelo Parque Lincoln. No caminho eu daria uma olhada no local onde o garoto Smathers havia sido achado. Tinha a expectativa de encontrar aquele lugar, se o encontrasse, exatamente como no dia do crime.

Tirando o laptop da bolsa, abri o disquete com os dados do *Tribune* que eu havia gravado na biblioteca do *Rocky* na noite anterior. Percorri as matérias sobre o caso Smathers até o parágrafo que descrevia a descoberta do cadáver por um funcionário do zoológico, que resolvera cortar caminho pelo parque para ir ao apartamento da namorada. O garoto estava coberto de neve numa clareira onde, durante o verão, realizava-se o torneio de bocha da Liga Ítalo-Americana. A reportagem dizia que a clareira, nas proximidades da rua Clark, perto da Wisconsin, era visível do celeiro da fazenda municipal do zoológico.

Como não havia trânsito, chegamos ao parque em dez minutos. Pedi ao motorista que tomasse o rumo de Clark e parasse quando

chegássemos a Wisconsin.

A neve que cobria o campo era recente e mal se viam pegadas em sua superfície. Chegava a uns oito centímetros de altura nos bancos ao longo dos caminhos. Aquela região do parque parecia totalmente deserta. Desci do carro e entrei na clareira sem esperança de achar nada de excepcional, mas ao mesmo tempo tomado de expectativa. Não sabia exatamente por quê. Talvez fosse apenas um pressentimento. A certa altura, vi um aglomerado de pegadas na neve, que cortavam da esquerda para a direita o caminho que eu pretendia seguir. Avancei sobre elas e achei novas marcas no chão, desta vez cruzando a passagem da direita para a esquerda. Crianças, pensei. Quem sabe a caminho do jardim zoológico. Se é que estava aberto. Olhei para o celeiro vermelho e, nesse momento, notei as flores caídas ao redor de um altíssimo carvalho, a uns vinte metros de distância.

Aproximei-me da árvore, compreendendo quase automaticamente o que via. As flores estavam ali para lembrar o primeiro aniversário. De perto, notei que as rosas vermelhas espalhadas como sangue na neve eram artificiais, feitas de lascas de madeira. No galho da árvore que mais se aproximava do caminho, haviam pendurado a fotografia de um garoto sorridente, os cotovelos apoiados numa mesa, o rosto nas mãos. Estava de paletó vermelho, camisa branca e uma gravata-borboleta azul. A família devia ter estado ali não fazia muito tempo, pensei. E fiquei intrigado, perguntando-me por que não haviam feito a homenagem no próprio túmulo do menino.

Olhei a minha volta. A superfície dos lagos ao redor do celeiro estava congelada, uns poucos patinadores brincavam por ali. Mais ninguém. Um pouco adiante, na rua Clark, avistei o táxi a minha espera. Do outro lado da rua, havia um prédio de tijolos aparentes. À entrada, uma tabuleta presa ao toldo informava: CASA DE HEMINGWAY. Era o lugar de onde saía o funcionário do zoológico que tinha encontrado o corpo do garoto.

Olhei uma vez mais para a fotografia presa ao galho da árvore e, sem hesitar, arranquei-a. Para resistir à intempérie, havia sido plastificada como as carteiras de identidade. No verso, lia-se apenas

o nome do menino, nada mais. Guardei-a no bolso do sobretudo. Talvez fosse útil na hora de escrever a matéria.

O táxi me pareceu quente e aconchegante como uma sala com lareira. A caminho do Área Três, tornei a correr os olhos pelas reportagens do *Tribune* na tela do computador.

Os detalhes do caso eram horripilantes como os do assassinato de Theresa Lofton. O garoto tinha sido levado do centro de recreação de uma escola elementar, na rua Division. Ele e dois amigos haviam matado aula para brincar na neve. Dando falta dos meninos, o professor fora procurá-los. Mas Bobby Smathers já não estava lá. As testemunhas, dois garotos de doze anos, não souberam contar à polícia o que tinha acontecido. Conforme seus depoimentos, Bobby Smathers simplesmente desaparecera. Os meninos chegaram a voltar aos lugares onde haviam brincando, mas não o encontraram. Imaginando que estivesse se escondendo para assustá-los, desistiram de seguir procurando.

Bobby só fora encontrado no dia seguinte: jogado num banco de neve, perto da pista de bocha do Parque Lincoln. As várias semanas de investigação, comandadas por John Brooks, o investigador responsável pelo caso, não resultaram em nada diferente das explicações dadas pelos colegas de Bobby Smathers: ele simplesmente havia desaparecido da escola naquele dia.

Ao repassar as reportagens, eu procurei as possíveis semelhanças com o caso Theresa Lofton. Não eram muitas. Ela era mulher, branca e adulta; ele, um menino negro. Maior discrepância seria impossível. No entanto, ambos estiveram mais de vinte e quatro horas desaparecidos, e seus corpos mutilados foram encontrados num parque municipal. E os dois tinham passado o último dia de vida numa instituição de ensino. O garoto, na escola, a mulher, na creche onde trabalhava. Não consegui atinar com o significado dessa conexão, mas era o que eu tinha em mãos.

* * *

O quartel-general do Área Três era uma fortaleza de tijolos aparentes. O prédio de dois andares, que ocupava mais de meio

quarteirão, abrigava também o Primeiro Tribunal Municipal do Distrito de Cook. Era intenso o fluxo de pessoas a entrar e sair pelas portas de vidro fumê. Empurrei-a e entrei no saguão encharcado de neve derretida. O guichê da recepção também era de tijolos aparentes. Nem mesmo um carro que entrasse ali, destruindo as portas de vidro, alcançaria os tiras instalados atrás do balcão. Já os cidadãos disciplinadamente enfileirados diante deles eram outra coisa.

Olhei para a escada a minha direita. Lembrando-me de que dava acesso ao escritório dos investigadores, tive a tentação de não fazer caso da segurança e subir de uma vez. Mas preferi não fazê-lo. Uma simples desobediência bastava para que os tiras se irritassem. Aproximei-me de um dos que atendiam no guichê. Ele olhou imediatamente para a bolsa do computador que eu trazia a tiracolo.

— Está de mudança para cá?

— Não, é só um computador — respondi. — Quero falar com o investigador Lawrence Washington, por favor.

— E o senhor, quem é?

— Meu nome é Jack McEvoy. Ele não me conhece.

— Tem hora marcada?

— Não. Vim tratar do caso Smathers. Pode dizer a ele.

As sobrelhas do tira se ergueram lentamente.

— Primeiro, eu tenho uma coisa a dizer para o senhor mesmo. Vá abrindo essa bolsa, vamos dar uma olhada no tal computador. Enquanto isso, eu ligo para cima.

Fazendo o que ele mandou, abri o computador como costumava fazer nos aeroportos, liguei-o, desliguei-o, depois o empurrei para um lado. O tira acompanhou todo o procedimento ao mesmo tempo em que falava com quem eu presumi que fosse a secretária. Calculei que a menção do caso Smathers me ajudaria, no mínimo, a sobreviver ao primeiro round.

— Tem um cidadão aqui embaixo querendo falar com Larry Pernalonga sobre o garoto.

Ele ouviu em silêncio uns poucos instantes e desligou.

— Segundo andar. Suba a escada, entre à esquerda no corredor, última porta. Está escrito Homicídios. É o investigador negro.

— Obrigado.

Subi a escada pensando no modo como o tira se referira a Smathers, “o garoto”; e a pessoa com quem ele havia falado não tivera problema para saber do que se tratava. Isso, para mim, foi muito esclarecedor, bem mais que a leitura dos jornais. A polícia fazia o possível para despersonalizar as vítimas. Nisso, não se distinguia muito dos próprios assassinos. Quando deixa de ser uma pessoa que vive, respira, sofre, a vítima já não pode aterrorizar ninguém. Mas o fato de o chamarem de “o garoto” contrariava essa prática. Significava que, apesar de passado um ano, o caso ainda afetava muito o Área Três.

A sala da equipe de homicídios era mais ou menos do tamanho de meia quadra de tênis. Acarpetada de verde, estava dividida em três compartimentos, cada um com cinco escrivaninhas, um par diante do outro, sendo que a quinta, a do sargento, ficava mais afastada a um canto. Junto à parede a minha esquerda, havia uma longa fileira de arquivos trancados por barras que atravessavam os puxadores das gavetas. No fundo, por trás dos compartimentos, ficavam dois escritórios com janelas de vidro, pelas quais se podia observar o salão. Um deles era o do tenente. O outro mais parecia uma sala de interrogatório. Lá dentro, à mesa, vi um casal comendo sanduíche. Além deles, três pessoas se encontravam no salão, em seus devidos lugares, e a secretária estava instalada em uma escrivaninha perto da porta.

— É o senhor que está querendo falar com Larry? — perguntou-me.

Eu respondi com um gesto, e ela apontou para um homem à escrivaninha do outro lado da sala. Estava sozinho. Fui até lá. Nem mesmo quando me aproximei ele tirou os olhos dos formulários sobre a mesa.

— Já está nevando? — perguntou.

— Ainda não. Mas não demora.

— É sempre assim. Eu sou Washington. O que quer?

Olhei para os dois investigadores no compartimento vizinho. Nenhum deles havia olhado para mim até então.

— Bem, eu queria falar com você em particular, se for possível. É sobre o garoto Smathers. Tenho umas informações.

Tive a certeza de que acabava de chamar a atenção de todos. Washington largou a caneta e, finalmente, olhou para mim. Devia ter pouco mais de trinta anos, mas seus cabelos muito rentes já apresentavam um ou outro reflexo prateado. Ele, porém, parecia estar em boa forma. Percebi isso antes mesmo que se levantasse. E dava a impressão de ser muito vaidoso também. Trajava terno marrom-escuro, camisa branca e gravata listrada. O paletó mal dissimulava o seu tórax avantajado.

— Quer falar comigo em particular? Do que se trata?

— Bem, é justamente isso que eu gostaria de lhe dizer em particular.

— Você não é um desses caras que vêm aqui para se confessar, é?

Eu sorri.

— E se fosse? Pelo menos diria a verdade.

— Hoje é o meu dia! Está bem, vamos para a outra sala. Mas, por favor, não me faça perder tempo. Qual é mesmo o seu nome?

— Jack McEvoy.

— Ok, Jack, se depois de expulsar o pessoal da sala, você me fizer perder tempo, nem eu nem eles vamos achar graça.

— Acho que não vamos ter problemas.

Quando ele se levantou, notei que era mais baixo de que eu imaginara. Era como se a metade inferior de seu corpo fosse de outro homem. Pernas curtas e muito grossas a sustentarem um tronco volumoso e forte. Entendi o apelido que o tira do saguão usara, Larry Pernalonga. Por mais elegância que tivesse no vestir-se, seu físico esquisito sempre o traía.

— Alguma coisa errada? — perguntou-me, aproximando-se.

— Hum... não. Eu só... Jack McEvoy.

Estendi a mão, mas Washington se afastou sem apertá-la.

— Vamos para aquela sala, Jack.

— Pois não.

Ele reagiu ao meu olhar de desprezo com um igual. Tudo bem. Eu o segui até a sala onde o casal estava almoçando. Washington se

voltou para trás e olhou para a bolsa que eu levava.

— Que é isso?

— Um computador. Umas coisas que quero lhe mostrar, se você estiver interessado.

Ele abriu a porta e os dois o encararam.

— Acabou o piquenique — disse Washington.

— Não pode esperar uns dez minutos, Pernalonga? — perguntou o homem antes de se levantar.

— Não. Estou com um cliente.

Eles se levantaram, embrulharam o que ainda restava dos sanduíches e saíram calados. Ao passar por mim, o homem me olhou com ar contrariado. Não me importei. Washington fez sinal para que eu entrasse. Coloquei na mesa a bolsa com o computador, junto a uma cartolina dobrada com o pictograma de proibido fumar. Sentamo-nos de frente um para o outro. A sala estava com um cheiro forte de cigarro e molho de salada.

— E então, em que posso servi-lo? — perguntou o policial.

Eu segurei a maleta e tentei me mostrar calmo, coisa que nunca acontecia quando estava falando com um tira, por mais que seu mundo me fascinasse. Eu sempre tinha a sensação de que estavam suspeitando de alguma coisa. De alguma coisa ruim em mim. De alguma falha grave.

— Hum... não sei bem por onde começar. Eu sou de Denver. Cheguei esta manhã. Sou jornalista e vim...

— Espere aí, espere aí! Jornalista? Que tipo de jornalista você é?

Notei um leve tremor na pele escura do lado esquerdo de seu maxilar. Já estava contando com isso.

— Trabalho para um jornal. O *Rocky Mountain News*. Primeiro escute. Depois, se quiser me expulsar daqui, tudo bem. Mas duvido que isso aconteça.

— Escute aqui, cara. Já ouvi muita merda de gente como você. E não tenho tempo...

— Mesmo se eu lhe disser que John Brooks foi assassinado? — Procurei no rosto de Washington algum sinal de que ele já sabia disso. Ele nada deixou transparecer. — Seu parceiro. Acho que ele foi assassinado.

Ele sacudiu a cabeça.

— A gente tem de ouvir cada uma! Por quem? Quem foi que o matou?

— A mesma pessoa que assassinou meu irmão. — Calei-me um instante para ter certeza de que lhe havia atraído a atenção. — Ele era tira também, da homicídios. Trabalhava em Denver. Foi assassinado há mais ou menos um mês. No começo, a polícia de lá também acreditou na hipótese do suicídio. Eu comecei a investigar e acabei vindo parar aqui. Sou jornalista, mas isso nada tem a ver com o caso. A questão é o meu irmão. E o seu parceiro.

Washington ergueu as sobrancelhas, vincando a testa com um escuro V, e se limitou a me encarar em silêncio. Fiquei esperando. Ele estava num beco sem saída. Não podia concordar comigo nem me expulsar. Encostando-se na cadeira, tirou um maço de cigarros do bolso do paletó e acendeu um. Depois, puxou o cesto de lixo que estava no canto da sala para usá-lo com cinzeiro. Imaginei quantas vezes já lhe haviam dito que cigarro fazia mal à saúde. Ao exalar a fumaça azulada, que subiu ao teto, reclinou a cabeça. Depois, debruçou-se na mesa.

— Não sei se você é maluco. Deixe-me ver a sua credencial.

Os dois estávamos num beco sem saída. Tirando a carteira do bolso, entreguei-lhe a carta de habilitação, a credencial da imprensa e o registro da DPD. Ele examinou cada documento, mas eu sabia que já estava decidido a ouvir minha história. Alguma coisa errada havia na morte de John Brooks, e Washington concordaria em ouvir até mesmo o que um jornalista desconhecido tivesse a dizer.

— Ok — disse ele, devolvendo-me os documentos. — São autênticos. O que não quer dizer que vá acreditar numa só das suas palavras.

— Não. Mas tenho certeza de que logo também vai se convencer.

— Escute, você pretende demorar muito para me dizer do que se trata? Acha que se houvesse alguma coisa errada nessa história, eu estaria... Diga logo o que sabe.

— Nada de concreto. Só o que li nos jornais.

Washington apagou o cigarro na borda do cesto de lixo.

— Vamos, Jack, fale de uma vez. Ou então faça o grande favor de dar o fora daqui.

Eu não precisei recorrer às anotações. Conteí o que sabia, relatei até mesmo os detalhes mais perversos que já sabia de cor. Falei durante meia hora. Washington me ouviu sem fazer uma única pergunta. Fumou mais dois cigarros. Quando dava uma tragada, a fumaça lhe encobria os olhos. Mas eu tinha razão. Fora assim com Wexler também. Eu estava apenas confirmando o que ele já suspeitava fazia tempo.

— Quer o telefone do Wexler? — perguntei por fim. — Ele pode confirmar o que estou lhe dizendo.

— Não. Eu o procuro depois, se for preciso.

— Alguma pergunta?

— Não. Por enquanto não.

Washington ficou me olhando.

— Bem, que pretende fazer agora?

— Vou checar essas informações. Onde você vai estar?

— No Hyatt, perto do rio.

— Ok, eu telefono para você.

— Investigador Washington, acho que isso não basta.

— Como assim?

— Quer dizer, eu vim aqui em busca de informações também, não simplesmente para lhe contar o que sei e voltar para o quarto de hotel. Preciso que me responda a algumas perguntas sobre Brooks.

— Escute, garoto, nós não costumamos fazer esse tipo de negócio. Você veio até aqui e contou a sua história. Não há...

— Olhe, não tente me menosprezar com essa de garoto, como se estivesse falando com um jeca. Eu lhe dei uma coisa e quero outra em troca. É por isso que estou aqui.

— Eu não tenho nada para lhe dar agora, Jack.

— Conversa. Pode mentir quanto quiser, Larry Pernalonga, mas eu sei muito bem que você tem informações. Eu preciso saber.

— Para quê? Para fazer a sua grande reportagem e atrair para cá os outros abutres da sua laia?

Fui eu que me debrucei na mesa dessa vez.

— Já disse que não tem nada a ver com a reportagem.

Tornei a me encostar na cadeira, e ficamos nos encarando. Tive vontade de fumar, mas estava sem cigarros e não queria pedir um a Washington. O silêncio foi quebrado quando um dos investigadores que estava no salão se aproximou e abriu a porta.

— Tudo bem por aqui? — perguntou.

— Dê o fora, Rezzo! — gritou Washington e, sem esperar que o outro fechasse a porta, voltou-se para mim: — Intrometidos de merda! Você já imagina o que eles estão pensando, não? Devem achar que você veio em busca de novidades sobre o garoto. O caso está completando um ano. Tem gente mórbida até para isso. Espere até que ouçam a sua história.

Eu pensei na fotografia do garoto em meu bolso.

— Antes de vir para cá, eu passei pelo lugar onde vocês o encontraram — contei. — Puseram flores lá.

— É normal — comentou Washington. — A família vive indo lá.

Fiz que sim e, pela primeira vez, senti remorso por ter roubado a fotografia. Fiquei em silêncio, simplesmente aguardando que Washington dissesse alguma coisa. Ele parecia disposto a facilitar as coisas. Sua expressão estava mais tranquila, mais relaxada.

— Olhe, Jack. Eu preciso fazer umas averiguações. E pensar um pouco também. Se disse que vou telefonar para você, pode acreditar. Vá para o hotel e faça uma massagem ou coisa parecida. Voltamos a conversar ainda hoje.

Embora relutante, concordei com um gesto. Ele se levantou. Estendendo o braço por cima da mesa, ofereceu-me a mão direita. Eu a apertei.

— Bom trabalho. Quer dizer, para um jornalista.

Eu peguei o computador e saí. O salão estava mais movimentado agora, e muitos olharam para mim. Imaginei que tivesse ficado muito tempo lá dentro para que pensassem que se tratava só de mais um louco. Lá fora fazia frio e nevava muito. Demorei uns quinze minutos para conseguir um táxi.

No caminho, pedi ao motorista que parasse na Wisconsin com a Clark, desci e fui correndo na neve até a árvore. Recoloquei a fotografia de Bobby Smathers no lugar onde a havia encontrado.

12

Larry Pernalonga me deixou plantado o resto da tarde. Às cinco horas, tentei localizá-lo, mas não o encontrei nem no Área Três nem no Onze Vinte e Um, como era conhecido o departamento de homicídios. A secretária se recusou a fornecer o número de seu bipe ou a dizer aonde ele tinha ido. Às seis, quando eu já estava convencido de que tudo não passara de perda de tempo, bateram em minha porta. Era ele.

— Olá, Jack — disse sem entrar no quarto. — Vamos dar uma volta.

Washington tinha estacionado o carro na garagem exclusiva dos hóspedes, mas como deixara a placa de identificação da polícia no para-choque, não houve problemas. Entramos no carro e saímos. Ele atravessou o rio e entrou pela avenida Michigan, tomando o rumo norte. A nevada não havia diminuído como eu imaginava e a neve se acumulara nos dois lados da avenida. Os carros estacionados estavam cobertos por uma camada de mais de cinco centímetros. Minha respiração se condensava no ar muito frio, embora o aquecedor do automóvel estivesse ligado ao máximo.

— Ainda bem que você é de um lugar onde também neva bastante, Jack.

— É.

Washington estava apenas tentando puxar conversa. E eu, por ansioso que estivesse para saber o que ele tinha a me dizer, achei melhor esperar, deixar que seguisse em seu próprio ritmo. Mais tarde, teria tempo de bancar o jornalista e crivá-lo de perguntas.

Entramos à direita, na rua Division, e seguimos em direção ao lago. A opulência de Miracle Mile e de Gold Coast não tardou a

desaparecer, dando lugar a prédios mais modestos, a maior parte dos quais demandava reformas urgentes. Embora Washington continuasse calado, imaginei que estivéssemos a caminho da escola de Bobby Smathers.

Já havia escurecido. Passamos sob um viaduto e, pouco depois, avistamos a escola. Washington apontou para ela.

— Era ali que o garoto estava. No pátio. Foi assim que aconteceu — estalou os dedos —, ele simplesmente sumiu. Ontem, eu fiquei o dia inteiro de plantão. Você sabe, estava fazendo um ano. Podia acontecer alguma coisa, talvez o sujeito, o assassino, resolvesse dar as caras.

— Conseguiu alguma coisa?

Washington sacudiu a cabeça e mergulhou num profundo silêncio. Mas não parou o carro. Se tinha intenção de me mostrar o lugar, passou depressa demais para que eu pudesse ver alguma coisa. Seguimos para oeste e, por fim, chegamos a um conjunto de prédios de tijolos aparentes que davam a impressão de estar abandonados. Eu sabia onde nos encontrávamos. Num dos projetos habitacionais. Um aglomerado de sombrios monolitos projetados contra a escuridão do céu. Decerto haviam adquirido a aparência de seus habitantes. Frios e desesperançados pobretões do horizonte urbano.

— Que viemos fazer aqui?

— Sabe onde estamos?

— Sei. Eu estudei aqui, quer dizer, aqui em Chicago. Todo mundo conhece Cabrini-Green. Por quê?

— Eu fui criado aqui. Eu e Jumpin, John Brooks.

Compreendi imediatamente quanto aquilo era excepcional. Antes de mais nada, porque os dois haviam conseguido sobreviver àquele lugar, depois, porque *além* de sobreviver, ambos haviam se tornado tiras.

— É um verdadeiro gueto vertical. John e eu costumávamos dizer que o elevador, aqui, só leva a um lugar: ao inferno.

Eu me limitei a concordar com um gesto. Era um mundo distante do meu, completamente desconhecido.

— Isso se a gente tiver a sorte de o elevador estar funcionando — concluiu Washington.

Só então percebi que em nenhum momento havia me passado pela cabeça a possibilidade de Brooks ser negro. As reportagens não traziam fotografias e não tinham por que mencionar a etnia dos envolvidos. Eu simplesmente presumira que ele era branco e, mais tarde, teria de investigar o que me fizera pensar assim. Mas naquele momento estava interessado em descobrir por que Washington tinha me levado para lá.

Ele parou no pátio de um dos prédios. Os contêineres de lixo eram verdadeiros palimpsestos^[2] cobertos por décadas e décadas de pichações. O enferrujado cesto de basquete parecia estar havia muito tempo sem a tabela. Embora estacionado, Washington não desligou o motor. Não sei se para manter o aquecedor em funcionamento ou se para o caso de termos de sair às pressas. Vi um pequeno grupo de adolescentes com longas capas, os rostos escuros como o céu, sair correndo de um prédio a nossa frente, atravessar o pátio gelado e entrar apressado em outro edifício.

— A essa altura, você deve estar se perguntando que diabo estamos fazendo aqui — disse Washington. — Tudo bem, eu entendo. Um garoto branco como você.

Continuei em silêncio. Queria deixá-lo à vontade para seguir em frente.

— Está vendo aquele ali? — ele perguntou. — O terceiro bloco à direita? Era o nosso prédio. Eu morava no catorze com minha tia-avó, e John, no doze com a mãe, bem embaixo do nosso. Nenhum prédio tem o décimo terceiro andar. Não é preciso, azar é o que não falta por aqui. Nenhum de nós tinha pai. Pelo menos, não desses que se dão ao trabalho de aparecer de vez em quando.

Eu sabia que Washington estava tentando me dizer alguma coisa, só não compreendia o quê. Não tinha a menor ideia dos problemas que os dois amigos haviam enfrentado para conseguir dar o fora do prédio tenebroso que ele estava me mostrando. Continuei calado.

— Fomos amigos a vida inteira. O sem-vergonha acabou se casando com a minha primeira namorada, Edna. Depois de alguns anos de treinamento no departamento, tendo trabalhado com os

investigadores mais antigos da homicídios, pedimos para ser parceiros. E o pior foi que eles concordaram! Chegaram até a publicar uma reportagem sobre nós no *Sun Times*. Fomos mandados para o Área Três porque é o setor que cuida desta parte da cidade. Devem ter imaginado que tínhamos experiência para enfrentar isto aqui. Boa parte dos casos de que fomos incumbidos ocorreu nestas redondezas. E aconteceu de os dois estarmos de plantão no dia em que aquele menino apareceu sem dedos. Merda, recebemos o telefonema às oito em ponto. Dez minutos mais, e teria sido problema do turno da noite.

Ele ficou calado durante alguns instantes, provavelmente pensando que as coisas poderiam ter tomado um rumo muito diferente se outra pessoa houvesse recebido o chamado.

— Algumas vezes, quando estávamos trabalhando num caso, vigiando, fazendo “campana” ou coisa assim, John e eu vínhamos para cá depois do plantão, estacionávamos exatamente no lugar onde estamos agora e ficávamos observando.

Só então compreendi a mensagem que Washington estava tentando me transmitir. Larry Pernalonga conhecia Jumpin John o bastante para saber que não seria capaz de atirar em si mesmo. Tinha a dimensão exata das dificuldades que Brooks precisara superar na vida tendo sido criado num lugar daqueles. Lutara como um louco para sair do inferno e não faria nada que pudesse levá-lo de volta a ele. Era essa a mensagem.

— Foi por isso que você não acreditou, não é?

Washington me fitou e fez que sim.

— É uma dessas certezas que a gente tem, só isso. Jumpin John não fez aquilo. Foi o que tentei explicar para o pessoal da UI, mas eles só queriam ver-se livres do caso o mais depressa possível.

— Quer dizer que foi pura intuição? Você não reparou em nenhum detalhe esquisito ou coisa assim?

— Havia uma coisa, mas ninguém se deixou convencer. Eles tinham encontrado o bilhete, havia a história do psicólogo, tudo se encaixava. Era mais cômodo. Brooks foi taxado de suicida antes mesmo que fechassem o saco plástico do necrotério e o levassem. Ali mesmo. No ato.

- Que detalhe era esse?
- Os dois disparos.
- Como assim?
- Vamos dar o fora daqui. Que acha de comermos alguma coisa?

Washington manobrou o carro, contornando o pátio num grande círculo, e voltou para a rua. Seguimos para o norte, passando por lugares onde eu nunca havia estado. Não tinha a menor ideia do nosso destino. Depois de uns cinco minutos, eu me cansei de esperar.

- Fale nesses dois disparos.
- Ele deu dois tiros, certo?
- Deu? Os jornais não falam nisso.
- Os jornais nunca se aprofundam em porra alguma. Mas eu estive na casa. Edna me chamou quando o encontrou. Cheguei antes da UI. Ele tinha disparado dois tiros, um no chão, outro na boca. A explicação oficial foi que primeiro atirou no chão para experimentar, para verificar se era capaz, numa espécie de ensaio. Queria ver se tinha coragem. Só depois ele se matou de fato. Isso não faz o menor sentido. Para mim, não.

- Por que não? Por que teria atirado duas vezes então?
- Eu acho que o primeiro disparo foi na boca. O segundo só serviu para deixar resíduos na mão dele. O cara pôs a arma na mão do John e atirou no chão. Por isso encontraram resíduos. Conclusão: suicídio. Caso encerrado.

- E ninguém concordou com você?
- Não. Até hoje. Até que você aparecesse com essa história de Edgar Allan Poe. Eu estive na Unidade de Investigações e contei o que você descobriu. Fiz com que se lembrassem das dúvidas que surgiram quanto ao suicídio. As minhas dúvidas. Vão reabrir o caso, dar mais uma olhada. Amanhã de manhã vamos ter uma reunião preliminar na Onze Vinte e Um. O chefe da UI vai formar uma equipe para cuidar do caso, e eu vou ficar no comando.

- Mas isso é ótimo!
- Fiquei um tempo em silêncio olhando pela janela do carro. Estava agitado. As coisas começavam a entrar nos eixos. Agora tínhamos

dois supostos suicídios de policiais, em cidades diferentes, sendo reinvestigados, possivelmente como assassinatos que de algum modo se relacionavam. Isso sim era uma matéria! E das boas. Sobretudo, era uma coisa concreta que eu podia usar em Washington para ter acesso aos arquivos da fundação ou até no FBI. Quer dizer, se chegasse a tempo. Caso os tiras de Chicago ou de Denver entrassem em contato com o Bureau primeiro, eu certamente seria jogado para escanteio, não precisariam mais de mim.

— Por quê? — perguntei em voz alta.

— Por que o quê?

— Por que fizeram uma coisa dessa? *Que* estão querendo, afinal? Washington não respondeu. Continuou dirigindo na noite fria.

* * *

Jantamos a uma mesa dos fundos do Slammer, um bar de policiais perto do Área Três. Os dois pedimos o especial da casa, rosbife de peru ao molho, ótima opção para uma noite fria como aquela. Enquanto comíamos, Washington fez uma exaustiva apresentação dos planos da UI. Disse que estava me contando tudo em off, e, caso eu pretendesse publicar alguma coisa, teria de conseguir as informações com o tenente responsável. Não seria difícil. Afinal, a equipe de investigação estava sendo formada graças a mim. Ele não podia se recusar a falar comigo.

Washington comia com os cotovelos na mesa. Dava a impressão de estar querendo proteger o prato. Às vezes falava com a boca cheia, mas devia ser porque estava agitado demais. Como eu. Eu também estava preocupado em assegurar o meu lugar na investigação, na história toda.

— Já entramos em contato com Denver — disse Washington. — Vamos trabalhar juntos, pôr o pessoal em ação e ver o que acontece. Aliás, você já falou com Wexler? Ele está uma fera com você, cara!

— Por quê?

— Ora, por quê! Você não lhe contou nada sobre Poe, Brooks, sobre Chicago. Ele vai lhe cobrar isso, Jack.

— É bem provável. Eles já têm alguma novidade?

— Têm. Conseguiram tirar alguma coisa do guarda-florestal.

— Como?

— Por meio da hipnose. Fizeram com que voltasse àquele dia. Ele afirma que, quando olhou para o carro pela primeira vez, seu irmão estava usando somente uma luva. Depois, sem mais nem menos, a luva com resíduos de pólvora apareceu na outra mão. Wexler me disse que já não tem a menor dúvida sobre o caso.

Balancei a cabeça concordando, um gesto mais para mim que para Washington.

— Agora vocês e os tiras de Denver terão de notificar o FBI, não? Há uma conexão entre os casos.

— Vamos ver. O pessoal não gosta muito de trabalhar com a inteligência. No fim, o máximo que a gente ganha é um pontapé na bunda. Às vezes nem isso. Mas você tem razão, acho que não temos outra escolha. Se for mesmo o que eu estou pensando e você também está pensando, o Bureau vai acabar entrando na dança.

Eu não contei a Washington que pretendia procurar o FBI. Sabia que precisava chegar lá antes deles. Empurrei o prato para um lado, fitei-o e sacudi a cabeça. Era uma história incrível.

— Qual é a sua opinião sobre esses crimes? Com quem acha que estamos lidando?

— Não são muitas as possibilidades — respondeu ele. — Uma: trata-se de um único sujeito que sai matando por aí e, depois, volta para dar um jeito no tira responsável pela investigação.

Eu balancei a cabeça. Concordava com ele.

— A segunda: os primeiros homicídios não tiveram nenhuma conexão entre si, mas o nosso matador volta às cidades onde os crimes chamaram muito a atenção ou tiveram repercussão na mídia e mata o policial encarregado do caso.

— É.

— Em terceiro lugar: os assassinos são dois. Em cada cidade, um comete o primeiro assassinato e o outro aparece para dar sumiço no tira. Esta é a hipótese que menos me agrada. Deixa muitas dúvidas

no ar. Eles se conhecem? Trabalham juntos? Ah, não! Isso vai longe demais.

— Eles teriam de se conhecer. De que outra maneira o segundo pode saber onde o primeiro está agindo?

— Exatamente. Nós estamos nos concentrando nas hipóteses um e dois. Ainda não decidimos se o pessoal de Denver vem para cá ou nós mandamos os nossos para lá, mas temos de trocar informações sobre o caso do garoto e da estudante. Procurar alguma conexão e, se encontrarmos, correr atrás.

Eu concordei. Acreditava na primeira possibilidade. Uma única pessoa, um assassino responsável por tudo.

— Se for apenas um, quem é o alvo dele de fato? — perguntei mais para mim que para ele. — As primeiras vítimas ou os tiras? — Washington arqueou as sobrancelhas, formando um escuro V na testa. Eu prossegui: — Talvez estejamos falando num cara que deseja exterminar tiras. O objetivo é esse, certo? Por isso ele comete os primeiros crimes, Smathers, Lofton, para atrair suas presas. Os policiais.

Olhei a minha volta. Dava-me arrepios dizer aquilo em voz alta, mesmo tendo pensado na hipótese durante todo o voo para Chicago.

— Coisa sinistra, não?

— Muito.

— Sabe por quê? Porque se a história for mesmo essa, deve haver outros casos. Toda vez que um tira comete suicídio, as investigações são apressadas e sigilosas. Nenhum departamento quer saber de escândalos. Dão um jeito de encerrar o caso o mais depressa possível. Por isso não vai ser difícil encontrar outros tantos casos semelhantes. Se a primeira hipótese for a correta, esse cara não começou com Brooks e decerto não vai parar no assassinato de seu irmão. Há muito mais. Aposto.

Washington terminou de comer e empurrou o prato.

Meia hora mais tarde, deixou-me em frente ao Hyatt. O vento que vinha do lago era glacial. Eu não queria descer ali fora, mas Washington disse que não pretendia subir até o quarto. Deu-me um cartão.

— Aí estão o telefone da minha casa e o número do meu bipe.
Telefone.

— Telefone, sim.

— Ok, Jack. — Ele estendeu a mão e eu a apertei. — Muito obrigado.

— Por quê?

— Por tê-los feito acreditar. Fico lhe devendo essa. Jumpin John também.

13

Gladden passou vários segundos olhando fixamente para a tela azul e brilhante antes de começar. Era o seu exercício rotineiro, um modo de desvencilhar a mente das pressões. Porém, dessa vez seria mais difícil. Ele estava com muita raiva.

Procurando deixar isso de lado, pôs o computador no colo, limpou a tela e rolou a esfera do mouse com o polegar até que a flecha, percorrendo as diferentes janelas, se detivesse no ícone TERMINAL. Apertou a tecla ENTER e, a seguir, escolheu o programa que queria. Pressionou o DIAL e aguardou, ouvindo o sinal agudo da conexão via satélite. Era como um parto, pensou, todas as vezes. O horrível ganir de um recém-nascido. Completada a comunicação, surgiu na tela a mensagem de boas-vindas.

BEM-VINDO AO CLUBE APA

Passados alguns segundos, a tela se deslocou para cima, e apareceu um *prompt* codificado para a primeira senha de Gladden. Ele digitou as letras, esperou que fossem reconhecidas e, ao receber o *prompt*, entrou com a segunda senha. Não tardou para que o acesso fosse autorizado e a mensagem de advertência apareceu na tela.

ASSOCIAÇÃO PAZ E AMOR

REGRAS DE NAVEGAÇÃO

1. NUNCA USE SEU NOME VERDADEIRO
2. NUNCA FORNEÇA OS NÚMEROS DO SISTEMA A TERCEIROS

3. NUNCA CONCORDE EM SE ENCONTRAR COM OUTRO USUÁRIO
4. NÃO SE ESQUEÇA QUE OS OUTROS USUÁRIOS PODEM SER CORPOS ESTRANHOS
5. O OPERADOR TEM O DIREITO DE ELIMINAR QUALQUER USUÁRIO
6. OS PAINÉIS DE MENSAGENS NÃO PODEM SER USADOS PARA TRATAR DE ATIVIDADES ILEGAIS — É TERMINANTEMENTE PROIBIDO!
7. A APA NETWORK NÃO SE RESPONSABILIZA PELO CONTEÚDO DAS MENSAGENS
8. APERTE QUALQUER TECLA PARA CONTINUAR

Gladden apertou o ENTER e foi informado de que havia uma mensagem secreta a sua disposição. Digitou rapidamente as teclas necessárias e viu aparecer uma mensagem do operador do sistema, que ocupou toda a metade superior da tela do laptop.

OBRIGADO PELO AVISO. LAMENTAMOS SABER QUE VOCÊ SE DEU MAL E ESPERAMOS QUE ESTEJA BEM AGORA. NO FIM TUDO VAI DAR CERTO. SE ESTÁ LENDO ISTO AGORA, SUPONHO QUE É PORQUE ESTÁ DE VOLTA À ATIVA. MUITO BEM! BOA SORTE E FIQUE EM CONTATO COM VOCÊ MESMO E COM OS OUTROS. (RÁ, RÁ)

APA

Gladden digitou o R, apertou o ENTER, e apareceu na tela o *template* para a resposta. Digitou sua mensagem ao primeiro remetente.

NÃO SE PREOCUPE COMIGO. JÁ CUIDEI DE TUDO. ESTOU LIVRE COMO UM PASSARINHO

APA

Feito isso, Gladden digitou os comandos que lhe permitiam passar ao diretório do painel principal. Por fim, a tela foi ocupada

com o diretório dos painéis de mensagem. Cada um trazia um número de mensagem ativa disponível para a leitura.

1.	Fórum geral	89
2.	B+9	46
3.	B-9	23
4.	G+9	12
5.	G-9	6
6.	Tudo bem	51
7.	Meditações e Queixas	76
8.	Cães de Fila Legais	24
9.	Serviços na Cidade	56
10.	Painel de Intercâmbio	91

Gladden digitou rapidamente os comandos de acesso ao painel "Meditações e Queixas". Era um dos mais procurados. Ele já havia lido a maior parte dos arquivos e chegara até a dar sua contribuição para alguns. Todos os autores lamentavam quanto a vida era injusta para com eles. Diziam que talvez numa outra época seus gostos e instintos seriam aceitos como normais. Tratava-se muito mais de queixas que de meditações, pensava Gladden. Ele chamou um arquivo intitulado Aparição e se pôs a ler.

Acho que em breve saberão de mim. Meu tempo à luz da fascinação e do temor públicos se aproxima. Eu estou preparado. Todos os que são como eu acabam vestindo a carapuça. A anonimidade estará perdida. Eu terei um nome, uma designação que não reflete quem sou nem minhas muitas habilidades, um apelido determinado simplesmente por sua capacidade de se ajustar às manchetes da imprensa marrom e de conduzir as massas a sentir medo. A gente estuda o que teme. O medo vende jornais e programas de televisão. Logo chegará a minha vez de vender.

Em breve estarei sendo caçado e serei famoso. Mas não hão de me encontrar. Nunca. Isso é o que eles não percebem. Que eu sempre estive preparado.

Decidi que chegou a hora de contar minha história. Quero contá-la. Ela vai dizer tudo o que tenho, tudo o que sou. Nestas janelas vocês me verão viver e morrer. Meu laptop Boswell não julga ninguém, não hesita diante de nenhuma palavra. Quem há de ser melhor para ouvir minha confissão que o laptop Boswell? Quem há de ser melhor biógrafo que o laptop Boswell? Vou começar a lhes contar agora. Acendam as lanternas. Eu vou viver e morrer aqui na escuridão.

O ser humano fica às vezes extraordinária e irremediavelmente apaixonado pelo sofrimento.

Não escrevi isso antes mas gostaria de ter escrito. Em todo caso, pouco importa, pois eu acredito nisso. O meu sofrimento é a minha paixão, a minha religião. Nunca me abandona. Orienta-me. Meu sofrimento sou eu mesmo. É o que vejo agora. Acho que o que dizem estas palavras é que nossa dor é o caminho pelo qual fazemos as andanças e escolhas na vida. É o que pavimenta o caminho, digamos assim, para tudo quanto fazemos, para tudo quanto nos tornamos. Por isso eu a acolho. Nos a estudamos e, por difícil que seja, a amamos. Não temos escolha.

Eu tenho muita clareza quanto a isso, perfeita compreensão. Posso olhar para trás, para o meu caminho, e ver que foi a dor que fez todas as minhas escolhas. Olho para a frente e vejo aonde ela vai me levar. Eu já não sigo o meu caminho atualmente. É ele que avança sob mim, transportando-me como uma gigantesca esteira do tempo. Ele me trouxe até aqui.

Meu sofrimento é a rocha na qual fundo meus alicerces. Eu sou o perpetrador. Sou a Aparição. A verdadeira identidade é a dor. A minha dor. Até que a morte nos separe.

Naveguem com cuidado, caros amigos.

Gladden releu a mensagem e ficou profundamente comovido. Ela lhe tocava o coração.

Retornando ao menu principal, chamou o Painel de Intercâmbio para ver se havia clientes novos. Não havia. Digitou o comando G para despedir-se. Depois desligou e fechou o computador.

O diabo era que os tiras lhe haviam confiscado a câmera. Ele não podia cometer a loucura de voltar para exigir que a devolvessem e, com o dinheiro que lhe restava, não podia comprar outra. Por outro lado, sem a câmera, não tinha como cumprir as ordens e não receberia mais dinheiro. O ódio que sentiu era como uma lâmina que lhe rasgava o sangue, que o dilacerava por dentro. Ele decidiu fazer uma transferência de dinheiro da Flórida e tratar de comprar outra câmera.

Aproximando-se da janela, olhou para os automóveis que passavam lentamente pela Sunset. Aquilo era um infindável estacionamento ambulante. Toda aquela fumaça e aquele aço, pensou, toda aquela carne. Aonde iam? Quantos dos que passavam naqueles carros eram como ele? Quantos tinham os mesmos desejos, quantos sentiam a lâmina nas entranhas? Quantos tinham a coragem de seguir em frente? Uma vez mais o ódio lhe penetrou o pensamento. Era uma coisa palpável dentro dele, uma flor negra que abria as pétalas em sua garganta, asfixiando-o.

Foi ao telefone e discou o número que Krasner lhe havia dado. Sweetzer atendeu à quarta chamada.

- Ocupado, Sweetzer?
- Quem está falando?
- Sou eu. Como vão as crianças?
- Que... Quem está falando?

A intuição mandou Gladden desligar imediatamente. Não tratar com aquele tipo de gente. Mas ele estava tão curioso.

- Você está com a minha câmera — disse.

Houve um breve silêncio.

- Senhor Brisbane, como vai?
- Muito bem, obrigado, investigador.

— Sim, estamos com a sua câmera, e o senhor pode recuperá-la se alegar que depende dela para ganhar a vida. Quer marcar hora

para vir apanhá-la?

Gladden cerrou os olhos e apertou o fone com tanta força que chegou a acreditar que iria esmagá-lo. Eles sabiam. Do contrário, teriam lhe dito que esquecesse a câmera. Mas os filhos da puta sabiam de alguma coisa. E queriam que ele aparecesse lá. A questão era: o que eles sabiam? Gladden teve vontade de gritar, porém a razão recomendava que não perdesse a calma com Sweetzer. Nenhum movimento em falso, pensou.

— Preciso pensar nisso.

— É, é uma bela câmera. Não sei bem como funciona, mas eu gostaria muito de ficar com ela. Está ao seu dispor se quiser...

— Vá à puta que o pariu, Sweetzer!

O ódio o dominou. Gladden pronunciou o palavrão entre os dentes.

— Olhe, Brisbane, eu estou fazendo o meu trabalho. Se há algum problema, venha até aqui e a gente vê o que se pode fazer. E se você quiser a porra dessa câmera, venha buscá-la. Mas eu não estou disposto a ficar escutando você...

— Você tem filhos, Sweetzer?

Seguiu-se um prolongado silêncio, mas Gladden sabia que o investigador continuava na linha.

— Que foi que você disse?

— Você ouviu muito bem.

— Está ameaçando a minha família, seu grandessíssimo filho da puta?

Agora foi Gladden quem ficou algum tempo calado. Depois, um ruído grave começou a se formar no fundo de sua garganta, para se transformar numa gargalhada de louco. Ele a deixou sair livremente até já não poder ouvir nem pensar em outra coisa. Então, de súbito, bateu o telefone com força e calou o riso como se uma faca o tivesse cortado ao meio. Estava com o rosto horrivelmente desfigurado, os dentes cerrados no quarto vazio.

— Filho da puta!

Mesmo assim, sentiu uma grande tristeza pelo que o esperava e pelo que tinha feito. Aqueles pequenos sacrifícios. Ofertados para que ele pudesse curar as feridas. Sabia quanto aquilo era egoísta,

quanto era grotesco e deformado. E o fato de converter tais sacrifícios em dinheiro o atormentava ainda mais, transformava tudo na raiva de si mesmo e na repulsa que sempre se seguiam. Sweetzer e os outros tinham toda a razão. Ele merecia ser caçado.

Ele se deitou de costas na cama e ficou olhando para o teto manchado de umidade. Estava com os olhos cheios de lágrimas. Fechou-os e tentou dormir, esquecer. Mas o Melhor Amigo estava ali na escuridão, atrás de suas pálpebras. Estava ali como sempre. O rosto fixado, uma horrível fenda em vez de lábios.

Gladden abriu os olhos e olhou para a porta. Havia batido. Sentou-se rapidamente ao ouvir o ruído metálico de uma chave na fechadura. Compreendeu o erro que acabava de cometer. Sweetzer devia ter rastreado o telefone. Sabiam que ele acabaria telefonando!

A porta do quarto se abriu. Uma negra miúda, de uniforme branco, estava parada na soleira com duas toalhas dobradas nas mãos.

— Limpeza — anunciou. — Desculpe ter vindo tão tarde hoje, mas eu tive muito que fazer. Amanhã, o seu quarto será o primeiro a ser arrumado.

Gladden respirou fundo, notando que se havia esquecido de colocar o aviso de NÃO PERTURBE do lado de fora.

— Tudo bem — disse, aproximando-se rapidamente para impedi-la de entrar. — Hoje eu só quero as toalhas. — Ao pegar as toalhas, leu o nome da moça bordado no uniforme, Evangeline. Era bonita de rosto, e ele lamentou que fosse aquele o seu trabalho, limpar a sujeira dos outros. — Obrigado, Evangeline.

Notou que ela olhou para o quarto, para a cama. Ainda estava arrumada. Ele chegara a puxar as cobertas na noite anterior. Então, voltando a encará-lo, ela fez um gesto afirmativo e ensaiou um sorriso.

— Então, é só isso por hoje?

— Só isso, Evangeline.

— Tenha um bom dia.

Gladden fechou a porta e se voltou. Viu o laptop na cama e, na tela, uma das fotografias. Retrocedendo sobre seus passos, abriu a porta e se colocou na soleira, exatamente onde ela ficara. Olhou

para o computador. Era visível. O menino no chão... Que outra coisa podia ser aquilo no branco lençol de neve senão sangue?

Voltou apressado ao computador e digitou o atalho de emergência para SAIR que ele mesmo programara. A porta continuava aberta. Gladden tentou raciocinar. Caramba, pensou. Que erro imperdoável!

Aproximou-se uma vez mais da porta e saiu. Evangeline estava no corredor, junto a um carrinho repleto de produtos de limpeza. Olhou para ele com indiferença. Seu rosto não revelava nada. Mas Gladden precisava ter absoluta certeza. Não podia arriscar tudo com base na expressão do rosto daquela mulher.

— Evangeline — chamou. — Acho que mudei de ideia. Pensando bem, o quarto precisa de uma limpeza. Inclusive porque estão faltando papel higiênico e sabonete.

Ela soltou a prancheta em que estava escrevendo e se curvou para pegar o papel e o sabonete no carrinho. Sem parar de observá-la, Gladden pôs as mãos nos bolsos. Notou que ela mascava chiclete ruidosamente. Era um insulto fazer aquilo diante de outra pessoa. Como se ele fosse invisível. Como se não existisse.

Quando Evangeline se aproximou com os objetos pedidos, ele não fez menção de tirar as mãos dos bolsos, apenas recuou para lhe dar passagem. E esperou que a moça entrasse no quarto para ir até o carrinho e examinar a prancheta. Na linha correspondente ao quarto 112, viu a anotação "Só toalhas".

Antes de voltar para o quarto, Gladden olhou a sua volta. O hotel tinha dois andares, com cerca de vinte e quatro quartos cada um, que davam para um pátio. Avistou outro carrinho no andar superior, bem em frente ao dele, diante de uma porta aberta, mas a camareira não se encontrava por perto. Com o frio que fazia, a piscina, no centro do pátio, estava deserta. Não se via ninguém.

Ele entrou e fechou a porta quando Evangeline estava saindo do banheiro com o saco de lixo na mão.

— Senhor, nós temos ordem de deixar a porta aberta quando entramos num quarto. É o regulamento.

Ele lhe interceptou o caminho.

— Você viu a fotografia?

— O quê? Senhor, eu preciso abrir a...

— Você viu a fotografia no computador? Ali na cama?

Apontou para o laptop e a fitou nos olhos. Embora confusa, ela não se virou.

— Que fotografia? — Olhou enfim para a cama, depois novamente para ele. Parecia desorientada, constrangida. — Eu não peguei nada. Pode chamar o senhor Barrs agora mesmo, se acha que tirei alguma coisa daqui. Eu sou uma mulher honesta. Ele pode mandar outra empregada me revistar. Eu não peguei fotografia alguma. Nem sei do que o senhor está falando.

Gladden ficou olhando para ela algum tempo. Depois sorriu.

— Sabe, Evangeline, você pode até ser honesta. Mas eu preciso ter certeza. Entende?

A Fundação da Polícia ficava na rua Nove, em Washington, a poucas quadras do Departamento de Justiça e do quartel-general do FBI. Era um edifício muito grande, e eu deduzi que também outras repartições públicas e fundações funcionavam ali. Ao passar pelas pesadas portas, consultei o painel com a relação das instituições ali sediadas e tomei o elevador para o terceiro andar.

Tive a impressão de que a FP ocupava todo o andar. Ao sair do elevador, deparei com uma mesa enorme, à qual estava sentada uma corpulenta recepcionista. No meio jornalístico, costumamos chamar essa primeira barreira de “mesa das decepções”, pois as funcionárias encarregadas do contato inicial com os visitantes raramente nos deixam ir aonde queremos ou falar com quem estamos procurando. Eu disse à mulher que queria conversar com o dr. Ford, o diretor da fundação, segundo informava o artigo do *New York Times* sobre suicídio de policiais. Era ele o responsável pelo banco de dados ao qual eu precisava ter acesso.

— Ele está almoçando. O senhor tem hora marcada?

Respondi que não e coloquei um cartão de visita na mesa. Consulte o relógio. Faltavam quinze para a uma.

— Oh, um repórter — disse ela como se estivesse se referindo a um delinquente. — Neste caso é diferente. O senhor deve passar pelo escritório de relações públicas antes, eles é que decidem se o diretor vai atendê-lo ou não.

— Sei. E há alguém das relações públicas lá ou também saíram para o almoço?

Ela pegou o telefone e discou um número.

— Michael? Você está atendendo ou está em horário de almoço? Há um senhor aqui que diz ser do *Rocky Mountain News* e... Não, primeiro ele queria falar com o doutor Ford.

A recepcionista ouviu a resposta, disse ok e desligou.

— Michael Warren vai atendê-lo. Ele avisou que tem um compromisso à uma e meia, é melhor apressar-se.

— Onde é?

— Sala três zero três. Vá pelo corredor aí atrás e vire à direita. É a primeira porta à direita.

Enquanto eu estava no corredor, ocorreu-me que o nome Michael Warren me era familiar, mas não me lembrava de onde o conhecia. A porta da sala 303 abriu-se quando eu ia bater. O homem de aproximadamente quarenta anos que saiu parou ao ver-me.

— O senhor é que é do *Rocky*?

— Eu mesmo.

— Pensei que tinha se perdido por aí. Entre. Não tenho muito tempo. Sou Mike Warren. Michael, caso resolva publicar o meu nome, mas prefiro que não me identifique. Refira-se simplesmente a um funcionário. Espero poder ajudá-lo.

Quando ele finalmente se instalou à escrivaninha abarrotada de papéis, eu me apresentei e nós nos cumprimentamos. Warren fez sinal para que eu me sentasse também. Havia muitos jornais amontoados a um lado da mesa. Do outro, os retratos de sua esposa e dos dois filhos estavam dispostos de maneira que tanto ele quanto os visitantes pudessem vê-los. À esquerda, havia uma pequena mesa com um computador e, mais acima, na parede, uma fotografia de Warren cumprimentando o presidente. Warren tinha o rosto bem escanhado, trajava camisa branca e gravata marrom. O colarinho estava um pouco puído no limite da barba. O paletó encontrava-se pendurado no espaldar da cadeira. Sua pele muito branca contrastava com os olhos negros e penetrantes e com os cabelos lisos e também pretos.

— Muito bem. O senhor é da Scripps D.C.?

Ele estava se referindo à agência de notícias que distribuía as notícias de Washington aos jornais associados. Justamente o

escritório que Greg Glenn havia sugerido que eu contatasse no início da semana.

— Não, não. Sou de Denver.

— Bem, em que posso servi-lo?

— Estou precisando falar com Nathan Ford ou... não sei, com o responsável direto pela pesquisa sobre suicídio de policiais.

— Suicídio de policiais? Esse projeto é do FBI. Oline Fredrick é quem está trabalhando com eles.

— Sim, eu sei que o FBI está envolvido.

— Vamos ver. — Ele tirou o fone do gancho, mas logo voltou a desligar o aparelho. — O senhor não telefonou marcando entrevista? Não me lembro de ter visto o seu nome.

— Não, eu acabo de chegar à cidade. É uma matéria de última hora, pode-se dizer.

— Matéria de última hora? Sobre suicídio de policiais? Não me parece uma reportagem de urgência. Por que tanta pressa?

Foi nesse momento que me lembrei subitamente quem ele era.

— Você não trabalhou no *Los Angeles Times*? Na sucursal de Washington? Você não é esse Michael Warren?

Ele sorriu ao ver-se reconhecido.

— Sou, como você sabe?

— Pelos telegramas do *Post-Times*. Eu vivo consultando-os. Reconheci seu nome. Você fazia a cobertura do Judiciário, não é mesmo? Ótimas matérias.

— Até o ano passado. Depois saí de lá e vim para cá.

Balancei a cabeça. Sempre havia um momento de desconfortável silêncio quando eu me encontrava com alguém que abandonara o jornalismo e passara-se para o outro lado. Normalmente eram pessoas extenuadas, repórteres que haviam se cansado das eternas urgências, de sempre ter de dar a vida pelas coisas. Certa vez eu lera a biografia de um jornalista, cujo autor descrevia sua existência como um constante correr à frente de um tubarão faminto. Acho que foi a descrição mais perfeita que já li. Às vezes, as pessoas se cansam de correr, outras são engolidas e, depois, abandonadas em frangalhos. Há os que conseguem sair dessa situação. Têm habilidade e talento para alcançar uma posição em que conseguem

controlar a mídia sem fazer parte dela. Era isso que Warren fizera e o que eu lamentava. Ele era dos bons. Eu só esperava que não estivesse arrependido.

— Tem saudades? — perguntei mais por delicadeza.

— Ainda não. Às vezes, quando acontece um fato interessante, fico pensando que poderia estar lá, trabalhando a coisa de uma perspectiva diferente. Mas a gente sabe quanto esse trabalho é desgastante.

Estava mentindo e parecia saber que eu havia notado. Warren queria voltar.

— É, também estou começando a me sentir assim.

Resolvi mentir também, só para que ele se sentisse melhor, se é que era possível.

— Mas voltando ao suicídio de policiais. Qual é o seu interesse no assunto?

Warren consultou o relógio.

— Bem, não era uma matéria de última hora até alguns dias atrás. Mas agora é. Eu sei que você não tem muito tempo, vou tentar explicar rapidamente. Eu só... Não quero ser desagradável, mas queria que você me promettesse que esta conversa será estritamente confidencial. É uma reportagem exclusiva e, quando chegar a hora, eu mesmo quero detoná-la.

Ele concordou com um gesto.

— Compreendo. Não precisa se preocupar. Não vou comentar nada com outro jornalista, a menos que me perguntem especificamente sobre o mesmo assunto. Mas vou ser obrigado a falar com o pessoal aqui da fundação. Não posso lhe fazer nenhuma promessa antes de saber do que se trata.

— É claro.

Senti que podia confiar nele. Talvez porque seja sempre mais fácil acreditar numa pessoa que já viveu a situação da gente. E também porque eu tinha vontade de discutir meu trabalho com alguém capaz de compreender a importância da matéria. Era uma espécie de exibicionismo do qual eu não estava livre. E então eu lhe contei.

— Esta semana, eu comecei a preparar uma matéria sobre suicídio de policiais. Sei que já publicaram muita coisa a respeito disso. Mas eu queria abordar o assunto de um ângulo diferente. Meu irmão era da polícia e cometeu um suposto suicídio há mais ou menos um mês. Eu...

— Puxa vida! Eu sinto muito.

— Obrigado, mas não foi propriamente por esse motivo que resolvi fazer a matéria. Decidi escrever numa tentativa de entender o que ele havia feito, o que a polícia de Denver dizia que havia feito. Então, recorri aos procedimentos de rotina, consultei o material registrado no *Nexis* e, é claro, acabei encontrando muitas referências ao projeto da fundação.

Dissimuladamente, ele tentou consultar o relógio de novo, e eu resolvi ganhar definitivamente sua atenção.

— Para encurtar a história, enquanto eu estava tentando descobrir por que ele havia se matado, acabei descobrindo justamente o contrário.

Olhei para ele. Agora estava prestando atenção.

— Como o contrário?

— Minha investigação acabou revelando que o “suicídio” de meu irmão não passou de um cuidadoso e bem disfarçado assassinato. Ele foi morto. Já reabriram o caso. Também descobri uma conexão entre a morte de meu irmão e o suposto suicídio de um tira no ano passado, em Chicago. Esse caso também foi reaberto. Eu cheguei de lá esta manhã. A polícia de Chicago, de Denver e eu achamos que há alguém matando tiras por aí e fazendo com que pareça suicídio. A chave para encontrar outros possíveis casos são justamente os dados coletados pela fundação. Você deve ter um arquivo dos casos de suicídio de tiras no país inteiro nos últimos cinco anos.

Ficamos alguns instantes em silêncio. Warren olhando fixamente para mim.

— Acho melhor você me contar a história toda — disse enfim. — Não, espere.

Ergueu a mão feito um guarda de trânsito a fazer sinal para que eu parasse, pegou o telefone com a outra e discou um número.

— Drex? Olá, é Mike. Olhe, eu sei que já está em cima da hora, mas não vai dar. Surgiu um assunto aqui... Não... É, vamos deixar para outro dia. Falo com você amanhã. Obrigado. Tchau.

Desligou e voltou a me encarar.

— Era só um almoço. Agora, me conte tudo.

* * *

Meia hora mais tarde, depois de vários telefonemas para marcar o encontro, Warren me acompanhou pelos labirínticos corredores da fundação até a sala 383. Entramos em uma sala de reuniões, onde o dr. Ford e Oline Fredrick já estavam a nossa espera. As apresentações foram breves, e Warren e eu nos sentamos.

Oline Fredrick não devia passar dos vinte e cinco anos, era loira, de cabelos cacheados e ar indiferente. Eu voltei toda a atenção para Ford. Warren já havia me instruído. A decisão final seria tomada pelo diretor da fundação. Ele era baixinho, estava de terno escuro, mas sua presença se impunha. Usava óculos de armação preta com lentes ligeiramente rosadas. Sua cerrada barba era grisalha como os cabelos. Com os cotovelos apoiados na enorme mesa oval, as mãos cruzadas a sua frente, mal moveu a cabeça quando nos sentamos, limitando-se a acompanhar-nos com o olhar.

— Vamos começar? — disse quando terminaram as apresentações.

— Seria bom que Jack lhes contasse exatamente o que me disse há pouco — sugeriu Warren. — Então veremos. Jack, você poderia começar do começo?

— Claro que sim.

— Vou aproveitar para tomar nota de alguns detalhes desta vez.

Contei tudo que havia exposto a Warren pouco antes. Lembrei-me de um ou outro detalhe novo, ainda que não necessariamente significativo, e mesmo assim fiz questão de incluí-los no relato. Sabia que precisava impressionar Ford, pois da decisão que ele tomasse dependeria o apoio ou não de Oline Fredrick.

Só fui interrompido uma vez, e justamente por ela. Mencionando a morte de meu irmão, comentou que o protocolo da DPD havia

chegado na semana anterior. Eu lhe disse que podia jogá-lo no lixo. Ao terminar, olhei para Warren e ergui as mãos.

— Será que esqueci alguma coisa?

— Acho que não.

Ambos nos voltamos para Ford, que permanecera imóvel durante a minha exposição, e aguardamos. Ele ergueu as mãos ainda cruzadas e as bateu de leve no queixo, várias vezes, como se estivesse refletindo. Eu me perguntei em que ramo ele seria doutor. Qual era a especialização requerida para assumir o comando de uma fundação? Certamente mais política que técnica.

— O caso é interessante — disse com tranquilidade. — Entendo que o senhor esteja tão agitado. Também compreendo a excitação do senhor Warren. Ele foi jornalista durante muito tempo e é bem provável que a história tenha despertado o resquício de curiosidade profissional que ainda lhe corre nas veias, talvez em detrimento de sua função atual, lamentavelmente.

Ford expressou sua desaprovação sem olhar para Warren. Estava com os olhos fitos em mim.

— O que eu não compreendo, e talvez por isso não esteja partilhando tanta excitação, é o que isso tudo tem a ver com a fundação. Não ficou claro para mim, senhor McEvoy.

— Bem, doutor Ford — começou Warren. — Jack precisa...

— Um momento — interrompeu-o Ford. — Prefiro que o senhor McEvoy explique.

Eu procurei ser direto. Ford não estava lá para conversa fiada. Só tinha interesse em saber em que medida aquilo poderia beneficiá-lo.

— Eu suponho que o material de pesquisa esteja arquivado nos computadores.

— Correto — respondeu Ford. — A maioria de nossos projetos já foi informatizada. Contamos com o apoio de um grande número de departamentos de polícia para a coleta dos dados. As comunicações das ocorrências nos chegam via protocolo, como a senhorita Fredrick já comentou. Eles são arquivados em nossos computadores. Mas isso não quer dizer nada. São nossos pesquisadores quem analisam esses dados e elaboram a interpretação. Nessa pesquisa específica,

eles trabalham em conjunto com especialistas em análise de dados do FBI.

— Compreendo. O que estou querendo dizer é que vocês possuem o mais completo arquivo de ocorrências de suicídio de policiais.

— Um apanhado de cinco ou seis anos, acredito. Nossa pesquisa começou antes mesmo de Oline vir trabalhar conosco.

— Eu quero ter acesso a esses dados.

— Por quê?

— Se estivermos certos... e, não estou me referindo a suspeitas unicamente minhas. Os investigadores de Chicago e Denver são da mesma opinião. Já descobrimos dois casos que se relacionam. O...

— Que parecem relacionar-se.

— Certo, parecem. E, se de fato estiverem relacionados, há uma chance muito grande de existirem outros. Estamos falando de um criminoso serial, de um maníaco. Talvez haja muitos casos, talvez poucos, talvez nenhum. Mas eu preciso averiguar, e vocês dispõem desses dados aqui. Todos os suicídios notificados nos últimos seis anos. Eu só preciso ter acesso a eles e checar o que parecer suspeito, o que possa ser resultado da ação desse sujeito.

— Como pretende fazer isso? Há centenas de casos arquivados.

— Através dos protocolos que os departamentos enviam para cá, eles não registram a patente, a função, que o policial morto exercia?

— Registram.

— Pois nós selecionaremos os casos em que o policial suicida era investigador de homicídios. A teoria que estou desenvolvendo é a de que o assassino ataca tiras responsáveis pela investigação de algum homicídio. Talvez se trate de um "caçador de caçadores" ou algo assim. Eu não tenho ideia da psicologia da coisa, mas é por aí que pretendo começar. Selecionando os policiais envolvidos com a investigação de homicídios. Se tivermos sucesso, passamos à análise dos casos em si. Vamos precisar dos relatórios. Dos relatórios das investigações que acabaram resultando nos suicídios. A...

— Mas isso não está arquivado nos computadores — disse Oline Fredrick. — Esses relatórios, se é que os temos ainda, devem estar

no arquivo morto. Os relatórios em si não são objeto da pesquisa, a menos que façam alusão a algum traço patológico da vítima.

— Mas vocês têm cópias.

— Sim, temos todas. No arquivo morto.

— Neste caso, iremos até lá — sugeriu Warren, animado.

Sua intromissão provocou um silêncio. Depois, todos os olhares se voltaram para Ford novamente.

— Uma pergunta — disse enfim o diretor. — O FBI está sabendo disso?

— No momento eu não posso dizer com segurança — respondi.

— A única coisa que sei é que os investigadores de Chicago e Denver estão seguindo os meus passos. Assim que se convencerem de que a minha investigação está no rumo certo, entrarão em contato com o Bureau. Não tenho dúvida.

Ford balançou a cabeça e disse:

— Senhor McEvoy, importa-se de aguardar alguns minutos na recepção? Eu gostaria de conversar com a senhorita Fredrick e com o senhor Warren em particular antes de tomar uma decisão.

— Tudo bem. — Eu me levantei e fui para a porta, então, hesitante, voltei-me para Ford: — Espero... quer dizer... Acredito que encontraremos uma maneira de consultar esse material. Obrigado.

* * *

A fisionomia de Michael Warren me deu a resposta antes mesmo que ele abrisse a boca. Eu estava sentado num sofá revestido com vinil, na recepção, quando ele se aproximou cabisbaixo. Ao me encarar, limitou-se a sacudir a cabeça.

— Vamos a minha sala — disse.

Eu o segui em silêncio e sentei-me no lugar de antes. Warren parecia tão desanimado quanto eu.

— Por quê? — perguntei.

— Porque ele é um bom filho da puta — rosnou o ex-jornalista. — Porque dependemos de uma autorização do Departamento de Justiça, e o FBI é o Departamento de Justiça. A pesquisa é deles, são eles que nos delegam alguns poderes. Ford não vai deixar que

— você tenha acesso a nenhum documento sem falar com eles. Não vai fazer nada que possa entornar o caldo. Você foi tolo, Jack. Devia ter dito que o FBI estava sabendo de tudo e tinha dado autorização.

— Ele não acreditaria.

— Mas pelo menos teria uma desculpa. Se o acusassem de ter fornecido informações confidenciais a um repórter sem autorização prévia, ele poderia jogar a culpa em você, dizer que você havia mentido que o Bureau estava informado.

— E agora? Não posso ir embora sem nada.

No fundo, eu estava falando comigo mesmo.

— Você não tem nenhuma fonte no Bureau! Olhe, aposto que ele já está telefonando para lá. Provavelmente entrando em contato direto com Bob Backus.

— Quem é esse?

— Um dos mandachuvas. O projeto suicídio é da equipe dele.

— Tenho a impressão de que eu já ouvi esse nome em algum lugar.

— Você deve conhecê-lo. Ou o velho Bob Backus, o pai. Ele é uma espécie de supertira que o Bureau convocou, há alguns anos, para organizar o Serviço Científico do Comportamento e o Programa de Apreensão do Criminoso Violento. Acho que Bobby Jr. está tentando seguir os passos do pai. O problema é que, assim que Ford desligar o telefone, Backus vai fechar todas as portas para você. Sua única chance será via Bureau.

— Santo Deus, eu não acredito. Essa matéria é minha e, de repente, aparece um barbudinho veado disposto a me sabotar só porque quer puxar o saco de outro idiota que se considera o próprio J. Edgar Hoover^[3].

— Veados? Acho que não. Pelo menos Nat Ford nunca apareceu aqui de saia.

— O pior é que não dá para achar graça.

— Eu sei. Lamento sinceramente.

Eu me acomodei na cadeira. Warren não deu sinal de que fosse me dispensar, muito embora não tivéssemos mais nada a fazer. Por fim, percebi o que ele estava esperando que eu fizesse. Eu só não sabia de que maneira abordá-lo. Nunca havia trabalhado em

Washington e não tinha ideia de como as coisas funcionavam ali. Então decidi agir como se estivesse lidando com o pessoal de Denver. Entrei de sola.

— Bem, ainda resta uma saída, você pode entrar nos arquivos, certo?

Apontei para o computador a sua esquerda. Warren ficou alguns instantes olhando para mim, só depois respondeu:

— Nem pensar! Eu não sou seu informante, Jack. Não sou nenhum Garganta Profunda^[4]. E essa história toda não passa de uma simples investigação criminal. Impossível. Sua única saída é procurar o FBI.

— Mas você também é jornalista.

— Fui. Agora trabalho para a fundação e não vou arriscar...

— Escute, você sabe quanto essa história é importante. Se Ford estiver entrando em contato com o FBI, amanhã mesmo eles estarão aqui, vão apreender todos os relatórios. Você sabe como é difícil conseguir as coisas lá dentro. Já estive lá. Ou resolvemos a coisa agora mesmo, ou vamos publicar uma reportagem de merda daqui a um ano ou dois, com mais conjeturas que fatos. É o que vai acontecer se eu não tiver acesso ao computador.

— Já disse que não dá.

— Olhe, você tem razão. Eu só estou querendo uma reportagem, nada mais. O grande furo. Mas eu mereço. Você sabe disso. O FBI não estaria se metendo nisso se não fosse por mim. Mas acontece que agora eu estou sendo boicotado... Pense nisso. Imagine que fosse você. Imagine que tivesse acontecido com seu irmão.

— Eu já pensei. A resposta continua sendo não.

Eu me levantei.

— Bem, se você mudar de...

— Não vou mudar.

— Olhe, eu vou ficar hospedado no Hilton. Onde Reagan sofreu o atentado.

Foi o que eu disse ao sair. Ele não respondeu.

Aproveitei o tempo, no quarto do Hilton, para atualizar os arquivos de meu computador com o pouco que tinha obtido na fundação, depois telefonei para Greg Glenn a fim de informá-lo de tudo quanto se passara em Chicago e Washington. Desligando o telefone, pus-me a assobiar e a imaginá-lo reclinando-se na cadeira, avaliando as possibilidades.

O fato era que eu já tinha uma matéria e tanto, mas não estava satisfeito. Queria o controle da coisa. Não estava disposto a depender do FBI e de outros investigadores que viessem me dizer como se sentiam ao contar as coisas para mim. Queria investigar. Eu já escrevera incontáveis reportagens sobre investigações de homicídios, mas sempre como quem olhava de fora. Dessa vez, eu me achava do lado de dentro e era lá que queria ficar. Surfava à frente da onda. Compreendi que minha excitação devia ser exatamente a que Sean experimentara quando estava trabalhando no caso. Quando estava "caçando", como ele costumava dizer.

— Alô! Ainda está aí, Jack?

— O quê? Ah, sim, estou. É que comecei a pensar em outra coisa.

— Quando é que sai essa matéria?

— Depende. Amanhã é sexta-feira. Me dê mais um dia. Eu ainda tenho esperança nesse cara da fundação. Mas se não conseguir nada até amanhã cedo, vou tentar com o FBI. Já sei o nome do cara. Se não adiantar, eu volto e redijo a matéria de sábado para domingo.

Domingo era o dia de maior circulação. E eu sabia que Glenn queria fazer um lançamento ruidoso.

— Bom — ele disse —, mesmo assim, já obtivemos muita coisa. Você conseguiu uma investigação, em âmbito nacional, de um assassino serial de policiais que está agindo impunemente há sabe-se lá quanto tempo. Vai ser...

— Nem tanto. Nada está confirmado. Por enquanto é uma investigação em *dois* Estados sobre um *possível* assassino de tiras.

— Mesmo assim, é ótimo. E, se o FBI está metido, o âmbito é nacional. O *New York Times*, o *Post* e todos os outros vão ficar na nossa rabeira.

Na *minha* rabeira, tive vontade de dizer, mas não disse. As palavras de Glenn mostravam a verdade do jornalismo. Já não havia altruísmo algum. Nenhuma relação com a ideia de utilidade pública e muito menos com a do direito à informação. Era pura concorrência, tratava-se de passar a perna no outro e saber que jornal publicara a melhor matéria e qual tinha ficado na rabeira. Quem iria receber o Pulitzer no fim do ano. Uma visão bem mesquinha, sem dúvida, mas, depois de tantos anos, eu só conseguia ser cínico.

Em todo caso, estaria mentindo se dissesse que não saboreava a ideia de publicar uma reportagem nacional e ver todo mundo na minha rabeira. A única coisa que me incomodava era falar nisso com Glenn. E também havia Sean. Coisa que eu não tinha perdido de vista. Queria pegar o homem que o matara. Era o que eu mais queria.

Prometi telefonar para Glenn se surgisse alguma novidade e desliguei. Fiquei andando de um lado para outro e devo reconhecer que também estava pensando nas possibilidades. Pensando no perfil que essa matéria poderia me dar. Talvez eu conseguisse sair definitivamente de Denver, se quisesse. Talvez fosse para uma das três grandes metrópoles, Los Angeles, Nova York, Washington. No mínimo para Chicago ou Miami. E cheguei a pensar até mesmo numa publicação. Num livro. Um crime real teria um grande mercado. Depois, constrangido, tratei de me desfazer da ideia. Ainda bem que ninguém pode descobrir os nossos pensamentos secretos. Todos ficaríamos conhecidos como os babacas narcisistas e pretensiosos que somos.

Eu precisava sair daquele quarto, mas não podia por causa do telefone. Liguei a televisão, que estava apresentando um punhado de programas de entrevistas, todos concorrentes, todos a servir o “lixo branco” habitual. Filhos de strippers num canal, estrelas pornô com maridos ciumentos, em outro, e homens que achavam que as mulheres deviam apanhar de vez em quando para entrar na linha. Quando desliguei o aparelho, ocorreu-me uma ideia. A melhor coisa a fazer era sair do quarto. Isso garantiria que Warren telefonasse, pois eu não estaria lá para receber a chamada. Sempre dava certo. Mas tomara que ele deixasse um recado.

O hotel ficava na avenida Connecticut, perto do Círculo Dupont. Fui até lá e entrei na Mystery Books para comprar um livro intitulado *Multiple Wounds*, de Alan Russell. Tinha lido uma boa resenha em algum lugar e imaginei que um pouco de leitura me distrairia.

Antes de retornar ao hotel, dei umas voltas do lado de fora, procurando o lugar onde Hinckley ficara esperando para matar Reagan. Eu me lembrava bem das imagens do caos, mas não consegui achar o lugar. Imaginei que o hotel tivesse feito alguma reforma para que o local não se tornasse um ponto de aglomeração de curiosos.

Como repórter policial, eu era curioso de tudo quanto fosse macabro. Ia de um assassinato a outro, de um horror a outro, sem pestanejar. Supostamente. Quando entrei no lobby e estava me dirigindo aos elevadores, pensei no que aquilo significava em mim. Talvez alguma coisa estivesse errada comigo. Por que achava tão importante o lugar onde Hinckley se atocaiara?

— Jack!

Já perto dos elevadores, eu me volvei e dei com Michael Warren.

— Olá.

— Eu telefonei, mas você não estava no quarto... Imaginei que estivesse aqui embaixo.

— Fui dar uma volta. Estava começando a desistir de você.

Disse isso com um sorriso e muita esperança. Aquele momento podia decidir muita coisa para mim. Warren já não estava com o terno do escritório, trocara-o por um jeans e um suéter. E levava no braço um sobretudo de tweed. Tudo conforme os padrões de uma

fonte confidencial que preferia vir pessoalmente em vez de deixar um possível registro telefônico.

— Quer subir ou prefere conversar aqui mesmo?

Ele se aproximou do elevador.

— Vamos subir.

Nada disse de importante enquanto subíamos. Eu examinei uma vez mais a sua roupa.

— Você já esteve em casa.

— Eu moro fora de Connecticut, do outro lado do anel viário. Em Maryland. Não fica tão longe assim.

Eu sabia que era uma chamada interurbana e que por isso ele não tinha telefonado antes. Também deduzi que o hotel ficava no caminho entre sua casa e a fundação. E comecei a sentir uma espécie de comichão no peito. Warren iria me ajudar.

O cheiro úmido do corredor era o mesmo de todos os hotéis em que eu estivera. Tirei o cartão magnético do bolso, abri a porta e o fiz entrar no quarto. O computador continuava aberto na pequena escrivaninha, meu sobretudo e a gravata que eu trouxera estavam jogados na cama. No mais, o quarto se encontrava em ordem. Ele jogou o casaco na cama e os dois nos sentamos nas únicas cadeiras que havia.

— E então? — perguntei.

— Eu fiz uma pesquisa. — Ele tirou um papel dobrado do bolso.

— Tenho acesso aos arquivos do computador central. Antes de encerrar o expediente, procurei os relatórios sobre vítimas que eram investigadores de homicídios. Só havia treze. Consegui os nomes, os departamentos e as datas da morte. Está tudo aqui.

Peguei o papel impresso com toda a delicadeza, como se fosse uma lâmina de ouro.

— Muito obrigado. Será que essa sua pesquisa ficou registrada?

— Não sei. Acho que não. O sistema é aberto. Não sei se há um dispositivo de segurança instalado.

— Obrigado — repeti. Não sabia mais o que dizer.

— Em todo caso, foi a parte mais fácil — ele acrescentou. — Examinar os protocolos no arquivo morto é que vai levar algum

tempo... Eu queria saber se você pode ajudar. Decerto, sabe melhor do que eu quais são os importantes.

— Quando?

— Hoje à noite. É a única possibilidade. Vai estar fechado, mas eu tenho a chave do arquivo morto porque às vezes preciso desenterrar coisas antigas a pedido da imprensa. Se não fizermos isso hoje, talvez não encontremos mais nada amanhã. Estou com o pressentimento de que o FBI não vai deixá-los aqui, principalmente sabendo que você está interessado em vê-los. A primeira coisa que vão fazer amanhã é levar tudo embora.

— Foi Ford quem disse?

— Não, fiquei sabendo por Oline. Ele conversou com Rachel Walling, não com Backus. Disse que ela...

— Espere um pouco. Rachel Walling?

Eu conhecia aquele nome. Demorou um pouco, mas me lembrei de que era a psiquiatra que assinara o laudo do PACV que Sean Ihe havia solicitado sobre Theresa Lofton.

— É, Rachel Walling. A psiquiatra de lá. Por quê?

— Nada. O nome me é familiar.

— Trabalha para Backus. Uma espécie de ligação entre o centro e a fundação no projeto sobre os suicídios. Em todo caso, Oline contou que ela disse a Ford que vai dar uma olhada em tudo. Pode ser que queira até conversar com você.

— Caso eu não converse com ela antes. — Levantei-me. — Vamos, então.

— Escute uma coisa. — Ele também se levantou. — Eu não fiz isso, ok? Use esses arquivos apenas como ferramenta de investigação. Não vá publicar nada dizendo que teve acesso aos arquivos da fundação. Nunca admita que viu uma só pasta. Pode me custar o emprego. De acordo?

— Inteiramente.

— Então diga.

— Eu concordo. Com tudo.

Fomos para a porta.

— Engraçado — disse ele. — Passei tantos anos recorrendo a informantes. E nunca me dei conta do quanto eles se arriscavam por

mim. Agora estou vendo. Dá medo.

Eu me limitei a olhar para ele e fazer que sim. Estava com medo de dizer o que quer que fosse. Ele podia mudar de ideia e voltar para casa.

A caminho da fundação, em seu carro, ele acrescentou mais algumas regras.

— Eu não vou ser citado como fonte de informação na sua matéria, ok?

— Ok.

— E as informações que eu lhe der tampouco podem ser atribuídas a “uma fonte da fundação”. Apenas a “uma fonte ligada à investigação”, ok? Isso me dá alguma cobertura.

— Ok.

— O que você está procurando aqui são nomes que podem estar vinculados ao seu homem. Se os encontrar, melhor, mas depois não pense em explicar como os conseguiu. Entendeu?

— Entendi, já conversamos sobre isso. Não se preocupe, Mike, eu nunca revelo as minhas fontes. Nunca. O que vou fazer é usar o que conseguirmos aqui para obter outra confirmação. Será o ponto de partida. Não haverá problema.

Ele ficou em silêncio por algum tempo, mas as dúvidas continuaram a assediá-lo.

— Seja como for, ele vai acabar sabendo que fui eu.

— Então, vamos parar agora mesmo. Não quero que você perca o emprego. Eu espero o FBI.

Não era bem o que eu queria, mas tinha de lhe oferecer uma opção. Afinal, ainda não chegara ao ponto de fazer com que um cara perdesse o emprego só para obter informação para uma matéria. Não queria mais esse peso na consciência. Já tinha muitos para carregar.

— É melhor esquecer o FBI enquanto o caso for de Rachel Walling.

— Você a conhece? Ela é dura?

— Dura como pedra. Eu até tentei lhe falar no assunto uma vez. Mas ela me calou a boca. Pelo que me contou Oline, não faz muito

tempo que se divorciou. Ainda está naquela fase em que homem nenhum presta e parece que vai ficar assim o resto da vida.

Preferi não dizer nada. A decisão era dele, e eu nada podia fazer.

— Não se preocupe com Ford — disse Warren por fim. — Ele pode até pensar que fui eu, mas não terá como provar. Eu nego tudo. Portanto, a não ser que você rompa o nosso acordo, ele não terá nada mais que suspeitas.

— Comigo, você não precisa se preocupar.

Ele encontrou uma vaga na Constitution, a meia quadra da fundação, e estacionou. Nossa respiração começou a sair em grossas fumaradas quando descemos. Eu estava nervoso, com o emprego dele em perigo ou não, acho que os dois estávamos.

* * *

Não havia nenhum guarda a ludibriar, nenhum membro da equipe fazendo hora extra que pudesse nos surpreender. Entramos pela porta da frente com a chave de Warren. Ele sabia perfeitamente aonde estava indo.

A sala do arquivo morto era mais ou menos do tamanho de uma garagem dupla e estava ocupada por fileiras de estantes de aço, de dois metros e meio, repletas de pastas de papel manilha etiquetadas com cores diferentes.

— Como vai ser? — sussurrei.

Ele consultou o papel impresso que trazia no bolso.

— Há uma seção sobre o estudo dos suicídios. Nós pegamos os nomes, levamos os protocolos ao meu escritório e copiamos as páginas de que precisamos. Eu deixei a copiadora ligada ao sair. Não vai ser necessário aquecê-la. E não precisa cochichar. Não há ninguém aqui.

Eu notei que Warren estava dizendo “nós”, mas preferi não fazer comentários. Ele me conduziu a uma das alas, apontando com o dedo, ao mesmo tempo em que ia lendo as listas de temas afixadas nas prateleiras. Enfim, encontrou o título correspondente à pesquisa sobre os suicídios. As pastas tinham etiquetas vermelhas.

— São estas — disse, erguendo a mão para apontar.

Embora fossem finas, as pastas ocupavam três estantes inteiras. Oline Fredrick tinha razão, eram centenas. Cada etiqueta vermelha significava uma morte. Havia muita miséria humana naquelas prateleiras. Eu tive esperança de que algumas estivessem no lugar errado. Warren me entregou a folha impressa, e eu examinei os treze nomes.

— No meio disso tudo, só treze eram investigadores de homicídios?

— É. O projeto acumulou dados sobre mais de mil e seiscentos suicídios. Cerca de trezentos por ano. Mas quase todos eram do policiamento preventivo. O pessoal de homicídios vê os cadáveres, mas acho que a miséria acaba para eles no momento em que chegam ao local. Em geral, são os melhores, os mais inteligentes e os mais duros. Parece que não ficam tão abalados quanto os guardas de rua. Por isso só tenho treze. Seu irmão e esse tira Brooks, de Chicago, também aparecem, mas você já deve ter tudo sobre eles.

Eu fiz que sim.

— Devem estar em ordem alfabética — prosseguiu ele. — Vá lendo os nomes da lista e eu vou pegando os arquivos. E me dê o seu bloco de anotações.

Warren tirou as pastas em menos de cinco minutos. Ia destacando páginas em branco do meu bloco e com elas marcava os lugares das pastas para recolocá-las rapidamente no lugar quando terminássemos. Foi um trabalho intenso. Não se tratava do encontro com um informante como Garganta Profunda, numa garagem subterrânea, a fim de derrubar o presidente da República, mesmo assim, eu senti uma forte descarga de adrenalina.

Porém, as regras eram as mesmas. Uma fonte, independentemente da informação que iria dar, tinha uma razão, um motivo, para se prontificar a ajudar. Olhei para Warren, mas não consegui descobrir o verdadeiro motivo. A reportagem era boa, mas não era dele. Que tinha ele a ganhar com aquilo, à parte a sensação de ter ajudado? E será que bastava? Eu não sabia, mas decidi que, ao mesmo tempo em que estabelecíamos aquele vínculo secreto

entre jornalista e informante, eu precisava tomar muito cuidado. Até saber quais eram as verdadeiras razões daquele homem.

Pastas na mão, percorremos rapidamente dois corredores e fomos para a sala 303. Warren parou de súbito, e eu quase me choquei com ele. A porta de seu escritório estava entreaberta. Ele apontou para a fresta e sacudiu a cabeça, indicando que não a havia deixado assim. Sem ter o que responder, eu dei de ombros. Ele aproximou o ouvido da porta e se pôs a escutar. Eu também ouvi alguma coisa. Um barulho de papel amassado, depois um zunido. Senti um calafrio. Warren voltou para mim um olhar intrigado e, nesse momento, a porta se escancarou. Foi como no dominó. Ele fez um movimento sobressaltado, eu o imitei, e o mesmo fez o minúsculo asiático que estava ali, na soleira, um espanador na mão e um saco de lixo na outra. Os três tardamos um momento para recobrar o ritmo normal da respiração.

— Desculpa, senhor — disse o asiático. — Eu limpar escritório.

— Oh, sim — sorriu Warren. — Ótimo. Que bom.

— O senhor deixar a copiadora ligada.

Com isto, ele se afastou com suas coisas e, usando uma chave presa a uma corrente na cinta, abriu a porta do escritório vizinho. Eu olhei para Warren e sorri.

— Tem razão, você não é o Garganta Profunda.

— E você não é Robert Redford. Vamos.

Ele me mandou fechar a porta, tornou a ligar a pesada fotocopiadora e, com as pastas na mão, colocou-se à escrivaninha. Eu me sentei na mesma cadeira que ocupara ao meio-dia.

— Ok — disse ele —, vamos dar uma olhada nisto aqui. Deve haver uma sinopse em cada protocolo. Toda anotação e qualquer detalhe significativo devem estar nela. Se você achar que vale a pena, copie.

Começamos a examinar as pastas. Por mais que eu simpatizasse com Warren, não me agradava a ideia de deixá-lo decidir se a metade dos casos se encaixava na minha teoria. Queria examiná-los todos, eu mesmo.

— Lembre-se — eu disse —, interessa-nos todo tipo de linguagem floreada que possa parecer literatura ou poesia ou o que

for.

Ele fechou a pasta que estava lendo e a recolocou na pilha.

— Você não confia em mim.

— Não é isso, eu só... Eu quero ter certeza de que estamos sintonizados na mesma onda.

— Ora, isso é ridículo — retrucou ele. — Vamos copiar tudo e sair logo daqui. Você leva as cópias para o hotel e as estuda lá. É mais rápido e mais seguro. Você não precisa de mim.

Eu fiz que sim, percebendo que era exatamente isso o que queria. Nos quinze minutos seguintes, ele ficou operando a copiadora, enquanto eu retirava os protocolos das pastas e os recolocava no lugar depois de copiados. A máquina era lenta, não fora projetada para uso intensivo.

Ao terminar, ele a desligou e me mandou ficar esperando ali no escritório.

— Eu me esqueci dos faxineiros. Acho melhor eu mesmo levar isso de volta ao arquivo morto. Depois venho buscá-lo.

— Ok.

Quando ele saiu, eu tentei ler os protocolos copiados, mas estava muito nervoso para me concentrar. Tive vontade de sair correndo com as cópias e dar o fora dali antes que alguma coisa desse errado. Olhei a minha volta para matar o tempo. Avistei os retratos da família de Warren. Uma mulherzinha miúda, bonita, e dois filhos, um menino e uma menina. Ambos em idade pré-escolar na foto. Eu ainda estava com a moldura na mão quando a porta se abriu e Warren entrou. Fiquei sem jeito. Ele não deu atenção.

— Pronto. Podemos ir.

E, como dois espiões, nós nos esgueiramos na escuridão.

* * *

Warren ficou em silêncio durante quase todo o trajeto até o hotel. Imaginei que fosse porque seu envolvimento tinha terminado e ele sabia disso. O jornalista era eu. Ele, o informante. A matéria era minha. Senti a sua inveja, o seu desejo. Da reportagem. Da profissão. Do que ele tinha sido um dia.

— Por que foi que você desistiu? — perguntei.

Ele falou abertamente:

— Minha mulher, minha família. Eu não parava em casa. Era uma crise atrás da outra, você sabe. Eu tinha de cobri-las todas. No fim, fui obrigado a escolher. Às vezes acho que fiz a escolha certa. Às vezes não. Hoje é um dos dias em que acho que não. Essa é uma matéria e tanto, Jack.

Depois, fui eu quem ficou um bom tempo em silêncio. Warren passou diante da entrada principal do hotel e contornou o círculo das portas. Pelo para-brisa, apontou para o lado direito do prédio.

— Está vendo? Foi ali que Reagan levou o dele. Bem ali. Eu me achava a uns cinco metros de Hinckley quando estávamos esperando. Ele até me perguntou as horas. Havia poucos repórteres ali. Até então, ninguém fazia questão de acompanhar as saídas do presidente. Mas depois, todos passaram a segui-lo.

— Caramba!

— É, foi um grande momento.

Eu o encarei e fiz que sim com expressão muito séria, depois os dois rimos. Conhecíamos o segredo. Só no mundo dos jornalistas aquilo podia ser um grande momento. Os dois sabíamos que, para um repórter, a única coisa melhor que presenciar uma tentativa de assassinato contra o presidente é presenciar um assassinato com êxito. Contanto que a gente não acabe levando um tiro no fogo cruzado. Ele empurrou a porta, eu desci e inclinando-me, tornei a pôr a cabeça dentro do carro.

— Você está mostrando a sua verdadeira identidade, companheiro.

Ele sorriu.

— Quem sabe?

Os treze arquivos eram todos finos, continham o questionário de cinco páginas fornecido pelo FBI e a fundação, e, em geral, somente algumas páginas mais de anotações subsidiárias ou testemunhos de colegas do falecido sobre os procedimentos de trabalho.

A maioria das histórias coincidia. Estafa, álcool, problemas conjugais, depressão. A fórmula básica da melancolia policial. Mas a depressão era o ingrediente chave. Em quase todos os arquivos, registrava-se um tipo ou outro de depressão a consumir a vítima por dentro. Mas somente alguns mencionavam que os suicidas estavam perturbados por um caso específico, solucionado ou não, que tivessem sido incumbidos de investigar.

Fiz uma leitura rápida da conclusão de cada protocolo e não tardei a excluir vários casos da minha investigação devido a fatores diversos, que iam desde os suicídios presenciados por outros até os ocorridos em circunstâncias que não davam margem a dúvida.

Os oito casos restantes eram mais difíceis de eliminar porque, pelo menos nas observações sumárias, pareciam ajustar-se. Todos mencionavam algum caso específico a estressar a vítima. Na verdade, o tormento de um caso insolúvel e as citações de Poe eram tudo o que eu tinha para formar um quadro. Portanto, insisti, transformando esses dois elementos no critério pelo qual julgar se os oito casos restantes podiam constituir uma série de suicídios falsos.

Isso me levou a excluir dois deles ao encontrar referências aos bilhetes dos suicidas. Em ambos, a vítima escrevera a uma pessoa determinada, à mãe num deles, à esposa no outro, pedindo perdão e compreensão. Os bilhetes nada continham que se parecesse com

poesia ou qualquer tipo de literatura. Eu os abandonei e fiquei com seis.

Lendo uma das pastas, deparei com a mensagem da vítima — uma linha, como as deixadas por meu irmão e por Brooks — num adendo que continha o relatório do investigador. Ao ler aquelas palavras, senti um calafrio, uma verdadeira corrente elétrica que me percorreu o corpo. Porque eu as conhecia.

Por anjos maus somente frequentado

Abri apressadamente meu bloco de anotações na página em que eu havia copiado a estrofe de *Terra do Sonho* que Laurie Prine extraíra do CD-ROM e lera para mim.

Num caminho sombrio e desolado
por anjos maus somente frequentado
e onde, no negro trono em que se eleva,
domina um ídolo chamado TREVA,
passei, recentemente, em minha vinda
de uma última Thule, maga e linda,
terra estranha e sublime, sem um traço
de TEMPO nem de ESPAÇO.

Comecei a suar frio. Meu irmão e Morris Kotite, um investigador de Albuquerque que supostamente se matara com um tiro no peito e outro na têmpora, haviam deixado bilhetes que citavam a mesma estrofe do poema. Era um indício.

Mas essa sensação de suspeita e excitação não tardou a dar lugar a um ódio profundo. Ódio do que acontecera a meu irmão e àquele outro homem. Ódio de conviver com policiais e não ter visto isso antes. E eu me lembrei do que dissera a Wexler quando eu o havia convencido do assassinato do meu irmão. Um jornalista de merda, ele tinha dito. Agora eu conhecia o seu ódio. Mas, acima de tudo, eu percebia que meu ódio era pela pessoa que tinha feito aquilo e pelo pouco que eu sabia dela. Em suas próprias palavras, o assassino era um Ídolo. Eu estava procurando um fantasma.

* * *

Passei uma hora examinando os cinco casos restantes. Fiz anotações sobre três deles e excluí os outros dois. Um foi rejeitado quando notei que a morte ocorrera no mesmo dia em que John Brooks tinha sido assassinado em Chicago. Parecia improvável, em face do planejamento que cada homicídio devia requerer, que ambos tivessem sido cometidos no mesmo dia.

O outro caso foi eliminado porque o suicídio fora atribuído, entre outras coisas, ao desespero da vítima ante o rapto e o hediondo assassinato de uma menina em Long Island, Nova York. Inicialmente, pareceu que, embora a vítima não tivesse deixado bilhete, o suicídio se ajustava de modo geral ao meu padrão e merecia um exame mais detido; todavia, ao ler o relatório até o fim, descobri que o investigador havia esclarecido o crime e inclusive chegara a prender um suspeito. Isso escapava ao padrão e, é claro, destoava da teoria de Larry Washington, com a qual eu concordava: a mesma pessoa devia ter matado tanto a primeira vítima quanto o investigador encarregado da investigação desse crime.

Os últimos três casos que me chamaram a atenção — além do de Kotite — incluíam Garland Petry, um investigador de Dallas que dera um tiro no próprio peito e outro no rosto. E deixara um bilhete: “Tristemente me sinto das forças despojado”. Obviamente, eu não conhecia Petry. Mas nunca tinha ouvido um tira usar a palavra “despojado”. A frase a ele atribuída tinha, sem dúvida, um tom literário. Mas eu duvidava que pudesse ter saído da mão e da mente de um policial suicida.

O segundo morto também deixara só uma frase. Clifford Beltran, do Departamento de Polícia do Distrito de Sarasota, na Flórida, supostamente suicidara-se três anos antes — era o caso mais antigo —, deixando um bilhete que dizia apenas: “Senhor, ajudai minha pobre alma”. Uma vez mais, tratava-se de um agrupamento de palavras que me parecia estranho na boca de um tira, de qualquer tira. Era apenas um palpite, mas achei melhor incluir Beltran em minha lista.

Por último, o terceiro caso entrou na lista, muito embora não houvesse menção de bilhete no suicídio de John P. McCafferty, investigador de homicídios da polícia de Baltimore. Incluí-o porque sua morte era sinistramente parecida com a de John Brooks. McCafferty, segundo se supunha, havia dado um tiro no assoalho de seu apartamento antes do segundo e fatal disparo na garganta. Lembrei-me da hipótese de Larry Washington, segundo a qual, aquele era um meio de fazer com que a mão da vítima ficasse com resíduos.

Quatro nomes. Passei algum tempo estudando-os, assim como as anotações que tinha feito, depois tirei da valise o livro de Poe que comprara em Boulder.

Era um volume grosso, supostamente com tudo que o poeta havia escrito. No índice, encontrei nada menos que setenta e seis páginas de poesia. Compreendi que minha longa noite seria ainda mais longa. Mandei trazerem um bule de café e também um pouco de aspirina para a dor de cabeça que certamente me acometeria devido ao excesso de cafeína e comecei a ler.

* * *

Eu nunca tive medo da solidão nem do escuro. Morei sozinho dez anos, costumava até acampar a sós nos parques nacionais. E não temia entrar em prédios desertos, queimados, em busca de uma reportagem. Fiquei em carros escuros, em ruas mais escuras ainda, para me confrontar com candidatos e membros do sindicato do crime ou encontrar-me com informantes medrosos. Se os mafiosos me atemorizavam, estar sozinho na escuridão nunca me assustou. Mas devo confessar que as palavras de Poe me deram calafrios aquela noite. Talvez por me encontrar sozinho no quarto de hotel de uma cidade desconhecida. Talvez por me ver cercado de documentos que falavam de assassinato, morte, ou por estar sentindo muito próxima a presença de meu irmão e, quem sabe, também por saber como estavam sendo usadas as palavras que eu ia lendo. Fosse porque fosse, o medo não me abandonou mais, nem

mesmo quando resolvi ligar o televisor apenas para ouvir um reconfortante murmúrio de vozes.

Na cama, apoiado nos travesseiros, continuei lendo com todas as luzes acesas. Mas ergui o corpo num sobressalto, ao ouvir uma gargalhada lá fora, no corredor. Acabava de retornar ao conforto da concha que meu corpo tinha formado nos travesseiros e estava lendo um poema intitulado *Um Enigma*, quando o telefone tocou, assustando-me novamente com sua batida dupla tão diferente do tilintar do meu telefone em casa. Passava da meia-noite e eu imaginei que fosse Greg Glenn, em Denver, duas horas mais cedo. Mas antes mesmo de atender, compreendi que estava enganado. Glenn não sabia onde eu me hospedara.

Era Michael Warren.

— Eu só queria saber... Imaginei que você ainda estivesse acordado... Queria saber o que você encontrou.

Uma vez mais, senti um desconforto com o envolvimento dele, com as muitas perguntas que fazia. Era diferente de todas as outras fontes que me haviam dado informações em segredo. Mas não podia simplesmente dispensá-lo depois do risco a que ele se havia exposto.

— Ainda estou examinando o material — respondi. — Lendo a poesia de Edgar Allan Poe. E morrendo de medo.

Ele riu educadamente.

— Mas será que vale a pena... no que diz respeito aos suicídios?

Foi quando eu me dei conta de uma coisa.

— De onde você está telefonando?

— De casa. Por quê?

— Você não disse que mora em Maryland?

— Disse. Por quê?

— Então é um interurbano, não? Vai constar na sua conta que você telefonou para cá. Rapaz, você não pensou nisso?

Eu não me conformava com tanto descuido, sobretudo por causa das próprias advertências que ele fizera quanto ao FBI e à agente Rachel Walling.

— Ora... não faz mal. Ninguém vai me investigar. Afinal de contas, não revelei nenhum segredo de segurança nacional.

- Sei lá. Você os conhece melhor do que eu.
- Não se preocupe. O que descobriu?
- Já disse que ainda estou examinando os documentos. Achei alguns nomes que podem interessar. Poucos.
- Que bom. Ainda bem que valeu a pena arriscar.
- Eu fiz que sim, mas lembrei que ele não estava me vendo.
- É. Obrigado mais uma vez. Preciso continuar agora. Estou ficando com sono, mas não quero dormir antes de terminar.
- Então, vou deixá-lo em paz. Quem sabe amanhã, se puder, você me telefona e me conta.
- Não sei se vale a pena, Michael. É melhor tomarmos mais cuidado.
- Tudo bem, você é quem sabe. Vou acabar lendo tudo cedo ou tarde. Você já tem um prazo para entregar a matéria?
- Não. Nem cheguei a conversar sobre isso.
- Que editor bonzinho! Está bem, continue trabalhando. Boa sorte.

* * *

Pouco depois eu estava novamente mergulhado nas palavras do escritor. Morto havia cento e cinquenta anos, ele saiu do túmulo para me agarrar. Poe era um mestre. Em seu ritmo frenético, conseguia envolver tudo numa atmosfera sombria. Eu me dei conta de que estava identificando suas palavras e frases com a minha própria vida. *Sozinho eu habitava/Um mundo de aflição*, escreveu Poe. *E minha alma era um mar estagnado*. Palavras incisivas que, pelo menos naquele momento, pareciam feitas para mim. Continuei lendo e não tardou para que me sentisse aprisionado pela profunda melancolia do poeta quando me deparei com as estrofes de *O Lago*.

Mas quando a Noite em treva amortalhava
Esse recanto e o mundo,
E o vento místico chegava
Murmurando melopeias —

Então — ah! sempre em mim se despertava
O terror desse lago solitário

Poe havia capturado o meu próprio terror e minhas atormentadas lembranças. Meu pesadelo. Atravessara o espaço de século e meio para encostar um dedo gelado em meu peito.

Reinava a Morte na água envenenada,
E seu abismo era um sepulcro digno

Terminei de ler o último poema às três horas da madrugada. Encontrara apenas mais uma correlação entre a poesia e as mensagens dos suicidas. O verso que os relatórios atribuíam ao investigador de Dallas, Garland Petry — *Tristemente me sinto das forças despojado* —, fora tirado de um poema intitulado *Para Annie*.

Mas em nenhum poema de Edgar Allan Poe encontrei algo relacionado com as últimas palavras escritas por Beltran, o investigador de Sarasota. Cheguei a acreditar que, devido ao cansaço, eu poderia ter deixado escapar alguma coisa, mas sabia que lera com todo o cuidado, apesar da hora tardia. Simplesmente não havia nada que correspondesse a *Senhor, ajudai minha pobre alma*. Esse era o verso. Devia ser mesmo a última prece sincera de um suicida. Risquei Beltran da lista, julgando que aquelas miseráveis palavras fossem realmente dele.

Relendo minhas anotações, apesar do sono, concluí que o caso McCafferty, de Baltimore, e o caso Brooks, de Chicago, eram por demais semelhantes para ser deixados de lado. Já sabia o que fazer na manhã seguinte. Iria a Baltimore investigar mais.

* * *

Naquela noite o sonho voltou. O único pesadelo recorrente em toda a minha vida. Como sempre, sonhei que estava caminhando num vasto lago congelado, o azul-escuro gelado sob meus pés. Em todas as direções, eu me via a uma distância igual de lugar nenhum, todos os horizontes eram de um branco ofuscante, cegante. Baixei a cabeça e segui meu caminho. Hesitei ao ouvir uma voz de menina,

um grito de socorro. Olhei a minha volta, mas não vi ninguém. Continuei andando. Um passo. Dois. Então, a mão saiu do gelo e me agarrou. Começou a puxar-me para dentro do buraco que se alargava. A puxar-me ou a tentar sair de lá? Eu não sabia. Por mais que tivesse aquele sonho, eu nunca sabia. Só via a mão e o braço magro a emergir da água negra. E sabia que aquela mão estava morta. Acordei.

As luzes continuavam acesas, o televisor, ligado. Eu me sentei na cama e olhei para o quarto, demorando a compreender em princípio, depois lembrando-me de onde me encontrava e do que estava fazendo. Esperei que o frio passasse e me levantei. Desliguei o televisor, aproximei-me do frigobar, rompi o lacre e abri a porta. Escolhi uma garrafinha de *Amaretto* e bebi pelo gargalo. Examinei a lista de preços. Seis dólares. Deixei-me ficar estudando aqueles preços exorbitantes só para ter o que fazer.

Por fim, senti que o licor começava a me aquecer. Sentando-me na cama, consultei o relógio. Quinze para as quatro. Precisava deitar-me outra vez. Precisava dormir. De baixo das cobertas, peguei o livro no criado-mudo, abri-o na página de *O Lago* e reli o poema. Meu olhos retornavam aos dois versos.

Reinava a Morte na água envenenada,
E seu abismo era um sepulcro digno

Enfim, os pensamentos confusos deram lugar à exaustão. Soltei o livro e me deixei afundar na concha de minha cama. E dormi o sono dos mortos.

Por mais que a intuição lhe dissesse que não devia ficar naquela cidade, Gladden ainda não podia partir. Tinha o que fazer. A remessa de dinheiro chegaria dentro de poucas horas e ele precisava comprar uma câmera nova. Era uma prioridade e não poderia adquiri-la na estrada, fugindo para Fresno ou qualquer outro lugar. Portanto, tinha de permanecer em Los Angeles.

Voltando-se para o espelho junto à cama, pôs-se a estudar a própria imagem. Estava com os cabelos pretos agora. Não se barbeava desde quarta-feira e a barba já começava a ficar cerrada. Pegou os óculos no criado-mudo e os colocou. Tinha jogado as lentes de contato coloridas no lixo do In N Out, onde jantara na noite anterior. Tornou a examinar-se no espelho e sorriu para a nova aparência. Era outro homem.

Olhou para o televisor. Uma mulher estava praticando felação com um homem, enquanto outro fazia sexo com ela na posição instintivamente preferida pelos cães. O volume estava baixo, mas ele sabia o que ouviria se não estivesse. O aparelho tinha passado a noite ligado. Os filmes pornográficos incluídos na diária não o excitavam porque os atores eram todos muito velhos, com ar entediado. Uma gente repulsiva. Mas ele manteve o aparelho ligado. Ajudava-o a lembrar que os outros também tinham desejos perversos.

Voltando a olhar para o livro, releu o poema de Poe. Com tantos anos de leitura, sabia-os todos de cor. Mesmo assim, gostava de ver as palavras impressas, de segurar o livro. Era algo que o confortava.

Em visões da noite escura
Eu sonhei alegrias passadas —

Mas o despertar do sonho de vida e luz
Partiu o meu coração

Ouvindo um carro parar lá fora, Gladden soltou o livro e se levantou. Aproximou-se da janela, entreabriu a cortina, espiou. O sol no estacionamento lhe feriu a vista. Era o carro de um casal que certamente iria hospedar-se, ambos já bêbados, embora ainda não fosse meio-dia.

Gladden sabia que estava na hora de sair. Primeiro, precisava comprar um jornal e ver se havia alguma notícia de Evangeline. Dele. Depois, tinha que ir ao banco. E, se ainda tivesse tempo, comprar a maldita câmera.

Sabia que quanto mais tempo passasse no quarto, maiores eram as chances de ser preso. Muito embora tivesse certeza de que apagara todos os vestígios. Mudara duas vezes de hotel depois de deixar o Hollywood Star. No primeiro, o Culver City, havia permanecido apenas o suficiente para tingir os cabelos. Tomara banho, limpou o quarto e se fora. Em Valley, escondera-se no motel decadente onde se encontrava agora, o Bon Soir, no Ventura Boulevard, em Studio City. Quarenta dólares por noite, três canais de filmes pornográficos ao seu dispor.

Registrara-se como Richard Kidwell, nome que constava em seu mais recente documento de identidade. Havia-o conseguido através da rede e aproveitara para comprar mais alguns. Lembrou-se de que precisaria de uma caixa postal onde receber os documentos, mais uma razão para permanecer em Los Angeles. Pelo menos por enquanto. Acrescentou a caixa postal na lista de coisas que tinha de fazer.

Ao vestir a calça, olhou de relance para o televisor. Uma mulher, com um enorme pênis de borracha preso ao abdômen por uma correia que lhe contornava a pélvis, estava transando com outra. Gladden amarrou os sapatos, desligou o aparelho e saiu.

O sol forte o ofuscou. Ele atravessou o estacionamento com passadas largas rumo ao escritório do hotel. Sua camiseta tinha uma estampa de Pluto. O cachorro era seu personagem favorito de

revistas em quadrinhos. Antigamente, aquela camiseta era muito útil para vencer o medo das crianças. Sempre dava certo.

Atrás das janelas de vidro do escritório havia uma mulher extremamente vulgar, com uma tatuagem no que outrora fora a curva superior de seu seio esquerdo. Na pele agora flácida, o malfeito e envelhecido desenho mais parecia uma ferida. Estava com uma volumosa peruca loira, batom rosado nos lábios e suficiente maquiagem no rosto para cobrir um bolo ou fazer-se passar por uma evangelista da televisão. Ela mesma tinha feito o registro dele no dia anterior. Gladden pôs uma nota de um dólar na abertura do guichê, pedindo-lhe que a trocasse por moedas. Não sabia quanto custava um jornal em Los Angeles. Nas outras cidades, os preços variavam entre vinte e cinco e cinquenta centavos.

— É pena, querido, não tenho troco — disse ela com sua voz rouca de tabagista.

— Que merda! — resmungou Gladden com raiva. Sacudiu a cabeça. O mundo estava ficando cada vez pior. — Será que você não tem nada aí na bolsa? Eu não vou andar até a puta que pariu só para comprar um jornal.

— Vou dar uma olhada. Mas veja lá como fala. Não precisa ser tão casca-grossa.

Gladden a observou quando ela se levantou. Estava com uma saia preta muito justa, que deixava exposta a constrangedora rede de varizes que lhe riscavam as coxas. Era impossível calcular a idade daquela mulher, podia ter uns trinta anos muito castigados ou mais de quarenta e cinco. Ao inclinar-se para apanhar a bolsa na última gaveta do arquivo, ela deu a impressão de estar lhe mostrando intencionalmente a triste paisagem. Abriu a bolsa e a vasculhou em busca de dinheiro trocado. Com a enorme bolsa preta a lhe engolir a mão feito um animal voraz, ela pousou nele um olhar cúpido.

— Está gostando de ver? — perguntou.

— Não, não muito — respondeu Gladden. — Achou a grana?

Ela tirou as moedas da bolsa e as contou.

— Não precisa ser grosso. E eu só tenho setenta e um centavos.

— Eu fico com eles.

Ele empurrou a nota de um dólar.

— Tem certeza? Seis centavos são em moedas de um.

— Tenho certeza, sim. Tome.

Ela colocou o dinheiro na abertura. Com as unhas muito roídas, Gladden teve dificuldade para pegar as moedas.

— Você está no seis, não? — perguntou ela, consultando a lista de hóspedes. — Quarto simples. Ainda está sozinho?

— Por que tantas perguntas?

— Só para saber. Afinal, o que é que você faz sozinho lá dentro? Não vai me dizer que fica se esfregando na colcha.

Ele forçou um sorriso. Aquela vaca tinha conseguido! O ódio ferveu dentro dele, fazendo-o perder o controle. Sabia muito bem que precisava manter a calma, não chamar a atenção, mas não era capaz de conter-se.

— Eu é que sou casca-grossa, hein? Sabe de uma coisa, você não passa de uma biscate escrota, de um monte de merda! Essas varizes aí na sua bunda são o próprio mapa do inferno!

— Ei! Olhe lá como...

— O que é que você vai fazer? Me mandar embora?

— Mais respeito e menos confiança, garoto!

Gladden pegou a última moeda de um centavo, girou nos calcanhares e saiu sem responder. Na rua, foi até a caixa de jornais e retirou um exemplar da edição matutina.

De volta ao sombrio retiro do quarto, ficou folheando o jornal até encontrar a seção policial. Tinha certeza de que a notícia estava ali. Percorreu rapidamente as oito páginas do caderno, mas nada encontrou sobre o homicídio no hotel. Decepcionado, imaginou que a morte de uma faxineira negra não devia ser notícia naquela cidade. Jogou o jornal na cama. Foi nesse momento que uma fotografia, na primeira página, lhe chamou a atenção. Um garotinho no escorregador. Pegando novamente o matutino, leu a legenda. Dizia que os balanços e outros brinquedos finalmente tinham sido reinstalados no Parque MacArthur, que passara um longo período desativado devido ao projeto de construção de uma estação de metrô. Olhou bem para a fotografia. O menino, no escorregador, era identificado como Miguel Arax, de sete anos. Gladden não conhecia o bairro onde ficava o novo parque, mas, refletindo um pouco,

concluiu que uma estação de metrô só seria aprovada num bairro habitado por famílias de baixa renda. O que significava que a maioria das crianças que o frequentavam era pobre e de pele escura, como o garoto da fotografia. Ele decidiu ir ao parque mais tarde, quando tivesse resolvido os assuntos de rotina, quando tivesse tempo de orientar-se. Era sempre mais fácil com os pobres. Eles queriam e precisavam de tanta coisa.

Orientar-se, pensou. Gladden sabia que se orientar era a prioridade número um. Não podia ficar naquele hotel e em nenhum outro, mesmo que tivesse apagado todas as pistas. Não era seguro. As apostas continuavam subindo, em breve estariam no seu encalço. Aquela sensação se baseava unicamente num instinto visceral. Em breve estariam a sua procura, ele precisava achar um lugar seguro.

Abandonando o jornal, aproximou-se do telefone. A voz curtida de cigarro que atendeu quando ele discou o zero era inconfundível.

— Aqui é... hã, Richard... Do seis. Eu só queria pedir desculpas pelo que aconteceu há pouco. Eu sei que fui grosseiro e... Bem, desculpe. — Ela não disse nada, Gladden insistiu: — Acho que você tem razão, eu estou me sentindo meio sozinho aqui no quarto. E queria saber se aquela espécie de oferta que você fez ainda vale.

— Que oferta?

Ela não iria facilitar as coisas.

— Você sabe, você perguntou se eu tinha gostado do que estava vendo. Bem, a verdade é que gostei. Gostei mesmo.

— Não sei não. Você foi muito grosso. E eu não gosto de gente grossa. O que você quer?

— Sei lá. Mas estou com cem dólares aqui no bolso para que seja bem gostoso.

Ela se calou. Depois disse:

— Olhe, eu vou sair às quatro. Meu fim de semana é livre. Posso dar um pulo aí...

Gladden sorriu, mas não alterou a voz.

— Estou esperando.

— Então, eu também peço desculpas por ter sido grosseira, pelas coisas que disse.

— Que bom. Até mais tarde, então... Ah, você ainda está aí?

- Claro que estou, meu bem.
 - Qual é o seu nome?
 - Darlene.
 - Ok, Darlene, eu a espero às quatro.
- Ela riu e desligou. Gladden não estava rindo.

Só às dez da manhã consegui encontrar Laurie Prine no trabalho, em Denver. A essa hora, eu estava ansioso para continuar o meu dia, mas o dela estava apenas começando, de modo que foi preciso passar pelo ritual das saudações e das perguntas sobre onde eu me encontrava e o que andava fazendo antes de finalmente abordar o assunto que me interessava.

— Quando você fez o levantamento dos suicídios de policiais para mim, o *Baltimore Sun* estava incluído?

— Estava.

Eu já imaginava que estivesse, mas precisava averiguar. Sabia que as pesquisas de computador às vezes deixavam passar uma coisa ou outra.

— Ok, então quer dizer que você pode fazer um levantamento no *Sun*, usando apenas o nome John McCafferty.

Soletrei o sobrenome.

— Claro. Até que data?

— Não sei, até uns cinco anos atrás.

— Para quando você quer isso?

— Para ontem.

— Quer dizer que vai ficar esperando na linha?

— Isso mesmo.

Ouvi seus dedos no teclado, fazendo o levantamento. Com o livro de Poe no colo, reli alguns poemas enquanto aguardava. A luz do dia, suas palavras não me impressionavam como durante a noite.

— Ok... Puxa!... Há um bocado de itens aqui, Jack. São vinte e oito. Está procurando alguma coisa em particular?

— Hã... não. Qual é o mais recente?

Eu sabia que ela podia passar apenas as manchetes na tela do monitor.

— Ok, o último: “Investigador Exonerado por Participar da Morte de Ex-parceiro.”

— Esquisito — eu disse. — Isso já devia ter aparecido na primeira pesquisa que você fez. Pode ler uma parte para mim?

Ouvi-a digitar algumas teclas; depois ficou esperando que a notícia aparecesse na tela.

— Pronto, lá vai: “Um investigador da polícia de Baltimore foi exonerado ontem por ter violado o local de um crime, alterando-o de modo a dar a impressão de que seu ex-parceiro de muitos anos não se havia suicidado na primavera passada. A decisão contra o investigador Daniel Bledsoe foi tomada pela Comissão de Ética departamental após dois dias de depoimentos confidenciais. Bledsoe não foi encontrado para fazer comentários, mas o colega que o representou na audiência afirmou que o investigador muitas vezes condecorado foi tratado com excessivo rigor pelo departamento que ele servira com dedicação durante vinte anos. Segundo o comando da polícia, o parceiro de Bledsoe, o investigador John McCafferty, morreu com um tiro disparado por ele mesmo no dia oito de maio. O corpo foi encontrado por sua esposa, Susan, que chamou Bledsoe. No apartamento do antigo parceiro, este destruiu um bilhete que encontrou no bolso da camisa do cadáver e modificou outros aspectos do local do crime a fim de dar a impressão, de que McCafferty havia sido assassinado por um criminoso que usou a própria arma da vítima. A polícia declarou”... Quer que eu continue, Jack?

— Quero.

— “A polícia declarou que Bledsoe chegou a disparar um segundo tiro no colega morto, atingindo-o na coxa. A seguir, tendo pedido a Susan McCafferty que telefonasse para o 911, abandonou o apartamento. Mais tarde, quando informado da morte do colega, fingiu surpresa. Tudo indica que, ao se suicidar, McCafferty já havia feito um disparo no assoalho. Só depois colocou a arma na boca e deu o tiro fatal. Os investigadores acreditam que Bledsoe tentou fazer com que a morte parecesse homicídio, para que Susan

McCafferty recebesse uma indenização maior, além da pensão, caso ficasse provado que seu marido não se suicidara. O plano acabou sendo revelado quando, desconfiados, os investigadores interrogaram longamente Susan McCafferty no dia da morte de seu marido. Ela finalmente admitiu que havia presenciado o ato de Bledsoe.” Estou lendo muito depressa? Você está anotando?

— Não, está bem assim. Vá em frente.

— Ok. “Durante a investigação, Bledsoe negou qualquer participação no plano e, posteriormente, recusou-se a depor perante a comissão de ética. Jerry Liebling, colega de Bledsoe e seu representante na audiência, disse que Bledsoe fez o que qualquer parceiro leal faria por um colega morto. ‘Ele só tentou tornar as coisas um pouco mais fáceis para a viúva’, declarou. ‘Mas o departamento foi longe demais. Ele tentou agir corretamente e acabou perdendo o emprego, a carreira, e o ganha-pão. O que isso vai significar para os outros colegas?’ Vários policiais manifestaram a mesma opinião segunda-feira. O comando da polícia, ao contrário, declarou que Bledsoe foi tratado com justiça e mencionou a decisão do departamento de não perseguir criminalmente Bledsoe nem Susan McCafferty como prova de benevolência para com ambos. McCafferty e Bledsoe foram parceiros durante sete anos e prenderam alguns dos assassinos mais perigosos da cidade nesse período. A um desses crimes atribuiu-se em parte a morte de McCafferty. A polícia declarou que ele estava deprimido devido ao assassinato não solucionado de Polly Amherst, uma professora primária que, tendo sido raptada no campus da Escola Hopkins, foi sexualmente mutilada e estrangulada, o que o levou a pensar em suicídio. McCafferty também enfrentava problemas de alcoolismo. ‘O departamento não perdeu um bom investigador’, disse Liebling ao sair da audiência de segunda-feira, ‘e sim dois. Nunca mais encontrarão dois caras bons como Bledsoe e McCafferty. O departamento acaba de cometer um grande erro’.” É isso, Jack.

— Ok. Hã, você manda isso para o meu porta-aquívios? Estou com o laptop aqui. Posso receber agora mesmo.

— Ok. E as outras notícias?

— Pode voltar para as manchetes? Há alguma sobre a morte de McCafferty ou são todas notícias de casos?

Ela demorou uns trinta segundos para percorrer as manchetes.

— Parece que são todas sobre casos. Muitas sobre a professora. Nada sobre o suicídio. Sabe de uma coisa? A notícia que acabo de ler não apareceu no meu levantamento de segunda-feira porque não aparece a palavra “suicídio”. Foi a palavra-chave que usei.

Era o que eu tinha imaginado. Pedi-lhe que enviasse as notícias sobre a professora ao meu porta-arquivos, agradei e desliguei.

* * *

Telefonei para o escritório central do Departamento de Polícia de Baltimore e mandei chamar Jerry Liebling.

— Liebling, veículos.

— Investigador Liebling, meu nome é Jack McEvoy. Será que você pode me ajudar? Estou precisando entrar em contato com Dan Bledsoe.

— Do que se trata?

— Prefiro falar com ele mesmo sobre isso.

— Sinto muito, não posso ajudá-lo e preciso atender a uma outra chamada.

— Escute, eu sei o que ele tentou fazer por McCafferty. Estou querendo lhe contar uma coisa que talvez o ajude. É tudo que posso dizer agora. Mas se você não colaborar, estará perdendo uma oportunidade de lhe fazer um favor. Posso lhe dar o meu número. Faça o favor de telefonar para ele e dar esse número. Deixe que ele decida.

Houve um longo silêncio, era como se eu estivesse falando a um telefone desligado.

— Alô!

— Eu estou ouvindo. Olhe, se Dan quiser conversar com você, ele vai conversar. Telefone para ele. O número está na lista.

— O quê? Na lista?

— Isso mesmo. Preciso desligar.

E desligou. Eu me senti tolo. Não tinha pensado na lista telefônica porque não conhecia um só tira que tivesse o nome nela. Disquei o número de informações de Baltimore e dei o nome do ex-investigador.

— Não consta nenhum Daniel Bledsoe — disse a operadora. — Eu tenho Bledsoe Seguros e Bledsoe Investigações.

— Ok, me dê os dois. Pode me informar os endereços, por favor?

— Na verdade, estão em listas separadas e têm diferentes números, mas o endereço é o mesmo, em Fells Point.

Ela me deu a informação e eu disquei o número da Bledsoe Investigações. Atendeu uma mulher:

— Bledsoe Investigações.

— Por favor, posso falar com Dan?

— Lamento, é impossível.

— Você pode me dizer a que horas ele estará aí?

— Ele está. Está ao telefone. Ele trabalha aqui. Quando não está ou está telefonando, não consigo transmitir nenhuma chamada. Mas eu sei que ele está aqui. Verificou as mensagens há menos de dez minutos. Mas não sei se vai ficar. Eu não cuido da sua agenda.

* * *

Fells Point é um cabo a leste do Porto Interior de Baltimore. As butiques para turistas e os hotéis vão dando lugar a bares e lojas mais ordinários e, a seguir, a velhas fábricas de tijolos e à Pequena Itália. Em certas ruas, o asfalto é esburacado, e o vento, quando sopra, traz o hálito úmido do mar e o cheiro das usinas de açúcar do outro lado da enseada. A Bledsoe Investigações e Seguros era um prédio de alvenaria de um só andar na esquina da rua Caroline com a Fleet. Era pouco mais de uma hora da tarde. A porta de seu pequeno escritório, que dava diretamente para a rua, havia um mostrador de relógio de plástico, com ponteiros ajustáveis, e as palavras VOLTO ÀS. O relógio estava marcando 13:00. Olhei a minha volta e, como não vi ninguém se aproximando com pressa para chegar pontualmente, decidi ficar esperando. Mesmo porque não tinha aonde ir.

Fui ao mercado da rua Fleet, comprei um refrigerante e voltei para o carro. De lá, podia ver a porta do escritório de Bledsoe. Uns vinte minutos depois apareceu um homem de cabelos muito pretos, a barriga de meia-idade a projetar-se no paletó; coxeando levemente, aproximou-se da porta, abriu-a e entrou. Eu desci imediatamente do carro com meu computador e fui para lá.

O escritório de Bledsoe parecia um antigo consultório, muito embora fosse difícil imaginar que um médico se estabelecesse naquele bairro. Havia uma pequena antessala com uma janela corrediça e um balcão, onde imaginei que antigamente ficava a recepcionista. A janela, encaixada como o vidro de um box de banheiro, estava fechada. Eu tinha ouvido uma campainha ao abrir a porta, mas ninguém veio me receber. Passei alguns minutos olhando a minha volta, para o velho sofá e a mesinha. O espaço não dava para mais nada. Havia uma variedade de revistas dispostas em leque na mesa, nenhuma com menos de seis meses. Eu estava a ponto de gritar ou bater na porta que dava para o escritório quando ouvi o barulho da descarga de uma privada do outro lado da janela corrediça. Depois, vi uma figura borrada mover-se atrás do vidro, e a porta da esquerda se abriu. Era o homem de cabelos pretos. Notei que ele tinha um bigode muito fino, quase o risco de um mapa.

— Pois não.

— Daniel Bledsoe?

— Eu mesmo.

— Meu nome é Jack McEvoy. Eu queria lhe fazer umas perguntas sobre John McCafferty. Tenho a impressão de que podemos nos ajudar mutuamente.

— John McCafferty é coisa do passado.

Ele estava olhando para o estojo do meu computador.

— É só um computador — expliquei. — Podemos nos sentar em algum lugar?

— Claro, claro. Como não?

Eu o acompanhei pela porta e por um pequeno corredor com três outras portas alinhadas do lado direito. Ele abriu a primeira delas e nós entramos num escritório revestido com bordo falso e barato. A sua licença estadual encontrava-se emoldurada na parede, assim

como algumas fotografias de seu tempo de tira. Tudo ali parecia tão ordinário quanto o bigode dele, mas eu estava decidido a ir até o fim. Uma coisa que eu sabia dos policiais e achava que se estendia aos ex-policiais era que as aparências enganavam. Conhecia alguns no Colorado que até hoje estariam usando conjunto de safári azul-claro, de poliéster, se ainda fossem fabricados. Mesmo assim, eram os melhores, os mais inteligentes e os mais valentes de seus departamentos. Desconfiei que Bledsoe era um desses. Ele se sentou atrás de uma escrivaninha com tampo de fórmica branca. Uma péssima escolha, certamente feita numa loja de móveis para escritório de segunda mão. O acúmulo de poeira era bem visível na superfície brilhante. Eu me sentei a sua frente na única cadeira disponível. Bledsoe registrou precisamente as minhas impressões.

— Isto aqui era uma fábrica de anjos. O cara se mandou depois que o pegaram fazendo aborto no sétimo mês. Eu fiquei com o lugar e não ligo para a poeira nem para as aparências. Faço boa parte do trabalho pelo telefone, vendo apólices a tiras. E quando se trata de investigação, eu é que vou aos clientes. Eles não vêm aqui. Quem vem aqui geralmente deixa flores na porta. Lembranças, acho. Imagino que seja porque encontraram o endereço numa lista telefônica antiga. Mas, afinal, o que é que você deseja?

Eu lhe falei de meu irmão e depois de John Brooks, de Chicago. Enquanto falava, vi o ceticismo estampar-se em seu rosto. Tudo indicava que em dez segundos eu seria posto na rua.

— O que é isso, afinal? — disse ele. — Quem o mandou aqui?

— Ninguém. Mas acho que estou um ou dois dias à frente do FBI. Eles virão. Eu só pensei que você talvez conversasse comigo primeiro. Sei como é, compreende? Meu irmão e eu éramos gêmeos. Sempre ouvi dizer que parceiros de muitos anos, principalmente no setor de homicídios, acabam virando irmãos. Irmãos gêmeos.

Ele ficou alguns momentos calado. Eu tinha jogado todas as cartas menos o ás e precisava esperar o momento certo. Bledsoe pareceu acalmar-se um pouco. Talvez sua raiva estivesse dando lugar à confusão.

— E o que você quer?

— O bilhete. Quero saber o que McCafferty escreveu no bilhete.

— Esse bilhete não existe. Eu nunca disse que havia um bilhete.

— Mas a mulher dele disse que havia.

— Então, vá falar com ela.

— Não, acho melhor conversar com você. Deixe-me lhe contar uma coisa. O assassino, nesses casos, consegue de algum modo fazer com que as vítimas escrevam uma ou duas linhas antes de morrer. Eu não sei como nem por que ele faz isso, mas os caras acabam escrevendo. E é sempre alguma coisa tirada de um poema. Um poema do mesmo autor. Edgar Allan Poe.

Peguei o estojo do computador e abri o zíper. Tirei dali o grosso volume das obras de Poe. Coloquei-o na mesa para que ele o visse.

— Eu acho que o seu parceiro foi assassinado. Quando você chegou, parecia que tinha sido um suicídio porque era assim que devia parecer. O bilhete que você destruiu, sou capaz de apostar o valor da pensão do seu parceiro, é o verso de um poema que está neste livro. — Bledsoe olhou de mim para o livro e depois para mim novamente. — Parece que você achava que devia muito a ele, a ponto de arriscar o seu emprego para que a viúva ganhasse um pouco mais.

— É. E veja o que arrumei! Um escritório de merda com uma licença de merda na parede. Trabalho numa sala onde antigamente arrancavam bebês das mulheres. Não é lá muito nobre.

— Olhe, todo mundo na polícia sabe que houve nobreza no que você fez, do contrário você não conseguiria vender nenhum seguro. Você fez o que fez por um companheiro. E deveria continuar fazendo agora.

Bledsoe virou a cabeça e olhou para uma das fotografias na parede. Era ele e outro homem, abraçados, sorrindo despreocupadamente. Devia ter sido tirada num bar ou algo assim, em tempos mais felizes.

— *E essa febre chamada vida se conquistou* — ele disse sem tirar os olhos da fotografia.

Bati a mão no livro. O barulho assustou a nós dois.

— Entendi! — exclamei, pegando o volume. Eu tinha dobrado as páginas dos poemas de onde o assassino extraíra as citações. Encontrei a página de *Para Annie*, procurei e constatei que tinha

razão; depois coloquei o livro na escrivaninha e o virei para que ele pudesse ler. — Dê uma olhada na primeira estrofe.

Bledsoe se inclinou para a frente e leu:

Graças a Deus! A crise,
o perigo passou!
O mal languesciente,
afinal se acabou.
E essa febre chamada
vida se conquistou!

Às quatro horas, quando atravessasse apressado o saguão do Hilton, imaginei o editor-chefe saindo lentamente do escritório para participar da reunião de pauta cotidiana. Eu precisava falar com Greg e sabia que, se não o alcançasse a tempo, ele estaria preso nessa reunião e, depois, na de fim de semana, que se estenderia pelas duas horas seguintes. Ao me aproximar dos elevadores, vi uma mulher entrando pela porta aberta do único elevador disponível e acelerei o passo para chegar antes que a porta se fechasse. Ela acabava de apertar o botão do décimo segundo andar. Eu me encostei na parede do fundo e tornei a consultar o relógio. Talvez desse tempo. As reuniões de pauta raramente começavam na hora.

A mulher se colocou no lado direito do elevador, e nós mergulhamos no silêncio desconfortável que se estabelece quando desconhecidos ficam confinados naquele espaço exíguo. Pelo revestimento de latão polido da porta, eu vi o rosto dela. Estava com os olhos fitos no painel acima, que marcava os andares. Era muito bonita, e eu achei difícil desviar os olhos daquele reflexo, mesmo temendo que ela baixasse a vista e me surpreendesse. Imaginei que soubesse que estava sendo observada. Tinha certeza de que as mulheres bonitas sabiam e compreendiam que sempre eram observadas.

Quando o elevador parou no décimo segundo andar, deixei-a sair primeiro. Ela virou à esquerda e se afastou pelo corredor. Eu tomei a direita e, esforçando-me para não olhar para trás, fui para o meu quarto. Estava me aproximando da porta, o cartão magnético já na mão, quando ouvi passos no carpete, às minhas costas. Voltei-me e vi que era a bela moça. Ela sorriu.

— Tomei o caminho errado.

— É — eu disse sorrindo também. — Estes corredores são todos iguais.

Que tolice eu acabava de dizer, pensei ao abrir a porta enquanto ela passava por trás de mim. Mas quando entrei, senti-me subitamente agarrado pela parte de trás do colarinho do paletó e fui empurrado com violência para dentro do quarto. Quase ao mesmo tempo, outra mão passou por baixo do meu paletó e me segurou pela cinta. Eu fui jogado de bruços na cama. Consegui evitar que o computador caísse, não queria quebrar um equipamento de dois mil dólares, mas ele me foi arrancado da mão com brutalidade.

— FBI! Você está preso! Não se mova!

Enquanto uma das mãos continuava prendendo-me pela nuca, mantendo-me com o rosto no colchão, a outra me apalpava o corpo, revistando-me.

— Mas que merda! — consegui dizer com voz abafada. — O que está acontecendo?

Tão depressa como me haviam agarrado, aquelas mãos me soltaram.

— Ok, levante-se. Vamos.

Eu me virei e, erguendo o corpo, sentei-me na cama. Olhei para cima. Era a mulher do elevador. Fiquei boquiaberto. O fato de haver sido dominado com tanta facilidade por ela, e só por ela, me incomodava profundamente, cheguei a corar de raiva.

— Não se preocupe. Eu já fiz isso com homens maiores e mais perigosos que você.

— É bom que tenha uma credencial, do contrário vai precisar de um advogado.

Ela tirou uma carteira do bolso do blazer e a abriu diante dos meus olhos.

— Quem vai precisar de advogado é você. Agora, eu quero que pegue aquela cadeira, coloque-a no canto e fique sentadinho ali, enquanto eu dou uma olhada neste quarto. Não vai demorar.

Sua credencial do FBI e o documento de identidade pareciam legítimos: agente especial Rachel Walling. Ao ler o nome, comecei a entender o que estava acontecendo.

— Vamos, mexa-se, rapaz. Vá para aquele canto.

— Quero ver a ordem de busca.

— A escolha é sua — disse ela com ar muito sério. — Ou você vai para o canto ou eu o levo ao banheiro e o algermo no sifão da pia. Que prefere?

Eu me levantei, arrastei a cadeira até o canto e me sentei.

— Mas você vai me mostrar essa bosta de mandado judicial.

— Você tem consciência de que a linguagem que está usando é apenas uma tentativa desajeitada de restabelecer o senso de superioridade masculina?

— Porra! E você tem consciência de que isto é abuso de autoridade? Onde está o mandado de busca?

— Não há necessidade. Você me convidou a entrar e me autorizou a revistar o quarto, e eu o preendi ao encontrar propriedade roubada.

Sem tirar os olhos de mim, ela foi até a porta e a fechou.

— Eu não a convidei a lugar algum. Se tentar contar essa história, você vai se foder. Acha que algum juiz vai acreditar que eu seria idiota a ponto de convidá-la a revistar o meu quarto, se tivesse alguma coisa roubada aqui?

Ela me fitou e sorriu com doçura.

— Meu caro McEvoy, eu tenho um metro e sessenta e três e peso cinquenta e três quilos. Quando estou armada. Acha que algum juiz vai acreditar na sua versão do que aconteceu? Teria coragem de revelar num tribunal o que eu acabo de fazer com você? — Eu virei a cabeça e olhei pela janela. A faxineira tinha aberto as cortinas. O céu estava começando a escurecer. — Duvido. Agora, para não perder mais tempo, onde estão os protocolos que você copiou?

— No estojo do computador. Não cometi nenhum crime para obtê-los e não é crime tê-los comigo.

Eu tinha de tomar cuidado com o que dizia. Não sabia se Michael Warren tinha sido descoberto ou não. Ela estava vasculhando o estojo. Pegou o livro de Poe, olhou intrigada para ele e o jogou na cama. Depois retirou meu bloco de anotações e as cópias dos protocolos. Warren tinha razão. Ela era muito bonita. Dura de roer, mas muito bonita. Devia ter a minha idade, talvez um ou dois anos

mais, os cabelos castanhos lhe chegavam quase até os ombros. Seus olhos eram verdes e penetrantes, seu ar irradiava autoconfiança. Era o que tinha de mais atraente.

— Arrombar porta e invadir propriedade alheia é crime — disse. — E você passou para a minha jurisdição quando se descobriu que os documentos roubados pertenciam ao FBI.

— Eu não arrombei porta alguma e não roubei nada. O que você está fazendo chama-se constrangimento ilegal. Eu sempre ouvi dizer que os federais ficam zangados quando alguém faz o trabalho deles.

Ela estava inclinada sobre a cama, examinando meus papéis. Depois, endireitando o corpo, tirou do bolso um saco plástico transparente com uma única folha de papel dentro. Ergueu-o para que eu a visse. Compreendi que se tratava da página arrancada do bloco de anotações de um repórter. Havia cinco linhas escritas com tinta preta.

Pena: Suas mãos?
depois — quanto tempo?
Wexler/Scalari: o carro?
Aquecedor?
Fechadura?
Riley: luvas?

Reconhecendo minha própria caligrafia, eu compreendi tudo. Warren tinha usado as páginas em branco do meu bloco de anotações para marcar o lugar das pastas de arquivo que ele havia pego. Tendo arrancado talvez involuntariamente uma folha com velhas anotações, ao recolocar as pastas no lugar, esquecer-se de retirá-la. Rachel Walling reparou na expressão de culpa estampada em meu rosto.

— Servicinho porco, hein? Quando tivermos analisado e comparado a sua caligrafia, será xeque-mate. Que você acha? — Não consegui nem sequer soltar um palavrão. — Estou apreendendo o seu computador, este livro e o bloco de anotações como possíveis provas. Se não precisarmos, tudo será devolvido. Muito bem, agora vamos. Meu carro está aí. Estou disposta a fazer uma coisa para

— você não pensar que sou uma garota malvada. Vou levá-lo para baixo sem algemas. Temos uma longa viagem até a Virgínia, mas acho que podemos evitar o tráfego se partirmos agora mesmo. Você vai se comportar? Um movimento em falso, como se diz, e eu o coloco no banco de trás com as algemas mais apertadas que uma aliança de casamento.

Eu me limitei a fazer que sim e levantar-me. Estava atordoado. Não conseguia olhá-la no olhos. Fui até a porta cabisbaixo.

— Ei! Como é que se diz? — perguntou ela.

Eu murmurei um azedo obrigado e ouvi o seu riso às minhas costas.

* * *

Ela se enganou. Não conseguimos evitar o tráfego. Numa noite de sexta-feira, o número de pessoas que saía da cidade era bem maior que nos outros dias da semana, e foi preciso disputar com uma infinidade de veículos um espaço nas ruas que davam acesso à estrada. Passamos meia hora sem falar, a não ser quando ela, irritada, amaldiçoava o trânsito ou os sinais fechados. Eu ia no banco da frente e não parava de pensar, de buscar uma saída. Precisava ligar para Glenn o mais depressa possível. O *Rocky* tinha de me arranjar um advogado. E dos bons. Percebi que minha única saída seria revelar a fonte que eu prometera jamais entregar. Considerei a possibilidade de chamar Warren para que confirmasse que eu não tinha invadido a fundação. Porém, logo a descartei. Fizéramos um trato. E eu precisava honrá-lo.

Quando, finalmente, entramos na Georgetown, rumando para o sul, o tráfego melhorou um pouco e ela se mostrou mais descontraída ou, pelo menos, pareceu lembrar-se de que eu estava no carro. Rachel Walling levou a mão ao cinzeiro e tirou de lá um cartão branco. Acendeu a luz interior e apoiou o cartão no volante para ler.

— Tem uma caneta?

— O quê?

— Uma caneta. Os repórteres andam sempre com uma caneta no bolso, não?

— Sim. Eu tenho caneta.

— Ótimo. Vou ler os seus direitos constitucionais.

— Que direitos? Você já os violou quase todos.

Depois de ler, ela me perguntou se eu havia entendido. Resmunguei que sim, e ela me entregou o cartão.

— Muito bem. Quero que pegue a sua caneta, coloque a data e assine no verso.

Eu obedeci e lhe devolvi o cartão. Ela o agitou no ar para que a tinta secasse, depois guardou-o no bolso.

— Bem — disse —, agora podemos conversar. A não ser que você prefira chamar o seu advogado. Como invadiu a fundação?

— Não invadi. É tudo que posso lhe dizer antes de falar com o meu advogado.

— Você viu as provas. Ou vai dizer que aquelas anotações não são suas?

— Eu posso explicar... Olhe, tudo o que posso dizer é que não fiz nada ilegal para conseguir essas cópias. Não tenho como explicar sem revelar...

Interrompi-me. Já tinha falado demais.

— O velho golpe da fonte que não pode ser revelada. Onde foi que esteve o dia todo, senhor McEvoy? Fiquei a sua espera desde a hora do almoço.

— Eu estava em Baltimore.

— Fazendo o quê?

— Isso é problema meu. Você não tem os originais dos protocolos? Pois descubra sozinha.

— O caso McCafferty. Sabe que a acusação de estar interferindo em investigação federal pode piorar muito a sua situação?

Eu explodi numa gargalhada.

— Oh, sim! — disse com sarcasmo. — Mas de que investigação federal está falando? Você ainda estaria enfurnada no seu escritório, fazendo a conta dos casos de suicídio, se eu não tivesse falado com Ford ontem. São esses os métodos do Bureau, não é mesmo? Se a ideia for boa, então a ideia é nossa. Se o caso for interessante, ora,

fomos nós que o abrimos. Mas enquanto ninguém levanta a bola, vocês não veem nem ouvem nada, não notam nada de anormal, e toda a merda do mundo passa despercebida.

— Caramba, que alma penada saiu do purgatório para transformá-lo num especialista?

— A do meu irmão.

Surpresa com a resposta, a agente federal ficou um momento calada. Mas a concha com que ela vinha se protegendo começou a romper-se.

— Lamento muito — disse finalmente.

— Eu também.

Toda a raiva que eu sentia pelo que acontecera a Sean aflorou naquele momento, mas eu preferi tornar a sepultá-la dentro de mim. Rachel Walling era uma desconhecida, eu não podia dividir com ela uma dor tão profundamente pessoal. Tratei de pensar em alguma coisa para dizer.

— Sabe? Acho que você o conhecia. Foi você quem assinou o laudo do PACV e o perfil que ele solicitou ao Bureau sobre o caso que estava investigando.

— Sim, eu sei. Mas nunca chegamos a conversar.

— E se eu fizer uma pergunta agora?

— Por que não? Vá em frente.

— Como me encontrou?

Eu estava querendo saber se era Warren quem lhe havia contado onde me encontrar. Se assim fosse, nosso trato estaria automaticamente cancelado e eu não precisaria ir para a cadeia para proteger uma pessoa que me traía.

— Foi fácil — ela respondeu. — Eu obtive o seu nome e outras informações a seu respeito com o doutor Ford, na fundação. Ele me telefonou depois do seu breve encontro de ontem, e eu fui para lá esta manhã. Achei que o mais sensato seria proteger aqueles arquivos e, como sempre, estava com a razão. Mas cheguei tarde. Você agiu depressa. Ao encontrar a folha do bloco de anotações entre as pastas, não foi difícil imaginar que você já havia estado lá.

— Eu não invadi aquele lugar.

— Bem, todas as pessoas ligadas ao projeto negam ter falado com você. E o doutor Ford se lembra perfeitamente de havê-lo avisado de que o acesso aos arquivos dependia de autorização do FBI. Mas, curiosamente, você está com os arquivos.

— E como soube que eu estava no Hilton? Por acaso lhe mandaram um bilhete anônimo informando onde me encontrar?

— Eu enganei seu editor como se ele fosse um garoto de recados. Disse que tinha uma informação importante para lhe dar, e ele me contou onde você estava hospedado.

Eu sorri, mas com a cabeça voltada para a janela, para que Rachel Walling não visse. Ela acabava de cometer um erro muito revelador, era como se acabasse de confessar que Warren lhe havia dado o meu endereço.

— Já não se diz garoto de recados — corrija-a. — Não é politicamente correto.

— Mensageiro?

— Melhorou.

Olhei diretamente para ela pela primeira vez no automóvel. Eu estava me recuperando. Renascia em mim a segurança que aquela mulher pisoteara com tanta habilidade no quarto do hotel. Agora, era eu quem iria jogar com ela.

— Pensei que vocês sempre trabalhassem em duplas — disse.

Estávamos parados em outro sinal vermelho. Pouco adiante encontrava-se a entrada da autopista. Eu precisava agir.

— Geralmente, sim — respondeu ela. — Mas hoje foi um dia movimentado, o pessoal estava todo na rua e, na verdade, eu saí de Quantico com a intenção de simplesmente ir à fundação conversar com Oline e o doutor Ford e pegar os arquivos. Não pretendia prender ninguém.

A farsa se desmanchou rapidamente. Tudo estava claro agora. Sem algemas. Sem parceiro. O preso a viajar no banco dianteiro. E Greg Glenn não tinha a menor ideia de onde eu me hospedara na capital. Eu não lhe contara nada e não havia feito reserva através da agência de viagem do *Rocky*, não tivera tempo.

A maleta do meu computador estava no banco entre nós. Sobre ela, as cópias dos protocolos, o livro de Poe e o bloco de anotações.

Num gesto súbito, eu peguei tudo e coloquei no colo.

— O que está fazendo? — Rachel Walling perguntou.

— Indo embora. — Joguei os protocolos no colo dela. — Pode ficar com isso. Já tenho as informações que queria.

Puxei a maçaneta e abri a porta.

— Não se mexa, porra!

Eu lhe enderecei um sorriso.

— Você tem consciência de que a linguagem que está usando é apenas uma tentativa desajeitada de restabelecer a superioridade? Olhe, seu plano até que era bom, mas você escorregou ao responder a minha pergunta. Vou pegar um táxi e voltar ao hotel. Tenho uma matéria para escrever.

Desci do carro com minhas coisas e corri até a calçada. Parei, olhei ao meu redor e, avistando uma loja de conveniência com um telefone público à porta, fui para lá. Não tardou para que o carro da agente federal entrasse no estacionamento diante da loja, cortando-me o passo. Ela freou bruscamente e desceu.

— Você está cometendo um erro — disse, vindo apressada ao meu encontro.

— Eu? Quem cometeu um erro foi você. Que palhaçada é essa?

— Ela ficou olhando para mim. Não soube o que dizer. — Tudo bem, eu mesmo vou lhe contar. Foi um blefe.

— Um blefe? Blefar para quê?

— Para obter informações. Você queria saber o que eu tinha descoberto. Quer ver? Quando tivesse conseguido o que queria, diria, "Oh, desculpe, a sua fonte se enganou. Não se preocupe, você está livre. E, por favor, perdoe o mal-entendido". Sabe de uma coisa? É melhor você voltar para Quantico e ensaiar um pouco mais esse papel.

Dei-lhe as costas e afastei-me rumo ao telefone. A tirar o fone do gancho, notei que o aparelho não funcionava. Mas eu preferi fingir que sim, ela estava me observando. Disquei o número de informações.

— Por favor, uma empresa de táxi — pedi à operadora inexistente.

Inseri uma moeda na abertura e disquei outro número. Li o endereço do telefone público e solicitei um táxi. Desligando, eu me volvei e dei com a agente Rachel Walling bem perto de mim. Ela estendeu a mão, pegou o fone e, depois de mantê-lo um segundo junto ao ouvido, sorriu de leve e tornou a colocá-lo no gancho. Apontou para o lado do aparelho de onde saía o cabo do receptor. Estava cortado, o fio simplesmente amarrado.

— Acho que você também está precisando ensaiar mais o seu número.

— Tudo bem. Me deixe em paz.

Virei o rosto e olhei pela vitrine da loja em busca de outro telefone. Não vi nenhum lá dentro.

— Escute, o que você queria que eu fizesse? — ela perguntou às minhas costas. — Eu precisava saber o que você sabe.

Eu me volvei para ela.

— Por que não perguntou? Por que quis... tentar me humilhar?

— Você é jornalista, Jack. Por acaso iria simplesmente abrir os seus arquivos e contar tudo para mim?

— Pode ser.

— Ora! Ainda não chegou o dia em que um de vocês há de fazer isso. Veja Warren, por exemplo. Faz muito tempo que deixou de ser jornalista, mas continua agindo como se fosse. Está no sangue.

— Por falar em sangue, fique sabendo que há muito mais em jogo do que uma mera reportagem. Você não tem ideia do que eu teria feito se tivesse sido abordado como um ser humano.

— Está bem — contemporizou ela, abrandando a voz. — Talvez seja verdade. Eu reconheço.

Demos alguns passos em direções opostas. Então ela tornou a falar:

— Que vamos fazer agora? Estamos os dois aqui, você me descobriu e pode escolher. Eu preciso saber o que você sabe. Vai me contar ou vai levar a bola para casa? Se fizer isso, nós dois vamos sair perdendo. Seu irmão também.

Ela havia me encurralado habilmente e eu sabia disso. Em princípio, eu devia me safar. Mas não conseguia. Apesar de tudo, estava gostando daquela mulher. Em silêncio, volvei para o carro,

entrei e olhei para ela através do para-brisa. Ela balançou a cabeça, contornou o automóvel e se instalou ao volante. Depois, voltando-se para mim, estendeu a mão.

— Rachel Walling.

Eu a apertei.

— Jack McEvoy.

— Eu sei. Muito prazer.

Em sinal de boa vontade, Rachel Walling falou primeiro — se bem que não sem me arrancar a promessa de que a conversa permaneceria em off até que o supervisor de sua equipe decidisse em que medida o FBI colaboraria comigo, caso colaborasse. Pouco me importava fazer a promessa, eu sabia que estava numa posição confortável. Já tinha a minha matéria e tão cedo o FBI provavelmente não queria ver nada publicado. Imaginei que isso me daria uma boa vantagem, soubesse a agente Walling disso ou não.

Quando estávamos viajando lentamente para o sul, a caminho de Quantico, ela passou meia hora contando-me o que o FBI fizera nas últimas vinte e oito horas. Nathan Ford, da Fundação da Polícia, telefonara para ela às três da madrugada de quinta-feira, a fim de informá-la da minha visita à fundação, do estágio da minha investigação até aquele momento e do meu desejo de dar uma olhada nas pastas. Tendo concordado com a decisão de me recusar o acesso ao arquivo morto, Rachel Walling fora consultar Bob Backus, seu superior imediato. Este autorizara-a a deixar de lado a elaboração dos perfis de que ela fora incumbida e priorizar a investigação das denúncias que eu fizera em minha entrevista com Ford. Até então, os departamentos de polícia de Denver e Chicago não haviam entrado em contato com o FBI. Rachel Walling começara a trabalhar no computador do Serviço de Ciência do Comportamento, que tinha conexão direta com o computador da fundação.

— Fiz basicamente o mesmo levantamento que Michael Warren fez para você — disse ela. — Aliás, eu já estava on-line, em Quantico, quando ele entrou no sistema. E me limitei a identificar o

usuário e, através de meu laptop, fiquei literalmente observando o que ele fazia. Não foi difícil adivinhar que você o havia transformado em informante e que ele estava fazendo a pesquisa. O problema era impedi-lo, como você pode imaginar. Eu não precisava ter vindo para cá hoje, mesmo porque nós temos cópia de todos os protocolos em Quantico. Mas precisava saber o que você andava fazendo. Tive confirmação de que Warren o estava ajudando e de que você já havia obtido as cópias dos protocolos quando encontrei uma página de seu bloco de anotações entre as pastas.

Eu sacudi a cabeça.

— O que vai acontecer a Warren?

— Eu contei tudo a Ford, e esta manhã nós o apertamos. Ele confessou tudo e até me contou em que hotel você estava hospedado. Ford aconselhou-o a pedir demissão, e Warren obedeceu.

— Merda!

Apesar do sentimento de culpa, eu não me deixei abalar pelo acontecido. Algo me dizia que Warren, no fundo, tinha dado um jeito de ser demitido. Ele não queria outra coisa. Pelo menos, foi o que eu disse a mim mesmo. Era mais cômodo acreditar nisso.

— Falando nisso — disse ela —, qual foi o erro que eu cometi?

— Meu editor não sabia onde eu estava hospedado. O único que sabia era Warren.

A agente Walling ficou algum tempo em silêncio. Então eu lhe pedi que prosseguisse com a cronologia de sua investigação. Ela me contou que, na tarde de quinta-feira, ao fazer a pesquisa no computador, chegara aos mesmos treze nomes de investigadores mortos que Warren levantara, sem contar meu irmão e John Brooks, de Chicago. A seguir, ela chamara as cópias dos protocolos e se pusera a procurar as ligações, a tentar decifrar os bilhetes suicidas como eu tinha dito a Ford que pretendia fazer. Ela contava com a ajuda do criptólogo do FBI e de um computador que decifra códigos, cujo banco de dados faz o do *Rocky* parecer uma revista em quadrinhos.

— Incluindo seu irmão e Brooks, obtivemos um total de cinco ligações diretas através dos bilhetes — disse ela.

— Quer dizer que você levou três horas para fazer o que me custou uma semana! Como chegou a McCafferty, já que não havia bilhete no seu arquivo?

Ela tirou o pé do acelerador e olhou para mim. Um momento depois, tornou a acelerar.

— Nós não incluímos McCafferty. Os agentes do escritório regional de Baltimore o estão investigando agora.

Era curioso, pois eu também tinha cinco casos, contando McCafferty.

— Quais são os cinco que você obteve?

— Hã, deixe-me ver...

— Ok, meu irmão e Brooks são dois — disse eu, abrindo o bloco.

— Certo.

Lendo minhas anotações, eu disse:

— Você tem Kotite, de Albuquerque? *Por anjos maus somente frequentado?*

— Sim. Esse nós temos. Havia um em...

— Dallas. Garland Petry. *Tristemente me sinto das forças despojado.* Tirado de *Para Annie*.

— Sim, esse mesmo. Depois, o que eu tinha era McCafferty. Quem você tem?

— Hã, acho que é outro da Flórida. Um velho. Era xerife. Preciso consultar as minhas anotações.

— Espere aí! — Folheei meu bloco de anotações e o encontrei. — Clifford Beltran, xerife do distrito de Sarasota. Ele...

— Exatamente.

— Mas, espere. O bilhete que ele deixou dizia: *Senhor, ajudai minha pobre alma.* Eu li todos os poemas. Não havia essa frase em nenhum deles.

— É verdade. Nós a encontramos em outro lugar.

— Onde? Num dos contos?

— Não. Foram suas últimas palavras. As últimas palavras de Poe. *Senhor, ajudai minha pobre alma.*

Eu fiz que sim. Não era um poema, mas combinava. Portanto, agora tínhamos seis casos. Fiquei algum tempo em silêncio, como que em respeito ao novo homem acrescentado à lista. Voltei a

consultar as minhas anotações. Fazia três anos que Beltran morrera. Muito tempo para que um assassinato ficasse despercebido.

— Poe se suicidou? — indagou Rachel.

— Não, muito embora o seu estilo de vida possa ser considerado um lento e prolongado suicídio. Ele era mulherengo e alcoólatra. Morreu aos quarenta, parece que depois de uma longa bebedeira em Baltimore.

Tornei a balançar a cabeça, pensando no assassino, no fantasma, e perguntando-me se ele tirava corolários da vida de Poe.

— E McCafferty, Jack? — ela perguntou. — Nós o considerávamos uma possibilidade, se bem que fora do padrão. O que descobriu?

Agora eu estava com um problema. Bledsoe. Ele me revelara uma coisa que ninguém mais sabia. Eu não podia simplesmente entregá-la ao FBI.

— Preciso dar um telefonema antes de dizer.

— Pelo amor de Deus, Jack! Você vai publicar essa merda depois de tudo que lhe contei? Nós não fizemos um acordo?

— Fizemos. Mas eu preciso telefonar primeiro. E esclarecer uma coisa com o meu informante. Ache um telefone, e eu ligo para ele imediatamente. Duvido que haja problemas. Em todo caso, o importante é que McCafferty esteja na lista. Ele deixou um bilhete. — Tornei a consultar minhas anotações e li em voz alta: — *E essa febre chamada vida se conquistou.* Foi o que ele escreveu. Tirado de *Para Annie*. Exatamente como Petry, de Dallas. — Olhei para ela e notei que continuava aborrecida. — Ouça, Rachel... posso chamá-la assim? Não estou querendo lhe passar a perna. Só preciso dar um telefonema. Aliás, os agentes de Baltimore provavelmente estão nisso.

— Provavelmente — disse ela num tom de voz que parecia querer dizer: *qualquer coisa que você fizer, nós fazemos melhor.*

— Ok, continue. Que aconteceu quando você montou a lista de cinco nomes?

Ela contou que, às seis horas da tarde de quinta-feira, fora com Backus encontrar-se com agentes do SCC e da Unidade de Incidentes Críticos para inteirar-se de suas conclusões preliminares.

Quando ela fornecera os cinco nomes e explicara as conexões, seu chefe, Backus, ficara agitado e ordenara uma ampla investigação prioritária. Rachel Walling fora nomeada chefe de equipe, passando a reportar-se diretamente a ele. Outros membros do SCC e da UIC foram incumbidos do trabalho de vitimologia e da elaboração de perfis, sendo que os agentes de ligação dos escritórios regionais do PACV das cinco cidades onde ocorreram as mortes foram convocados a colher imediatamente e arquivar no computador os dados sobre as mortes envolvidas. A equipe passara a noite trabalhando.

— O Poeta — disse ela.

— O quê?

— É o nome que escolhemos. Toda investigação de uma força-tarefa recebe um nome em código.

— Caramba! — exclamei. — A imprensa marrom vai adorar. Já estou imaginando as manchetes. “O Poeta Mata sem Rima nem Razão.” É o que vocês estão pedindo.

— Os jornais não vão saber de nada. Backus está decidido a pegar esse cara antes que a coisa vaze para a imprensa.

Fez-se silêncio, eu fiquei pensando numa resposta.

— Você não está se esquecendo de nada? — perguntei por fim.

— Jack, eu sei que você é jornalista e que foi você quem começou tudo isso. Mas, entenda, se começar a fazer estardalhaço na imprensa sobre esse cara, não vamos conseguir pegá-lo. Ele vai se assustar e voltará a se esconder. Perderemos a oportunidade.

— Acontece que eu não estou na folha de pagamento do FBI. Ganho a vida escrevendo reportagens... o FBI *não pode* determinar quando ou o que eu devo escrever.

— Você não pode usar nada do que eu acabo de lhe contar.

— Eu sei. Fizemos um trato e vou manter minha palavra. Não preciso dessas informações, mesmo porque já sabia de tudo. De quase tudo. Só faltava o caso Beltran, mas bastaria eu ler a nota biográfica, neste livro, para encontrar suas últimas palavras... Não dependo das informações nem da autorização do FBI para escrever essa matéria.

O silêncio retornou. Eu sabia que ela estava furiosa, mas tinha de me manter firme. Precisava jogar minhas cartas com muita habilidade. Nesse tipo de jogo, a gente não tem uma segunda chance. Poucos minutos depois, a sinalização da estrada começou a anunciar Quantico. Estávamos chegando.

— Olhe — eu disse —, vamos deixar esta conversa para depois. Eu não pretendo sair correndo e começar a escrever. Meu editor e eu vamos discutir o assunto calmamente, e você será informada da nossa decisão. Está bem?

— Você é quem sabe, Jack. Só espero que pense em seu irmão quando tiver essa discussão. Tenho certeza de que o seu editor não vai pensar nele.

— Ora, faça-me um favor! Não fale em meu irmão nem nos meus motivos. Você não sabe absolutamente nada dele e muito menos o que eu estou pensando.

— Está bem.

Viajamos alguns quilômetros no mais completo silêncio. Minha raiva começou a passar e eu me perguntei se não tinha sido grosseiro demais. O objetivo dela era capturar a pessoa que eles chamavam de Poeta. O meu também.

— Escute, desculpe o que eu disse — pedi. — Continuo achando que nós podemos nos ajudar mutuamente. Se colaborarmos, talvez consigamos pegar esse cara.

— Não sei — retrucou ela. — Não vejo sentido nessa colaboração, se tudo que eu disser começar a aparecer nos jornais, na televisão, nos tabloides. Você tem razão, eu não sei o que você pensa. Não o conheço e, obviamente, não posso confiar em você.

E não voltou a dizer uma palavra até que chegássemos ao portão da sede do FBI, em Quantico.

Já estava escuro, de modo que não consegui ver bem o lugar quando entramos. A academia do FBI e o centro de pesquisa ficavam no centro de uma base dos fuzileiros navais. Consistiam em três grandes prédios de alvenaria interligados por passagens cobertas de vidro e pátios internos. A agente Rachel Walling deixou o carro num estacionamento cujo letreiro avisava: Exclusivo para Agentes do FBI. Continuou calada quando descemos, coisa que me incomodou. Eu não queria que ficasse aborrecida comigo nem que me julgasse egoísta.

— Ouça, é óbvio que a minha prioridade número um é pegar esse cara — arrisquei. — Deixe-me usar o telefone. Só preciso falar com o informante e com o meu editor. Tenho certeza de que se pode dar um jeito. Ok?

— Claro — resmungou ela.

Uma palavra apenas, mas eu me alegrei por finalmente haver conseguido fazê-la falar. Entramos no prédio central e seguimos por uma série de corredores até a escadaria, por onde descemos ao Centro Nacional de Análise de Crimes Violentos, no subsolo. Passamos pela área da recepção, e Rachel Walling me conduziu a um salão não muito diferente da redação de um jornal. Havia duas fileiras de escrivaninhas separadas por divisórias e uma série de escritórios particulares alinhados do lado direito. Ela recuou um passo e apontou para um desses gabinetes. Imaginei que fosse o dela, apesar da aparência austera e impessoal. A única fotografia visível era a do presidente da República, na parede do fundo.

— Sente-se aí, pode usar o telefone — disse-me. — Vou ver se encontro Bob e descubro o que aconteceu. Não precisa se

preocupar, esse telefone não está grampeado.

Notei o sarcasmo em sua voz e a vi passar os olhos pela escrivaninha, assegurando-se de que não iria deixar-me a sós com algum documento à vista. Depois saiu. Eu me sentei à mesa e abri meu bloco de anotações em busca dos números que Dan Bledsoe me dera. Encontrei-o em casa.

— Aqui é Jack McEvoy. Estive no seu escritório hoje.

— Está certo, diga.

— Escute, eu fui procurado pelo FBI ao voltar a Washington. Eles estão fazendo uma grande investigação e já levantaram cinco casos. Mas não o de McCafferty, porque não sabem do bilhete. Se eu lhes contar, eles terão um ponto de partida. Mas antes quero consultar você. É bem provável que o procurem, se eu lhes contar. Aliás, vão acabar procurando-o mesmo que eu não lhes diga nada.

Enquanto ele pensava, eu percorri a escrivaninha com os olhos como Rachel Walling tinha feito. Estava muito limpa, quase toda ocupada por uma agenda de mesa que também servia de mata-borrão. Reparei que ela acabava de voltar das férias, os espaços correspondentes aos dias da semana anterior estavam marcados com "Fér". Havia anotações abreviadas nos espaços correspondentes a outros dias do mês, mas não consegui decifrá-las.

— Pode contar — disse Bledsoe.

— Tem certeza?

— Tenho. Se o FBI descobrir que Johnny foi assassinado, a esposa dele fica com a indenização. Era exatamente o que eu queria. Portanto, pode contar tudo. Que mais podem fazer contra mim? Um amigo me disse que eles já estiveram aqui hoje.

— Ok, muito obrigado.

— Eles vão lhe dar alguma informação?

— Não sei, estou tentando.

— O caso é seu. Não se esqueça. Mas não confie nesses caras, Jack. Vão usá-lo, vão tirar tudo que você tiver, depois o jogam na rua como um cachorro sem dono.

Agradei o conselho e desliguei. Nesse momento, um homem com o terno cinzento padrão do FBI entrou no escritório e, ao verme, deteve-se. Parecia intrigado.

— Com licença. Que está fazendo aqui?

— Esperando a agente Rachel Walling.

Ele era grandalhão, antipático, tinha os cabelos escuros cortados rentes.

— Quem é você?

— Meu nome é Jack McEvoy. Ela...

— Você está no lugar dela.

E fez um gesto, indicando que eu devia dar a volta e sentar-me numa das cadeiras diante da escrivaninha. Achei melhor obedecer do que iniciar uma discussão. Ele agradeceu e saiu. O episódio me lembrou que eu nunca gostara de tratar com o pessoal do FBI. Quase todos portavam genes de retenção anal. Talvez todos. Quando tive certeza de que ele havia ido embora, puxei o telefone de Rachel Walling para junto de mim e digitei o número direto de Greg Glenn. Passava das cinco em Denver, e eu sabia que ele devia estar ocupadíssimo, supervisionando o fechamento da edição, mas não me restava alternativa.

— Jack, você pode telefonar mais tarde?

— Não. Preciso falar com você.

— Tudo bem, seja breve. Houve outro tiroteio numa clínica, e estamos fechando a edição.

Eu o informei rapidamente de tudo que havia descoberto e do episódio com a agente do FBI. Parecendo esquecido do tiroteio na clínica e do fechamento da edição, ele se pôs a repetir que eu tinha descoberto uma coisa fantástica e que a matéria seria uma maravilha. Não mencionei a demissão de Warren nem as pressões de Rachel Walling para que eu nada publicasse. Disse-lhe onde estava e o que pretendia fazer. Ele aprovou.

— De qualquer modo, o mais provável é que precisemos de todo o espaço do noticiário para a matéria da clínica — ele disse. — Pelo menos nos próximos dias. Isto aqui está uma loucura. Você me seria muito útil.

— Que pena.

— É mesmo. Bem, vá em frente e veja o que consegue, depois avise-me. Vai ser estupendo, Jack!

— Espero que sim.

Glenn começou a discursar novamente sobre as perspectivas de prêmios de jornalismo e sobre passar a perna na concorrência com uma reportagem de âmbito nacional. Eu o estava ouvindo quando Rachel Walling entrou no escritório em companhia de um homem que, imaginei, devia ser Bob Backus. Também trajava o indefectível terno cinzento, mas seu ar era de mandachuva. Com uns trinta e cinco ou quarenta anos, ainda ostentava boa forma física. Tinha olhar agradável, os cabelos castanhos também muito curtos e penetrantes olhos azuis. Fiz um sinal com o dedo, indicando que já estava terminando. Interrompi Glenn:

— Greg, preciso desligar.

— Ok, entre em contato depois. Só mais uma coisa, Jack.

— O quê?

— Arranje material gráfico.

— Está bem.

Ao desligar, pareceu-me que ele estava querendo demais. Colocar um fotógrafo ali não iria ser nada fácil. Minha preocupação era conseguir entrar, eu mesmo, naquele meio.

— Jack, este é Bob Backus, agente especial assistente na chefia. É ele que dirige a minha equipe. Bob, Jack McEvoy, do *Rocky Mountain News*.

Cumprimento-nos. O aperto de mão de Backus era uma verdadeira morsa, bem no padrão do FBI, tão macho quanto o terno cinza. Ao falar, ele colocou a mão na escrivania e, distraído, endireitou a agenda.

— É sempre um prazer ficar conhecendo um de nossos amigos do Quarto Poder. Principalmente um de fora. — Eu me limitei a fazer que sim. Aquilo era uma tolice, e os três sabíamos disso. — Jack, vamos até a Presidência tomar um café — convidou ele. — Hoje foi um longo dia. No caminho, eu lhe mostro um pouco disto aqui.

No caminho, Backus nada disse de relevante a não ser dar os pêsames pela morte de meu irmão. Só quando estávamos tomando café a uma mesa da cantina, que eles costumavam chamar de Presidência, entrou no assunto.

— Jack, vamos falar em off, ok? Tudo que você vir ou ouvir aqui em Quantico é absolutamente confidencial. Está claro?

— Está. Por enquanto.

— Ótimo. Se você quiser alterar este acordo, fale comigo ou com Rachel, e nós podemos revê-lo. Está disposto a assinar um acordo nesses termos?

— Claro. Desde que eu o redija.

Backus fez um gesto afirmativo, como se eu tivesse marcado um ponto num debate.

— É justo. — Afastou a xícara, limpou uma impureza invisível da palma das mãos e, debruçando-se na mesa, aproximou o rosto do meu. — Jack, nós vamos ter uma reunião dentro de quinze minutos. Como Rachel deve ter lhe contado, estamos a todo vapor. Em minha opinião, estaríamos cometendo negligência criminosa se tratássemos dessa investigação de outro modo. Coloquei toda a minha equipe nisto, além de oito agentes emprestados do SSO, dois técnicos em período integral e seis agentes regionais. Não me lembro de havermos reunido tanta gente numa investigação.

— Acho isso muito bom... Bob.

Ele não se mostrou contrariado com o fato de eu tratá-lo pelo prenome. Tinha sido apenas um teste. Aparentemente, Bob Backus estava me tratando como um igual, insistia em me chamar pelo primeiro nome. Resolvi averiguar o que aconteceria se fizesse o mesmo. Até ali, tudo bem.

— Você fez um belo trabalho — prosseguiu ele. — Forneceu-nos um ótimo esboço. É um começo, e eu quero lhe dizer que já estamos trabalhando nisso há mais de vinte e quatro horas.

Atrás de Backus, vi o agente que tinha falado comigo no escritório de Rachel Walling sentar-se a outra mesa. Segurava uma xícara de café e um sanduíche. Pôs-se a lanchar sem parar de observar-nos.

— Isso significa que uma quantidade tremenda de recursos foi canalizada para esta investigação — disse Backus. — Mas agora a nossa prioridade é o sigilo.

A coisa caminhava exatamente como eu esperava, e precisei me esforçar para que minha expressão não denunciasse que eu sabia que estava com as cartas na mão com relação tanto ao FBI quanto à

investigação. Minha posição era muito vantajosa. Eles não podiam me excluir.

— Você não quer que eu escreva sobre isso — eu disse calmamente.

— É. Exatamente isso. Pelo menos por enquanto. Sabemos que você está bem informado, independentemente do que ficou sabendo por nosso intermédio. Tem condições de publicar uma grande reportagem. A matéria é explosiva, Jack. Se a publicar lá em Denver, vai chamar muita atenção. No dia seguinte estará na televisão e em todos os jornais. Quem não estiver com a cabeça enterrada na areia ficará sabendo. Mas Jack, vamos falar sem rodeios, isso não pode acontecer. Se o criminoso souber que nós sabemos dele, vai desaparecer. Se for inteligente, é nós sabemos que é muito inteligente, ele vai sumir do mapa, e nunca o pegaremos. Você não quer isso. Trata-se da pessoa que matou seu irmão. Você não quer isso, quer?

Eu balancei lentamente a cabeça, como a dizer que compreendia o dilema, mas permaneci calado, tratando de compor minha resposta. Olhei de Backus para Rachel Walling, depois para ele novamente.

— Meu jornal já investiu muito tempo e dinheiro — argumentei. — Estou com a matéria pronta. Para que você entenda, eu posso escrever uma matéria esta noite dizendo que as autoridades estão fazendo uma investigação de âmbito nacional sobre a possibilidade de um assassino serial de policiais estar agindo há mais de três anos sem ser detectado.

— Eu sei que você fez um ótimo trabalho. Ninguém discute isso.

— Neste caso, o que você me propõe? Quer que eu esqueça tudo, vá embora e fique esperando até o dia que o FBI resolva convocar uma coletiva, *caso* consiga prender esse cara?

Backus pigarreou e se encostou na cadeira. Eu olhei de relance para Rachel Walling. Seu rosto não dizia nada.

— Não vou dourar a pílula — respondeu Backus. — É isso mesmo, eu quero que você segure essa matéria durante algum tempo.

— Até quando? Que significa “durante algum tempo”?

Backus olhou para a cantina como se estivesse ali pela primeira vez. Respondeu sem olhar para mim:

— Até a gente pegar esse cara.

Eu assobiei.

— E o que é que eu ganho com isso? O que é que o *Rocky Mountain News* ganha abafando essa matéria?

— Antes de mais nada, você nos estará ajudando a capturar o assassino de seu irmão. Se isso não bastar, tenho certeza de que podemos firmar um acordo de exclusividade quando prendermos o suspeito.

Ninguém falou durante um longo intervalo, era evidente que a bola estava comigo. Eu escolhi cautelosamente as palavras antes de me inclinar para frente e dizer:

— Olhe, Bob, você sabe melhor do que eu que esta é uma das raras ocasiões em que o FBI não está com todas as cartas na mão e não pode controlar o jogo. Esta investigação é minha, compreende? Fui eu que a iniciei e não vou simplesmente abrir mão dela. Não estou disposto a voltar a Denver e ficar sentado a minha escrivaninha esperando o seu telefonema. Estou metido nisso até o pescoço e, se você não me mantiver dentro, eu volto e publico a matéria. Na edição de domingo que vem. É o dia de maior circulação.

— Você faria isso com o seu próprio irmão? — perguntou Rachel Walling com a voz carregada de raiva. — Não se importa?

— Calma, Rachel — interveio Backus. — A proposta é válida. O que nós...

— Não me importo? — atalhei. — Eu fui o único que se importou até agora. Portanto, não queira me culpar de nada. Meu irmão vai continuar morto quer que vocês achem esse cara ou não, quer que eu escreva a matéria ou não.

— Ok, Jack, não estamos aqui para questionar os seus motivos — contemporizou Backus, erguendo as mãos num gesto de paz. — Parece que chegamos a um impasse, e eu não quero isso. Diga-me claramente o que você quer. Tenho certeza de que podemos resolver o problema aqui mesmo. Antes que o café esfrie.

— É simples — eu disse rapidamente. — Coloque-me na investigação. Quero acesso total como observador. Em troca, eu não escrevo uma palavra enquanto não pegarmos o filho da puta ou não desistirmos.

— Isso é chantagem! — disse Rachel Walling.

— Não, é o acordo que estou propondo — repliquei. — Na verdade, estou fazendo uma concessão, porque eu já estou com a matéria pronta. Não publicá-la é contra os meus princípios e contra o que eu costumo fazer.

Olhei para Backus. Rachel Walling estava irritada, mas eu sabia que isso não importava. Era Backus quem diria a última palavra.

— Acho que não vai dar, Jack — disse ele enfim. — É contra o nosso regulamento envolver alguém assim. E também pode ser perigoso para você.

— Isso é de menos. O trato que eu proponho é esse. É pegar ou largar. Vá falar com o seu superior, se achar necessário. Mas, se não for nesses termos, não haverá acordo.

Backus colocou a xícara diante dele e ficou olhando para o café fumegante. Ainda não o havia provado.

— Sua proposta ultrapassa a minha competência — respondeu. — Só poderei lhe dar a resposta depois de fazer uma consulta.

— Quando?

— Vou telefonar agora mesmo.

— E a reunião que vocês vão ter?

— Eles podem começar sem mim. Por que vocês não esperam aqui? Eu não demoro.

Levantou-se e empurrou cuidadosamente a cadeira para junto da mesa.

— Só para que fique claro — acrescentei antes que ele se afastasse. — Se for admitido como observador, eu não publicarei nada sobre o caso até que tenhamos prendido o assassino ou até que vocês determinem que a investigação fracassou e passem a concentrar os esforços principais em outros casos. Mas há duas exceções.

— Quais são?

— A primeira é se você pedir que eu escreva. Pode ser que num dado momento você queira despistar o cara com uma reportagem. Então eu a escreverei. A outra exceção é se a matéria vazar. Se sair alguma coisa em outro jornal ou na televisão, o acordo fica cancelado. Automaticamente. Inclusive se eu souber que alguém está prestes a publicar alguma coisa, tratarei de publicar a minha matéria primeiro. A porra dessa reportagem é minha!

Backus olhou para mim e concordou com um gesto.

— Eu volto já.

Quando ele saiu, Rachel Walling me fitou e disse em voz baixa:

— Se fosse comigo, eu pagaria para ver.

— Eu não estou blefando. Estou falando sério.

— Se você é mesmo capaz de trocar a possibilidade de prender o cara que matou seu irmão por uma matéria, saiba que estou muito decepcionada. Vou buscar mais café.

Levantou-se e me deixou a sós. Vendo-a ir ao balcão, fiquei refletindo sobre o que acabava de me dizer, depois pensei nos versos de Poe que eu lera na noite anterior e que não me saíam da lembrança.

Eu habitava sozinho
Em um mundo de lamúrias
E minha alma era uma maré estagnada

Ao entrar na sala de reuniões, com Backus e Rachel Walling, vi poucos lugares vagos. Havia muita gente ao redor da longa mesa, além de um numeroso grupo nas cadeiras encostadas nas paredes. Backus indicou uma delas para que eu me sentasse. Depois, acompanhado de Rachel, foi para os dois lugares vazios ao centro da mesa. Ao que tudo indicava, estavam reservados exclusivamente para eles. Senti muitos olhares curiosos voltados para mim e, sem disposição para enfrentá-los, pus-me a vasculhar o estojo do laptop no chão, fingindo estar procurando alguma coisa.

Backus aceitara o acordo. Ou melhor, a pessoa que ele havia consultado aceitara-o. Eu estava autorizado a acompanhá-los, sendo que a agente Rachel Walling fora designada para me pajear — como ela dizia. Eu tinha redigido e assinado um acordo, comprometendo-me a não escrever sobre a investigação até seu desfecho ou seu cancelamento — ou até que adviesse uma das exceções que eu antes mencionara. Perguntei a Backus se podia contar com a ajuda de um fotógrafo e ele respondeu que aquilo não fazia parte do trato. Mas se dispôs a considerar solicitações específicas de fotografias. Foi o máximo que consegui.

Quando Backus e Rachel Walling se instalaram em seus lugares e o interesse por mim diminuiu, arrisquei olhar a minha volta. Havia doze outros homens e três mulheres na sala, incluindo Rachel. Os homens, quase todos em mangas de camisa, pareciam já familiarizados com o caso. A mesa estava repleta de copos descartáveis, papéis e cadernos. Uma moça entregou uma pasta de documentos a cada agente. Notei que um destes era o sujeito de maus bofes que eu havia encontrado no escritório de Rachel Walling

e, depois, tornara a ver na cantina. Quando Rachel foi se servir de mais café, ele se levantou também, aproximou-se do balcão, e ambos trocaram algumas palavras. Não consegui ouvir o que diziam, mas tive certeza de que ela o estava dispensando, coisa que não o agradou.

— Muito bem, amigos — disse Backus. — Vamos ver se começamos. O dia hoje foi longo e provavelmente serão mais longos daqui por diante.

O murmúrio de vozes, cessou bruscamente. Procurando não fazer barulho, tirei meu bloco de anotações da maleta do computador. Abri-o numa página em branco e me preparei para escrever.

— Antes de mais nada, uma breve apresentação — prosseguiu Backus. — O senhor sentado ali, perto da parede, é Jack McEvoy, jornalista do *Rocky Mountain News*. Vai ficar conosco até que o caso esteja encerrado. Foi graças ao seu trabalho que se convocou esta força-tarefa. Foi ele quem descobriu o nosso Poeta. E concordou em nada publicar sobre a investigação enquanto não pusermos o criminoso atrás das grades. Quero pedir a todos que o tratem com cortesia. Ele tem autorização do agente especial no comando para estar aqui.

Sentindo todos os olhares novamente voltados para mim, eu me imobilizei, segurando o bloco de papel e a caneta como se tivesse sido apanhado em flagrante, as mãos ainda sujas de sangue.

— Se ele não vai escrever nada, para que o bloco de anotações?

Eu me volvei para o lugar de onde viera a voz já familiar e vi o sujeito rabugento do escritório de Rachel Walling.

— Ele precisa fazer anotações para, quando escrever, não omitir nenhum fato — respondeu Rachel, saindo inesperadamente em minha defesa.

— Ainda estou para ver o dia em que esses caras hão de escrever realmente os fatos — retrucou o agente.

— Gordon, não vamos fazer com que o senhor McEvoy se sinta mal aqui — interferiu Backus com um sorriso. — Estou certo de que fará um bom trabalho. O agente especial no comando também está convencido disso. E a verdade é que ele fez um excelente trabalho

até agora, portanto vamos conceder-lhe o benefício da dúvida e também a nossa colaboração.

Contrariado e ainda mais carrancudo, o tal Gordon sacudiu a cabeça. Pelo menos eu estava começando a saber de quem devia me afastar. Momentos depois, notei que a mulher que estava distribuindo as pastas passou por mim como se eu não existisse.

— Esta é a última reunião do grupo — retomou Backus. — Amanhã, vamos nos separar e o comando da investigação se transfere para Denver, local do último caso. Rachel continuará na coordenação. Brass e Brad ficarão aqui para processar as informações e outras coisas. Eu quero relatórios diários completos de todos os agentes. Por enquanto, podem usar o fax do escritório de Denver. O número deve estar no impresso que vocês acabam de receber. Assim que tivermos instalado nossas linhas próprias, mandaremos os números. Agora, vamos repassar o material de que dispomos. É importante que todos estejamos sintonizados na mesma onda. Não quero que nada saia pela tangente neste caso. Já tivemos problemas demais.

— É bom mesmo não fazermos nenhuma besteira — disse Gordon com sarcasmo. — A imprensa está de olho em nós.

Algumas pessoas riram, mas Backus as interrompeu.

— Tudo bem, Gordon, agora chega. Você já deixou claro que não está de acordo. Quero dar a palavra a Brass, que vai repassar o que obtivemos até agora.

A mulher sentada em frente a Backus pigarreou. Depois, estendendo na mesa três folhas impressas de computador, levantou-se.

— Ok — disse. — Nós temos seis policiais mortos em seis Estados da Federação. Há também seis casos de homicídio não solucionados, nos quais esses policiais estavam trabalhando pessoalmente quando morreram. O problema é que ainda não podemos afirmar com certeza se se trata de um ou dois criminosos ou mesmo mais, embora esta hipótese seja pouco provável. Em nossa opinião, o assassino é um só, muito embora no momento não tenhamos muito em que nos apoiar. O que parece certo é que as seis mortes estão interligadas, por isso acreditamos que se trata do

trabalho de uma só pessoa. Por enquanto, nossa ênfase está nesse criminoso, que nós chamamos de Poeta. Além disso, o vínculo com os outros casos é apenas uma teoria. Falaremos nisso depois. Primeiro, vamos examinar os investigadores. Deem uma olhada no primeiro RVP que vocês têm à mão, pois quero chamar a atenção para algumas coisas.

Todos se puseram a estudar o material recebido, e, uma vez mais, eu me senti mal por ter sido excluído. Decidi que precisava falar com Backus sobre isso depois da reunião. Voltei-me para Gordon e vi que ele estava me olhando. Depois de piscar para mim, voltou a atenção para os documentos a sua frente. Foi quando Rachel Walling se levantou, contornou a mesa, aproximou-se e me entregou uma cópia dos impressos. Eu agradei com um movimento da cabeça, mas ela já estava retornando ao seu lugar. Reparei que, no caminho, trocou um olhar prolongado com Gordon.

Examinei rapidamente os papéis. A primeira folha era apenas um organograma com os nomes dos agentes e suas respectivas tarefas. Havia também os números de telefone e de fax dos escritórios regionais de Denver, Baltimore, Tampa, Chicago, Dallas e Albuquerque. Percorri a lista de agentes e encontrei um único Gordon. Gordon Thorson. Notei que sua função vinha designada apenas como "Quantico — Go".

A seguir procurei Brass na lista, e não foi difícil descobrir que se tratava de Brasília Doran, assinalada na folha de papel como "Coordenação — Vítima/Perfil". A lista incluía as incumbências dos demais agentes, como grafologia e criptologia, porém, com raras exceções, cada nome vinha acompanhado apenas da cidade a que fora designado e do nome da vítima correspondente. Aparentemente, dois agentes do SCC seriam enviados a cada cidade em que o Poeta estivera, a fim de coordenar as investigações dos respectivos casos em colaboração com a polícia e os agentes do escritório local. Passei para a página seguinte, que era a que todos estavam lendo.

RELATÓRIO VITIMOLÓGICO PRELIMINAR — O POETA, SCC95-17

VIT#

1. Clifford Beltran. Xerife Deleg. de Sarasota, homicídio.
Sexo: M. Cor: B. Data de Nasc.: 14/3/34. Óbito: 1/4/92
Arma: S&W calibre 12
Um disparo — cabeça
Local: residência. Sem testemunha
2. John Brooks, Dep. de Polícia de Chicago, homicídio, Área 3.
Sexo: M. Cor: N. Data de Nasc.: 1/7/54. Óbito: 30/10/93
Arma: serviço, Glock 19
Dois disparos, um impacto — cabeça
Local: residência. Sem testemunha
3. Garland Petry, Dep. Polícia de Dallas, homicídio.
Sexo: M. Cor: B. Data de Nasc.: 11/11/51. Óbito: 28/3/94
Arma: serviço, Beretta 38
Dois disparos, dois impactos — tórax e cabeça
Local: residência. Sem testemunha
4. Morris Kotite, Dep. Polícia de Albuquerque, homicídio.
Sexo: M. Hisp. Data de Nasc.: 14/9/56. Óbito: 24/9/94
Arma: serviço, S&W 38
Dois disparos: um impacto — cabeça
Local: residência. Sem testemunha
5. Sean McEvoy, Dept. Polícia de Denver, homicídio.
Sexo: M. Cor: B. Data de Nasc.: 21/5/61. Óbito: 10/2/95
Arma: serviço, S&W 38
Um disparo — cabeça
Local: automóvel. Sem testemunha

A primeira coisa que me chamou a atenção foi que ainda não tinham incluído McCafferty na lista. Ele devia ser o número dois. Também me dei conta de que os olhares se voltavam para mim quando os agentes chegavam ao último nome da lista e, aparentemente, percebiam quem eu era. Mantive os olhos no papel diante de mim e nas anotações que acompanhavam o nome de meu irmão. Sua vida fora resumida a descrições sumárias e algumas datas. Brasília Doran finalmente me salvou.

— Ok, quero esclarecer que este material foi impresso antes que tivéssemos a confirmação do sexto caso — disse. — Se vocês quiserem acrescentá-lo agora, ele deve ficar entre Beltran e Brooks. O nome é John McCafferty, investigador de homicídios do Departamento de Polícia de Baltimore. Mais tarde receberemos as informações suplementares. Bem, como vocês podem ver, não temos nada consistente nesses casos. As armas usadas eram diferentes, assim como os locais onde ocorreram as mortes, e, como vítimas, temos três brancos, um negro e um hispânico... McCafferty, o caso adicional, era branco, do sexo masculino e tinha quarenta e sete anos. Mas a localização física e os indícios têm limitados denominadores comuns. Todas as vítimas eram investigadores de homicídios do sexo masculino, foram mortas com um disparo fatal na cabeça, e em nenhum caso houve testemunhas. Foram detectados dois pontos comuns que queremos explorar. Primeiro, a referência a Edgar Allan Poe em todos os casos. Em segundo lugar, em todos os casos, acreditava-se que a vítima estava obsessivamente concentrada numa determinada investigação de homicídio, sendo que duas delas chegaram a recorrer a apoio terapêutico. Se vocês derem uma olhada na página seguinte...

Ouviu-se em toda a sala o ruído das páginas viradas. Todos me pareceram estranhamente fascinados. Aquele foi um momento surrealista para mim. Experimentei a sensação que deve ter um roteirista ao ver seu filme projetado numa tela pela primeira vez. Até então, tudo aquilo era uma coisa escondida em meu bloco de anotações e em meu computador, parte de um remotíssimo território de possibilidades. Agora, no entanto, eu estava numa sala povoada de investigadores que falavam abertamente naquilo, liam documentos e confirmavam a existência de tal horror.

A página seguinte trazia a última mensagem dos suicidas, todas citações dos poemas de Poe que eu havia lido e relido na noite anterior.

— É aqui que os casos ficam irrefutavelmente vinculados — disse Brasília Doran. — Nosso Poeta gosta de Edgar Allan Poe. Ainda não sabemos por que, mas é nisso que vamos trabalhar, aqui em

Quantico, quando vocês estiverem viajando. Gostaria de passar a palavra a Brad, para que lhes fale um pouco nisso.

O agente ao lado de Brasília Doran se levantou e tomou a palavra. Eu voltei à primeira página do maço de papéis e localizei o agente Bradley Hazelton na lista. Brass e Brad. Que dupla, pensei. Muito magro, com o rosto marcado de espinhas, Hazelton empurrou os óculos no nariz e disse:

— Hã... Nós constatamos que as seis citações em questão, inclusive a do caso de Baltimore, são de três poemas de Poe; foram citadas também as últimas palavras do escritor. Estamos pesquisando para detectar o que esses poemas têm em comum e como se relacionam com o criminoso. Pode ser qualquer coisa. Tudo indica que é através disso que o criminoso está brincando conosco e arriscando-se. Duvido que estivéssemos aqui hoje ou que o senhor McEvoy tivesse encontrado uma ligação entre os casos se esse sujeito não tivesse resolvido citar Edgar Allan Poe. Pode-se dizer que os poemas são a sua assinatura. Estamos tentando descobrir por que ele escolheu Poe e não Walt Whitman por exemplo, mas eu...

— Eu sei por quê — declarou um agente sentado à extremidade da mesa. — Poe era um filho da puta tão mórbido quanto ele.

Ouviram-se risos.

— Sim, é, de certo modo deve ser isso mesmo — disse Hazelton, sem perceber que o comentário fora feito para aliviar a atmosfera. — Em todo caso, Brass e eu vamos nos ocupar disso, e, se vocês tiverem alguma ideia, gostaria de ouvir. Por ora, vou mencionar algumas coisas esparsas. Poe é considerado o pai do romance policial, sobretudo pela publicação de *Os Crimes da Rua Morgue*, que é basicamente um romance de mistério. Ou seja, pode ser que estejamos às voltas com um criminoso que veja isso como uma espécie de quebra-cabeça, de enigma. Está simplesmente querendo nos gozar com esse mistério, e faz das palavras do poeta um código. Eu estive lendo certas críticas e análises da obra de Poe e achei uma coisa interessante. Um dos poemas que esse cara usou chama-se *O Palácio Assombrado*. O poema faz parte de um conto intitulado *A Queda da Casa de Usher*. Vocês certamente já ouviram falar nele ou o leram. Em todo caso, a análise padrão desse poema é que, ao

mesmo tempo em que ele serve de descrição da casa de Usher, é também uma descrição dissimulada ou inconsciente do personagem principal da história, Roderick Usher. E esse nome, os que participaram da reunião de ontem devem saber, está relacionado com a morte da vítima número seis. Desculpe, é Sean McEvoy. Não é apenas um número.

Ele olhou para mim e fez um leve gesto com a cabeça. Eu respondi da mesma forma.

— No poema, a descrição... um momento. — Hazelton consultou suas anotações, encontrou o que procurava, ajeitou novamente os óculos e prosseguiu: — Pronto, aqui está: *Bandeiras de ouro, amarelas,/ No seu teto, flamejantes, ok, e mais adiante temos: por sobre as muralhas pálidas/ suavemente perpassam.* E algumas linhas abaixo: *Pelas janelas de luz etc., etc.* Reparem que se trata da descrição de um homem branco/ loiro, retraído, talvez de cabelos compridos ou encaracolados e de óculos. É um ponto de partida para o estudo do perfil físico.

Ouviram-se gargalhadas na sala. Hazelton se mostrou ofendido.

— Está no livro — protestou. — Não é brincadeira. É um ponto de partida.

— Espere aí, espere aí — disse uma voz no fundo. Um homem se levantou. Era mais velho que os demais e tinha o ar objetivo dos policiais experimentados. — De que diabo vocês estão falando? Bandeiras de ouro, flamejantes... Ora, tenham paciência! Essa história de Poe é absurda, pode ser que ajude o rapazinho ali a vender jornal, mas, nas últimas vinte horas que passei aqui, nada me convenceu de que há um maluco à solta que, sabe-se lá como, conseguiu pegar cinco ou seis policiais veteranos e enfiar suas próprias armas na boca deles. O que estou querendo dizer é que não dá para acreditar. Aonde você pretende chegar com essa tolice?

Houve um murmúrio na sala, os comentários e os gestos eram de discordância. Ouvi chamarem de Smitty o agente que acabava de falar e encontrei um Chuck Smith na lista da primeira página. Tinha sido designado para Dallas.

Brass Doran se levantou para responder.

— Eu sei que é difícil — disse. — Não estamos em condições de discutir a metodologia neste momento. Mas, a meu ver, a correlação com Poe é definitiva, e Bob concorda. Portanto, qual é a nossa alternativa? Dizer que é impossível e deixar isso de lado? Não, vamos agir como se outras vidas estivessem em perigo, mesmo porque pode ser que estejam mesmo. Espero que as perguntas de vocês sejam respondidas quando começarmos a trabalhar. Mas concordo em que devemos levar isso em consideração, e é sempre salutar ser céptico. É uma questão de controle. Como é que o Poeta consegue controlar esses homens?

Ela percorreu a sala com os olhos. Smitty estava calado agora.

— Brass — disse Backus. — Vamos continuar com as primeiras vítimas.

— Ok. Pessoal, a próxima página.

A folha seguinte continha informação sobre os assassinatos que tanto haviam absorvido os investigadores mortos pelo Poeta. Eram chamadas vítimas secundárias no relatório, embora tivessem morrido primeiro. Uma vez mais, notei que o documento não estava atualizado. Polly Amherst, a mulher cujo assassinato obsedara John McCafferty, em Baltimore, ainda não figurava na lista.

VITIMOLOGIA SECUNDÁRIA — PRELIMINAR

1. Gabriel Ortiz, Sarasota, FL

Estudante

Hispanico. Data de Nasc.: 1/6/82. Óbito: 14/2/92

Estrangulamento com atadura, Abuso sexual
(fibra de paina)

2. Robert Smathers, Chicago

Estudante

Branco. Data de Nasc.: 11/8/81. Óbito: 15/8/93

Estrangulamento manual. Mutilação anterior à morte

3. Althea Granadine, Dallas

Estudante

Negra. Data de Nasc.: 10/10/84. Óbito: 4/1/94

Facadas múltiplas. Peito. Mutilação anterior à morte

4. Manuela Cortez, Albuquerque, NM

Governanta

Hispânica. Data de Nasc.: 11/4/46. Óbito: 16/8/94

Pancadas múltiplas. Mutilação posterior à morte
(fibra de paina)

5. Theresa Lofton, Denver, CO

Estudante. Funcionária de uma creche

Branca. Data de Nasc.: 4/7/75. Óbito: 16/12/94

Estrangulamento com atadura. Mutilação posterior à morte
(fibra de paina)

— Bem, está faltando um novamente — disse Doran. — Baltimore. Neste caso, não foi uma criança, mas uma professora. Polly Amherst. Estrangulamento com atadura e mutilação posterior à morte. — Esperou alguns momentos para que anotassem. — Estamos providenciando os arquivos e outros dados sobre todos os casos. Estas informações foram levantadas às pressas, só para a reunião de hoje. Preliminarmente, porém, o que se pode notar é que os casos secundários têm em comum o envolvimento de crianças. Três vítimas eram crianças, duas trabalhavam diretamente com crianças e a última, Manuela Cortez, era governanta e foi raptada e assassinada quando estava a caminho da escola dos filhos de seu patrão para buscá-los. A extrapolação é que os alvos eram sempre crianças, mas na metade dos casos pode ser que alguma coisa tenha dado errado, o criminoso deve ter sido interrompido pelas vítimas adultas, as quais foram eliminadas.

— E quanto à mutilação? — perguntou um agente. — Algumas vítimas foram mutiladas depois de mortas, mas as crianças... As crianças, não.

— Não temos certeza ainda. Por enquanto, achamos que pode ser para nos desorientar. Foi usando diferentes métodos e patologias que ele conseguiu camuflar-se. No papel, os casos podem parecer semelhantes, porém, à medida que aprofundamos a análise, vão se tornando mais diferentes. É como se seis homens com patologias diversas tivessem matado essas vítimas. Na verdade, todos os casos

foram submetidos aos questionários do PACV pelos escritórios regionais, mas nenhum parecia ter nexos com os outros. Lembrem-se, o questionário tem dezoito páginas atualmente. Para concluir, parece que o criminoso nos conhece bem. Soube agir de modo diferente com cada vítima para que o nosso computador não conseguisse estabelecer vínculos. O único erro que cometeu foi a fibra de paina. E nós o detectamos.

Um agente ergueu a mão, e Doran lhe fez um sinal com a cabeça.

— Se houve três incidências de fibra de paina colhida, por que não fizemos uma comparação com o computador do PACV para ver se todos os casos foram processados como você diz?

— Erro humano. No primeiro caso, o do menino Ortiz, a paina era original da região e não foi levada em conta. Não foi incluída no questionário. No caso de Albuquerque, as fibras não foram identificadas, não atualizaram o levantamento. Um erro, enfim. Passou. Só hoje recebemos a informação do escritório regional. O único caso em que se considerou a paina significativa a ponto de ser incluída na solicitação do PACV foi o de Denver.

Vários agentes deixaram escapar exclamações, e eu me senti um pouco frustrado. Eles haviam deixado escapar a possibilidade de confirmar a existência de um assassino serial em atividade ainda na época do caso de Albuquerque. Se isso não tivesse acontecido, pensei, Sean poderia ainda estar vivo.

— Agora vem a grande pergunta — disse Doran. — Quantos assassinos são? Um que comete o primeiro crime e outro que se encarrega do investigador? Ou um só, que faz tudo? Por enquanto, com base sobretudo na improbabilidade logística associada a dois criminosos, estamos adotando a teoria de uma ligação. Acreditamos que em cada cidade as duas mortes estão ligadas.

— Qual é a patologia? — perguntou Smitty.

— Tudo o que temos são suposições. A mais óbvia é que matar investigadores é, para ele, um meio de cobrir suas pegadas, de fugir. Mas também temos outra teoria. A de que o primeiro homicídio tenha sido perpetrado pelo criminoso a fim de atrair um investigador de homicídios. Em outras palavras, a primeira morte é uma isca

oferecida de maneira tão horrenda que o investigador acaba sendo levado à obsessão. Acreditamos que, depois, o Poeta seguiu cada um desses policiais, ficou conhecendo seus hábitos e sua rotina. Isso lhe permitiu aproximar-se e cometer o assassinato sem ser detectado.

Fez-se silêncio. Tive a impressão de que aqueles agentes, embora veteranos de muitas investigações de homicídios seriais, nunca tinham topado com um predador como aquele que designavam Poeta.

— É claro que por enquanto só temos teorias...

Backus se levantou.

— Obrigado, Brass. Vamos nos apressar agora, porque eu quero levantar alguns perfis e encerrar. Gordon, você tem algo a dizer.

— É, serei breve — disse Thorson, levantando-se e aproximando-se de um cavalete com um enorme bloco de desenho. — O mapa que vocês têm aí está desatualizado por causa da conexão de Baltimore. Por favor, prestem atenção.

Traçou rapidamente o contorno dos Estados Unidos com um grosso pincel atômico preto. Depois, servindo-se de um vermelho, começou a delinear a trilha do Poeta. Partindo da Flórida, que ele havia desenhado pequena em comparação com o resto do país, a linha seguia para Baltimore, passava por Chicago, Dallas, subia a Albuquerque e desembocava em Denver. Com o pincel preto, ele escreveu as datas dos assassinatos em cada cidade.

— A coisa se explica por si só — disse. — O nosso homem está indo para o oeste e, obviamente, está puto da vida com os policiais de homicídios por alguma razão. — Fez um gesto amplo, abrangendo a parte ocidental do mapa que esboçara. — O próximo golpe será por aqui, a menos que tenhamos a sorte de pegá-lo antes.

Olhando para o fim da linha vermelha que Thorson traçara, tive uma sensação esquisita quanto ao que nos esperava. Onde estaria o Poeta? Quem seria o próximo?

— Por que não o deixamos chegar à Califórnia? Lá, ele ficará entre seus iguais. Fim do problema.

Todos riram de gracejo de um dos agentes sentado junto à parede. A piada encorajou Hazelton.

— Ei, gordo — disse ele, estendendo o braço e batendo com um lápis na minúscula Flórida desenhada. — Espero que este mapa não tenha sido um ato falho.

Todos prorromperam numa explosiva gargalhada. Embora corando, Thorson sorriu do chiste feito a sua custa. Notei que Raquel Walling estava radiante de prazer.

— Muito engraçado, Hazel — retrucou Thorson em voz alta. — Por que não vai analisar os poemas? Você é bom nisso. — Os risos cessaram rapidamente, e eu desconfiei que Thorson tinha lançado uma farpa excessivamente pessoal.

— Ok, se vocês me permitem continuar, esclareço que hoje à noite vamos alertar todos os escritórios regionais, principalmente os do oeste, para que fiquem de olho. Será muito bom se conseguirmos nos antecipar e instalar nosso laboratório num dos locais do crime. Já contamos com uma boa equipe. Mas, no momento, dependemos em tudo dos regionais. Bob?

Backus temperou a garganta e retomou a palavra.

— Se ninguém tem mais nada a dizer, vamos passar aos perfis. Que se pode dizer desse criminoso? Eu gostaria de acrescentar uma coisa ao alerta que Gordon vai enviar.

Seguiu-se uma série de observações a esmo, muitas sem pé nem cabeça, sendo que algumas provocaram riso. Reparei que havia grande camaradagem entre os agentes. Havia também tensões, como a que transpareceu no duelo entre Thorson e Walling e depois entre ele e Hazelton. Em todo caso, tive a impressão de que não era a primeira vez que aquela gente se sentava à mesa para fazer a mesma coisa. Infelizmente, haviam sido muitas as reuniões anteriores.

O perfil obtido era inútil para capturar o Poeta. As descrições genéricas que os agentes adiantaram eram sobretudo psicológicas. Ódio. Isolamento. Cultura e inteligência acima da média. Como identificar essas coisas nas massas?, pensei. Impossível.

De vez em quando, Backus interferia e lançava uma questão para manter a discussão no rumo.

— E se vocês aceitassem a última teoria de Brass, para que matar policiais?

— Quem achar essa resposta terá o cara nas mãos. Aí é que está o mistério. Essa história de poesia é diversão.

— Rico ou pobre?

— Ele tem dinheiro. Deve ter. Não fica muito tempo nos lugares. Não trabalha... Seu trabalho é matar.

— Ele deve ter uma boa conta no banco ou pais ricos, alguma coisa assim. E tem carro, e precisa de dinheiro para pôr gasolina.

A reunião se prolongou por mais vinte minutos, Doran a fazer anotações para o perfil preliminar. Por fim, Backus a encerrou, dizendo a todos que tinham o resto da noite livre para viajar na manhã seguinte.

Quando a reunião terminou, alguns agentes se aproximaram de mim, apresentaram-se, deram-me os pêsames pela morte de meu irmão e me deram os parabéns pela minha investigação. Mas foram poucos, inclusive Hazelton e Doran. Não tardou muito para que eu me visse a sós, olhando a minha volta em busca de Rachel Walling. Foi quando Gordon Thorson se acercou. Estendeu a mão, e eu a apertei com certa hesitação.

— Eu não tive a intenção de aborrecê-lo — disse-me com um sorriso.

— Tudo bem. Foi muito bom.

Segurei minha mão com força e, passados os dois segundos padrão, eu tentei retirá-la, mas ele não deixou. Em vez disso, puxou-a para junto de si e se inclinou para a frente de modo que só eu escutasse o que ele tinha a dizer.

— É bom que seu irmão não esteja aqui para ver isso — sussurrou. — Se eu tivesse feito o que você fez para entrar neste caso, estaria morrendo de vergonha. Não teria coragem de me olhar no espelho.

Sem parar de sorrir, endireitou o corpo. Eu me limitei a olhar para ele e, inexplicavelmente, fiz que sim. Gordon soltou-me e se afastou. Eu me senti humilhado por não me haver defendido. Limitara-me balançar a cabeça feito um idiota.

— Que foi isso?

Eu me voltei e dei com Rachel Walling.

— Hum, nada. Ele só... Ora, nada.

— Seja o que for, esqueça o que ele disse. Esse cara é um chato.

Eu concordei com um gesto.

— É, foi a impressão que tive.

— Venha, vamos voltar à Presidência. Estou morrendo de fome.

No corredor ela me falou dos planos de viagem.

— Vamos sair cedo amanhã. É melhor você dormir aqui hoje em vez de voltar ao Hilton. O dormitório dos visitantes fica praticamente vazio às sextas-feiras. Podemos hospedá-lo e pedir ao Hilton que libere seu quarto e mande suas coisas para Denver. Algum problema?

— Ah, não. Acho que... — Eu continuava pensando em Thorson.

— Ele que se foda.

— O quê?

— Esse cara, Thorson. É um chato.

— Não se preocupe com ele. Nós vamos partir amanhã, mas ele fica. E quanto ao Hilton?

— Tudo bem. Eu já estou com o computador e o mais importante aqui comigo.

— Amanhã eu providencio uma camisa limpa para você.

— Ah, o carro! Estou com um carro alugado na garagem do Hilton.

— Está com as chaves aí?

Eu as tirei do bolso.

— Deixe-as comigo. Eu cuido disso.

Muito cedo, quando o dia ainda não passava de uma leve insinuação nas bordas da cortina, Gladden se pôs a andar de um lado para outro no apartamento de Darlene, nervoso demais para dormir, muito excitado para deitar-se. Percorreu os pequenos cômodos, pensando, planejando, aguardando. Aproximando-se da porta do quarto, ficou alguns instantes olhando para Darlene na cama, depois voltou para a sala. As paredes estavam cobertas de pôsteres de antigos filmes pornográficos, o apartamento todo era um depósito de ordinários *souvenirs* de uma vida sem valor. Um verniz de nicotina recobria tudo. Mesmo sendo fumante, Gladden sentia-se mal ali, aquele lugar era um caos.

Ele se deteve diante dos pôsteres de um filme intitulado *Dentro de Darlene*. Ela lhe contara que chegara a ser estrela no começo dos anos 80, depois, o vídeo viera revolucionar o gênero, e ela começara a envelhecer, as mágoas e as dores da vida se estamparam ao redor de seus olhos, em sua boca. Havia sido com um sorriso triste que Darlene apontara para os cartazes: as fotografias desbotadas exibiam seu corpo ainda liso e um rosto livre de rugas. Ela era conhecida apenas por Darlene. Não havia necessidade de sobrenome. Gladden se perguntou como seria viver num lugar em que as paredes, repletas de imagens de um eu antes glorioso, pareciam zombar do eu presente.

Ele se voltou e, vendo a bolsa dela na mesa da sala de jantar, resolveu revistá-la. Estava cheia de maquiagem, maços de cigarro vazios e caixas de fósforo. Havia também uma pequena lata de spray para repelir agressores. Na carteira, encontrou sete dólares.

Examinando a licença de motorista, ele ficou sabendo pela primeira vez o nome completo daquela mulher.

— Darlene Kugel — disse em voz alta. — Prazer em conhecê-la.

Ficou com o dinheiro e recolocou o resto na bolsa. Sete dólares não eram muita coisa, mas sempre eram sete dólares. O revendedor da digiTime obrigara-o a pagar adiantado para encomendar a câmera. Estando agora reduzido a algumas centenas de dólares, sete a mais não haveriam de lhe fazer mal.

Deixando de lado os problemas financeiros, voltou a passear. Havia um problema de tempo. A câmera, despachada de Nova York, só chegaria quarta-feira. Dali a cinco dias. Para estar a salvo, ele devia ficar esperando ali mesmo, no apartamento de Darlene, e sabia que podia.

Resolveu fazer uma lista de compras. As prateleiras da cozinha estavam quase vazias, a não ser pelas latas de atum, que ele detestava. Teria de sair, comprar mantimentos e tratar de enfurnar-se até quarta-feira. Não precisaria de muita coisa. Água mineral — Darlene parecia beber água da torneira. Suco de fruta, talvez comida congelada.

Um carro passou na rua. Ele se aproximou da porta e finalmente ouviu o barulho que estava esperando. O baque do jornal no chão. Darlene lhe havia dito que o inquilino do apartamento vizinho recebia o jornal em casa. Gladden se orgulhava de haver se lembrado de perguntar. Foi até a janela e olhou pela persiana. O amanhecer era agora um cinzento enevoadado. Não havia ninguém lá fora.

Tendo destrancado e destravado a porta, abriu-a e saiu ao ar frio da madrugada. Viu o jornal dobrado no passeio em frente ao apartamento vizinho ainda às escuras. Com passos rápidos, aproximou-se, pegou o jornal e voltou ao apartamento de onde saía.

No sofá, abriu apressadamente a seção policial e percorreu as oito páginas. Não achou a notícia. Nada sobre a faxineira. Deixando o caderno de lado, procurou no principal. Enfim encontrou o que buscava. Sua fotografia no canto inferior direito da primeira página. A que tinha sido tirada na delegacia de Santa Monica. Afastando os

olhos de sua própria imagem, começou a ler a notícia. Ficou satisfeitíssimo. Estava na primeira página novamente. Depois de tantos anos! Chegou a corar enquanto lia.

SUSPEITO DE ASSASSINATO NO HOTEL FOGUE DA POLÍCIA DA FLÓRIDA
Keisha Russell
da equipe do *Times*

Um homem que, segundo a polícia de Los Angeles, escapou à Justiça da Flórida, onde foi condenado por abuso de menores, é o principal suspeito do brutal assassinato com mutilação da camareira de um hotel de Hollywood, ocorrido sexta-feira. William Gladden, 29, está sendo procurado pela morte de Evangeline Crowder, 19, cujo cadáver foi encontrado no quarto de Gladden, no Hotel Hollywood Star. O corpo da vítima foi esquartejado e colocado em três gavetas de uma cômoda.

O cadáver foi encontrado quando Gladden já tinha deixado o hotel. A polícia explicou que uma empregada, que estava procurando a camareira desaparecida, entrou no quarto e viu sangue escorrendo na cômoda. Evangeline Crowder tinha um filho pequeno.

Gladden se hospedou no hotel com o nome de Bryce Kidder, mas a polícia informou que a análise das impressões digitais encontradas no quarto identificou o suspeito. Há sete anos, num julgamento muito divulgado, ele foi condenado a setenta anos de reclusão por abuso de menor em Tampa, Flórida. Contudo, tendo cumprido apenas dois anos de prisão, conseguiu a liberdade mediante recurso. A prova principal contra ele — fotografias de crianças nuas — foi anulada pelas autoridades por ter sido obtida ilegalmente. A promotoria ofereceu a Gladden a oportunidade de cumprir uma pena mais leve se confessasse o crime. Ele foi beneficiado com a liberdade condicional devido à pena já cumprida.

Ironicamente, a polícia descobriu também que Gladden foi detido em Santa Monica, três dias antes do assassinato no hotel, sob a acusação de fotografar as crianças que estavam tomando

banho nos chuveiros da praia e num carrossel. Conseguiu ser libertado sob fiança antes que se estabelecesse sua verdadeira identidade.

— continua na página 14A

Gladden abriu o caderno e continuou a leitura na página interior. Viu outra fotografia sua olhando para o leitor. Era do tempo em que ele era magro, ruivo, e tinha vinte e um anos, bem antes que a perseguição começasse na Flórida. Vendo que havia uma segunda reportagem sobre ele, tratou de terminar rapidamente a leitura da primeira notícia.

— continuação da página 1A

A polícia ainda não descobriu o motivo do assassinato de Evangeline Crowder. Embora Gladden tenha apagado cuidadosamente as impressões digitais do quarto, o investigador da polícia de Los Angeles, Ed Thomas, declarou que o suspeito cometeu um erro que levou a sua identificação. Deixou uma única impressão digital na parte de baixo do botão da descarga. “Foi muita sorte”, disse Thomas. “Nós só precisávamos de uma impressão digital.”

A impressão foi levada ao Sistema Automatizado de Identificação, que faz parte de uma rede nacional de computadores. Desse modo, encontrou-se uma impressão digital semelhante no arquivo do computador do Departamento de Polícia da Flórida.

Segundo Thomas, Gladden está sendo procurado por violação da condicional há quase quatro anos. A violação se caracterizou quando ele interrompeu as visitas regulares e obrigatórias à Justiça da Flórida e desapareceu.

No caso de Santa Monica, Gladden foi detido segunda-feira depois de tentar fugir nas proximidades do píer do parque, onde tinha sido visto observando crianças que brincavam no carrossel. Ao tentar escapar da polícia, ele jogou uma lata de lixo na baía.

Finalmente foi capturado num restaurante do calçadão da rua Três.

Gladden, que se identificou como Harold Brisbane ao ser preso, foi acusado de poluição da água, destruição de propriedade municipal e resistência à prisão. Contudo, a promotoria distrital se recusou a registrar qualquer acusação relacionada com as fotografias de crianças, alegando insuficiência de provas.

O investigador da polícia de Santa Monica, Constance Delpy, disse que ela e seu parceiro passaram a observar o carrossel do parque porque foram alertados por um empregado que o vira esgueirando-se perto das crianças e fotografando-as nuas, na praia, quando os pais as estavam lavando nos chuveiros. Embora tenham colhidas as impressões digitais de Gladden quando de sua detenção, Santa Monica não dispõe de computador próprio e depende do Departamento da Justiça e de outros departamentos, inclusive da polícia de Los Angeles, para ter acesso às impressões digitais da rede do SAI. O processo geralmente demora dias porque os departamentos têm suas próprias prioridades.

Neste caso, as impressões digitais de Santa Monica, tiradas de um homem originalmente identificado como Brisbane, só foram examinadas pela polícia de Los Angeles terça-feira, quando Gladden — que passara a noite de sábado para domingo na prisão distrital — tinha sido libertado sob a fiança de 50 000 dólares.

A polícia de Los Angeles também identificou Gladden na tarde de quinta-feira através da impressão digital encontrada no quarto de hotel. Os policiais envolvidos no caso não têm dúvida quanto a sequência de fatos que acabaram resultando no homicídio.

“A gente sempre fica cismado quando essas coisas acontecem”, disse Delpy, da Unidade de Proteção à Criança da polícia de Santa Monica. “Que podíamos ter feito para mantê-lo atrás das grades? Não sei. Às vezes a gente ganha, às vezes, perde.”

Thomas disse que o pior crime foi cometido na Flórida, onde Gladden foi posto em liberdade.

“Você tem um homem nas mãos, um notório pedófilo, e o sistema o solta”, disse. “Quando o sistema falha, é sempre assim, uma pessoa inocente acaba pagando pelo erro.”

Gladden passou rapidamente para a outra reportagem. Experimentava uma estranha sensação de alegria ao ler sobre si mesmo. Aquele era um momento de glória.

SUSPEITO DRIBLOU A JUSTIÇA DA FLÓRIDA

Keisha Russell
da equipe do *Times*

Habilidoso advogado de cadeia, segundo as autoridades, William Gladden lançou mão dos truques aprendidos na prisão para ludibriar o sistema judiciário e desaparecer — até a semana passada.

Gladden trabalhava no Centro de Atendimento Infantil Os Patinhos, em Tampa, há oito anos, quando foi detido e acusado de abusar de onze crianças num período de três anos.

A prisão resultou num julgamento muito divulgado, dois anos depois, e em sua condenação em vinte oito acusações. A prova principal que o levou a ser sentenciado foi uma série de fotografias Polaroid de nove das jovens vítimas. Nas fotos, as crianças apareciam despindo-se ou nuas numa sala do extinto Centro de Atendimento.

O mais impressionante nessas fotografias, no entanto, não era o fato de algumas crianças estarem nuas, mas sua expressão, segundo Charles Houchell, ex-promotor do Distrito de Hillsborough, designado para o caso.

“Todas as crianças estavam assustadas”, disse ele sexta-feira, por telefone, em Tampa, onde tem um escritório particular atualmente. “Não estavam gostando do que ele lhes fazia e o mostravam claramente. As fotos denunciavam a realidade do

caso. O que seus rostos diziam coincidia com tudo que elas haviam contado aos psicólogos.”

Durante o processo, porém, as fotos tiveram mais relevância que as declarações dos psicólogos e das crianças. Apesar da alegação de Gladden, segundo a qual as fotografias tinham sido encontradas por ocasião de uma busca ilegal em seu apartamento por parte de um policial cujo filho era uma das supostas vítimas de abuso, o juiz as aceitou como prova.

Posteriormente, os jurados declararam que se haviam baseado quase exclusivamente nas fotografias para declarar Gladden culpado, uma vez que os dois psicólogos nomeados tinham sido desacreditados pela defesa, que questionou seus métodos, os quais, em sua opinião, induziram as crianças a inculpar o acusado.

Gladden foi sentenciado a setenta anos de prisão a serem cumpridos no Instituto Correccional da União, em Raiford.

Na prisão, Gladden, que já era formado em literatura inglesa, estudou poesia, psicologia e direito. Tudo indica que foi nesta última matéria que teve melhor aproveitamento. De acordo com Houchell, ele aprendeu as técnicas da advocacia e ajudou outros presidiários a fazerem apelações ao mesmo tempo em que preparava a sua.

Entre seus “clientes” mais famosos, no setor de abuso sexual da prisão, estavam Donel Forks, o chamado estuprador da fronha, de Orlando, o ex-campeão de surfe de Miami, Alan Jannine, e o hipnotizador de circo de Las Vegas, Horace Gumble. Os três estão cumprindo pena por múltiplos estupros, e Gladden não teve sucesso em sua tentativa de colocá-los em liberdade ou obter novos julgamentos com os apelos que escreveu quando estava preso com eles.

Houchell disse que, no entanto, cerca de um ano depois de sua prisão, Gladden entrou com uma elaborada apelação em seu próprio favor, na qual questionava uma vez mais a busca que levava ao descobrimento das fotografias comprometedoras.

Houchell explicou que Raymond Gomez, o policial que achou as fotos, invadira a residência de Gladden num acesso de fúria,

quando seu filho de cinco anos revelou que havia sido molestado pelo homem que trabalhava no centro de atendimento infantil.

Depois de bater várias vezes sem ser atendido, o policial declarou que encontrou a porta aberta e entrou. Mais tarde, em seu depoimento, disse haver encontrado as fotografias espalhadas na cama. Saindo imediatamente do apartamento, relatou sua descoberta aos investigadores que estavam cuidando do caso, os quais obtiveram um mandado de busca.

Gladden foi preso quando os investigadores voltaram a sua residência naquele mesmo dia, com o mandado judicial, e encontraram as fotografias escondidas num armário. Gladden insistiu, durante o julgamento, que a porta estava trancada e que ao sair do apartamento, as fotografias não se encontravam num lugar visível. Independentemente da porta trancada ou não e das fotos espalhadas na cama, argumentou que a invasão de Gomez era uma clara violação do direito constitucional de inviolabilidade do domicílio.

O juiz, entretanto, entendeu que Gomez agira como pai, não como policial, ao entrar no apartamento. O descobrimento da prova principal não constituía, pois, uma violação da Constituição.

Mais tarde, o tribunal de recursos se colocou ao lado de Gladden, dizendo que Gomez, sendo policial, tinha conhecimento das leis que regem a busca e a apreensão de objetos e não devia ter invadido o apartamento sem um mandado judicial. Posteriormente, o Tribunal Superior da Flórida manteve a decisão do tribunal de apelação, abrindo caminho para um novo julgamento sem o uso das fotografias como prova. Ante a dificuldade de ganhar a causa sem a prova que o primeiro julgamento considerara decisiva, o Ministério Público propôs a Gladden que se declarasse culpado de atentado ao pudor diante de crianças.

A pena máxima prevista para esse crime é de cinco anos de reclusão e outros cinco de liberdade condicional. Como nessa época Gladden havia cumprido 33 meses de prisão e tivera bom

comportamento, foi condenado à pena máxima, mas imediatamente beneficiado com a liberdade condicional.

“Ele driblou a Justiça”, lembrou o promotor Houchell. “Nós sabíamos disso, mas não podíamos usar a prova que tínhamos em mãos. Após o julgamento, foi difícil para mim olhar para aqueles pais e seus filhos. Porque eu sabia que, uma vez solto, aquele homem provavelmente faria a mesma coisa outra vez.”

Um anos depois de libertado, Gladden desapareceu. A Justiça expediu um mandado de prisão por violação da condicional. Ele reapareceu esta semana, no sul da Califórnia, com o que as autoridades chamam de consequências mortais.

Gladden releu toda a matéria. Ficou fascinado com sua abrangência e com o crédito que lhe outorgava. Agradava-o também o modo como, nas entrelinhas, questionava-se a história do tira Gomez. Aquele mentiroso, pensou. Invadiu seu apartamento e perdeu a causa. Pau na bunda dele! Gladden teve vontade de pegar o telefone, ligar para a jornalista e agradecer, mas preferiu não fazê-lo. Era arriscado. Pensou em Houchell, o jovem promotor.

— Se fodeu — disse em voz alta. Depois gritou: — Se fodeu!

Inundada de alegria, sua mente não parava de trabalhar. Havia tanta coisa que ninguém sabia, e ele já se encontrava na primeira página! Mas logo ficariam sabendo. Todos iriam saber. Seu momento de glória estava chegando. Não tardaria.

Gladden se levantou e foi para o quarto arrumar-se para ir à mercearia. Era melhor ir cedo. Olhou novamente para Darlene. Inclinando-se, segurou-lhe o pulso e tentou erguer-lhe o braço. A rigidez cadavérica já era completa. Examinou o rosto dela. Os músculos da face já estavam contraídos, repuxando-lhe á boca num feio ríctus. Seus olhos pareciam estar olhando para o seu próprio reflexo no espelho do teto.

Estendendo a mão, ele tirou a peruca de sua cabeça. Os cabelos verdadeiros eram castanho-avermelhados e bem curtos, nada tinham de bonitos. Notou um pouco de sangue nas mechas loiras da peruca e levou-a ao banheiro para lavá-la e aprontar-se. Depois, retornando ao quarto, pegou no armário as coisas de que precisava

para ir à mercearia. Olhou uma vez mais para o cadáver. Ocorreu-lhe que se esquecera de perguntar a ela o significado da tatuagem. Agora era tarde demais.

Antes de fechar a porta e sair, girou ao máximo o botão do ar-condicionado. Quando estava trocando de roupa na sala, pensou em comprar um pouco de incenso. Usaria os sete dólares encontrados na bolsa da mulher. Já que estava criando um problema, ela que pagasse para resolvê-lo.

Na manhã de sábado, fomos de helicóptero de Quantico ao Nacional, onde tomamos um jatinho para o Colorado. Íamos ao lugar onde meu irmão tinha morrido. Onde as pistas eram mais frescas. Fomos eu, Backus, Walling e um criminologista chamado Thompson, que eu vira na reunião da noite anterior. Sob o paletó, eu estava com uma camiseta polo azul-clara, o distintivo do FBI no lado esquerdo do peito. Rachel Walling batera na porta do dormitório, aquela manhã, e a entregara com um sorriso. Fora um gesto simpático, mas eu estava ansioso por chegar a Denver e vestir a minha própria roupa. Por outro lado, era melhor que usar a camisa que eu trazia no corpo havia dois dias.

A viagem foi agradável. Ocupei um lugar três fileiras atrás de Backus e Rachel Walling. Thompson ia atrás de mim. Aproveitei para ler a nota biográfica de Poe no livro que eu trouxera e para digitar anotações no laptop. Havíamos sobrevoado a metade do país quando Rachel se levantou e veio me fazer uma visita. Estava de jeans, camisa de cotelê verde e botas pretas. Ao se sentar a meu lado, prendeu os cabelos atrás das orelhas, o que lhe emoldurou ainda mais o rosto. Era bonita e eu me dei conta de que, em menos de vinte quatro horas, mais do que gostar dela, eu passara a desejá-la.

— O que está fazendo aqui tão sozinho?

— Nada. Pensando em meu irmão. Se chegarmos a pegar esse cara, talvez descubramos o que aconteceu com ele de fato. Ainda não consigo acreditar.

— Vocês eram unidos?

— Quase sempre. — Não precisei pensar para responder. — Se bem que nos últimos meses, nem tanto... foi antes. Era uma coisa cíclica. Nós nos dávamos bem, mas, de vez em quando, ficávamos cansado um do outro.

— Ele era mais velho ou mais moço?

— Mais velho.

— Quanto?

— Três minutos. Éramos gêmeos.

— Eu não sabia.

Fiz que sim, e ela enrugou a testa como se o fato de sermos gêmeos tornasse a perda mais dolorosa. Talvez fosse verdade.

— Eu não reparei nisso ao ler os relatórios.

— Provavelmente não tinha importância.

— É, mas ajuda a explicar por que você... Eu sempre tive muita curiosidade pelos gêmeos.

— Está querendo saber se eu recebi uma mensagem sobrenatural na noite em que o mataram? A resposta é não. Essas coisas nunca aconteceram conosco. Ou, se aconteceram, eu nunca percebi e ele nunca falou no assunto.

Ela balançou lentamente a cabeça, e eu fiquei alguns segundos olhando pela janela. Sentia-me bem a seu lado, apesar da aspereza do nosso primeiro contato na tarde anterior, mas estava começando a desconfiar de que Rachel Walling era capaz de deixar até o pior inimigo à vontade.

Tentei saber alguma coisa dela para inverter a situação. Ela mencionou um casamento, do qual eu já sabia por intermédio de Warren, mas não falou muito no ex-marido. Disse que se mudara para Georgetown a fim de estudar psicologia e fora recrutada pelo FBI no ano anterior. Tendo se tornado agente no escritório regional de Nova York, voltara a estudar à noite, na Universidade de Columbia, para se diplomar em direito. Reconheceu claramente que, sendo mulher e diplomada em direito, podia fazer carreira rapidamente. O SCC era uma função muito bem paga.

— Sua família deve se orgulhar muito de você — eu disse. Ela sacudiu a cabeça. — Não?

— Minha mãe foi embora quando eu era pequena. Nunca mais a vi. Não sabe nada a meu respeito.

— E seu pai?

— Morreu quando eu era menina.

Notei que ultrapassáramos os limites da conversa rotineira. Meu instinto de jornalista, porém, era o de perguntar sempre, de fazer a pergunta inesperada. Também percebi que ela queria contar mais e só o fazia se eu perguntasse.

— Que aconteceu?

— Ele era da polícia. Nós morávamos em Baltimore. Suicidou-se.

— Oh, Rachel, desculpe. Eu não devia ter...

— Não. Tudo bem. Eu queria que você soubesse. Acho que tem muito a ver com o que eu sou e o que faço. Talvez seja assim com seu irmão e essa reportagem. Por isso eu queria lhe dizer que lamento ter sido rude com você ontem.

— Ora, não foi nada.

— Obrigada.

Ficamos calados, mas eu sabia que o assunto não estava esgotado.

— A pesquisa sobre suicídio na fundação foi porque...

— Foi, sim, foi por isso.

Seguiu-se outro vazio de silêncio, mas não senti nenhum desconforto e tenho certeza de que ela também não. Por fim, levantou-se, foi até o fundo da cabina e trouxe refrigerante para todos. Quando Backus terminou de gracejar sobre suas qualidades de comissária de bordo, ela voltou a se sentar ao meu lado. Ao retomarmos a conversa, tentei mudar de assunto para afastar a lembrança de seu pai.

— Não se arrepende de não ter seguido a carreira de psicóloga clínica? Não foi para isso que você escolheu essa faculdade?

— De jeito nenhum. Aqui é bem melhor. Com certeza já acumulei mais experiência direta com psicopatas do que a maioria dos psicólogos durante a vida inteira.

— E você só trabalha com os agentes?

Ela riu com espontaneidade.

— Ah, se você soubesse!

Talvez fosse apenas o fato de ela ser mulher, mas tive a impressão de que era diferente dos agentes que eu conhecia e com os quais lidara durante anos. Não tinha tantas arestas. Ouvia mais do que falava, pensava mais do que reagia. Eu estava começando a sentir que podia lhe contar o que pensava a qualquer momento, sem ter de me preocupar com as consequências.

— Como Thorson — eu disse. — Ele parece ter um parafuso a menos.

— Sem dúvida — respondeu ela com um sorriso constrangido. Depois, sacudiu a cabeça.

— Aliás, qual é o problema dele?

— Está zangado.

— Por quê?

— Por muitos motivos. Muita coisa o incomoda. Inclusive eu. Foi meu marido.

Aquilo não chegou a me surpreender. Era visível a tensão entre eles. Minha impressão inicial fora a de que Thorson podia aparecer na capa da revista oficial da Associação dos Porcos Chauvinistas. Não era de admirar que Rachel Walling tivesse uma visão estreita do outro lado.

— Desculpe ter falado nele — pedi. — Hoje eu só estou dando foras.

Ela sorriu.

— Tudo bem. Ele dá essa impressão a muita gente.

— Não deve ser fácil trabalhar com ele. Como é que vocês foram parar na mesma unidade?

— Não é bem assim. Ele está na Reação a Incidentes Críticos. Eu fico entre a Ciência do Comportamento e a RIC. Só trabalhamos juntos em ocasiões como esta. Éramos parceiros antes de nos casarmos. Os dois trabalhávamos no programa do PACV e passávamos muito tempo juntos, viajando. Depois nos separamos.

Rachel tomou um pouco do refrigerante, e eu preferi não perguntar mais nada. Não sabia o que dizer e achei melhor deixar as coisas como estavam. Mas ela prosseguiu:

— Quando nos divorcíamos, eu sai da equipe do PACV e passei a cuidar dos projetos de pesquisa do SCC, dos perfis e de certos

casos. Ele foi transferido para a Incidentes Críticos. Mas ainda nos encontramos na cantina ou em casos como este.

— E por que você não pede transferência de uma vez?

— Porque, como já disse, a gente ganha mais no centro nacional. Eu não quero pedir transferência nem ele. É melhor assim. Bob Backus falou conosco uma vez e disse que achava melhor que um de nós pedisse transferência, mas não quisemos. Não podem transferir Gordon porque ele já está na chefia. É um dos fundadores do centro. E se me transferirem, a unidade perde uma das três únicas mulheres, e eles sabem que eu faria um escândalo.

— Como assim?

— Diria que estou sendo transferida por ser mulher. Poderia até denunciá-los no *Post*. O centro é o setor mais prestigiado do FBI. Quando aparecemos para ajudar as polícias locais, somos recebidos como heróis, Jack. A mídia divulga muito isso, e o FBI não quer perder o prestígio. De modo que Gordon e eu temos de ficar trocando caretas à mesa de reuniões.

O avião começou a descer e eu olhei pela janela. No horizonte, ao longe, avistei as familiares Rochosas. Estávamos chegando.

— Você participou das entrevistas com Bundy, Manson e essa gente?

Eu tinha ouvido falar no projeto do SCC de entrevistar todos os estupradores e assassinos seriais nas penitenciárias do país. A partir das entrevistas formou-se o banco de dados psicológico que o SCC usava para traçar os perfis de outros criminosos. O projeto durara anos, e eu me lembro de ter lido em algum lugar que os agentes que tiveram de entrevistar esses homens ficaram afetados.

— Foi um grande projeto — disse ela. — Eu, Gordon, Bob, todos participamos. Até hoje, Charlie me escreve de vez em quando. Geralmente na época do Natal. Como criminoso, ele era muito eficaz na manipulação de suas seguidoras. Portanto, creio que acha que, se conseguir um simpatizante no FBI, há de ser uma mulher. Eu. — Eu compreendi e fiz que sim. — Quanto aos estupradores — ela prosseguiu —, trata-se praticamente a mesma patologia dos assassinos. Eram uma graça, acredite. Ao chegar, eu os sentia avaliando-me. Tenho certeza de que ficavam imaginando quanto

tempo teriam até que o guarda entrasse. Quer dizer, se daria tempo de me estuprar. A patologia deles era evidente. Só pensavam em termos de alguém vindo em meu socorro, jamais que eu pudesse defender-me. Simplesmente encaravam todas as mulheres como vítimas. Como presas.

— Quer dizer que você ficava sozinha com esses caras? Não havia nenhuma separação?

— As entrevistas eram informais, geralmente na sala do advogado. Não havia separação, mas havia o buraco. O protocolo...

— Buraco?

— Uma janela por onde os carcereiros nos vigiavam. O protocolo exigia dois agentes nas entrevistas, mas, como eram muitos os entrevistados, a gente se separava ao chegar à prisão. Era mais rápido assim. As salas de entrevistas eram sempre monitoradas, mesmo assim, de vez em quando, aqueles caras me davam calafrios. Como se estivesse sozinha. Mas eu não podia olhar para ver se o carcereiro estava nos observando porque o entrevistado olharia também e, se visse que o guarda não se encontrava lá... já sabe.

— Que merda!

— Bem, quando o cara era muito violento, nós o entrevistávamos em dupla. Gordon, Bob ou quem estivesse lá ia comigo. Mas era mais rápido quando nos separávamos e fazíamos várias entrevistas ao mesmo tempo.

Imaginei que quem passasse alguns anos fazendo essas entrevistas acabaria saindo de lá com alguma sequela psicológica. E me perguntei se não era isso que ela estava querendo dizer ao falar de seu casamento com Thorson.

— Vocês usavam roupas iguais? — ela perguntou.

— O quê?

— Você e seu irmão. Alguns gêmeos usam roupas iguais.

— Ah, o par de vasos? Não, graças a Deus. Nossos pais nunca tiveram essas ideias.

— E quem era a ovelha negra? Você ou ele?

— Eu, sem dúvida. Sean era o santo e eu, o pecador.

— E quais são os seus pecados?

Olhei para ela.

— Eu não teria tempo para contar.

— É mesmo? Então, qual foi a coisa mais santa que ele fez?

Quando meu sorriso se apagou e eu me pus a pensar na resposta, o avião se inclinou bruscamente para a esquerda, descreveu uma curva e começou a subir. Esquecendo-se imediatamente da pergunta, Rachel dobrou o corpo para ver o corredor. Backus se aproximou, segurando-se no encosto dos bancos para não perder o equilíbrio. Fez um sinal para Thompson, e os dois se acercaram de nós.

— Que aconteceu? — indagou Rachel.

— Mudança de rota — respondeu Backus. — Acabo de receber um telefonema de Quantico. O escritório regional de Phoenix respondeu ao nosso alerta esta manhã. Há uma semana, encontraram um investigador morto em casa. Pensaram que era suicídio, mas algo deu errado. Caracterizou-se um homicídio. Parece que o Poeta cometeu um erro.

— Em Phoenix?

— É, a pista é fresca. — Ele consultou o relógio. — E temos de nos apressar. O policial vai ser enterrado dentro de quatro horas, mas antes quero dar uma olhada no corpo.

Dois carros do governo e quatro agentes do escritório regional estavam a nossa espera quando o jatinho aterrissou no Sky Harbor International, em Phoenix. Fazia calor em comparação com o lugar de onde vínhamos. Tivemos de tirar os casacos e os carregarmos com computadores e bagagens. Thompson também levava um estojo com seu equipamento. Viajei com Rachel Walling e dois agentes chamados Matuzak e Mize, ambos brancos e certamente com menos de dez anos de experiência. Ficou claro, pelo modo como tratavam Rachel, que valorizavam muito o SCC. Já deviam saber que eu era jornalista ou, a julgar por minha barba e meus cabelos, compreenderam que eu não era agente, apesar do emblema do FBI na camiseta. Não me deram muita atenção.

— Aonde vamos? — perguntou Rachel Walling quando nosso Ford cinzento saiu do aeroporto e tomou o mesmo rumo do Ford cinzento que levava Backus e Thompson.

— Para a Agência Funerária Scottsdale — respondeu Mize. Ia no banco da frente, Matuzak ao volante. Consultou o relógio. — O enterro é às duas. O homem que vocês trouxeram não vai poder ficar mais de meia hora com o corpo. Depois disso, terão de vesti-lo e colocá-lo no caixão para o velório.

— O caixão não está lacrado?

— Não — respondeu Matuzak. — Ele já foi embalsamado e maquiado. Não sei o que vocês esperavam.

— Não esperávamos nada. Só queríamos dar uma olhada. Espero que o agente Backus esteja sendo informado. Vocês podem nos dizer alguma coisa?

— *Aquele* é Robert Backus? — admirou-se Mize. — Jovem ainda.

— Robert Backus Júnior.

— Ah! — Mize fez uma cara que mostrava que ele entendia como um homem tão jovem estava no comando. — O “herdeiro”.

— Você não sabe o que está falando — disse Rachel. — Ele tem esse nome, mas é o cara que mais trabalha, o agente mais completo que conheço. Merece a posição em que se encontra. Provavelmente teria encontrado menos obstáculos se se chamasse Mize. Agora, será que vocês podem nos inteirar do que está acontecendo?

Vi Matuzak examiná-la pelo espelho. Depois, olhou para mim. Rachel também reparou.

— Não se preocupe — disse. — Ele tem a autorização do alto comando para estar aqui. Sabe tudo que sabemos. Algum problema?

— Se você não tem, nós também não — respondeu Matuzak. — Conte, John.

Mize pigarreou.

— Não há muito que contar. Não sabemos muita coisa porque não fomos convidados. O que sabemos é que encontraram esse cara, seu nome é William Orsulak, encontraram-no em casa segunda-feira. Investigador de homicídios. Calculam que estava morto fazia pelo menos três dias. Teve folga na sexta-feira e a última vez que se lembram de tê-lo visto foi na noite de quinta, num bar que eles todos frequentam.

— Quem o encontrou?

— Um colega. Ele não foi trabalhar segunda-feira. Era divorciado, vivia sozinho. Em todo caso, parece que passaram a semana toda na dúvida. Suicídio ou assassinato? Por fim, concluíram que era assassinato. Isso foi ontem. Parece que havia muitos problemas para que fosse suicídio.

— O que sabem sobre o local do crime?

— Lamento dizer, agente Walling, mas qualquer um que tenha lido os jornais locais sabe tanto quanto eu. Como expliquei, a polícia de Phoenix não nos convidou para a festa, portanto não sabemos o que descobriram. Quando recebemos o alerta de Quantico esta manhã, Jamie Fox, que está no outro carro com o agente Backus, resolveu dar uma olhada na relação de ocorrências. Teve a impressão de que se ajustava ao trabalho que vocês estão fazendo e

resolveu telefonar. Depois, Bob e eu fomos convocados, mas, como já disse, não sabemos ao certo de que se trata.

— Obrigada. — Ela falou em tom definitivo. Eu percebi que gostaria de estar no outro carro. — Vamos ficar sabendo de tudo na agência funerária. E a polícia local?

— Vai se encontrar conosco.

* * *

Estacionamos nos fundos da Agência Funerária Scottsdale, na Camelback Road. Já havia bastante gente, embora o enterro estivesse marcado para dali a duas horas. Muitos homens andando de um lado para outro ou encostados nos carros. Tiras, estava na cara. Provavelmente esperando para saber o que o FBI tinha a dizer. Numa extremidade do terreno, vi um caminhão da televisão com a antena parabólica na capota.

Rachel Walling e eu descemos, reunimo-nos a Backus e Thompson e fomos levados ao velório pela porta dos fundos. Entramos num salão azulejado até o teto. Havia duas mesas de aço inoxidável para cadáveres e, junto às paredes, balcões e equipamento. O grupo de cinco homens que se achava na sala veio nos cumprimentar. Eu vi o corpo na mesa mais distante. Imaginei que fosse o de Orsulak, embora não tivesse evidência alguma de um tiro na cabeça. Estava nu, mas lhe haviam coberto a genitália com um metro de papel-toalha tirado de um rolo no balcão. O terno com o qual Orsulak seria levado à sepultura estava num cabide pendurado num gancho na parede. Depois de apertarmos as mãos dos policiais vivos, Thompson foi encaminhado à maca em que se encontrava o cadáver. Levou consigo o estojo de instrumentos para o exame.

— Duvido que vocês descubram alguma coisa que nós já não saibamos — disse um cara chamado Grayson, o encarregado da investigação pela polícia local. Era atarracado, tinha ar confiante e bons modos. Sua pele era bronzeada como a dos demais agentes locais.

— Também não temos muita esperança — apressou-se a dizer Rachel Walling numa atitude politicamente correta. — Vocês estão aqui desde que ele chegou. Agora já o lavaram, não há muito que descobrir.

— Mas precisamos ver os indícios — disse Backus.

— Por que não nos contam no que estão trabalhando especificamente? — pediu Grayson. — Talvez fique mais fácil compreender o que estão procurando.

— Tem razão — concordou Backus.

Enquanto Backus fazia um resumo do caso Poeta, fiquei observando o trabalho de Thompson. Ele não se mostrou de modo algum constrangido ao lado do morto, não teve o menor receio de tocar, examinar ou mesmo apertar o corpo. Passou algum tempo explorando com as mãos enluvadas os cabelos grisalhos do policial, depois, com um pente que tirou do próprio bolso, penteou-o cuidadosamente. Fez um detido exame da boca e da garganta com uma lupa munida de luz. Em certo momento, deixou a lente de lado e tirou uma câmera do estojo de equipamento. Fotografou a garganta; a luz do flash chamou a atenção dos tiras que estavam na sala.

— São apenas umas fotos para o arquivo, cavalheiros — disse Thompson sem tirar os olhos do que estava fazendo.

A seguir, passou a estudar as extremidades do corpo, primeiro o braço e a mão direita, depois a esquerda. Para analisar a palma e os dedos desta, usou novamente a lupa. Tirou mais duas fotos da palma esquerda e duas do dedo indicador. Os tiras não fizeram caso, pareciam ter acreditado na desculpa de que tudo era apenas procedimento de rotina. Contudo, notando que ele não fotografara a mão direita, eu concluí que havia encontrado algum detalhe importante ali. Tendo esperado que os instantâneos ficassem prontos, Thompson tornou a guardar a câmera no estojo. Continuou examinando o cadáver, mas não tirou mais nenhuma fotografia. Pouco depois, interrompeu Backus, pedindo ajuda para virar o corpo; logo recomeçou o exame detalhado dos pés à cabeça. Reparando que na parte posterior da cabeça havia uma mancha escura, eu imaginei que a bala tivesse saído por ali. Thompson não

achou necessário fotografar a perfuração. Encerrou o exame quase ao mesmo tempo em que Backus concluía o relato, e eu me perguntei se aquilo não era planejado.

— Encontrou alguma coisa? — perguntou Backus.

— Nada de importante, acho. Gostaria de dar uma olhada no laudo da autópsia, se for possível. Vocês têm uma alguma coisa aqui?

— Sem dúvida — disse Grayson. — Trouxemos cópia dos laudos.

Entregou uma pasta a Thompson, que retornou para o canto da sala onde estivera e só então abriu-a e começou a ler.

— Bem, eu já falei tudo o que sei, senhores — disse Backus. — Agora, gostaria de saber o que os levou a descartar a possibilidade de suicídio.

— Na verdade, eu não estava totalmente convencido de que não se tratava de suicídio antes de ouvir a sua história — disse Grayson. — Mas agora não tenho dúvida de que esse Poeta filho da puta... desculpe-me, agente Walling... é o nosso cara. Em todo caso, fizemos um levantamento geral dos indícios e optamos pela classificação de homicídio por três motivos. O primeiro é que, quando o encontramos, Bill estava com os cabelos repartidos do lado errado. Durante vinte anos ele repartiu os cabelos do lado esquerdo. Quando o encontramos morto, estava com a risca do lado direito. É um detalhe insignificante, mas, somado aos outros dois, chama a atenção. O segundo motivo surgiu nos exames de medicina legal. O perito colheu material da boca, em busca de resíduos, para que pudéssemos avaliar se a arma tinha sido disparada dentro da boca ou a alguns centímetros de distância. Encontramos os resíduos de pólvora, mas também do óleo lubrificante usado na arma e de uma terceira substância que ainda não conseguimos identificar exatamente. Enquanto não esclarecermos essas dúvidas, eu não me sentirei à vontade para dar o caso por encerrado.

— Que tipo de substância? — perguntou Thompson.

— Uma espécie de extrato de gordura animal. Identificamos uma camada de silicone também. Você vai encontrar referência no laudo do perito. Está na pasta.

Tive a impressão de que Thompson olhou para Backus e depois desviou a vista numa declaração tácita de que sabia do que se tratava.

— Você conhece? — perguntou Grayson, parecendo ter tido a mesma impressão.

— Não tenho certeza — respondeu Thompson. — Vou colher as especificações no relatório e submetê-las a uma pesquisa nos computadores do laboratório de Quantico. Informamos depois o resultado.

— E qual foi o terceiro motivo? — perguntou Backus, mudando rapidamente de assunto.

— A terceira dúvida partiu de Jim Beam, antigo parceiro de Orsulak. Está aposentado agora.

— É esse mesmo o nome dele, Jim Beam? — perguntou Rachel Walling.

— Sim, o Risadinha. Ele me telefonou de Tucson, ao saber da morte de Bill, e perguntou se tínhamos achado o projétil. Eu disse que sim, nós o tiramos da parede atrás da sua cabeça. Então ele quis saber se era de ouro.

— De ouro? — surpreendeu-se Backus. — De ouro mesmo?

— É. Uma bala de ouro. Eu lhe disse que não, era um projétil de chumbo como todos os outros do carregador. Igual ao que extraímos do chão. Tínhamos imaginado que o tiro no chão houvesse sido o primeiro, para criar coragem talvez. Mas o Risadinha disse que não podia ser suicídio, tratava-se de homicídio.

— Como ele chegou a essa conclusão?

— Ele trabalhou muitos anos com Orsulak e sabia que o seu parceiro às vezes... ora, com os diabos, acho que não há um só tira que não tenha pensado nisso uma vez ou outra.

— Em se matar — disse Rachel Walling em tom afirmativo, não interrogativo.

— Isso. E Jim Beam me disse que, certa vez, Orsulak lhe mostrou essa bala de ouro que ele comprou não se sabe onde, valendo-se de um catálogo de reembolso postal ou coisa assim. E disse ao Risadinha: “Este é o meu paraquedas de ouro. Quando eu não aguentar mais, esta bala está reservada para mim”. O que Beam

queria dizer é que, se a bala não fosse de ouro, não podia ter sido suicídio.

— Vocês acharam a bala de ouro? — perguntou Rachel Walling.

— Achamos, sim. Depois dessa conversa com Beam, nós a encontramos na gaveta do criado-mudo. Como que guardada num lugar bem próximo para estar à mão em caso de necessidade.

— Foi isso que o convenceu?

— As três coisas apontavam para a hipótese de homicídio. Assassinato. Mas, como eu disse, quando vocês chegaram e contaram essa história, fiquei convencido. Agora, o que eu quero é pôr na bunda desse Poeta... Desculpe a grosseria, agente Walling.

— Está desculpado. Nós todos queremos pôr na bunda dele. Havia um bilhete de despedida?

— Havia, e foi isso o que tornou tão difícil para nós pensar em homicídio. Havia um bilhete, e a letra era de Bill.

Rachel balançou a cabeça, como que a comunicar que o que ele acabava de dizer não a surpreendia.

— Que dizia o bilhete?

— Não fazia muito sentido. Era como um poema. Dizia... um momento. Agente Thomas, pode me emprestar essa pasta um instante?

— Thompson — disse Thompson ao lhe entregar a pasta.

— Desculpe.

Grayson folheou o documento até encontrar o que queria. Leu em voz alta:

— *Montanhas que se abismam, de infinita/altura, em mar que paria não limita...* É isso.

Rachel Walling e Backus olharam para mim. Eu abri o livro e comecei a procurar o poema.

— Eu me lembro desses versos, mas não sei bem onde estão.

Fui para os poemas que o Poeta já tinha usado e comecei a ler rapidamente. Encontrei-os em *Terra de Sonho*, poema já usado duas vezes, e até na mensagem deixada no para-brisa de meu irmão.

— Está aqui.

Segurei o livro de modo que Rachel pudesse ler. Os outros se aglomeraram junto dela.

— Filho da puta! — murmurou Grayson.

— Pode nos dar uma ideia do que vocês acham que aconteceu?
— pediu Rachel.

— Ah, claro. Nossa teoria é que o criminoso, seja quem for, entrou e surpreendeu Bill dormindo. Com a própria arma de Bill, obrigou-o a levantar-se e vestir-se. Foi quando Bill repartiu os cabelos do lado errado, ou seja, não sabia o que iria acontecer ou talvez soubesse. De qualquer modo, deixou-nos um leve sinal. De lá, ele foi levado à sala de estar, colocado na cadeira, e o bandido o fez escrever o bilhete num pedaço de papel arrancado do próprio caderno de anotações que ele levava no bolso do casaco. E então o matou. Um tiro na boca. Colocou a arma na mão de Bill, disparou no chão, fazendo com que os resíduos ficassem em sua mão. O cara foi embora, e nós só encontramos o pobre Bill três dias depois.

Grayson olhou para trás, para o cadáver, e, notando que não estava sendo preparado, consultou o relógio.

— Ei, e o cara, aonde foi? — indagou. — Alguém precisa ir buscar esse sujeito e dizer-lhe que já terminamos. Você já terminou, não?

— Terminei — respondeu Thompson.

— Ele precisa ficar pronto.

— Investigador Grayson — disse Rachel Walling —, o investigador Orsulak estava trabalhando em algum caso específico?

— Sim, sim, havia um caso. O caso do pequeno Joaquin. Um garoto de oito anos sequestrado no mês passado. Só acharam a cabeça dele.

A menção do caso e de sua brutalidade impôs um momento de silêncio na sala em que o morto estava sendo preparado. A partir daquele instante, eu já não tive a menor dúvida de que a morte de Orsulak estava relacionada com as outras, mas ao ouvir falar no crime contra um garoto, voltei a sentir a incerteza e o ódio que já me eram familiares e que borbulhavam em minhas entranhas.

— Vocês todos vão ao enterro, não? — perguntou Backus.

— Vamos.

— Podemos marcar outra reunião? Gostaríamos de dar uma olhada também nos relatórios sobre o menino Joaquin.

Marcaram o encontro às nove horas da manhã de domingo, na sede da polícia de Phoenix. Aparentemente, Grayson sentia que, embora o caso não fosse todo seu, ao menos podia prender-se à parte dele. Mas algo me dizia que, em breve, ele seria varrido para muito longe.

— Só mais uma coisa, a imprensa — disse Rachel Walling. — Eu vi um caminhão da televisão lá fora.

— Sim, eles estão acompanhando tudo, principalmente depois que souberam...

Não concluiu a frase.

— Souberam o quê?

— Bem, parece que conseguiram entrar na frequência da polícia e descobriram que tínhamos uma reunião com o FBI aqui.

Rachel deixou escapar um gemido e Grayson encolheu os ombros resignado, como se já o esperasse.

— Escute, isto precisa ser mantido em absoluto sigilo — disse Rachel. — Se o que acabamos de lhes contar for divulgado, o Poeta foge. Nunca pegaremos o homem que fez isso.

Ela fez um gesto na direção do cadáver, e alguns tiras se voltaram como que para se certificar de que ainda se encontrava lá. O funcionário da funerária acabava de entrar na sala e pegar o cabide com o último terno de Orsulak. Estava olhando para o grupo de investigadores, aguardando que saíssem e o deixassem a sós com o corpo.

— Já estamos indo, George — disse Grayson. — Pode começar.

Backus falou:

— Diga à imprensa que o interesse do FBI era apenas rotineiro e que vocês continuarão a investigar o suposto homicídio. Não se mostrem seguros sobre coisa alguma.

* * *

Quando estávamos atravessando o pátio rumo aos carros do governo, uma moça sorridente e oxigenada, de microfone em punho, aproximou-se acompanhada de um câmera. Levando o microfone à boca, perguntou:

— Por que o FBI está aqui hoje?

A seguir, colocou o microfone diretamente sob o meu queixo e ficou esperando a resposta. Eu abri a boca, porém não consegui dizer nada. Não sabia por que havia sido escolhido, mas achei que devia ser por causa da camisa. O emblema gravado no peito a levava a crer que estava falando com um agente federal.

— Deixe que eu respondo — disse Backus rapidamente, e a moça apontou o microfone para ele. — Viemos, por solicitação do Departamento de Polícia de Phoenix, para fazer um exame de rotina do corpo e saber detalhes do caso. O nosso envolvimento termina aqui e quaisquer outras perguntas devem ser feitas à polícia. Não temos nenhum outro comentário, obrigado.

— Mas vocês estão convencidos de que o investigador Orsulak foi vítima de uma armação? — insistiu a jornalista.

— Sinto muito — disse Backus. — Você deve perguntar à polícia de Phoenix.

— E o seu nome qual é?

— Prefiro deixar o meu nome fora disso, obrigado.

E, passando por ela, embarcou. Eu fui com Rachel Walling para o outro carro. Poucos minutos depois, estávamos a caminho de Phoenix.

— Preocupado? — perguntou Rachel.

— Com quê?

— Com a exclusividade da matéria?

— Posso ficar. Mas espero que essa moça seja como quase todos os jornalistas da televisão.

— E como são?

— Sem fontes e sem faro. Se for assim, tudo bem.

O escritório regional ficava no prédio do Departamento de Justiça, na rua Washington, a poucas quadras da sede da polícia, onde teríamos o encontro no dia seguinte. Ao acompanharmos Mize e Matuzak pelo corredor encerado a uma sala de reuniões, notei que Rachel estava ansiosa e compreendi por quê. Tendo vindo comigo no outro carro, perdera as conclusões a que chegara Thompson ao examinar o corpo e que certamente passara a Backus durante o trajeto.

A sala era muito menor que a de Quantico. Quando entramos, Backus e Thompson já se encontravam à mesa, sendo que aquele estava telefonando. Ao ver-nos entrar, ele cobriu o bocal do fone e disse:

— Rapazes, preciso conversar a sós com o meu pessoal durante alguns minutos. Hã, vocês podem nos fazer o favor, se possível, de conseguir alguns carros que fiquem a nossa disposição? Também precisamos reservar quartos num hotel. Seis quartos devem ser suficientes.

Matuzak e Mize ficaram ofendidos. Balançaram a cabeça com má vontade e saíram. Eu não sabia se estava incluído, se fora convidado a ficar ou se devia sair também, uma vez que não fazia parte do pessoal de Backus.

— Jack, Rachel, sentem-se — disse ele. — Assim que eu terminar a ligação, James lhes contará o que descobriu.

Nós nos sentamos e ficamos olhando para ele, escutando seu monólogo ao telefone. Estava ouvindo as mensagens que recebera em Quantico e tratando de respondê-las. Não pareciam ter nada a ver com a investigação do Poeta.

— Ok, onde estão Gordon e Carter? — perguntou ele ao terminar de ouvir os recados. — Vão demorar para chegar? Tudo isso? Droga! Está bem. Ouça, três coisas. Ligue para Denver e informe o responsável pela investigação sobre os novos indícios do caso McEvoy. Mandem checar a parte de dentro das luvas de McEvoy para ver se há sangue. Caso encontrem, peça que procedam imediatamente à exumação... Certo, certo. Se houver algum problema, telefone. Além disso, confirme se colheram resíduos na boca da vítima, quero que enviem o material a Quantico. O procedimento vale para todos os casos. Terceiro: James Thompson está mandando um material para ser analisado pelo nosso laboratório. Precisamos identificar uma substância o mais depressa possível. Façam o mesmo com o material de Denver, se o remeterem. Que mais? Ah! Quando vai ser a conferência telefônica com Brass? Ok, conversamos depois.

Desligou e olhou para nós. Eu queria perguntar o que ele tinha querido dizer com exumação, mas Rachel falou primeiro:

— Seis quartos? Gordon está vindo para cá?

— Sim. Ele e Carter.

— Mas por que, Bob? Você sabe...

— Precisamos dele, Rachel. Estamos fazendo progressos importantes na investigação, as coisas estão começando a avançar. Além disso, estamos há dez dias da última atuação do criminoso. Precisamos de mais gente para as manobras que temos de fazer. Estou me atendo às justificativas mais simples, creio que basta para que você se convença. Agora, Jack, você estava querendo dizer alguma coisa?

— Essa história de exumação que mencionou...

— Falaremos disso daqui a pouco. Tudo vai se esclarecer. James, conte a eles o que encontrou no corpo.

Thompson tirou do bolso quatro chapas de Polaroid e as espalhou na mesa para que Rachel e eu pudéssemos vê-las.

— Isso que estão vendo é a palma da mão esquerda e o dedo indicador da vítima. Foram tiradas duas fotografias um por um. As outras duas foram dez vezes ampliadas com lupa.

— Perfurações — disse Rachel.

— Isso mesmo.

Eu não havia notado as minúsculas picadas de agulha na pele. Três na palma da mão, duas na ponta do indicador.

— Que é isso? — perguntei.

— À primeira vista parecem picadas de alfinete — respondeu Thompson. — Mas as feridas não chegaram a se fechar nem a formar casca. Devem ter sido provocadas perto da hora da morte. Pouco antes ou talvez depois, se bem que não teria sentido fazer tais perfurações depois.

— Como assim?

— Jack, nós estamos tentando descobrir como aconteceu — interferiu Backus. — Como é possível que policiais experimentados e duros tenham sido manipulados assim? Controlados. É uma das pistas de que dispomos.

Eu apontei para as fotografias.

— E que significado tem isso para vocês?

— Isto, entre outras coisas, pode indicar que houve hipnose.

— Está querendo me dizer que esse cara hipnotizou meu irmão e os outros para induzi-los a enfiar o cano da arma na boca e puxar o gatilho?

— Não, não creio que seja tão simples. Não podemos esquecer que é muito difícil usar a sugestão hipnótica para anular o instinto de autopreservação de uma pessoa. Os especialistas dizem que é praticamente impossível. Mas uma pessoa suscetível ao hipnotismo pode ser controlada de vários modos. Pode se tornar muito dócil e maleável. Por enquanto é só uma suposição. Mas encontramos cinco perfurações na mão desta vítima. Um método muito comum para se comprovar o transe hipnótico consiste em picar a pele com um alfinete depois de suggestionar o paciente a não sentir dor. Se ele reagir, é que a hipnose não deu certo. Mas se não der mostra de estar sentindo dor, certamente está em transe hipnótico.

— E se tornou controlável — acrescentou Thompson.

— E vocês querem examinar a mão de meu irmão.

— Queremos, Jack — respondeu Backus. — Precisamos de autorização para exumá-lo. Se não me engano, os relatórios dizem que ele era casado. Será que a viúva autoriza?

— Não sei.

— Acho que vamos precisar da sua ajuda.

Eu me limitei a fazer que sim. As coisas estavam se tornando muito estranhas.

— E quais são as outras coisas? Você disse que as perfurações podiam indicar, *entre outras coisas*, que houve hipnose.

— As autópsias — respondeu Rachel. — Nenhuma das vítimas estava com o sangue totalmente puro. Todas tinham alguma substância estranha no sangue. No caso de seu irmão, foi...

— Xarope contra tosse — atalhei em tom defensivo. — O vidro estava no porta-luvas do carro.

— Exatamente. Vão dos remédios que se compram livremente, como o xarope, até os medicamentos que exigem receita médica. Um deles tomou o Percocet que lhe haviam prescrito, dezoito meses antes, para um ferimento nas costas. Acho que foi o caso de Chicago. Outro, Petry, se não me engano, de Dallas, estava com codeína no sangue. Tylenol com codeína. O frasco foi encontrado em seu armário.

— Sei. E que quer dizer isso?

— Bem, individualmente não significou nada na ocasião das mortes. Em cada caso, o resultado do exame de sangue foi explicado pelo acesso que a vítima tinha a algum medicamento. Quer dizer, é fácil acreditar que alguém que pretenda se matar tome antes alguns comprimidos do Percocet de uma antiga receita para se acalmar. Ninguém deu importância a esse detalhe.

— E agora ele se tornou importante.

— É bem possível — disse ela. — As perfurações encontradas sugerem hipnose. Somando-se a isso a presença de drogas no sangue, não é difícil imaginar como esses homens devem ter sido controlados.

— Com xarope contra a tosse?

— Pode ter aumentado a suscetibilidade da vítima à hipnose. A codeína é um estimulante testado. Embora não contenham codeína, os xaropes vendidos sem receita têm ingredientes substitutos com o efeito de calmantes domésticos.

— Vocês sabiam disso desde o começo?

— Não, estabelecemos a relação no contexto geral.

— Isso já aconteceu alguma vez? Como vocês sabem tanto?

— A hipnose é um recurso frequente nas investigações. Um recurso legal — explicou Backus. — E já foi usada em outros lugares para o mesmo fim.

— Tivemos um caso parecido há vários anos — disse Rachel. — Um sujeito que fazia um espetáculo de hipnotismo numa boate de Las Vegas. Era pedófilo. Apresentava-se em cidades pequenas, fazia shows ao ar livre e, assim, abordava as crianças. Nas matinês, solicitava à audiência a colaboração de um voluntário. Os pais praticamente empurravam os filhos ao palco. A criança escolhida era levada para os bastidores, sob o pretexto de que ele precisava prepará-la, e a plateia continuava assistindo a outro número do espetáculo. Lá atrás, ele estuprava a criança e então, por sugestão hipnótica, fazia com que se esquecesse de tudo. Depois, retornando ao palco, ele fazia sua apresentação e só então a criança era tirada do transe hipnótico. Ele usava a codeína como estimulante. Misturava-a com o refrigerante que oferecia às crianças.

— Eu me lembro — disse Thompson balançando a cabeça. — Harry, o Hipnotizador.

— Não, Horace, o Hipnotizador — corrigiu-o Rachel. — Nós o entrevistamos no projeto de estupro. Em Raiford, Flórida.

— Espere aí — eu disse. — Será que ele...

— Não, não é ele. Ele continua na prisão. Está cumprindo pena de vinte e cinco anos. Isso aconteceu há seis ou sete anos. Esse cara ainda está preso. Tem de estar.

— Mesmo assim, vou mandar checar — disse Backus. — Para termos certeza. Em todo caso, você está compreendendo, Jack? Queria que telefonasse para a sua cunhada. Talvez seja melhor que você dê a notícia. Explique quanto é importante.

Eu fiz que sim.

— Ótimo, Jack, muito obrigado. Agora, que acham de fazermos uma pausa e vermos o que se pode comer nesta cidade? A conferência telefônica com o resto do pessoal está marcada para daqui a uma hora e vinte minutos.

— E a outra pista? — perguntei.

— Que pista?

— A substância encontrada na boca do investigador. Tive a impressão de que vocês sabiam do que se tratava.

— Não. Eu acabo de mandar para análise o material que o pessoal do departamento colheu. Com um pouco de sorte, vamos descobrir.

Backus estava mentindo e eu sabia, mas não insisti. Levantamos e saímos. No corredor, comentei que não tinha fome e que precisava achar um lugar para comprar o que vestir. Pegaria um táxi, se não encontrasse nenhuma loja no caminho.

— Acho que eu também vou — disse Rachel.

Eu não sabia se ela realmente queria me acompanhar ou se estava apenas cumprindo um dever: vigiar-me, assegurar que eu não escapasse para escrever a matéria. Ergui a mão num gesto de indiferença.

* * *

Seguindo a orientação de Matuzak, fomos a um shopping center, o Arizona Center. O dia estava bonito e o passeio foi uma agradável interrupção na agitação dos últimos dias.

Rachel e eu trocamos impressões sobre Phoenix — era sua primeira visita à cidade também — e, tentando dissimular meu interesse, voltei ao assunto da última pergunta que fizera a Backus.

— Ele estava mentindo. Thompson também.

— Quanto ao material coletado?

— Sim.

— Imagino que Bob não queira que você saiba mais que o necessário. Não se trata a privá-lo de informação como repórter. Mas de poupá-lo quanto a seu irmão.

— Se há alguma novidade, eu quero saber. O acordo que fizemos deixava claro que eu participaria de tudo. E não que estaria às vezes por dentro e às vezes por fora como nessa história ridícula de hipnose.

Ela parou e se voltou.

— Já que você faz tanta questão de saber, Jack, eu vou ser clara. Se de fato estivermos certos e todos os assassinatos seguirem o mesmo padrão, não vai ser fácil para você.

Eu desviei o olhar. O shopping center estava a nossa frente. Um edifício de arenito colorido, de corredores amplos e ar convidativo.

— Fale de uma vez.

— Não podemos ter certeza de nada enquanto não recebermos a resposta do laboratório. Mas a substância que Grayson descreveu é muito parecida com outra que já conhecemos. Você sabe, esses criminosos são espertos. Sabem sabotar os indícios. Indícios como sêmen, por exemplo. É fácil, basta uma camisinha. Mas, se a camisinha for lubrificada, acaba deixando uma pista. E é detectada. Às vezes é acidental... às vezes, o que eles querem é que a gente fique mesmo sabendo o que fizeram.

Eu a encarei, mal pude conter um gemido.

— Você está querendo dizer que o Poeta... pode ter feito sexo com ele?

— Pode. Para ser franca, já suspeitávamos disso desde o começo. Jack... os criminosos seriais quase sempre estão em busca de compensação sexual.

— Mas não teria dado tempo.

— Como assim?

— No caso de meu irmão. O guarda-florestal estava muito perto. Ele não teria... — Eu me interrompi, percebendo que só não teria dado tempo se tivesse acontecido *depois* do disparo. — Oh, meu Deus... Não!

— Foi exatamente por isso que Bob preferiu esperar.

Eu ergui a cabeça e olhei para o céu azul. A única imperfeição eram os dois rastros deixados por um jato que havia muito escapara de nosso campo visual.

— Não consigo acreditar. Por que esse cara está fazendo uma coisa dessas?

— Nunca saberemos, Jack. — Ela pousou a mão no meu ombro, tentando confortar-me. — Essa gente... às vezes não há como explicá-la. O mais difícil é compreender suas motivações, entender o que as leva a agir assim. Nós costumamos rotular esses tipos de

lunáticos. Às vezes é a única maneira de descrever uma coisa para a qual não encontramos resposta. Delimitar o comportamento dessa gente é como querer remendar um espelho quebrado. Simplesmente não há como explicar o comportamento de certas pessoas, é mais fácil dizer que não são humanas. Vieram da lua. E nessa lua particular de onde veio o nosso Poeta, acho que esses instintos são normais, naturais mesmo. Ele está apenas agindo de acordo com os seus instintos, procura as situações que lhe dão prazer. E o nosso trabalho consiste em delinear da melhor maneira possível o perfil do tal Poeta, tratar de encontrá-lo e mandá-lo de volta.

Tudo que pude fazer foi ouvi-la e concordar com um movimento da cabeça. Aquelas palavras não me consolavam. A única coisa que me importava era conseguir encontrar o Poeta e mandá-lo de volta para a lua. Eu mesmo, se possível.

— Vamos — ela disse. — Tente esquecer agora. Vamos comprar roupa nova. Pare de pensar e agir só como jornalista, agora você é um dos nossos.

Rachel sorriu, e eu retribuí com um débil movimento dos lábios, deixando-a arrastar-me para o shopping center.

Voltamos a nos reunir na sala de conferências do escritório regional às seis e trinta. Backus já se encontrava ao telefone, coordenando a logística da operação com Thompson, Matuzak, Mize e outros três agentes aos quais eu ainda não fora apresentado. Escondi sob a mesa minha sacola com duas camisas, uma calça e um pacote de cuecas e meias. Lamentei não ter vestido uma camisa nova ao notar o olhar escandalizado dos agentes que ainda não me conheciam. Ao ver-me com a do FBI, reagiram como diante de um impostor disposto a se fazer passar por agente. Backus pediu à pessoa com que estava falando ao telefone que voltasse a ligar quando tudo estivesse pronto e desligou.

— Ok — disse. — Começaremos a conferência assim que completarem as ligações. Enquanto isso, vamos coordenar nossa atuação em Phoenix. Quero reabrir os casos do investigador e do menino amanhã mesmo. Partiremos da estaca zero em ambas as investigações. Eu gostaria... Oh, desculpem. Rachel, Jack, este é Vince Pool, do SAC, de Phoenix. Está aqui para nos ajudar.

Pool, que parecia ter pelo menos vinte e cinco anos de carreira, mais que qualquer um dos presentes, limitou-se a balançar cabeça. Não disse uma palavra. Backus não se deu ao trabalho de apresentar os outros dois agentes.

— Temos uma reunião com a polícia local amanhã... hã, às nove horas — informou.

— Acho que não vai ser fácil deixá-los fora da investigação — disse Pool.

— Bem, precisamos tomar cuidado para não despertar a hostilidade deles. São os caras que mais conheciam Orsulak. Ótimas

fontes. Podemos deixá-los participar, desde que sob controle rigoroso.

— Certo.

— Esta é a nossa melhor oportunidade. O caso mais recente. Pode ser que o assassino tenha cometido um erro e possamos detectá-lo entre essas duas mortes, a do menino e a do investigador. Quero ver se...

O telefone tocou, Backus atendeu.

— Um momento. — Apertou uma tecla do aparelho e recolocou o fone no gancho. — É você, Brass?

— Sou eu, chefe.

— Ok, vamos ver se todos já estão na linha.

Seis agentes falando de outras cidades confirmaram a participação.

— Ótimo. Vamos encaminhar as coisas da maneira mais informal possível. Mas antes é melhor fazer um apanhado geral, ver o que conseguimos. Brass, estou transferindo para a Flórida. Ted, você está me ouvindo?

— Sim, senhor, eu e Steve. Começamos a nos inteirar das coisas aqui e acho que amanhã teremos novidades. Mas já encontramos algumas anomalias dignas de nota.

— Prossiga.

— Bem, foi aqui a primeira, quer dizer, presumivelmente a primeira ação do Poeta. Clifford Beltran. O segundo incidente, em Baltimore, ocorreu quase dez meses depois. É também o intervalo mais longo que encontramos. Isto nos leva a duvidar que este primeiro assassinato tenha sido um acaso.

— Você acha que o Poeta conhecia Beltran? — perguntou Rachel.

— É possível. Pelo menos, estamos trabalhando com essa hipótese no momento. Mas há outros detalhes que vale a pena investigar. Primeiro, esse foi o único caso em que o assassino usou uma arma de caça. Checamos o laudo da autópsia hoje, as fotografias não são nada bonitas. Obliteração total com uma arma de dois canos. Nós todos conhecemos a simbologia patológica disso.

— Ódio — disse Backus. — O que sugere que ele tinha intimidade ou pelo menos conhecia a vítima.

— Exato. O outro fator é a própria arma. Conforme o relatório, trata-se de uma velha Smith and Wesson que Beltran guardava no armário do quarto, numa das prateleiras de cima. Completamente fora do alcance da vista de terceiros, segundo informou sua própria irmã. Beltran nunca se casou e morava naquela casa desde a infância. Não chegamos a conversar com a irmã dele. A questão é: se estivéssemos investigando um caso de suicídio, tudo bem, chegaríamos à conclusão de que ele foi até o armário e pegou a arma. Mas já sabemos que ele não se matou.

— Como o Poeta sabia onde ele guardava a arma? — perguntou Rachel.

— Certo... Como sabia?

— Ted, Steve, ótimo trabalho — disse Backus. — Gostei muito. Que mais conseguiram?

— O último detalhe é o mais asqueroso. O repórter está aí?

Todos os olhares se voltaram para mim.

— Sim — respondeu Backus. — Mas nós continuamos trabalhando em off. Pode falar. Certo, Jack?

Eu balancei a cabeça e, só então, lembrei que os agentes ao telefone não podiam me ver.

— Isso mesmo — respondi. — Estamos trabalhando em off.

— Ok. Bem, por enquanto é mera especulação, não estamos seguros de nada. No laudo da autópsia da primeira vítima, a do menino, Gabriel Ortiz, o perito, com base nos exames das glândulas e dos músculos anais, levantou a suspeita de que o garoto tenha sido vítima de abuso sexual a longo prazo. Se o assassino do menino for o mesmo que esteve abusando dele durante todo esse tempo, não se ajusta ao nosso modelo de escolha das vítimas ao acaso. Portanto, isso nos parece improvável. Mesmo se olharmos a coisa do ponto de vista de Beltran, que há três anos não tinha as informações que temos hoje, essa história tem coisas que não se encaixam. Ele iniciou a investigação do caso sem suspeitar da existência de outras mortes. Ao receber o laudo da autópsia, que concluía que o menino tinha sido vítima de abuso, Beltran teve motivo suficiente para indicar o tarado como o suspeito número um.

— Ele não fez isso?

— Não. Ele comandava uma equipe de três investigadores e orientou todas as diligências para o parque onde o menino foi sequestrado ao sair da escola. Encontrei confirmação disso no relatório de um dos investigadores da equipe. Ele chega a afirmar que sugeriu que fizessem um extenso levantamento do passado do menino, mas Beltran não quis. E, agora, o melhor da história. Minha fonte, no gabinete do xerife, afirma que Beltran solicitou pessoalmente o caso. Pediu para coordenar as investigações. Ao saber dessa suposta solicitação, meu informante diz ter descoberto que Beltran já conhecia o menino através de um programa regional de assistência social chamado Melhores Amigos, que punha garotos sem pai em contato com adultos. Igual ao programa Irmão Grande. Beltran era tira, logo não teve problemas com o processo de seleção. E era ele o Melhor Amigo do garoto. Tenho certeza de que vocês todos já imaginam o que pode estar por trás disso.

— Você acha que era Beltran quem molestava o menino? — perguntou Backus.

— É possível. Acho que era essa a conclusão a que meu informante esperava chegar, mas ele não assinaria em baixo. Todo mundo morreu. Ninguém tinha interesse em continuar com a investigação desse caso. Muito menos em tornar pública uma história dessas. Principalmente levando-se em conta que o cara era tira e que o cargo de xerife é eletivo.

Notei que Backus balançou a cabeça concordando.

— É bem provável. — Houve um breve silêncio. — Ted, Steve, tudo isto é muito interessante — disse Backus. — Mas a que conclusões podemos chegar? Vocês acham que é possível ir além da especulação?

— Ainda não temos certeza. Mas se considerarmos que era Beltran quem molestava o menino, que ele era pedófilo, e se somarmos a isso a informação de que o assassino de Beltran sabia onde ele guardava a arma de caça e, portanto, o conhecia bem, então, acredito que estamos entrando num território que vale a pena ser explorado.

— Concordo plenamente. Agora conte-nos exatamente o que a sua fonte descobriu sobre Beltran e esses Melhores Amigos?

— O que lhe contaram é que Beltran participou durante muito tempo do programa Melhores Amigos. Deve ter estado em contato com muitos garotos.

— E é por aí que vocês pretendem começar, correto?

— Amanhã cedo, nós vamos mergulhar de cabeça nessa investigação. Não podemos fazer muita coisa agora à noite.

Backus fez que sim e comprimiu os lábios com o dedo numa atitude pensativa.

— Brass? — chamou. — O que você está achando? Como se pode interpretar isso do ponto de vista da psicopatologia?

— As crianças são um fio condutor, sem dúvida. Assim como os homicídios dos policiais. O que ainda não conhecemos é o mecanismo que leva o assassino a fazer essas coisas. Na minha opinião, é nesse ponto que devemos concentrar os esforços.

— Ted, Steve, vocês vão precisar de reforço? — perguntou Backus.

— Estamos nos virando. Conseguimos envolver todo o pessoal do escritório de Tampa. Se for preciso, solicitaremos a ajuda deles.

— Ótimo. A propósito, vocês chegaram a conversar com a mãe do menino sobre o relacionamento dele com Beltran?

— Estamos tentando localizá-la, assim como a irmã de Beltran. Não se esqueça de que foi há três anos. Com um pouco de sorte, conseguiremos falar com elas amanhã, depois de entrar em contato com os Melhores Amigos.

— Certo. Então vamos ver o que temos em Baltimore. Sheila?

— Sim, senhor. Nós passamos a maior parte do dia reconstituindo os passos da polícia local. Falamos com Bledsoe. No caso de Polly Amherst, sua teoria era, desde o começo, que se tratava de um tarado. Amherst era professora. Bledsoe contou que tanto ele quanto McCafferty acreditavam que ela topou com um tipo desses na escola, foi sequestrada e estrangulada. Suspeitavam que o assassinato visava apenas disfarçar o verdadeiro motivo do crime.

— Por que eles achavam que se tratava de crime sexual? — quis saber Rachel. — Ela não podia ter sido assaltada, estar envolvida com o narcotráfico ou algo assim?

— Polly Amherst estava cuidando do recreio da terceira série no dia em que desapareceu. Os tiras locais entrevistaram todas as criança que se encontravam no pátio. As versões são muito contraditórias, mas várias delas se lembravam de ter visto um homem perto da cerca. Era branco, loiro, de cabelos eriçados, e usava óculos. Parece que Brad não se enganou na descrição que fez de Roderick Usher. Disseram também que o homem carregava uma máquina fotográfica. As descrições confirmam isso.

— Ok, Sheila, que mais?

— Encontraram um fio de cabelo no corpo da vítima. Tingido de loiro. A cor natural era castanho avermelhado. É o que temos por enquanto. Amanhã vamos continuar trabalhando com Bledsoe.

— Ok. Passemos a Chicago, então.

Os demais relatórios não acrescentaram nenhuma informação relevante que pudesse nos ajudar na identificação do Poeta. Os agentes estavam reconstituindo as investigações das polícias locais e nada haviam encontrado de novo.

Mesmo o relatório de Denver continha apenas as informações já conhecidas por todos. Mas ao encerrar, o agente na linha anunciou que um exame das luvas de meu irmão detectara uma única mancha de sangue no forro de pele da mão direita. O agente perguntou se eu me dispunha a telefonar para Riley e pedir-lhe que autorizasse a exumação. Não respondi, estava absorto na ideia de que meu irmão vivera seus últimos momentos sob a influência da hipnose. Quando perguntaram pela segunda vez, respondi que sim, que tinha a intenção de fazê-lo na manhã seguinte.

Ao concluir seu relatório, o agente acrescentou que enviara ao laboratório de Quantico a amostra de material colhido da boca de meu irmão.

— Fizeram um ótimo trabalho aqui, chefe, duvido que encontremos coisa muito diferente.

— Que substâncias identificaram? — perguntou Backus, evitando olhar para mim.

— Apenas resíduos de pólvora. Mais nada.

Não sei o que senti ao ouvir essas palavras. Creio que foi uma sensação de grande alívio, embora aquilo estivesse longe de

estabelecer o que de fato havia acontecido. Sean estava morto, e eu continuava assombrado pela ideia de como deviam ter sido seus últimos instantes, seus últimos pensamentos. Tentei afastar tais ideias e concentrar-me na conferência. Backus havia pedido que Brass nos informasse quanto à vitimologia, e eu acabei perdendo a maior parte do relato.

— De modo que estamos descartando qualquer correlação — ela ia dizendo. — A parte as suposições mencionadas pela Flórida, tudo leva a crer que as vítimas foram escolhidas ao acaso. Não se conheciam entre si, nunca trabalharam juntas e seus caminhos jamais se cruzaram. Descobrimos que quatro dos agentes assassinados participaram de um seminário sobre homicídios, patrocinado pela agência de Quantico, há quatro anos, mas os outros dois, não. Não sabemos nem sequer se esses quatro chegaram a se conhecer ou a conversar durante o seminário. Isso não inclui Orsulak, de Phoenix. Ainda não tivemos tempo de fazer um levantamento sobre ele.

— Bem, se não há correlação, devemos concluir que foram escolhidos simplesmente porque morderam a isca? — perguntou Rachel.

— Acho que sim.

— Quer dizer que o assassino provavelmente joga a isca e fica esperando as presas.

— Exatamente. Seu chamariz sempre foram casos que tiveram grande repercussão na mídia. Ele pode ter escolhido os investigadores pela televisão ou por uma fotografia no jornal.

— Não há nenhum ponto arquetípico de atração física?

— Nenhum. Ele sempre escolhe o responsável pela investigação do caso. A presa é o investigador chefe. Mas isso não quer dizer que, uma vez feita a escolha, ele não venha a achar uns mais atraentes que outros ou mais adequados as suas fantasias. Isso sempre pode acontecer.

— Que fantasias? — perguntei para compreender melhor o que Brass estava dizendo.

— É Jack? Bem, Jack, quais são as fantasias dele nós ainda não sabemos. Esse é o ponto. Nossa investigação vai na contramão dos

fatos. Não sabemos que espécie de fantasia motiva esse assassino. Por enquanto, o que estamos vendo e descobrindo são apenas fragmentos. Não temos a menor ideia de como se estrutura o mundo dele. Esse cara veio da lua, Jack. Não há meios, só descobriremos se ele um dia resolver nos contar.

Eu balancei a cabeça e fiquei tentando formular outras perguntas. Esperei até ter certeza de que ninguém tinha mais nada a dizer.

— Ah, agente Brass... quer dizer, Doran.

— Sim?

— Você já deve ter falado sobre isso, mas, e os poemas? Tem ideia de como eles se encaixam?

— Bem, é óbvio que estão sendo usados como um recurso de exibição. Nós observamos isto ontem. É a sua assinatura e, embora ele faça o possível para não ser identificado, ao mesmo tempo tem uma estrutura psicológica que o obriga a deixar uma pista qualquer que diga, *Oi, eu estive aqui!* É assim que os poemas se encaixam. Quanto às poesias propriamente ditas, a correlação está no fato de que todas exaltam ou podem ser interpretadas como se exaltassem a morte. Há também a questão do tema, a morte é um portal para outras coisas, outros lugares. *Pela pálida muralha*, creio que este foi um dos versos escolhidos. Pode ser que o Poeta acredite que está enviando os homens que matou a um mundo melhor. Ele é o agente transformador. São coisas que devemos levar em conta quando consideramos a patologia desse indivíduo. E, uma vez mais, somos remetidos à instabilidade de todas as nossas conjeturas. É como se estivéssemos tentando descobrir o que uma pessoa jantou na noite anterior a partir dos restos encontrados numa lata de lixo. Não sabemos o que esse homem está fazendo e não saberemos enquanto não o encontrarmos.

— Brass? É Bob outra vez. Que avaliação você tem da estratégia de planejamento dos crimes?

— Acho melhor Brad responder isso.

— Aqui é Brad. Hum... nós denominamos esse sujeito de "viajante modificado". Isso mesmo, ele delimitou o país inteiro como campo de ação, mas costuma ficar semanas num lugar, ou até

meses. Isso não é comum segundo os nossos registros anteriores. O Poeta não é o tipo de assassino que ataca e foge. Ele age e, depois, permanece algum tempo no local. É de esperar que, nesse período, o caçador tenha ficado espreitando a caça. Ele precisa conhecer bem a rotina e as nuances da vítima. É possível que chegue a entrar em contato com ela. É algo que devemos investigar. Um amigo novo ou alguém que os investigadores assassinados ficaram conhecendo pouco antes de morrer. Talvez um vizinho novo ou um cara que apareceu no bar que eles frequentavam. A situação, em Denver, sugere inclusive que ele pode ter se aproximado fazendo-se passar por informante. Ele pode estar combinando essas abordagens.

— O que nos leva a outra incógnita — disse Backus. — Que acontece depois do primeiro contato?

— Domínio — respondeu Hazelton. — Depois de se acercar das vítimas, como ele passa a controlá-las? Bem, supomos que use alguma arma que lhe permite tirar a delas, mas há outra coisa ainda. Como conseguiu fazer com que seis, agora sete, investigadores de homicídios escrevessem versos? Como pôde evitar que houvesse luta em todos os casos? Por enquanto, estamos explorando a possibilidade do uso da hipnose combinada com as drogas encontradas nas casas das vítimas. O caso McEvoy é a única anomalia. Deixando-o de lado e olhando os outros, provavelmente não há ninguém que não tenha remédios em casa. E, com certeza, entre esses medicamentos prescritos ou comprados em drogarias sem controle médico, vamos encontrar um calmante ou estimulante. É claro que algumas substâncias funcionam melhor do que outras. Em todo caso, se o nosso raciocínio estiver correto, o Poeta usa o que encontra na casa das vítimas. Estamos investigando isso com muita atenção. É o que temos no momento.

— Ok — disse Backus. — Alguma pergunta?

Todos da sala, assim como os interlocutores telefônicos, permanecemos calados.

— Ok, pessoal. — Ele se debruçou na mesa e aproximou a boca do aparelho. — Façam o melhor possível. Vamos precisar de todo o empenho de vocês agora.

* * *

Rachel e eu acompanhamos Backus e Thompson até o Hyatt, onde Matuzak havia reservado quartos para nós. Tive de me registrar e pagar a diária, enquanto Backus cuidava das outras cinco hóspedes, cujas despesas ficavam por conta do governo. Mesmo assim, recebi o desconto que o hotel normalmente concedia ao FBI. Deve ter sido por causa da camisa. Rachel e Thompson estavam a nossa espera no salão, onde decidimos tomar um drinque antes do jantar. Quando Backus entregou as chaves a Rachel, eu o ouvi dizer que seu quarto era o 321 e tratei de guardar o número. Eu ficaria no 317, a quatro portas dela, e comecei a cogitar em diminuir essa distância durante a noite.

Meia hora depois, Backus se levantou dizendo que iria para o quarto, queria repassar os relatórios do dia antes de ir buscar Thorson e Carter no aeroporto. Recusando o convite para jantar conosco, foi para o elevador. Pouco depois, Thompson também nos deixou. Queria analisar os detalhes do laudo da autópsia de Orsulak.

— Só você e eu, Jack — disse Rachel quando Thompson se afastou o bastante para não ouvi-la. — Já quer jantar?

— Não sei. E você?

— Acho que prefiro tomar um banho bem quente antes de qualquer coisa.

Concordamos em nos encontrar uma hora mais tarde para jantar. Fizemos a viagem de elevador envoltos num silêncio repleto de tensão sexual.

Já em meu quarto, tentei afastar Rachel da mente. Conectei o computador à linha telefônica para ler as mensagens de Denver. Havia apenas uma, de Greg Glenn, que queria saber onde eu me encontrava. Enviei-lhe a resposta, embora duvidasse que a recebesse antes de segunda-feira ao retornar ao trabalho. Depois, mandei um pedido a Laurie Prine para que pesquisasse Horace, o Hipnotizador nos jornais da Flórida dos últimos sete anos. Solicitei que transferisse para o meu computador qualquer coisa que encontrasse, sublinhando que não precisava se apressar. Depois, tomei banho e vesti roupa nova para jantar com Rachel. Fiquei

pronto vinte minutos antes da hora marcada e pensei em descer e procurar uma farmácia. Mas achei que daria má impressão se, supondo que tudo desse certo, Rachel fosse comigo para a cama e eu já estivesse com um preservativo no bolso. Desisti da farmácia. Era melhor deixar que tudo acontecesse naturalmente.

* * *

— Você estava assistindo à CNN?

— Não — respondi à porta de seu quarto. Ela se sentou na cama para calçar os sapatos. Parecia mais descansada agora. Trajava blusa creme e jeans preto. Ainda ligada, a televisão mostrava uma reportagem sobre os atentados ocorridos na porta das clínicas do Colorado. Imaginei que ela estivesse falando nisso.

— Que aconteceu?

— Nós estávamos no ar. Você, eu e Bob ao sair da agência funerária. Não sei como descobriram o nome do Bob e puseram a matéria no ar.

— Disseram que era uma equipe do SCC?

— Não, só nos identificaram como agentes do FBI. Mas isso não importa. A CNN deve ter colhido a notícia em algum canal local. Esteja onde estiver, se o nosso Poeta assistiu, decerto teremos problemas.

— Como assim? Não é tão extraordinário assim o FBI investigar esse tipo de caso. O Bureau está sempre metido nessas coisas.

— O problema é estarmos dando corda ao Poeta. Nós enfrentamos esse tipo de problema em quase todos os casos. Uma das coisas que mais dão satisfação a esse tipo de assassino é ver suas atividades em destaque na televisão e nos jornais. De certo modo, isso lhes permite reviver a fantasia do incidente. Parte da paixão que sentem pela mídia, eles transferem aos seus perseguidores. Eu tenho a impressão de que esse sujeito, o Poeta, sabe mais a nosso respeito do que nós sobre ele. Se minha teoria estiver correta, ele provavelmente está lendo tudo que encontrar sobre os assassinos seriais. Publicações comerciais e até mesmo um ou outro trabalho mais sério. Deve saber os nossos nomes. O pai de

Bob aparece em muitos desses trabalhos. O próprio Bob já foi citado. Eu também. Nossos nomes e fotografias, nossas declarações. Se ele assistiu à reportagem da CNN e nos reconheceu, deve ter certeza de que estamos a sua procura. Corremos o risco de perdê-lo agora. Ele pode se encolher.

* * *

A ambivalência foi a tônica da noite. Incapazes de decidir onde gostaríamos de ganhar peso, resignamo-nos a ficar no restaurante do hotel. A comida era boa, mas o Buehler *cabernet* que dividimos, este sim, estava perfeito. Eu disse a Rachel que não precisava preocupar-se com a diária estipulada pelo governo, porque era o jornal que estava pagando. Ao ouvir isso, ela não hesitou em pedir cerejas ao licor de sobremesa.

— Acho que você seria mais feliz se não existissem os chatos da imprensa — comentei quando estávamos terminando a sobremesa. As implicações da reportagem da CNN haviam dominado a conversa durante o jantar.

— De jeito nenhum. Eu respeito o papel da mídia numa sociedade livre. Só não concordo com a irresponsabilidade com que se faz jornalismo às vezes.

— Que há de irresponsável nessa reportagem?

— Sei que não é tão grave assim, mas me irrita quando usam a nossa imagem sem se preocupar com as implicações. Às vezes acho que seria melhor se a mídia se concentrasse na história como um todo em vez de buscar satisfação imediata com tanta frequência.

— Não é sempre assim. Eu poderia ter dado uma banana para a investigação e dizer, olhe pessoal, vou escrever minha matéria e pronto! Resolvi esperar o fim da história.

— Oh, isso é muito nobre, principalmente vindo de uma pessoa que chegou a fazer chantagem para participar da investigação.

Ela sorriu, eu também.

— Ei! — protestei.

— Vamos mudar de assunto? Já estou cansada dessa história. Puxa, eu adoraria fingir, pelo menos durante alguns minutos, que

não estamos vivendo nada disso.

Ia começar tudo outra vez. A escolha que ela fazia das palavras, o modo como me olhava. Será que eu a estava interpretando corretamente ou simplesmente ouvindo tudo da maneira que mais me convinha?

— Muito bem, vamos esquecer o Poeta e falar de você — propus.

— De mim? O que, por exemplo?

— Sobre essa guerra entre você e Thorson, que mais parece um programa humorístico.

— É assunto particular.

— Não quando vocês ficam trocando olhares ameaçadores nas reuniões e você faz o possível para convencer Backus a tirá-lo do caso.

— Eu não pedi que o tirasse do caso. Só não quero que fique me perseguindo. Ele sempre dá um jeito de se meter em tudo e me dar ordens. Você já viu.

— Quanto tempo ficaram casados?

— Quinze gloriosos meses.

— E quando se separaram?

— Faz tempo, há três anos.

— Mas as hostilidades ainda persistem.

— Prefiro não falar nisso.

Percebi que ela não estava dizendo a verdade, mas resolvi aguardar. O garçom se aproximou e nos serviu mais uma xícara de café.

— O que aconteceu? — perguntei em voz baixa. — Você não merece tanta infelicidade.

Ela acariciou minha barba. Era a primeira vez que me tocava depois de ter me dominado e comprimido meu rosto no colchão, em Washington.

— Você é tão doce. — Sacudiu a cabeça. — Não deu certo, só isso. Às vezes eu fico me perguntando o que vimos um no outro. Não podia ter dado certo.

— Como aconteceu?

— Acontecendo. É o tipo de coisa que simplesmente acontece. Como eu lhe disse, os dois tínhamos uma bagagem para carregar. A

dele era mais pesada. Ele se protegia com uma máscara e, quando eu percebi o ódio que ela ocultava, era tarde. Caí fora na primeira oportunidade.

— Ódio do quê?

— De tanta coisa. Puro ressentimento. De outras mulheres, de outros relacionamentos. O nosso casamento foi sua segunda tentativa. Seu segundo fracasso. Havia o trabalho também. Às vezes ele não conseguia se conter, e a sua violência me atingia também.

— Ele chegou a bater em você?

— Não. Não teve tempo de tentar. Os homens não costumam dar crédito à intuição feminina, mas eu tenho certeza de que se continuássemos juntos, acabaríamos chegando a isso. É o curso natural das coisas. O que eu quero dele é distância.

— E ele? Acha que ainda sente alguma coisa por você?

— Só um louco acreditaria nisso.

— É a impressão que dá.

— A única coisa que ele sente é um desejo imenso de me ver sofrer. Não desiste porque acha que sou eu a responsável pelo fracasso do casamento, pelas coisas que não deram certo em sua vida, por tudo.

— Como ele consegue se manter no emprego?

— É como eu disse: usa uma máscara. Ele é muito bom em disfarces. Você o viu na reunião, e pode crer que estava muito contido. Além disso, é preciso levar em conta como as coisas funcionam no FBI. Eles não estão nada preocupados com a agressividade dos agentes. Desde que trabalhem bem, pouco importa o que os outros sintam ou digam.

— Você chegou a se queixar?

— Diretamente, não. Eles teriam cortado a minha cabeça. Eu ocupo uma posição invejável no SCC, mas não se iluda, o Bureau é um universo inquestionavelmente masculino. Eu não poderia queixar-me com o chefe de coisas que *pensasse* que meu ex-marido estava fazendo. Provavelmente, acabaria sendo transferida para Salt Lake City e estaria fazendo um trabalho burocrático qualquer.

— Que se pode fazer então?

— Concretamente, nada. Já me cansei de fazer insinuações e dizer indiretas para que Backus tivesse uma ideia do que estava acontecendo. Mas, pelo que se ouviu hoje, a gente pode deduzir que ele não vai fazer nada. Tenho de admitir que Gordon também deve despejar milhares de insinuações no ouvido dele. No lugar de Bob, eu também ficaria esperando calmamente que um dos dois pisasse na bola. O primeiro que o fizer, cai fora.

— No caso, que significa “pisar na bola”?

— Não sei. Quando se trata do Bureau, nunca se sabe. Mas a verdade é que eles têm de ser mais cuidadosos comigo do que com ele. Questão de interesse, sabe? Seria uma merda demitir uma mulher da unidade. É o que me salva.

Eu concordei com um gesto. Naturalmente, havíamos chegado ao fim da conversa. Mas eu não queria que ela voltasse para o quarto. Precisava continuar a seu lado.

— Você é um ótimo entrevistador, Jack. Muito esperto.

— Como assim?

— Ficamos o tempo todo falando em mim e no Bureau. E você?

— Eu? Não tenho nada para contar. Nunca fui casado, nunca me divorciei. Nem mesmo tenho plantas em casa. Passo o dia diante de um computador. Não sou do time de vocês.

O sorriso dela se transformou numa risada infantil.

— É, Thorson e eu somos do mesmo time. Éramos. Você se sentiu melhor com a reunião de hoje, ao saber o que encontraram em Denver?

— Você quer dizer o que *não* encontraram? Não sei. É claro, é tranquilizador saber que ele não teve de passar por tanta loucura. Mas isso não faz com que eu me sinta melhor.

— Já telefonou para a sua cunhada?

— Não, ainda não. Vou fazer isso amanhã cedo. Acho melhor tratar desse assunto à luz do dia.

— Eu raramente tenho contato com os familiares das vítimas — ela disse. — O FBI é sempre chamado muito mais tarde.

— Pois eu tenho sempre... Sou mestre em entrevistar viúvas recentes, mães que acabam de perder os filhos, pais de noivas assassinadas. Você classifica, eu faço as entrevistas.

Ficamos um longo tempo em silêncio. O garçom aproximou-se com o bule de café, mas os dois recusamos. Eu pedi a conta. Sabia que não aconteceria nada aquela noite. Tinha perdido a coragem de me insinuar, não queria correr o risco de me confrontar com a rejeição. Eu sempre me comportava assim. Só quando me era indiferente que uma mulher me rejeitasse ou não é que não perdia a oportunidade. Quando estava interessado e sabia que a possível recusa me faria sofrer, eu me reprimia.

— Em que está pensando? — ela quis saber.

— Em nada — menti. — Acho que em meu irmão.

— Por que não me conta essa história?

— Que história?

— A do outro dia. Você ia me contar uma coisa boa sobre ele. Algo que ele fez por você. E que o levou considerá-lo um santo.

Olhei para ela. Eu tinha compreendido perfeitamente a pergunta, mas só me dei conta disso depois que falei. Podia facilmente inventar uma desculpa, dizer-lhe que a melhor coisa que Sean havia me feito era justamente ter me amado, mas eu tinha confiança nela. A gente sempre confia nas coisas bonitas, nas coisas que deseja. E talvez eu estivesse mesmo precisando de alguém que ouvisse a minha confissão depois de tantos anos.

— A melhor coisa que ele fez por mim foi não me culpar.

— De quê?

— Nossa irmã morreu quando éramos pequenos. A culpa foi minha. Ele sabia. Era o único que sabia. Além dela, é claro. Mas Sean nunca me culpou, jamais contou a ninguém. Na verdade, assumiu comigo a responsabilidade. Essa foi a melhor coisa que ele fez.

Rachel se debruçou na mesa, seu olhar era de aflição. Achei que teria feito uma bela carreira de psicóloga se tivesse tentado.

— Que aconteceu, Jack?

— Ela caiu no lago congelado. No mesmo lugar onde o corpo de Sean foi encontrado. Era maior que nós, mais velha. Estávamos lá com nossos pais. Nós tínhamos um trailer, e meus pais deviam estar preparando o almoço ou algo assim. Sean e eu fomos brincar, e Sarah ficou cuidando de nós. Foi quando resolvi correr para o lago

congelado. Sarah foi atrás de mim, queria evitar que eu fosse para o lado onde a camada de gelo era mais fina. Mas, sendo maior e mais pesada, caiu no buraco. Eu comecei a gritar, Sean começou a gritar. Meu pai e algumas pessoas tentaram tirá-la de lá, mas não chegaram a tempo. — Levei a xícara à boca mas já não havia café. Depois, olhei para Rachel e prossegui: — Bem, todo mundo queria saber o que havia acontecido, todos nos crivaram de perguntas, mas eu não conseguia, não podia... eu não consegui falar. Então... ele... Sean disse que os dois havíamos corrido para o lago e que, quando Sarah foi nos buscar, o gelo se partiu e ela caiu. Era mentira. Não sei se meus pais chegaram a acreditar. Acho que não. Mas Sean fez isso. Preferiu dividir a culpa e tornar as coisas mais fáceis para mim. — Eu olhei para a xícara vazia. Rachel ficou calada. — Para uma psicóloga, deve ser uma história e tanto. Aliás, eu nunca a contei a ninguém. É a primeira vez.

— Bem, você deve sentir que tem uma dívida para com seu irmão. Talvez contar o que aconteceu seja uma maneira de agradecer.

O garçom colocou a conta na mesa. Eu abri a carteira e lhe entreguei o cartão de crédito. Não consigo imaginar uma maneira melhor de agradecer, pensei.

* * *

O medo quase me paralisou quando saímos do elevador. Eu não conseguia reagir, expressar meu desejo. Paramos primeiro à porta de seu quarto. Ela tirou o cartão magnético do bolso e me olhou. Eu vacilei, mas continuei calado.

— Bem — disse Rachel depois de um longo silêncio. — Vamos ter de acordar cedo amanhã. Você costuma tomar o café da manhã?

— Em geral, só café puro.

— Ok. Bem, eu chamo você e, se der tempo, tomamos o café juntos.

Eu fiz um gesto afirmativo. Minha covardia, a incapacidade de dizer o que quer que fosse, me embaraçava.

— Boa noite, Jack.

— Boa noite — consegui dizer. E me afastei.

* * *

Sentado na beira da cama, passei meia hora assistindo à CNN, esperando que reprisassem a reportagem que Rachel havia mencionado ou que apresentassem qualquer coisa que me fizesse esquecer aquele desastroso fim de noite. Por que, perguntei, justamente o que significa tanto é que temos mais dificuldade de alcançar? Houve um momento, quando estávamos no corredor, em que senti que havia chegado a hora. Mesmo assim, afastei-me, deixei-o escapar. E agora estava temendo passar o resto da vida assombrado pelo fracasso. Aquela intuição podia me abandonar para sempre.

Acho que não ouvi a primeira batida. O ruído que me arrancou dos devaneios era muito forte, não devia ser o primeiro, tinha a urgência de uma terceira ou quarta batida. Sobressaltado pela inesperada visita, desliguei o televisor, fui até a porta e abri sem olhar pelo olho mágico. Era ela.

— Rachel!

— Oi!

— Oi.

— Eu, hã, achei que devia lhe dar uma chance de se redimir. Quer dizer, se você quiser.

Eu a fitei nos olhos. Ocorreu-me uma dúzia de possíveis respostas, todas engenhosamente elaboradas para que a bola voltasse a suas mãos e fosse dela o movimento definitivo, só dela a responsabilidade. Mas a intuição tinha voltado, e eu compreendi imediatamente o que devia fazer, o que ela esperava de mim.

Aproximei-me, abracei-a e beijei-a. Depois, trazendo-a para dentro, fechei a porta.

— Obrigado — sussurrei.

Falamos pouco depois disso. Ela apagou a luz e me levou para a cama. Enlaçando meu pescoço, atraiu-me com um beijo intenso, prolongado. Acariciamo-nos ainda vestidos, depois, sem dizer uma palavra, começamos a nos despir. Com muita urgência.

— Você tem? — ela murmurou. — Sabe o que é. Para usar...

Desanimado com as consequências da minha falta de iniciativa, eu sacudi a cabeça; pensei em descer correndo à drogaria, mas a viagem certamente destruiria o momento.

— Bem, eu acho que tenho — disse Rachel. Puxou a bolsa para junto da cama, e eu ouvi o barulho do zíper. Ela colocou um envelope de preservativo em minha mão e sorriu. — É sempre bom andar prevenida.

Fizemos amor. Devagar, a sorrir na escuridão do quarto. Hoje eu recordo aquele momento como talvez o mais belo, o mais erótico e o mais apaixonado de minha vida. Mas quando consigo remover a bruma da memória, sei também que foi tenso, estávamos ambos ansiosos, desejosos de agradar e, por isso, creio que nos privamos do verdadeiro prazer. Tive a impressão de que Rachel estava buscando o máximo de intimidade, não tanto pela satisfação sexual, mas por um anseio de proximidade de outro ser humano. O mesmo aconteceu comigo, embora a desejasse profundamente.

Seus seios delicados, de grandes e escuras auréolas, projetavam-se no ar, seu ventre era deliciosamente arredondado, seus pelos, macios. Ao entrarmos no ritmo um do outro, ela corou, seu rosto ficou quente. Era bonita, e eu lhe disse isso. Mas, talvez constrangida com o elogio, Rachel me envolveu nos braços para que eu não pudesse olhar para ela. Eu mergulhei o rosto em seus cabelos e senti um leve perfume de maçã.

Depois, ela se pôs de bruços e eu encostei o corpo no dela.

— Agora eu vou querer ficar com você — confessei.

Rachel não respondeu, mas eu não me importei. Sabia que era genuíno o que acabávamos de compartilhar. Ela ergueu lentamente o corpo e se sentou.

— Que houve? — perguntei.

— Não posso ficar. Gostaria muito, mas não posso. Preciso estar no quarto de manhã... Bob pode telefonar. Quer falar comigo antes da reunião com os locais. Ele disse que telefonaria.

Decepcionado, fiquei observando enquanto Rachel se vestia em silêncio. Seus movimentos eram ágeis na escuridão, ela sabia o que estava fazendo.

Ao terminar, ajoelhou-se perto da cama e me beijou os lábios com ternura.

— Agora durma.

— Sim. Você também.

Mas quando ela saiu, não consegui pegar no sono. Estava me sentindo bem, quase eufórico, dominado por uma inexplicável alegria. A gente confronta diariamente a morte com a vida, e o que há de mais vital que o ato físico do amor? Meu irmão e tudo que acontecera ficaram muito distantes naquele momento.

Rolei na cama e peguei o telefone. Cheio de mim, queria contar a ela o que estava pensando. Mas o telefone tocou oito vezes, ninguém atendeu, e a ligação retornou à telefonista.

— Tem certeza de que era o quarto de Rachel Walling? — perguntei.

— Sim, senhor. O trezentos e vinte e um. Quer deixar recado?

— Não, obrigado.

Sentei-me e acendi a luz. Liguei o televisor e, com o controle remoto, passei alguns minutos mudando incessantemente de canal, sem dar atenção ao que via. Tornei a ligar para o quarto dela sem sucesso.

Resolvi vestir-me e ir tomar um refrigerante. Peguei dinheiro trocado, a chave do quarto, desci para o saguão onde ficavam as máquinas automáticas. Ao voltar para o quarto, detive-me em frente ao 321 e fiquei escutando à porta. Não ouvi nada. Bati de leve e esperei. Bati novamente. Ninguém respondeu.

Voltando ao meu quarto, passei o cartão magnético na ranhura e tentei em vão girar a maçaneta com a mão que estava segurando a lata de refrigerante. Por fim, pus a lata no chão. Ia abrir a porta quando ouvi passos. Voltando-me, vi um homem que vinha em minha direção. No corredor, só as luzes de emergência estavam acesas àquela hora, a claridade mais intensa do hall do elevador lhe recortou a silhueta. O homem era corpulento, estava com alguma coisa na mão, talvez uma mala. Quando se encontrava a uns três metros de mim, ele disse:

— Olá, palhaço.

Era Thorson. Embora reconhecível, sua voz me assustou, e acho que ele o notou em minha expressão. Ao passar por mim, riu com deboche.

— Bons sonhos.

Não respondi. Peguei a lata, empurrei lentamente a porta e continuei vendo Thorson afastar-se. Passou sem vacilar pelo 321 e parou à porta de um quarto no fim do corredor. Ao abri-la, voltou-se para mim. Nossos olhares se encontraram. Então eu entrei sem dizer uma palavra.

Gladden lamentava não haver perguntado onde Darlene guardava o controle remoto antes de matá-la. Agora não teria de estar se levantando cada vez que resolvia mudar de canal. Todas as emissoras de Los Angeles reproduziam as reportagens diárias do *Times*. Ele foi obrigado a sentar-se perto do aparelho para controlá-lo manualmente e não perder nenhum noticiário. Já sabia como era o investigador Thomas. Todas as estações apresentaram sua entrevista.

Gladden se deitou no sofá, estava muito excitado para pegar no sono. Queria assistir à CNN, mas ficou com preguiça de se levantar novamente. Deixou o televisor sintonizado num canal a cabo qualquer. Uma mulher com sotaque francês ensinava a preparar crepes recheados com iogurte. Mesmo sem saber se a receita era uma sobremesa ou uma sugestão para o café da manhã, Gladden sentiu um grande apetite e namorou a ideia de abrir outra lata de ravióli. Mas achou melhor não fazê-lo. Precisava economizar. Teria de passar mais quatro dias ali.

— Onde é que está esse controle de merda, Darlene? — gritou.

Levantou-se e mudou de estação. Depois, apagando a luz, voltou para o sofá. Com o tedioso monólogo do âncora da CNN ao fundo, pensou no trabalho que teria pela frente, em seus planos. Agora que sabiam de sua existência, ele teria de ser mais cuidadoso do que nunca.

Cochilou embalado pelo som da televisão. Mas antes de mergulhar no sono profundo, ouviu um repórter de Phoenix anunciar o assassinato de um investigador. Abriu os olhos.

De manhã, Rachel me telefonou quando eu ainda estava na cama. Sonolento, consultei o relógio: sete e meia. Não perguntei por que ela não atendera ao telefone nem à porta na noite anterior. Havia passado boa parte da noite cismado com aquilo e achava melhor imaginar que Rachel estivesse tomando banho.

— Está acordado?

— Agora estou.

— Ótimo. Telefone para a sua cunhada.

— Está bem. Telefone.

— Vamos tomar café? De quanto tempo precisa para se vestir?

— Vou telefonar e depois tomar banho. Em uma hora?

— Você é quem sabe, Jack.

— Está bem, em meia hora, então. Você já se levantou?

— Não.

— Bem, não vai tomar banho?

— Eu não demoro uma hora para me aprontar nem mesmo quando estou de folga.

— Ok, tudo bem. Meia hora.

Ao me levantar, achei o envelope do preservativo no chão. Apanhei-o, mas, antes de jogá-lo no cesto de lixo do banheiro, gravei a marca, imaginando que era a da preferência dela.

* * *

Tinha esperança de não encontrar Riley em casa, pois achava difícil pedir-lhe que desse autorização para que desenterrassem seu marido. Não tinha ideia de como ela reagiria em face de tal pedido. Ao mesmo tempo, era óbvio que, às cinco para as nove de uma

manhã de domingo, as chances de não a encontrar em casa eram quase nulas. Pelo que eu sabia, nos últimos anos minha cunhada só estivera na igreja no funeral de Sean e, antes disso, em seu próprio casamento.

Ela atendeu ao segundo toque, e sua voz me soou mais animada dessa vez. Cheguei a pensar que era outra pessoa.

— Riles?

— Jack, onde você está? Eu já andava preocupada.

— Estou em Phoenix. Preocupada por quê?

— Ora, você pode imaginar, eu não sabia o que estava acontecendo.

— Desculpe por não ter telefonado antes. Está tudo em ordem. Estou com o FBI. Não posso contar muita coisa, mas eles estão investigando a morte de Sean. A dele e a dos outros.

Olhei pela janela e vi o contorno de uma montanha no horizonte. O folheto turístico que encontrara no quarto dizia que era conhecida como Dorso do Camelo, nome que lhe caía feito uma luva. Eu não sabia se estava falando demais, muito embora soubesse que Riley não sairia por aí, vendendo a matéria para o primeiro jornal que se interessasse.

— Hã... temos uma novidade no caso. Eles acham que deixaram escapar uma pista... Hã... estão querendo... Riley, eles vão ter de desenterrá-lo para uma nova perícia.

Não houve resposta. Esperei um longo intervalo.

— Riley?

— Por quê, Jack?

— Vai ajudar muito a investigação.

— Mas o que é que estão procurando? Eles... eles vão abri-lo novamente?

As últimas palavras lhe saíram como um gemido de dor, e eu percebi que fizera mal em lhe contar.

— Não, não. De jeito nenhum. Hã... só querem dar uma olhada nas mãos dele. Mais nada. Mas precisam da sua autorização. Do contrário, terão de entrar com um pedido na Justiça. É complicado.

— As mãos? Por quê?

— É uma longa história. Não sei se devo comentar isso com você, mas... Bem, eles acham que o cara... o sujeito que matou Sean, tentou hipnotizá-lo antes. Querem dar uma olhada nas mãos dele para ver se encontram picadas de agulha. Você compreende? É um teste que o cara deve ter feito para ter certeza de que Sean estava realmente hipnotizado. — Houve um novo silêncio. — E há outra coisa. Diga, Sean estava com tosse ou com gripe no dia em que aconteceu?

— Estava — respondeu ela depois de certa hesitação. — Ele estava doente, e eu lhe pedi que não saísse aquele dia. Eu também não me sentia bem, queria que ele ficasse comigo. Sabe por que, Jack?

— Não.

— Estava me sentindo mal por causa da gravidez. Descobri na quarta-feira.

A notícia me pegou desprevenido. Eu vacilei.

— Oh, Riley! — balbuciei. — É maravilhoso! Já contou para o resto da família?

— Já, todos estão sabendo. Ficaram contentes. Essa criança é praticamente um milagre, eu não desconfiava e, na verdade, nós nem estávamos tentando.

— É uma novidade e tanto! — Eu não sabia como retomar o assunto. Por fim, falei atropeladamente: — Preciso desligar, Riles. O que digo a eles?

* * *

Ao sair do elevador, vi Rachel no saguão. Trazia consigo o computador e a maleta de roupas.

— Vai deixar o hotel? — perguntei sem compreender.

— É normal no FBI. Nunca deixar nada, a gente nunca sabe se terá de levantar voo. Teremos folga hoje. Não vai dar tempo de voltar para apanhar as minhas coisas.

Eu fiz que sim. Era tarde demais para que pudesse arrumar minha bagagem, embora não tivesse muito que levar.

— Telefonou para ela?

— Sim. Ela concordou. Disse que podemos ir em frente. Agora, o que é pior, ela confirmou que Sean estava doente. O xarope era realmente dele. E eu desconfio por que meu irmão foi morto no carro e não em casa como os outros.

— Por quê?

— Sua mulher, Riley, também estava doente e ficou em casa naquele dia. Meu irmão deve ter feito o possível para afastar o sujeito de lá. Sobretudo sabendo que a esposa se encontrava em casa.

Balancei a cabeça com tristeza, imaginando o derradeiro e talvez o mais corajoso ato de meu irmão.

— Você deve ter razão, Jack. Tudo se encaixa. Mas, escute, temos novidades. Bob me telefonou do escritório regional. Ele adiou o encontro com a polícia local. Recebemos um fax do Poeta.

* * *

A atmosfera, na sala de reuniões, não era das mais auspiciosas. Só se encontravam lá os agentes de Quantico. Backus, Thompson, Thorson e um sujeito chamado Carter, que participara da primeira reunião em Quantico. Notei o olhar de desprezo que Rachel e Thorson trocaram ao entrarmos na sala. Concentrei-me em Backus. Parecia perdido em pensamentos, não olhava para o laptop aberto na mesa. Usando um terno cinzento diferente, estava com aspecto mais descansado. Ele sorriu confuso e olhou para mim.

— Jack, veja com os seus próprios olhos. Vai ser fácil compreender por que fizemos tanta questão em manter esta história em sigilo. Bastaram cinco segundos na televisão para que o assassino descobrisse que estamos atrás dele.

Eu concordei com um gesto.

— Acho que ele não deve mais participar depois do que aconteceu — disse Thorson.

— Trato é trato, Gordon. E Jack, com certeza, nada tem a ver com a reportagem da CNN.

— Mesmo assim, acho que não...

— Já entendemos o que você acha, Gordon — atalhou Rachel. — E não faz a menor diferença.

— Ok, vamos suspender as hostilidades e concentrar-nos no problema — interveio Backus. — Temos algumas cópias aqui.

Abriu uma pasta e distribuiu as folhas. Eu peguei a minha. A sala mergulhou no silêncio enquanto líamos.

Querido Bob Backus, agente do FBI,

Muito prazer. Acompanhando os noticiários, tive a oportunidade de vê-lo em Phoenix; muito esperto. Não pense que vai me fazer de idiota, evitando comentar o assunto com a imprensa. Eu sei quem você é. Está a minha procura, e eu o estou esperando com muita ansiedade. Mas, cuidado, amigo Bob! Não chegue perto demais! Lembre-se do que aconteceu a Orsulak e aos outros. Orsulak está sendo enterrado hoje: um ótimo trabalho realizado. Mas, agora, contando com um homem do FBI da sua categoria, essa pode vir a ser uma grande caçada. Rá, rá, rá!

Não se preocupe, Bob. Você não corre perigo. Meu próximo alvo já está na mira. A escolha já foi feita e, enquanto você lê esta mensagem, pode ser que eu esteja apertando o gatilho.

Está reunido com os seus coleguinhas agora? Tentando descobrir alguma coisa? Que mistério terrível, hein? Incômodo feito uma alfinetada na palma da mão. Vou lhe dar uma pista (afinal, é para isso que servem os amigos): eu sou a menina podre dos olhos do meu Melhor Amigo. Quem sou eu? Quando encontrar a resposta, Bob, repita-a muitas vezes. Você vai descobrir. Vai saber. Afinal, você é um profissional, tenho certeza de que tem condições de me enfrentar. Conto com você, Bob!

Eu vivo sozinho num mundo de agonia, Bob, e a minha missão só está começando. Que vença o melhor.

Não posso assinar minha correspondência porque vocês ainda não me deram um nome. Que falta de consideração, Bob! Ficarei com a televisão ligada, esperando ouvir o meu nome. Até lá, subscrevo-me com: altos ou baixos — a todos eu despacho!

Dirija com cuidado!

Li o fax duas vezes e duas vezes tive calafrios. Agora compreendia o que haviam dito sobre a lua. Aquela carta era a expressão de um ser de outro planeta. Ele não era daqui. Não era da Terra.

— Alguém tem dúvida quanto à autenticidade? — perguntou Backus.

— Está mais do que autenticado — disse Rachel. — As alfinetadas. As citações de Poe. E as referências que fez aos Melhores Amigos? O pessoal da Flórida já foi informado disso?

— Já. Obviamente, a prioridade agora são os Melhores Amigos. O resto fica para depois.

— E Brass? Que acha disso?

— Que a teoria da conexão entre os casos está evidentemente confirmada. Há aqui referências a ambas as vertentes, à morte dos investigadores e a dos outros. Ela e Brad tinham razão. O assassino é um só. Ela está traçando um perfil do crime ocorrido na Flórida. É o nosso modelo. Tudo que acontecer daqui por diante será mera repetição da sequência inicial. O criminoso está apenas repetindo um ritual.

— Em outras palavras, descobrindo por que ele matou Beltran, descobriremos por que matou os outros.

— Exato. Brass e Brad passaram a manhã em contato com a Flórida. Ainda bem que não precisamos esperar muito pelas respostas, em breve teremos um padrão a seguir.

Todos passamos alguns instantes ocupados em urdir planos baseados nessa informação.

— Vamos continuar aqui? — perguntou Rachel.

— Acho melhor — respondeu Backus. — A resposta pode estar na Flórida, mas é coisa do passado. História. Aqui, nós estamos perto dele.

— Ele diz que já escolheu a próxima vítima — eu disse. — Será que é mais um tira?

— Imagino que sim — respondeu Backus com amargura. — Agora, corremos contra o tempo. Enquanto estamos conversando aqui, ele anda à solta por aí, atrás de um outro homem, de outro tira. E, se não descobriremos a tempo onde se encontra, teremos

mais um morto nas mãos. — Ele bateu na mesa. — Precisamos dar um basta, pessoal, fazer alguma coisa. Temos de encontrar esse sujeito antes que seja tarde!

Ele falou com convicção. Estava exigindo mais de sua tropa. Já havia pedido que dessem o melhor de si. Agora, solicitava que fossem melhores ainda.

— Bob! — chamou Rachel. — O fax faz referência ao funeral de Orsulak, ressalta que é *hoje*. Para onde ele o enviou e a que horas o recebemos?

— Gordon é quem sabe.

Thorson pigarreou e falou sem olhar para Rachel nem para mim.

— Chegou a uma linha de fax, em Quantico, reservada para os negócios da academia — disse. — É claro que o remetente ocultou sua identidade. Não consta nada lá. Chegou às três e trinta e oito da madrugada. Fuso horário do leste. Mandei Hazelton averiguar. A chamada chegou ao PABX de Quantico, a operadora reconheceu o bipe de fax e transferiu a ligação para a sala de comunicações. Não sabia para quem era a mensagem, pois só tinha ouvido o bipe. Achou melhor transferir para a academia, e foi lá que encontraram o fax esta manhã, quando finalmente repararam nele e o levaram ao centro.

— Ainda bem que repararam nele, podia ainda estar lá sem que ninguém notasse — acrescentou Backus.

— É verdade — concordou Thorson. — Em todo caso, Hazelton levou o original ao laboratório e descobriu uma coisa. Eles acham que não foi uma transmissão fax-a-fax. Veio de um fax *inboard*.

— De um computador — eu disse.

— Com um fax modem. E, como sabemos que o cara é “navegador”, é óbvio que não anda por aí com um PC nas costas. Ele deve ter um laptop com um fax modem. Provavelmente, um modem celular, que lhe daria mais liberdade.

Todos ficaram pensativos. Eu não sabia bem o que significava aquilo. Parecia-me que boa parte da informação que eles haviam acumulado durante a investigação não tinha utilidade alguma, a menos que prendessem um suspeito. Então sim ela seria usada num

inquérito que o levasse a julgamento. Antes disso, porém, de pouco servia.

— Muito bem, quer dizer que ele tem um computador moderníssimo — Rachel disse enfim. — Que vamos fazer com o próximo fax?

— Vamos rastrear todos os sinais de fax que chegarem ao PABX — respondeu Thorson. — Na melhor das hipóteses, conseguimos detectar a célula de origem. Só isso.

— Que significa isso? — perguntei.

Thorson se mostrava relutante a responder a uma pergunta minha. Rachel interferiu:

— Significa que, se ele estiver num celular, não teremos como detectar um número direto nem a sua localização. Vamos saber, quando muito, a cidade e a célula originária de onde veio a ligação. Mas, na melhor das hipóteses, teremos de procurar numa região com mais de cem mil pessoas.

— Mas saberemos em que cidade ele se encontra — acrescentou Backus. — Podemos recorrer à polícia local e procurar casos que possam servir de isca. Bastaria um homicídio cometido na semana passada. Depois de Orsulak. — Voltou-se para Thorson: — Gordon, vamos mandar outro alerta aos escritórios regionais. Que façam um levantamento de todos os homicídios recentes junto às polícias locais. Estou falando de homicídios em geral, os não solucionados, mas, em particular, os de crianças ou com *modus operandi* inusitado ou violência contra os cadáveres, antes ou depois da morte. Mande isso agora à tarde. Solicite confirmação até as dezoito horas de amanhã. Não quero que isto acabe se perdendo.

— Entendido.

— A propósito, Brass sugeriu mais uma coisa. É que a parte do fax que fala na escolha de uma nova vítima pode ser um blefe. Uma informação errada para nos despistar enquanto o criminoso foge, desaparece. Não se esqueçam, era principalmente por isso que queríamos evitar a publicidade.

— Eu discordo — disse Rachel. — A julgar pelo texto, o cara deve ser um fanfarrão, um sujeito que se acha melhor que nós é quer

brincar conosco. Eu o tomo ao pé da letra. Ele está com um policial na mira em algum lugar.

— Eu também me inclino a ver a coisa assim — afirmou Backus.

— Creio que Brass também, mas acha que vale a pena levar em consideração a outra possibilidade.

— Neste caso, qual é a nossa estratégia agora?

— É simples — respondeu Backus. — Vamos localizar e prender esse cara antes que ele mate mais alguém. — Todos sorriram, com exceção de Thorson. — A verdade é que, a menos que aconteça alguma coisa, temos de continuar aqui e redobrar os nossos esforços. Temos de guardar esse fax só para nós. Vamos ficar prontos para agir conforme o caso se desenvolva. Tomara que esse cara mande outro fax. Brass está preparando um novo alerta para os escritórios regionais. Vou pedir-lhe que sublinhe a importância disso na região do Pacífico. — Percorreu a sala com os olhos e balançou a cabeça. Tinha terminado. — Será que preciso dizer novamente? O melhor possível. Mais do que nunca, precisamos que vocês trabalhem com toda a dedicação.

O encontro com a polícia local começou pouco antes das onze. Foi breve e agradável. O tipo da situação em que o noivo pede a mão da moça ao futuro sogro. Quase sempre, pouco importa a opinião do velho, a coisa simplesmente acontece. Com palavras amigáveis e cuidadosamente escolhidas, ficou claro que os federais estavam na cidade para dirigir o espetáculo. Ouviram-se alguns protestos e manifestações individuais de desagrado, mas todos acabaram deixando-se levar pelas promessas vazias de Backus.

Nessa reunião, eu continuei evitando o contato visual com Thorson. Quando estávamos a caminho, Rachel me havia explicado os motivos da tensão entre eles. Na noite anterior, ela topara com o ex-marido no corredor do hotel ao sair de meu quarto. Os cabelos despenteados e sua aparência revelaram o que ele precisava saber. Eu deixei escapar um gemido ao ouvi-la, sabia quanto aquilo complicava as coisas. Ela, ao contrário, estava despreocupada e achava a situação divertida.

Terminada a reunião com os locais, Backus distribuiu as tarefas. Rachel e Thompson ficaram com o local do crime de Orsulak. Eu iria com eles. Mize e Matuzak começariam a examinar as entrevistas que a polícia local fizera com os amigos de Orsulak, tentando reconstituir os movimentos do investigador morto em seu último dia de vida. Thorson e Carter ficaram encarregados do caso do Pequeno Joaquin e de percorrer o terreno trilhado pela polícia. Grayson atuaria como ligação com os tiras de Phoenix, e Backus, naturalmente, regeria a orquestra no escritório regional, sempre em contato com os outros desenvolvimentos do caso em Quantico e outras cidades.

Orsulak morava numa casa de fazenda em Salt Phoenix Sul. Um bairro periférico. Contei três calhambeques estacionados em terreiros de pedrisco e duas liquidações de garagem no quarteirão.

Rachel usou a chave que Grayson lhe dera para cortar o lacre da polícia e abrir a porta. Antes de fazê-lo, voltou-se para mim.

— Não esqueça que demoraram mais de três dias para encontrá-lo. Vai aguentar?

— Claro que sim.

Fiquei constrangido porque ela me fez a pergunta diante de Thompson, que sorriu como se eu fosse um novato.

Bastaram três passos no interior da casa para que o mau cheiro me envolvesse. Com repórter, eu já tinha visto muitos cadáveres, mas nunca experimentara o “prazer” de entrar num ambiente fechado, onde um corpo passara três dias em decomposição. O odor podre era quase palpável. Como se o fantasma de William Orsulak estivesse assombrando a casa e a todos os que se atrevessem a nela entrar. Rachel deixou a porta da rua aberta para que entrasse um pouco de ar fresco.

— O que está procurando? — perguntei quando me senti razoavelmente seguro de que conseguiria controlar o estômago.

— Não sei. Os locais já revistaram tudo, eram amigos dele... — Ela se dirigiu à mesa de jantar, na sala à direita da porta, e ali abriu a pasta que trazia. Começou a folhear as páginas. Era parte do material que a polícia entregara aos agentes. — Dê uma olhada por aí. Eles fizeram um serviço completo, mas pode ser que você descubra alguma coisa. Mas não toque em nada.

— Está bem.

Afastei-me e comecei a procurar lentamente. Vi, em primeiro lugar, a poltrona da sala de estar. Era verde-escura, mas o espaldar estava manchado do sangue, que escorrera até o assento. O sangue de Orsulak.

No chão, diante da cadeira e junto à parede atrás dela, círculos de giz contornavam dois orifícios de bala. Thompson se ajoelhou ali e abriu o estojo de equipamento. Começou a examinar os orifícios com uma espátula. Eu me afastei e continuei percorrendo a casa.

Havia dois quartos, o de Orsulak e um outro, muito empoeirado, aparentemente em desuso. Havia fotografias de dois adolescentes no escritório e no quarto do investigador, mas tive a impressão de que os garotos nunca usaram o outro, nunca vieram visitá-lo. Passei algum tempo nesses aposentos e no banheiro do corredor, mas nada vi de interesse para a investigação. Secretamente, esperava topar com alguma coisa importante, que impressionasse Rachel, mas saí de mãos vazias. Ao retornar à sala de estar, não a vi nem a Thompson.

— Rachel!

Nenhuma resposta.

Atravessei a sala de jantar e fui para a cozinha, que também estava deserta. Entrei na lavanderia, abri uma porta e olhei para a garagem vazia. Tampouco vi qualquer coisa ali. Voltando à cozinha, notei a porta entreaberta e olhei pela janela acima da pia. Rachel estava caminhando de cabeça baixa entre os arbustos, Thompson atrás dela.

O quintal tinha uma área desmatada que se estendia por uns vinte metros. Havia uma cerca de madeira em ambos os lados de uns dois metros de altura. No fundo, porém, não havia cerca alguma, o terreno descia até o leito seco de um córrego, em cujas proximidades o mato era fechado. Rachel e Thompson seguiram por um caminho entre os arbustos, que se afastava da casa.

— Obrigado por esperar — eu disse ao alcançá-los. — O que estão fazendo?

— O que você acha, Jack? — retrucou Rachel. — O Poeta simplesmente estacionou o carro diante da casa, bateu na porta, foi convidado a entrar e, então, matou Orsulak?

— Não sei. Duvido.

— Eu também. Não, ele ficou observando-o. Muitos dias. Mas os locais entrevistaram os vizinhos, e ninguém viu um carro que não fosse daqui. Ninguém viu nada fora da rotina.

— Quer dizer que vocês estão achando que ele veio por aqui?

— É uma possibilidade.

Rachel continuou estudando o terreno. Estava procurando alguma coisa. Uma pegada no barro, um galho quebrado. Deteve-se

algumas vezes e, curvando-se, examinou as coisas jogadas à beira do caminho. Um maço de cigarros amassado, uma garrafa de refrigerante vazia. Não tocou em nada. Podia mandar recolher aquilo depois, se achasse necessário.

O caminho nos levou a um poste com fios de alta-tensão e a um trecho de mato fechado que dava para os fundos de um estacionamento de trailers. Subimos uma elevação e, do alto, olhamos para o terreno. Estava malconservado, muitos dos trailers tinham grotescas varandas improvisadas. Algumas haviam sido fechadas com plástico e eram usadas como quartos ou cômodos adicionais. Uma aura de pobreza cercava as trinta e poucas unidades aglomeradas no terreno como palitos numa caixa de fósforos.

— Bem, vamos? — perguntou Rachel como se estivesse nos convidando a tomar um cafezinho.

— Primeiro as damas — ofereceu Thompson.

Muitos dos habitantes daquela espécie de favela estavam sentados nos degraus à porta ou em sofás colocados em frente das unidades. Quase todos latinos, alguns negros. Talvez houvesse índios também. Viram-nos sair do mato sem demonstrar o menor interesse, o que significava que sabiam que éramos tiras. Mostrando idêntica indiferença por eles, entramos pelas ruelas entre as fileiras de trailers.

— O que vamos fazer? — perguntei.

— Dar uma olhada — sorriu Rachel. — É melhor deixar as perguntas para depois. Se formos devagar e com calma, eles verão que não estamos aqui para aborrecê-los. Pode ajudar.

Ela ia examinando o terreno de cada unidade por que passávamos. Lembrei-me de que era a primeira vez que acompanhava um trabalho de campo. Era diferente de sentar à escrivaninha, tentando interpretar fatos. Era hora de colher material. Notei que Rachel me interessava mais que qualquer outra coisa.

— Ele esteve observando Orsulak — disse ela mais consigo mesma do que com Thompson ou comigo. — E assim que descobriu onde morava, começou a planejar. Como entrar e sair. Precisava de uma rota de fuga e de um carro, e não seria conveniente estacioná-lo na própria rua de Orsulak. — Estávamos na viela principal,

estreita também, que dava para a frente do terreno e a entrada numa rua suburbana. — Portanto, ele deve ter estacionado por aqui e ido a pé até lá.

O primeiro trailer, à entrada, tinha uma placa na porta onde se lia ESCRITÓRIO. Um cartaz maior, no alto, preso a uma moldura de ferro, dizia PARQUE DE HABITAÇÃO MÓVEL SUNSHINE ACRES.

— Sunshine Acres? — disse Thompson. — Isto aqui não tem nem sequer meio acre^[5].

— Também não tem nada a ver com um parque — acrescentei.

Ensimesmada, Rachel não nos ouviu. Passando pelos degraus da porta do escritório, saiu à avenida. Era de quatro pistas e atravessava um bairro industrial. Bem em frente ao terreno havia uma U-Store-It e, em ambos os lados, viam-se armazéns e depósitos. Rachel olhou a sua volta examinando as imediações. Deteve o olhar num poste de iluminação a meia quadra de distância. Adivinhei o que estava pensando. Ali devia ser escuro à noite.

Ela avançou junto ao meio-fio, sondando o asfalto, procurando alguma coisa, qualquer coisa, talvez uma ponta de cigarro ou um pouco de sorte. Thompson ficou ao meu lado, batendo o pé no chão. Eu não conseguia tirar os olhos de Rachel. Ela parou, olhou para baixo e mordeu o lábio. Aproximei-me.

Brilhando como diamantes na sarjeta, havia um amontoado de fragmentos de para-brisa. Ela os espalhou com a ponta do sapato.

* * *

O administrador do parque de trailers já devia ter tomado a terceira dose do dia quando abrimos a porta e entramos no reduzidíssimo espaço que a placa chamava de escritório. Era evidente que também lhe servia de residência. Ele estava sentado numa poltrona de veludo verde, a extensão para os pés erguida. Apesar do estofamento marcado por unhas de gato, era o melhor móvel da casa, exceto o televisor, um Panasonic novo em folha, com videocassete embutido. O homem assistia a um *shop tour* e demorou para tirar os olhos da tela e olhar para nós. O aparelho que

estava sendo anunciado picava legumes sem a desordem e a perda de tempo de um processador de alimentos.

— Você é o gerente? — perguntou Rachel.

— Está na cara, não, doutora delegada?

Um cara esperto, pensei. Devia ter uns sessenta anos e trajava um macacão verde e uma camiseta sem mangas com buracos de cigarro no peito, por onde saíam pelos grisalhos. Era calvo e tinha rosto vermelho de beberrão.

— Agente — corrigiu ela, mostrando-lhe as credenciais.

— FBI? Por que os federais estão preocupados com o arrombamento de um carro? Eu leio muito. Sei que vocês se chamam federais. Acho legal.

Rachel olhou para mim e Thompson, depois novamente para ele. Eu senti um leve arrepio de ansiedade.

— Como sabe do arrombamento do carro?

— Vi vocês lá fora. Não sou cego. Você estava olhando para o vidro quebrado. Fui eu que o varri para o canto da calçada. Os garis só passam aqui uma vez por mês. Mais no verão, quando há poeira.

— Não. Como você soube que um carro foi arrombado?

— Por que durmo no quarto aí atrás. Ouvi quando quebraram a janela. Eu os vi mexendo no carro.

— Quando?

— Deixe-me ver, acho que foi terça-feira passada. Eu sabia que o dono ia dar parte. Mas não imaginei que aparecesse logo o FBI. E vocês dois, também estão com a federal?

— Não se preocupe com eles... Qual é o seu nome, por favor?

— Adkins.

— Ok, senhor Adkins, de quem era o carro arrombado?

— Não sei. Eu nunca o vi. Só ouvi o barulho da janela quebrada e vi os garotos.

— E a placa?

— Não tenho a menor ideia.

— O senhor chamou a polícia?

— Eu não tenho telefone. Podia ter usado o de Thibedoux, no lote três, mas era muito tarde e eu sabia que os tiras não teriam

pressa alguma por causa de um carro arrombado. Aqui não. Eles têm muito o que fazer.

— Quer dizer que o senhor não viu o dono do carro? Ele não o procurou para saber se alguém tinha ouvido o barulho ou visto alguma coisa?

— É isso aí.

— E os garotos que o arrombaram? — perguntou Thompson, antecipando-se a Rachel. Era a principal pergunta. — O senhor os conhece, senhor Atkins?

— Adkins. Com d, não com t, doutor federal.

Adkins riu de seu domínio do alfabeto.

— Senhor Adkins — corrigiu-se Thompson —, o senhor os conhece?

— Quem?

— Os garotos.

— Não, não sei quem eram. — Ele se voltou para o televisor. Agora estavam vendendo uma luva de borracha com pequenas estrias na palma, para acariciar animais de estimação. — Eu sei muito bem para que serve essa luva — disse, fazendo um movimento masturbatório e piscando para Thompson. — É para isso que vendem essa coisa, sabia?

Rachel se aproximou do televisor e o desligou. Adkins não protestou. Ela endireitou o corpo e olhou para ele.

— Nós estamos investigando o assassinato de um policial. Precisamos da sua atenção. Temos motivo para acreditar que o carro que o senhor viu sendo arrombado pertencia a um suspeito. Não estamos querendo perseguir os garotos que arrombaram o carro, mas precisamos falar com eles. Você mentiu, Adkins. Eu vi nos seus olhos. Os garotos são daqui mesmo.

— Não, eu...

— Deixe-me terminar. Você mentiu, sim. Mas vamos lhe dar mais uma chance. Se não nos contar a verdade agora, nós mandamos buscar mais agentes e a polícia vai entrar nesta favela que você chama de parque como um exército invasor. Não acha que vamos achar muita coisa roubada nesses barracos? Não acha que vamos topar com muita gente procurada? Com imigrantes ilegais? Com

violações do código de segurança? Quando estávamos chegando, eu vi a extensão elétrica que vai da porta até o depósito. Tem gente morando ali, não é mesmo? E aposto que você e o seu patrão vão ter uma acusação suplementar por causa disso. Ou talvez só você. Que vai dizer o seu patrão quando ele souber? Que vai dizer quando ele passar a receber menos porque os inquilinos não podem mais bancar o aluguel porque foram deportados ou presos por não pagar pensão alimentícia? E você, *Ad-kins*, quer que eu mande verificar o número de série desse televisor?

— A televisão é minha. Comprei e paguei direitinho. Sabe o que você é, madame do FBI? Uma Fuça Bosta Internacional.

Rachel não fez caso do comentário, mas eu tive a impressão de que Thompson virou o rosto para esconder o riso.

— Comprou? De quem? Pagou direitinho? Para quem?

— Deixe isso para lá. Foram os irmãos Tyrell, ok? Foram eles que arrombaram o carro. Agora, se eles vierem aqui e me cobrirem de porrada, eu vou processar você. Entendeu?

* * *

Com as indicações de Adkins, chegamos a uma "habitação móvel" quatro unidades além da entrada. A notícia de nossa presença já se espalhara. Havia mais gente sentada nos degraus ou nas cadeiras do lado de fora. Quando chegamos ao número catorze, os irmãos Tyrell já se encontravam a nossa espera, instalados num velho balanço suspenso por correntes, à sombra de um toldo de lona azul armado junto a um trailer de largura dupla. A porta, havia uma máquina de lavar roupa e uma secadora sob um toldo também de lona azul, que as protegia da chuva. Os dois irmãos eram mulatos, adolescentes, talvez com um ano de diferença. Rachel se aproximou da sombra do toldo. Thompson se colocou um metro e meio a sua esquerda.

— Garotos — disse ela sem obter resposta. — A mãe de vocês está?

— Não, ela saiu — respondeu o mais velho. Olhou demoradamente para o irmão, que se pôs a balançar a cadeira com a perna.

— Sabem de uma coisa? — disse Rachel — Nós sabemos que vocês são espertos. Não estamos querendo problemas com vocês nem causar problemas para vocês. Foi o que prometemos ao senhor Adkins quando fomos perguntar onde vocês moravam.

— O filho da puta de Adkins! — rosnou o mais moço.

— Estamos aqui por causa do carro que estava ali na rua na semana passada.

— Nós não vimos nenhum carro.

— É, nós não vimos nada.

Rachel se aproximou do mais velho e se inclinou para lhe falar ao ouvido.

— Pare com isso — disse em voz baixa. — Este é um daqueles momentos de que sua mãe lhes falou. Pense bem. Use a cabeça. Lembre-se do que ela disse. Vocês não querem problemas para ela nem para vocês. Querem que a gente vá embora e os deixe em paz, não é mesmo? Pois só há uma maneira.

* * *

Rachel entrou na sala da equipe do escritório regional exibindo o saco plástico como um troféu. Quando ela o colocou na mesa de Matuzak, um punhado de agentes se aglomerou ao seu redor para ver. Backus entrou e olhou para aquilo como se estivesse diante do Santo Graal. Depois, pousou em Rachel um olhar entusiasmado.

— Grayson já checkou — disse. — Ninguém deu parte de arrombamento de carro naquela região. Nem naquele dia nem naquela semana. Qualquer cidadão comum daria parte na polícia, se arrombassem seu carro.

Rachel fez que sim.

— Seria normal.

Backus fez um sinal para Matuzak, que pegou o saco plástico.

— Já sabe o que fazer?

— Sei.

— Tomara que você nos dê um pouco de sorte. Estamos precisando.

O saco plástico continha um toca-fitas roubado de um Ford Mustang último tipo, branco ou amarelo, dependendo de qual dos irmãos Tyrell enxergava melhor no escuro.

Era tudo o que tínhamos conseguido tirar deles, mas a sensação, a esperança, era de que bastasse. Rachel e Thompson os haviam entrevistado separadamente e depois, mudando de lado, tornaram a interrogá-los, mas os irmãos Tyrell só tinham o toca-fitas para nos entregar. Juraram não ter visto o motorista que deixara o Mustang estacionado em frente ao Sunshine Acres e que não haviam roubado nada além do aparelho de som numa ação rápida. Não tiveram tempo de abrir o porta-malas. Não chegaram a olhar para a placa, portanto não sabiam se a licença do automóvel era do Arizona.

Rachel passou o resto da tarde escrevendo e preparando um adendo sobre o automóvel, que seria transmitido a todos os escritórios regionais; Matuzak, por sua vez, forneceu o número de série do toca-fitas à sede central do departamento de trânsito de Washington, depois entregou o aparelho para que um técnico de laboratório o examinasse. Thompson havia tirado as impressões digitais dos irmãos Tyrell para que fossem eliminadas.

O laboratório não encontrou impressões digitais úteis no toca-fitas, a não ser as dos Tyrell. Mas o número de série forneceu uma pista. Pertencia a um Mustang amarelo, modelo 1994, registrado como sendo da propriedade da Hertz Corporation. Matuzak e Mize foram então ao Aeroporto Internacional a fim de continuar rastreando o automóvel.

No escritório regional, reinava um clima de euforia entre os agentes. Rachel tinha conseguido. Nada garantia que o Mustang estivesse sendo dirigido pelo Poeta. Mas o horário em que ele ficara estacionado em frente ao Sunshine Acres coincidia com o do assassinato de Orsulak. E havia o agravante de que o arrombamento não fora comunicado à polícia. Tudo indicava que a pista era viável e, além disso, fornecia alguma informação sobre o modo de proceder do Poeta. Era importante. Eles estavam sentindo a mesma coisa que eu. Que o Poeta era um enigma, um fantasma a pairar na escuridão. A pista do toca-fitas de um carro tornava verossímil a possibilidade de capturá-lo. Estávamos mais perto e iríamos chegar.

Eu passei a maior parte da tarde procurando não estorvar, simplesmente observando o trabalho de Rachel. Estava fascinado com sua habilidade, assombrado com o modo como chegara ao toca-fitas e como conversara com Adkins e os Tyrell. Em dado momento, ela notou o meu olhar e perguntou o que eu estava fazendo.

— Nada, só olhando.

— Gosta de olhar para mim?

— Você trabalha bem. É sempre interessante olhar para um profissional assim.

— Obrigada. Foi pura sorte, nada mais.

— Tenho a impressão de que você costuma ter muita sorte.

— Acho que neste serviço a gente constrói a própria sorte.

No fim do dia, quando Backus leu uma cópia do alerta que ela havia transmitido, eu notei seu olhar intrigado.

— Será que a escolha do carro foi intencional? Um Mustang amarelo-claro.

— Como assim? — perguntei.

Vi Rachel fazer um gesto afirmativo. Ela sabia a resposta.

— A Bíblia — disse Backus. — *Vi um cavalo claro; e o nome da que o montava era Morte.*

— *E o Inferno a acompanhava* — concluiu Rachel.

* * *

Fizemos amor novamente na noite de domingo e ela se mostrou ainda mais generosa e ávida de intimidade. No fim, se um de nós ficou retraído, esse fui eu. Embora naquele momento eu quisesse como nada neste mundo entregar-me ao que sentia por aquela mulher, um sussurro interior não cessava de me perguntar quais eram os motivos dela. Talvez se tratasse de uma declaração da minha precária autoconfiança, mas a voz sugeria que seu objetivo podia tanto ser magoar o ex-marido quanto oferecer prazer a mim e a ela. A ideia fez com que eu me sentisse culpado e hipócrita. Depois, quando nos abraçamos novamente, ela sussurrou que dessa vez iria ficar comigo até o amanhecer.

31

O telefone me tirou de um sono profundo. Olhei para os estranhos confins do quarto, vi minhas coisas, depois encontrei os olhos de Rachel.

— É melhor você atender — disse ela calmamente. — O quarto é seu.

Parecia não ter a mesma dificuldade do que eu para despertar. Na verdade, cheguei a acreditar que já estivesse acordada, a observar-me, quando o telefone tocou. Ao nono ou décimo toque, tirei o fone do gancho. O relógio de cabeceira estava marcando 7:15.

— Alô!

— Ponha Rachel Walling na linha.

Senti um calafrio. Eu tinha a impressão de conhecer aquela voz, mas não conseguia situá-la em minha mente desordenada. Então me ocorreu que Rachel não devia estar em meu quarto.

— Você ligou para o número errado. Ela está no...

— Não encha o saco, repórter. Eu quero falar com ela.

Cobrindo o fone com a mão, eu me dirigi a Rachel:

— É Thorson. Diz que sabe que você está aí... aqui.

— Pode deixar — disse ela, irritada, arrebatando-me o telefone da mão. — O que você quer? — Houve um breve silêncio. Ele não deve ter chegado a lhe dizer duas ou três frases. — De onde você está vindo? — Um novo silêncio. — Por que me telefonou? — ela perguntou novamente sem dissimular a irritação. — Pode contar o que quiser. Se ele descobrir, será tão ruim para você quanto para mim. Tenho certeza de que vai gostar de saber que você agora é um voyeur.

Ela me entregou o fone e eu desliguei. Cobriu o rosto com o travesseiro e deixou escapar um gemido. Eu a descobri.

— Que houve?

— Más notícias para você, Jack.

— Para mim?

— Sim. O *Los Angeles Times* de hoje traz uma reportagem sobre o Poeta. Temos de nos encontrar com Bob no escritório regional.

Confuso, eu fiquei algum tempo calado.

— Como eles...

— Não sabemos. É sobre isso que vamos conversar.

— Que informação eles têm? Thorson não disse?

— Não. Mas parece que estão bem informados.

— Eu deveria ter escrito essa matéria ontem. Droga! Quando ficou claro que aquele cara sabia de vocês, não havia por que não escrever.

— Você fez um trato e manteve a sua palavra. Foi necessário, Jack. Olhe, vamos ao escritório. Lá saberemos de tudo.

— Preciso telefonar para o meu editor.

— Deixe para mais tarde. Acho que Bob já está a nossa espera. Às vezes chego a acreditar que ele nunca dorme.

O telefone tocou novamente e ela mesma atendeu.

— Que é? — indagou com impaciência, mas logo abrandou a voz.
— Um momento.

Sorriu sem jeito e me entregou o aparelho. Beijou-me de leve no rosto e sussurrou que iria trocar de roupa em seu quarto. Eu atendi.

— Alô?

— É Greg Glenn. Quem foi que atendeu?

— Hã... uma agente do FBI. Temos uma reunião daqui a pouco. Você já deve estar sabendo do *Los Angeles Times*.

— Puta que pariu, é claro que estou! — Eu senti um peso no peito. Glenn prosseguiu: — Publicaram uma matéria sobre o assassino. O *nosso* assassino, Jack. Chamam-no de Poeta. Você disse que nós tínhamos exclusividade e que estávamos protegidos.

— Estávamos — foi tudo o que consegui dizer.

Já vestida, Rachel entrou em meu quarto e olhou para mim com olhos doces.

— É. Estávamos. Pois trate de voltar hoje mesmo e escrever uma matéria para amanhã. O que você souber. E é bom que saiba mais do que eles. Nós já podíamos tê-la publicado, Jack, mas você me convenceu a segurá-la. Agora somos obrigados a correr atrás da nossa própria reportagem, porra!

— Está bem, está bem! — eu disse rudemente para calá-lo.

— Só espero que você não tenha prolongado a sua estada em Phoenix por causa de um rabo de saia!

— Vá à merda, Greg. Você está com a matéria do *Times*?

— Claro que estou. Uma grande matéria, aliás. Muito boa. O problema é que saiu no jornal errado!

— Então leia para mim. Não! Espere. Eu tenho uma reunião agora. Mande alguém da biblioteca...

— Mas será que estou falando grego, Jack? Você não vai a nenhuma reunião. Quero que tome o primeiro avião e venha escrever uma matéria para amanhã.

Vi Rachel jogar-me um beijo e sair.

— Eu entendi. A matéria estará pronta para amanhã. Mas eu posso muito bem escrevê-la aqui e enviá-la.

— Não. É matéria especial. Eu quero trabalhar nela com você: aqui!

— Deixe-me ir à reunião, depois eu telefono.

— Por quê?

— Há um novo desenvolvimento — menti. — Não sei de que se trata e preciso saber. Telefono assim que terminar. Enquanto isso, mande a biblioteca separar a reportagem do *Times* e enviá-la ao meu computador. Agora eu preciso ir.

Desliguei sem lhe dar tempo de protestar. Vesti-me depressa e saí com o estojo do computador. Estava atordoado. Não conseguia entender como aquilo havia acontecido. Mas já tinha uma suspeita.

* * *

Cada um de nós se serviu de duas xícaras de café, no balcão do saguão, que fomos tomando no caminho para o escritório regional.

Rachel estava com todas as suas coisas novamente. Eu me esquecera desse detalhe.

Só começamos a falar ao terminar a primeira xícara. Imaginei que estivéssemos às voltas com dilemas diferentes, pensando em coisas diversas.

— Você vai voltar a Denver? — ela quis saber.

— Ainda não sei.

— Foi muito ruim?

— Muito. Ele nunca mais vai dar ouvidos a uma promessa minha.

— Não sei como foi acontecer. Normalmente, teriam solicitado um comentário de Bob Backus.

— Vai ver que solicitaram.

— Não, ele teria me contado. Não romperia o acordo. Backus já é a segunda geração no Bureau. Nunca vi ninguém melhor do que esse homem.

— Bem, só espero que mantenha o trato agora. Porque eu vou escrever hoje.

— O que diz a reportagem?

— Não sei. Vou obtê-la assim que puder conectar o computador a uma linha telefônica.

Estávamos no prédio do tribunal. Ela estacionou na garagem reservada aos funcionários federais.

* * *

Só Backus e Thorson se encontravam na sala de reuniões.

O encontro se iniciou com Backus a lamentar que a história tivesse vazado antes que eu pudesse escrevê-la. Pareceu-me sincero, e eu me arrependi de haver duvidado de sua integridade.

— Você está com a matéria aí? Eu posso recebê-la no computador, se me deixarem usar uma linha telefônica.

— Claro, claro. Estou esperando que o escritório de Los Angeles me envie a reportagem via fax. Só fiquei sabendo porque Brass me contou que já estamos recebendo telefonemas de outros jornais em Quantico.

Eu fiz a conexão e entrei no sistema do *Rocky*. Não me dei ao trabalho de ler nenhuma das mensagens que recebera. Abri diretamente minha pasta pessoal e consultei os arquivos. Notei que havia dois novos: POETCÓPIA e MATHIP. Lembrei-me então de que pedira a Laurie Prine que levantasse matéria sobre hipnose e sobre Horace, o Hipnotizador, mas isso ficaria para depois. Chamei o POETCÓPIA e levei um choque antes mesmo de ler a primeira linha.

— Merda!

— O que foi? — perguntou Rachel.

— Foi Warren que a escreveu. Ele pede demissão na fundação e usa a *minha* matéria para voltar ao *Times*.

— Jornalistas — disse Thorson com indisfarçável alegria. — Não merecem um pinga de confiança.

Fingi não fazer caso do comentário, mas foi duro engolir. Eu estava extremamente irritado com o que acontecera, com Warren e comigo mesmo. Deveria ter previsto aquilo.

— Leia, Jack — pediu Backus.

Eu li.

FBI E POLÍCIA PROCURAM ASSASSINO DE POLICIAIS

O caçador vira caça

Michael Warren

Especial para o *Times*

O FBI desencadeou uma verdadeira caçada a um maníaco suspeito de ter matado nada menos do que sete investigadores de homicídios numa série de crimes iniciada há três anos.

Apelidado de o "Poeta" porque costuma deixar recados contendo versos extraídos da obra poética de Edgar Allan Poe no local de cada crime, o suspeito tentou fazer passar a morte de suas vítimas por suicídio. E, durante três anos, os policiais mortos foram considerados suicidas, até que as semelhanças entre os crimes — inclusive as citações de Poe — fossem descobertas na semana passada, conforme uma fonte ligada à investigação.

A descoberta levou o FBI a agir rapidamente no esforço de identificar e capturar o Poeta. Dezenas de agentes e policiais, em

várias cidades, estão investigando sob a direção do Serviço de Ciência do Comportamento, do FBI. Atualmente, a investigação está concentrada principalmente em Phoenix, onde ocorreu o último crime atribuído ao Poeta.

A fonte, que conversou com o *Times* sob a condição de permanecer anônima, recusou-se a revelar como foram descobertas as atividades do Poeta. Mas declarou que um estudo conjunto do FBI e da Fundação da Polícia sobre o suicídio de policiais nos últimos seis anos forneceu a pista principal.

A reportagem prosseguia com a lista dos nomes das vítimas e alguns detalhes sobre cada caso. Incluía também parágrafos sobre a unidade do SCC e terminava mencionando que o informante anônimo acrescentara que o FBI ainda não conhecia a identidade do Poeta nem sabia de seu paradeiro.

Ao terminar a leitura, senti o rosto quente de raiva. Não há nada pior do que ser fiel a um acordo que os outros não cumprem. Em minha opinião, a matéria era fraca. Muitas palavras e poucos fatos, tudo atribuído a uma fonte anônima. Warren não chegou nem sequer a mencionar o fax nem o mais importante: os assassinatos que serviam de isca. Eu sabia que tinha condições de escrever a peça definitiva sobre o Poeta. Mas nem por isso sentia menos raiva. Por resumida que fosse a reportagem, era evidente que Warren recebera informações de alguém do Bureau. E eu tinha certeza de que esse alguém estava ali, na sala de reuniões.

— Nós fizemos um trato — eu disse erguendo os olhos do computador. — Alguém informou esse cara. Ele sabia a mesma coisa do que eu quando cheguei aqui quinta-feira, mas alguém do Bureau lhe contou o resto. Provavelmente, alguém da força-tarefa. Provavelmente alguém...

— Pode ser, Jack, mas...

— Ele já sabia de tudo por sua causa — atalhou Thorson. — O culpado é você mesmo.

— Você está redondamente enganado — eu retruquei, encarando-o. — Eu lhe contei muita coisa, mas não falei no Poeta. O criminoso ainda nem tinha esse apelido quando estive com Warren.

Essa informação só pode ter saído da força-tarefa. O que significa a ruptura do nosso acordo. Alguém que devia ficar calado sentiu cócegas na língua. A história vazou. E eu preciso escrever o que sei ainda hoje, para que saia na edição de amanhã.

Seguiram-se alguns momentos de silêncio.

— Jack — disse Backus — eu sei que isso não vai ajudá-lo muito, mas quero que você saiba que quando eu tiver um pouco mais de tempo e espaço, vou descobrir quem deixou transpirar a informação. Essa pessoa não trabalhará mais comigo, talvez nem mesmo no Bureau.

— Tem razão, não ajuda muito.

— Mesmo assim, preciso lhe pedir um favor.

Eu olhei para Backus sem saber se ele era louco a ponto de tentar me convencer uma vez mais a deixar de escrever uma notícia que todas as emissoras de televisão e todos os jornais do país estariam divulgando no dia seguinte.

— Pois não?

— Quando escrever... por favor, tenha em mente que nós ainda precisamos prender esse homem. Você tem informações que podem prejudicar irreparavelmente as nossas chances de fazer isso. Estou falando de coisas específicas. Detalhes do perfil. Detalhes sobre o possível hipnotismo. As camisinhas. Se publicar isso, Jack, e a notícia for reproduzida na televisão ou num jornal ao qual o criminoso tenha acesso, ele alterará sua rotina. Entende o que estou dizendo? Você só vai tornar as coisa mais difíceis para nós.

Eu fiz que sim, mas depois olhei duramente para ele.

— Você não pretende decidir o que eu devo escrever, pretende?

— Claro que não. Só estou lhe pedindo que pense em seu irmão, em nós, e que tenha *cuidado* ao escrever. Eu confio em você, Jack.

Fiquei um bom tempo pensando naquelas palavras, depois tornei a balançar a cabeça afirmativamente.

— Bob, eu fiz um acordo com você e me dei mal. Se espera que eu o proteja agora, será um novo acordo. Vai começar a chover jornalistas aqui hoje. Mas eu quero que você transfira todas as ligações para o relações públicas de Quantico. Quero exclusividade nas declarações que fizer. Também o fax do Poeta eu vou publicar

com exclusividade. Você faz isso por mim e, em troca, eu não menciono os detalhes do perfil nem falo na hipnose.

— Fechado — disse Backus.

Concordou tão depressa que eu comecei a achar que ele sabia exatamente o que eu iria dizer, que sabia desde o início que eu acabaria propondo um novo acordo.

— Só mais uma coisa, Jack. Vamos omitir uma pequena parte do fax. Se começarmos a receber confissões, contaremos com a informação não publicada para fazer a triagem.

— Tudo bem.

— Eu vou ficar aqui. Vou avisar o pessoal que atendo exclusivamente os seus telefonemas. Ninguém mais da imprensa.

— É, haverá uma infinidade de ligações desse tipo.

— De qualquer forma, minha intenção é deixar que o pessoal das relações públicas cuide disso.

— Se as declarações que fizerem à imprensa abordarem o começo das investigações, peça que não revelem o meu nome. Digam apenas que as investigações do *Rocky Mountain News* deram início às suspeitas.

Backus concordou.

— Mais uma coisa — eu disse, fazendo uma pequena pausa. — Ainda estou preocupado com a história do vazamento. Se hoje eu descobrir que o *Los Angeles Times* ou qualquer outro jornal vai publicar o fax, escrevo tudo o que sei. O perfil do assassino, tudo. Ok?

— De acordo.

— Isso é uma sujeira — disse Thorson, furioso. — Acha que pode chegar aqui e ir ditando...

— Vá à merda, Thorson! — gritei. — Faz tempo que estou querendo lhe dizer isso. Vá muito à merda, entendeu? Se eu sou chantagista, você não passa de um dedo-duro. Portanto, não venha me falar em sujeira...

— VÁ À PUTA QUE O PARIU! — rugiu ele, erguendo-se para me desafiar.

Instantaneamente, Backus se levantou e colocou a mão em seu ombro. E, empurrando-o delicadamente, fez com que voltasse a

sentar-se. Rachel assistiu à cena com um discreto sorriso nos lábios.

— Calma, Gordon — disse Backus. — Vamos com calma. Ninguém aqui está acusando ninguém de nada. Vamos deixar as coisas esfriarem. Todos estamos chateados e nervosos hoje, mas isso não é motivo para perder a cabeça. Jack, a acusação que você acaba de fazer é muito perigosa. Se tem alguma prova do que está dizendo, queremos saber. Caso contrário, é melhor ficar calado.

Eu não disse nada. Não tinha mais do que uma forte suspeita de que Thorson havia revelado o caso à imprensa apenas para me prejudicar. Queria vingar-se devido a sua relação paranoica com os jornalistas em geral e, em particular, por causa de meu relacionamento com Rachel. Mas não valia a pena trazer o assunto à tona. Todos permanecemos sentados e ficamos nos olhando em silêncio.

— A conversa está muito boa, pessoal, mas eu preciso trabalhar — disse Rachel, enfim.

— Eu também — concordei. — Que parte do fax você quer que eu omita?

— A charada — respondeu Backus. — A parte dos Melhores Amigos.

Pensei um instante. Era um dos melhores trechos.

— Está bem. Sem problemas.

Levantei-me. Rachel também.

— Eu lhe dou uma carona até o hotel.

* * *

— É tão ruim assim quando publicam uma notícia na sua frente? — ela perguntou quando estávamos a caminho.

— É muito ruim. Tomara que Backus dê uma dura em Thorson por isso. Aquele filho da puta!

— É difícil provar. Não passa de uma suspeita.

— Se você contasse a Backus sobre nós e lhe dissesse que Thorson sabia de tudo, aposto que ele acreditaria.

— Não posso. Seu contasse a Backus sobre nós, eu é que sairia prejudicada. — Houve um silêncio. Depois, ela voltou a falar na

matéria: — Você vai ter muito mais do que ele.

— O quê? Quem?

— Estou falando de Warren. Sua reportagem vai ser muito melhor.

— “O primeiro a contar a história é que fica com a glória.” Um velho adágio de jornal. Mas verdadeiro. Na maioria das reportagens, o primeiro que escreve é que recebe o crédito, mesmo que a matéria esteja cheia de furos e tolices. Mesmo que seja uma reportagem roubada.

— Quer dizer que se trata disso? De receber o crédito? Só por ter sido o primeiro, mesmo que com informações erradas?

Eu olhei para ela e tentei sorrir.

— É. Às vezes. Quase sempre. Trabalhinho nobre, não acha?

Rachel não respondeu. Ficamos algum tempo em silêncio. Eu queria que ela falasse de nós, que dissesse qualquer coisa sobre o que tínhamos ou sobre o que nos faltava, mas ela não o fez. Estávamos nos aproximando do hotel.

— E se eu não conseguir convencê-lo a deixar-me ficar aqui? E se eu tiver de retornar a Denver? Que acontecerá conosco?

Ela demorou a responder.

— Não sei, Jack. O que você quer que aconteça?

— Sei lá, só sei que não quero que simplesmente termine assim. Pensei que...

Eu não sabia como dizer o que queria.

— Eu também não quero que termine assim.

Ela parou diante do hotel para que eu desembarcasse. Disse que precisava voltar. Um sujeito de casaco vermelho com enfeites dourados nos ombros veio abrir a porta, roubando-nos a privacidade. Eu queria beijá-la, mas a situação e o fato de estar num carro oficial tornavam aquilo inadequado, fora de lugar.

— A gente se vê quando for possível — eu disse. — Assim que possível.

— Está bem — sorriu ela. — Tchau, Jack. Boa sorte com a reportagem. Telefone ao escritório regional, se for escrevê-la aqui mesmo. Talvez possamos ficar juntos hoje à noite.

Eu não poderia encontrar motivo melhor para ficar em Phoenix. Ela estendeu a mão e roçou-me a barba como já tinha feito uma vez. E, quando eu ia descer do carro, pediu-me que esperasse. Tirou um cartão da bolsa, escreveu um número no verso e o colocou em minha mão.

— É o número do meu *pager*, caso aconteça alguma coisa. É via satélite, você me acha onde quer que eu esteja.

— No mundo inteiro?

— No mundo inteiro. A menos que o satélite caia.

Gladden estava com os olhos pregados nas palavras na tela. Eram belas, pareciam escritas pela mão invisível de Deus. Tão perfeitas. Tão nítidas. Leu-as outra vez.

Eles sabem de mim e eu estou preparado. Aguardando. Estou preparado para ocupar meu lugar no panteão dos rostos. Sinto-me como no tempo de menino, quando ficava esperando que abrissem a porta do armário para que eu pudesse recebê-lo. A linha luminosa no chão. O meu farol. Eu olhava para a luz e para a sombra de seus passos. E sabia que ele tinha chegado e que eu receberia o seu amor. A menina de seus olhos.

Nós somos o que fazem de nós. Contudo, eles nos dão as costas. Abandonam-nos. Nós nos tornamos nômades num mundo de queixumes. A rejeição é a minha dor e a minha motivação. Trago comigo a vingança de todas as crianças. Eu sou o Espectro. Chamam-me o predador, o que espreita entre vocês. Eu sou a mancha de luz e sombra. Minha história não é de privação e abuso. Eu acolhia o contato. Sou capaz de admiti-lo. E vocês? Eu queria, esperava e recebia de bom grado aquele contato. Foi a rejeição apenas — quando meus ossos cresceram demais — que me feriu profundamente e me impôs uma vida errante. Eu sou o degredado. E as crianças devem permanecer crianças para sempre.

Ergueu os olhos quando o telefone tocou, ficou observando o aparelho no balcão da cozinha. Era a primeira vez que ela recebia um telefonema. A secretária eletrônica atendeu ao terceiro toque e transmitiu a mensagem gravada. Gladden a tinha escrito numa folha

de papel e a obrigara a lê-la três vezes antes de gravá-la na quarta. Que mulher burra, pensou ao ouvi-la agora. Péssima atriz — pelo menos quando estava vestida.

— Alô, aqui é Darlene, eu... eu não posso atender agora. Tive de fazer uma viagem inesperada. Deixe o seu recado... hã... recado, e eu telefono assim que puder.

Parecia nervosa; Gladden ficou preocupado com a repetição da palavra, podia denunciar que ela estava lendo. Ouviu com atenção o recado irritado que uma voz masculina deixou após o bipe.

— Porra, Darlene! Trate de me telefonar assim que receber esta mensagem. Você me deixou numa situação de merda. É melhor telefonar, mocinha, do contrário pode ser que já não tenha emprego quando voltar. Porra!

Gladden achou que tinha dado certo. Levantou-se e apagou a mensagem. Do padrão dela, imaginou. Mas Darlene não retornaria a chamada.

Ele sentiu o cheiro quando estava junto à porta da cozinha. Pegou imediatamente os fósforos na mesa da sala de estar e foi para o quarto. Ficou um momento olhando para o cadáver. O rosto estava esverdeado, um pouco mais escuro que da última vez em que o examinara. Um líquido lhe escorria da boca e do nariz: era o corpo a purgar os fluidos da decomposição. Gladden havia lido sobre esse fenômeno num dos livros que conseguira encomendar e receber na prisão. *Patologia Forense*. Pena que estava sem a câmera, seria interessante documentar as alterações de Darlene.

Acendeu mais quatro bastões de incenso de jasmim e os colocou em cinzeiros nos quatro cantos da cama.

Dessa vez, ao sair e fechar a porta do quarto, estendeu uma toalha molhada na soleira, esperando assim impedir que o mau cheiro se espalhasse nos cômodos que ele estava ocupando. Ainda faltavam dois dias.

Consegui convencer Greg Glenn a me deixar escrever de Phoenix. Passei o resto da manhã no quarto, telefonando, reunindo comentários dos protagonistas da história, de Wexler, em Denver, a Bledsoe, em Baltimore. Depois disso, passei escrevendo cinco horas seguidas, sendo que as únicas perturbações que tive, durante todo o dia, foram os telefonemas nervosos do próprio Glenn, que queria saber como eu estava me saindo. Uma hora antes do fechamento do jornal, transmiti duas matérias para Denver.

Eu estava com os nervos à flor da pele ao enviar as reportagens, sentia uma dor de cabeça insuportável. Tinha tomado um bule e meio de café e fumado um maço de Marlboro — havia muitos anos que não fumava assim. Andando de um lado para outro, à espera do retorno de Greg Glenn, tornei a telefonar rapidamente para o serviço de quarto, expliquei que não podia sair porque esperava um telefonema importante e pedi que mandassem um frasco de aspirina.

Quando chegou, tomei três comprimidos com a água mineral do frigobar e comecei a me sentir melhor quase instantaneamente. A seguir, telefonei para minha mãe e para Riley, alertando-as que, provavelmente, seriam procuradas pelos repórteres dos outros jornais, agora que a matéria estava prestes a ser divulgada. Ambas asseguraram que não queriam falar com nenhum jornalista, e eu disse que era melhor assim, muito embora não me escapasse a ironia do fato de eu mesmo ser jornalista.

Por fim, percebi que tinha esquecido de telefonar para Rachel contando-lhe que continuava na cidade. Liguei para o escritório

regional do FBI de Phoenix, mas o agente que atendeu limitou-se a dizer que ela havia ido embora.

— Como assim “foi embora”? Ela ainda está em Phoenix?

— Não estou autorizado a responder.

— Então posso falar com o agente Backus?

— Ele também foi embora. Posso saber quem está falando?

Desliguei e disquei o número da recepção do hotel, pedindo que me comunicassem com o seu quarto. Contaram-me que ela havia partido, assim como Backus, Thorson, Carter e Thompson.

— Filhos da puta! — murmurei ao desligar.

Alguma coisa devia ter acontecido. Para que todos eles abandonassem o hotel, a investigação devia ter sofrido uma importante guinada. E eu compreendi que fora deixado para trás, que meu momento “por dentro” decerto havia terminado. Levantei-me e me pus a passear um pouco mais no quarto, perguntando aonde eles podiam ter ido e que os levara a partir tão repentinamente. Lembrei-me então do cartão que Rachel me dera. Tirei-o do bolso, peguei o telefone e digitei o número do *pager*.

Dez minutos me pareciam suficientes para enviar minha mensagem ao satélite e, de lá, para ela, estivesse onde estivesse. Mas passaram-se os dez minutos, e o telefone não tocou. Outros dez minutos se escoaram, depois meia hora. Greg Glenn também não telefonou. Cheguei a tirar o fone do gancho para ter certeza de que não estava quebrado.

Inquieto, mas cansado de andar de um lado para outro e esperar, liguei o laptop e me comuniquéi uma vez mais com o *Rocky*. Chamei as mensagens, mas nada havia de importante. Passei para minha pasta pessoal e, percorrendo os arquivos, escolhi o intitulado MATHIP. Continha várias matérias sobre Horace Goble, todas em ordem cronológica. Comecei a ler a partir da mais antiga, refrescando pouco a pouco a memória que guardava do hipnotizador. A história era pitoresca. Médico e pesquisador da CIA no fim da década de 60, Goble se dedicou posteriormente à psiquiatria em Beverly Hills, tendo se especializado em hipnoterapia. Empregou seus conhecimentos e sua habilidade também na arte hipnótica, como ele a chamava, apresentando-se em público como

Horace, o Hipnotizador. No começo, tratava-se apenas de um número desprezível nas boates de Los Angeles, porém o espetáculo foi ganhando popularidade, e ele passou a fazer longas apresentações em Las Vegas. Não tardou a abandonar a psiquiatria. Convertido em artista em tempo integral, passou a ocupar o palco dos melhores cassinos da cidade. Em meados dos anos 70, seu nome figurava ao lado do de Sinatra nos cartazes do Caesar's, ainda que em letras menores. Apresentou-se quatro vezes no show de Carson, sendo que, na última, hipnotizou o próprio astro do espetáculo, fazendo-o contar em público o que realmente pensava de seus outros convidados da noite. Pelos cáusticos comentários que fez, a plateia imaginou que se tratasse de piada. Mas não era. Ao ver a fita gravada, Carson cancelou o número e colocou Horace, o Hipnotizador em sua lista negra. O cancelamento foi noticiado pela imprensa especializada e acabou liquidando a carreira de Goble, que não voltou a aparecer na televisão até ser preso. Banido das telas, ele foi caindo de moda mesmo em Las Vegas, e seus espetáculos foram ficando cada vez mais marginalizados. Em breve, Goble estava com o pé na estrada, apresentando-se em cabarés de segunda categoria e, por fim, em circos. A decadência foi completa. Sua prisão em Orlando, na Feira Orange, veio coroar sua queda.

Conforme os autos do processo, Goble foi acusado de atacar meninas nas matinês. Os promotores declararam que ele escolhia garotas de dez ou doze anos, na plateia, e as levava aos bastidores com o pretexto de prepará-las para o número. No camarim, oferecia à candidata a vítima um refrigerante misturado com codeína e pentotal de sódio — ambas as substâncias foram apreendidas quando de sua prisão — e convencia-as a fazer um ensaio antes da apresentação. Induzidas pelas drogas, as meninas entravam em transe hipnótico e eram molestadas pelo tarado. A promotoria afirmou também que, no começo, o abuso consistia em felação e masturbação, delitos difíceis de comprovar mediante exame físico. A seguir, graças à sugestão hipnótica, Goble reprimia a lembrança do acontecido na memória das vítimas.

Nunca se soube de quantas garotas abusou. Ele só foi descoberto porque um psicólogo, que estava tratando de uma menina de treze anos com problemas de comportamento, trouxe o ocorrido à tona durante uma sessão de hipnoterapia. A polícia começou a investigar, e Goble acabou sendo acusado de atacar quatro crianças.

No julgamento, a defesa alegou que os fatos descritos pelas vítimas simplesmente não aconteceram. Goble apresentou nada menos que seis qualificados especialistas em hipnotismo, que asseguraram que a mente humana, em transe hipnótico, não podia de modo algum ser persuadida nem forçada a fazer ou dizer alguma coisa que colocasse o paciente em perigo ou fosse moralmente repulsiva para ela. E o advogado de Goble não perdeu nenhuma oportunidade de lembrar ao júri que não havia nenhum sinal físico de abuso.

Mesmo assim, a acusação ganhou a causa graças ao testemunho de um ex-supervisor da CIA, que declarou que a pesquisa de Goble, nos anos 60, incluía experiências com hipnose e o uso de uma combinação de drogas capazes de "anular" as inibições morais e de segurança do cérebro. Tratava-se de controle mental, e o antigo supervisor da CIA acrescentou que a codeína e o pentotal de sódio eram algumas das drogas que Goble usara com resultados positivos em seus estudos.

Dois dias depois, o júri condenou Goble, por abuso sexual de quatro menores, a oito anos de reclusão no Instituto União Correccional, em Raiford. Uma das reportagens dizia que ele havia impetrado recurso, mas a pena fora confirmada pelo Supremo Tribunal da Flórida.

Ao chegar ao fim do arquivo, notei que a última matéria datava de poucos dias. Aquilo me pareceu estranho porque Goble fora condenado sete anos antes. Por outro lado, a reportagem era do *Los Angeles Times*, não do *Orlando Sentinel*, que publicara todas as anteriores.

Curioso, comecei a lê-la; cheguei a pensar que Laurie Prine se enganara. Coisa que acontece com frequência. Talvez ela tivesse me

enviado uma matéria solicitada por outro jornalista do *Rocky*, que nada tinha a ver com o meu pedido.

A notícia falava no suspeito do assassinato da empregada de um hotel de Hollywood. Eu estava a ponto de interromper a leitura quando dei com o nome de Horace Goble. É que o suspeito do assassinato da camareira cumprira pena com Goble, em Raiford, e até chegara a ajudá-lo na preparação de uma apelação. Eu estava relendo as últimas linhas quando uma ideia começou a me brotar da mente e, em pouco tempo, apossou-se de mim.

* * *

Tendo desligado o laptop, telefonei uma vez mais para o *pager* de Rachel. Dessa vez, meus dedos estavam trêmulos quando digitei o número; depois, não consegui ficar parado. Sem tirar os olhos do aparelho, pus-me a caminhar novamente. Por fim, como por obra do poder de meu olhar, o telefone tocou e eu atendi imediatamente.

— Rachel, acho que encontrei uma coisa.

— Tomara que seja dinheiro, Jack.

Era Greg Glenn.

— Pensei que fosse outra pessoa. Escute, estou esperando um telefonema. É muito importante, não posso deixar de atender.

— Nem pensar, Jack. Estamos preparando a chamada da matéria. Preciso de você.

Consultei o relógio. Passavam dez minutos do primeiro fechamento da edição.

— Ok. Quanto mais depressa melhor.

— Ótimo. Antes de mais nada, parabéns, Jack. A matéria... Bem, não chega a compensar o problema de não termos sido os primeiros, mas a matéria está muito bem escrita e contém muito mais informações.

— Ok. Que falta fazer?

Fingi não ouvir o elogio-crítica. Queria terminar antes que Rachel telefonasse. Como só havia uma linha telefônica no quarto, não podia conectar o laptop com o *Rocky* e dar uma olhada na versão

editada da matéria. Preferi abrir a versão original, no computador, e pedir que Glenn lesse para mim as alterações que fizera.

— Estou querendo um lead^[6] um pouco mais incisivo, mais forte, que fale logo no fax. Mexi um pouco nele e ficou assim: “O recado enigmático de um maníaco que mata crianças, mulheres e investigadores aparentemente ao acaso estava sendo analisado pelo FBI segunda-feira. Foi o último episódio da investigação do assassino apelidado o ‘Poeta’.” O que você acha?

— Está bom.

Ele havia substituído a palavra “estudado” por “analisado”. Não valia a pena protestar. Passamos dez minutos “penteando” o texto, discutindo detalhes insignificantes. Ele não fizera alterações significativas e, com o fechamento da edição a lhe pisar os calcanhares, não teve tempo para muita coisa. No fim, achei que algumas modificações eram boas e outras tinham sido feitas pelo mero prazer de mudar, hábito que todos os editores de jornal com que trabalhei pareciam compartilhar. A segunda matéria era um breve relato, na primeira pessoa, de como minha pesquisa para compreender o suicídio de meu irmão acabou descobrindo a pista do Poeta. Era um dissimulado elogio ao *Rocky*. Glenn não mexeu em nada. Ao terminarmos, ele me pediu que esperasse na linha enquanto a matéria era enviado ao copidesque^[7].

— Acho melhor deixarmos esta linha aberta, caso eles resolvam mudar alguma coisa na última hora — disse Glenn.

— Quem pegou o trabalho.

— Brown está com a principal e Bayer, com a outra. Eu mesmo vou fazer a leitura final.

A matéria estava em boas mãos. Brown e Bayer eram os melhores do jornal.

— Muito bem, quais são os seus planos para amanhã? — perguntou Glenn enquanto esperávamos. — Sei que ainda é cedo, mas também precisamos conversar sobre o fim de semana.

— Ainda não pensei nisso.

— Precisa haver uma sequência, Jack. Qualquer coisa. Não podemos sair com uma matéria grande assim num dia e, no outro, não ter nada para contar. Tem de haver uma sequência. E, no fim de

semana, eu quero uma verdadeira encenação. Compreende? Por dentro de uma caçada do FBI a um assassino serial, talvez alguma coisa sobre a personalidade das pessoas que você está acompanhando. Desta vez vamos precisar de arte também.

— Eu sei, eu sei — respondi. — Só estava querendo dizer que ainda não pensei em tudo.

Eu não queria lhe falar em minha última descoberta nem na nova teoria que estava começando a elaborar. Uma informação dessas nas mãos de um editor era um perigo. No dia seguinte, espalhar-se-ia a notícia de que eu descobrira uma ligação entre o Poeta e Horace, o Hipnotizador. Decidi falar com Rachel antes de contar qualquer coisa a Glenn.

— E o Bureau? Vão deixá-lo continuar acompanhando as investigações por dentro?

— Boa pergunta — respondi. — Duvido. Eu praticamente lhes disse adeus ao sair hoje. Na verdade, nem sei onde eles estão. Acho que saíram da cidade. Alguma coisa aconteceu.

— Que merda, Jack. Eu pensei que você...

— Não se preocupe, Greg, eu vou descobrir onde eles estão. E, quando isso acontecer, ainda tenho o que tirar deles, sem falar no que não escrevi hoje por falta de espaço. De um modo ou de outro, terei alguma coisa amanhã. Mas ainda não sei o quê. Depois disso, vou preparar a encenação. Mas não espere nenhuma arte. Esses caras não gostam de ser fotografados.

Passados alguns minutos, Glenn recebeu um ok do copidesque e a matéria foi para a composição. Glenn disse que iria acompanhar tudo para ter certeza de que nada sairia errado. Mas eu estava dispensado. Ele me mandou escolher um jantar especial, por conta do jornal, e telefonar na manhã seguinte. Eu respondi que sim.

* * *

Eu estava pensando em ligar para Rachel pela terceira vez quando o telefone tocou.

— Alô, panaca.

Reconheci a voz carregada de sarcasmo.

— Thorson.

— Você conseguiu.

— O que você quer?

— Avisar que a agente Rachel Walling anda muito ocupada e não vai poder falar com você tão cedo. Portanto, faça-nos o favor de parar de chamar o *pager*. Já está enchendo o saco.

— Onde ela está?

— Não é da sua conta. Você já conseguiu o que queria. Escreveu a sua reportagem. Agora, vire-se.

— Vocês estão em Los Angeles?

— O recado está dado. Adeuzinho.

— Espere! Escute uma coisa, Thorson, acho que descobri uma coisa. Preciso falar com Backus.

— Nada disso. Você não vai falar com mais ninguém nesta investigação. Você está fora, McEvoy. Não se esqueça disso. Daqui por diante, o pessoal da imprensa deve se dirigir às relações públicas do quartel-general, em Washington.

A raiva estava me comendo por dentro. Apesar dos músculos do maxilar contraídos, consegui jogar minha farpa.

— Isso vale também para Michael Warren, Thorson? Ou ele tem comunicação direta com você?

— Você está por fora, panaca. Eu não tenho nada com isso. Não me meto com gente da sua laia para não vomitar. Tenho mais respeito pelos delinquentes que ponho na cadeia do que por vocês.

— Vá à puta que o pariu!

— Está vendo? Você não tem respeito nem...

— À merda, Thorson. Deixe-me falar com Rachel ou Backus. Descobri uma coisa que ele precisa saber.

— Se descobriu alguma coisa, conte para mim. Eles estão ocupados.

Eu não tinha vontade de lhe contar nada, mas engoli a raiva e fiz o que me pareceu acertado.

— Descobri um nome. Pode ser o cara. William Gladden. É um pedófilo da Flórida, mas está em Los Angeles. Pelo menos estava. Ele...

— Eu sei quem é esse cara e o que faz.

— Sabe?

— Faz muito tempo.

Então eu me lembrei: as entrevistas na prisão.

— O projeto dos estupradores? Rachel me contou. Ele era um dos entrevistados?

— Era. Pode esquecê-lo. Não é ele. Achou que iria bancar o herói e solucionar o caso, não?

— Como pode ter certeza de que não é ele o assassino? Ele tem todas as características e pode ser que tenha aprendido a hipnotizar com Horace Goble. Se você conhece Gladden, deve conhecer Goble também. Tudo combina. Estão procurando Gladden em Los Angeles. Esquartejou uma camareira de hotel. Não compreende? A moça pode ser a isca. O investigador... se chama Ed Thomas, pode ser a próxima vítima que ele menciona no fax. Deixe-me...

— Você está por fora — atalhou Thorson, erguendo a voz. — Nós já checamos esse cara. Você não é o primeiro a suspeitar dele, McEvoy. Não é tão especial quanto imagina. Já checamos Gladden, ele não é o nosso homem, ok? Aqui não tem nenhum idiota. Agora, desista e vá se foder em Denver. Quando pegarmos o cara certo, você vai ficar sabendo.

— Como vocês checaram e excluíram Gladden?

— Não vou entrar nisso agora. Tenho mais o que fazer, e você não está mais conosco. Está de fora e é assim que vai ficar. Pare de ligar para o *pager*. Como eu já disse, está dando no saco.

Thorson desligou sem me dar tempo de responder. Eu bati o telefone com tanta força que ele caiu no chão. Senti a tentação de ligar para o *pager* de Rachel imediatamente, mas preferi esperar. Que poderia ela estar fazendo, perguntei, para pedir ao ex-marido que me telefonasse em vez de falar comigo diretamente? Senti uma pressão no peito e mil ideias me passaram pela mente. Teria meramente me "pajeado" quando eu estava no caso? Observando-me enquanto eu os observava? Será que tudo não passara de uma representação?

Decidi não pensar mais. Não tinha como saber as respostas enquanto não falasse com ela. Eu precisava cuidar para evitar que as impressões causadas pelos comentários de Thorson falassem por

ela. Em vez disso, comecei a analisar o que Thorson tinha dito. Que Rachel não retornaria minhas chamadas. Estava ocupada. Que significava isso? Teriam prendido um suspeito, e ela, como chefe da investigação, estaria dirigindo os interrogatórios? Estariam acampanando o suspeito? Sendo assim, ela podia estar num automóvel, longe de um telefone.

Ou seria que, ao pedir a Thorson que me telefonasse, estava mandando um recado, comunicando algo que ela não tinha coragem de dizer pessoalmente?

As nuances da situação eram indecifráveis para mim. Desisti de procurar um sentido mais profundo e ative-me à superfície. Pensei na reação de Thorson quando falei em William Gladden. Não se mostrou surpreso e pareceu dispensá-lo facilmente. Mas ao repassar mentalmente a conversa, percebi que, estando eu errado ou não quanto a Gladden, a reação de Thorson teria sido a mesma. Se eu tivesse razão, ele tentaria desorientar-me. Se estivesse enganado, não perderia a oportunidade de tripudiar sobre mim.

Depois, concentrei o pensamento na possibilidade de eu estar com a razão quanto a Gladden e de o Bureau ter cometido um erro ao excluí-lo das suspeitas. Nesse caso, o investigador de Los Angeles podia estar correndo perigo sem saber.

Bastaram dois telefonemas ao Departamento de Polícia de Los Angeles para conseguir o número do investigador Thomas na Divisão de Hollywood. Mas quando liguei para lá, não obtive resposta e a chamada foi transferida para o balcão de recepção da delegacia. O policial que atendeu disse que Thomas não estava. Não quis informar como nem onde eu poderia encontrá-lo. Resolvi deixar um recado.

Passei alguns minutos andando pelo quarto após desligar, pensando no que fazer. Tudo me conduzia à mesma conclusão. Só havia um meio de saber a resposta para as perguntas que eu tinha sobre Gladden: ir a Los Angeles. Procurar o investigador Thomas. Eu não tinha nada a perder. Minhas matérias estavam arquivadas e eu me encontrava fora do caso. Dei mais alguns telefonemas e reservei passagem de Phoenix a Burbank. O agente de viagem disse que

Burbank ficava tão perto de Hollywood quanto o Los Angeles International.

* * *

O funcionário da recepção era o mesmo que nos havia hospedado a todos no sábado.

— Também está saindo às pressas, pelo que vejo.

Eu fiz que sim, compreendendo que ele se referia aos agentes do FBI.

Ele sorriu.

— Eu os vi na televisão ontem à noite.

Fiquei perplexo em princípio, depois percebi o que ele estava querendo dizer. A cena na agência funerária. Eu com a camisa do FBI. Entendi que o homem pensava que eu fosse agente federal. Não me dei ao trabalho de corrigi-lo.

— O chefe não gostou muito disso — comentei.

— É, vocês devem ter esse problema sempre que chegam a uma cidade pequena. Em todo caso, tomara que consigam prendê-lo.

— É. Tomara.

Ele começou a fazer as contas. Falei-lhe no serviço de quarto e no itens que havia tirado do frigobar.

— Ouça — eu disse —, você também precisa cobrar uma fronha. Andei comprando roupas aqui e, como não tinha mala...

Ergui a fronha na qual guardara meus poucos pertences, e ele riu da improvisação. Depois, sem saber quanto cobrar pela fronha, acabou dizendo que ficava por conta da casa.

— Vocês sempre são obrigados a viajar às pressas — disse-me. — Os outros nem tiveram tempo para pagar a conta. Foram embora como um furacão.

— Bem — eu disse sorrindo —, espero que a conta tenha sido paga agora.

— Foi, sim. O agente Backus telefonou do aeroporto pedindo que mandasse a conta. Mas isso não é problema. Estamos aqui para servi-los.

Eu me limitei a olhar para ele, pensando. Decidindo.

— Vou me encontrar com eles hoje à noite — disse por fim. — Quer que eu leve as faturas?

Ele me encarou. Sua hesitação era evidente. Eu ergui a mão como a lhe dizer que não se preocupasse.

— Tudo bem. Foi só uma sugestão. Vou me encontrar com eles à noite e achei que poderia acelerar as coisas. Economizar a despesa de correio.

Eu não sabia o que estava dizendo, mas já começava a perder a segurança e queria recuar.

— Bem — disse o recepcionista —, não vejo nenhum mal nisso. Vou colocar as faturas num envelope. Acho que posso confiar em você tanto quanto no carteiro.

Ele sorriu, eu também.

— Todos os nossos cheques são assinados pelo mesmo cara, certo?

— Por Tio Sam — disse ele alegremente. — Volto já.

Desapareceu no escritório, e eu olhei para o saguão esperando que Thorson, Backus e Rachel Walling saíssem de trás das colunas, gritando: “Viu? Não se pode confiar em nenhum jornalista!”.

Mas não apareceu ninguém, e o funcionário do hotel não tardou a voltar e a me entregar um envelope de papel manilha junto com minha própria conta.

— Obrigado — eu lhe disse. — Eles vão ficar contentes.

— Sem problemas — respondeu ele. — Obrigado por hospedar-se aqui, agente McEvoy.

Eu fiz que sim, guardei o envelope no estojo do computador e, feito um ladrão, fui para a saída.

O avião já estava a quase nove mil metros de altura quando tive oportunidade de abrir o envelope. Eram folhas e folhas de faturas. Contas discriminadas correspondentes aos quartos de cada agente, como eu esperava. Fixando-me de imediato na que levava o nome de Thorson, comecei a estudar a despesa com telefonemas. Não encontrei nenhuma chamada com o prefixo 301, da região de Maryland, onde morava Warren. Mas havia uma ligação para o 213. Los Angeles. Eu sabia que não era inconcebível que Warren tivesse viajado para lá a fim de vender a matéria a seus antigos editores. Até podia tê-la escrito lá. O telefonema fora dado às 00:41 de domingo, mais ou menos uma hora depois que Thorson se havia hospedado no hotel de Phoenix.

Usando meu cartão de crédito para abrir o telefone aéreo, no encosto da poltrona da frente, digitei o número encontrado na fatura. Uma mulher atendeu imediatamente, dizendo: "New Otani Hotel, boa noite".

Fiquei momentaneamente confuso, porém consegui recuperar-me antes que ela desligasse e pedi para falar com o quarto de Michael Warren. A conexão foi feita, mas ele não atendeu. Percebi que era muito cedo para que estivesse no quarto. Desligando, disquei para informações e perguntei o número do *Los Angeles Times*. Telefonando para lá, pedi a sala de redação e, depois, para falar com Warren. A ligação foi transferida.

— Warren — eu disse.

Era uma afirmação, um fato. Um veredicto. Tanto para Thorson quanto para ele.

— Sim. O que deseja?

Era evidente que não sabia com quem estava falando.

— Eu só queria mandá-lo à puta que o pariu, Warren. E dizer-lhe que um dia desses vou escrever sobre tudo o que aconteceu. O que você fez vai aparecer no livro.

Eu não sabia ao certo o que estava dizendo. Só sabia que tinha necessidade de ameaçá-lo, mesmo que com palavras vazias.

— McEvoy? É McEvoy? — Ele fez uma pausa e riu com sarcasmo. — Que livro? O meu agente já está na rua com uma proposta. E o seu? Hein? E o seu? Ei, Jack, você por acaso tem agente?

Esperou minha resposta, mas, dominado pelo ódio, eu continuei calado.

— É, eu já imaginava — prosseguiu Warren. — Olhe, Jack, você até que é um cara legal, lamento o que aconteceu. Lamento mesmo. Mas eu estava na merda, não aguentava mais aquele emprego. Foi a saída que encontrei. E deu certo.

— Seu filho da puta! A matéria era minha, porra!

Falei muito alto. Embora eu estivesse sozinho numa fileira de três assentos, um sujeito sentado do outro lado do corredor olhou feio para mim. Viajava em companhia de uma senhora que devia ser sua mãe e que, imaginei, nunca tinha ouvido tal linguagem. Voltei-me para a janela. Só havia escuridão lá fora. Tapei o outro ouvido para entender a resposta de Warren, apesar do barulho constante do motor do avião. A voz dele era grave e firme.

— A matéria pertence a quem a escreve, Jack. Lembre-se disso. Quem escreve é que é o dono. Quer fazer alguma coisa contra mim? Ótimo. Vá escrever essa merda de matéria em vez de me telefonar choramingando. Siga em frente, tente me pegar. Tente. Eu estou aqui e vou vê-lo na primeira página.

O que ele disse era verdade e eu soube disso no momento em que ouvi. Fiquei constrangido por haver telefonado, senti tanta raiva de mim quanto de Warren e de Thorson. Mas não podia deixar a coisa ficar como estava.

— Não espere tirar mais nada do seu informante, Warren. Eu vou derrubar Thorson. Ele já está nas minhas mãos. Sei que telefonou para você na madrugada de domingo, telefonou do hotel. Eu o peguei.

— Não sei do que você está falando e não converso sobre os meus informantes com ninguém.

— Não precisa. Thorson já está no papo. Se quiser falar com ele quando eu desligar, tente o esquadrão de Salt Lake City. É lá que vai encontrá-lo.

Eu continuava com muita raiva. Foi com os dentes cerrados que esperei a resposta.

— Durma bem, Jack — disse ele enfim. — O que posso lhe aconselhar é que sacuda a poeira e trate de continuar vivendo sua vidinha de merda.

— Espere um pouco, Warren. Responda só a uma pergunta. — O tom lamurioso, de súplica, de minha própria voz me irritou ainda mais. Como ele não respondesse, prossegui: — A página do meu bloco de anotações que você deixou entre as pastas, no arquivo da fundação, foi de propósito? Coisa planejada desde o começo?

— Você fez duas perguntas — disse ele, e eu adivinhei seu sorriso. — Preciso desligar.

E desligou.

Dez minutos depois, quando o avião começou a baixar, eu finalmente me senti mais calmo. Com a ajuda de uma forte Bloody Mary. O fato de agora poder alicerçar numa prova minha acusação contra Thorson também serviu para me tranquilizar. A verdade era que eu não podia culpar Warren. Ele me havia usado, mas não era outra coisa que faziam os jornalistas. Quem havia de saber disso melhor do que eu?

Em compensação, podia acusar Thorson e iria fazê-lo. Não sabia como nem quando, mas jurei fazer com que a fatura do hotel e o significado daquele telefonema chegassem ao conhecimento de Bob Backus. Queria muito ver Thorson cair do cavalo.

Ao terminar meu drinque, voltei a examinar as faturas, que eu tinha enfiado na bolsa do encosto da poltrona da frente. Guiado apenas pela curiosidade, pus-me a analisar as ligações de Thorson antes e depois do telefonema a Warren.

Tinham sido só três interurbanos em sua estada de dois dias em Phoenix, todos no espaço de meia hora. Havia a chamada para Warren às 00:41 de domingo, uma, quatro minutos antes, para um

número com o prefixo 703 e outra à região de prefixo 904, às 00:56. Imaginei que o 703 fosse o número da central do FBI, na Virgínia, porém, como nada tinha a fazer, tornei a usar o telefone. Digitei o número e obtive resposta imediata:

— FBI, Quantico.

Desliguei. Era isso mesmo. A seguir, tentei o terceiro número, embora sem ter a menor ideia de que região era o prefixo 904. O telefone tocou três vezes e a resposta foi um longo e estridente ganido — a linguagem que só os computadores entendem. Escutei até que o gemido eletrônico terminasse. Sem a conexão adequada, o computador interrompeu a ligação.

Intrigado, perguntei a informações a que região correspondia o prefixo 904 e qual era a maior cidade ali. Jacksonville, disseram. Perguntei então se a região incluía a cidade de Raiford, e a resposta foi positiva. Agradei à telefonista e desliguei.

Pelas reportagens sobre Horace Goble, eu sabia que o Instituto Correccional União ficava em Raiford. O mesmo ICU em que Horace Goble continuava cumprindo pena e onde William Gladden estivera encarcerado. Será que o telefonema de Thorson a um computador da região de prefixo 904 tinha relação com a instituição penal, com Gladden ou com Goble?

Tornei a ligar para o serviço de informações, desta vez o de prefixo 904. Pedi o número do ICU, em Raiford. Obtive o número 403, o mesmo para o qual Thorson telefonara do quarto do hotel. Reclinei-me na poltrona e me pus a refletir. Por que ele havia telefonado para a prisão? Teria entrado em conexão direta com o computador do instituto para averiguar a situação de Goble ou examinar a ficha de Gladden? Lembrei-me de que Backus dissera que iria mandar checar a situação de Goble. Era possível que tivesse designado Thorson para isso ao recebê-lo no aeroporto na noite de sábado.

Ocorreu-me outra possibilidade. Thorson me dissera, menos de uma hora antes, que Gladden tinha sido checado e excluído como suspeito. Talvez aquele telefonema fosse parte da averiguação. Mas eu não conseguia imaginar que parte. A única coisa que me parecia clara era que eu não havia sido informado de tudo que os agentes

andavam fazendo. Estava entre eles, convivendo com eles, mas fora mantido na ignorância de muita coisa.

As outras faturas não ofereceram surpresa. As de Carter e de Thompson estavam em branco. Nenhum telefonema. Backus, de acordo com a conta, ligara para um mesmo número de Quantico por volta da meia-noite de sábado e de domingo. Curioso, tornei a usar o telefone do avião. Atenderam imediatamente.

— Quantico, Setor de Operações.

Desliguei sem dizer nada. Fiquei satisfeito ao saber que Backus tinha telefonado para Quantico, do mesmo modo que Thorson, para receber ou mandar mensagens ou cuidar de outros assuntos do Bureau.

Por fim, passei a examinar as contas de Rachel. Uma estranha sensação me invadiu. Uma espécie de trepidação que eu não sentira ao estudar as outras faturas. Dessa vez, estava me sentindo como um marido desconfiado a mexer nas coisas da esposa. Era uma emoção de voyeur misturada com o sentimento de culpa.

Ela dera quatro telefonemas do quarto. Todos para Quantico, sendo que dois eram para o mesmo número chamado por Backus. O Setor de Operações. Disquei um dos outros números para os quais ela havia telefonado, e uma secretária eletrônica atendeu com a voz dela.

— Aqui é a agente especial do FBI Rachel Walling. Não posso atender no momento. Por favor, deixe seu número e uma breve mensagem. Eu retornarei assim que for possível. Obrigada.

Ela telefonara para seu próprio escritório em busca de recados. Disquei o último número para o qual ligara domingo, às 6:10 da tarde. Atendeu uma voz feminina.

— Perfis. Doran.

Desliguei sem nada dizer e me senti mal com isso. Eu simpatizava com Doran Brass, mas não a ponto de lhe pedir desculpas e explicar que só estava controlando os telefonemas de seus colegas.

Uma vez examinadas as faturas, dobrei-as e tornei a guardá-las no estojo do computador; depois, recoloquei o telefone aéreo no lugar.

Eram quase oito e meia quando cheguei ao Departamento de Polícia de Los Angeles, Divisão de Hollywood. Eu não tinha a menor ideia do que me esperava quando olhei para a fortaleza de tijolos da rua Wilcox. Tampouco sabia se encontraria Thomas àquela hora, mas esperava que, sendo o chefe das investigações de um caso recente — o assassinato da camareira —, ele ainda estivesse em atividade, de preferência ao telefone, ali mesmo, atrás daquelas paredes de alvenaria, e não na rua à procura de Gladden.

À entrada principal, havia um saguão de linóleo cinzento, dois sofás de vinil verde e um balcão, detrás do qual se encontravam três policiais fardados. À esquerda, vi a entrada de um corredor e, acima dela, uma seta e uma placa dizendo ESCRITÓRIO DOS INVESTIGADORES. Olhei para o único policial que não estava ao telefone e, como em minha habitual visita noturna, fiz-lhe um breve sinal. Estava a uns três passos do corredor quando ele me deteve.

— Espere aí, companheiro. Deseja alguma coisa?

Voltando-me para ele, eu apontei para a placa.

— Preciso ir ao escritório dos investigadores.

— Para quê?

Aproximei-me do balcão para que ninguém ouvisse a nossa conversa.

— Quero falar com o investigador Thomas.

Mostrei minha credencial de jornalista.

— Denver — disse o policial, como se eu pudesse ter esquecido o lugar de onde vinha. — Vou ver se ele está aí. Você tem entrevista marcada?

— Que eu saiba, não.

— Que tem a ver Denver com... hã... Quem fala, é Ed Thomas? Tem um cara de Denver querendo falar com você.

Ele ficou alguns momentos ouvindo, franziu o cenho ante a informação recebida, depois desligou.

— Ok, é por ali. Segunda porta à esquerda.

Eu agradei e entrei no corredor. Nas duas paredes havia dezenas de cartazes publicitários em branco e preto, todos emoldurados, e fotografias de equipes esportivas da polícia e de policiais mortos no cumprimento do dever. A porta indicada, havia uma placa que dizia HOMICÍDIO. Bati, esperei um pouco e, não obtendo resposta, abri-a e entrei.

Rachel estava sentada a uma das seis escrivaninhas da sala. As demais se encontravam vazias.

— Olá, Jack.

Eu fiz um sinal com a cabeça.

— O que o traz aqui?

— Isso deveria ser óbvio, já que você, obviamente, estava a minha espera. E Thomas, onde está?

— Em segurança.

— Por que tantas mentiras?

— Que mentiras?

— Thorson disse que Gladden não era suspeito. Que o havia checado e excluído. Foi por isso que eu vim. Achei que ele estava ou enganado ou mentindo. Por que você não me telefonou, Rachel? Tudo isso...

— Jack, eu estava ocupada com Thomas e sabia que, se telefonasse, teria de mentir para você, e não queria fazer isso.

— Certo. E mandou Thorson mentir em seu lugar. Fantástico. Foi muito melhor assim.

— Não seja infantil. Tenho coisas mais urgentes com que me preocupar do que os seus sentimentos. Desculpe. Olhe, eu estou aqui, não estou? Por quê? O que você acha? — Eu dei de ombros. — Eu sabia que você acabaria aparecendo aqui, independentemente do que Gordon lhe dissesse. Eu o conheço, Jack. Bastou telefonar para as companhias aéreas. E quando me informaram a hora prevista para o pouso do seu avião, só precisei vir esperá-lo. Só espero que

Gladden não esteja lá fora, vigiando a delegacia. Você apareceu na televisão conosco. Significa que ele, provavelmente, pensa que você é agente federal. Se o tiver visto entrar aqui, saberá que estamos preparando uma armadilha.

— Mas se ele estiver lá fora, próximo o bastante para me ver, já caiu na rede, não é mesmo? Porque você já colocou vigilância vinte e quatro horas nas imediações da delegacia, não é mesmo?

Ela esboçou um sorriso. Eu tinha razão.

Pegou um walkie-talkie na mesa e chamou o posto de comando. Eu reconheci a voz que atendeu. Era Backus. Ela lhe disse que iria chegar com um visitante. Desligou o aparelho e se levantou.

— Vamos.

— Aonde?

— Ao posto de comando. Não fica longe.

A voz lhe saiu brusca, breve, cheia de frieza para comigo. Achei difícil acreditar que tivesse feito amor com aquela mulher menos de vinte e quatro horas antes. Era como se agora eu fosse um desconhecido para ela. Acompanhei-a calado pelo corredor dos fundos da delegacia até um estacionamento privativo dos funcionários, onde um automóvel a esperava.

— Eu estou com um carro aí na frente — eu disse.

— Vai ter de deixá-lo aí mesmo por enquanto. A não ser que prefira continuar sozinho, bancando o caubói.

— Olhe, Rachel, se vocês não tivessem mentido, isto não teria acontecido. Talvez eu nem viesse para cá.

— Claro.

Ela entrou no carro e ligou o motor, depois, destravou a minha porta. Eu detestava quando faziam isso, mas entrei sem dizer nada. Ela saiu do estacionamento e rumou para o Boulevard Sunset em alta velocidade. Só voltou a falar quando um sinal fechado a obrigou a parar.

— Como você sabe o nome, Jack?

— Que nome?

— De Gladden, Jack. De William Gladden.

— Fiz minha lição de casa. E vocês? Como chegaram a ele?

— Não posso lhe contar.

— Rachel... Olhe, sou eu, está bem? Ainda ontem nós estávamos fazendo... hã... — Não fui capaz de terminar a frase com medo de que soasse como uma mentira. — Pensei que existisse alguma coisa entre nós, Rachel. Agora, você está agindo como se eu fosse um leproso ou coisa parecida. Eu não... Olhe, é informação o que você está querendo? Vou lhe contar o que sei. Descobri lendo os jornais. Uma matéria grande sobre esse cara, Gladden, no *Los Angeles Times*. Ok? A reportagem dizia que ele conheceu Horace, o Hipnotizador em Raiford. Eu simplesmente juntei as duas coisas. Não foi difícil.

— Ok, Jack.

— Agora é a sua vez.

Silêncio.

— Rachel!

— É em off?

— Você sabe muito bem que não precisa me perguntar isso.

Ela hesitou um pouco, depois pareceu ceder.

— Nós chegamos a Gladden através de duas pistas diferentes que, por acaso, surgiram ao mesmo tempo. É o que nos dá muita certeza de que ele é o nosso homem. Primeiro, o carro. O Serviço de Identificação relacionou o número de série do toca-fitas com um carro que, por sua vez, se relacionava com a Hertz. Lembra?

— Lembro.

— Pois bem, Matuzak e Mize foram ao aeroporto e rastrearam o carro. Uns esquiadores de Chicago já o haviam alugado novamente. Foi preciso buscá-lo em Sedona. Ele foi processado. Nada tinha de útil. O toca-fitas e a janela tinham sido substituídos. Mas não pela Hertz. A Hertz não sabia do arrombamento. Quem estava com o carro quando houve o furto mandou colocar uma janela nova e um toca-fitas por sua própria conta. Em todo caso, a empresa registrou o aluguel do automóvel em nome de um tal N.H. Breedlove durante cinco dias este mês, inclusive no dia em que mataram Orsulak. Breedlove o devolveu no dia seguinte. Matuzak colocou o nome no computador e achou uma pista no Sistema de Identificação. Nathan H. Breedlove era um tarado que foi descoberto durante a investigação de William Gladden, na Flórida, há sete anos. Era o

nome usado por um homem que punha anúncios nos jornais de Tampa, oferecendo serviço de fotógrafo de crianças. Abusava delas quando ficavam a sós, tirava fotos indecentes. Costumava disfarçar-se. A polícia de Tampa estava procurando esse Breedlove na época em que o caso de Gladden veio à tona. O abuso de menores no centro de amparo. Os investigadores sempre foram da opinião que Gladden era Breedlove, mas nunca conseguiram provar por causa dos disfarces. Além disso, não fizeram muita questão disso porque pensavam que ele iria passar uma longa temporada na cadeia devido ao outro caso. Enfim, quando obtivemos o nome de Gladden no Sistema de Identificação, encontramos o aviso de “procura-se” que a polícia de Los Angeles divulgou na semana passada. E chegamos aqui.

— Parece-me...

— Muito fácil? Ora, de vez em quando a gente constrói a própria sorte.

— Você já me disse isso.

— Porque é verdade.

— Por que ele usaria um nome falso que já era conhecido em outro lugar?

— Muitos desses caras gostam da tradição. Por outro lado, ele é um bom filho da puta. Deu para perceber pelo fax.

— Mas ele usou um nome completamente diferente quando foi preso pela polícia de Santa Monica na semana passada. Por que ele...

— Eu só posso lhe contar o que sei, Jack. Se ele é tão esperto quanto parece, com certeza tem várias identidades falsas. Não vai ser difícil detectá-las. O escritório regional de Phoenix está providenciando uma intimação para a Hertz. Queremos a história completa dos alugueis de Breedlove nos últimos três anos. Ele é um antigo cliente da Hertz Gold. O que mostra, uma vez mais, quanto é esperto. Está cadastrado em quase todos os aeroportos. Basta-lhe procurar o balcão da Gold, ao desembarcar, e há um carro a sua disposição, já com a chave no contato. Ele nem precisa conversar com um funcionário. Entra no carro, mostra a carteira de motorista na saída e pronto.

— Ok. E a outra coisa? Você disse que as pistas eram duas.

— Os Melhores Amigos. Hoje de manhã, na Flórida, Ted Vincent e Steve Raffa finalmente conseguiram ter acesso à ficha de Beltran na organização. Ele foi o Melhor Amigo de nove meninos ao longo dos anos. O segundo que patrocinou, há coisa de dezesseis anos, era Gladden.

— Nossa!

— É. As peças estão começando a se encaixar.

Fiquei em silêncio, avaliando as informações que ela acabava de revelar. As investigações progrediam rapidamente. Estava na hora de pôr o cinto de segurança.

— Como é possível que o escritório regional daqui não tenha detectado esse cara? Ele apareceu nos jornais.

— Boa pergunta. Bob também está interessado nisso. O alerta de Gordon chegou ontem à noite. Qualquer um poderia ter somado dois e dois. Mas nós descobrimos primeiro.

A burocracia simplesmente tinha dormido no ponto. Coisa típica. Eles teriam chegado muito mais depressa a Gladden se o escritório de Los Angeles estivesse um pouco mais alerta.

— Você conhece Gladden, não? — perguntei.

— Conheço. Eu mesma o entrevistei quando estávamos fazendo a pesquisa. Já lhe contei. Sete anos atrás. Ele e Gomble, entre outros, naquele inferno da Flórida. Acho que a nossa equipe, Gordon, Bob e eu, passou uma semana lá. Eram tantos os candidatos às entrevistas!

Fiquei tentado a trazer à baila o telefonema de Thorson ao computador da prisão, mas achei melhor não fazê-lo. Já era muito ter conseguido fazer com que ela voltasse a conversar comigo como um ser humano. Contar-lhe que eu tinha vasculhado as faturas do hotel não era a melhor maneira de garantir que ela continuasse me dirigindo a palavra. Aquele dilema também criava um problema para dar o troco a Thorson. Mas era melhor ficar calado por enquanto.

— Você acha que existe uma ligação entre o suposto uso do hipnotismo por parte de Gomble e o que se descobriu sobre o Poeta? — perguntei. — Quer dizer, talvez Gomble lhe tenha ensinado a hipnotizar.

— É possível.

Ela voltara a dar respostas lacônicas.

— É possível — repeti com um matiz de sarcasmo.

— Pode ser que eu vá à Flórida conversar novamente com Goble. E vou lhe perguntar isso. Até que eu tenha uma resposta positiva ou negativa, é possível. Ok, Jack?

Entramos numa rua que passava atrás de uma série de antigos hotéis e lojas. Ela finalmente diminuiu a velocidade e eu pude soltar as mãos agarradas ao banco.

— Mas você não pode ir à Flórida agora, pode?

— Depende de Bob. Mas aqui estamos perto de Gladden. Por enquanto, acho que Bob quer concentrar todos os esforços em Los Angeles. Gladden está aqui. Ou por perto. A gente sente isso. Antes de mais nada, nós temos de prendê-lo. Depois podemos nos preocupar com as outras coisas, com a motivação psicológica etc. Então, teremos de ir para a Flórida.

— Para quê? Para acrescentar dados aos estudos sobre os criminosos seriais?

— Não. Quer dizer, sim, é isso também, mas principalmente para preparar o inquérito. Um cara desses acaba sempre alegando insanidade. É a sua única escolha. Significa que teremos de estudar sua psicologia. E mostrar que ele sabia o que estava fazendo, que era capaz de distinguir o certo do errado. A mesma coisa de sempre.

Ver o Poeta no banco dos réus nunca me passara pela cabeça. Percebi que eu partia do princípio de que ele não seria capturado vivo. E tal ideia, eu sabia, vinha de meu desejo de que ele não continuasse vivendo depois do que fizera.

— Qual é o problema, Jack, não quer que ele vá a julgamento? Quer que o matemos quando o encontrarmos?

Olhei para ela. As luzes das janelas que passavam brilhavam em seu rosto e, durante um breve momento, eu vi seus olhos.

— Eu não tinha pensado nisso.

— Claro que tinha. Você gostaria de matá-lo, Jack? Se tivesse um momento a sós com ele e não houvesse consequências a temer, não o mataria? Acha que isso poria as coisas no lugar?

Era um tema que não me agradava discutir com ela. Tinha a sensação de que seu interesse era mais que meramente passageiro.

— Não sei — respondi enfim. — E você? Seria capaz de matá-lo? Você já matou alguém, Rachel?

— Se tivesse oportunidade, eu o mataria num piscar de olhos.

— Por quê?

— Porque eu conheci os outros. Olhei-os nos olhos e sei o que há naquela escuridão. Se pudesse, acho que os mataria.

Esperei que ela continuasse, mas não continuou. Estacionou o carro perto de dois outros Caprice parecidos, atrás de um antigo hotel.

— Você não respondeu à segunda pergunta.

— Não. Eu nunca matei ninguém.

Entramos pela porta dos fundos num corredor pintado em duas tonalidades: de um verde sujo e amarelado até a altura dos olhos, de um branco sujo até o alto. Rachel dirigiu-se à primeira porta à esquerda, bateu, e nós fomos convidados a entrar. Era um quarto de hotel ordinário que teria passado por uma *kitchenette* nos anos 60, quando deve ter sofrido sua última reforma completa. Backus e Thorson nos aguardavam a uma velha mesa de fórmica, junto à parede, sobre a qual havia dois telefones na mesa que pareciam recém-instalados. Havia também uma espécie de baú de alumínio de um metro de altura a um canto, cuja tampa aberta deixava ver um conjunto de três monitores de televisão. Os cabos que saíam da parte de trás do baú estendiam-se pelo chão e saíam pela janela aberta apenas o suficiente para deixá-los passar.

— Jack, não posso dizer que me alegra vê-lo — disse Backus, se bem que com um sorriso torcido nos lábios, ao levantar-se e apertar minha mão.

— Lamento — respondi, ainda sem saber por quê. Depois, olhei para Thorson. — Não tinha intenção de invadir seu esconderijo, mas recebi informações erradas.

Passou-me pela cabeça a ideia das faturas do hotel, dos telefonemas, mas preferi deixar isso para depois. Não era o momento certo.

— Bem — respondeu Backus. — Sou obrigado a reconhecer que tentamos despistá-lo um pouco. Achamos que seria melhor terminar este trabalho sem nenhum estorvo.

— Vou fazer o possível para não estorvar ninguém.

— Já está estorvando — disse Thorson.

Não fiz caso dele, continuei olhando para Backus.

— Sente-se — convidou ele.

Rachel e eu ocupamos as duas cadeiras restantes à mesa.

— Imagino que você saiba o que está acontecendo.

— Imagino que vocês estejam vigiando Thomas.

Voltei-me para ver os monitores e, pela primeira vez, examinei o que cada um deles mostrava. No de cima, vi um corredor não muito diferente do de fora, por onde acabávamos de passar. Com várias portas dos dois lados, todas fechadas e numeradas. O seguinte mostrava a fachada de um pequeno hotel. Na bruma azulada do vídeo, apenas distingui as palavras do luminoso no alto HOTEL MARK TWAIN. O monitor de baixo exibia uma vista lateral do que imaginei que fosse o mesmo hotel.

— É o lugar onde estamos? — perguntei.

— Não — respondeu Backus. — É onde está o investigador Thomas. Nós nos encontramos a mais ou menos uma quadra de lá.

— Não é lá grande coisa. Parece que não pagam bem nesta cidade.

— Não é a casa dele. Mas os investigadores da delegacia de Hollywood costumam usar esse hotel para esconder testemunhas ou mesmo para dormir quando estão trabalhando vinte e quatro horas por dia num caso. O investigador Thomas preferiu ficar lá do que em casa.

— Bem, isto responde a minha pergunta seguinte. Ainda bem que vocês lhe contaram que ele está sendo usado como isca.

— Você está consideravelmente mais cínico do que quando nos vimos pela última vez esta manhã.

— Vai ver que é porque eu sou cínico.

Desviando o olhar, examinei uma vez mais o jogo de monitores. Backus falou às minhas costas:

— Temos câmeras de vigilância em três pontos conectadas com uma antena móvel aqui no telhado. O pessoal do escritório regional e a unidade de elite da polícia de Los Angeles também estão vigiando Thomas dia e noite. Ninguém pode se aproximar dele. Nem mesmo na delegacia. Ele está absolutamente em segurança.

— Espere até a coisa chegar ao fim. Então você me diz.

— Eu direi. Mas, até lá, você vai ter de ficar de fora, Jack.

Tornei a olhar para ele com o ar mais intrigado de que era capaz.

— Você sabe muito bem do que se trata — prosseguiu Backus, sem acreditar em minha expressão. — Estamos no estágio mais crítico. Ele está na nossa mira e, francamente, Jack, você precisa sair do caminho.

— Eu estou fora do caminho e vou continuar. Nosso trato continua em pé, nada do que eu vir sairá no jornal enquanto você não der um ok. Mas não vou voltar a Denver e esperar. Eu estou bem próximo... E isso significa muito. Você precisa me deixar entrar novamente.

— Isto aqui pode levar semanas. Lembre-se do fax. Ele só disse que a sua próxima vítima estava na mira. Não disse quando aconteceria. Não deu prazo algum. Não sabemos quando ele tentará matar Thomas.

Eu sacudi a cabeça.

— Não importa. Por mais que demore, quero tomar parte na investigação. Eu cumpro a minha parte no acordo.

Estabeleceu-se um silêncio desconfortável no quarto. Backus se levantou e se pôs a andar no carpete às minhas costas. Eu olhei para Rachel. Ela estava olhando para baixo, para a mesa, com ar contemplativo. Eu joguei minha última cartada:

— Tenho de escrever uma matéria amanhã, Bob. Meu editor está contando com isso. Se não quer vê-la publicada, inclua-me na brincadeira. É a única maneira que tenho de convencê-lo a segurar a coisa. Não há outra saída.

Thorson reagiu com um muxoxo e um gesto de desdém.

— É uma encrenca — disse. — Bob, se você continuar cedendo, aonde esse cara vai querer chegar?

— A única vez que houve encrenca foi quando mentiram para mim e me deixaram fora da investigação, que, aliás, fui eu que comecei.

Backus olhou para Rachel.

— O que você acha?

— Não pergunte nada a ela — interveio Thorson. — Sou capaz de adivinhar o que ela vai dizer.

— Se você tem alguma coisa a dizer a meu respeito, diga logo — desafiou-o Rachel.

— Chega, pessoal — disse Backus, erguendo as mãos feito um árbitro. — Vocês dois não desistem nunca, hein? Jack, você fica. Por enquanto. O mesmo trato de antes. Ou seja, nenhuma matéria amanhã. Entendido?

Eu fiz que sim. Olhei para Thorson, que já se havia levantado e estava indo para a porta, derrotado.

O Hotel Wilcox, como eu soube que se chamava, tinha quarto para mais um, principalmente quando o recepcionista noturno foi informado de que eu estava com o pessoal do governo já hospedado e me dispunha a pagar o preço mais alto, trinta e cinco dólares por noite. Foi o único hotel em que, ao apresentar-me, tive uma nervosa sensação de mau agouro ao fornecer o número de meu cartão de crédito. O sujeito do balcão parecia já ter tomado meia garrafa só no turno daquela noite. Também dava a impressão de que era o quarto ou quinto dia em que achara desnecessário fazer a barba. Não olhou uma só vez para mim durante os procedimentos da hospedagem — que duraram longos cinco minutos, a maior parte dos quais ele passou procurando uma caneta até finalmente aceitar a minha emprestada.

— Mas, afinal, o que é que vocês vieram fazer aqui? — perguntou ao me entregar uma chave, cuja placa com o número do quarto estava tão desgastada e carcomida quanto a fórmica do balcão.

— Ninguém lhe contou? — disse eu, fingindo surpresa.

— Picas. Eu só estou vendo essa gente chegar. Mais nada.

— Estamos investigando o golpe do cartão de crédito. Anda acontecendo muito por aqui.

— Porra!

— Aliás, qual é o quarto da agente Walling?

Custou-lhe meio minuto para decifrar os registros que ele mesmo havia feito.

— É o dezessete.

Meu quarto era minúsculo e, quando eu me sentava na beira da cama, o colchão afundava pelo menos quinze centímetros, sendo que o outro lado se erguia em igual proporção, acompanhado do protesto das velhas molas. Ficava no andar térreo, tinha mobília escassa, mas em bom estado e um antigo ranço de cigarro. As persianas amareladas estavam erguidas, e eu vi que a única janela era protegida por uma grade de metal. Em caso de incêndio, ficaria literalmente engaiolado se não tivesse tempo de sair pela porta.

Munido do tubo de dentifrício tamanho viagem e da escova dobrável que trazia na fronha, fui para o banheiro. Queria livrar-me do gosto da Bloody Mary do avião. Precisava estar pronto para qualquer eventualidade com Rachel.

Os banheiros dos hotéis velhos são sempre o que há de mais deprimente. Este era um pouco maior que as cabines telefônicas que eu costumava ver nos postos de gasolina quando era menino. A pia, o vaso e o box portátil do chuveiro se aglomeravam de forma caótica no reduzido espaço, tudo provido de bem distribuídas manchas de ferrugem. Quem abrisse a porta quando eu estava sentado na privada certamente me arrancaria as rótulas. Ao retornar ao espaço relativamente amplo do quarto, olhei para a cama e compreendi que não queria voltar a me sentar nela. Não queria nem sequer dormir ali. Decidi arriscar: deixei meu computador, a fronha cheia de roupa e saí.

Rachel atendeu tão depressa à leve batida na porta do dezessete, que cheguei a pensar que já estava a minha espera. Fez com que eu entrasse rapidamente.

— O quarto de Bob fica bem em frente — cochichou à guisa de explicação. — O que foi?

Não respondi. Passamos um bom tempo entreolhando-nos, um esperando que o outro tomasse a iniciativa. Por fim, dei um passo à frente e a beijei demoradamente. Rachel se mostrou tão entregue quanto eu, coisa que serenou muitas das preocupações que me fermentavam no cérebro. Ela interrompeu o beijo e me abraçou com força. Eu examinei o quarto por cima de seu ombro. Embora fosse maior que o meu e com móveis talvez uma década mais novos, não era menos deprimente. O computador dela encontrava-se em cima

da cama e havia papéis espalhados na velha colcha amarela sobre a qual milhares de pessoas tinham se deitado, trepado, peidado e brigado.

— Engraçado — ela sussurrou —, nós nos separamos hoje de manhã e eu já estava com saudade.

— Eu também.

— Desculpe, Jack, mas não quero fazer amor nessa cama, neste quarto, neste hotel.

— Tudo bem — respondi com cavalheirismo, se bem que já arrependido de minhas palavras. — Eu entendo. E olhe que, em comparação com o meu quarto, você está numa suíte de luxo.

— Teremos de esperar, mas depois nos vingaremos.

— É. Mas por que ficar hospedados aqui?

— Bob quer estar o mais perto possível. Para podermos agir depressa se ele aparecer.

Eu fiz que sim.

— E não podemos sair um pouco? Beber alguma coisa? Deve haver um bar por perto.

— Duvido que seja melhor que isto aqui. Não. Vamos ficar conversando.

Foi para a cama, colocou os papéis e o computador em outro lugar e se sentou, reclinando-se num travesseiro à cabeceira. Eu me acomodei na única cadeira do quarto, cujo assento tinha a marca de um profundo corte à faca coberto por um esparadrapo.

— Sobre o que quer conversar, Rachel?

— Não sei. O repórter é você. Imaginei que fosse me perguntar alguma coisa.

Ela sorriu.

— Sobre o caso?

— Sobre o que você quiser.

Fiquei um bom tempo olhando para ela. Decidi começar com algo simples e ver aonde conseguia chegar.

— Como é esse Thomas?

— Boa gente. Para um local. Não chega a colaborar muito, mas não se pode dizer que seja sacana.

— Como assim não chega a colaborar muito? Está se deixando usar como isca humana, será que não basta?

— Acho que sim. Talvez seja eu. Nunca me dou bem com as polícias locais.

Passei da cadeira para a cama, a seu lado.

— E daí? Você não é obrigada a se dar bem com todo mundo.

— É verdade — sorriu ela novamente. — Sabe, há uma máquina de refrigerantes no saguão.

— Está com sede?

— Não, mas você disse que queria beber.

— Sim, mas estava pensando em algo mais forte. Mas tudo bem. Estou feliz assim.

Ela estendeu a mão e me acariciou a barba. Quando parou, eu a segurei e a mantive junto a mim.

— Você acha que é a intensidade do que estamos fazendo e as coisas com que estamos envolvidos que vêm provocando isto? — perguntei.

— Em oposição a quê?

— Sei lá. Só estou perguntando.

— Eu sei o que você está querendo dizer — murmurou ela após uma longa reflexão. — Confesso que nunca fiz amor com ninguém apenas trinta e seis horas depois de tê-lo visto pela primeira vez na vida.

Sorriu, e eu senti uma deliciosa emoção.

— Nem eu.

Ela se aproximou e nós nos beijamos outra vez. Eu me voltei, e os dois mergulhamos num beijo ardente e apaixonado. Só que nosso ninho era a colcha puída de um encardido quarto de hotel inaugurado havia mais de trinta anos. Mas isso já não importava. Em breve, meus beijos foram descendo por seu pescoço, e nós fizemos amor.

* * *

Não cabíamos os dois no banheiro e muito menos no box, de modo que Rachel foi primeiro. Enquanto ela tomava banho, eu fiquei na

cama, pensando nela e com vontade de fumar.

Não tive certeza por causa do barulho do chuveiro, mas houve um momento em que acreditei ter ouvido uma leve batida na porta. Alerta, eu me sentei e tratei apressadamente de vestir a calça. Fiquei atento, porém não ouvi mais nada. Então, vi claramente a maçaneta girar, ou acreditei ter visto. Levantei-me e, ao mesmo tempo em que acabava de vestir a calça, aproximei-me da porta e nela encostei o ouvido. Nada. Havia um olho mágico, mas hesitei em espiar por ali. A luz do quarto estava acesa e, se eu olhasse, quem estivesse do lado de fora perceberia imediatamente.

Rachel desligou o chuveiro naquele momento. Passados alguns instantes, como não ouvia ruído algum no corredor, arrisquei espiar pelo olho mágico. Não vi ninguém.

— Que está fazendo?

Voltei-me. Rachel se encontrava junto à cama, enrolada na pequena toalha do quarto,

— Acho que bateram na porta.

— Quem era?

— Sei lá. Não vi ninguém aí fora. Talvez tenha sido uma falsa impressão. Tudo bem se eu for tomar banho?

— Claro.

Tirei a calça e, quando estava passando por ela, parei. Rachel deixou cair a toalha, mostrando-me o corpo. Eu a achava linda. Abracei-a e assim ficamos um bom tempo.

— Volto já — eu disse por fim, e entrei embaixo do chuveiro.

* * *

Rachel já se vestira quando saí. Consultei o relógio, que eu havia deixado no criado-mudo, e vi que eram onze horas. Havia um castigado televisor no quarto, mas preferi não sugerir que assistíssemos ao noticiário. Lembrei-me de que não tinha jantado, mas não estava com fome.

— Não estou com sono — disse ela.

— Nem eu.

— Pensando bem, até que a gente podia procurar um lugar onde beber alguma coisa.

Eu me vesti, e nós saímos do quarto sem ruído. Ela olhou para fora primeiro, para ver se Backus, Thorson ou algum outro agente estava por perto. Não encontramos ninguém no corredor nem no saguão e, lá fora, a rua estava escura e deserta. Fomos para o sul, para o Sunset.

— Trouxe sua arma? — eu perguntei meio de brincadeira, meio a sério.

— Sempre a trago comigo. Além disso, há o nosso pessoal por aí. Eles certamente nos viram sair.

— É mesmo? Pensei que estivessem de olho só em Thomas.

— E estão. Mas precisam saber muito bem quem está na rua a qualquer hora. Se estiverem trabalhando direito, já nos viram.

Eu dei meia-volta e retornei alguns passos, olhando para o luminoso verde do Mark Twain. Olhei para a rua, para os carros estacionados em ambos os lados. Não via as sombras nem as silhuetas dos agentes ou dos policiais de campana.

— Quantos estão aqui fora?

— Deveriam ser cinco. Dois a pé, em posições fixas, dois em automóveis, estacionários, e um carro em movimento. O tempo todo.

Virei-me novamente e ergui a gola do paletó. Estava mais frio do que eu esperava. Nossa respiração saía em rarefeitas nuvens que se misturavam e desapareciam no ar.

Chegando ao Sunset, olhei para os dois lados e vi, a oeste, um letreiro de néon, sobre uma entrada em arco, que dizia CAT & FIDDLE BAR. Apontei para lá, e Rachel me acompanhou. Caminhamos calados até chegar.

Passando pelo arco, entramos num jardim aberto com várias mesas sob guarda-sóis de lona. Todas vazias. Pelas janelas, vimos um lugar que dava a impressão de ser animado e acolhedor. Entramos e nos sentamos a uma mesa no lado oposto ao dos alvos para dardos. Era um pub ao estilo inglês. Quando a garçonete se aproximou, Rachel mandou-me pedir primeiro. Escolhi uma *black and tan*, ela resolveu tomar a mesma coisa.

Ficamos olhando a nossa volta e conversando sobre generalidades até que a bebida chegasse. Brindamos e bebemos. Eu a observei. Tinha certeza de que era a primeira vez que tomava uma *black and tan*.

— A Harp, que é mais pesada, fica no fundo. A Guinness, em cima.

Ela sorriu.

— Quando você pediu *black and tan*, pensei que fosse uma marca. Mas é gostosa. Um pouco forte.

— Uma coisa que os irlandeses sabem fazer bem é cerveja. Os ingleses são obrigados a reconhecer.

— Se eu tomar duas, você terá de me carregar até o hotel.

— Duvido.

Imergimos num confortável silêncio. Havia uma lareira na parede dos fundos, e o calor de seu fogo se espalhava pelo recinto.

— John é o seu nome verdadeiro? — Eu fiz que sim. — Não sou irlandesa, mas sempre pensei que Sean fosse o nome irlandês correspondente a John.

— Sim, é a versão gaélica. Como éramos gêmeos, meus pais decidiram... quer dizer, foi minha mãe.

— Acho bonito.

Tendo tomado alguns goles, comecei a fazer perguntas sobre o caso.

— Fale-me de Gladden.

— Não há muito que contar.

— Ora, você o conhece. Entrevistou-o. Deve ter uma noção de quem ele é.

— Ele não colaborou muito. Havia impetrado um recurso e não confiava em nós, temia que usássemos contra ele o que porventura dissesse. Nós todos nos revezamos, tentando fazer com que se abrisse. Por fim, acho que foi ideia de Bob, ele concordou em falar conosco na terceira pessoa. Como se o autor do crime pelo qual ele tinha sido condenado fosse outra pessoa.

— Bundy também fez isso, não?

Eu me lembrava do fato pela leitura de um livro.

— Fez. Muitos fizeram isso. Era um subterfúgio para garantir que as suas declarações não iriam prejudicá-los. Em sua maior parte, esses homens tinham um ego tremendo. Queriam falar, mas precisavam ter certeza de que não sofreriam represálias legais. Gladden era assim. Principalmente porque tinha um recurso pendente.

— Deve ser impressionante relacionar-se, ainda que superficialmente, com um criminoso desses.

— É verdade. Mas tenho certeza de que, se algum dos que nós entrevistamos tivesse sido solto como Gladden, nós estaríamos a sua procura agora. Esses caras não se regeneram, Jack, não se reabilitam nunca. São o que são.

Ela o disse em tom de advertência, era a segunda vez que me falava nesse tom. Fiquei pensando alguns momentos, tentando adivinhar se ela estava tentando me dizer alguma outra coisa. Ou será que a advertência se dirigia a ela mesma?

— E que foi que ele disse? Falou de Beltran ou dos Melhores Amigos?

— Claro que não, do contrário eu teria me lembrado quando visse o nome de Beltran na lista de vítimas. Mas deu a costumeira desculpa do abuso sexual. Disse que foi sexualmente agredido quando menino. Reiteradamente. Tinha mais ou menos a idade das crianças que, mais tarde, ele atacaria em Tampa. Compreende? É o ciclo. Um padrão que se repete com frequência. Eles ficam fixados em si mesmos na etapa da vida em que foram... arruinados.

Eu balancei a cabeça mas não disse nada, queria que ela continuasse.

— Durante três anos — prosseguiu Rachel —, dos nove aos doze anos de idade. Os episódios eram frequentes e incluíam sexo oral e penetração anal. Ele não nos contou quem lhe tinha feito isso, limitou-se a dizer que não era parente seu. Disse também que não contou nada à mãe porque tinha medo daquele homem, que exercia alguma autoridade em sua vida. Bob tentou investigar isso, mas não chegou a nada. Gladden não tinha dado informações suficientes para que descobríssemos o culpado. Já estava com vinte e poucos anos na época, e o abuso havia ocorrido anos antes. Não teríamos podido

fazer nada, mesmo que descobríssemos o autor. Nem conseguimos encontrar sua mãe para lhe fazer perguntas. Foi embora de Tampa depois da prisão dele e de toda a publicidade do caso. É claro que agora podemos deduzir que se tratava de Beltran.

Eu fiz que sim. Tinha terminado minha cerveja, mas Rachel ia bebendo muito devagar. Não estava gostando. Fiz um sinal para a garçonete e pedi um Amstel Light para ela. Disse-lhe que terminaria de beber a *black and tan*.

— E como foi que cessou? O abuso.

— É uma ironia que se repete com frequência. A coisa acabou quando ele ficou velho demais para Beltran. Este o rejeitou e foi procurar outra vítima. Todos os garotos que ele patrocinou através do Melhores Amigos estão sendo localizados e entrevistados. Tenho certeza de que todos sofreram abuso. Ele é a origem de todo esse mal, Jack. Não se esqueça disso quando estiver escrevendo. Beltran recebeu o que merecia.

— Dá a impressão de que você simpatiza com Gladden.

Eu acabava de dizer uma tolice. Seus olhos fuzilaram de raiva.

— Você está coberto de razão. Eu simpatizo com ele. Mas isso não significa que perdoe uma só das coisas que ele anda fazendo nem que não o abateria com um tiro se tivesse oportunidade. Mas não foi Gladden que inventou o monstro que vive dentro dele. Foi criado por outra pessoa.

— Ok, eu não estava tentando sugerir...

A garçonete chegou com a bebida e me salvou de cometer outro erro. Peguei a *black and tan* de Rachel e tomei um longo trago, esperando que o mal-entendido se desfizesse.

— Mas, à parte o que ele lhe contou — perguntei —, que impressão você teve de Gladden? Ele deu a impressão de ser inteligente e astuto como todos imaginam que é?

Ela refletiu um pouco antes de responder.

— William Gladden sabia que o seu apetite sexual era legal, social e culturalmente inaceitável. Era uma coisa que o incomodava muito. Eu acredito que ele estava em guerra consigo mesmo, lutava por compreender suas necessidades e desejos. Queria nos contar a sua história, fosse na terceira pessoa ou não, e acho que, falando de

si, ele tinha esperança de ajudar-se e talvez a outras pessoas na mesma situação. Em minha opinião, esse dilema mostra que ele é muito inteligente. Quer dizer, quase todos os que eu entrevistei eram verdadeiros animais. Máquinas. Fizeram o que fizeram quase por instinto, como se estivessem programados para isso, como se fossem obrigados. E o fizeram sem pensar. Gladden era diferente. Portanto, a resposta é sim, acho que ele é inteligente como pensamos, talvez mais do que isso.

— Acho esquisito o que você está dizendo, sabe? Que a coisa o incomodava. Nem parece o cara que estamos procurando. Este dá a impressão de ter tanta consciência do que faz quanto Hitler.

— Tem razão. Mas nós temos provas de que muitos criminosos desse tipo mudam, evoluem. Mesmo sem tratamento médico, seja qual for, há precedentes de gente como William Gladden que acaba evoluindo para alguém como o Poeta. O decisivo é que as pessoas mudam. Depois das entrevistas, ele passou mais um longo ano na prisão. Só então o seu recurso foi aceito e ele acabou ganhando a liberdade. Os pedófilos são muito maltratados pelos outros presos, por isso tendem a unir-se, a formar núcleos, na cadeia, como na sociedade livre. Por isso ele ficou amigo de Gumble assim como de outros tarados em Raiford. O que estou querendo dizer é que não me surpreende que o homem que eu entrevistei há tantos anos tenha se transformado no Poeta. Posso imaginar como aconteceu.

As súbitas gargalhadas e os aplausos, na área do alvo de dardos, me distraíram. O campeão da noite estava sendo coroado.

— Chega de falar em Gladden — disse Rachel quando tornei a olhar para ela. — É deprimente.

— Tudo bem.

— E você?

— Também estou deprimido.

— Não. Estou perguntando se já conseguiu falar com o editor do jornal. Contou-lhe que está na investigação novamente?

— Não, ainda não. Tenho de telefonar amanhã cedo dizendo que não vou mandar nenhuma matéria por enquanto, mas que estou “dentro” novamente.

— Qual será a reação dele?

— Nada boa. Vai querer continuar publicando a série de qualquer jeito. O assunto está avançando feito uma locomotiva. Toda a imprensa se meteu, e a gente tem de ficar jogando matérias na fornalha para que o trem ande. Mas, com os diabos. Ele tem outros repórteres. Pode colocar um deles no caso e ver o que ele consegue. Não há de ser muita coisa. Por outro lado, Michael Warren provavelmente vai publicar outra exclusiva no *Los Angeles Times*, e eu vou ficar na merda.

— Você é cínico.

— Sou realista.

— Não se preocupe com Warren. Gor... a pessoa que deixou vaziar a notícia não voltará a fazê-lo. Seria arriscado. Bob não toleraria.

— Parece que você cometeu um ato falho, hein? Bem, vamos ver.

— Como foi que você se tornou tão cínico, Jack? Eu pensava que só os tiras curtidos, de meia-idade, fossem assim.

— Acho que eu já nasci cínico.

— Aposto que sim.

* * *

Estava mais frio quando voltamos. Tive vontade de pôr a mão no ombro de Rachel, mas sabia que ela não permitiria. Havia olhos na rua, era melhor não tentar. Quando estávamos chegando ao hotel, lembrei-me de uma história.

— Você sabe, quando a gente é adolescente, no colégio há sempre aqueles fofoqueiros que adoram espalhar por aí quem está apaixonado por quem, quem está com tesão por quem, não é?

— É, eu me lembro.

— Bem, havia uma garota, e eu arrastava um bonde por ela. Mas acontece que... não lembro bem como aconteceu, só sei que começaram a dizer que eu estava apaixonado por ela. Quando isso acontecia, a gente geralmente esperava para ver como a pessoa reagia. Era aquela situação: eu sabia que aquela menina sabia que eu gostava dela e ela sabia que eu sabia que ela sabia, compreende?

— Sim.

— Mas o problema era que eu me sentia inseguro e... sei lá. Um dia eu me encontrava no ginásio, nas arquibancadas. Acho que ia assistir a uma partida de basquete ou algo assim, e muita gente já estava chegando. Então, ela entrou com uma amiga, e as duas começaram a percorrer as arquibancadas à procura de um lugar. Ela me viu e acenou. Foi um daqueles momentos decisivos na vida e... E eu fiquei paralisado. E... então... virei e olhei para trás para ver se não era para outra pessoa que ela estava acenando.

— Que loucura, Jack! — sorriu Rachel, sem levar a história a sério como eu estava levando. — E o que ela fez?

— Quando eu voltei a olhar para a frente, ela virou o rosto sem jeito. Compreende? Eu a deixei numa situação difícil ao provocar o boato e, depois, numa situação mais difícil ainda ao virar-me para trás... como se a estivesse esnobando... Pouco tempo depois, ela começou a namorar outro rapaz. Acabou se casando com ele. E eu demorei muito a esquecê-la.

Aproximamo-nos do hotel em silêncio. Abri a porta para Rachel e olhei para ela com um sorriso amargo e constrangido. Haviam se passado tantos anos, mas aquele episódio ainda me perturbava.

— A história é essa — concluí. — Prova que eu já era cínico naquele tempo.

— Todo mundo tem histórias assim — disse ela como para encerrar o assunto.

Atravessamos o saguão. O porteiro noturno ergueu a cabeça e fez um gesto breve para nós. Sua barba parecia ter crescido ainda mais nas últimas horas. Na escada, Rachel parou e, cochichando para não ser ouvida por ninguém mais, pediu-me que não subisse.

— Acho melhor cada um ir para o seu quarto.

— Mas eu posso acompanhá-la, não há nada demais.

— Não, não precisa.

Olhou para o balcão. O porteiro tinha baixado a cabeça e voltara a ler um jornal sensacionalista. Rachel tornou a me fitar, beijou-me no rosto e disse boa-noite em voz baixa. E eu fiquei ali, parado, vendo-a subir.

* * *

Tinha certeza de que não conseguiria dormir. Muita coisa em que pensar. Eu havia dormido com uma mulher lindíssima e, depois, percebera que estava me apaixonando por ela. Não sabia ao certo o que era o amor, mas tinha certeza de que a aceitação fazia parte dele. Era o que eu sentia por Rachel. Uma qualidade rara em minha vida, e eu achava sua proximidade ao mesmo tempo emocionante e inquietante.

Quando saí à porta do hotel para fumar um cigarro, a sensação de inquietude aumentou e me contagiou o pensamento. Tornei a me lembrar da velha história, a sentir o constrangimento de outrora, a me perguntar o que era aquilo que continuava gravado em minha mente tantos anos depois do episódio nas arquibancadas. Admirava-me a persistência de certas recordações, a maneira precisa como podiam ser revividas. Eu não contara tudo a Rachel sobre a garota do colégio. Não lhe contara o fim da história, que a garota era Riley e que o rapaz com quem ela começou a namorar e acabou se casando não era outro senão meu irmão. E não sabia por que tinha omitido essa parte.

Estava sem cigarros. Tornei a entrar no saguão para perguntar ao porteiro onde poderia comprar um maço. Ele me mandou voltar ao Cat & Fiddle. Notei que havia um maço aberto de Camels ao lado da pilha de jornais tabloides, mas ele não me ofereceu nenhum e eu não pedi.

Fui sozinho até o Sunset, voltei a pensar em Rachel e comecei a ficar preocupado com uma coisa que havia notado quando fazíamos amor. Nas três vezes em que estivéramos juntos na cama, ela se havia entregado por completo. No entanto, eu diria que fora decididamente passiva também. Deixava o controle por minha conta. Eu esperei as pequenas nuances de mudança na segunda e na terceira ocasião em que nos amamos, cheguei até a hesitar em meus movimentos e escolhas para que ela tomasse a iniciativa, mas isso não aconteceu. Mesmo no momento supremo em que eu a penetrava, era minha a mão que tateava à porta. Três vezes.

Nenhuma outra mulher com que eu dormira o mesmo número de ocasiões havia tido o mesmo comportamento.

Eu não via mal nisso e tampouco me sentia incomodado. Mesmo assim, achava aquilo curioso. Pois sua passividade naqueles momentos horizontais contrastava muito com sua postura nos momentos verticais. Quando não estávamos na cama, ela de certo exercitava ou tentava exercitar o controle e a iniciativa. Eu tinha a impressão de que era justamente aquela sutil contradição que a tornava tão fascinante para mim.

Quando parei no Sunset, em frente ao bar, e olhei para atravessar a rua, minha visão periférica detectou um movimento a minha esquerda, a distância. Voltando o rosto, distingui a forma de uma pessoa agachando-se à sombra da entrada de uma loja fechada. Senti um calafrio, mas não me movi. Passei vários segundos olhando para o lugar onde vira a sombra esgueirar-se. A porta estava a uns vinte metros de distância. Eu tinha certeza de que se tratava de um homem e de que ele ainda estava lá, provavelmente observando-me na escuridão enquanto eu o observava.

Dei quatro passos decididos na direção da loja e parei de repente. Era um blefe, mas, como ninguém saiu correndo do esconderijo, resultou que eu tinha blefado comigo mesmo. Senti o coração bater mais forte. Sabia que devia ser apenas um mendigo procurando um lugar onde dormir. Sabia que podia haver centenas de explicações. Mas estava com medo. Talvez fosse um mero transeunte. Talvez fosse o Poeta. Numa fração de segundo, uma miríade de possibilidades me passou pela cabeça. Eu tinha aparecido na televisão. O poeta assistira ao noticiário. Havia feito sua escolha. A entrada escura da loja ficava no meu caminho para o Wilcox Hotel. Eu não podia voltar. Virando-me rapidamente, tratei de atravessar a rua e entrar no bar.

A buzina de um carro me fez saltar para trás. Eu não corra perigo. O automóvel que ecoou as gargalhadas de um grupo de adolescentes passou longe de mim, porém eles deviam ter visto em meu rosto, em minha expressão, que eu era uma presa fácil para um susto.

No balcão, pedi outra *black and tan*, uma porção de asas de frango, e perguntei onde ficava a máquina de cigarros. Notei minhas mãos trêmulas ao acender o fósforo depois de finalmente conseguir colocar um cigarro na boca. E agora?, pensei ao soprar a fumaça azulada na direção de meu reflexo no espelho atrás do balcão.

* * *

Fiquei até as duas horas, quando anunciaram pela última vez que iriam fechar. Então, não me restou senão sair do Cat & Fiddle, acompanhando o êxodo de noctívagos. Achava que estaria mais seguro entre outras pessoas. Perambulando atrás do grupo, identifiquei três bêbados que iam na direção da rua Wilcox e tratei de segui-los a poucos metros de distância. Passamos em frente à loja às escuras pelo outro lado do Sunset, e, olhando para lá, não pude ter certeza de que a escura alcova estivesse vazia. Mas não parei. Na esquina da Wilcox, separei-me de minha escolta, atravessei o Sunset correndo e correndo fui para o hotel. Só voltei a respirar normalmente ao entrar no saguão e avistar o rosto familiar e sonolento do porteiro noturno.

Apesar da hora tardia e da forte cerveja que havia bebido, o medo por que passara me tirou definitivamente o sono. Eu não conseguiria dormir. No quarto, tirei a roupa, deitei-me e apaguei a luz, embora soubesse perfeitamente que era inútil. Dez minutos depois, disposto a enfrentar os fatos de minha situação, tornei a acender a luz.

Precisava distrair-me. Precisava de um truque que me tranquilizasse a mente inquieta e me permitisse dormir. Fiz o que fizera em incontáveis ocasiões semelhantes. Peguei o computador. Liguei-o, conectei a linha telefônica do quarto ao modem e fiz um interurbano para a rede do *Rocky*. Não tinha mensagem a transmitir nem esperava recados, mas as operações com o computador começaram a me acalmar. Passei por vários arquivos e acabei abrindo o de minha própria matéria, em forma abreviada, na linha nacional da AP. Seria divulgada no dia seguinte, explodiria feito uma

granada. De Nova York a Los Angeles, todos os editores tomariam conhecimento dela. Eu esperava.

Depois de desligar a conexão telefônica, fiquei jogando paciência, mas logo me cansei de tanto perder. Em busca de outra coisa com que me distrair, procurei as faturas do hotel de Phoenix no estojo do laptop, mas não as encontrei. Vasculhei cada bolso da maleta, porém o maço de papéis dobrados não se encontrava lá. Revirei nervosamente a fronha em que levava minha bagagem, mas só achei roupa.

— Merda! — eu disse em voz alta.

Fechando os olhos, tentei rever o que tinha feito com elas no avião. Senti um frio no estômago ao me lembrar de que, em dado momento, eu as guardara no bolso da poltrona. Mas logo me lembrei de que, depois de falar com Warren, tornara a pegá-las para dar outros telefonemas. Lembrei-me também de havê-las colocado no estojo do computador quando o avião estava aterrissando. Tinha certeza de que não as havia deixado lá.

A única possibilidade, eu sabia, era que tivessem entrado em meu quarto para roubá-las. Pus-me a caminhar de um lado para outro sem saber o que fazer. Haviam-me roubado o que se podia classificar como produto de um roubo. A quem eu haveria de me queixar?

Irritado, abri a porta, saí ao corredor e fui para o balcão de recepção. O porteiro noturno estava lendo uma revista chamada *High Society*, cuja capa mostrava uma mulher nua que, usando habilmente os braços e as mãos, cobria as partes estratégicas do corpo para que a revista pudesse ser vendida em bancas de jornal.

— Ei, você sabe se alguém entrou no meu quarto?

O homem deu de ombros e sacudiu a cabeça.

— Ninguém?

— Os únicos que eu vi por aqui foram aquela moça que estava com você e você. Mais ninguém.

Fiquei olhando para ele à espera de mais alguma coisa, mas sua fala terminara ali.

— Ok.

Voltei para o quarto. Examinei a fechadura antes de entrar. Era difícil dizer se tinha sido arrombada ou não. A fechadura era velha e muito arranhada, mas devia estar assim havia anos. Eu não seria capaz de identificar uma fechadura forçada, mesmo que minha vida dependesse disso, mas tornei a olhar. Estava enlouquecendo.

Tive vontade de telefonar para Rachel e falar da invasão do meu quarto, mas o dilema era não poder lhe contar o que tinham roubado. Não queria que ela soubesse o que eu havia feito. Passou-me pela cabeça a lembrança daquele dia nas arquibancadas e de outras lições que eu aprendera na vida. E eu resolvi tirar a roupa e voltar para a cama.

Acabei pegando no sono, mas não sem antes ter a visão de Thorson em meu quarto, a vasculhar as minhas coisas. Quando finalmente adormeci, a raiva não tinha passado.

Despertei com fortes batidas na porta. Abri os olhos e dei com a luz intensa que escoava pelas bordas da cortina. O sol ia alto, e eu percebi que já devia ter me levantado. Vesti rapidamente a calça e ainda estava abotoando a camisa quando abri a porta sem olhar pelo olho mágico. Não era Rachel.

— Bom dia, panaca. Fora da cama! Hoje você vai ficar comigo. E já está na hora.

Olhei atônito para Thorson. Ele estendeu a mão e bateu na porta aberta.

— Olá! O de casa!

— Como assim? Por que vou ficar com você?

— Porque sim. Sua namoradinha tem mais o que fazer. O agente Backus quer que você fique comigo hoje.

Minha expressão deve ter denunciado o que eu achava da perspectiva de passar o dia com aquele sujeito.

— Eu, pessoalmente, não estou me derretendo de prazer. Mas faço o que mandam. Agora, se você preferir ficar o resto do dia aí na cama, melhor para mim. Eu volto para lá e digo que...

— Estou acabando de me vestir. Me dê uns cinco minutos.

— Cinco minutos. Estou esperando no estacionamento. Se não chegar a tempo, você vai ficar sozinho.

Quando ele se afastou, consultei o relógio no criado-mudo. Eram oito e meia, bem mais cedo do que eu esperava. Demorei dez minutos. Com a cabeça no chuveiro, fiquei pensando no dia que teria na companhia de Thorson, temendo cada minuto. Mas sobretudo pensei em Rachel, queria saber de que diabo de tarefa Backus a havia incumbido que não me incluía.

Ao sair, fui até sua porta e bati, mas não obtive resposta. Não ouvi ruído algum no quarto. Ela já saía.

Thorson estava encostado no porta-malas de um carro quando eu apareci.

— Demorou, hein!

— É. Desculpe. E Rachel onde está?

— Vá perguntar a Backus, babaca. Ele é que é o seu guru no FBI.

— Escute aqui, Thorson, eu não me chamo babaca, ok? Se não quer me chamar pelo nome, não me chame de nada. Demorei porque tive de telefonar para o meu editor avisando que não haveria matéria alguma hoje. E ele não gostou.

Aproximei-me do lado direito do carro; Thorson o contornou. Fiquei esperando que destravasse a porta, mas ele fez questão de demorar uma eternidade para notar.

— Para falar a verdade, estou cagando e andando para o seu editor — disse por cima da capota antes de sentar ao volante.

Havia dois copos descartáveis de café no painel do automóvel, a fumaça a embaçar o para-brisa. Olhei para eles como um viciado em heroína olha para a colherinha sobre a chama de uma vela, mas não disse uma palavra. Imaginei que fizessem parte do jogo daquele sacana.

— Pode pegar um, pan... hã... Jack. Se quiser leite e açúcar, procure no porta-luvas.

Ligou o motor. Eu olhei para ele, depois novamente para o café. Thorson estendeu a mão, pegou um dos copos e abriu a tampa. Provou a bebida como um nadador a molhar a ponta do pé para experimentar a temperatura da água.

— Ah — disse. — Para mim, o café tem de ser preto e bem quente. Exatamente como as mulheres.

Endereçou-me uma piscadela cheia de cumplicidade masculina.

— Vamos, porra, tome logo esse café. Não quero que caia quando o carro estiver em movimento.

Peguei o copo e retirei a tampa. Thorson soltou o freio de mão e saiu. Tomei um gole do café com a disposição do provador oficial da

comida de César. Estava gostoso, a cafeína me animou instantaneamente.

— Obrigado.

— Não há de quê. Eu também não fico acordado enquanto não tiver tomado uma xícara. Mas o que aconteceu? Dormiu mal?

— Pessimamente.

— Pois eu não. Eu durmo em qualquer lugar, até numa espelunca como essa. Dormi muito bem.

— Você não é sonâmbulo, é?

— Sonâmbulo? Eu? Como assim?

— Olhe, Thorson, eu agradeço muito o café e tudo mais, mas sei que foi você quem telefonou para Warren e sei que estive no meu quarto ontem.

Thorson parou o carro junto ao meio-fio, num lugar reservado a carga e descarga, e olhou para mim.

— Que foi que você disse? Como é que é?

— É isso mesmo! Você esteve lá. Mesmo que eu não possa provar, se Warren publicar alguma coisa na minha frente, vou contar a Backus o que vi.

— Escute aqui, seu panaca de merda, você está vendo esse café? Pois era a minha oferta de paz. Se quiser jogá-lo na minha cara, tudo bem. Mas eu não sei porra nenhuma do que você está dizendo e, pela última vez, não tenho saco para bater papo com jornalistas. Ponto final. Só estou falando com você agora porque sou obrigado. Só isso.

E, pisando no acelerador, entrou bruscamente no trânsito, fazendo com que um motorista irritado buzinasse longamente atrás de nós. O café entornou, molhando-me a mão, porém eu não reclamei. Seguimos vários minutos em silêncio, em meio a um desfiladeiro de concreto, vidro e aço. O bulevar Wilshire. Estávamos nos aproximando dos edifícios altos do centro da cidade. O café tinha perdido o gosto para mim; voltei a tapar o copo.

— Aonde estamos indo? — perguntei enfim.

— Falar com o advogado de Gladden. Depois, vamos dar um pulo até Santa Monica, visitar a dupla dinâmica que prendeu o filho da puta e, depois, o soltou.

— Eu li a reportagem do *Times*. Eles não sabiam quem era o cara. Você não pode culpá-los.

— Tem razão, não se pode culpar ninguém.

Eu tinha conseguido pegar a proposta de paz de Thorson e jogá-la literalmente na latrina. Ele se tornara azedo e taciturno. Não costumava ser um doce de pessoa, mas dessa vez a culpa era minha.

— Olhe — eu disse, erguendo as mãos num gesto de capitulação.

— Peço desculpas, ok? Se me enganei a seu respeito com relação a Warren e a tudo mais, desculpe. Só estava vendo as coisas do modo como elas se apresentam para mim. Se foi engano, paciência.

Ele não respondeu, e o silêncio se tornou opressivo. Senti que a bola ainda estava comigo, que devia continuar falando.

— Vou esquecer isso — menti. — E lamento que... que você esteja aborrecido por causa da minha relação com Rachel. Aconteceu.

— Sabe de uma coisa, Jack? Pode enfiar as suas desculpas no cu. Estou cagando para você e cagando para Rachel. Ela imagina que eu me preocupo muito com ela e deve ter lhe dito isso. Mas está redondamente enganada. E, se eu estivesse no seu lugar, tomaria mais cuidado. Quando menos estiver esperando, vai levar um tombo. Não se esqueça disso.

— Claro que não.

Mas preferi não levar em conta o que ele acabava de dizer. Não iria deixar que sua amargura infectasse a imagem que eu tinha de Rachel.

— Já ouviu falar no Deserto Pintado, Jack?

Olhei intrigado para ele.

— Sim, já.

— Esteve lá?

— Não.

— Pois saiba que andar com Rachel é a mesma coisa que estar lá. Ela é o próprio Deserto Pintado. Bonita de ver, é verdade. Mas, à parte isso, é uma desolação. Não tem nada, fora a beleza, Jack, e de noite faz muito frio no deserto.

Tive vontade de retrucar, mas não passaria de um espetáculo de pugilismo verbal. Em todo caso, a intensidade de seu ódio e de sua mágoa me assombraram.

— Ela é capaz de brincar com você — prosseguiu Thorson. — Como com um brinquete. Uma hora ela quer, na outra não quer mais. E lhe dá um belo pontapé na bunda.

Continuei calado. Virei a cabeça e olhei para fora a fim de não tê-lo nem sequer na periferia de meu campo visual. Alguns minutos mais tarde, ele anunciou que havíamos chegado e entrou na garagem de um dos prédios comerciais do centro.

* * *

Depois de consultar o painel no saguão do Centro Empresarial Fuentes, subimos calados ao sétimo andar. À direita do elevador, avistamos a porta com uma placa de mogno que anunciava o escritório de advocacia Krasner & Peacock. Lá dentro, Thorson colocou as credenciais e a carteira de identidade na mesa da recepcionista e pediu para falar com Krasner.

— Infelizmente o doutor Krasner não está — disse ela.

— Tem certeza?

— Claro que sim. Ele tem uma audiência hoje. Só volta depois do almoço.

— Onde é a audiência? Em que tribunal?

— É aqui mesmo. No FC.

* * *

Deixamos o carro onde estava e fomos a pé ao Fórum Criminal. As audiências ocorriam no quinto andar, numa gigantesca sala de paredes de mármore, repleta de advogados, réus e familiares destes. Thorson se aproximou de uma funcionária sentada a uma escrivaninha na primeira fila da galeria e perguntou qual dos muitos advogados presentes era Arthur Krasner. A moça apontou para um homem baixo, de cabelos ruivos já começando a escassear e rosto muito vermelho. Estava de pé junto à grade, conversando com um

sujeito de terno, com certeza advogado também. Thorson se aproximou resmungando que o cara mais parecia um duende judeu.

— Doutor Krasner? — disse sem esperar um intervalo na conversa dos dois.

— Pois não?

— Posso trocar uma palavrinha com o senhor lá fora?

— Quem é você?

— Eu explico no corredor.

— Pode explicar aqui mesmo, ou então vá sozinho para o corredor.

Thorson abriu a carteira, Krasner olhou para a credencial, depois examinou a carteira de identidade. Eu fiquei observando seus olhinhos porcinos indo de um lado para outro enquanto ele pensava.

— Eu acho que o senhor já sabe do que se trata — disse Thorson. Depois, voltou-se para o outro advogado: — Com licença, por favor.

No corredor, Krasner recuperou parte de sua empáfia jurídica.

— Muito bem, eu tenho uma audiência dentro de cinco minutos. Do que se trata?

— Pensei que já tivéssemos passado por essa parte — respondeu Thorson. — Trata-se de um cliente seu, William Gladden.

— Nunca ouvi falar.

Fez menção de retornar à sala de audiências. Thorson estendeu tranquilamente a mão e a pousou no peito do homenzinho, detendo-o.

— Ora, com licença! — protestou Krasner. — Você não tem o direito de me tocar. Tire essa mão de cima de mim!

— O senhor sabe de quem estamos falando, doutor Krasner. E está encrencado por haver ocultado da Justiça e da polícia a verdadeira identidade desse homem.

— Não, você está muito enganado. Eu não tinha ideia de quem ele era. Assumi o caso como apareceu. Se descobriram que se tratava de outra pessoa, não é problema meu. E não existe a menor prova nem sequer a mínima sugestão de que eu conhecesse sua verdadeira identidade.

— Deixe essa baboseira, doutor. Guarde-a para o juiz lá dentro. Onde está Gladden?

— Não tenho ideia, e mesmo que tivesse...

— Não diria? É a atitude errada, doutor Krasner. Deixe-me contar-lhe uma coisa, eu andei averiguando os registros da sua representação de Gladden. A situação não está nada boa para o seu lado. O senhor sabe do que estou falando. De maracutaia. Vai ser um problema para o senhor.

— Não sei do que você está falando.

— Como ele conseguiu o número do seu telefone depois de ser preso?

— Não sei. Não perguntei.

— Foi uma indicação?

— Foi, acho que foi.

— De quem?

— Não sei. Já disse que não perguntei.

— O senhor é pedófilo, doutor Krasner? É de meninos ou de meninas que gosta? Ou dos dois?

— O quê?

Pouco a pouco, Thorson o havia encurralado na parede de mármore do corredor com seu ataque verbal. Krasner já não conseguia dissimular o medo. Segurava a pasta de documentos quase como um escudo diante do peito. Um escudo muito frágil.

— Você sabe perfeitamente do que eu estou falando — insistiu Thorson, pressionando-o ainda mais. — Com tantos advogados nesta cidade, por que Gladden foi procurar justamente você?

— Eu já disse — ganiu Krasner, atraindo os olhares dos que estavam passando pelo corredor. Baixou a voz. — Não sei por que ele me escolheu. Mas escolheu. Meu nome está na lista telefônica. Este país é livre.

Thorson hesitou, permitindo que o advogado continuasse falando, mas este não mordeu a isca.

— Ontem eu dei uma olhada nos registros — disse o agente do FBI. — Você o libertou duas horas e quinze minutos depois de estabelecida a fiança. Como foi feito o pagamento? A resposta é simples: já havia recebido dinheiro dele, não é mesmo? Portanto, a

verdadeira questão é: como ele conseguiu pagar se passou a noite na cadeia?

— Transferência bancária. Nada ilegal. Nós conversamos na noite anterior sobre os meus honorários e o possível valor da fiança, e ele fez a transferência na manhã seguinte. Eu não tenho nada a ver com isso. Eu... Você não pode ficar me caluniando desse jeito!

— Eu posso fazer o que me der na telha, caralho! Você é um cara podre. Eu já o chequei com a polícia local, Krasner. Sei quem você é.

— Do que está falando?

— Se ainda não sabe, vai ficar sabendo em breve. Eles virão buscá-lo, baixinho. Você pôs esse cara na rua e olhe só o que ele fez. Veja o que esse filho da puta anda fazendo!

— Eu não sabia! — clamou o advogado com a voz chorosa de quem está pedindo perdão.

— Claro, ninguém nunca sabe de porra nenhuma. Você tem telefone?

— O quê?

— Telefone. Tem um telefone aí?

Thorson bateu a mão aberta da pasta de Krasner, um gesto que o fez saltar como se tivesse sido estocado com um agulhão.

— Tenho, tenho. Eu tenho telefone. Mas você não precisa...

— Ótimo. Pegue-o, ligue para a sua recepcionista e mande-a tirar os registros de transferência bancária do arquivo. Diga-lhe que dentro de quinze minutos eu vou buscar uma cópia.

— Você não pode pegar... Eu tenho uma relação advogado/cliente que é confidencial e precisa ser protegida independentemente do que ele tenha feito. Eu...

Thorson deu outro tapa na pasta de Krasner, calando-o. Notei que sentia prazer em pressionar o homenzinho.

— Se telefonar logo, Krasner, eu digo aos locais que você colaborou. Disque esse número de uma vez, do contrário o próximo a morrer será por culpa sua. Agora você sabe de quem estamos falando. E do quê. — Krasner fez um lento gesto afirmativo e começou a abrir a pasta. — Isso, doutor. Está começando a ficar esperto.

Enquanto o advogado telefonava e, com voz trêmula, dava a ordem à recepcionista, Thorson ficou observando. Eu nunca tinha visto nem ouvido falar num cara que usasse a rotina do policial malvado sem o colega bonzinho do lado e ainda por cima conseguisse extrair com tanta habilidade a informação de uma fonte. Não sabia ao certo se admirava a astúcia daquele homem ou se estava chocado com ela. Mas ele havia transformado o rei da impostura numa trêmula gelatina. Ao ver Krasner desligar e fechar o telefone celular, perguntou qual era o valor da transferência.

— Seis mil dólares.

— Cinco para a fiança e um para você. Por que cobrou tão pouco?

— Ele disse que não tinha mais dinheiro. Eu acreditei. Posso ir agora?

A expressão de Krasner era de resignação e derrota. Antes que Thorson respondesse, a porta da sala de audiências se abriu e apareceu um funcionário.

— É a sua vez, Artie.

— Ok, Jerry.

Sem esperar qualquer outro sinal, Krasner tentou se afastar. Uma vez mais Thorson o reteve com a mão no peito. Dessa vez, o advogado não esboçou o menor protesto. Limitou-se a parar e a erguer palidamente os olhos para o agente federal.

— Artie... posso chamá-lo assim? Artie, eu acho bom você fazer um exame de consciência, caso tenha consciência. Você sabe mais do que me contou. Muito mais. E quanto mais tempo perder, maiores serão as chances de que alguém perca a vida. Pense bem e depois me telefone.

E, estendendo a mão, enfiou um cartão de visita no bolso do paletó do terno de Krasner. Depois, deu uns tapinhas em seu peito.

— Meu número local está escrito no verso. Telefone. Se eu descobrir alguma coisa por outros meios e souber que você tinha a informação e a ocultou, pode ter certeza de que vai se arrepender, doutor. Vai se arrepender pra caralho!

Só então ele recuou para que o hesitante baixinho pudesse voltar à sala de audiências.

* * *

Thorson só voltou a falar comigo quando estávamos na calçada.

— Acha que ele entendeu a mensagem?

— Acho que sim. Ele entendeu. Aposto que vai telefonar.

— Vamos ver.

— Posso lhe perguntar uma coisa?

— O quê?

— Você o averiguou mesmo com a polícia local?

Thorson se limitou a sorrir.

— E quanto a ele ser pedófilo? Como é que você sabia?

— Foi um chute. Os pedófilos trabalham em rede. Gostam de viver com os seus semelhantes. Têm redes telefônicas, de computadores, um verdadeiro sistema de apoio. Imaginam-se em guerra com a sociedade. Uma minoria não compreendida, esse tipo de babaquice. Então, eu imaginei que talvez ele tivesse obtido o nome de Krasner na lista de indicações de uma rede dessas. Valeu a pena jogar verde. A julgar pela sua reação, acho que colhi maduro. Do contrário, ele não teria entregue a lista de transferências bancárias.

— Talvez. Talvez seja verdade que não sabia quem era Gladden. Talvez esteja com a consciência pesada e não queira que mais ninguém saia machucado.

— Pelo jeito, você não conhece os advogados.

Dez minutos depois, estávamos esperando o elevador do lado de fora do escritório Krasner & Peacock, Thorson procurava entre as transferências bancárias uma no valor de seis mil dólares.

— É um banco de Jacksonville — disse sem erguer os olhos. — Temos de colocar Rach nisso.

Notei que se referia a Rachel pelo apelido. Era uma intimidade deles.

— Por que ela?

— Porque está na Flórida. — Ele olhou para mim. Estava sorrindo. — Eu não lhe contei?

— Não. Não contou.

— É. Backus a mandou para lá esta manhã. Foi conversar com Horace, o Hipnotizador e dar uma força para a equipe da Flórida. Sabe de uma coisa? Vamos dar uma parada no saguão e usar o telefone. Talvez encontremos quem possa dar o número dessa conta para ela.

Pouco falamos no trajeto do centro da cidade até Santa Monica. Eu fui pensando em Rachel na Flórida. Não conseguia entender por que Backus a tinha enviado para lá quando a frente principal parecia ser ali. Havia duas possibilidades, concluí. Uma, que Rachel houvesse sofrido uma medida disciplinar por algum motivo, possivelmente eu, e tivesse sido retirada da linha de frente. Outra, que houvesse surgido um novo desenvolvimento no caso, do qual eu nada sabia e nada devia saber. Qualquer alternativa era ruim, mas no íntimo eu bem que preferia a primeira.

Thorson fez a maior parte da viagem perdido em pensamentos, ou talvez só estivesse farto da minha companhia. Mas quando paramos em frente do Departamento de Polícia de Santa Monica, respondeu a minha pergunta antes mesmo que eu a tivesse formulado.

— Só viemos pegar os bens que eles apreenderam ao deter Gladden. Para consolidar as coisas.

— E vão entregá-los?

Eu sabia que os pequenos departamentos, na verdade, todos os departamentos, tendiam a reagir quando eram passados para trás pelo grandioso Bureau.

— Veremos.

No balcão da entrada do setor de investigações, disseram-nos que Constance Delpy se encontrava no tribunal, mas seu parceiro, Ron Sweetzer, viria nos receber em breve. O “em breve” de Sweetzer resultou em dez minutos. Uma demora que não convinha a Thorson. Percebi que o FBI, pelo menos o encarnado em Gordon

Thorson, não gostava de esperar ninguém, muito menos um tira interiorano.

Quando finalmente apareceu, Sweetzer se colocou atrás do balcão e perguntou o que desejávamos. Olhou mais de uma vez para mim, provavelmente para avaliar um pouco se minha barba e minha roupa se ajustavam à imagem que ele devia ter do agente do FBI. Não disse nada, tampouco esboçou um gesto que pudesse ser interpretado como um convite a entrarmos em seu escritório. Thorson reagiu com frases curtas e sua rudeza habitual. Tirou uma folha de papel do bolso do paletó e a desdobrou no balcão.

— Este é o inventário da propriedade apreendida por ocasião da detenção de William Gladden, vulgo Harold Brisbane. Estou aqui para assumir a custódia dos bens em questão.

— Do que você está falando? — perguntou Sweetzer.

— É o que acabo de dizer. O FBI entrou o caso e está investigando William Gladden em âmbito nacional. Nossos peritos precisam dar uma olhada nesse material.

— Um momento, senhor agente. Nós temos cá os nossos peritos e também temos um caso contra esse cara. Não vamos entregar as provas a ninguém. A não ser que você tenha um mandado judicial ou autorização da Promotoria Distrital.

Thorson respirou fundo, mas deu a impressão de que iria repetir uma cena que já representara centenas de vezes. O figurão que chega à cidadezinha e pisoteia o pobre policial provinciano.

— Em primeiro lugar — disse —, você sabe muito bem que esse seu caso não vale merda nenhuma. Segundo, ninguém aqui está falando em prova. Você ficou com uma máquina fotográfica e um saco de balas. Isso não é prova de nada. Ele foi acusado de resistência à prisão, vandalismo e poluição da água. Que tem a câmara a ver com isso?

Sweetzer começou a dizer alguma coisa, mas se interrompeu.

— Espere um pouco, por favor.

Estava se afastando do balcão quando Thorson falou as suas costas:

— Eu não tenho o dia todo, investigador. Preciso pegar esse cara. Aliás, nem sei como é que ele ainda está solto.

Irritado, o policial girou sobre os calcanhares.

— O que é que você está querendo dizer com isso, porra?

Thorson ergueu as mãos num gesto defensivo.

— Estou querendo dizer exatamente o que disse. Agora ande logo e vá chamar o seu superior. Eu quero falar com ele.

Sweetzer saiu e, em dois minutos, retornou em companhia de um homem dez anos mais velho, quinze quilos mais pesado e duas vezes mais furioso.

— Qual é o problema, afinal? — perguntou de forma rude e áspera.

— Nenhum problema, capitão.

— Tenente.

— Oh, tudo bem, tenente. Seu subordinado parece um pouco confuso. Eu lhe expliquei que o FBI entrou na investigação de William Gladden e está trabalhando em conjunto com a polícia de Los Angeles e outros departamentos em todo o país. Agora estamos em Santa Monica. Mas o investigador Sweetzer acha que, retendo a propriedade apreendida do senhor Gladden, está colaborando com a investigação e com a eventual captura do bandido. Na verdade, está obstruindo a nossa ação. Francamente, eu não entendo por que estou sendo tratado desse jeito. Trouxe um representante dos meios de comunicação e não esperava que ele presenciasse uma cena tão deplorável.

Thorson fez um gesto em minha direção; Sweetzer e o tenente me mediram dos pés à cabeça. Eu senti raiva de estar sendo usado. O tenente voltou a olhar para o agente federal.

— Não entendemos por que você está querendo levar o material apreendido. Eu dei uma olhada no inventário. Uma câmera, um par de óculos de sol, uma bolsa de lona e um saco de caramelos, mais nada. Não há filme nem fotografias. Por que o FBI está querendo tirar isso daqui?

— Vocês submeteram as balas à análise química?

O tenente voltou o olhar para Sweetzer, que sacudiu quase imperceptivelmente a cabeça, como num sinal secreto.

— Pois é o que nós vamos fazer, tenente — prosseguiu Thorson.

— Para ver se as balas contêm alguma droga. E a câmera. Vocês

não sabem, mas conseguimos apreender algumas fotografias. Não posso revelar o seu conteúdo, mas posso adiantar que são de natureza altamente ilegal. Mas o importante é que as análises dessas fotos mostram uma imperfeição nas lentes da câmera com que foram tiradas. É como uma impressão digital. Podemos comparar as fotografias com a câmera. Mas precisamos dela para isso. Se vocês nos autorizarem a levá-la e fazer o teste, podemos provar que esse homem tirou as fotos. Teremos acusações adicionais quando o prendermos. E também teremos condições de saber exatamente o que ele pretendia. Foi por isso que solicitamos que nos entregassem o material apreendido. A verdade é que vocês e nós estamos interessados na mesma coisa.

O tenente ficou um bom tempo calado. Depois, afastou-se do balcão. Para Sweetzer, ele disse:

— Eles precisam assinar um recibo.

O investigador empalideceu e acompanhou o tenente sem protestar, apenas murmurando que o agente do FBI não lhe havia dado a explicação que persuadira seu superior. Quando os dois desapareceram no escritório, eu me aproximei de Thorson e cochichei:

— Da próxima vez que resolver me usar, avise. Eu não gostei disso.

Thorson riu.

— O bom investigador recorre a todos os meios disponíveis. Você estava disponível.

— É verdade que vocês apreenderam fotografias e que vão testar a câmera?

— A ideia foi boa, não acha?

A única maneira de vingar-se que Sweetzer encontrou foi deixar-nos esperando outros dez minutos. Por fim, apareceu com uma caixa de papelão e a colocou no balcão. Mandou Thorson assinar um recibo. Este preferiu abrir a caixa primeiro. O policial colocou a mão na tampa a fim de impedi-lo.

— Está tudo aí — disse. — Assine logo o recibo para que eu possa ir trabalhar. Tenho muito que fazer.

Tendo vencido a guerra, Thorson o deixou ganhar a última batalha e assinou o papel.

— Eu confio em você. Está tudo aí dentro.

— Sabe? Eu já quis ser agente federal.

— Ora, não ligue para isso. Muita gente é reprovada no exame de admissão.

Sweetzer corou.

— Não, não foi isso — replicou. — É que eu preferi continuar sendo um ser humano.

Thorson ergueu a mão e apontou o dedo para ele como se fosse uma arma.

— Essa foi boa — sorriu. — Passe bem, investigador Sweetzer.

— Ei — disse o outro —, se vocês lá no Bureau precisarem de alguma coisa, seja o que for, não percam tempo telefonando para cá.

* * *

Ao voltar para o carro, eu não resisti e disse:

— Aposto que você nunca ouviu falar que é mais fácil apanhar moscas com açúcar do que com limão.

— Para que desperdiçar açúcar com moscas?

Thorson só abriu a caixa de papelão quando estávamos no automóvel. Eu vi os itens discutidos, todos em sacos plásticos, e um envelope etiquetado com os dizeres: CONFIDENCIAL — EXCLUSIVAMENTE PARA O FBI. Thorson abriu-o e nele encontrou uma fotografia Polaroid, provavelmente tirada com a câmera da delegacia: um close das nádegas de um homem, as mãos a separá-las de modo a oferecer uma visão clara e profunda do ânus. O agente federal a examinou alguns momentos, depois jogou-a no banco traseiro.

— Engraçado — disse —, por que será que Sweetzer colocou uma fotografia da mãe dele aqui dentro?

Eu não pude evitar o riso.

— É o exemplo de integração e cooperação mais expressivo que já vi.

Mas Thorson não fez caso do comentário ou talvez não o tenha ouvido. Com ar muito sério, extraiu da caixa o saco plástico que continha a máquina fotográfica. Olhou para ela com grande interesse. Girou-a nas mãos, estudando-a. Seu rosto ficou sombrio.

— Esses panacas de merda — disse, mastigando as palavras. — Ficaram o tempo todo com esta merda.

Eu olhei para a câmera. Havia algo esquisito em sua volumosa forma. Parecia uma Polaroid, porém tinha lentes de 35 mm aparentemente comuns.

— Mas, o que é isso, afinal? Qual é o problema?

— Não sabe o que é?

— Não. O que é?

Thorson não respondeu. Apertou um botão para ligar a câmera. A seguir, estudou o dispositivo computadorizado na parte posterior.

— Nenhuma fotografia — disse.

— E daí?

Não respondeu. Tornou a guardá-la na caixa, tampou-a e ligou o motor do carro.

* * *

Thorson saiu da delegacia de polícia como um caminhão de bombeiros que fosse apagar um incêndio. Parou num posto de gasolina, no Boulevard Pico, e saltou com o automóvel ainda balançando devido à freada brusca. Correu ao telefone e, sem colocar moeda alguma, digitou um número de interurbano. Enquanto esperava que atendessem, tirou do bolso uma caneta e um pequeno bloco de papel. Eu o vi anotar alguma coisa antes de desligar. Ao vê-lo digitar outro número de interurbano, imaginei que tivesse recebido informação sobre um disque-grátis de prefixo 800.

Pensei em descer do carro e aproximar-me para ouvir sua conversa, mas achei melhor não fazê-lo. Um minuto depois, ele começou a escrever novamente. Olhei para a caixa de papelão que Sweetzer lhe havia entregado. Tive vontade de abri-la e dar outra olhada na câmera, mas achei que Thorson poderia se irritar.

— Você se importa de me contar o que está acontecendo? — perguntei assim que ele se colocou ao volante outra vez.

— Claro que me importo. Mas você vai acabar descobrindo. — Abriu a caixa e voltou a retirar a máquina. — Sabe o que é isto?

— Você já fez essa pergunta. É uma câmera.

— Está bem, mas diga que tipo de câmera.

Girou-a nas mãos, e eu vi o logotipo do fabricante impresso na frente. Um grande *d* minúsculo azul-claro. Sabia que se tratava da fábrica de computadores digiTime. Abaixo do logotipo, eu li DIGISHOT 200.

— Isto aqui é uma câmera digital, Jack. O palhaço do Sweetzer não sabia o que tinha nas mãos. Só espero que não tenhamos chegado tarde demais.

— Não estou entendendo nada. Devo ser tão palhaço quanto ele, mas você pode ter a bondade de...

— Não sabe o que é uma câmera digital?

— Sei. Ela não usa filme. Estão fazendo experiências com papel comum.

— Isso mesmo, não usa filme. A imagem fica registrada num microchip. Depois, pode ser colocada num computador, editada, ampliada e impressa. Dependendo do equipamento, e este é dos mais sofisticados, ela vem com lentes Nikon, que permitem fotografias de alta resolução. Tão perfeitas quanto a coisa verdadeira.

Eu já tinha visto fotos tiradas com uma câmera digital no *Rocky*. Thorson tinha razão.

— E daí? Que quer dizer isso?

— Duas coisas. Lembra-se do que lhe falei sobre os pedófilos? Que eles agem em rede?

— Lembro.

— Muito bem, nós sabemos que Gladden tem um computador por causa do fax, certo?

— Certo.

— E, agora, sabemos que também tem uma câmera digital. Com ela, o computador e o mesmo modem que usou para mandar o fax, ele pode mandar fotografias para qualquer lugar do mundo, para

qualquer um que tenha um telefone, um computador e um programa que permita recebê-las.

Eu compreendi de imediato.

— Quer dizer que ele anda mandando fotografias de crianças?

— Não, anda *vendendo* fotografias de crianças. É o meu palpite. A pergunta sobre como ele vivia e ganhava dinheiro? Sobre sua conta bancária em Jacksonville, de onde transferiu o dinheiro? Eis a resposta. O Poeta ganha a vida vendendo fotografias de crianças, talvez até das crianças assassinadas. Quem sabe até mesmo dos tiras assassinados.

— Tem gente capaz de...

Eu não concluí a pergunta. Era uma tolice.

— Se há uma coisa que eu sei graças a minha profissão, é que há apetite e, portanto, mercado para todo e qualquer tipo de coisa — disse Thorson. — Os seus pensamentos mais sórdidos não são únicos. A pior coisa que você é capaz de imaginar, seja qual for, a mais repulsiva de todas, pois saiba que há mercado para ela... Preciso dar outro telefonema, preciso da lista de fornecedores.

— E a outra coisa?

— O quê?

— Você disse que havia duas coisas.

— É um achado. Um puta achado! Quer dizer, se não tivermos chegado tarde demais, porque os caras de Santa Monica ficaram até agora com essa maldita câmera. Se a renda de Gladden, o dinheiro com que viaja, vier da venda de fotografias a pedófilos, se as manda pela Internet ou por alguma outra rede particular, ele perdeu seu principal instrumento de trabalho quando lhe confiscaram a máquina fotográfica.

Deu um tapinha na tampa da caixa de papelão que se encontrava entre nós, no banco.

— Ele vai ter de comprar outra — eu disse.

— Exatamente!

— E você vai procurar os representantes da digiTime.

— Até que você é um panaca inteligente. Como foi que acabou virando repórter?

Dessa vez eu não protestei por ele me haver chamado de panaca. Não havia maldade em sua voz.

— Eu telefonei para o prefixo 800 da digiTime e consegui o endereço dos oito comerciantes que vendem a digiShot em Los Angeles. Imagino que ele vai procurar um deles para conseguir o mesmo modelo. Já tem o equipamento completo. Preciso telefonar para resolver isso. Você tem uma moeda, Jack? Eu estou a zero.

Eu lhe dei quinze centavos, ele saiu do carro e voltou ao telefone. Imaginei que estivesse falando com Backus, contando-lhe alegremente o que descobrira e passando a lista de comerciantes. Cheguei a me perguntar se não era Rachel que estava no outro lado da linha. Ele voltou poucos minutos depois.

— Vamos checar três lojas. Todas aqui, do lado oeste. Bob vai deixar as outras cinco com Carter e uns caras do escritório regional.

— Essas câmeras não precisam ser encomendadas? Eles as têm no estoque?

Thorson entrou no tráfego e foi para o leste do Pico. No caminho, mencionou um dos endereços que anotara.

— Algumas lojas as têm no estoque. Do contrário, conseguem recebê-las depressa. Foi o que disse a telefonista da digiTime.

— Que adianta então? Faz uma semana. Ele já deve ter comprado outra.

— Talvez sim, talvez não. Estamos jogando no escuro. Mas esse equipamento não é barato. Vem um kit com o programa de edição e um cabo para conectá-la ao computador, o estojo de couro, o flash e um monte de acessórios. Fica caro. Provavelmente uns mil e quinhentos dólares. Mas... — Ergueu o dedo para sublinhar o que ia dizer. — E se o cara já tiver todos os acessórios e só quiser a câmera? Não precisa de cabo, de programa, de nada. E se ele já tiver gastado seis mil para pagar a fiança e o advogado e estiver sem dinheiro e não só não precisa dos acessórios como também não tem como comprá-los?

— Ele encomenda só a câmera e economiza uma boa grana.

— Isso mesmo. É o meu palpite. Se é verdade que, ao pagar a fiança, o nosso amigo Gladden ficou duro como disse aquele merda de advogado, ele deve estar procurando economizar cada tostão que

lhe resta. Se comprou outra câmara, aposto que fez essa encomenda especial.

Seu entusiasmo me contagiou. Animado também, eu comecei a ver Thorson com outros olhos, a uma luz que talvez fosse a verdadeira. Sabia que ele vivia para os momentos como aquele. Os momentos de compreensão e clareza. Em que sabia que estava chegando perto.

— McEvoy, nós estamos na pista. No fundo, acho que você me deu sorte. Tomara que não seja tarde demais.

Eu concordei com um gesto.

Viajamos alguns minutos em silêncio, depois eu o interroguei:

— Como você sabe tanta coisa sobre as câmeras digitais?

— Já aconteceu e está se tornando comum. Em Quantico, temos uma unidade especializada em crimes com computador. Com a Internet. Boa parte deles tem a ver com pornografia e pedofilia. Eles distribuem boletins a todo o Bureau para que nos mantenhamos informados. Eu procuro manter-me informado.

Eu fiz que sim.

— Havia uma velha, uma professora aliás, perto de Cornell, em Nova York, que um dia ligou o seu computador pessoal e topou com um arquivo que ela não conhecia. Imprimiu-o e obteve uma fotografia embaçada, em branco e preto, mas perfeitamente identificável, de um menino de uns dez anos chupando o pau de um adulto. Ela chamou a polícia, e eles desconfiaram que a foto tinha ido parar naquele computador por engano. Seu endereço, na Internet, tinha só um número, e podia ser que o remetente tivesse digitado errado ou algo assim. Conseguiram rastrear o arquivo e chegaram a um pedófilo aleijado com uma ficha quilométrica. Era daqui, de Los Angeles. Confiscaram o seu computador, e ele se ferrou bonito. O cara tinha umas quinhentas fotografias arquivadas. Precisava até de um drive duplo. Eram crianças de todas as idades, de todos os tipos e sexos, fazendo coisas que muito adulto não é capaz de fazer... Enfim, um bom caso. Ele pegou perpétua, sem condicional. Tinha uma digiShot, mas modelo 100. Saiu no *Boletim* do FBI no ano passado.

— Por que a fotografia que a professora encontrou estava tão embaçada?

— Por causa da impressora. Sabe, são necessários uma boa impressora colorida e papel especial. Ela não tinha nem uma coisa nem outra.

* * *

As duas primeiras tentativas foram infrutíferas. Uma das lojas estava havia quinze dias sem vender uma digiShot, a outra vendera duas na semana anterior. Mas as duas tinham sido compradas por um artista famoso, cujos retratos em colagem, feitos com fotografias Polaroid, eram muito conhecidos e costumavam ser expostos em museus do mundo inteiro. Agora, ele pretendia experimentar um suporte fotográfico novo e escolhera o digital. Thorson nem se deu ao trabalho de tomar nota para investigá-lo.

O último lugar de nossa lista era uma loja chamada Data Imaging Answers, no Boulevard Pico, a duas quadras do shopping center Westwood Pavilion. Tendo estacionado num lugar proibido, Thorson sorriu e disse:

— É esta. É esta aqui.

— Como você sabe?

— Uma loja comum, numa rua movimentada. As outras duas mais pareciam agências de reembolso postal. Gladden deve ter preferido um estabelecimento convencional, com vitrine, numa rua movimentada, muita gente entrando e saindo, mais distração. É melhor. Ele não quer que se lembrem dele.

Era uma loja pequena, com duas escrivaninhas e caixas de papelão fechadas espalhadas em toda parte. Havia dois balcões circulares com terminais de computador e equipamento de vídeo em exposição, além de pilhas de material de informática e catálogos. Um homem calvo, usando óculos muito grossos, de armação preta, estava sentado a uma das escrivaninhas e olhou para nós quando entramos. Não havia ninguém à outra mesa, que parecia sem uso.

— O senhor é o gerente? — perguntou Thorson.

— Não só o gerente como o dono. — O homem se levantou com orgulho de proprietário e sorriu quando nos aproximamos. — É o único empregado também.

Como não achássemos graça em sua comédia, perguntou o que desejávamos.

Thorson lhe mostrou as credenciais.

— FBI?

Ele parecia achar aquilo incompreensível.

— Sim. O senhor vende a digiShot 200, não?

— Vendemos, sim. A câmera digital mais moderna. Mas não tenho nenhuma no estoque no momento. Vendi a última na semana passada.

Eu senti um frio na barriga. Tínhamos chegado tarde.

— Posso encomendar, se quiser. Chega em três ou quatro dias. Aliás, sendo para o FBI, pode ser que a consiga em dois dias. Pelo mesmo preço, é claro.

Sorriu e balançou a cabeça, mas, por trás das grossas lentes, mostrava um olhar intrigado. Parecia nervoso por estar diante do FBI, sobretudo sem saber do que se tratava.

— O seu nome, por favor.

— Olin Coombs. Sou o proprietário.

— Isso o senhor já disse. Muito bem, senhor Coombs, eu não estou querendo comprar nada. O senhor sabe o nome da pessoa que comprou a última digiShot que vendeu?

— Hã... — Ele franziu a testa, provavelmente sem saber se o FBI tinha o direito de pedir tal informação. — Claro que tenho o meu cadastro. Posso dar uma olhada para o senhor.

Coombs se sentou e abriu uma gaveta. Vasculhou um arquivo até encontrar o que buscava, tirou uma folha de papel e a colocou na escrivaninha. Depois, virou-a para que o agente federal não precisasse lê-la de ponta-cabeça. Thorson se inclinou, examinou o documento; eu o vi, então, voltar a cabeça ligeiramente para a direita, depois para a esquerda. Olhando para a ficha, tive a impressão de que vários acessórios tinham sido comprados com a câmera digiShot.

— Não é isso que me interessa — disse Thorson. — Estamos procurando um homem que queria comprar somente uma câmera. Esta foi a única que o senhor vendeu na semana passada?

— Foi... hã, não! Esta foi a única entregue. Vendemos duas outras, mas foi preciso encomendá-las.

— E não foram entregues ainda?

— Não. Amanhã. O caminhão deve chegar de manhã cedo.

— E os dois encomendaram só a câmera?

— A câmera?

— É, sem as outras coisas, o programa, o cabo, o kit completo.

— Oh, sim. Hã, na verdade, há...

Ele se interrompeu e, abrindo novamente a gaveta, tirou uma pasta com vários formulários rosados. Pôs-se a folheá-los e lê-los.

— Temos o senhor Childs. Encomendou só a câmera, mais nada. Pagou adiantado. Novecentos e noventa e cinco mais as taxas. Ficou em...

— Ele deixou telefone ou endereço?

Eu fiquei com a respiração suspensa. Tínhamos achado. Aquele só podia ser Gladden. A ironia do nome que escolhera não me passou despercebida. Senti um calafrio na espinha.

— Não, nem endereço, nem telefone — respondeu Coombs. — Eu fiz uma anotação aqui, o senhor Childs virá buscar pessoalmente o equipamento. Pedi-lhe que me telefonasse amanhã.

— Quer dizer que ele vem buscar a câmera aqui?

— Sim, senhor, se tiver chegado, ele vem buscar. Como eu já disse, não deixou endereço, não podemos fazer a entrega.

— Como ele era, senhor Coombs? O senhor se lembra?

— Como ele era? Hã, bem, acho que me lembro.

— Pode descrevê-lo?

— Era branco, disso eu me lembro. Ele...

— Loiro?

— Hã, não. Era moreno. E estava com a barba crescida, disso eu me lembro também.

— Que idade?

— Uns vinte e cinco ou trinta.

Foi o que bastou. Não havia dúvida, e as outras informações coincidiam. Thorson apontou para a escrivaninha vazia.

— Alguém trabalha aqui?

— No momento, não. Os negócios não estão indo muito bem.

— Neste caso, tudo bem se nós a usarmos?

Havia um inconfundível zumbido elétrico no ar quando nos sentamos à mesa da sala de reuniões com sua vista de um milhão de dólares. Ao receber o telefonema de Thorson, Backus decidira transferir o posto de comando de operações do Wilcox Hotel para o escritório do FBI da Westwood. Encontramo-nos no sétimo andar do edifício federal, em uma sala de reuniões que oferecia um belo panorama da cidade. Avistei a Ilha Catalina a flutuar em um oceano dourado que refletia os espetaculares tons alaranjados e vermelhos de mais um pôr do sol.

Eram quatro e meia no fuso horário do Pacífico, e a reunião fora marcada para aquela hora, de modo que Rachel dispusesse do máximo de tempo possível para obter e executar a quebra do sigilo bancário de Gladden em Jacksonville.

Na sala, Backus se reuniu com Thorson, Carter, Thompson, seis agentes que eu não conhecia, mas imaginei que fossem do escritório local, e comigo. Quantico e todos os escritórios regionais envolvidos na investigação estavam em contato conosco por telefone. E mesmo essas pessoas invisíveis pareciam excitadas. Brass Doran não parava de perguntar pelo viva-voz: "Já podemos começar?"

Por fim, sentando-se à mesa, bem perto do microfone, Backus anunciou o início dos trabalhos. Em um cavalete atrás dele, havia uma planta grosseira da Data Imaging Answers e do quarteirão do Boulevard Pico em que se situa.

— Ok, pessoal, as coisas estão começando a acontecer — disse. — Foi para isso que trabalhamos. Portanto, vamos discutir e, depois, fazer as coisas bem-feitas.

Levantou-se. Talvez também houvesse chegado o momento dele.

— Nós temos uma prioridade, na qual estamos trabalhando, e vamos ouvir o que Rachel e Brass têm a dizer. Mas antes, quero que Gordon faça um apanhado do que preparamos para amanhã.

Quando Thorson começou a contar ao público cativo como tinha sido o nosso trabalho naquele dia, meu pensamento voou. Fiquei imaginando Rachel em algum lugar de Jacksonville, a quase quatro mil quilômetros da investigação, ouvindo um homem do qual não gostava e cujo grande “achado” provavelmente desprezava. Eu queria falar com ela e, se possível, consolá-la, mas não diante de vinte e cinco pares de ouvidos. Queria perguntar a Backus onde ela se encontrava, para que pudesse lhe telefonar mais tarde, mas sabia que tampouco podia fazer isso. Foi quando me lembrei do *pager*. Faria isso depois.

— Vamos retirar a sua equipe de incidentes críticos, Thomas — disse Thorson. — A equipe de vigilância da polícia de Los Angeles vai substituí-los, e nós ficaremos com Thomas. Estamos reencaminhando o nosso pessoal, para que seja usado num plano duplo, de modo a facilitar a prisão desse criminoso. Primeiro, os telefones da Data Imaging já estão grampeados, nós temos condições de identificar qualquer um que telefone para lá. Teremos um receptor móvel e um diodo de leitura para monitorar todas as chamadas em ambas as linhas, e o escritório regional está mobilizando todo o pessoal disponível para as equipes envolvidas. Vamos rastrear o telefonema desse sujeito quando ele ligar para saber se o produto chegou e tentaremos mantê-lo ao telefone até que o nosso pessoal chegue onde ele estiver. Se isso acontecer, recorreremos aos procedimentos normais de prisão. Alguma pergunta até agora?

— Apoio aéreo? — quis saber um agente.

— Estamos providenciando. Disseram-me que podemos contar com um aparelho, mas estamos tentando conseguir dois. Muito bem, ponto número dois: se não conseguirmos capturar o suspeito através da identificação telefônica. Eu vou ficar na Digital Imaging Answers, a DIA para encurtar. Ficarei com Coombs, o proprietário. Se o cara telefonar, vamos dizer que a câmera encomendada já está a sua disposição. Tentaremos marcar hora para que ele vá buscá-la,

mas sem pressioná-lo. Temos de aparentar normalidade. Se ele escapar da primeira armadilha, o plano é capturá-lo quando for à loja. O local está com som e vídeo instalados. Se ele entrar, eu simplesmente lhe entrego a câmera e o despacho: mais um freguês satisfeito. A captura se dará no momento que Don Sample, o chefe de nossa equipe de elite, achar conveniente dar a voz de prisão. Obviamente, será na primeira oportunidade que surgir. Espero que seja quando o nosso homem estiver entrando no carro. Mas vocês todos conhecem os procedimentos para qualquer outra contingência. Dúvidas?

— Por que não o pegamos na loja mesmo?

— Achamos necessário que Coombs esteja lá para não despertar nenhuma desconfiança no suspeito. Foi ele quem lhe vendeu a câmera, é melhor que esteja presente. Não quero tentar capturar esse indivíduo muito perto de um civil. A loja é pequena, e a presença de um único agente já é comprometedora. Mais um, lá dentro, pode despertar suspeitas. Portanto, por que não lhe entregar a câmera e deixar para capturá-lo na rua, onde podemos controlar um pouco mais a situação?

Thorson, Backus e Sample acabaram de traçar os detalhes do plano. Coombs ficaria o dia todo na loja com Thorson, cuidando do negócio real e dos clientes. Mas quando as equipes externas de vigilância alertassem para a aproximação de algum freguês, mesmo remotamente parecido com a descrição que tinham de Gladden, Thorson se adiantaria para lhe entregar a câmera, enquanto Coombs pediria licença, iria para os fundos e se trancaria em uma saleta que servia de depósito. Outro agente, fingindo-se de freguês, entraria pela porta da frente para dar cobertura assim que Gladden chegasse. O interior da loja estaria monitorado por um sistema de vídeo. O lado de fora seria vigiado por agentes fixos e em movimento prontos para intervir em qualquer situação no momento em que Gladden fosse identificado. Além disso, uma agente com uniforme e carro da polícia de trânsito patrulharia constantemente o quarteirão em que se situava a DIA.

— Acho que não preciso lembrá-los de quanto esse sujeito é perigoso — disse Backus ao terminar a exposição. — Quero que

todos tragam de casa uma dose extra de bom senso amanhã. Cuidem-se e cuidem dos seus parceiros. Perguntas?

Esperiei um pouco para ver se algum agente ainda tinha dúvidas. Como ninguém se manifestou, tomei a palavra.

— E se a digiShot não chegar amanhã como espera o senhor Coombs?

— Ah, sim, boa pergunta — disse Backus. — Não vamos correr esse risco. O grupo da Internet de Quantico tem uma câmera dessas, que deve chegar de avião hoje à noite. É a que vamos usar, chegue ou não a que ele encomendou. A nossa estará equipada com um dispositivo especial que nos permitirá localizá-lo mesmo que, Deus nos livre, ele consiga fugir de lá. Mais alguma coisa?

— Alguém já pensou em não prendê-lo?

Eu reconheci a voz de Rachel.

— Como assim?

— Só para bancar a advogada do diabo, parece que a coisa está muito bem organizada. Esta pode ser uma raríssima oportunidade de observar um criminoso serial em ação, estudar o modo como escolhe e caça suas vítimas. Seria de valor inestimável para as nossas pesquisas.

— E arriscar perdê-lo de vista para que ele acabe matando mais uma criança ou um policial? — interveio Thorson. — Não, obrigado... principalmente com o Quarto Poder a nos observar.

Quase todos se colocaram do lado de Thorson, ficando manifesto que um monstro como Gladden, embora um valioso objeto de pesquisa, só devia ser estudado no recinto fechado da cela de uma prisão. Os riscos de sua fuga potencial superavam em muito as vantagens de observá-lo em liberdade.

— Olhe aqui, pessoal, o plano está definido — disse finalmente Backus, encerrando a discussão. — Nós avaliamos as alternativas que nos foram sugeridas e acreditamos que abordá-lo como pretendemos é o plano melhor e mais seguro. Portanto, vamos em frente. Rachel, o que você descobriu?

Reparei na mudança da linguagem corporal dos agentes ao transferirem a atenção de Backus e Thorson para o telefone branco colocado no centro da mesa. Todos se inclinaram um pouco naquela

direção. Backus, ainda de pé, curvou o corpo e apoiou as mãos no tampo da mesa.

— Vou começar pelo banco — disse Rachel. — Só consegui a movimentação da conta de Gladden há cerca de uma hora e meia, de modo que não tive muito tempo. Mas, preliminarmente, parece que temos transferências feitas para três cidades, Chicago, Denver e Los Angeles. As datas são interessantes. Ele sacou dinheiro, nessas localidades, sempre alguns dias antes ou alguns dias depois de cada assassinato-isca. Há dois saques em Los Angeles. Um coincide com a fiança, na semana passada, e, no sábado seguinte, houve outra transferência no valor de mil e duzentos dólares. Nas duas ocasiões, ele pegou o dinheiro no mesmo banco. Uma agência do Wells Fargo, no Boulevard Ventura, em Sherman Oaks. Penso que essa pode ser outra maneira de capturá-lo, se ele não aparecer amanhã para buscar a câmera. Podemos vigiar a conta e interceptá-lo na próxima vez em que for sacar o dinheiro. O problema é que ele está duro. Ao retirar esses mil e duzentos, ficou com cerca de duzentos dólares na conta corrente.

— Mas ele vai tentar ganhar uns trocados com a câmera nova — disse Thorson.

— Passando para os depósitos — prosseguiu Rachel. — São muito interessantes, mas eu ainda não tive tempo de... hã, nos últimos dois anos foram transferidos cerca de quarenta e cinco mil dólares para a conta dele. Depósitos de toda parte. Do Maine, do Texas, da Califórnia... muitos da Califórnia aliás, de Nova York. Parece não haver uma relação direta com os assassinatos. Também encontrei uma coincidência. No último primeiro de novembro, houve duas transferências no mesmo dia, uma de Nova York, outra do Texas.

— Obviamente, não é ele que faz os depósitos — comentou Backus. — Pelo menos não todos.

— São pagamentos — disse Brass pelo viva-voz. — A venda das fotografias. Pagamentos creditados diretamente pelos compradores.

— Exatamente — confirmou Rachel.

— Nós vamos... nós podemos rastrear essas transferências e chegar aos compradores? — quis saber Thompson.

— Hã, podemos tentar — respondeu Rachel. — Podemos tentar. Quer dizer, podemos rastreá-los, mas eu não esperaria muita coisa. Se você tiver dinheiro, pode entrar praticamente em qualquer agência bancária do país e fazer uma transferência. Basta saber o número da conta do destinatário e pagar a taxa do serviço. Você precisa dar informações sobre o remetente, mas não há necessidade de mostrar uma carteira de identidade. Quem compra pornografia infantil e possivelmente... provavelmente coisa muito pior, decerto usa nome falso.

— É verdade.

— Que mais, Rachel? — perguntou Backus. — Alguma outra coisa sobre a intimação?

— Há uma caixa postal da conta. Vou verificar isso amanhã.

— Ok. Você quer falar de Horace Gumble ou prefere deixar isso para quando tivermos organizado as ideias?

— Não, só vou contar o mais importante, não é muita coisa. Meu velho camarada Horace não ficou muito feliz em ver-me. Batemos papo durante algum tempo e, então, seu ego tomou conta dele. Reconheceu que discutiu com Gladden a prática da hipnose quando eram companheiros de cela. Por fim, admitiu que lhe deu aulas em troca da elaboração de um recurso legal. Não contou mais nada. Eu senti... não sei...

— O que, Rachel?

— Sei lá, uma espécie de admiração pelo que Gladden estava fazendo.

— Você lhe contou?

— Não, não contei nada, mas era óbvio para ele que por algum motivo eu estava lá. Mesmo assim, tive a impressão de que ele sabia mais alguma coisa. Talvez Gladden lhe tenha contado, antes de sair de Raiford, o que planejava fazer. Pode ser que lhe tenha falado de Beltran. Não sei. Também pode ter assistido à CNN hoje... se é que eles têm televisão a cabo lá. Deram muito espaço à matéria de McEvoy. Eu vi no aeroporto. Claro, nada na reportagem vincula o Poeta a Gladden, mas Gumble pode ter imaginado. A CNN voltou a divulgar o videoteipe de Phoenix. Se ele assistiu ao programa e eu

apareci logo depois, ficou sabendo do que se tratava sem que fosse preciso dizer uma palavra.

Foi a primeira vez que ouvi falar em uma reação a minha matéria. O fato é que tinha me esquecido completamente dela devido aos acontecimentos do dia.

— Alguma possibilidade de que Gladden e Goble tenham se comunicado? — indagou Backus.

— Duvido. Eu fiz minhas consultas. A correspondência de Goble continha sendo censurada. A que entra e a que sai. Ele conseguiu melhorar sua situação, está trabalhando no almoxarifado da cadeia. Sempre existe a possibilidade de que haja algum tipo de mensagem entre as coisas que chegam, mas é duvidoso. Também duvido que Goble queira arriscar a sua situação. Ele está muito bem depois de sete anos na merda. Um bom trabalho, um escritório. Parece que é o encarregado do abastecimento da cantina da prisão. Naquele meio, isso lhe dá poder. Tem cela individual agora, um televisor só dele. Não vejo por que manteria contato com um homem procurado como Gladden, colocando tudo isso em risco.

— Ok, Rachel — disse Backus. — Mais alguma coisa?

— Só isso, Bob.

Ficamos todos em silêncio, digerindo o que acabávamos de ouvir.

— Podemos passar finalmente ao modelo — sugeriu Backus. — Brass?

Todos os olhares se voltaram uma vez mais para o telefone.

— Sim, Bob. O perfil está quase pronto, e Brad está acrescentando alguns detalhes novos enquanto conversamos. É o que temos, acho. Pode ser... esta pode ser uma situação em que o criminoso retorna ao homem que desencadeou tudo, que abusou dele e, desse modo, nutriu as fantasias mórbidas que o compeliram a agir na idade adulta. Trata-se do modelo parricida que todos conhecemos. Ou seja, o menino, Gabriel Ortiz, que recebia as atenções de Clifford Beltran, a figura paterna que abusou dele e depois o rejeitou. Pode ser que seja justamente o sentimento de rejeição que o criminoso experimentou que o tenha motivado a fazer tudo o que fez. Gladden matou o objeto atual da afeição do homem que abusava dele, depois voltou e matou o próprio tarado. Parece-

me uma espécie de exorcismo, digamos, o impulso catártico de eliminar a causa de tudo quanto deu errado em sua vida.

Houve um prolongado silêncio, e eu tive a impressão de que todos estavam esperando que Brass prosseguisse. Por fim, Backus falou:

— Quer dizer, então, que você acha que ele vai repetindo o crime sem parar?

— Correto — respondeu Brass. — Ele mata Beltran, o homem que abusou dele, repetidamente. É assim que recupera a paz. Mas é óbvio que essa paz não dura muito. Ele tem necessidade de voltar e matar novamente. As outras vítimas, os investigadores, são inocentes. A única coisa que fizeram para ser escolhidos foi exercer sua profissão.

— E quanto ao caso das iscas em outras cidades? — quis saber Thorson. — Nem todas se encaixam no arquétipo do primeiro garoto.

— Não creio que o caso das iscas continue tendo importância para ele — respondeu Brass. — O que importa é que ele atrai um investigador, um bom investigador, um inimigo formidável. Desse modo, a aposta é alta e sua necessidade de purgação é satisfeita. Quanto às iscas propriamente ditas, elas devem ter se transformado em meio para atingir um fim. Ele usa as crianças para ganhar dinheiro. As fotografias.

O entusiasmo do grupo ante a perspectiva da captura e até da conclusão das investigações no dia seguinte deu lugar a um clima sombrio que se apossou de todos. Era a tristeza de saber quantos horrores existiam no mundo. Aquele era apenas um caso. Sempre haveria outros. Sempre.

— Continue trabalhando, Brass — disse Backus depois de algum tempo. — Gostaria que me mandasse um laudo patológico o mais depressa possível.

— Vou mandar. Ah, outra coisa. Esta é boa.

— Diga.

— Eu examinei a ficha de Gladden elaborada quando vocês o visitaram seis anos atrás, em ocasião do projeto do perfil do

estuprador. Não há nada aqui que já não estivesse no computador. Mas há uma fotografia.

— É verdade — disse Rachel. — Eu me lembro. Os carcereiros nos deixaram entrar no bloco, depois, e tirar uma fotografia deles. Gladden e Goble juntos na cela.

— Sim, é isso mesmo. E na foto aparecem as três prateleiras de livros acima da privada. Suponho que eram dos dois, os livros de ambos. Em todo caso, a lombada dos livros é claramente visível. Em sua maioria, em livros de Direito que, imagino, Gladden deve ter usado quando estava trabalhando em seu próprio recurso e nos dos demais detentos. Há também *Patologia Forense*, de DiMaio e DiMaio, *Técnicas de Investigação do Local do Crime*, de Fisher, e *Perfis Psicopatológicos*, de Robert Backus. Conheço esses livros e acho que Gladden pode ter aprendido muita coisa com eles, particularmente com o do pai de Bob. É bem possível que seja capaz de fazer com que cada assassinato-isca e a cena de cada crime sejam suficientemente diferentes entre si para que o PACV fosse evitado.

— Merda! — exclamou Thorson. — O que é que esse filho da... o que ele queria com esses livros?

— Imagino que a prisão era obrigada por lei a permitir que ele tivesse acesso a essa literatura para preparar adequadamente o seu recurso — respondeu Doran. — Lembre-se, ele fez autodefesa. O tribunal o reconheceu como seu próprio advogado.

— Ok, bom trabalho, Brass — disse Backus. — Foi muito útil.

— Mas não é tudo. Havia dois outros livros interessantes nas prateleiras. *Edgar Allan Poe, Poemas* e *A Obra Completa de Edgar Allan Poe*.

Brass assobiou com satisfação.

— Agora as coisas estão realmente começando a se encaixar — disse. — Aposto que encontraremos todas as citações nesses dois livros.

— Sim, um deles é o mesmo que Jack McEvoy usou para verificar as citações.

— Certo. Ok, você pode nos mandar uma cópia dessa fotografia?

— Posso, sim, chefe.

A excitação na sala e que emanava do telefone era quase palpável. Tudo estava se ajustando, todas as peças. E, no dia seguinte, os agentes iriam sair e capturar aquele filho da puta.

— Eu adoro o cheiro de *napalm* de manhã — disse Thorson. — É o perfume da...

“Vitória!”, gritaram todos na sala e pelo telefone.

— Ok, pessoal — disse Backus, batendo palmas duas vezes. — Acho que já fizemos o bastante por ora. Vamos manter este estado de espírito. Amanhã pode ser o grande dia. Vamos dizer: amanhã é o grande dia. E vocês que estão nos ouvindo nas outras cidades, não parem nem um minuto sequer. Continuem trabalhando até o fim. Se pegarmos esse cara, continuaremos precisando de provas materiais que o vinculem aos outros crimes. Temos de levá-lo a julgamento em todas as cidades.

— Se houver julgamento — murmurou Thorson.

Eu o fitei. O bom humor que ele exibira momentos antes havia se evaporado. Com os músculos dos maxilares contraídos, levantou-se e saiu da sala de reuniões.

* * *

Passei a noite sozinho no quarto, passando para o computador as anotações da reunião e desejando que Rachel telefonasse. Eu havia ligado duas vezes para o seu *pager*.

Finalmente, às nove horas — meia-noite na Flórida —, ela telefonou.

— Não estou conseguindo dormir e só queria ter certeza de que você não está com outra mulher aí na cama.

Eu sorri.

— Não deu. Eu estava esperando o seu telefonema. Você não recebeu os meus recados ou está ocupada com outro homem?

— Não, deixe-me dar uma olhada. — Ficou alguns segundos em silêncio. — Droga, ele está sem bateria. Preciso arranjar outra.

— Quem? O homem ou o *pager*?

— Engraçadinho.

— Por que não está conseguindo dormir?

— Fico pensando em Thorson e na loja amanhã.

— E?

— E tenho de reconhecer que sou muito ciumenta. Se ele conseguir fazer essa prisão... Quer dizer, o caso é meu e, droga, eu estou a milhares de quilômetros daí.

— Talvez não aconteça amanhã. Talvez você chegue a tempo. E, mesmo que não chegue, não vai ser ele. Será a equipe de elite.

— Não sei. Gordon arranjou um meio de se meter. E eu estou com um mau pressentimento. Vai ser amanhã mesmo.

— Muita gente diria que é um pressentimento bom. Afinal, vão tirar da rua um cara como esse.

— Eu sei, eu sei. Mas por que ele? Acho que ele e Bob... eu ainda não consegui entender por que Bob me mandou para cá, podia ter escolhido outra pessoa, podia ter escolhido Gordon. Ele me tomou o caso e eu simplesmente deixei.

— Talvez Thorson tenha lhe contado alguma coisa sobre nós dois.

— Eu pensei nisso. Ele é bem capaz. Mas duvido que Bob tenha feito isso sem me dizer nada, sem antes me contar o porquê. Ele não é assim. Não toma partido sem ouvir os dois lados.

— Eu lamento, Rachel. Mas olhe, todo mundo sabe que o caso é seu. E foi graças a sua descoberta daquele carro da Hertz que viemos todos parar em Los Angeles.

— Obrigada, Jack. Mas essa foi só uma pista entre outras. E pouco importa. Fazer a prisão, para nós, é como escrever a matéria em primeiro lugar para vocês. Não importa o que aconteceu antes.

Eu sabia que não conseguiria fazer com que ela se sentisse melhor com relação à situação. Havia passado a noite remoendo aquilo e eu não tinha palavras capazes de mudar o seu estado de espírito. Resolvi mudar de assunto.

— De qualquer modo, você hoje fez um belo trabalho. Parece que tudo está se encaixando direitinho. Ainda nem prendemos o cara, e já sabemos tanta coisa sobre ele.

— Acho que sim. Jack, depois de ouvir tudo que Brass contou, você sente alguma simpatia por ele? Por Gladden?

— Pelo cara que matou meu irmão? Não. Nenhuma simpatia.

— Duvido.

— Mas você sente.

Ela demorou a responder.

— Fico pensando num menino que poderia ter sido muito diferente se aquele homem não tivesse feito o que fez. Beltran é que o transformou num criminoso. Ele é o verdadeiro monstro. Como eu já disse, se alguém recebeu o que merecia, esse alguém é ele.

— Ok, Rachel.

Ela começou a rir.

— Desculpe, acho que estou começando a ficar cansada. Eu não queria ter sido tão intensa.

— Tudo bem. Eu sei o que você estava querendo dizer. Há um meio para cada fim. Uma raiz para todas as causas. Às vezes a raiz é muito pior que a causa, muito embora, geralmente, a causa seja considerada a vilã da história.

— Você se dá bem com as palavras, Jack.

— Prefiro me dar bem com você.

— Isso também acontece.

Eu ri e agradei. Depois, ficamos alguns momentos em silêncio, a linha aberta entre nós estendendo-se por quase quatro mil quilômetros. Eu estava me sentindo bem. Não tinha necessidade de falar.

— Não sei se eles o deixarão aproximar-se amanhã — disse ela.
— Tome cuidado.

— Vou tomar. Você também. Quando vai voltar?

— Amanhã à tarde, espero. Pedi que estivessem com o jatinho pronto por volta do meio-dia. Vou dar uma olhada na caixa postal de Gladden e depois pegar o avião.

— Ok. Por que não tenta dormir agora?

— Está bem. Queria estar com você.

— Eu também.

Pensei que ela fosse desligar, mas não o fez.

— Você falou sobre mim com Gordon hoje?

Lembrei-me do comentário dele, comparando-a com o Deserto Pintado.

— Não. Foi um dia movimentado.

Ela não deve ter acreditado em mim, e eu achei desagradável estar mentindo.

— Até amanhã, Jack.

— Até amanhã, Rachel.

* * *

Fiquei algum tempo pensando naquele telefonema. Nossa conversa me deixara um pouco triste, e eu não conseguia descobrir por quê. Depois, levantei-me e saí do quarto. Estava chovendo. Da porta do hotel, examinei a rua e não vi ninguém escondido, ninguém a minha espera. Dei de ombros para os medos da noite anterior e saí.

Fui caminhando perto das paredes para evitar a chuva na medida do possível. Entrei no Cat & Fiddle e pedi uma cerveja no balcão. O bar estava cheio, apesar do aguaceiro. No espelho atrás do balcão, vi meus cabelos molhados e notei minhas olheiras. Passei a mão na barba do modo como Rachel a acariciava. Ao terminar a *black and tan*, pedi outra.

Na manhã de quarta-feira, fazia tempo que o incenso havia acabado. Gladden ia de um lado para outro, uma camiseta amarrada no rosto a cobrir-lhe a boca e o nariz e a lhe emprestar a aparência de assaltante de banco do Velho Oeste. Como um padre espargindo água benta, ele embebera a camiseta e espalhou no apartamento todo o perfume que havia encontrado no banheiro. Contudo, como se tivesse usado apenas água, a operação foi inútil. O mau cheiro persistia em toda parte, seguia-o. Mas ele já não se importava. Já estava no fim. Chegara a hora de partir. Hora de mudar.

No banheiro, barbeou-se uma vez mais com o depilador de plástico cor-de-rosa que achara na borda da banheira. A seguir, tomou um longo banho, uma ducha primeiro quente, depois fria, e, ao terminar, pôs-se a andar nu no apartamento, deixando que o ar lhe secasse o corpo. Antes, havia tirado o espelho da parede do banheiro e o encostara na da sala de estar. Agora, voltara a desfilar diante dele, de um lado para outro, de um lado para outro, admirando os próprios quadris.

Dando-se por satisfeito, foi para o quarto. O ar condicionado lhe provocou arrepios na pele nua, e o cheiro quase o fez vomitar. Mas ele se manteve firme e olhou para ela. Já não era a mesma. O corpo, na cama, estava inchado, irreconhecível. Os olhos cobertos por uma membrana leitosa. Os fluidos da decomposição sanguínea escorriam em toda parte, até no couro cabeludo. E os vermes se haviam apossado dela. Gladden não os via, mas conseguia ouvi-los. Estavam lá. Ele sabia. Tinha lido nos livros.

Ao fechar a porta, teve a impressão de ouvir um sussurro e olhou para trás. Não era nada. Só os vermes. Fechou-a e pôs a toalha no

lugar.

O homem que julgávamos ser William Gladden telefonou para a Data Imaging Answers às 11:05 da manhã de quarta-feira, identificando-se como Wilton Childs e perguntando da digiShot que encomendara. Thorson atendeu e, conforme o planejado, perguntou se Childs poderia voltar a telefonar dentro de cinco minutos. Explicou que acabava de receber uma carga de mercadorias e ainda não tivera tempo de verificá-las todas. Childs concordou em ligar mais tarde.

Nesse meio tempo, Backus monitorou o dispositivo de identificação de telefones e deu rapidamente o número do qual Childs/Gladden telefonara a uma operadora da AT&T a serviço da polícia. Esta digitou o número em seu computador e, antes mesmo que Gladden tivesse desligado, informou que era o de um telefone público do Boulevard Ventura, em Studio City.

Uma das duas viaturas da equipe de agentes do FBI se encontrava na Via Expressa 101, em Sherman Oaks, a cerca de cinco minutos do telefone se o trânsito estivesse bom. Sem ligar a sirene, eles se dirigiram rapidamente ao Boulevard Vineland, entraram no Ventura e se posicionaram em um lugar de onde podiam ver o telefone público, que ficava do lado de fora de um motel de quarenta dólares por noite, com direito a filme pornográfico. Não havia ninguém no local quando chegaram, mas eles ficaram aguardando. Enquanto isso, outra equipe móvel vinha de Hollywood para lhes dar reforço, e um helicóptero sobrevoava a Van Nuys, pronto para acorrer ao local assim que os colegas, no solo, entrassem em ação.

Os agentes ficaram esperando. O mesmo fiz eu em um carro com Backus e Carter, a uma quadra da Data Imaging. Carter ligou o motor, pronto para partir quando avisassem por rádio que tinham avistado Gladden.

Passaram-se cinco minutos, depois dez. Era tudo muito emocionante, mesmo ficar ali, apenas sentado com Backus e Carter. Os automóveis do reforço tiveram tempo suficiente para se posicionar a algumas quadras dos carros da primeira equipe, no Ventura. Havia agora oito agentes no quarteirão do telefone público.

Porém, às 11:33, quando o telefone tocou na escrivania de Thorson, na Data Imaging, os agentes no local ainda estavam de olho em um telefone público vazio. Backus pegou o rádio.

- Estão ligando. Alguma coisa aí?
- Nada. Ninguém está usando este aparelho.
- Fiquem preparados.

Backus desligou o rádio, pegou o telefone celular e digitou o código para entrar em contato com a AT&T. Eu me encontrava no banco traseiro, inclinado para a frente, observando-o e olhando para o monitor de vídeo debaixo do painel, na saliência da alavanca do câmbio. Era uma tomada panorâmica, em branco e preto, da Digital Imaging. Vi Thorson atender quando o telefone tocou pela sétima vez. Embora ambas as linhas da loja estivessem grampeadas, no carro, só podíamos ouvir a voz de Thorson. Ele deu o sinal combinado, no vídeo, erguendo a mão acima da cabeça e fazendo um movimento circular com o indicador. Sinal de que Childs/Gladden entrara em contato novamente. Backus iniciou o mesmo procedimento de antes com o dispositivo de identificação de telefones.

Temendo assustar Childs/Gladden, Thorson não empregou nenhuma tática de adiamento na segunda chamada. Mesmo porque não tinha como saber que, dessa vez, o telefonema era de outro lugar. Para ele, os agentes estavam cercando Gladden naquele momento.

Mas não estavam. Enquanto ele dizia ao cliente que sua digiShot 200 chegara e podia ser entregue, Backus constatava, por intermédio da operadora da AT&T da polícia, que a nova chamada

era de outro telefone público, na esquina do Bulevar Hollywood com a rua Las Palmas.

— Merda! — exclamou ao desligar. — Ele está em Hollywood agora. E eu acabo de tirar todo mundo de lá.

Teria sido por deliberação ou por sorte que Gladden escapara? Ninguém sabia, é claro, mas me pareceu esquisito ficar ali no carro com Backus e Carter. O Poeta estava em movimento e, até aquele momento, não caíra na rede. Backus, naturalmente, mandou as equipes móveis para a esquina do Hollywood, mas seu tom de voz denunciava que as chances eram mínimas. O cara teria ido embora. Não restava senão detê-lo quando viesse buscar a máquina fotográfica. Se viesse.

Na loja, Thorson se mostrou atencioso ao telefone, tentando saber a que horas o cliente viria buscar o equipamento, ao mesmo tempo em que, no entanto, procurava parecer desinteressado. Ele era um bom ator. Poucos momentos depois, desligou.

Olhou imediatamente para a lente da câmera de vídeo e disse com calma:

— Falem comigo, porra! O que está acontecendo?

Backus usou o telefone celular para se comunicar com a loja e inteirá-lo do que acabava de acontecer. No monitor, eu vi Thorson cerrar o punho e dar um soco na escrivainha. Não sei se era um sinal de decepção porque a captura não se efetuara ou de alegria porque ele teria oportunidade de se ver cara a cara com o Poeta.

* * *

Passei quase todas as quatro horas seguintes no automóvel com Backus e Carter. Estando no banco traseiro, eu pelo menos podia estirar o corpo. O único intervalo foi quando eles me mandaram a uma lanchonete, na esquina, comprar sanduíches e café. Fui depressa e não perdi nada.

Foi um longo dia, mesmo passando em frente à loja de hora em hora e apesar da chegada de vários fregueses, em horas diferentes, que sempre eram momentos tensos até que fossem identificados como clientes reais, não Gladden.

Por volta das quatro, Backus e Carter já estavam começando a traçar os planos do dia seguinte, resistindo obstinadamente à ideia de que talvez Gladden não viesse, de que talvez tivesse percebido alguma coisa estranha e houvesse ludibriado o Bureau. Ele disse a Carter que decidira mandar instalar microfones em dois sentidos na loja, para não ter de usar o telefone quando precisasse comunicar-se com Thorson.

— Quero isso instalado amanhã.

— Pode deixar — respondeu Carter. — Quando fecharem, eu mesmo vou lá com o técnico e providencio.

Ficaram em silêncio novamente. Eu tinha certeza de que Backus e Carter, veteranos de muitas campanhas, estavam acostumados a longos períodos de companhia silenciosa. Para mim, no entanto, aquilo fazia o tempo passar ainda mais devagar. De vez em quando, tentava iniciar uma conversa, mas eles nunca passavam de umas poucas palavras.

* * *

Pouco depois das quatro horas, um carro parou atrás do nosso. Eu me volvei e vi que era Rachel. Ela desceu e entrou no nosso automóvel, sentando-se a meu lado.

— Ora, ora — disse Backus. — Uma coisa me dizia que você não iria ficar muito tempo longe. Tem certeza de que fez tudo o que tinha a fazer na Flórida?

Apesar de amável, ele me deu a impressão de que estava contrariado com o apressado retorno de Rachel. Devia preferir que ela tivesse ficado na Flórida.

— Está tudo em ordem, Bob. E aqui? Aconteceu alguma coisa?

— Não. Tudo parado.

Quando Backus voltou a olhar para a frente, ela me acariciou a mão no assento e olhou para mim com uma expressão curiosa. Eu tardei alguns momentos para entender por quê.

— Verificou a caixa postal, Rachel?

Retomando a expressão normal, ela se voltou para a nuca do chefe. Ele não tinha se virado e estava sentado bem na frente dela.

— Verifiquei, Bob — ela respondeu com a voz ligeiramente alterada pela exasperação. — Foi inútil. Não havia nada lá. O proprietário disse que parece que uma mulher, uma velha, vai lá todo mês e esvazia a caixa. E que a única correspondência que chega são extratos bancários. Acho que é a mãe de Gladden. Provavelmente mora por ali, mas não encontrei seu nome na lista e não há nada na polícia.

— Devia ter ficado um pouco mais e procurado melhor.

Ela permaneceu um momento calada. Eu sabia que ainda se sentia confusa com a maneira como Backus a estava tratando.

— Talvez — respondeu —, mas acho que os agentes da Flórida podem cuidar disso. Eu estou encarregada deste caso, Bob, não esqueça.

— Eu não esqueci.

Ficamos todos algum tempo em silêncio depois disso. Ao sentir que a tensão tinha diminuído um pouco, olhei para Rachel e ergui as sobrancelhas. Ela chegou a levantar a mão para me tocar o rosto, mas achou melhor não fazê-lo.

— Você tirou a barba.

— É.

Backus se virou para trás e olhou para mim. Depois voltou a sua posição normal.

— Eu achei mesmo que alguma coisa estava diferente — ele disse.

— Por quê? — perguntou Rachel.

— Sei lá.

Uma voz surgiu no rádio:

— Cliente.

Carter pegou o microfone e disse:

— Como é?

— Homem, branco, vinte e poucos anos, louro, com uma caixa na mão. Nenhum veículo observado. Ou vai para a Data ou para o barbeiro ao lado. Bem que está precisando.

Havia uma barbearia contígua à Data Imaging Answers. Do outro lado, ficava uma loja de informática desativada. Os agentes

observadores haviam passado o dia anunciando os clientes potenciais; a maior parte acabava indo ao barbeiro, não à DIA.

— Ele está entrando.

Eu me inclinei e vi, no monitor, o homem que acabava de entrar na loja com uma caixa na mão. A imagem em branco e preto abrangia toda a sala, mas era muito granulosa e pequena para que pudéssemos saber se era Gladden ou não. Fiquei com a respiração suspensa como em cada ocasião em que entrava um freguês. O homem foi diretamente à escrivaninha onde se encontrava Thorson. Eu vi este erguer a mão direita, pronto para enfiá-la no paletó e sacar a arma se necessário.

— Pois não — disse.

— Bem, eu queria lhe mostrar estas grandes agendas mensais.
— Enfiou a mão na caixa. Thorson começou a se levantar. — Muitos dos seus vizinhos estão comprando.

Thorson segurou o braço do homem e inclinou a caixa para ver o conteúdo.

— Não estou interessado — disse depois de examinar o interior do recipiente.

Embora ligeiramente atônito por ter sido agarrado, o vendedor se recuperou e tratou de continuar o seu discurso.

— Tem certeza? São só dez dólares. E o senhor pode economizar muito dinheiro com isso. É um genuíno...

— Não quero. Obrigado.

O rapaz se voltou para Coombs, que se encontrava à outra escrivaninha.

— E o senhor? Quer dar uma olhada no modelo de lux....

— Não nos interessa — atalhou Thorson. — Agora faça o favor de sair da loja, estamos muito ocupados. Não adianta insistir.

— É, já percebi. Tudo bem, passem um bom dia também.

O homem foi embora.

— Puta merda! — resmungou Thorson.

Sacudiu a cabeça ao sentar-se novamente e não disse mais nada. Depois bocejou. Vendo-o, eu também bocejei, e Rachel foi contagiada por mim.

— Estou achando isto um tédio — comentou Backus.

Eu também. Precisava de um pouco de cafeína. Se estivesse na redação do jornal, decerto já teria tomado seis xícaras àquela altura do dia. Mas, devido à campana, tínhamos comido e tomado café uma única vez, e já fazia três horas.

Abri a porta.

— Vou tomar um café. Alguém quer?

— Vai acabar perdendo a festa, Jack — gracejou Backus.

— É verdade. Agora eu sei por que os tiras sofrem de hemorroidas. Passam a vida sentados por nada.

Desci, meus joelhos estalaram quando endireitei o corpo. Carter e Backus recusaram o café, Rachel disse que gostaria de tomar um. Eu esperava que se oferecesse para me acompanhar, mas não foi o que aconteceu.

— Como quer o café? — perguntei, embora soubesse a resposta.

— Preto — disse ela, sorrindo da minha encenação.

— Ok. Já volto.

Levando quatro copos descartáveis de café preto numa pequena caixa de papelão, eu entrei pela porta da Data Imaging Answers e topei com a expressão estupefata de Thorson. Antes que tivesse podido dizer alguma coisa, o telefone de sua escrivaninha começou a tocar. Ele atendeu e disse:

— Eu sei.

Entregou-me o aparelho.

— Para você, babaca.

Era Backus.

— Jack, dê o fora daí neste instante!

— Já vou. Só queria trazer um pouco de café para estes coitados. Olhe só a cara de Gordon. Está quase dormindo, isto aqui é uma chatice.

— Muito engraçado, Jack, mas saia já daí. Nosso trato dizia que você faria as coisas a minha maneira e eu protegeria a reportagem. Agora, faça o favor de fazer o que... Está chegando gente. Avise Thorson. É uma mulher.

Encostei o fone no peito e olhei para Thorson.

— Vem vindo alguém. Mas é mulher. — Tornei a falar ao telefone: — Ok, estou indo para aí.

Desliguei e coloquei um dos copos na escrivaninha de Thorson. Ouvi a porta abrir-se atrás de mim, o ruído do tráfego no Bulevar Pico aumentou momentaneamente, logo voltou a ficar abafado pelo vidro fechado. Sem me virar para a recém-chegada, aproximei-me da mesa de Coombs.

— Café?

— Muito obrigado.

Coloquei outro copo na escrivaninha e tirei da caixa de papelão os envelopes de açúcar, de creme de leite em pó e uma colherinha de plástico. Ao me voltar, vi a mulher diante da mesa de Thorson, vasculhando uma enorme bolsa preta. Era loira, os cabelos macios lhe caíam em cascata ao estilo de Dolly Parton. Uma evidente peruca. Estava de blusa branca, saia curta e meias pretas. Era alta, mesmo considerando os saltos. Quando abriu a porta da loja, eu havia sentido o perfume forte que entrara com ela.

— Hã... — disse. — Eu vim buscar uma encomenda para o meu patrão.

Colocou na escrivaninha uma folha dobrada de papel amarelo. Thorson olhou para Coombs numa tentativa de comunicar que era ele quem devia assumir a transação.

— Divirta-se, Gordon — eu disse.

A caminho da porta, olhei para ele, esperando que retrucasse com seu habitual azedume e me chamasse uma vez mais pelo apelido. Mas vi que estava concentrado no papel agora desdobrado que a moça lhe entregara, os olhos fitos em alguma coisa. A seguir, voltou-se rapidamente para uma das paredes da loja. Compreendi que estava visando a câmara. A Backus. Então, voltou-se novamente para a mulher. Eu, que me encontrava bem atrás dela naquele momento, só pude ver os olhos de Thorson por cima do ombro da moça. Ele estava se levantando, sua boca se abriu num silencioso "O". Levou a mão direita ao peito, por baixo do paletó. No mesmo instante, vi a mulher tirar a dela da bolsa e erguê-la. Estava empunhando uma faca.

Desferiu o golpe bem antes que Thorson tirasse a mão de sob o paletó. Eu ouvi um grito estranho quando a faca mergulhou em sua garganta. Ele começou a tombar para trás, o sangue arterial a jorrar, atingindo-a no ombro no momento em que ela se debruçou sobre a escrivaninha para apanhar alguma coisa. Quando endireitou o corpo novamente, ao mesmo tempo em que girava sobre os calcanhares, estava com a arma de Thorson na mão.

— Não se mexam, filhos da puta!

A voz de mulher tinha desaparecido, dando lugar a uma voz tensa, quase histérica, de animal macho encurralado. Apontou a

arma para Coombs, depois para mim.

— Saia de perto dessa porta! Para dentro!

Deixei cair a caixa com os dois copos de café, ergui as mãos e obedeci, afastando-me da entrada. O homem vestido de mulher apontou novamente para Coombs, que se pôs a gritar:

— Não! Por favor, eles estão vendo tudo, não!

— Quem está vendo? Quem?

— Estão vendo pela câmera!

— Quem?

— O FBI, Gladden — eu disse com o tom mais calmo de que era capaz, o qual, no entanto, não estava muito longe do gritinho assustado que Coombs acabava de emitir.

— Eles estão ouvindo?

— Estão.

— FBI! — gritou Gladden. — FBI, vocês já têm um morto. Se vierem aqui, terão mais dois.

Então, voltando-se para o balcão de exposição, apontou a arma de Thorson para a câmera de vídeo com a luz vermelha acesa. Disparou três vezes, até atingi-la, fazendo com que caísse do balcão e se partisse em pedaços.

— Vá para lá — gritou para mim. — Cadê as chaves?

— Que chaves?

— Desta porra de loja.

— Como é que eu vou saber? Não trabalho aqui.

— Quem trabalha aqui, então?

Apontou a arma para Coombs.

— No meu bolso. As chaves estão no meu bolso.

— Vá trancar a porta da frente. Se tentar fugir, eu faço com você a mesma coisa que fiz com a câmera.

— Sim, senhor.

Coombs fez o que ele mandou; depois, Gladden ordenou que os dois fôssemos para o fundo da loja e nos sentássemos no chão, encostados na porta que dava para a saleta de depósito, impedindo que entrassem por ela. A seguir, tombou as duas escrivaninhas, improvisando um esconderijo ou talvez até um escudo contra as

balas que viessem de fora. Agachou-se atrás da mesa que tinha sido ocupada por Thorson.

De onde estava, eu podia ver o corpo do agente federal. A camisa outrora branca tingira-se de sangue. Ele não se movia e seus olhos estavam semicerrados e fixos. A faca continuava enterrada em sua garganta. Estremeci ante a cena horrível, pensando que um momento antes aquele homem estava vivo e que, gostando dele ou não, eu o conhecia. Agora estava morto.

Imaginei o desespero de Backus. Sem imagens da loja, não sabia do estado de Thorson. Se acreditasse que ele estava vivo e que ainda havia uma chance de salvá-lo, eu poderia contar com uma invasão da equipe de situações críticas a qualquer momento, com suas bombas de gás lacrimogêneo, de efeito moral e tudo mais. Se ele acreditasse que Thorson estava morto, era melhor eu me preparar para uma longa noite.

— Se não trabalha aqui — disse-me Gladden —, quem é você? Eu o conheço?

Eu hesitei. Quem era eu? Devia dizer a verdade àquele homem?

— Você é do FBI.

— Não, não sou do FBI. Sou jornalista.

— Jornalista? Veio fazer uma reportagem sobre mim, é isso?

— Se você quiser, eu faço. E, se quiser falar com o FBI, ponha no gancho o fone daquele aparelho ali no chão. Vão telefonar para aquela linha.

Gladden olhou para o telefone que caíra quando ele tinha virado a escrivania. Bem naquele momento, começamos a ouvir o agudo sinal intermitente de que estava fora do gancho. Gladden alcançou o fio sem precisar sair de trás do anteparo improvisado. Puxou-o para junto de si e desligou o aparelho. Virou-se para mim.

— Eu o estou reconhecendo — disse. — Você...

O telefone tocou e ele atendeu.

— Diga! — ordenou.

Houve um longo silêncio até que ele finalmente respondesse ao que lhe haviam dito.

— Ora, vejam só, agente Backus, é um prazer voltar a conversar com você. Eu soube muita coisa a seu respeito desde a última vez

em que nos encontramos na Flórida. E de seu papai, é claro. Li o livro dele. Tinha muita esperança de voltar a conversar com você... Só nós dois... Não, infelizmente não vai ser possível porque eu estou com dois reféns aqui. Se você me foder, Bob, eu fodo com eles de um jeito que ninguém não vai nem acreditar quando entrar aqui. Lembra-se de Attica? Pense nisso, agente Backus. Pense em como papai trataria do caso. Agora, tchau.

Desligou e olhou para mim. Tirou a peruca e a jogou com raiva no outro lado da sala.

— Como foi que você conseguiu entrar aqui, jornalista? O FBI não deixa...

— Você matou meu irmão. Foi o que me trouxe aqui.

Gladden olhou longamente para mim.

— Eu não matei ninguém.

— Você está fodido, Gladden. Pode fazer conosco o que quiser, eles vão pegá-lo. E você nunca mais vai sair de lá. Eles...

— Cale essa boca! Não quero ouvir mais nada.

Gladden pegou o telefone e discou um número.

— Vamos conversar com Krasner, é uma emergência... William Gladden... Sim, ele mesmo.

Nós nos entreolhamos enquanto ele esperava que o advogado atendesse. Eu tentava aparentar calma, mas, por dentro, meu cérebro estava funcionando a mil. Não via nenhum meio de sair dali sem que mais uma pessoa morresse. Gladden não parecia ser do tipo que se deixava convencer a erguer as mãos e entregar-se para ir parar na cadeira elétrica ou na câmara de gás dali a alguns anos, dependendo do Estado que o levasse primeiro a julgamento.

Krasner aparentemente atendeu e, nos dez minutos seguintes, Gladden lhe explicou vivamente a situação, irritando-se com cada atitude que o advogado lhe sugeria que tomasse. Por fim, bateu o telefone com violência.

— Filho da puta!

Permaneci em silêncio. Achava que cada minuto que passava era a meu favor. O FBI devia estar preparando alguma coisa lá fora. Os atiradores de elite, a equipe de choque.

Estava começando a escurecer. Olhei pela porta de vidro para o shopping center do outro lado da rua. Observei o telhado, mas não vi nenhum vulto, nenhum cano de fuzil de filme de ação. Nada ainda.

Desviei a vista, mas logo tornei a olhar para fora. Notei que não havia tráfego no Boulevard Pico. A rua estava bloqueada. O que tivesse de acontecer aconteceria em breve. Olhei para Coombs, procurando um meio de avisá-lo para que se protegesse. Ele estava com a camisa molhada de suor, com o nó da gravata ensopado da transpiração que lhe escorria pelo rosto e o pescoço.

Sua aparência era a de um homem que havia passado uma hora vomitando. Estava doente.

— Gladden, mostre-lhes um pouco de boa vontade. Deixe o senhor Coombs sair. Ele não tem nada a ver com isso.

— Duvido.

O telefone tocou. Ele atendeu e escutou sem dizer nada. Depois, recolocou delicadamente o fone no gancho. O aparelho tocou momentos depois, ele atendeu e rapidamente tirou o plugue da tomada. Fez o mesmo com o outro telefone. Agora, ninguém mais podia ligar para lá.

— Isso é uma besteira — eu disse. — Deixe-os falar com você, eles hão de encontrar uma saída.

— Escute, quando quiser o seu palpite, eu peço. Agora feche essa matraca.

— Ok.

— Eu mandei calar a boca!

Eu ergui as mãos num gesto de capitulação.

— Vocês da imprensa são uns merdas mesmo. Nunca sabem do que estão falando. Você... qual é o seu nome?

— Jack McEvoy.

— Tem documento?

— No bolso.

— Jogue-o aqui.

Tirei lentamente a carteira do bolso e a fiz deslizar no carpete até onde ele se encontrava. Gladden a abriu e examinou minhas credenciais de jornalista.

— Eu pensei que você... Denver? Que porra você veio fazer em Los Angeles?

— Eu já disse. Meu irmão.

— É, e eu também já disse. Não matei ninguém.

— E ele?

Apontei com o queixo para o corpo inerte de Thorson. Gladden olhou para o cadáver, depois para mim.

— Ele começou. Eu terminei. É a regra do jogo.

— O cara morreu. Não é jogo nenhum.

Gladden ergueu a arma e a apontou para o meu rosto.

— Se eu disse que é jogo, é jogo.

Não respondi.

— Por favor — disse Coombs. — Por favor...

— Por favor o quê? Vá se foder. E você... seu repórter de merda, o que vai escrever quando isso terminar? Supondo que ainda possa escrever alguma coisa.

Fiquei no mínimo um minuto pensando, ele esperou.

— Vou contar por que, se você deixar. É sempre o mais interessante. Por que você fez isso? É o que vou escrever. Foi por causa daquele cara da Flórida? Por causa de Beltran?

Ele rosnou com desprezo, incomodando mais com o nome que eu pronunciara do que com o fato de eu saber.

— Sem comentários. Não estou dando entrevistas hoje.

Gladden ficou olhando um bom tempo para a arma que empunhava. Acho que, naquele momento, percebeu a futilidade da situação em que se encontrava. Sabia que não havia saída, e eu tive a impressão de que ele sempre soubera que sua trajetória fatalmente acabaria numa cena como aquela. Senti que era um ponto fraco e tentei novamente.

— Você devia pegar esse telefone e dizer-lhes que quer conversar com Rachel Walling. Diga que quer falar com ela. É agente também. Lembra-se dela? Foi visitá-lo em Raiford. Sabe tudo a seu respeito, Gladden, vai ajudá-lo.

Ele fez um gesto negativo.

— Eu precisava matar o seu irmão — disse em voz baixa. — Eu precisava.

Aguardei, porém ele não disse mais nada.

— Por quê?

— Era a única maneira de salvá-lo.

— Salvá-lo do quê?

— Você não enxerga? — Mediu-me dos pés à cabeça; havia dor e ódio em seu olhar. — De ficar como eu. Olhe para mim! De se tornar um cara como eu!

Eu ia fazer outra pergunta, quando ouvi um súbito ruído de vidro quebrado. Olhei para a frente da loja e vi um objeto escuro, mais ou menos do tamanho de uma bola de tênis, atravessar a loja rumo à escrivaninha tombada perto de Gladden. Compreendi o que era e comecei a rolar e a proteger a cabeça e os olhos com os braços. Foi quando se deu a tremenda explosão na loja; o clarão me ofuscou os olhos fechados, e o abalo foi tão violento que uma poderosa onda de energia me atingiu qual um soco em toda a extensão de meu corpo.

O resto da vitrine se esmigalhou e, ainda rolando, eu abri os olhos o suficiente para avistar Gladden. Retorcia-se no chão, os olhos arregalados mas sem enxergar, as mãos nos ouvidos. Havia demorado demais para entender o que estava acontecendo. Eu conseguira bloquear pelo menos parte do impacto da explosão da granada. Ele parecia ter recebido todo o choque. Vi a arma jogada no chão, perto de suas pernas. Sem parar para pensar nas chances que eu tinha, arrastei-me rapidamente para lá.

Gladden se sentou quando me aproximei, e ambos nos precipitamos sobre o revólver, nossas mãos o alcançaram ao mesmo tempo. Começamos a lutar, a rolar engalfinhados. Minha ideia era colocar o dedo no gatilho e disparar. Pouco importava que não o atingisse, contanto que não saísse eu mesmo ferido. Sabia que, à detonação da granada, iria se seguir uma multidão de agentes. Se conseguisse descarregar a arma, tanto fazia quem acabasse ficando com ela. Estaria tudo acabado.

Consegui enfiar o polegar esquerdo na guarda do gatilho, mas o único lugar que minha mão direita pôde agarrar foi a extremidade do cano. O revólver estava entre nossos peitos, apontado para os nossos queixos. No momento em que julguei — ou esperei — estar

fora da linha de fogo, forcei a mão esquerda ao mesmo tempo em que soltava a direita. A arma disparou, e eu senti uma dor aguda quando a bala rasgou o tecido entre meu polegar e a palma da mão, e os gases liberados me queimaram. No mesmo instante, ouvi o grito de Gladden. Olhei para o seu rosto e vi sangue saindo de seu nariz. No que restava de seu nariz. O projétil lhe rompera a borda da narina esquerda e abrira uma fenda em sua testa.

Senti-o afrouxar momentaneamente e, num impetuoso esforço — possivelmente o último —, apoderei-me da arma. Tentei de me afastar dele, já estava ouvindo passos nos cacos de vidro e gritos ininteligíveis quando Gladden avançou mais uma vez para me arrebatá-lo. Eu ainda estava com o polegar enfiado na guarda do gatilho até a altura da articulação. Com o dedo comprimido no pequeno espaço, não tinha a possibilidade de movimentá-lo. Gladden tentou puxar a arma e, com isso, provocou um novo disparo. Nossos olhares se encontraram naquele momento, e o dele pareceu querer dizer alguma coisa. Dizer que ele queria aquela bala.

Gladden relaxou instantaneamente e tombou. Eu vi a ferida aberta em seu peito. Ele me fitou com a mesma resolução que eu vira em seu olhar um momento antes. Como se soubesse o que iria acontecer. Levou a mão ao peito e olhou para o sangue que a embebia. Senti que me seguravam firmemente o braço e me tiravam a arma da mão. Ergui a vista e vi um homem de capacete preto e macacão da mesma cor, com um enorme colete à prova de balas. Trazia uma espécie de fuzil e um aparelho de comunicação preso à cabeça, uma barra preta e curvada diante da boca. Olhou para mim, no chão, e apertou o botão transmissor junto ao ouvido.

— Tudo sob controle aqui — disse. — São dois no chão e dois de pé.

Não estava doendo, coisa que o surpreendeu. O sangue que lhe escorria entre os dedos e nas mãos era cálido e agradável. Teve a esquisita sensação de haver passado por um teste. Ele conseguira. Fosse o que fosse. Os ruídos e os movimentos a sua volta estavam todos abafados, eram lentos. Abriu os olhos e fitou o sujeito que havia atirado nele. De Denver. Seus olhares se encontraram durante um breve momento, mas logo alguém se interpôs. O homem de preto se curvou sobre ele e fez alguma coisa. Gladden olhou para baixo e viu as algemas nos pulsos. Sorriu da tolice. Nada podia prendê-lo no lugar para onde iria agora.

Então ele a viu. Uma mulher agachada junto ao cara de Denver. Segurando-lhe a mão, acariciando-a. Gladden a reconheceu. Era a que fora entrevistá-lo anos antes, na cadeia. Agora ele se lembrava.

Estava ficando com frio. Nos ombros e no pescoço. Suas pernas estavam entorpecidas. Precisava de um cobertor, mas ninguém olhava para ele. Ninguém se importava. A loja começou a ficar mais clara, como quando acendem os holofotes da televisão. Ele estava partindo e sabia disso.

— Então é assim — murmurou, mas ninguém pareceu ter ouvido.

A não ser a mulher. Ela se voltou ao ouvir suas débeis palavras. Seus olhares se encontraram e, um momento depois, Gladden a viu balançar ligeiramente a cabeça, sinal de que tinha percebido.

Percebido o quê?, ele se perguntou. Que estou morrendo? Que por algum motivo vim parar aqui? Voltou a cabeça para ela e esperou que a vida acabasse de se escoar. Podia descansar agora. Finalmente.

Tornou a procurar a mulher, mas ela estava olhando para o homem outra vez. Gladden o observou, o homem que o havia matado, e um estranho pensamento lhe ocorreu em meio à agonia. O cara era muito velho para ter um irmão ainda menino. Devia haver algum engano.

Gladden morreu com os olhos abertos, olhando para o homem que o matara.

Foi uma cena surrealista. Muita gente correndo de um lado para outro na loja, a gritar, a aglomerar-se junto ao morto e ao agonizante. Meus ouvidos zumbiam, minhas mãos tremiam. Era como se tudo se passasse em câmera lenta. Pelo menos foi assim que ficou gravado em minha memória. E, em meio a tanta coisa, apareceu Rachel, pisando nos cacos de vidro, feito um anjo da guarda que viera me levar dali. Abaixou-se, segurou-me a mão intacta e a acariciou. Aquele contato foi como um chamado à vida, que me permitiu compreender de súbito o que havia acontecido, o que eu fizera, e me senti arrebatado pela alegria de simplesmente ter sobrevivido. As noções de justiça e vingança iam longe naquele momento.

Olhei para Thorson. Os paramédicos estavam tentando reanimá-lo. Uma moça, montada nele, usava o peso do corpo para lhe massagear o coração, um rapaz segurava a máscara de oxigênio, outro estava encerrando seu corpo inerte numa capa térmica. Ajoelhado a seu lado, Backus segurava a mão do agente caído, friccionava-lhe o pulso e gritava:

— Respire, porra, respire! Vamos, Gordon, respire!

Mas era inútil. Não podiam fazer com que o pobre Thorson regressasse da morte. Todos sabiam disso, mas ninguém parou. Continuaram trabalhando e, quando entraram com a maca pela vitrine quebrada e o colocaram nela, a paramédica tornou a sentar-se em cima dele. Os braços estendidos, uma mão sobre a outra, empurrando e soltando, empurrando e soltando-lhe o peito. E assim foram levados.

Vi Rachel acompanhar o cortejo com olhos não tristes, mas distantes. Depois, seu olhar foi do ex-marido que saía para o homem estendido perto de mim, aquele que o matara.

Olhei para Gladden. Tinha sido algemado e ninguém estava cuidando dele ainda. Iriam deixá-lo morrer. Qualquer intenção de interrogá-lo ou estudá-lo havia desaparecido no momento em que ele enfiara a faca na garganta de Thorson.

Olhei para Gladden e acreditei que já estava morto, os olhos apagados, fitos no teto. Mas sua boca se moveu então, e ele disse uma coisa que eu não consegui ouvir. Moveu lentamente a cabeça em minha direção. Primeiro, olhou para Rachel. Foi um momento apenas, mas eu vi seus olhares se encontrarem, uma espécie de comunicação entre eles. Reconhecimento talvez. Quem sabe se lembrava dela. Depois, Gladden desviou lentamente os olhos e me encarou novamente. Eu estava olhando para ele quando a vida o deixou.

* * *

Pouco depois que Rachel saiu da Data Imaging, eu fui levado de ambulância a um hospital chamado Cedars-Sinai. Quando cheguei, Thorson e Gladden já tinham estado lá e foram declarados mortos. No pronto-socorro, um médico examinou minha mão, irrigou a ferida com uma coisa que me pareceu um canudinho preto e suturou-a. Passou uma pomada nas queimaduras e envolveu tudo com gaze.

— A queimadura não é nada — disse enquanto me enfaixava. — Não precisa se preocupar. Mas a ferida vai dar trabalho. Por sorte, a bala perfurou a mão sem atingir nenhum osso. Mas, por outro lado, rompeu um tendão, e você vai ficar com os movimentos do polegar prejudicados se deixar como está. Posso indicar-lhe um especialista que, provavelmente, conseguirá ligar o tendão ou fazer um novo para você. Com a cirurgia e um pouco de exercício, vai ficar bom outra vez.

— E digitar?

— Por enquanto não.

— Não, estou dizendo com exercício.

— Pode ser. É melhor perguntar ao seu médico.

Deu-me um tapinha no ombro e saiu. Fiquei uns dez minutos a sós, sentado na mesa de exame, até que Rachel e Backus entrassem. Este vinha com a aparência desconsolada de um homem que vira todos os seus planos transformarem-se em merda.

— Como vai, Jack?

— Bem. Lamento muito o que aconteceu com o agente Thorson. Foi...

— Eu sei. Essas coisas...

Ficamos alguns momentos calados. Olhei para Rachel, ela para mim.

— Tem certeza de que está passando bem?

— Sim, está tudo em ordem. Não vou poder digitar durante algum tempo... acho que tive sorte. E Coombs?

— Ainda está em estado de choque, mas vai ficar bom.

Olhei para Backus.

— Bob, eu não pude fazer nada. Aconteceu de repente. Foi como se, de uma hora para outra, os dois tivessem sabido quem era quem. Não sei. Por que Thorson não seguiu o plano até o fim? Por que, em vez de simplesmente lhe entregar a câmara, resolveu sacar a arma?

— Para bancar o herói — respondeu Rachel. — Queria prendê-lo. Ou matá-lo.

— Ninguém sabe, Rachel — disse Backus. — Nunca saberemos. Mas a pergunta que pode ser respondida é por que você resolveu entrar lá, Jack? Por quê?

Eu olhei para as ataduras na minha mão. Com a outra, cocei o queixo.

— Sei lá. Vi Thompson bocejar, no monitor, e achei que... Não sei por que fiz isso. Uma vez ele levou café para mim... Eu estava retribuindo o favor. Não imaginei que Gladden fosse aparecer bem naquela hora.

Era mentira. Mas eu não conseguia articular meus verdadeiros motivos ou emoções. Só sabia que uma coisa me dizia que, se entrasse naquela loja, Gladden apareceria. E eu queria que ele me visse. Sem a barba, sem disfarce. Queria que visse meu irmão.

— Bom — disse Backus após mais um intervalo de silêncio. — Acha que consegue passar algumas horas com uma estenógrafa amanhã? Sei que está ferido, mas gostaríamos de tomar seu depoimento para acabar com tudo isso de uma vez. Temos de mostrar alguma coisa para o promotor distrital local.

Eu fiz que sim.

— Pode contar comigo.

— Você sabe, Jack, quando Gladden atirou na câmera, destruiu o som também. Não sabemos o que foi dito na loja. Conte-me, Gladden disse alguma coisa?

Pensei um pouco. Ainda não me lembrava de tudo.

— Primeiro ele disse que não matou ninguém. Depois, admitiu ter matado Sean. Disse que matou meu irmão.

Backus arqueou as sobrancelhas como se estivesse surpreso, depois balançou a cabeça.

— Ok, Jack, até amanhã então. — Voltou-se para Rachel: — Você vai levá-lo para o quarto/hotel?

— Vou, Bob.

— Ok.

Backus saiu do quarto com a cabeça baixa, e eu me senti mal. Duvidava que tivesse aceitado minha explicação e não sabia se sempre me culparia pelo funesto resultado da operação.

— Que vai acontecer a ele? — perguntei.

— Bem, antes de mais nada, o saguão está repleto de jornalistas, e ele terá de explicar por que as coisas deram no que deram. Depois disso, certamente o diretor vai mandar o Padrões Profissionais investigar o plano elaborado. Não vai ser nada bom para ele.

— Mas o plano era de Thorson. Eles não podem simplesmente...

— Bob o aprovou. Se alguém tiver que pagar, Gordon não está mais aqui.

Olhando para a porta aberta por onde Backus acabava de sair, vi um médico parar e olhar para dentro. Estava com um estetoscópio na mão e várias canetas no bolso do guarda-pó branco.

— Tudo bem por aqui? — indagou.

— Sim.

— Está tudo em ordem — acrescentou Rachel. Olhou para mim.
— Está mesmo? — Eu fiz que sim. — Graças a Deus que não lhe aconteceu nada. Foi uma loucura o que você fez.

— Eu só queria levar café para ele. Não esper...

— Estou me referindo à arma. A tomá-la de Gladden.

Eu dei de ombros. Talvez tivesse sido loucura, pensei, mas talvez tivesse salvado a minha vida.

— Como você sabia, Rachel?

— Sabia o quê?

— Você me perguntou o que aconteceria se eu me visse cara a cara com ele. É como se soubesse.

— Eu não sabia, Jack. Foi só uma pergunta.

Estendeu a mão e roçou meu rosto como costumava fazer quando eu tinha barba. Depois, com o dedo, empurrou-me o queixo até que eu olhasse para ela. Colocou-se entre minhas pernas e me deu um longo beijo. Foi regenerador e sensual ao mesmo tempo. Eu enfiei a mão intacta por baixo de seu casaco e lhe acariciei o seio de leve.

Quando ela se afastou, abri os olhos e vi, por cima de seu ombro, o médico que pouco antes olhara para o quarto.

— Espião — eu disse.

— O quê?

— Aquele médico. Acho que estava nos espionando.

— Não ligue para ele. Podemos ir?

— Sim, podemos ir.

— Não receitaram nada para a dor?

— Vão me dar uns comprimidos quando eu sair.

— Você não pode sair pela frente. A imprensa está lá fora, vão cair em cima de você.

— Droga, eu me esqueci. Terei de assinar os papéis aqui.

Consultei o relógio. Eram quase oito horas em Denver. Greg Glenn provavelmente estava esperando o meu telefonema, recusando-se a entregar a primeira página à impressão enquanto não falasse comigo. Calculei que podia esperar até as nove no máximo. Olhei a minha volta. Havia um telefone na parede, acima de um balcão de equipamento no fundo da sala.

— Você pode lhes dizer que não vou sair por lá? — pedi. — Enquanto isso, eu telefono para o *Rocky*. Preciso avisar que estou vivo.

* * *

Glenn quase delirou quando ouviu minha voz.

— Jack, onde diabo você esteve?

— Eu fiquei... hã, retido. Eu...

— Você está bem? Os despachos dizem que foi baleado.

— Tudo bem. Terei de digitar só com uma mão durante algum tempo.

— Os despachos também dizem que o Poeta morreu. A AP cita uma fonte que diz que você... hã, que você o matou.

— A AP tem uma boa fonte.

— Santo Deus, Jack!

Não respondi.

— A CNN está transmitindo ao vivo do próprio local a cada dez minutos, mas eles não têm merda nenhuma. Parece que vai haver uma coletiva no hospital.

— Isso mesmo. E se você me puser em contato com alguém que possa escrever, eu lhe dou uma matéria de primeira página. Muito mais do que qualquer outro vai conseguir hoje à noite.

Ele demorou a responder.

— Greg?

— Espere, Jack, preciso pensar. Você...

Não concluiu, mas eu esperei.

— Jack, vou colocá-lo em contato com Jackson. Conte-lhe o que puder. Ele também vai acompanhar a coletiva, se a CNN a transmitir.

— Nada disso. Não vou contar nada a Jackson. Quero um estagiário ou um datilógrafo. Eu dito a matéria. Vai ser muito melhor do que vão obter na coletiva.

— Não, Jack, não dá. Agora é diferente.

— Como assim?

— Você já não está fazendo a cobertura do caso. É parte dele. Você matou o cara que matou seu irmão. Matou o Poeta. Agora, a

matéria é sobre você. Não pode escrevê-la. Vou colocá-lo em contato com Jackson. Mas me faça um favor. Fique longe da mídia lá fora. Dê-nos pelo menos um dia de exclusividade.

— Escute, eu sempre fui parte dessa história.

— Sim, mas não tinha matado ninguém. Jack, não é essa a função de um jornalista. É a função da polícia. E você ultrapassou o limite. A matéria não é mais sua. Sinto muito.

— Era ele ou eu, Greg.

— Tenho certeza disso e dou graças a Deus que tenha sido ele. Mas isso não muda as coisas, Jack.

Eu não disse nada. No fundo, sabia que ele tinha razão em não me deixar escrever. Mas não conseguia acreditar. Era a minha matéria e agora não era mais. Eu continuava dentro, mas estava fora.

No momento em que Rachel estava chegando com uma prancheta e vários formulários para eu assinar, Jackson entrou na linha. Disse-me que seria uma grande matéria e começou a fazer perguntas. Respondi a todas e lhe contei algumas coisas que ele não tinha perguntado. Enquanto falava, ia assinando os formulários nos lugares que Rachel indicava.

A entrevista foi rápida. Jackson disse que queria assistir à coletiva de imprensa na CNN para ter comentários oficiais e confirmar a minha versão dos fatos. Pediu-me que voltasse a ligar dali a uma hora, para alguma pergunta complementar, e eu concordei. Senti um alívio quando finalmente desligamos.

— Bem, agora que você assinou tudo e telefonou, está livre para ir embora — disse Rachel. — Tem certeza de que não quer ler o que assinou?

— Não, vamos embora. Pegou o analgésico? Minha mão está começando a doer.

— Está aqui.

Tirou um frasco do bolso do casaco e o entregou juntamente com um maço de mensagens telefônicas em papel cor-de-rosa, aparentemente anotadas no balcão do saguão de entrada do hospital.

— O que é...

Eram telefonemas de produtores de noticiários de três emissoras de televisão, da *Nightline*, com Ted Koppel, de dois programas matinais, e também de jornalistas do *New York Times* e do *Washington Post*.

— Você é uma celebridade, Jack — sorriu Rachel. — Enfrentou o diabo e sobreviveu para contar a história. Querem lhe perguntar como está se sentindo. As pessoas sempre querem saber do diabo.

Enfiei as mensagens no bolso da calça.

— Vai retornar os telefonemas?

— Não. Vamos embora.

* * *

No trajeto de volta a Hollywood, eu disse a Rachel que não queria passar a noite no Wilcox Hotel. Queria que me servissem no quarto e, depois, ficar deitado numa cama confortável, assistir à televisão com o controle remoto na mão, amenidades que o Wilcox obviamente não oferecia. Ela compreendeu.

Depois de passarmos pelo Wilcox para que eu pegasse minhas coisas e pagasse a conta, Rachel foi pelo Boulevard Sunset rumo à costa. No Chateau Marmont, ficou no carro enquanto eu ia à recepção. Pedi um quarto com vista e não quis saber o preço. Deram-me um quarto com terraço que custava mais do que eu já tinha gasto num hotel em toda a vida. O terraço dava para o Homem do Marlboro e o resto dos outdoors da faixa costeira. Gostei de olhar para o Homem do Marlboro.

Não falamos muito ao jantar no quarto. Mantivemos aquele silêncio confortável que os casais de muitos anos conseguem. Depois, tomei um longo banho e, pelo alto-falante do banheiro, escutei o locutor da reportagem da CNN sobre a Digital Imaging. Nenhuma novidade. Mais perguntas que respostas. Boa parte da coletiva de imprensa concentrou-se em Thorson e em seu extremo sacrifício. Pela primeira vez, pensei em Rachel e em como ela estava lidando com aquilo. Tinha perdido o ex-marido. Um homem que ela chegara a desprezar, mas também com quem tivera uma relação íntima.

Saí do banheiro com o roupão macio que o hotel fornecia. Rachel estava na cama, reclinada nos travesseiros, ainda assistindo à televisão.

— Vai começar o noticiário local — ela disse.

Subi na cama e a beijei.

— Você está bem?

— Estou, por quê?

— Não sei. Hã, qualquer que fosse o seu relacionamento com Thorson, eu sinto muito, ok?

— Eu também.

— Eu estava pensando... Você quer fazer amor?

— Quero.

Desliguei o televisor e apaguei a luz. Houve um momento, na escuridão, em que senti o gosto das lágrimas em seu rosto, e ela me abraçou com mais força do que nunca. O nosso amor teve um sabor agridoce. Era como se duas pessoas tristes e solitárias se tivessem encontrado e decidido ajudar-se mutuamente. Depois, ela se aninhou junto às minhas costas e eu tentei dormir, mas não consegui. Os demônios do dia ainda estavam bem despertos dentro de mim.

— Jack — ela sussurrou. — Por que você chorou?

Demorei a responder, tentando encontrar palavras com que explicar.

— Não sei. É difícil. Acho que o tempo todo eu tinha esperança, uma espécie de sonho, esperança de poder... Considere-se feliz por nunca ter feito o que eu fiz hoje. Considere-se feliz.

* * *

Mesmo mais tarde, o sono não vinha, mesmo depois de haver tomado os comprimidos do hospital. Ela perguntou em que eu estava pensando.

— Estou pensando no que ele me disse no fim. Não consigo entender.

— O que ele disse?

— Que matou Sean para salvá-lo.

- Do quê?
- De se tornar como ele. É isso que eu não entendo.
- Provavelmente, nunca entenderemos. É melhor esquecer.

Acabou.

- Ele disse mais uma coisa. No fim. Quando todos estavam lá.

Você ouviu?

- Acho que sim.
- O que foi?
- Ele disse algo como: “Então é assim”. Só isso.
- O que significa?
- Acho que estava desvendando o mistério.
- A morte.
- Ele a viu chegar. Viu as respostas. Disse: “Então é assim”. E morreu.

Na manhã seguinte, encontramos Backus já a nossa espera na sala de reuniões do sétimo andar do prédio federal. O dia estava bonito, e eu avistei o topo da Ilha Catalina erguendo-se sobre a camada baixa de neblina matinal na baía de Santa Monica. Eram oito e meia, porém Backus já se encontrava em mangas de camisa e dava a impressão de estar em atividade havia horas. Em seu lugar, à mesa, viam-se pastas e documentos espalhados, dois laptops e uma pilha de mensagens telefônicas em papel cor-de-rosa. Muito sério, havia algo de triste nele. Tudo indicava que a perda de Thorson haveria de deixar uma marca permanente naquele homem.

— Rachel, Jack — disse à guisa de saudação, em lugar de um bom-dia. — Como vai a mão?

— Vai bem.

Havíamos trazido café, mas eu notei que Backus não tinha o que beber. Ofereci-lhe o meu, porém ele recusou, disse que já havia tomado muito.

— Quais são as novidades? — quis saber Rachel.

— Vocês mudaram de hotel? Eu tentei lhe telefonar hoje cedo, Rachel.

— Mudamos — respondeu ela. — Jack queria um lugar mais confortável. Estamos no Chateau Marmont.

— Bem mais confortável.

— Não se preocupe. Não vou pedir reembolso.

Backus fez que sim e, pelo modo como olhou para Rachel, deu-me a impressão de que sabia que não havíamos ficado em quartos separados e que, em todo caso, ela não tinha satisfações a dar.

— Está quase pronto — disse. — Um estudo a mais, suponho. Essa gente, se é que se pode chamá-la assim, sempre me assombra. Cada um deles, suas histórias... todos são um buraco negro. E nunca há sangue suficiente para enchê-lo.

Rachel puxou uma cadeira e se sentou a sua frente. Eu me acomodei ao lado dela. Não dissemos nada. Sabíamos que ele queria prosseguir. Apontou com uma caneta para um dos laptops.

— Esse era o de Gladden. Foi encontrado no porta-malas do carro dele ontem à noite.

— Um carro da Hertz? — perguntei.

— Não. Ele chegou à Data Imaging num Plymouth 84 registrado em nome de Darlene Kugel, 36, de North Hollywood. Fomos ao apartamento dela ontem à noite e, como ninguém atendeu, entramos. Nós a encontramos na cama, a garganta cortada, provavelmente com a mesma faca que matou Gordon. Estava morta fazia dias. Parece que ele queimou incenso e espalhou perfume em toda parte por causa do mau cheiro.

— Quer dizer que ficou lá com o cadáver?

— Parece que sim.

— Era dela a roupa que estava usando? — eu perguntei.

— Sim. E a peruca também.

— Por que ele resolveu se vestir como ela, afinal? — indagou Rachel.

— Não sei e nunca vamos saber. Imagino que soubesse que todo mundo o estava procurando. A polícia, o Bureau. Decerto pretendia sair do apartamento, pegar a câmera e talvez deixar a cidade.

— Provavelmente. O que encontraram na casa dela?

— Nada muito importante. Mas o apartamento tinha duas vagas na garagem, e nós encontramos um Pontiac Firebird 86 numa delas. Placa da Flórida. Resultou que pertencia a Gladys Oliveros, de Gainesville.

— A mãe?

— É. Mudou-se para lá, quando ele foi preso, acho que para poder visitá-lo com mais frequência. Casou-se de novo e mudou de nome. Em todo caso, abrimos o porta-malas do Pontiac e encontramos o computador e outras coisas, inclusive os livros que

Brass viu na fotografia da cela. Havia também um velho saco de dormir sujo de sangue, foi para o laboratório. O laudo preliminar diz que é isolado com paina.

— Quer dizer que ele colocou algumas vítimas no porta-malas — eu disse.

— O que explica as horas que passaram desaparecidas — acrescentou Rachel.

— Um momento — pedi. — Se ele estava com o carro da mãe, para que o carro da Hertz em Phoenix? Por que alugar um veículo se já tinha outro?

— Para dificultar as buscas, Jack. Usava o da mãe para ir de uma cidade a outra, mas preferia usar um alugado para ir matar os policiais. — Minha expressão deve ter denunciado a dúvida quanto à lógica de tal teoria. Mas Backus prosseguiu: — Em todo caso, os registros da Hertz ainda não chegaram. Não vamos tirar conclusões apressadas. Por enquanto, o importante é o computador.

— O que há nele? — indagou Rachel.

— O escritório, aqui, tem uma unidade de informática que trabalha com o grupo de Quantico. Um dos agentes, Don Clearmountain, ficou com ele esta noite. Conseguiu quebrar o código por volta das três da madrugada e tirou uma cópia do disco rígido. Está cheio de fotografias. Cinquenta e sete.

Backus *pinçou* o nariz com o polegar e o indicador. Parecia ter envelhecido desde a última vez em que eu o vira no hospital. Envelhecido muito.

— Crianças? — perguntou Rachel.

Ele balançou a cabeça num gesto afirmativo.

— Meu Deus! As vítimas?

— É... antes e depois. Uma coisa horrorosa. Horrorosa mesmo.

— E ele as enviava a algum lugar? Como pensamos?

— Sim, o computador tem um modem celular como Gordon... como ele imaginou. Também está registrado em nome de Oliveros, em Gainesville. Conseguimos os registros há pouco. — Apontou para os documentos a sua frente. — Há muitas chamadas. De toda parte. Ele devia estar ligado a alguma rede. Uma rede cujos usuários se interessavam por esse tipo de fotografias. — Olhou diretamente para

nós, os olhos tristes mas desafiadores. — Estamos rastreando todos eles. Vamos prender muita gente. Eles vão pagar. O que aconteceu a Gordon não vai ficar de graça.

Fez que sim mais consigo mesmo do que para nós.

— Podemos comparar os envios e os usuários com os depósitos na conta corrente de Gladden, em Jacksonville — sugeriu Rachel. — Aposto que saberemos quanto e quando pagaram pelas fotografias.

— Clearmountain e sua equipe já se encarregaram disso. Estão no escritório do Grupo Três, no fundo do corredor, caso você queira passar por lá.

— Bob — eu disse. — Eles viram todas as cinquenta e sete fotografias?

Ele me encarou um momento antes de responder.

— Eu vi, Jack. Eu vi.

— Só havia crianças?

Senti uma pressão no peito. Eu mentira ao dizer a mim mesmo que estava emocionalmente anestesiado quanto ao meu irmão e ao que lhe acontecera.

— Não, Jack. Não há fotografia das outras vítimas. Nenhuma dos policiais, nenhuma das vítimas adultas. Eu acho...

Não concluiu.

— O quê?

— Acho que esse tipo de fotografia não era rentável para ele.

Olhei para as minhas mãos sobre a mesa. A direita estava começando a doer, eu a sentia comprimida nas ataduras. Mas provei um alívio. Acho que foi alívio. Que outra coisa sentir ao saber que não havia fotografias do corpo de meu irmão assassinado, transitando pelo país afora pela Internet, prontas para satisfazer qualquer maluco que encontrasse prazer nessas coisas?

— Acho que quando a opinião pública souber do que esse cara andou fazendo, vão organizar uma parada em sua homenagem, Jack — disse Backus. — Você vai desfilar num conversível na Madison Avenue. — Eu o encarei. Não sabia se era uma tentativa de gracejo, mas não sorri. — Às vezes a vingança é tão boa quanto a justiça.

— É exatamente a mesma coisa, se quer saber a minha opinião.

Após alguns segundos de silêncio, ele mudou de assunto.

— Jack, precisamos tomar seu depoimento formal. Marquei para as nove e meia com uma das estenógrafas do escritório. Está preparado?

— Sempre.

— Só queremos um relato linear. De A a B, sem omitir nenhum detalhe. Achei que você podia cuidar disso, Rachel, fazer as perguntas.

— Claro, Bob.

— Queria terminar hoje mesmo e submeter o material à PD amanhã. Talvez, então, possamos todos voltar para casa.

— Quem está organizando o material para a PD? — perguntou Rachel.

— Carter. — Ele consultou o relógio. — Hã, ainda não está na hora, mas por que não vão procurar Sally Kimball lá fora, no corredor? Talvez possam começar agora mesmo.

Dispensados, levantamo-nos e fomos para a porta. Observei Rachel, tentando descobrir se estava aborrecida por ter sido designada para tomar meu depoimento, enquanto os agentes regionais se ocupavam do computador de Gladden que, naquele momento, parecia ser a peça mais interessante da investigação. Ela parecia indiferente e, ao abrir a porta da sala de reuniões, voltou-se para dizer a Backus que estava a sua disposição, caso ele precisasse de alguma coisa.

— Obrigado, Rachel. Ah, isto é para você, Jack. — Pegou uma pilha de papeletas cor-de-rosa. Mensagens telefônicas. Eu voltei para apanhá-las. — Isto também. — Entregou-me o estojo do computador, que se encontrava no chão, perto da sua cadeira. — Você o deixou no carro ontem.

— Obrigado.

Examinei as mensagens. Devia haver uma dúzia.

— Você é um homem famoso. Não deixe que isso lhe suba à cabeça.

— Só se houver a tal parada em minha homenagem.

Ele não sorriu.

* * *

Rachel foi buscar a estenógrafa, e eu fiquei no corredor, lendo os recados. Eram quase todos reiteraões dos pedidos das emissoras, mas alguns repórteres da imprensa escrita tinham telefonado, inclusive o do jornal rival da minha cidade, o *Denver Post*. Os sensacionalistas, tanto impressos quanto televisionados, também tinham deixado solicitaões. Havia ainda um telefonema de Michael Warren. Pelo número, vi que continuava em Los Angeles.

As três mensagens que mais me intrigaram não eram da mídia. Dan Bledsoe telefonara uma hora antes, de Baltimore. E havia duas de editoras, uma das mais antigas de Nova York e uma do assistente de outro editor. Reconheci os dois logotipos e senti um misto de abalo e emoão no peito.

Rachel retornou.

— Ela não vai demorar. Vamos esperar ali, naquele escritório.

Eu a acompanhei.

* * *

A sala era uma versão reduzida daquela onde estivéramos com Backus. Havia uma mesa redonda e quatro cadeiras, um aparador lateral com telefone e uma janela panorâmica com vista do centro da cidade. Perguntei a Rachel se podia usar o telefone enquanto esperávamos, e ela disse que sim. Digitei o número que Bledsoe deixara e ele atendeu à primeira chamada.

— Bledsoe Investigaões.

— Aqui é Jack McEvoy.

— Jack Mac, como é que vai?

— Tudo bem. E você?

— Muito melhor depois de receber a notícia hoje.

— Que bom, fico contente.

— Você fez muito bem em mandar aquele cara para a cova, Jack.

Muito bem mesmo.

Então, por que era que eu estava me sentindo tão mal? pensei, mas não o disse.

— Jack.

— O quê?

— Eu fico lhe devendo uma, camarada. E Johnny Mac também.

— Você não me deve nada. Estamos quites, Dan. Você me ajudou.

— Seja como for, quando você passar por aqui, nós vamos tomar uma juntos. Por minha conta.

— Obrigado, Dan. Eu dou um pulo aí.

— Escute, e aquela garota que apareceu no jornal e na televisão? A agente federal. Que mulherão!

Eu olhei para Rachel.

— É verdade, é mesmo.

— Eu vi a cobertura da CNN de quando vocês estavam saindo da loja ontem. Tome cuidado, rapaz.

Ele conseguiu me fazer sorrir. Desliguei e olhei para as mensagens das editoras. Senti-me tentado a retornar as chamadas, porém achei melhor esperar. Não conhecia bem a indústria editorial, mas quando estava escrevendo meu primeiro romance — o que acabei largando inacabado no fundo de uma gaveta —, fiz uma pequena pesquisa e decidi, caso chegasse a terminá-lo, que arranjaria um agente literário antes de procurar uma editora. Até escolhi o agente que convidaria a me representar. Mas não concluí o livro. Resolvi procurar seu nome e seu número novamente e telefonar para ele mais tarde.

A mensagem seguinte a considerar era a de Warren. A estenógrafa ainda não tinha chegado, de modo que digitei o número que ele havia deixado. Uma telefonista atendeu e, quando perguntei por ele, Rachel me endereçou imediatamente um olhar intrigado. Eu pisquei para ela quando a voz, ao telefone, disse-me que Warren não se encontrava no escritório. Eu lhe disse meu nome, porém não deixei um número para que retornasse. Ele lamentaria ter perdido o telefonema quando recebesse a mensagem.

— Por que ligou para esse cara? — Rachel perguntou quando eu desliguei. — Pensei que vocês fossem inimigos.

— Acho que somos. Eu só queria mandá-lo à merda.

* * *

Passei uma hora e quinze minutos contando minha história em detalhes, a estenógrafa a tomar notas. Rachel fazia sobretudo perguntas orientadoras, designadas a levar-me a relatar os fatos em ordem cronológica. Quando cheguei ao momento dos tiros, suas perguntas foram mais específicas e, pela primeira vez, ela quis saber o que eu estava pensando durante cada ação em particular.

Eu lhe contei que me precipitei sobre a arma simplesmente para me livrar de Gladden, nada mais. Falei-lhe da minha ideia de descarregar o revólver quando estávamos lutando e contei que o segundo disparo ocorreu sem deliberação alguma.

— Foi ele que puxou a arma, fazendo com que eu apertasse o gatilho, sabe? Quando Gladden tentou se apoderar do revólver pela segunda vez, o meu polegar ainda estava na guarda do gatilho. Com o safanão, houve o disparo. Na prática, ele se matou. E parecia saber o que ia acontecer.

Proseguimos durante mais alguns minutos depois disso, Rachel a dirigir meu depoimento com perguntas. Depois, ela disse à estenógrafa que precisaria da transcrição na manhã seguinte para o pacote que seria encaminhado à promotoria distrital.

— O que quer dizer “pacote”? — perguntei-lhe quando a estenógrafa saiu da sala.

— É só um modo de falar. É quando estamos abrindo um inquérito, preparando acusações. Calma. Obviamente, não estamos preparando nenhuma acusação contra você, foi um homicídio justificável, autodefesa. Não se preocupe, Jack.

* * *

Era cedo, mas resolvemos ir almoçar. Rachel disse que depois me deixaria no hotel. Ainda tinha o que fazer no escritório regional, mas eu estava liberado. Íamos pelo corredor quando, notando aberta a porta onde se lia Grupo Três, ela olhou para dentro. Havia dois homens na sala, ambos sentados diante de computadores, com documentos e papéis junto aos teclados e sobre os terminais. Reparei num exemplar do mesmo livro que eu tinha de Edgar Allan

Poe em cima do monitor de um dos agentes. Ele foi o primeiro a perceber a nossa presença.

— Olá, eu sou Rachel Walling, como vão indo?

O outro homem olhou para nós, e os dois nos cumprimentaram, dizendo seus nomes. Rachel me apresentou. O agente que primeiro nos notou e que se identificara como Don Clearmountain foi quem falou.

— Estamos indo bem. No fim do dia teremos uma lista de nomes e endereços. Vamos enviá-la aos ER mais próximos, e eles terão material suficiente para obter mandados de busca.

Eu visualizei as equipes de agentes batendo nas portas e arrancando da cama os pedófilos que compravam fotografias digitais de crianças assassinadas. Seria em todo o país. Comecei a imaginar as manchetes. A Sociedade do Poeta Morto. Era assim que chamariam essa gente.

— Mas achamos outra coisa bastante especial — disse Clearmountain.

O agente proferiu essas palavras com um sorriso intrigante nos lábios. Foi um convite, e Rachel não hesitou em entrar na sala. Eu a acompanhei de perto.

— O que é?

— Bem, temos um punhado de números para os quais Gladden enviava fotografias digitais. E também a lista de depósitos no banco de Jacksonville. Comparamos as duas coisas, e tudo coincide.

Ele pegou um maço de papéis perto do teclado do outro agente, folheou-os e escolheu uma lauda.

— Por exemplo, no dia cinco de dezembro do ano passado, houve um depósito de oitocentos dólares em sua conta corrente, feito no Banco Nacional de Minnesota, em St. Paul. O remetente constava como Davis Smith. Provavelmente um nome falso. No dia seguinte, o modem celular de Gladden chamou um número que descobrimos ser o de um sujeito chamado Dante Sherwood, em St. Paul. A ligação durou cinco minutos, o tempo que demora a transmissão de uma fotografia. Descobrimos dezenas de transmissões desse tipo. A diferença entre os depósitos e as transmissões é de um dia.

— Excelente.

— Agora a pergunta que surge é: como os consumidores sabiam de Gladden e do que ele tinha para vender? Em outras palavras, como ele divulgava o seu negócio?

— E vocês descobriram?

— Sim, descobrimos. O número chamada com mais frequência no modem celular. É uma rede. Chama-se APA Network.

Rachel não dissimulou a surpresa.

— A Associação Paz e Amor?

— É o que parece. Na verdade, acho que significa Amor Pré-adolescente.

— Caramba!

— É. Aliás, não foi difícil perceber. Não é muito original, já que a maioria dessas redes usa eufemismos desse tipo. O mais difícil foi ter acesso à rede, tomou-nos toda a manhã.

— Como conseguiram?

— Deciframos as senhas de Gladden.

— Espere aí — disse Rachel. — O que aconteceu ontem foi noticiado em todo o país. Quem opera essa rede não o apagou, quer dizer, não eliminou o acesso e a sua senha antes que a descobrissem?

— É o que ele deveria ter feito, mas não fez. — Então, Clearmountain olhou para o outro agente, e ambos trocaram um sorriso conspirativo. Alguma coisa ainda não tinha sido revelada. — Talvez o operador do sistema estivesse de algum modo impedido e não conseguiu agir a tempo.

— Tudo bem, contem-me o resto — pediu Rachel com impaciência.

— Bem, nós tentamos tudo para entrar, variações do nome de Gladden, data de nascimento, documento de identidade, todos os truques habituais. Nada. Chegamos a pensar o mesmo que você, que ele tinha sido eliminado do sistema.

— Mas?

— Mas resolvemos testar Poe.

Clearmountain pegou o grosso volume que se encontrava sobre o monitor.

— É um sistema de entrada com duas senhas. A primeira foi fácil de descobrir. Era Edgar. Mas a segunda deu trabalho. Tentamos Corvo, Ídolo, Usher, tudo que pudemos tirar deste livro. A seguir, resolvemos passar pelos nomes e números de Gladden novamente. Não funcionou. Mas depois: na mosca! Nós achamos. Joe conseguiu quando estava tomando lanche.

Clearmountain apontou para o outro agente, Joe Perez, que abriu um largo sorriso. Para um tira de computador, imaginei que ele havia feito o que para um policial das ruas significa prender um bandido perigoso. Ele se mostrava orgulhoso como um rapazinho que acaba de ter sua primeira relação sexual.

— Eu só resolvi ler um pouco sobre Poe durante a pausa — explicou. — Estava com a vista cansada de tanto olhar para a tela do monitor.

— Por sorte, resolveu descansá-la olhando para um livro — disse Clearmountain, retomando a narração. — Na seção biográfica, Joe topou com uma referência a um nome falso que Poe usou para se alistar no exército ou algo assim. Edgar Perry. Experimentamos o nome e, como eu disse, na mosca! Achamos.

Clearmountain se voltou para Perez e ambos fizeram o V da vitória. Pareciam dois idiotas exultantes. O FBI de hoje em dia, pensei.

— E o que encontraram?

— Há doze painéis de mensagens. A maioria para a discussão de gostos específicos. Em outras palavras, meninas com menos de doze anos, meninos com menos de dez, esse tipo de coisa. Há um painel de indicações de advogados. Encontramos na lista o advogado de Gladden, Krasner. Há também uma espécie de painel biográfico, com um monte de merda escrita, ensaios etc. Há vários que devem ser do nosso homem. — Tornou a olhar para o maço de papéis e tirou um impresso. — Eis um exemplo. “Acho que em breve saberão de mim. Meu tempo à luz da fascinação e do temor públicos se aproxima. Eu estou preparado.” E, mais adiante, continua dizendo: “O meu sofrimento é a minha paixão, a minha religião. Nunca me abandona. Orienta-me. Meu sofrimento sou eu mesmo”. Há muita coisa desse tipo e, em certo ponto, o autor se intitula o Espectro.

Por isso achamos que deve ser ele. Vocês do SCC vão ter muito material para o banco de dados.

— Ótimo — disse Rachel. — Que mais?

— Bem, um dos painéis é de intercâmbio. Onde os caras anunciam coisas para comprar e vender, sabe?

— Tipo fotografias e documentos falsos?

— Isso mesmo. Tem um cara que vende licenças de motorista do Alabama. Acho que vamos ter de pegar esse vigarista depressa. E havia um arquivo para vender o que Gladden tinha em seu computador. O preço mínimo era quinhentos dólares por foto. Três mil por uma especial. Os interessados deixavam uma mensagem com o número para contato. Creditavam o valor numa conta bancária e a fotografia aparecia em seu computador. No painel de intercâmbio, o vendedor dizia que podia fornecer fotos para preferências e desejos específicos.

— Quer dizer que ele aceitava encomendas, depois saía e...

— Exatamente.

— Já contou a Bob Backus?

— Já. Ele estava aqui até agora.

Rachel olhou para mim.

— Essa parada vai acabar saindo mesmo.

— Você está esquecendo a melhor parte — disse Clearmountain.

— Mas que parada?

— Não é nada. Qual é a melhor parte?

— A rede. Rastreamos o número e o endereço.

— E?

— É do Instituto União Correccional, na Flórida.

— Oh, meu Deus! Gomble!

Clearmountain fez que sim e sorriu.

— É o que acha Bob Backus. Vai mandar verificarem. Eu já telefonei para a prisão e perguntei ao capitão de plantão de onde era a linha. Ele disse que é do escritório de abastecimento. E, veja, eu reparei que todas as chamadas de Gladden para esse número ocorriam depois das cinco da tarde, horário do Leste. O capitão me disse que o escritório fecha diariamente às cinco. Abre às oito da manhã. Também perguntei se havia um computador no escritório,

para controlar as encomendas e entregas, e ele respondeu que sim. Perguntei sobre um telefone, e ele disse que havia, mas não estava conectado ao computador. Mas, acredite, ninguém entende de informática lá. Deve ser um cara que vai à prisão todo dia. Pense nisso. Eu lhe pedi que verificasse a linha telefônica uma vez mais, de preferência à noite, quando o escritório estiver fechado e...

— Espere. Ele não vai...

— Não se preocupe, não vai fazer nada. Eu lhe pedi para não interferir enquanto não receber instruções nossas. Por enquanto, a rede vai continuar funcionando normalmente depois das cinco da tarde. Eu lhe perguntei quem trabalha lá, e ele disse que é Horace Goble. É o administrador. Estou vendo que você já o conhece. Aposto que toda tarde conecta o telefone ao computador, tranca a porta e volta para a cela.

* * *

Rachel cancelou o almoço comigo por causa do novo desenvolvimento. Pediu-me que voltasse ao hotel de táxi. Podia ser que ela retornasse à Flórida, porém, neste caso, não deixaria de avisar-me. Eu tinha vontade de ficar, mas o cansaço de uma noite não dormida me venceu.

Desci de elevador e estava atravessando o saguão principal do edifício, pensando em telefonar para Greg Glenn e verificar os recados para mim, quando ouvi uma voz familiar às minhas costas.

— Ei, campeão, como é que vai?

Eu me volvei. Michael Warren veio ao meu encontro.

— Warren, eu telefonei para o *Times*. Disseram que você tinha saído.

— Eu estava vindo para cá. Parece que haverá outra coletiva de imprensa às duas. Achei melhor chegar mais cedo e ver o que consigo desenterrar.

— Uma outra fonte, quem sabe?

— Eu já disse, Jack, não vou conversar com você sobre isso.

— Por mim tudo bem. Eu também não tenho intenção de conversar com você.

Dei-lhe as costas e segui meu caminho. Ele gritou:

— Então, por que me telefonou? Para me gozar?

Eu olhei para trás.

— Pode ser. Acho que sim. Mas, sabe Warren, eu não estou com raiva. Você foi atrás de uma matéria que caiu em suas mãos, é assim mesmo. Não posso culpá-lo. Thorson tinha os seus próprios planos, e você não sabia disso. Ele o usou, mas nós todos somos usados. Tchau.

— Espere aí, Jack. Se não está com raiva, por que não quer conversar comigo?

— Por que ainda somos concorrentes.

— Não somos, não, rapaz. Você já nem está na matéria. Recebi, por fax, a primeira página do *Rocky* esta manhã. Entregaram a matéria a outra pessoa. Seu nome só aparece na reportagem. Nenhum crédito, Jack. Você está fora da matéria. Você é a matéria. Portanto, por que não nos sentamos em algum lugar para que eu lhe faça umas perguntas?

— Tipo “Como está se sentindo?” É essa a pergunta?

— Uma delas.

Eu o encarei durante algum tempo. Independentemente do quanto detestava aquele homem e o que ele havia feito, não pude negar a empatia que tinha pela sua situação. Estava fazendo o que eu fizera muitas vezes. Consultei o relógio e, do lado de fora, não vi nenhum táxi.

— Você está de carro?

— Estou, é do jornal.

— Me dê uma carona até o Chateau Marmont. A gente conversa no caminho.

— Posso gravar?

— Pode.

Ele ligou o gravador e o colocou no painel. Só estava interessado no básico. Preferia a minha versão do que acontecera no dia anterior a confiar numa fonte de segunda mão como o assessor de imprensa do FBI. Seria fácil demais, e ele era um jornalista muito competente para depender de um assessor de imprensa. Sempre que possível, ia diretamente à fonte. Eu o compreendia. Éramos parecidos.

Contar-lhe a história me fez bem. Eu gostei. Era uma coisa que eu já havia passado a Jackson, em meu próprio jornal, de modo que não estava revelando segredo algum. Mas Warren acompanhara o caso praticamente desde o começo, e eu achei agradável contar-lhe aonde as pistas iniciais haviam levado e como tudo terminara.

Não lhe falei nos últimos desenvolvimentos, sobre a rede APA, dirigida por Gumble na cadeia. Era uma notícia boa demais para que a entregasse sem mais nem menos. Tinha planos de escrever eu mesmo sobre isso, fosse para o *Rocky* ou para um dos editores de Nova York.

Por fim, Warren subiu a curta ladeira à entrada do Chateau Marmont. O porteiro abriu a porta, mas eu não desci. Olhei para Warren.

— Mais alguma coisa?

— Não. Acho que basta. Tenho de voltar ao prédio federal para a coletiva de imprensa. Mas vai ser muito bom.

— Pois saiba que você e o *Rocky* são os únicos que contam com um depoimento meu. Não estou disposto a fornecer mais nada por menos de seis dígitos. — Ele olhou surpreso para mim. — É brincadeira, Warren. Eu invadi o arquivo morto da fundação com você, mas não vou vender a minha matéria à imprensa marrom.

— E aos editores?

— Estou tratando disso. E você?

— Desisti quando saiu a sua primeira reportagem. Meu agente disse que os editores estavam mais interessados em você do que em mim. O irmão era seu, sabe? Você estava dentro. A única coisa que eu conseguiria vender seria um desses trabalhinhos sujos e rápidos. Não me interessei. Tenho uma reputação a preservar.

Eu fiz que sim e me voltei para sair do carro.

— Obrigado pela carona.

— Obrigado pela entrevista.

Eu tinha descido e ia fechar a porta quando Warren começou a dizer alguma coisa, porém se interrompeu.

— O quê?

— Eu ia... hã, com os diabos, Jack, sobre a fonte daquela matéria. Se...

— Pode esquecer. Já não tem importância. O cara morreu e você fez o que qualquer jornalista teria feito.

— Não, espere. Não era isso o que eu estava dizendo... eu não entrego as minhas fontes, Jack, mas posso lhe contar quem não é uma fonte. E Thorson não era, ok? Eu nem o conhecia.

Limitei-me a balançar a cabeça, não disse nada. Ele não sabia que eu tinha lido as faturas do hotel e sabia que estava mentindo. Um Jaguar novo em folha estacionou à entrada, e um casal vestido de preto dos pés à cabeça estava desembarcando. Tornei a olhar para Warren, tentando entender o que ele pretendia. Para que continuar mentindo?

— Só isso?

Warren fez o gesto de quem espanta uma mosca.

— É, só isso. Considerando que ele morreu e que você estava lá, imaginei que quisesse saber.

Eu fiquei olhando para ele.

— Tudo bem, rapaz — eu disse. — Obrigado. A gente se vê por aí.

Endireitei o corpo e fechei a porta, depois me curvei a fim de olhar para Warren pela janela e acenei. Ele bateu continência, feito um militar, e se foi.

No quarto, conectei o computador à linha telefônica e digitei o número do *Rocky*. Havia trinta e seis mensagens de e-mail a minha espera. Fazia dois dias que eu não conferia os recados. A maior parte das mensagens internas do jornal era de parabéns, embora não tão explícitas, pois os remetentes provavelmente hesitavam em dizê-lo com todas as palavras, duvidando de que fosse correto parabenizar alguém por ter matado o Poeta. Havia duas de Van Jackson, perguntando onde eu me encontrava e pedindo-me que lhe telefonasse, e três de Greg Glenn, com o mesmo conteúdo. A telefonista do *Rocky* também colocara no e-mail as mensagens telefônicas para mim, e havia muitas de repórteres de todo o país e de produtoras de Hollywood. Minha mãe e Riley também tinham telefonado. Sem dúvida eu estava sendo requisitado. Salvei todas as mensagens para retorná-las, caso me desse vontade, e fechei o programa.

Liguei para o telefone direto de Greg Glenn, mas a telefonista atendeu. Disse que o editor-chefe estava numa reunião de pauta e não queria ser interrompido. Deixei meu nome, o número do telefone, e desliguei.

* * *

Tendo esperado quinze minutos para que Greg retornasse meu telefonema, tentando não pensar no que Warren havia dito ao deixar-me no hotel, comecei a ficar impaciente e saí do quarto. Pus-me a caminhar pela orla e, enfim, parei na Book Soup, uma livraria que eu notara antes ao chegar com Warren. Fui para a seção de mistério e encontrei um livro que certa vez eu lera e que era

dedicado ao agente do autor. Com o nome na mão, dirigi-me à seção de pesquisa e o procurei numa lista de agências literárias com os nomes e números de telefone. Guardei na memória o número que me interessava, saí da livraria e voltei para o hotel.

A luz vermelha do telefone estava piscando quando entrei no quarto, e, embora soubesse que devia ser recado de Greg, decidi telefonar para o agente primeiro. Eram cinco horas em Nova York, e eu não sabia se o encontraria lá. Ele não tardou a atender. Eu me apresentei e entrei logo no assunto.

— Queria saber se você gostaria de me representar com relação a... hã, um livro sobre o que se pode chamar de um crime verdadeiro. Você trabalha com crimes verdadeiros?

— Trabalho — disse ele. — Mas em vez de discutir isso por telefone, prefiro que me envie uma carta falando de você e do seu projeto. Então posso avaliar.

— Eu o faria, mas acho que não há tempo. Os editores e o pessoal do cinema estão atrás de mim e eu preciso tomar uma decisão depressa.

O anzol o fisgou. Eu sabia que o fisgaria.

— Estão atrás de você por quê? Do que se trata?

— Você leu ou viu na televisão a história desse assassino de Los Angeles, o Poeta?

— Claro que sim.

— Fui eu que o... hã, matei. Sou escritor... jornalista. Meu irmão...

— É você?

— Eu mesmo.

Embora ele fosse constantemente interrompido por outras chamadas, conversamos durante uns vinte minutos sobre o possível projeto de livro e sobre o interesse já manifesto pelo cinema. Ele disse que trabalhava com um agente de Los Angeles que poderia se ocupar do interesse da indústria cinematográfica. Quis saber de quanto tempo eu precisava para lhe enviar uma proposta de duas páginas. Respondi que a mandaria dentro de uma hora, e ele me deu o número do fax modem de seu computador. Disse ainda que se a história fosse tão boa quanto a reportagem que saíra na televisão,

achava que o livro estaria vendido lá pelo fim da semana. Eu garanti que a história era melhor.

— Só mais uma coisa — acrescentou. — Como obteve o meu nome?

— Eu o li em *Uma Manhã para os Flamingos*.

A luz vermelha do telefone continuava piscando para mim, porém eu não lhe dei atenção ao desligar, fui para o laptop e comecei a trabalhar na proposta, tentando condensar os últimos quinze dias em duas páginas. Foi um processo difícil, sobretudo porque eu só contava com uma das mãos. Acabei escrevendo quatro páginas.

Quando terminei, minha mão estava latejando, muito embora eu tivesse feito o possível para não usá-la. Tomei mais um analgésico do hospital e me encontrava diante do computador, relendo minha proposta, quando o telefone tocou.

Era Greg, muito irritado.

— Jack! — gritou. — Eu estou esperando a sua chamada. Que diabo você esteve fazendo?

— Eu telefonei! Deixei recado. Faz uma hora que estou esperando o seu retorno.

— Eu retornei, porra! Não recebeu o meu recado?

— Não. Você deve ter telefonado quando eu descii para tomar um refrigerante. Mas eu não recebi nenhum...

— Não faz mal, não faz mal. Diga, o que temos para amanhã? Jackson está cuidando da coisa aqui, e Sheedy tomou o avião esta manhã. Vai para a coletiva de imprensa no Bureau. Mas o que você pode nos mandar que seja novo? Todos os jornais do país estão na nossa rabeira, e nós precisamos continuar na frente. Que há de novo? O que você sabe que eles não saibam?

— Nada — menti. — Não está acontecendo muita coisa. Os caras do Bureau ainda estão costurando os detalhes, acho... Eu continuo fora da matéria?

— Olhe, Jack, eu não consigo imaginar como você poderia escrevê-la. Já conversamos sobre isso ontem. Você está muito envolvido. Não pode esperar que eu...

— Ok, ok, eu só estava perguntando. Hum... hã, há umas coisas. Ontem à noite, revistaram um apartamento onde Gladden ficou, e

encontraram um cadáver. Outra vítima. Pode começar com isso. Mas é possível que eles falem nisso na coletiva. Outra coisa, mande Jackson telefonar para o escritório regional, aqui, e perguntar do computador que encontraram.

— Que computador?

— Gladden estava com um laptop no carro. Os especialistas em informática passaram toda a noite e a manhã de hoje mexendo nele. Sei lá, pode ser que valha a pena telefonar. Não sei se descobriram alguma coisa.

— E o que é que você tem feito?

— Fui depor no FBI. Passei a manhã inteira lá. Eles precisam levar o caso à promotoria distrital e alegar homicídio justificado ou coisa assim. Vim para cá quando terminei.

— Não lhe contaram mais nada?

— Não. Só ouvi de longe alguns agentes falarem no cadáver e no tal computador. Mais nada.

— Ok, não deixa de ser um começo.

Eu estava sorrindo e tentando evitar que isso transparecesse em minha voz. Não me importava revelar a descoberta da última vítima do Poeta. Sairia nos jornais de qualquer maneira. Mas um cara como Jackson, se telefonasse, provavelmente não obteria nem sequer a confirmação de que existia um computador, muito menos o que havia nele. O Bureau não daria a menor informação antes da hora.

— Lamento, mas não tenho mais nada, Greg. Diga a Jackson que eu sinto muito. E Sheedy? Que vai fazer além da coletiva de imprensa?

Sheedy tinha talento. Recentemente, fora indicada para a equipe de repórteres de emergência, andava com uma mala feita no carro e estava pronta para viajar em poucos minutos para o lugar de qualquer calamidade, desastre ou outro evento súbito, fora de Denver, que valesse uma reportagem. Eu já fizera esse trabalho. Mas depois de cobrir meu terceiro desastre de avião e entrevistar pessoas cujos entes queridos tinham sido reduzidos a cinzas ou encontrados aos pedaços, cansei-me da função e voltei ao jornalismo policial.

— Sei lá — disse Glenn. — Vai fuçar. E você? Quando volta?

— Preciso ficar aqui. Pode ser que a promotoria distrital queira me interrogar. Acho que amanhã já estarei liberado.

— Ok. Bem, se souber de alguma coisa, avise-me imediatamente. E dê um esporro nesse pessoal da recepção por não lhe terem transmitido o meu recado. Vou passar a Jackson a informação sobre o computador. Até mais, Jack.

— Ok. Ah, Greg. Minha mão vai bem, obrigado.

— O quê?

— Eu sabia que você estava preocupado. Mas já estou bem melhor. Vou ficar bom.

— Desculpe, Jack. Hoje foi um dia daqueles.

— Eu sei. Tchau.

O analgésico que eu tomara fez efeito. A dor na mão começou a passar e fui invadido por uma sensação de calma e relaxamento. Ao terminar de falar com Glenn, voltei a conectar o computador à linha telefônica, abri o programa de fax e transmiti o projeto do livro ao número que o agente literário deixara. Enquanto ouvia o ruído agudo dos computadores acoplado-se, um pensamento me assaltou de repente. Os telefonemas que eu tinha dado durante o voo para Los Angeles.

Estava tão interessado em provar que Thorson era o informante de Warren, em expô-lo, que mal prestara atenção nas demais chamadas que figuravam na fatura do hotel e que eu mesmo havia repetido no avião. Uma delas tivera como resposta o ganido estridente de um computador da Flórida, possivelmente o do IUC, em Raiford.

Peguei o estojo do computador, tirei meus cadernos de anotações, folheei-os ambos, mas não encontrei nenhuma nota dos telefonemas que eu dera no avião. Lembrei-me de que não havia copiado os números porque não esperava que me roubassem as faturas no quarto de hotel.

Afastando tudo mais da memória, tentei repassar o curso exato dos acontecimentos durante o voo. Minha principal preocupação, então, era o registro do telefonema para Warren na conta de Thorson. O que, para mim, confirmava que Thorson era a fonte de Warren. As outras chamadas feitas de seu quarto — embora com diferença de poucos minutos — não chegaram a me despertar o interesse.

Eu não tinha visto o número que, segundo Clearmountain, era o que aparecia com mais frequência no computador de Gladden. Pensei em telefonar para ele e perguntar, mas duvidava que me desse tal informação sem, antes, pedir autorização a Rachel ou a Backus. E isso me denunciaria, coisa que a intuição me dizia que não era conveniente.

Tirei o cartão de crédito da carteira e li, no verso, o número do telefone de prefixo 800 da Visa, disquei-o e pedi à telefonista informações sobre a minha conta. Três minutos de música depois, apareceu outra voz na linha, e eu perguntei se era possível verificar os encargos debitados em minha conta nos últimos três dias. Tendo se certificado de minha identidade através do número do seguro social e outros detalhes, a moça respondeu que podia averiguar no computador se as despesas já tinha sido registradas, e eu lhe contei o que estava procurando.

Os telefonemas já figuravam na lista do computador da Visa. E os números que eu digitara no avião também constavam. Em cinco minutos eu os havia copiado todos em meu caderno, agradei à telefonista e desliguei.

Tornei a conectar o telefone ao laptop. Abri a janela do terminal, digitei o número discado no quarto de Thorson e rodei o programa. Consultei o relógio de cabeceira. Três horas ali, seis na Flórida. O telefone tocou uma vez, e a conexão se completou. Eu ouvi o guincho familiar dos computadores se encontrando e acoplando-se. Minha tela ficou em branco, a seguir apareceu um *template*.

BEM-VINDO AO CLUBE APA

Respirei fundo, encostei-me na cadeira e senti uma corrente elétrica me percorrer a espinha. Segundos depois, a tela se moveu, dando lugar a um *prompt* codificado para a senha do usuário. Digitei EDGAR, notando que minha mão intacta estava trêmula. Edgar foi aprovado, e surgiu o *prompt* da segunda senha. Escrevi Perry. Não tardou para que esta também fosse aceita, e seguiu-se um *template* de advertência.

ASSOCIAÇÃO PAZ E AMOR

REGRAS DE NAVEGAÇÃO

1. NUNCA USE SEU NOME VERDADEIRO
2. NUNCA FORNEÇA OS NÚMEROS DO SISTEMA A TERCEIROS
3. NUNCA CONCORDE EM SE ENCONTRAR COM OUTRO USUÁRIO
4. NÃO SE ESQUEÇA QUE OS OUTROS USUÁRIOS PODEM SER CORPOS ESTRANHOS
5. O OPERADOR TEM O DIREITO DE ELIMINAR QUALQUER USUÁRIO
6. OS PAINÉIS DE MENSAGENS NÃO PODEM SER USADOS PARA TRATAR DE ATIVIDADES ILEGAIS — É TERMINANTEMENTE PROIBIDO!
7. A APA NETWORK NÃO SE RESPONSABILIZA PELO CONTEÚDO DAS MENSAGENS
8. APERTE QUALQUER TECLA PARA CONTINUAR

Cliquei em RETORNO e obtive um índice dos diversos painéis de mensagem disponíveis. Como dissera Clearmountain, tratava-se de uma cornucópia de temas relativos à pedofilia moderna. Apertei a tecla ESC, e o computador perguntou se eu queria sair da APA. Escolhi a opção SIM e desliguei. Não estava interessado em explorar a APA Network naquele momento. O que me interessava era o fato de Thorson ou quem quer que tivesse feito a chamada, na madrugada de domingo saber da existência daquela rede perversa e já ter acesso a ela havia pelo menos quatro dias.

* * *

A chamada ao painel da APA saíra do quarto de Thorson, de modo que parecia óbvio que ele tinha telefonado. Mas eu tive a cautela de considerar outros fatores. Como me lembrava, o telefonema para a APA, feito com uma diferença de poucos minutos da ligação para Warren, partira do mesmo quarto. Em pelo menos três ocasiões,

Thorson havia negado com toda a veemência que fosse a fonte do jornalista. Warren também o negara, inclusive depois da morte do agente do FBI, quando já não fazia diferença que ele fosse o informante ou não. A semente plantada por Warren ao negá-lo pela segunda vez, poucas horas antes, começou a pesar em mim, a fazer brotar a flor da dúvida de minha mente.

Se Warren e Thorson merecessem crédito, quem havia usado o telefone do quarto deste último? Por numerosas que fossem as possibilidades que me passavam pela cabeça, todas convergiam invariavelmente em uma única pessoa. Rachel.

Era a fermentação de vários fatos não relacionados que me conduzia por aquele caminho.

Primeiro, Rachel possuía um laptop. Esta, sem dúvida, era a peça mais fraca. Thorson, Backus, todo mundo possuía ou tinha acesso a um computador que lhes teria permitido entrar em contato com a rede APA. Em segundo lugar, porém, Rachel não se encontrava no quarto na noite de sábado para domingo, quando eu telefonei e inclusive bati a sua porta. Onde estaria? Teria ido ao quarto do ex-marido?

Avaliei as coisas que Thorson me dissera sobre Rachel. Chamara-a de Deserto Pintado. Mas dissera outra coisa também. *Ela é capaz de brincar com você. Como com um brinquete. Uma hora ela quer, na outra não quer mais. E lhe dá um belo pontapé na bunda.*

E, finalmente, lembrei-me de ter visto Thorson no corredor aquela noite. Sabia que passava da meia-noite, um horário próximo dos interurbanos feitos em seu quarto. Quando ele passou por mim, notei que levava alguma coisa. Uma maleta ou uma caixa. Lembrava-me até do barulho do zíper da bolsa de Rachel e da camisinha — que ela sempre tinha consigo para as emergências — sendo colocada em minha mão. E me perguntei como ela podia ter conseguido fazer com que Thorson saísse do quarto para usar o seu telefone.

Uma sensação de grande ameaça se abateu sobre mim. A flor de Warren estava desabrochando e sufocando-me. Levantei-me para caminhar um pouco, mas senti tontura. Culpei os analgésicos e voltei a me sentar na cama. Descansei alguns minutos para, depois, tornar

a conectar o telefone, ligar para o hotel de Phoenix e pedir para falar com a contabilidade. Uma mulher atendeu.

— Alô, por favor, eu estive hospedado aí no fim de semana e só agora examinei a conta. Tenho uma pergunta sobre alguns telefonemas que me cobraram. Não me lembro deles. Alguém aí pode me ajudar?

— Sim, senhor, com prazer. Diga-me seu nome para que eu possa puxar a ficha.

— Obrigado. Gordon Thorson.

Ela não respondeu, e eu senti um calafrio, pensando que talvez se lembrasse da notícia da morte do agente em Los Angeles, mas logo ouvi-a digitar um teclado.

— Sim, senhor Thorson. Foi o quarto trezentos e vinte e cinco, duas noites. Qual é o problema?

Escrevi o número do quarto em meu caderno só para ter o que fazer. Seguir a rotina do jornalista que registra todos os fatos me acalmava.

— Sabe o que é? Eu não consigo... estou procurando minha cópia aqui na escrivaninha e acho que a perdi... Droga! Não a encontro, hã... eu telefono mais tarde. Mas, por enquanto, talvez você possa dar uma olhada para mim. No meu caso, há três telefonemas depois da meia-noite, entre sábado e domingo, que eu não me lembro de ter dado. Eu tenho os números anotados em algum lugar, ah, aqui estão.

Dei-lhe rapidamente os três números que obtive da telefonista do cartão de crédito, esperando ganhar mais credibilidade desse modo.

— Sim, eles constam em sua fatura. Tem certeza de que o senhor...

— Em que horário foram feitos? Este é que é o problema. Eu não costumo fazer negócios de madrugada.

Ela me forneceu os horários. A chamada para Quantico era de 00:37, seguida do telefonema para Warren, 00:41, e da ligação para a APA Network, 00:56. Fiquei olhando para os números ao terminar de anotá-los.

— O senhor acha que esses telefonemas não são seus?

— Como?

— Eu perguntei se o senhor acha que esses telefonemas não são seus.

— Exatamente.

— Havia mais alguém no quarto com o senhor?

Essa era uma boa pergunta, pensei, mas nada disse.

— Hã... não — murmurei, e apressei-me a acrescentar: — Vocês podem fazer o favor de verificar novamente? Se não houver problema com as suas máquinas, só me resta pagar. Obrigado.

Desliguei e tornei a olhar para os horários que acabava de anotar no caderno. Combinavam. Rachel ficara em meu quarto até quase meia-noite. Na manhã seguinte, dissera que tinha topado com Thorson no corredor, ao sair. Talvez fosse mentira. Talvez tivesse feito mais que simplesmente topar com ele. Talvez tivesse ido para o seu quarto.

Com a morte de Thorson, só havia uma maneira de checar essa teoria, à parte perguntar a Rachel, coisa que eu não podia fazer. Peguei uma vez mais o telefone e liguei para o escritório do FBI no prédio federal. A telefonista, que tinha ordens rigorosas para não transmitir nenhum telefonema a Backus, principalmente da mídia, só concordou em completar a ligação quando eu lhe contei que era o cara que havia matado o Poeta e tinha urgência em falar com o agente especial. Por fim, Backus atendeu.

— Jack, qual é o problema?

— Bob, escute, é muito sério. Você está sozinho?

— Jack, que...

— Só responda a minha pergunta. Olhe, desculpe, eu não queria gritar. Eu acabo de... Diga, você está sozinho?

Ele hesitou e respondeu com ceticismo na voz.

— Estou. Do que se trata?

— Nós já conversamos sobre a nossa relação de confiança. Eu confiei em você e você confiou em mim. Quero que confie em mim novamente, Bob, nos próximos minutos, e só responda as minhas perguntas sem me perguntar nada. Depois eu explico tudo. Ok?

— Jack, eu estou muito ocupado. Não posso de modo....

— Cinco minutos, Bob. Só isso. É importante.

— Qual é a pergunta?

— O que aconteceu com as coisas de Thorson? A roupa, o que ele deixou no hotel. Quem ficou com tudo depois da sua morte?

— Eu juntei aos seus pertences ontem à noite. Não sei o que isso pode significar. A propriedade dele não é da conta de ninguém.

— Tenha paciência, Bob. Não é para uma reportagem. É para mim. E para você. Eu tenho duas perguntas. Primeiro, você encontrou as faturas do hotel de Phoenix, a conta, entre as coisas dele?

— De Phoenix? Não, não estavam aqui nem deveriam estar. Nós saímos de lá às pressas e não voltamos mais. A conta deve ter sido enviada ao meu escritório, em Quantico. O que você tem em mente, Jack?

A primeira peça entrou no lugar certo. Se as faturas não estavam com Thorson, provavelmente não tinha sido ele quem as tirara de meu quarto. Tornei a pensar em Rachel. Era inevitável. Na primeira noite em Hollywood, quando acabamos de fazer amor, ela se levantou e foi para o chuveiro. Depois chegou a minha vez. Imaginei-a tirando a chave do meu bolso, descendo ao andar inferior e entrando no meu quarto para revistar rapidamente as minhas coisas. Talvez só estivesse dando uma olhada. Talvez soubesse, de algum modo, que eu estava com as faturas do hotel. Podia ter telefonado para Phoenix e obtido a informação.

— Segunda pergunta — eu disse a Backus, sem fazer caso da dele. — Você achou alguma camisinha entre as coisas de Thorson?

— Escute, não sei que fascinação mórbida você tem por isso, mas não pretendo continuar esta conversa. Agora eu vou desligar, Jack, não quero que você...

— Espere! Que fascinação mórbida? Só estou tentando imaginar uma coisa que vocês podem ter deixado passar! Você conversou com Clearmountain sobre o computador? Sobre a APA Network?

— Sim. Eu estou plenamente informado. Que tem isso a ver com uma caixa de camisinhas?

Notei que, inadvertidamente, ele acabava de responder a minha pergunta sobre as camisinhas. Eu não tinha falado em "caixa".

— Você sabe que houve um telefonema para a APA Network, do quarto de Thorson, na madrugada de domingo?

— Isso é absurdo. E como diabo você poderia saber uma coisa dessas?

— Porque, quando eu estava saindo do hotel, o funcionário me tomou por um agente do FBI. Do mesmo modo que a jornalista na agência funerária. Lembra-se? Ele me entregou as faturas do hotel para que eu as trouxesse para cá. Achou que assim chegariam mais depressa.

Houve um longo silêncio depois dessa confissão.

— Você está dizendo que roubou as faturas do hotel?

— Eu estou dizendo o que disse. O hotel me *entregou* as faturas. E, entre as despesas de Thorson, havia um telefonema para Michael Warren e outro para a APA. O que não deixa de ser muito esquisito, já que só hoje vocês ficaram sabendo da existência da APA.

— Vou mandar buscar essas faturas.

— Bobagem. Já não estão comigo. Foram roubadas do meu quarto em Hollywood. Você está com uma raposa no galinheiro, Bob.

— O que é que está querendo dizer?

— Se você me falar da caixa de camisinhas que encontrou nas coisas de Thorson, eu conto o que estou querendo dizer.

Eu o ouvi expirar com cansaço, capitulando.

— Havia uma caixa de camisinhas, ok? Nem tinha sido aberta ainda. Pronto. O que você estava querendo dizer?

— Onde estão as camisinhas?

— Numa caixa de papelão lacrada com os outros pertences dele. Vai ser mandada para a Virgínia, juntamente com o cadáver, amanhã cedo.

— Onde está a caixa lacrada?

— Aqui, comigo.

— Você precisa abri-la, Bob. Olhe para as camisinhas, veja se há uma etiqueta com o preço ou qualquer coisa que mostre onde ele as comprou.

Enquanto o ouvia rasgar o papelão e a fita adesiva, lembrei-me de Thorson no corredor com alguma coisa na mão.

— Posso lhe dizer agora mesmo — falou Backus enquanto abria a caixa —, estão num saco de papel de uma drogaria.

Senti o coração saltar no peito. Ouvi-o rasgando o papel.

— Pronto, está aqui — disse Backus, sua voz denunciando a impaciência. — Drogaria Scottsdale. Aberta vinte e quatro horas por dia. Caixa de doze camisinhas. Nove e noventa e nove. Também quer saber a marca, Jack?

Não fiz caso do sarcasmo, mas sua pergunta me deu uma ideia para depois.

— E o talão da caixa registradora?

— É o que acabo de ler para você.

— Tem data e hora da compra? Em geral vêm registradas no talão.

Um silêncio. Tão longo que me deu vontade de gritar.

— Madrugada de domingo, à meia-noite e cinquenta e quatro.

Fechei os olhos. Enquanto Thorson estava comprando uma caixa de camisinhas que nem chegaria a usar, alguém se encontrava em seu quarto, telefonando.

— Ok, Jack. O que foi que você quis dizer?

Abri os olhos e afastei o fone do ouvido. Fiquei olhando para ele como se fosse uma coisa estranha presa a minha mão e, lentamente, recoloquei-o no gancho.

* * *

Bledsoe ainda estava no escritório e atendeu prontamente.

— Dan, aqui é Jack outra vez.

— O que houve, Jack Mac?

— Lembra-se da cerveja que você disse que iria pagar para mim?

Pensei em outra coisa que poderia fazer em vez disso.

— É só dizer.

Eu lhe contei o que queria que ele fizesse, e Bledsoe não hesitou, mesmo quando eu lhe disse que precisava daquilo imediatamente. Respondeu que não podia prometer resultados, mas que, de qualquer modo, entraria em contato comigo o mais cedo possível.

* * *

Pensei no primeiro telefonema dado quando Thorson não estava no quarto. Tinha sido para o PABX do centro de Quantico. Coisa que não me havia deixado surpreso quando ligara para o mesmo número, no avião. Mas agora me chamava a atenção. Por que alguém ligaria para o PABX no meio da noite? Compreendi que só podia ser porque a pessoa não queria telefonar para um número direto e, assim, revelar que o conhecia. Em vez disso, ligou para o telefone geral, através do computador e, quando a telefonista ouviu o sinal de fax, transferiu a ligação para uma das linhas de fax.

Lembrei que, durante a reunião da manhã de domingo, em que se tinha falado no fax do Poeta, Thorson contara os detalhes do relatório de Quantico. O fax chegara através do PABX e fora transferido para o aparelho de fax.

* * *

Sem dizer uma palavra, a telefonista de Quantico transferiu a minha ligação para o escritório do SCC quando eu pedi para falar com a agente Brad Hazelton. O telefone tocou três vezes, eu cheguei a pensar que era muito tarde, que o expediente já estivesse encerrado, quando ele atendeu.

— Brad, aqui é Jack McEvoy. Estou em Los Angeles.

— Olá, Jack, como vai? Recebemos muitos telefonemas para você ontem.

— Eu vou bem, obrigado. Lamento o que aconteceu com o agente Thorson. Sei que vocês trabalhavam juntos aí...

— Ele era um bom filho da puta, mas ninguém merece morrer assim. A coisa aqui está triste. Não se vê um sorriso.

— Imagino.

— Mas, em que lhe posso ser útil?

— Bem, só alguns detalhes. Estou fazendo um levantamento da cronologia dos fatos para organizar melhor a matéria. Você sabe, vou ter de escrever a história inteira outra vez. — Era horrível estar mentindo para aquele homem que sempre fora simpático comigo, mas não podia lhe dizer a verdade, pois ele decerto se recusaria a ajudar-me. — Mesmo porque eu não sei onde coloquei as minhas

anotações sobre o fax. Sabe, o fax que o Poeta mandou para Quantico domingo. Lembro que Gordon disse ter obtido os detalhes de você ou de Brass. O que eu queria saber é o horário exato em que chegou. Se você o tiver.

— Hã... aguarde um momento, Jack.

E deixou o telefone antes que eu tivesse tempo de dizer que esperaria. Fechei os olhos e passei os minutos seguintes perguntando-me se ele estava de fato procurando a informação ou perguntando se podia fornecê-la.

Por fim ele voltou.

— Desculpe a demora, Jack. Tive de olhar toda a papelada aqui. O fax chegou ao aparelho número dois, na sala de comunicações da academia, às três e trinta e oito da madrugada de domingo.

Eu consultei minhas anotações. Subtraindo a diferença de fuso horário, o fax chegara a Quantico um minuto depois do telefonema registrado na conta do quarto de Thorson.

— Só isso, Jack?

— Oh... muito obrigado. Ah, a minha pergunta é... hã... Se o agente Thorson mandou para aí um material colhido na boca da vítima de Phoenix. Orsulak.

— Sim, Orsulak.

— Hã... ele queria identificar a substância. Acho que era lubrificante de camisinha. A pergunta que eu queria fazer é se vocês conseguiram identificar a marca da camisinha. Isso é possível? Foi feita a identificação?

Hazelton não respondeu de imediato, o silêncio foi uma verdadeira tortura. Mas enfim ele falou.

— É uma pergunta esquisita, Jack.

— É, eu sei, mas, hã... os detalhes do caso, o modo como vocês do FBI fazem as coisas, isso tudo me fascina. É importante conhecer todos os procedimentos... a matéria fica melhor.

— Espere um pouco. — Uma vez mais ele me deixou sem que eu tivesse concordado em esperar. Dessa vez, voltou depressa. — Sim, eu tenho a informação. Pode me dizer realmente por que está querendo saber?

Foi a minha vez de ficar em silêncio.

— Não — eu disse enfim, tentando ser sincero. — Estou tentando descobrir uma coisa, Brad. Se for como eu penso, o FBI será o primeiro a saber. Acredite.

Hazelton fez uma pausa.

— Ok, Jack, eu confio em você. Por outro lado, Gladden já morreu mesmo. Não estou entregando indícios que deveriam ser encaminhadas à Justiça e você não vai poder provar muita coisa com isso. A substância é semelhante à usada em duas marcas: Ramses Lubricated e Trojan Golds. O problema é que são as duas marcas mais vendidas no país. Não se trata do que costumamos chamar de evidência inequívoca do que quer que seja.

Talvez não fosse a prova que se pudesse apresentar num tribunal, porém Ramses Lubricated era a marca da camisinha que Rachel tinha tirado da bolsa na noite de sábado em meu quarto de hotel. Agradei a Hazelton sem mais discutir e desliguei.

* * *

Estava tudo lá e tudo parecia combinar. Por mais que eu tentasse destruir minha própria teoria, passei uma hora pensando e não cheguei a conclusão diferente. Era uma teoria erigida nos alicerces da suspeita e da especulação, mas funcionava como um relógio de precisão, todas as peças se encaixavam. E nada havia que eu pudesse acrescentar ao mecanismo que o fizesse parar de funcionar.

Só faltava Bledsoe. Pus-me a andar de um lado para outro à espera de seu telefonema, a ansiedade a me formigar como um ser vivo na barriga. Fui para o terraço, mas o ar puro não me ajudou muito. Após olhar fixamente para o Homem do Marlboro, para o seu rosto de nove metros de altura a dominar a Orla Sunset, voltei para dentro.

Em vez do cigarro que estava querendo fumar, decidi tomar um refrigerante. Saí do quarto, deixando para fora a lingueta da fechadura para que a porta não se fechasse por completo, e fui para o fundo do corredor, onde ficavam as máquinas automáticas. Apesar dos analgésicos, meus nervos vibravam. Mas eu sabia que tanta intensidade em pouco tempo se traduziria em fadiga se eu não

tratasse de comer alguma coisa e ingerir uma dose de açúcar e de cafeína. Na volta, estava a meio caminho de meu quarto quando ouvi o telefone tocar. Corri. Atendi sem nem sequer fechar a porta; ao tirar o fone do gancho, acreditei que o telefone estava tocando pela nona vez.

— Dan?

Silêncio.

— Aqui é Rachel. Quem é Dan?

— Oh! — Eu estava sem fôlego. — Ele é, hã... é só um amigo do jornal. Ficou de telefonar.

— O que está acontecendo, Jack?

— Estou sem fôlego. Eu fui comprar uma Coca-Cola e me encontrava no corredor quando o telefone tocou.

— Caramba, você parece que correu cem metros rasos.

— Quase. Espere um pouco.

Fui fechar a porta. Depois, vestindo minha máscara de ator, voltei ao aparelho.

— Rachel?

— Escute, estou telefonando só para avisar que vou viajar. Bob quer que eu retorne à Flórida e investigue a APA.

— Oh.

— Provavelmente, vou ficar lá alguns dias.

A luz vermelha de recado se acendeu no telefone. Bledsoe, pensei, e o horário da ligação me fez soltar um palavrão silencioso.

— Ok, Rachel.

— Poderíamos passar um tempo juntos depois. Estou pensando em tirar férias.

— Eu imaginei.

Lembrei-me da anotação na agenda de mesa que eu tinha visto em sua escrivaninha, em Quantico. Ocorreu-me pela primeira vez que era quando ela devia ter ido a Phoenix para matar Orsulak.

— Faz muito tempo que não tiro férias de verdade. Estou pensando na Itália. Talvez Veneza.

Não a desmenti. Fiquei calado até que ela perdesse a paciência. Minha encenação não estava dando certo.

— Jack! Qual é o problema, afinal?

— Não é nada.

— Não acredito.

Eu hesitei, depois disse:

— É uma coisa que anda me incomodando, Rachel.

— Então me conte.

— Aquela noite, a nossa primeira noite juntos, eu telefonei para o seu quarto depois de sair de lá. Só estava querendo dizer boa-noite, sabe, contar quanto eu tinha gostado do nosso amor. Mas ninguém atendeu. Fui até o seu quarto e bati na porta. Ninguém. Na manhã seguinte, você disse que tinha topado com Thorson no corredor. Não sei, acho que estou cismado com isso.

— Cismado com que, Jack?

— Sei lá, fiquei pensando. Queria saber onde você estava quando eu telefonei e, depois, quando bati na porta.

Ela demorou a responder e, quando finalmente falou, a raiva crepitou no telefone feito uma fogueira.

— Jack, sabe o que você está parecendo? Um adolescente enciumado. O garoto nas arquibancadas de quem você falou. Sim, eu me encontrei com Thorson no corredor e até reconheço que ele pensou que eu o estava procurando, que queria alguma coisa com ele. Mas não passou disso. Não sei por que não recebi o seu telefonema, ok? Talvez você tenha ligado para o quarto errado, talvez tenha sido quando eu estava tomando banho e pensando também em quanto aquela noite havia sido gostosa. E talvez eu não devesse estar me defendendo nem me explicando. Se você não é capaz de administrar os seus ciúmes pueris, acho melhor procurar outra mulher e mudar de vida.

— Olhe, Rachel, desculpe-me, ok? Você perguntou qual era o problema e eu disse.

— Acho que você exagerou nos comprimidos que o médico lhe receitou. Aconselho-o a dormir um pouco, Jack. Preciso ir para o aeroporto.

Ela desligou.

— Tchau — eu disse para o telefone mudo.

O sol estava se pondo, e o céu apresentava tons alaranjados com nergas de rosa fosforescente. Era bonito, até mesmo o aglomerado de outdoors, na orla, me pareceu belo. Eu me encontrava no terraço novamente, tentando pensar, tentando imaginar tudo aquilo, enquanto esperava o telefonema de Bledsoe. Era ele quem havia deixado o recado quando eu estava falando com Rachel. A mensagem dizia que ele não ficaria no escritório, mas telefonaria mais tarde.

Olhei para o Homem do Marlboro, os olhos enrugados e o queixo estoico indiferentes ao passar do tempo. Ele sempre fora um de meus heróis, um ícone, mesmo que fosse plano e bidimensional como as páginas de revista ou os outdoors. Lembrei-me da sala de jantar, eu toda noite sentado à direita de meu pai. Ele sempre fumando, o eterno cinzeiro à direita do prato. E eu aprendendo a fumar graças a isso. Para mim, ele se parecia com o Homem do Marlboro, meu pai. Naquela época, pelo menos.

* * *

Voltando ao quarto, telefonei para casa, e minha mãe atendeu. Fez todo o teatro de perguntar como eu estava passando e ralhou delicadamente comigo por não haver telefonado antes. Por fim, depois de acalmá-la e garantir-lhe que estava tudo bem, pedi que chamasse meu pai. Não conversávamos desde o dia do enterro — se é que trocamos alguma palavra na ocasião.

— Papai?

— Meu filho! Como vai? Tem certeza de que está bem?

— Estou ótimo. E você?

— Oh, tudo em ordem, claro. Só estávamos preocupados com você.

— Pois não precisa. Está tudo bem aqui.

— Que loucura, não?

— Está falando de Gladden? É.

— Riley está aqui. Vai passar uns dias conosco.

— Que bom, papai.

— Quer falar com ela?

— Não, eu quero falar com você.

Aquilo o calou, deixou-o nervoso talvez.

— Você está em Los Angeles?

— Estou, vou ficar pelo menos mais um ou dois dias. Eu só... telefonei porque queria... Eu andei pensando nas coisas e queria dizer que lamento muito.

— Lamenta o quê, meu filho?

— Tudo, tudo o que aconteceu. Sarah, Sean, o que for. — Eu ri como a gente ri quando não acha graça numa coisa, quando está constrangida. — Eu lamento tudo.

— Você está mesmo bem, Jack?

— Muito bem.

— Ora, não precisa dizer que lamento tudo. Não há necessidade.

— Preciso, sim. Eu lamento.

— Bem... Nós também lamentamos. É uma pena mesmo.

Deixei que o silêncio sublinhasse suas palavras.

— Obrigado, papai. Preciso desligar. Dê um beijo em mamãe e outro em Riley.

— Pode deixar. Por que não vem aqui quando voltar? Passe uns dias com a gente.

— Vou, sim.

Desliguei. O Homem do Marlboro, pensei. Olhei para fora e vi seus olhos a me espiarem por cima do parapeito do terraço, observando-me. Minha mão estava doendo novamente. Minha cabeça também. Eu sabia demais, e não queria isso. Tomei mais um comprimido.

* * *

Às cinco e meia, Bledsoe finalmente telefonou. A novidade que ele tinha não era nada boa: a última peça que veio acabar com o que me restava de esperança. Ao ouvi-lo, tive a impressão de que meu coração estava se esvaziando de sangue. Eu estava sozinho outra vez. E o pior era que a mulher que eu queria não se limitara a rejeitar-me. Ela me havia usado e traído como eu imaginava que nenhuma mulher fosse capaz.

— Foi o que descobri, garotão — disse Bledsoe. — Confie na sua intuição, é o que posso dizer.

— Conte tudo.

— Rachel Walling. Seu pai era Harvey Walling. Eu não o conheci. Quando ele estava na investigação, eu ainda era patrulheiro. Conversei com um dos antigos investigadores, e ele disse que o apelido do cara era Harvey Pancadaria. Sabe, quando ele bebia. Parece que era um esquisitão, o tipo solitário.

— Como ele morreu?

— Eu ia chegar lá. Consegui que um amigo tirasse uma pasta antiga do arquivo. Aconteceu dezenove anos atrás. Engraçado, eu não me lembro. Devia estar concentrado em algum serviço. Em todo caso, eu me encontrei com esse amigo na Taberna Fells Point. Ele trouxe a ficha. Antes de mais nada, é o pai dela, sem dúvida. O nome de Rachel consta no relatório. Foi ela que o encontrou. Ele se matou. Um tiro na têmpora. Foi dado como suicídio, mas pintaram uns problemas.

— Quais?

— Bem, em primeiro lugar, não deixou bilhete de despedida. Por outro lado, estava de luvas. Era inverno, é verdade, mas ele estava dentro de casa. Logo de manhã. O investigador escreveu no relatório que achava isso muito esquisito.

— Acharam resíduos de disparo numa das luvas?

— Acharam.

— Ela... Rachel se encontrava em casa quando aconteceu?

— Ela disse que estava no primeiro andar, no quarto, dormindo, quando ouviu o tiro. Na sua cama *king-size*. Ficou com medo, disse que só desceu uma hora depois do disparo. E o encontrou. É o que consta no relatório.

— E a mãe dela?

— Ela não tinha mãe. Havia partido anos antes. Rachel ficou sozinha com o pai.

Refleti sobre o que acabava de ouvir. A referência ao tamanho da cama e a maneira como ele dissera a última frase me incomodavam muito.

— Que mais, Dan? Você não me contou tudo.

— Jack, quero lhe perguntar uma coisa. Você está envolvido com essa mulher? Como eu lhe disse, eu vi na CNN que ela é um te...

— Escute, eu estou com pouco tempo. O que foi que você deixou de contar?

— Ok, ok, a única outra coisa estranha que o relatório diz é que a cama dele estava arrumada.

— Como assim?

— A cama dele. Estava arrumada. Deve ter sido assim. Ele se levantou, arrumou a cama, vestiu-se, pôs o casaco, calçou as luvas como se fosse para o trabalho, mas, em vez disso, sentou-se numa cadeira e meteu uma bala na cabeça. Ou então passou a noite inteira de pé, pensando no que iria fazer e acabou fazendo. — Senti uma onda de depressão e cansaço me invadir. Escorreguei da cadeira para o chão, o fone ainda ao ouvido. — O cara que investigou o caso se aposentou, mas ainda está por aqui. Mo Friedman. Esse eu conheço. Eu estava começando a trabalhar no setor de investigações quando ele se aposentou. Mas era boa gente. Telefonei para ele agora há pouco. Mora em Poconos. Eu lhe perguntei sobre o caso, quis saber a opinião dele. Opinião extraoficial.

— E...

— E ele disse que deixou a coisa como estava porque achava que Harvey Pancadaria recebeu o que merecia.

— Mas qual era a opinião dele?

— Disse que achou que a cama estava arrumada porque ele nunca dormia nela. Não a usava. Na sua opinião, o pai dormia com a filha na *king-size* e, um belo dia, não aguentou mais. Ele não sabe o que aconteceu depois, o que aconteceu ultimamente. Mo está com setenta e um anos. Só faz palavras cruzadas. Diz que não gosta de

ler jornal. Não sabia que a filha de Harvey Pancadaria tinha se tornado agente do FBI.

Eu não consegui falar. Não conseguia nem sequer me mover.

— Jack? Você ainda está aí?

— Preciso desligar.

* * *

A telefonista do escritório regional disse que Backus tinha saído e não iria voltar aquele dia. Quando eu lhe pedi que verificasse outra vez, ela me deixou uns cinco minutos esperando, e eu tive certeza de que estava fazendo as unhas ou retocando a maquiagem. Ao retornar, confirmou que ele tinha ido embora mesmo e mandou-me tentar na manhã seguinte. E desligou antes que eu tivesse tempo de dizer alguma coisa.

Backus era a chave. Eu precisava encontrá-lo, contar-lhe o que sabia e fazer qualquer coisa que ele mandasse. Resolvi que, não estando no ER, podia ser que tivesse voltado ao Wilcox Hotel. De qualquer modo, eu tinha de ir apanhar meu carro. Coloquei no ombro a alça do estojo do computador e fui para a porta. Ao abri-la, levei um susto. Dei com Backus a minha frente, a mão erguida, pronto para bater.

* * *

— Gladden não era o Poeta. Era um assassino, sem dúvida, mas não o Poeta. Eu posso provar.

Backus olhou para mim como se eu acabasse de lhe contar que tinha visto o Homem do Marlboro piscar para mim.

— Jack, olhe, você passou o dia dando telefonemas estranhos. Primeiro para mim, depois para Quantico. Vim ver se não há alguma coisa que os médicos não notaram ontem. Quem sabe se a gente der um pulo ao...

— Escute, Bob, eu não o culpo por estar pensando isso depois do que eu perguntei a você e a Hazelton hoje. Mas precisava manter

segredo até ter certeza. Agora eu tenho. Certeza absoluta. Posso explicar. Eu estava saindo justamente para ir procurá-lo.

— Então sente-se e conte-me do que se trata. Você disse que eu estava com uma raposa no galinheiro. O que significa isso?

— Significa que vocês... o seu trabalho consiste em identificar e prender essa gente. Os criminosos seriais, como são chamados. Mas acontece que um deles está aí mesmo, entre vocês. — Backus respirou fundo, ruidosamente, e sacudiu a cabeça. — Sente-se, Bob. Eu vou lhe contar a história. Se continuar achando que estou louco quando eu terminar, pode me levar ao hospital. Mas tenho certeza de que não vai pensar assim.

Backus se sentou na beira da cama, e eu comecei a debulhar a história, repassando os telefonemas e tudo o que eu fizera durante a tarde. Levei meia hora só para narrar essa parte. E, bem quando eu estava disposto a começar a lhe contar minha interpretação dos fatos que eu reunira, ele me interrompeu com um argumento sobre o qual eu já havia refletido e estava pronto para contestar.

— Você se esquece de uma coisa. Você disse que Gladden admitiu ter matado seu irmão. No fim. Você mesmo disse e, hoje à tarde, eu li a mesma coisa no seu depoimento. Chegou a dizer que ele o reconheceu.

— Mas foi um engano. Eu não mencionei o nome de Sean. Falei apenas em “meu irmão”. Disse que Gladden tinha matado o meu irmão, e ele imaginou que estivesse me referindo a um dos meninos assassinados. Compreende? Foi por isso que afirmou que havia matado meu irmão para salvá-lo. Creio que o que queria dizer era que havia matado aquelas crianças porque sabia que, depois de estar com ele, elas ficariam fodidas o resto da vida. Como aconteceu com ele, graças ao que Beltran lhe fez. E achava que, ao matá-las, as estava salvando, evitando que se tornassem como ele. Gladden não falava nos tiras, mas nas crianças. Acho que nem sabia dos policiais assassinados. Quanto ao fato de ter me reconhecido, é que eu apareci na televisão. Na CNN, lembra-se? Ele pode ter me reconhecido dali.

Backus olhou para o chão, e eu senti que estava tentando processar o que ouvira. Notei, pela expressão de seu rosto, que

achava o meu relato plausível. Eu iria conseguir.

— Ok — disse-me. — E sobre Phoenix, os quartos do hotel, tudo? Aonde você acha que isso leva?

— Nós estávamos chegando perto. Rachel sabia disso e precisava ou mudar o rumo da investigação ou assegurar que o único acusado fosse Gladden quando o pegássemos. Muito embora, praticamente, todos os policiais do país quisessem vê-lo morto, ninguém podia ter certeza de que isso aconteceria. Então, Rachel fez três coisas. Primeiro, mandou o fax, o do Poeta, através do computador dela, para o PABX de Quantico. Escreveu-o de um modo que Rachel sabia que se tornaria o vínculo definitivo entre Gladden e os assassinatos dos tiras. Pense bem, lembra-se da reunião sobre o fax? Foi Rachel quem disse que ele costurava todos os casos numa peça só. — Backus fez que sim, mas não disse nada. — A seguir, ela achou que se deixasse vaziar alguma informação a Warren, eu seria obrigado a publicar minha matéria e toda a mídia do país faria o mesmo. Gladden acabaria lendo a notícia, onde quer que estivesse, e trataria de esconder-se, sabendo que estava sendo acusado não só dos homicídios que havia cometido, como também do assassinato dos policiais. Portanto, ela telefonou para Warren e entregou a história. Devia até estar sabendo que ele tinha ido para Los Angeles a fim de vender a reportagem depois de ter sido obrigado a demitir-se da fundação. Talvez ele tenha telefonado para ela e deixado recado dizendo onde se encontrava. Você entende?

— Você tinha tanta certeza de que foi Gordon.

— Tinha. Sabe por quê? Por causa das faturas do hotel. Mas o talão da drogaria mostra que ele nem sequer estava no quarto quando fizeram as ligações, e Warren me disse hoje que a sua fonte não era Thorson. A essa altura, ele já não precisava mentir. Thorson estava morto.

— E a terceira coisa?

— Acho que Rachel fez uma conexão, via computador, com a APA Network. Não sei como ela já sabia disso. Talvez uma dica no Bureau ou algo assim. Não tenho certeza. Mas ela ligou para lá. Não sei, talvez tenha sido nessa ocasião que enviou um desses arquivos do Espectro que Clearmountain acabou encontrando. Era mais um

indício que vinculava Gladden aos assassinatos do Poeta. Ela o estava entregando embrulhado em papel de presente. Mesmo que eu não o tivesse matado e ele estivesse vivo para negar tudo, as provas eram inequívocas e ninguém acreditaria nele, sobretudo em face dos assassinatos que realmente tinha cometido. — Fiz uma pausa para respirar e para que Backus digerisse o que eu dissera até então. — Todos os telefonemas partiram do quarto de Thorson — prossegui meio minuto depois. — Foi mais um truque. Se a coisa desse errado, não haveria como relacionar os telefonemas com ela. A culpa cairia em Thorson. Mas a caixa de camisinhas destrói tudo. Olhe, você sabe melhor do que ninguém como era a relação de Rachel com o ex-marido. Eles brigavam, mas ainda havia alguma coisa. Ele ainda gostava dela e ela sabia. E usou isso. Portanto, acho que quando Rachel o mandou comprar camisinhas, dizendo que ficaria esperando-o na cama, ele foi correndo à drogaria como um homem que estivesse com a calça pegando fogo. E eu acho que foi exatamente isso que ela fez. Só que não ficou esperando na cama. Aproveitou para telefonar. E quando Thorson voltou, não a encontrou mais. Thorson não chegou a me contar isso com todas as palavras, mas, de certo modo, contou. No dia que passamos juntos.

Backus balançou a cabeça, pensativo. Parecia perdido. Achei que estava pensando no que seria de sua carreira. Primeiro, seu comando questionado pelo fiasco da prisão de Gladden, e agora isto. Seus dias como agente especial assistente no comando estavam contados.

— Parece mesmo que...

Não concluiu a frase, e eu não a concluí por ele. Ainda tinha mais para contar, mas aguardei. Backus se levantou e deu alguns passos. Olhou pela porta do terraço para o Homem do Marlboro. Não mostrou ter o mesmo fascínio que eu.

— Fale-me da lua, Jack.

— Como assim?

— A lua do Poeta. Você me contou o fim da história. E o começo? Como uma mulher pode chegar a isso?

Voltou-se e me encarou, havia um desafio em seu olhar. Estava procurando alguma coisa — qualquer coisa — em que se apoiar para

não ter de acreditar. Eu pigarreei antes de continuar.

— É a parte mais dura — eu disse. — Pergunte a Brass.

— Vou perguntar. Mas tente.

— Uma menina de, sei lá, doze ou treze anos. Sofre abuso do pai. Abuso sexual. A mãe... a mãe vai embora. Ou porque sabia o que estava acontecendo e nada podia fazer para impedir ou porque não se importava. A mãe vai embora, e a garota fica sozinha com ele. Um policial. Investigador. Ele a ameaça, convence-a a não contar nada a ninguém, pois ele é investigador e acabará descobrindo. Diz que ninguém vai acreditar, e ela acredita nele. Então, um dia, ela finalmente fica farta, e estava farta havia muito tempo, mas não sabia o que fazer. Mas chega o dia em que o mata e consegue fazer com que pareça suicídio. Dá certo. Ela fica impune. Há um investigador, no caso, que acha a coisa toda um pouco estranha, mas o que se há de fazer? Ele sabe que o cara acabaria assim mesmo e deixa a coisa ficar como está.

Backus parou no centro do quarto, ficou olhando para o chão.

— Eu sabia do pai dela. Quer dizer, conhecia a versão oficial.

— Eu pedi a um amigo que levantasse a versão extraoficial.

— E depois?

— Depois ela cresce, floresce. O poder que ela teve naquele momento compensa um monte de coisas. Ajuda-a a superar o problema. Não muito, mas ajuda. Ela é uma moça inteligente, entra na faculdade, estuda psicologia para aprender um pouco sobre si mesma. E acaba sendo recrutada pelo FBI. Sendo uma pessoa capaz, faz uma rápida carreira no Bureau e acaba chegando à unidade que estuda gente como o próprio pai. E como ela. Está vendo? Ela passou a vida lutando para compreender. E, então, quando o chefe da sua equipe resolve estudar suicídio de policiais, procura-a porque conhece a história oficial do pai dela. Não a verdadeira. Só a oficial. Ela aceita, mesmo sabendo, no íntimo, que o motivo que fez com que a escolhessem era uma vergonha.

Eu parei ali. Quanto mais contava a história mais sentia a sua força. Conhecer os segredos de alguém é um poder inebriante. Eu encontrava prazer em minha habilidade para montar a história.

— E então — sussurrou Backus —, como foi que aconteceu?

Eu temperei a garganta.

— As coisas iam bem — prossegui. — Ela se casou com o parceiro e tudo começou a dar certo. Mas logo começou a dar errado. Não sei se era a pressão do trabalho, as lembranças, a crise do casamento, talvez fosse tudo isso junto. Mas Rachel começou a descompensar. O marido a abandonou, achando que ela era vazia por dentro. O Deserto Pintado, era assim que ele a chamava, e ela o odiava por isso. E então... talvez tenha se lembrado do dia em que havia matado seu torturador. O pai. E se lembrou da paz que se seguira... do alívio.

Eu o fitei. Seu olhar parecia distante, talvez estivesse visualizando a história à medida que eu a conjurava do inferno.

— Um dia — continuei —, um belo dia, ela recebe ordem de elaborar um perfil. Um menino foi assassinado e mutilado na Flórida. O investigador do caso quer um perfil da pessoa que cometeu o crime. Só ela reconhece o policial, sabe o seu nome. Beltran. Um nome do passado. Um nome ligado a uma entrevista antiga, e ela sabe que também ele é um torturador, um homem que abusava de crianças como seu pai, e que a pessoa que o vitimou provavelmente era uma vítima dele...

— Certo — atalhou Backus, pegando o fio da meada. — Ela vai para a Flórida atrás desse homem, Beltran, e faz a mesma coisa. Exatamente como com o pai. Prepara tudo para que pareça suicídio. Sabia até onde Beltran escondia a sua arma. Gladden lhe havia contado. Deve ter sido fácil. Ela vai para lá, apresenta-se com as credenciais do Bureau, entra na casa e faz o serviço. Isso lhe devolve a paz. Preenche o vazio. O único problema é que não dura muito. Em breve se sente vazia outra vez, e precisa repetir a dose. Muitas e muitas vezes. Passa a acompanhar o assassino, Gladden, e mata os que o estão procurando, usando-o para cobrir suas pistas antes mesmo que as tenha deixado. — Backus olhava para o nada ao falar, era como se estivesse ante uma visão. — Ela sabia muito bem o que estava fazendo, conhecia todos os procedimentos. Passar a camisinha lubrificada na boca de Orsulak. O crime perfeito. Coisa de gênio.

Eu concordei com um gesto e retomei a narrativa:

— Ela havia visitado a cela de Gladden e sabia que, no arquivo, existia uma fotografia que cedo ou tarde acabaria sendo encontrada. Sabia que os livros de Poe apareciam na foto. Estava tudo armado. E passou a seguir Gladden pelo país afora. Tinha faro. A partir dos perfis, sabia quais crimes ele havia cometido. Era uma espécie de empatia. Ela o acompanhava passo a passo. E liquidava o policial que estava atrás dele. Tomou o cuidado de fazer com que cada crime parecesse suicídio, muito embora pudesse jogar a culpa em Gladden, caso alguém descobrisse um dia.

Backus olhou para mim.

— Alguém como você — disse.

— É. Como eu.

Backus disse que a história era como um lençol pendurado no varal em dia de ventania. Preso apenas por uns pregadores de roupa, podia sair voando a qualquer momento.

— Precisamos de mais do que isso, Jack.

Eu concordei. O especialista era ele. Além disso, o verdadeiro julgamento já tivera lugar em meu coração, e o veredicto fora pronunciado.

— O que vai fazer? — perguntei.

— Estou pensando. Você teve... você estava começando a ter um caso com ela, não estava?

— Era tão evidente assim?

— Era.

Ele ficou um minuto calado. Caminhou no quarto sem olhar para nada, absorto num diálogo interior, refletindo. Por fim, deteve-se e olhou para mim.

— Você usaria um gravador?

— Como assim?

— Você sabe o que estou dizendo. Eu a trago de volta para cá, deixo-os a sós e você tira tudo dela. É a única pessoa que conseguiria.

Eu olhei para o chão. Lembrei-me do nosso último telefonema e da rapidez com que Rachel percebera que eu estava fingindo.

— Não sei. Duvido que consiga.

— É verdade, ela pode ficar desconfiada — disse Backus, descartando a ideia e olhando para o tapete em busca de outra. — Mesmo assim, a pessoa tem de ser você, Jack. Você não é agente, e ela sabe que pode dar um jeito, se necessário.

— Que jeito?

— Livrar-se de você. — Ele estalou os dedos. — Já sei! Não vamos precisar esconder um gravador aqui. Vou colocá-lo dentro do gravador.

— Do que é que você está falando?

Backus ergueu o dedo como a pedir-me que esperasse. Pegou o telefone, prendeu o fone entre o queixo e o ombro e o levou consigo ao mesmo tempo em que digitava um número e esperava. O fio era como uma correia que lhe limitava os passos a poucos metros em qualquer direção.

— Vá fazendo suas malas — disse-me enquanto esperava que atendessem.

Levantei-me e, com movimentos lentos, obedeci e me pus a guardar minhas poucas coisas na maleta do computador e na fronha. Ouvi-o mandar chamar o agente Carter e dar instruções. Ordenou-lhe que telefonasse para o setor de comunicações de Quantico e enviasse uma mensagem para o jatinho em que Rachel se encontrava naquele momento. O avião devia retornar imediatamente.

— Diga apenas que aconteceu uma coisa que não pode ser discutida no ar e que eu estou precisando dela aqui — ordenou ao telefone. — Só isso, entendeu? — Satisfeito com a resposta de Carter, continuou: — Agora, antes de fazer isso, ponha-me em contato com o escritório do Comando Estratégico. Preciso do endereço exato e o segredo da casa do terremoto. Ele sabe o que é. Estou indo para lá. Quero que providencie um técnico de som e vídeo e dois bons agentes. Lá eu explico. Agora, ligue para o CE. Estou esperando.

Eu olhei para Backus com expressão curiosa.

— Casa do terremoto?

— Clearmountain me falou nisso. Fica nas montanhas, do outro lado do vale. Está grampeada do telhado ao porão. Som e vídeo. Ficou danificada com o terremoto, e os proprietários a abandonaram, não tinham seguro. O Bureau a alugou do banco e a usou como armadilha para corretores e vendedores de seguros locais, para empreiteiras e construtoras. Havia muita fraude com a

verba do Fundo Federal de Emergência. Foi aí que o Bureau entrou na história. Os inquéritos prosseguem. A armadilha foi desativada, mas o contrato de aluguel ainda está em vigor. De modo que é... — Ergueu a mão. Carter voltara a falar ao telefone. Backus o ouviu durante alguns segundos e fez que sim. — Certo, pela Mulholland e depois a primeira à esquerda. É fácil. A que horas você acha que vai estar lá?

Desligou depois de dizer a Carter que nós chegaríamos antes e acrescentando que precisava de todo o empenho do agente na missão.

* * *

Ao sair do hotel com Backus, enderecei uma saudação secreta ao Homem do Marlboro. Ele entrou pelo Sunset, a leste, rumo ao Boulevard Laurel Canyon, e depois subiu o sinuoso corte entre as montanhas.

— Como vai ser? — perguntei. — Como vai fazer com que Rachel vá para o lugar aonde estamos indo?

— Você vai deixar um recado para Rachel em Quantico. Vai dizer que está na casa de um amigo, um colega do jornal e que se mudou para cá, e deixará o número. Então, quando Rachel chegar, eu direi que a chamei porque você andou telefonando por aí e fazendo estranhas acusações contra ela, mas ninguém sabe do seu paradeiro. Digo-lhe que acho que você tomou remédio demais, mas que precisamos trazê-lo de volta.

Eu estava me sentindo cada vez pior ante a perspectiva de ser usado como isca e de ser obrigado a enfrentar Rachel. Não sabia se seria capaz.

— Por fim — prosseguiu Backus —, Rachel vai receber o recado. Mas, em vez de lhe telefonar, tratará de descobrir o endereço, pelo número do telefone, e irá para lá, Jack. Sozinha. Para fazer uma de duas coisas.

— Que coisas? — perguntei, embora já tivesse uma ideia.

— Ou para chamá-lo à ordem... ou para matá-lo. Vai pensar que você é o único a saber. Terá de convencê-lo de que está enganado,

de que essas ideias são malucas. Ou terá de calá-lo para sempre. Meu palpite é que vai preferir a segunda alternativa.

Eu fiz que sim. Era o meu palpite também.

— Mas nós vamos estar lá dentro. Perto de vocês.

Aquilo não me consolava.

— Não sei, eu...

— Não se preocupe, Jack — disse Backus, estendendo a mão para me dar um soco amigável no ombro. — Não vai lhe acontecer nada e, desta vez, não vamos falhar. Sua *única* preocupação deve ser a de fazê-la falar. Vai ficar tudo gravado, Jack. Faça com que ela admita pelo menos uma parte da história do Poeta, o resto fica por nossa conta. Ela precisa falar.

— Vou tentar.

— Vai conseguir.

Na Mulholland Drive, Backus entrou à direita, como Carter o havia orientado, e nós seguimos pela estrada que serpenteava na montanha, oferecendo, no lusco-fusco do entardecer, uma vista de todo o vale. Viajamos quase dois quilômetros antes de avistar a Wrightwood Drive, virar à direita e descer a um bairro de casas pequenas, construídas sobre pilotis de aço, seu peso a pairar além da borda da montanha, precárias afirmações da engenharia e do desejo dos construtores de deixar marca em cada colina da cidade.

— Você acredita que tem gente morando nessas coisas? — perguntou Backus.

— Não gostaria de estar numa casa dessas durante um terremoto.

Backus ia devagar, verificando o número das residências. Eu me distraí olhando por entre as casas para os trechos do vale visíveis lá embaixo. No crepúsculo, já havia muitas luzes acesas. Backus finalmente parou o carro em frente a uma casa numa curva da estrada.

— É aqui.

Era uma estrutura pequena, toda de madeira. Da frente, não se viam os pilotis que a sustentavam, e ela parecia flutuar sobre as profundezas do vale. Os dois ficamos algum tempo olhando para o imóvel, sem fazer menção de sair do carro.

— E se ela conhecer a casa?

— Rachel? Impossível, Jack. Eu só sei por causa de Clearmountain. A coisa veio à baila em meio a umas fofocas. Os caras do ER a usam de vez em quando. Você sabe, quando estão com alguém que não podem levar para casa. — Eu o fitei e ele piscou para mim. — Vamos dar uma olhada. Não se esqueça das suas coisas.

Havia uma fechadura com segredo na porta da frente. Backus sabia a combinação, abriu-a, tirou a chave do pequeno compartimento e escancarou a porta. Entrou e acendeu a luz do hall. Acompanhando-o, eu fechei a porta atrás de nós. A casa estava modestamente mobiliada, mas eu nem reparei, pois minha atenção se concentrou imediatamente na parede do fundo da sala de estar. Era toda de vidro temperado e oferecia uma vista fantástica do vale que se espalhava lá embaixo. Atravessei a sala e fiquei olhando para fora. Na extremidade oposta do vale, vi as ondulações de outra cadeia de montanhas. Aproximando-me do vidro a ponto de ver minha respiração condensar-se na lisa superfície, contemplei o escuro abismo que se abria diante de mim. Assaltou-me uma sensação de desconforto, uma quase vertigem, e eu recuei um passo no exato momento em que Backus acendeu um abajur atrás de mim.

Foi quando eu vi as rachaduras. Três dos cinco painéis de vidro exibiam fendas que os percorriam de ponta a ponta. Voltando-me para a esquerda, vi a minha própria imagem fraturada, assim como a de Backus, refletida em outra parede também danificada pelo terremoto.

— O que mais aconteceu? Não é perigoso ficar aqui?

— O lugar é seguro, Jack. Se bem que segurança é um conceito relativo. Mais um terremoto e tudo pode mudar... Quando aos outros danos, há um piso embaixo de nós. Ou melhor, *havia* um piso. Clearmountain disse que é onde o prejuízo foi maior. Paredes danificadas, canos partidos.

Coloquei no chão a bolsa do computador, a fronha, e tornei a olhar para a vidraça do fundo. Uma vez mais atraído pelo panorama,

avancei corajosamente até lá. Ouvi um rangido no hall por onde acabávamos de entrar. Voltei-me alarmado para Backus.

— Não se preocupe, os pilotis foram vistoriados por um engenheiro antes de começarmos a trabalhar aqui. A casa vai ficar onde está. Parece que não, mas vai ficar, era assim que eles a queriam para montar a armadilha. — Mais uma vez eu fiz que sim, se bem que sem muita confiança. Olhei para o reflexo dele no vidro. — A única coisa que não vai ficar onde está é você, Jack.

Sem entender o que significavam aquelas palavras, prestei mais atenção naquela imagem espelhada. Foi quando vi, partida, fragmentada no vidro rachado, a arma em sua mão.

— O que é isso? — perguntei.

— O fim da linha.

Compreendi tudo de repente. Eu tinha me equivocado, culpara a pessoa errada. E, no mesmo instante, descobri que a minha própria deformação interior me levava a trilhar o caminho errado. Minha incapacidade de acreditar e aceitar. Eu tomara as emoções de Rachel para nelas procurar o falso, não o verdadeiro.

— Você! — Exclamei. — Você é o Poeta!

Ele não respondeu. Limitou-se a esboçar um sorriso e balançar ligeiramente a cabeça. Percebi, então, que o avião de Rachel não tinha sido chamado de volta e que Carter não viria com o técnico e os dois bons agentes. Compreendia o plano perfeitamente, a ponto de até mesmo ver o dedo com que Backus mantivera o telefone desligado enquanto fingia que estava telefonando em meu quarto. Agora eu estava sozinho com o Poeta.

— Mas por que, Bob? Por quê?

Ficara tão chocado que continuava chamando-o pelo prenome, como a um amigo.

— É uma história antiga como todas as outras — ele respondeu. — Não vale a pena contar. Já nem me lembro. Além disso, você não precisa saber de mais nada agora. Sente-se aí, Jack.

Indicou com a arma a poltrona em frente ao sofá. Depois tornou a apontá-la para mim. Não me movi.

— Os telefonemas — eu disse. — Foi você que telefonou do quarto de Thorson.

Falei apenas por falar, para ganhar tempo talvez, muito embora, no íntimo, soubesse que o tempo perdera todo o significado para mim. Ninguém sabia que eu me encontrava lá. Ninguém viria. Backus deu um riso forçado, sarcástico, ao ouvir minha pergunta.

— Questão de sorte — disse. — Aquela noite, me encarreguei de hospedar todo mundo no hotel... Carter, Thorson, a mim mesmo. Depois, devo ter misturado as chaves. Eu telefonei do meu quarto. Mas a conta estava no nome de Thorson. Claro que eu não sabia disso, só soube quando roubei as faturas do seu quarto segunda-feira à noite, quando você estava comendo Rachel.

Pensei no que Rachel dissera sobre construir a própria sorte. Descobri que também valia para os assassinos.

— Como soube que eu estava com as faturas?

— Eu não sabia. É lógico que não. Mas você telefonou para Warren, dizendo que já sabia quem era a fonte dele. E ele telefonou para mim, porque a sua fonte era eu. Muito embora você tivesse acusado Gordon de passar as informações, eu precisava descobrir o que você sabia. Foi por isso que o deixei participar da investigação novamente, Jack. Para saber o que você sabia. Isso só aconteceu quando entrei no seu quarto e achei as faturas.

— Foi você que me seguiu aquela madrugada, quando eu fui ao bar?

— Você teve sorte daquela vez. Se tivesse se aproximado um pouco mais da porta da loja, a coisa teria acabado ali mesmo. Mas, no dia seguinte, como não me procurou para acusar Thorson de haver invadido o seu quarto, pensei que a ameaça tivesse passado. Que a coisa iria ficar por isso mesmo. Tudo se desenrolou perfeitamente dali por diante, como planejado, até que você telefonasse hoje, fazendo perguntas sobre camisinhas e telefonemas. Eu sabia aonde estava querendo chegar, Jack. Sabia que era preciso agir depressa. Agora sente-se aí. Não vou mandar outra vez.

Eu me aproximei da poltrona e me sentei. Esfreguei as coxas e senti trêmulas as minhas mãos. Estava de costas para a parede de vidro. Não tinha para onde olhar, só para Backus.

— Como você sabia de Gladden? De Gladden e de Beltran? — perguntei.

— Eu estive lá. Esqueceu? Eu era da equipe. Enquanto Rachel e Gordon faziam outras entrevistas, tive meus bate-papos com William. Pelo que ele contou, não foi difícil identificar Beltran. Depois, quando Gladden foi solto, bastou esperar que começasse a agir. Eu sabia que ele não tardaria a matar. Estava na sua natureza. É uma coisa que eu conheço bem. E passei a usá-lo como cobertura. Sabia que, se o meu trabalho um dia fosse descoberto, os indícios levariam a ele.

— E a APA Network?

— Estamos falando demais, Jack. Eu não tenho tempo a perder.

Sem tirar os olhos de mim, ele se agachou e esvaziou minha fronha. Sempre me controlando, bateu minhas coisas. Insatisfeito, revistou o estojo do computador até encontrar o frasco de analgésico que eu trouxera do hospital. Olhou rapidamente para o rótulo, leu-o e tornou a me encarar.

— Tylenol com codeína — disse sorrindo. — Vai funcionar muito bem. Tome um comprimido, Jack. Ou melhor, dois.

Jogou o frasco, e eu o apanhei no ar instintivamente.

— Não posso — respondi. — Tomei alguns antes de sair, só posso tomar mais daqui a duas horas.

— Tome dois, Jack. Agora.

Sua voz não passava de um monólogo invariável, mas seu olhar me dava calafrios. Forcei a tampa e finalmente abri o frasco.

— Preciso de água.

— Nada de água, Jack. Engula o remédio.

Pus os comprimidos na boca e, fingindo que os engolia, tratei de escondê-los debaixo da língua.

— Pronto.

— Abra bem a boca, Jack.

Obedeci, e ele se inclinou para a frente a fim de examinar, mas não se aproximou o bastante para que eu pudesse empurrar a arma e atacá-lo. Ficou fora de alcance.

— Sabe, Jack? Eu acho que estão debaixo da sua língua. Mas não faz mal, eles vão se dissolver. Só vai demorar mais um pouco.

Eu tenho... — Ouviu-se outro rangido, ele olhou ao seu redor, mas se voltou rapidamente para mim. — Eu tenho tempo.

— Foi você quem escreveu os arquivos da APA. Você é o Espectro.

— Sim, sou eu o Espectro, obrigado. E, para responder a sua pergunta anterior, fiquei sabendo da APA através de Beltran. Ele teve a gentileza de estar on-line na noite em que lhe fiz uma visitinha. E eu aproveitei para tomar o seu lugar na rede, digamos assim. Usei as senhas dele e, mais tarde, pedi ao operador do sistema que as mudasse para Edgar e Perry. Acho que o senhor Gomble nunca soube que estava... com uma raposa no galinheiro, para usar a sua expressão.

Olhei para o espelho, à direita, e vi o reflexo do vale às minhas costas. Tanta luz, tanta gente, pensei, e ninguém para me ajudar. Senti um calafrio de pavor me percorrer o corpo, mais forte agora.

— Você precisa relaxar, Jack — disse Backus calmamente. — É melhor. Já começou a sentir o efeito da codeína?

Os comprimidos se haviam partido sob a minha língua, enchendo-me a boca de um sabor ácido.

— O que vai fazer comigo?

— A mesma coisa que fiz com os outros. Você tinha tanta curiosidade sobre o Poeta. Pois vai saber tudo que importa saber. Tudo. O conhecimento antes de mais nada, Jack. Está vendo? O escolhido é você. Lembra-se do que dizia o fax? A escolha tinha sido feita, a próxima vítima já estava na mira. Era você, Jack. O tempo todo.

— Backus, seu demente filho da puta! Seu...

Meu arrebatamento liberou fragmentos do remédio em minha boca eu acabei engolindo-os sem querer. Aparentemente sabendo o que havia acontecido, Backus soltou uma gargalhada, mas logo a interrompeu bruscamente. Encarou-me, e eu vi um leve brilho em seus olhos arregalados. Compreendi então quanto ele era louco e que, como Rachel não era quem eu pensava, tudo o que me parecera despiste da parte dela era simplesmente o padrão assassino do verdadeiro Poeta. As camisinhas, os aspectos sexuais. Tudo podia fazer parte de seu programa de homicídios.

- O que você fez com meu irmão?
- Isso foi entre mim e ele. Assunto pessoal.
- Conte.

Ele respirou fundo.

— Nada, Jack. Nada. Ele foi o único que não se ajustou ao programa. Minha única falha. Mas agora eu tenho uma coisa muito parecida com uma segunda chance. Desta vez eu não vou falhar.

Eu olhei para o chão. Já estava sentindo o efeito do analgésico no organismo. Fechei os olhos e apertei as pálpebras, os punhos, mas já era tarde. O veneno entrara em meu sangue.

— Você não pode fazer nada, Jack — sorriu Backus. — Relaxe, deixe o remédio funcionar. Em breve estará tudo acabado.

— Você não vai escapar. Rachel vai descobrir o que aconteceu.

— Sabe de uma coisa, Jack? Você está coberto de razão. Eu também acho que ela vai acabar descobrindo. Talvez já tenha descoberto. É por isso que vou dar o fora depois disto. Você é o último da lista. Depois, vou tirar umas férias.

Eu não compreendi.

— Férias?

— Tenho certeza de que Rachel já suspeita de mim. Foi por isso que fiz tanta questão de mandá-la para a Flórida e mantê-la por lá. Mas foi só um adiamento. Em breve ela saberá. Por isso chegou a hora de mudar de pele e dar o fora. Eu preciso ser eu mesmo, Jack.

Seu rosto se iluminou com a última frase. Cheguei a pensar que iria cantar uma ária, mas ele não o fez.

— O que está sentindo agora, Jack? Um pouco de tontura?

Eu não disse nada, mas ele sabia que a minha resposta só podia ser sim. Era como se eu estivesse escorregando numa escuridão vazia, num bote a se precipitar numa cachoeira muito alta. Backus continuava me observando, prosseguia em seu tedioso monólogo, repetindo muito o meu nome.

— Deixe a coisa fazer efeito, Jack. Curta esse barato. Pense em seu irmão. Pense no que vai lhe dizer. Acho que você devia lhe contar que acabou se transformando num excelente investigador. Dois na família não é pouco. Pense no rosto de Sean. Sorrindo.

Sorrindo para você, Jack. Agora, feche os olhos até que consiga vê-lo. Vamos. Não vai acontecer nada. Você está em segurança, Jack.

Eu não podia fazer nada. Minhas pálpebras pesavam. Tentei não olhar para ele. Voltei os olhos para a luz, para o espelho, mas o cansaço foi mais forte, dominou-me. Acabei fechando os olhos.

— Isso mesmo, Jack. Excelente. Está vendo Sean agora?

Eu fiz que sim, depois senti sua mão em meu pulso esquerdo. Ele o conduziu ao braço da cadeira. Fez o mesmo com o outro.

— Perfeito, Jack. Você é um paciente fabuloso. Tão colaborador. Agora, eu não quero que você sinta dor. Nenhuma dor, Jack. Aconteça o que acontecer, você não vai sentir dor alguma, está compreendendo?

— Estou — eu disse.

— Não se mova, Jack. Na verdade, Jack, você não consegue se mover. Seus braços são um peso morto. Você não pode mexê-los. Não é verdade?

— É — respondi.

Embora com os olhos fechados, o queixo pousado no peito, eu tinha plena consciência do que estava acontecendo. Era como se minha mente e meu corpo se houvessem separado. Como se eu estivesse olhando de cima para mim mesmo na poltrona.

— Agora abra os olhos, Jack.

Eu obedeci e vi Backus de pé diante de mim. Estava com a arma no coldre, na mão, tinha uma longa agulha de aço. Era a minha chance. A arma se encontrava no coldre, mas eu não conseguia sair da poltrona e aproximar-me dele. Meu cérebro já não enviava mensagens para o meu corpo. Permaneci imóvel e tudo o que eu pude fazer foi observar quando ele pressionou a ponta da agulha em minha mão. Repetiu o procedimento em dois dedos. Não fui capaz de um movimento para impedi-lo.

— Muito bem, Jack. Acho que agora você está pronto para mim. Não esqueça, seus braços pesam como chumbo. Por mais que deseje, você não consegue movê-los. Não consegue falar. Mas fique com os olhos abertos, Jack, não quero que perca o espetáculo.

Afastou-se e me avaliou com o olhar.

— Quem é o melhor agora, Jack? — perguntou. — O melhor de todos. Quem foi que ganhou a parada, quem foi que perdeu?

Minha mente se encheu de revolta. Eu não conseguia mexer os braços nem falar, mas continuava sentindo a onda de energia do medo absoluto agitar-se dentro de mim, gritar. Meus olhos se encheram de lágrimas, mas elas não escorreram. Vi-o levar as mãos à fivela do cinto.

— Hoje eu nem vou precisar de camisinha, Jack.

Exatamente quando ele disse essas palavras, a luz no hall atrás dele se apagou. Então, eu notei um movimento nas sombras e ouvi uma voz conhecida. A voz de Rachel.

— Não se mexa, Bob! Não se mexa nem um centímetro!

Ela falou com calma e segurança. Backus se imobilizou, os olhos fitos nos meus como se neles pudesse ver o reflexo dela. Uns olhos mortos. Começou a levar ao paletó a mão direita, invisível para ela. Eu quis gritar, avisá-la, mas não consegui. Reuni as forças de cada músculo do corpo para me mover ao menos um centímetro, mas a minha perna amoleceu, impotente.

Mesmo assim, o esforço valeu a pena. O poder de Backus sobre mim começou a ceder.

— Rachel! — gritei no instante em que ele tirou a arma do coldre e girou o corpo na direção dela.

Houve uma troca de tiros, e Backus foi arremessado para trás, para o chão. Ouvi as enormes vidraças partindo-se. O frio ar da noite invadiu a sala ao mesmo tempo em que Backus se arrastava, buscando proteção atrás da poltrona onde eu estava sentado.

Rachel se agachou num canto, agarrou o abajur e o jogou longe, arrancando-o plugue da tomada. A casa mergulhou numa escuridão interrompida unicamente pelas luzes distantes do vale. Backus atirou nela duas vezes mais; muito próximos de minha cabeça, os estampidos me ensurdecaram. Senti-o tombar a poltrona para melhor proteger-se. Era como se eu estivesse despertando de um sono prolongado, precisava esforçar-me muito para conseguir me mover. Quando comecei a me levantar, ele me agarrou o ombro e me puxou para baixo. Fiquei onde estava.

— Rachel! — chamou Backus. — Se você atirar, vai atingi-lo. É o que você quer? Largue a arma e venha para cá. Vamos conversar.

— Não faça isso, Rachel! — gritei. — Ele vai matar a nós dois! Mate-o! Atire nele!

Rachel tornou a se esconder atrás da parede crivada de balas. Estava agachada agora. O cano de sua arma apontou para um lugar um pouco acima de meu ombro direito, mas ela hesitou. Backus não. Disparou duas outras vezes. Rachel recuou para proteger-se, e eu vi o canto do hall da entrada explodir em poeira e fragmentos de reboque.

— Rachel! — gritei.

Firmei os calcanhares no carpete e, reunindo a força que eu podia comandar, num impulso único, empurrei a poltrona para trás com toda a violência e a rapidez possíveis.

O brusco movimento colheu Backus de surpresa. Eu senti a poltrona atingi-lo, e o impacto o tirou do esconderijo. No mesmo instante, Rachel avançou no canto do hall, e a sala explodiu à luz de outro disparo de sua arma.

Ouvi o grito de Backus atrás de mim, depois o silêncio. Com a vista já adaptada à luz escassa, vi Rachel sair do hall e vir em minha direção. Estava segurando a arma com ambas as mãos, os braços estendidos. Apontava-a para um lugar às minhas costas. Eu me virei lentamente quando ela passou por mim. No precipício, apontou a pistola para a escuridão na qual Backus se havia precipitado. Ficou ali, imóvel, pelo menos durante meio minuto. Só então deu-se por satisfeita.

O silêncio invadiu a casa. Eu sentia na pele o ar gelado da noite. Ela finalmente virou-se e se aproximou de mim. Segurou-me o braço e me ajudou a levantar-me.

— Vamos, Jack — disse —, vamos sair daqui. Você está ferido? Foi baleado?

— Sean.

— O quê?

— Nada. Você está bem?

— Acho que sim. Você foi baleado?

Notei que ela estava olhando para o chão atrás de mim e me voltei. Havia sangue no carpete. E vidro quebrado.

— Não, não sou eu. Você o atingiu. Ou ele se cortou com o vidro.

Voltei à borda do precipício com ela. Lá embaixo só havia escuridão. Os únicos ruídos eram o do vento nas árvores e o do tráfego lá no fundo do vale.

— Perdoe-me, Rachel. Eu pensei... Eu pensei que era você. Perdão.

— Não diga isso, Jack. A gente conversa depois.

— Você não viajou?

— Quando conversei com você, percebi que alguma coisa estava errada. Depois, Brad Hazelton ligou para mim e falou do seu telefonema. Resolvi conversar com você antes de viajar. Fui ao hotel e o vi saindo com Backus. Não sei por que resolvi segui-los. Acho que foi porque, antes, Backus me havia mandado para a Flórida quando devia ter mandado Gordon. Eu estava desconfiada dele.

— Chegou a ouvir as coisas que ele disse aqui?

— Quase tudo. Mas não podia fazer nada enquanto ele não colocasse a arma no coldre. Lamento que você tenha sido obrigado a passar por tudo isso, Jack.

Ela se afastou da beira do abismo, mas eu permaneci no mesmo lugar, olhando fixamente para a escuridão.

— Não cheguei a lhe perguntar sobre os outros. Não perguntei por quê.

— Que outros?

— Sean, os outros. Beltran recebeu o que merecia. Mas por que Sean? Por que os outros?

— Não há explicação, Jack. E, se havia, nunca saberemos. Meu carro está na estrada. Preciso ir até lá chamar o apoio e solicitar um helicóptero para as buscas no desfiladeiro. Por segurança, acho melhor telefonar para o hospital também.

— Para quê?

— Para contar quantos comprimidos você tomou e saber se é preciso tomar alguma providência.

Ela se afastou rumo ao hall de entrada.

— Rachel — gritei as suas costas. — Obrigado.

— Não há de quê, Jack.

Pouco depois que Rachel saiu, eu adormeci no sofá. O barulho de um helicóptero me invadiu os sonhos, mas não chegou a me despertar. Por fim, quando acordei por mim mesmo, eram três da madrugada. Fui levado ao décimo terceiro andar do prédio federal e colocado numa pequena sala de entrevistas. Dois agentes de cara fechada, que eu nunca tinha visto, me interrogaram durante quase cinco horas, repassado muitas e muitas vezes a história, até que eu me cansasse de regurgitá-la. Nesse depoimento, não havia nenhuma estenógrafa no canto da sala, com sua máquina, porque estávamos falando deles mesmos, e eu tive a impressão de que queriam esculpir o meu relato até que adquirisse uma forma aceitável, só então haveria um registro.

Pouco depois das oito, eles finalmente disseram que eu podia ir comer alguma coisa na cantina. Depois trariam a estenógrafa para tomar um depoimento formal. A essa altura, já havíamos repetido a história tantas vezes que eu sabia quase exatamente como queriam que eu respondesse a cada pergunta. Não estava com fome, mas queria tanto sair daquela sala, ficar longe deles, que era capaz de concordar com qualquer coisa. Pelo menos, não me escoltaram até a cantina feito um presidiário.

Encontrei Rachel sozinha a uma mesa. Comprei um café e um doce, que pareceu de três dias antes, e me aproximei.

— Posso me sentar aqui?

— Estamos num país livre.

— Às vezes eu tenho dúvidas. Esses caras, Cooper e Kelley, me prenderam cinco horas naquela sala.

— Você precisa entender uma coisa. Você é o mensageiro, Jack. Eles sabem que, quando sair daqui, vai contar tudo aos jornais, à televisão, provavelmente escreverá um livro. O mundo inteiro vai ficar sabendo da ovelha negra do FBI. Não importa o bom trabalho que fazemos e os muitos bandidos que prendemos, o fato de que havia um delinquente em nosso meio vai dar muito que falar. Você vai ficar rico e nós teremos de conviver com as consequências do que aconteceu. Em resumo, é por isso que Cooper e Kelley não o estão tratando como uma prima-dona.

Eu a observei alguns momentos. Parecia ter tomado um café completo. Vi manchas de ovo em seu prato vazio.

— Bom dia, Rachel — eu disse. — Quem sabe a gente pode começar de novo.

Isso a irritou.

— Escute, Jack, não espere que eu o trate melhor do que eles. Como quer que eu reaja?

— Sei lá. O tempo todo que passei com esses caras, eu respondia as suas perguntas, mas não parava de pensar em você. Em nós. — Fitei-a em busca de uma reação, mas não vi nada. Ela estava olhando para o prato. — Olhe, eu podia explicar os motivos que me levaram a pensar que era você, mas seria tolice. O problema sou eu, Rachel. Falta alguma coisa em mim e... eu não conseguia aceitar o que você estava oferecendo sem alimentar alguma suspeita, sem um pouco de cinismo. Foi a partir dessa pequena dúvida que tudo cresceu e se dilatou de forma desproporcional... Rachel, eu peço desculpas e prometo que, se você me der uma nova oportunidade, vou tentar superar isso, preencher o vazio. E prometo conseguir.

Nada ainda, nem mesmo um contato visual. Eu me resignei. Tinha acabado.

— Rachel, posso lhe perguntar uma coisa?

— Que é?

— Seu pai. E você... Ele lhe fez mal?

— Está querendo saber se ele me comeu? — Limitei-me a olhar para ela calado. — É coisa íntima, só minha, não tenho de falar com ninguém sobre isso.

Girei a xícara no pires, olhando para ela como se fosse a coisa mais interessante do mundo. Agora era eu que não conseguia erguer o olhar.

— Bem, preciso voltar para lá — disse enfim. — Deram-me apenas quinze minutos.

— Você lhes falou de mim? — ela perguntou.

Eu me detive.

— De nós? Não, procurei evitar.

— Não é preciso, Jack. Eles já sabem.

— Você contou?

— Conteí. Era bobagem tentar ocultar alguma coisa deles.

Eu fiz que sim.

— E se eles me perguntarem se nós ainda estamos... se ainda temos um relacionamento?

— Diga-lhes que o júri ainda está deliberando.

Fiz novamente que sim e me levantei. Seu uso da palavra júri lembrou-me o pensamento que eu tivera na noite anterior, quando, intimamente, como um júri interior, pronunciei seu veredicto. Achei perfeitamente normal que ela agora estivesse avaliando as provas contra mim.

— Avise-me quando chegar a um veredicto.

Joguei o doce na lata de lixo, à porta da cantina, e saí.

* * *

Era quase meio-dia quando Kelley e Cooper me dispensaram. Só então tive notícias de Backus. Percorrendo o escritório regional, notei que se encontrava deserto. As portas das salas de todas as equipes estavam abertas e as escrivaninhas, vazias. Parecia o escritório dos investigadores durante o enterro de um tira, e de certo modo era isso mesmo. Quase voltei à sala de interrogatórios para perguntar aos meus inquisidores o que estava acontecendo. Mas sabia que eles não gostavam de mim e não me contariam nada que não quisessem ou não fossem obrigados a contar.

Ao passar pela sala de comunicações, ouvi uma conversa pelo rádio. Olhei para dentro e vi Rachel a sós a uma escrivaninha. Estava

com um microfone a sua frente. Entrei.

— Olá.

— Olá.

— Terminei. Disseram que eu podia ir embora. Onde está o resto do pessoal? Que aconteceu?

— Estão todos à procura dele.

— De Backus?

Ela fez que sim.

— Eu pensei... — Não concluí. Era óbvio que ele não tinha sido encontrado no fundo do precipício. Eu não perguntara antes porque imaginava que seu corpo tivesse sido resgatado. — Meu Deus, como ele pode ter...

— Sobrevivido? Quem há de saber? Quando chegaram lá embaixo com as lanternas e os cachorros, tinha desaparecido. Havia um eucalipto alto. Encontraram sangue nos galhos superiores. A teoria é que caiu na árvore. Interrompeu-lhe a queda. Os cães perderam seu cheiro na estrada, um pouco mais abaixo. O helicóptero foi inútil, só serviu para nos manter o resto da noite lá na montanha. Todos, menos você. Ainda estão lá. Colocamos todo mundo na rua, nos hospitais. Até agora nada.

— Caramba!

Backus ainda estava à solta. Em algum lugar. Eu não podia acreditar.

— Não precisa se preocupar — disse Rachel. — A possibilidade de que ele vá procurá-lo ou a mim é considerada muito remota. Seu objetivo agora é fugir, sobreviver.

— Não é isso — eu murmurei, embora achasse que era. — É assustador. Um cara como ele solto por aí... Descobriram alguma coisa sobre... alguma coisa que explique por quê?

— Estão pesquisando. Brass e Brad se encarregaram disso. Mas vai ser um osso duro de roer. Simplesmente não havia o menor indício. A parede que separava suas duas vidas era grossa como a porta do cofre de um banco. Certas coisas nós nunca vamos penetrar. As inexplicáveis. Só sabemos que estava dentro dele. A semente. Um dia, ocorreu a *metástase*... e ele começou a fazer o que antes provavelmente apenas fantasiava. — Eu não disse nada.

Só queria que ela prosseguisse, que falasse comigo. — Vão começar pelo pai dele. Ouvi dizer que Brass está indo para Nova York hoje, falar com o velho. O tipo da visita que eu não gostaria de fazer. O filho do cara segue a mesma carreira, no Bureau, e resulta que é o seu pior pesadelo. Como é aquela frase de Nietzsche? “Quem luta com monstros...”

— “Deve cuidar para, no processo, não se transformar num monstro também.”

— É.

Ficamos os dois alguns momentos calados, pensando naquilo.

— Por que você não foi com os outros?

— Porque me puseram no trabalho burocrático até que se esclareça o tiroteio... e as outras coisas que eu fiz.

— Não é uma questão acadêmica? Principalmente considerando que ele nem sequer morreu?

— Seria. Mas há outros fatores.

— Nós? Nós somos um desses fatores?

Ela confirmou com um gesto.

— Pode-se dizer que o meu critério está sendo questionado. Envolver-me com uma testemunha e um jornalista não é precisamente o que se considera a atitude ideal de um agente do FBI. Depois, há o que aconteceu esta madrugada.

Ela virou uma folha de papel e a colocou em minha mão. Era a cópia enviada por fax de uma granulosa fotografia minha, sentado numa mesa, com Rachel de pé entre minhas pernas, beijando-me. Demorei um pouco a situá-la, depois percebi que tinha sido tirada no quarto do pronto-socorro.

— Lembra-se daquele médico que você viu olhando para nós? — perguntou Rachel. — Pois não era médico. Era um *paparazzo* de merda que vendeu a fotografia ao *National Enquirer*. Deve ter entrado disfarçado. Vai estar em todas as esquinas, em todas as bancas do país, quinta-feira. E, mantendo sua superior ética jornalística, eles me mandaram esse fax e solicitaram uma entrevista ou pelo menos um comentário. Que você acha, Jack. Que tal um “vá à puta que o pariu” como comentário? Será que eles imprimem?

Eu coloquei o fax na mesa e olhei para ela.

— Sinto muito, Rachel.

— Será que é só isso que você consegue dizer agora? “Sinto muito, Rachel. Sinto muito Rachel.” Não fica bem em você, Jack.

Eu quase repeti a mesma coisa, mas limitei-me a fazer que sim. Fitei-a, perguntando-me como era possível que tivesse cometido o erro que cometera. Compreendi então que ele me havia custado uma nova oportunidade com Rachel. Com pena de mim mesmo, percorri mentalmente todas as partes que formavam aquele todo e me convenci de uma coisa que meu coração devia ter sabido que era errada. Eu estava procurando desculpas, muito embora soubesse que não existiam.

— Lembra-se de quando nos conhecemos e você me levou a Quantico?

— Lembro-me.

— Foi no escritório de Backus que você me colocou, não foi? Para telefonar. Por que fez isso? Eu pensei que o escritório fosse seu.

— Eu não tenho escritório. Tenho uma escrivaninha e um espaço onde trabalhar. Levei-o para lá para que tivesse alguma privacidade. Por quê?

— Por nada. Foi só uma das coisas que me pareceram... que se encaixaram na minha suposição. A agenda na mesa mostrava que ele estava de férias quando Orsulak... Por isso pensei que você estivesse mentindo quando me disse que fazia muito tempo que não tirava férias.

— Não vamos falar nisso agora.

— Quando, então? Se não for agora, não será nunca. Eu cometi um erro, Rachel. Não tenho nenhuma desculpa aceitável. Mas quero que você saiba o que eu sabia. Quero que entenda o que eu...

— Não tem a menor importância.

— Talvez você nunca tenha dado a menor importância.

— Não queira pôr a culpa em mim. Foi você quem fodeu com tudo. Não fui eu que...

— O que você fez aquela noite, na primeira noite, quando saiu do meu quarto? Eu telefonei e você não estava. Bati na porta e ninguém atendeu. Fui para o corredor e vi Thorson. Ele estava chegando da drogaria. Você o mandou, não foi?

Ela baixou a cabeça e ficou olhando para a escrivania.

— Pelo menos responda, Rachel.

— Eu também me encontrei com ele no corredor — disse ela em voz baixa. — Antes. Quando saí do seu quarto. Fiquei com tanta raiva porque ele estava lá, porque Backus o havia chamado. Veio tudo à tona. Eu queria magoá-lo. Humilhá-lo. Precisava... de alguma coisa.

E assim, com a promessa de ficar a sua espera, Rachel o mandara à drogaria, comprar camisinhas. Mas, quando Thorson voltou, ela tinha ido embora.

— Eu estava no quarto quando você telefonou e bateu. Não atendi porque pensei que fosse ele. Gordon deve ter feito a mesma coisa, pois duas pessoas bateram. Telefonaram duas vezes. E eu não atendi.

Eu fiz que sim.

— Não estou orgulhosa do que fiz — prosseguiu Rachel. — Muito menos agora.

— Todo mundo tem coisas das quais não pode se orgulhar, Rachel. Mas isso não impede ninguém de seguir adiante. Não devia impedir. — Ela permaneceu calada. — Vou embora agora. Espero que isso passe. E espero que você me telefone qualquer dia. Vou aguardar.

— Até logo, Jack.

Antes de me afastar, estendi a mão e, com o dedo, tracei a linha de seu maxilar. Nossos olhares se encontraram. Então eu saí.

Ele se agachou na escuridão do túnel subterrâneo por onde escoava a água da chuva, tentando descansar e concentrando-se para dominar a dor. Sabia que a infecção era inevitável. A ferida em si não tinha gravidade, apenas uma bala que lhe trespassara o músculo abdominal superior, mas estava suja, e ele sentia o veneno começando a percorrer-lhe o organismo, dando-lhe vontade de deitar-se e dormir.

Olhou para a extensão do túnel escuro. Só um tênue fecho de luz escorria de algum lugar, lá em cima, e chegava àquela profundidade. Um resto de luminosidade. Ele se apoiou na parede escorregadia e, com esforço, levantou-se; recomeçou a caminhada. Só um dia. Agente só o primeiro dia, e haverá de aguentar o resto. Era o mantra que ele repetia mentalmente.

Até certo ponto, estava aliviado. Apesar da dor e, agora, da fome, o que sentia era alívio. Acabara-se a fragmentação, o eu dividido. A máscara tinha caído. Backus já não existia. Só existia o Espectro. E o Espectro estava fadado a triunfar. Aquela gente não valia nada diante dele, ninguém era capaz de detê-lo.

— NINGUÉM!

Sua voz ecoou no túnel e desapareceu nas trevas. Com a mão comprimida na ferida, ele seguiu seu caminho.

No fim da primavera, um inspetor do Departamento de Águas e Esgotos, investigando a origem do mau cheiro que suscitara as queixas dos moradores de um bairro, encontrou os restos de um cadáver nos subterrâneos da cidade.

Os restos de *um* cadáver. Estava com a carteira de identidade e o distintivo do FBI, as roupas também eram as dele. O que sobrava daquele homem foi encontrado numa saliência de concreto na interseção de dois túneis de esgoto. A *causa mortis* não pôde ser apurada devido ao adiantado estado de decomposição — acelerado, aliás, pela umidade e pelo fétido ambiente da cloaca — e o fato de o corpo ter sido parcialmente devorado por animais impediu resultados precisos da autópsia. O médico-legista encontrou o que parecia ser uma perfuração e uma costela quebrada na carne putrefata, mas nenhum fragmento de projétil que pudesse vincular conclusivamente a ferida à arma de Rachel.

Tampouco a identificação foi conclusiva. Havia o distintivo, o documento e a roupa, porém nada mais provava que aqueles fossem os restos mortais do agente especial Robert Backus Jr. Os animais que atacaram o cadáver — e tinham sido animais, sem dúvida — destruíram-lhe completamente o maxilar inferior e uma parte do superior, o que impediu a comparação com os registros de sua arcada dentária.

Aquilo me pareceu esquisito demais. E a outros. Brad Hazelton telefonou para me inteirar desses fatos. Disse que, oficialmente, o Bureau estava encerrando o caso, mas ele continuaria sendo procurado. Oficiosamente. Acrescentou que algumas pessoas encaravam a descoberta no túnel do esgoto apenas como uma pele

que Backus deixara, possivelmente um mendigo que ele havia encontrado nos subterrâneos. E disse que acreditavam que Backus continuava à solta. Eu também.

* * *

Brad Hazelton me contou que, embora as buscas oficiais estivessem suspensas, os esforços para explorar suas motivações psicológicas prosseguiram. Mas era difícil chegar ao núcleo da patologia de Backus. Os agentes passaram três dias no condomínio próximo de Quantico, mas nada encontraram que indicasse remotamente a sua vida secreta. Nenhum *souvenir* dos assassinatos, nenhum recorte de jornal, nada.

Só se sabia de coisas pouco relevantes, pequenas pistas. Um pai perfeccionista que nunca hesitara em usar o chicote. Uma fixação obsessivo-compulsiva por limpeza — eu me lembrei de sua escrivaninha, da preocupação que tivera de alinhar perfeitamente a agenda de mesa quando eu lá me sentara. Um noivado rompido anos antes por parte de uma moça que contara a Brass Doran que Backus exigia que ela tomasse banho imediatamente antes e depois de fazerem amor. Um colega de escola que apareceu para contar a Hazelton que Backus lhe segredara certa vez que, na adolescência, seu pai o algemava no cano do chuveiro quando ele tinha poluição noturna — história negada pelo velho Robert.

Mas eram apenas detalhes, não respostas. Fragmentos de um tecido de personalidade muito maior, a partir dos quais só se podiam fazer conjecturas. Lembrei-me do que Rachel me dissera uma vez. Que era como tentar consertar um espelho quebrado. Cada peça refletia uma parte do objeto. Mas, quando o objeto se movia, os reflexos se moviam também.

* * *

Acabei ficando em Los Angeles quando tudo acabou. Minha mão foi operada por um cirurgião de Beverly Hills e, agora, só dói no fim de um longo dia diante do computador.

Aluguei uma casinha nas montanhas e, nos dias bonitos, vejo os reflexos do sol no Pacífico, a quase vinte e cinco quilômetros de distância. Nos dias cinzentos, a vista é deprimente, e eu mantenho as persianas fechadas. Às vezes, de noite, ouço os coiotes uivarem e latirem entre si no Desfiladeiro Nichols. Aqui faz calor, e eu nunca mais tive vontade de voltar para o Colorado. Converso regularmente com minha mãe, meu pai e Riley — mais do que quando eu vivia perto deles —, mas continuo temendo mais os fantasmas de lá do que os daqui.

Oficialmente, estou de licença no *Rocky*. Greg Glenn quer que eu volte, mas preferi não responder que sim nem que não. Estou com a faca e o queijo na mão, pois agora eu sou um jornalista famoso — estive nos programas de televisão *Nightline* e *Larry King Live* — e Greg quer conservar-me na equipe. De modo que, por enquanto, estou de licença prolongada, sem remuneração, escrevendo meu livro.

Meu agente o vendeu, assim com os direitos cinematográficos, por muito mais do que eu teria ganho em dez anos de trabalho no *Rocky*. Mas a maior parte do dinheiro ficará para o filho que Riley está esperando. O filho de Sean. Não creio que eu fosse capaz de administrar tanto dinheiro em minha conta e, além disso, não sinto que o mereça. É um dinheiro sujo. De sangue. Do primeiro adiantamento do editor, eu separei apenas o suficiente para as despesas aqui em Los Angeles e para a possibilidade de uma viagem à Itália quando tiver terminado o primeiro esboço.

É onde Rachel se encontra. Hazelton me contou. Quando a avisaram de que seria transferida, de que sairia da unidade do SCC e de Quantico, ela tirou férias e foi para o estrangeiro. Fiquei esperando que me telefonasse, mas não telefonou. Nenhuma palavra. Duvido que o faça agora e também duvido que eu vá à Itália como ela certa vez sugerira. De noite, o fantasma que mais me assombra é a coisa, aqui dentro de mim, que me levou a duvidar daquilo que eu mais queria.

O meu negócio é a morte. É disso que eu vivo. E disso depende a minha reputação profissional. Ela me rendeu lucro. E estive sempre por perto, mas nunca como nos momentos que passei com Gladden e Backus, quando ela bafejou em meu rosto, fitou-me nos olhos e cavou uma sepultura para mim.

O que mais recorde são os olhos deles. Não consigo dormir sem antes pensar naqueles olhos. Não pelo que neles havia, mas pelo que faltava, pelo que não existia. Por trás deles, só havia trevas. Um desespero vazio e tão intrigante que, às vezes, eu me surpreendo combatendo o sono para continuar pensando. E, quando isso acontece, tampouco posso evitar pensar em Sean. Meu irmão gêmeo. Eu me pergunto se ele olhou nos olhos de seu assassino no último instante. Se viu o que eu vi. Um mal tão puro e assustador quanto uma chama. Ainda lamento a morte de Sean. Sempre a lamentarei. E me pergunto, enquanto espreito e espero o Espectro, quando será que verei aquela chama novamente.

MICHAEL CONNELLY é um veterano jornalista do *Los Angeles Times*, onde trabalhou como repórter policial, cobrindo crimes e julgamentos. Foi um dos membros da equipe que recebeu o prêmio Pulitzer pela reportagem sobre os tumultos ocorridos na cidade em 1992. Autor premiado de vários romances, vive em Los Angeles, dedicando-se integralmente a escrever.

Do Autor, pela Best Seller:

A LOIRA DE CONCRETO

O ÚLTIMO COIOTE

O ÚLTIMO BLEFE

Notas

[1] *Edvard Munch* (1863-1944), pintor norueguês. Seus temas prediletos são o amor e a morte, a doença e a miséria; os personagens parecem espectros e a atmosfera na maior parte de sua obra é sombria e deprimente. (N. do E.)

[2] *Palimpsesto*, antigo material de escrita, principalmente o pergaminho, usado, em razão de sua escassez ou alto preço, duas ou três vezes, mediante raspagem do texto anterior. (N. do E.)

[3] *John Edgar Hoover* (1895-1972), funcionário do governo norte-americano que se destacou como diretor do FBI de 1924 até sua morte. (N. do E.)

[4] *Deep Throat*, codinome do informante dos jornalistas do caso Watergate, escândalo que abalou a administração do presidente norte-americano Richard Nixon, culminando com sua renúncia em agosto de 1974. (N. do E.)

[5] *Acre*, unidade de medida agrária que varia de país para país: na Inglaterra e EUA, é igual a 4.047 m². (N. do E.)

[6] *Lead*, em inglês, abertura da notícia, da reportagem etc., na qual se procura dar o fato, objetiva e sinteticamente, com o fim de responder às questões: o quê, quem, quando, onde, como e porquê. (N. do E.)

[7] *Copidesque*, profissional que faz a correção, aperfeiçoamento e adequação de um texto escrito às normas gramaticais, editoriais etc. (N. do E.)